

O VOO INTERMINÁVEL

Em busca da evolução infinita

Érik Dominik

O VOO INTERMINÁVEL

EM BUSCA DA EVOLUÇÃO INFINITA

ÉRIK DOMINIK

O VOO INTERMINÁVEL

EM BUSCA DA EVOLUÇÃO INFINITA

1ª edição

Bambuí-MG
ÉRIK CAMPOS DOMINIK
2013

INFORMAÇÕES EDITORIAIS

ÉRIK CAMPOS DOMINIK (Ed. do Autor nº 916269 ISBN)

erikcamposdominik@gmail.com

fazeidemim@gmail.com

www.fazeidemim.blogspot.com.br

ILUSTRAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

André Gomes Silveira

andregsilveira@yahoo.com.br

MAPAS

Érik Dominik

1ª Edição

D671v Dominik, Érik.

O voo interminável: em busca da evolução infinita / Érik Dominik.
– Bambuí: Érik Campos Dominik, 2013.
483 p. : Il..

ISBN: 978-85-916269-1-5

1. Literatura brasileira. 2. Infanto-juvenil e adulta. 3. Fábula espiritual. I. Título.

CDD B869.3

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Dedico esta obra às minhas queridas esposa e mãe, que, com enorme carinho, apoiaram, desde o início, a construção deste singelo livro, e à recente bem-vinda Ana Laura, para que tenha uma infância lúdica e interminável.

Dedico a todos que também buscam a evolução infinita com um voo interminável. Pois basta coragem para sermos bons e humildes e, muitas vezes, nos falta um mero empurrãozinho da vida. Que este livro possa lhes funcionar como uma pequena agulha que desperta leões adormecidos rumo à evolução infinita. Que assim seja!

Agradeço a Deus pela oportunidade, a “Aepyornis” pela providência, ao meu mentor querido e aos seus colaboradores pelas inspirações e à “equipe de apoio”, pela amizade e convivência de tantos anos.

Agradeço também a Lellis Juliana pelo incentivo, aos amigos André, Cíntia e Renata pelo suporte e a todos os meus amigos e familiares pelo apoio.

*Não basta ensinar ao homem uma especialidade,
porque assim se tornará uma máquina utilizável,
mas não uma personalidade.
É necessário que adquira um sentimento,
um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido,
daquilo que é belo,
do que é moralmente correto.*

Albert Einstein

ÍNDICE

PREFÁCIO DO AUTOR.....	12
PREFÁCIO.....	16
O VELHO STAN E A VELHA CORUJA.....	20
AEPYORNIS.....	28
A PEQUENA AVEZINHA.....	33
ANSIEDADE DE PARDAL.....	38
A PARTIDA DE TICO.....	45
O VALE DOS BIGUÁS.....	49
OS DOIS LADOS DA MONTANHA.....	55
A ASA DIREITA.....	66
ETERNA AMIZADE.....	73
A CORRUÍRA EFÊMERA.....	83
DESEJO DE VOAR.....	92
VERGONHA DE PERDIZ.....	101
TRISTE REVELAÇÃO.....	113
A EQUIPE MÉDICA.....	121
GRANDES LIÇÕES.....	130
A NAMORADA DE CHANCHÃ.....	138
A IDA DE JOCA.....	147
A MISTERIOSA ESCOLTA.....	156
TRANSIÇÕES DE VIDA.....	164
RELATIVA LIBERDADE NA FLORESTA.....	172
BOAS NOTÍCIAS NA MATA DA ENCOSTA.....	179
VISITA INESPERADA.....	187
EM DIREÇÃO AO ABISMO.....	195
ADAPTAÇÕES.....	204
SERMÃO INESQUECÍVEL.....	213
SOBRE O TEMPO E A EVOLUÇÃO.....	222
O ABISMO DAS ARARAS.....	230
RELATÓRIOS E SENTINELAS.....	241
O CANTO DOS CRISTAIS.....	250

A AVOANTE ASSUSTADA	263
A GRANDE CARAVANA	274
ADEUS AO ABISMO	288
VISTA ALEGRE	301
O RESGATE DE CHAPMANI.....	318
TENSÃO NO PLANALTO DAS CORRUIRAS.....	335
A BATALHA DA FLORESTA	348
O CONSELHO DAS AVES	358
SABIÁS E BEIJA-FLORES	374
EM NOME DE URUÁ.....	387
LIBERDADE NA SERRA DO CARCARÁ.....	399
VERDADEIRA FAMÍLIA	411
A BATALHA DO VALE.....	426
O CONSELHO SUPREMO.....	441
A SEGUNDA PARTIDA.....	451
A AVE SUPREMA.....	463
APÊNDICE A – Teoremas e fórmulas acerca do coeficiente de evolutividade	472
APÊNDICE B – Principais forças causais que atuam sobre os indivíduos	474
APÊNDICE C – Resumo das dezesseis lições de Aepyornis.....	475
MAPAS	480

PREFÁCIO DO AUTOR

Escrever histórias certamente não é fácil. Tem-se que procurar encantar o leitor, ser simples ao mesmo tempo em que erudito, ser coração ao mesmo tempo em que razão, “plantar árvores” e estranhamente “cultivar pedras”, pois a vida é feita tanto de doçuras quanto de amarguras. Não é fácil porque a mensagem deve procurar atingir a todos, desde infantes até experientes, em uma linguagem que seja apropriada para qualquer cultura ou, pelo menos, minimamente compreensível por todas elas. É um desafio porque cada evento da história está atrelado a algum outro adiante ou no fim e, no desenrolar da trama, o sentido lógico entre os eventos deve prevalecer, mas sempre adornado pelas surpresas tão bem-vindas em qualquer conto.

Mas escrever histórias também não é difícil. Porque a trama é um jogar de desejo pelas aventuras que ali se derramam em forma de palavras. São inúmeros atos imensos de prazer, que transbordam do coração para o papel em poucos minutos. É um pacto de amor para com os inspiradores, que me confiam a faculdade de transmitir mensagens de vida. É um verdadeiro contentor de lágrimas, pois que me faz descobrir, após tanto tempo, que, desta vez, meus encargos de vida não são itinerantes ou celebrantes, mas dotados de um sossego tão proposital que o maravilhoso veio se traduz em uma liberdade infinita, embora, para alguns, possa parecer sufocada pelas tribulações e pelos desencantos com a vida societária. Como diz o velho Stan numa das passagens do livro, “um dia, entenderão o espetáculo do anonimato espontâneo, como o ocultismo radiante do sol em eclipse, que, ao contrário de lhe subtrair o intenso brilho, o torna ainda mais evidente”.

A história aqui apresentada é contada, em geral, por meio de aves falantes, possuindo características diferentes das habituais, de forma a dar vida às personagens. Personificar os animais e os elementos da natureza é uma estratégia há muito usada para prender a atenção dos leitores e é uma forma magnífica de transmitir uma mensagem. Tal estratégia, **a fábula**, é usada desde o grego Esopo¹ e o romano Fedro², passando por Jean de La

¹ O grego Esopo (séculos VII e VI a.C.) escreveu fábulas como *A raposa e as uvas*.

² O romano Caio Júlio Fedro (15 a.C.–50 d.C.) escreveu fábulas como *O lobo e o cordeiro*.

Prefácio do autor

Fontaine¹, Antoine de Saint-Exupéry², Monteiro Lobato³ e J. R. R. Tolkien⁴, até se consagrar em Walt Disney, William Hanna e Joseph Barbera, irmãos Warner, Maurício de Sousa e outros contemporâneos⁵. A fábula tornou-se, ao longo do tempo, uma maneira elegante e mais leve de abordar os defeitos e as vicissitudes humanas e também de exaltar as suas virtudes, em pequenas mensagens interessantes, emocionadas e divertidas de vida. Utilizo fábulas para que esta história seja possível ser lida tanto por crianças e adolescentes quanto por adultos de qualquer idade, em qualquer tempo.

Mas, por outro lado, se me perguntarem como classifico este livro, direi que não sei, que há uma crise de identidade em sua classificação literária. Ao me indagarem se é um romance ou um livro de aventuras; se é um livro infantil, juvenil ou adulto; se é um livro de autoajuda ou, simplesmente, um grande conto; ou se é espírita ou simplesmente espiritualista; acho que direi que *sim* em todos os casos. *A única certeza que possuo é de que é uma fábula*. Sendo assim, não se pode atribuir veracidade completa às características das aves, aqui desenhadas para que pudessem relacionar-se entre si e com os seres humanos e adaptarem-se ao enredo da história. Portanto, tanto as personagens aves quanto humanas guardam em si a alcinha da ficção.

Em sua face espiritual, o livro se inspirou em figuras notabilizadas, de quem o autor guarda imenso apreço e interesse. Algumas mensagens, pensamentos ou conceitos citados tiveram como emissores Buda, Jesus Cristo, Demócrito e Albert Einstein. Do mesmo modo, a vida e a obra do evangelista João Boanerges, de Francesco Bernardone (Francisco de Assis), do poeta Gonçalves Dias e também do cientista Albert Einstein foram ponto

¹ O francês Jean de La Fontaine (1621–1695) escreveu ou reescreveu fábulas como *A tartaruga e a lebre*, *O leão e o rato* e *A raposa e as uvas*.

² O francês Antoine de Saint-Exupéry (1900–1944) escreveu o antológico *O pequeno príncipe*.

³ O brasileiro Monteiro Lobato (1882–1948) escreveu *As renações de Narizinho* e *O pica-pau amarelo*.

⁴ O sul-africano John Ronald Reuel Tolkien (1892–1973) escreveu, entre outras obras, *O hobbit* e *O senhor dos anéis*.

⁵ Séculos XX e XXI. Estes se destacaram pelas histórias em quadrinhos, desenhos animados e filmes, utilizando, em muitos casos, a personificação de animais.

de inspiração para algumas das passagens, embora sejam inéditas. Porém, quaisquer menções ou conclusões acerca da subsequência de vidas, da relação entre estas figuras e das passagens propriamente ditas podem esbarrar na mistura descompromissada entre a ficção e a realidade. Portanto, deve-se restringir o foco de observação ao teor das mensagens e não a quem se lhe atribuiu a origem, cuja mistura entre os pensamentos do próprio autor e diversas outras fontes de inspiração não permite afirmar que tal ou qual passagem seja fictícia ou real.

Esta singela aventura conta a história de duas aves que possuem características bem diferentes. Uma de mente aguçada, mas presa pelos instintos pouco sociais. Outra de mente curiosa, mas de coração aberto para os reveses da vida. O destino entrelaça a vida destas duas aves de tal forma que os caminhos que se seguem descortinam muitos segredos de amor e sabedoria.

O título original do livro era *O pequeno passarinho em busca das coisas profundas da vida: um voo interminável*. Mas a proporção que tomou a obra, ultrapassando a missão de um dos protagonistas, fez com que o título fosse alterado para *O voo interminável: em busca da evolução infinita*, que reflete bem melhor o que autor deseja transmitir.

Eis os prólogos anteriores, quando ainda faziam parte de um livro apenas infantil.

Era uma vez um passarinho. Um ingênuo, simples e pequeno passarinho.

Um passarinho que não tinha muito jeito pra voar, nem muito jeito pra cantar nem para tornar ninguém feliz.

Mas que tinha um único e sincero desejo: conhecer profundamente as coisas da vida. Nem que, para isto, tivesse que pousar em todas as árvores do mundo.

Se aprendesse a entender o coração de todos os passarinhos, poderia saber as músicas certas para cantar e, assim, fazer muitas aves felizes.

Foram muitos ensinamentos, muitos belos momentos, um longo caminho que aponta para o Infinito e não chega nunca ao fim.

Até hoje o passarinho voa, atrás da Grande Árvore da Vida, que frutifica Corações de Ouro e guarda consigo o Amor.

Prefácio do autor

Bem sabe que esta Árvore está dentro de si e dentro de cada ser, mas voa assim mesmo, para ver se as outras aves já estão percebendo o caminho e para aprender todos os jeitos de enxergar a vida.

Mas o pequeno passarinho também tem sua maneira de vislumbrar a vida. Não sabe se vai chegar deste modo ao infinito, nem o aconselha a qualquer ave. No fundo, quer é ver cada ave achando sua própria estrada e seguindo seu próprio coração.

Mas, entre muitos voos graciosos, eis o singelo caminho do ingênuo pequeno passarinho.

Ou então, à escolha do leitor:

Era uma vez um pardal, daqueles mesmos que pulavam de árvore em árvore. Alternar os galhos é coisa normal de pardal. Mas este pardal era especialmente diferente. Não que fosse um pardal de plumagem mais nobre, porque não existe nobreza entre os pássaros. Era apenas um pardal diferente...

Mais um pouco e o livreto de dezesseis lições, de pequenas historietas envolvendo passarinhos e de pouco menos de trinta páginas transformou-se em uma verdadeira epopeia, envolvendo dezenas de aves em vários cenários, inclusive em dois planos terrenos. As quatro partes da primeira versão (*A vida, O amor, O conhecimento e A luz*) criaram raízes e deram origem a quarenta e cinco capítulos, que dispensaram a divisão por partes. O antigo livro ganhou também adições de outras obras não publicadas pelo autor, como *A teoria da evolutividade* (teorias de evolução animica) e *O andarilho solitário* (poemas). A obra resultante, fugindo dos extremos teóricos e lúdicos das demais, ganhou a pitada definitiva quando o bom-senso da mistura prevaleceu.

O voo interminável: em busca da evolução infinita, enfim, busca atrair leitores que leriam todas essas obras supracitadas, mas contidas em uma só. O autor espera que esta seja a primeira de muitas. E será!...

PREFÁCIO

O voo interminável: em busca da evolução infinita é uma linda fábula, onde os personagens vivem o dia-a-dia de um ser humano, é o voo de qualquer um de nós em direção à vida, à autodescoberta e ao encontro com a Ave Suprema (Deus).

Certamente, o leitor ficará encantado com as aventuras do pardal Tico e as experiências pelas quais ele passa com as demais aves e personagens da história, em busca da liberdade e do crescimento espiritual. Filho adotivo da coruja Joca, o pequeno pardal queria conhecer a vida fora do bosque onde fora criado e compensar o desejo do pai, que nunca pôde sair de seu *habitat*. Ficará emocionado com as “perdas e ganhos” de Tico, que se transformarão em verdadeira arena de importantes reflexões. Por ser um pardal naturalmente bom, amável, fácil de fazer amizades e com um grande coração, é um pouco do que cada um de nós deseja ser, com todos os conflitos que possuímos. Um breve olhar pelas primeiras páginas fará com que o leitor deseje chegar logo ao fim desta bela odisseia.

A obra, sem dúvida, é parte do autor. Quem conhece um pouco de Érik Dominik, verá que Tico é bastante dele e um pouquinho de cada um de todos os seres humanos. Para mostrar as diversas faces do homem, Érik utiliza de diversas aves, como garças, biguás, corruíras, pica-paus, canários, tucanos, águias e gaviões, entre outros, numa magnífica aventura que poderia até ganhar as telas de um cinema. A utilização de aves da fauna brasileira, em geral, revela a preocupação do autor em exaltar as belezas de nossa natureza. Com um pouco de sensibilidade, pode-se perceber que a libertação do Parque das Aves simboliza a redenção do Planeta Terra, em seu tempo, transformando o palco da vida terrena em um campo fértil de afetividade e amor, respeitando os limites de cada ser.

Enfim, o contexto de *O voo interminável: em busca da evolução infinita* simula um “nos lançarmos à vida” de forma sutil e encantadora, envolvendo o leitor sem que ao menos ele perceba que está dialogando consigo mesmo e refletindo sobre sua própria vida. Que *Aepyornis*, o símbolo de nossa consciência amorosa, compreenda que sempre estaremos rumo à evolução infinita, numa incessante busca pela luz, sempre voando para longe... cada dia para mais longe!!!

Cíntia Miranda Pontes



Andre G. Silveira

CAPÍTULO 1

O VELHO STAN E A VELHA CORUJA

Imensas nuvens se formaram na troposfera terrestre, sinal de que haveria chuva próxima. Ótimo para os solos de muitas partes do planeta, que não contavam com água proveniente de precipitações já fazia alguns meses. As reservas dos rios e lagos já estavam bem baixas, o que estava preocupando os habitantes de um orbe tão cheio de vida como a Terra. O Parque das Aves, por exemplo, um santuário que se transformara em parque nacional algumas décadas antes, sofria queimadas espontâneas e a pouca umidade já influenciava a vida das grandes e pequenas aves que lá viviam.

Embora parecesse um contraste em pleno outono de meados do século XXI, um velho bosque de frondosas árvores embelezava todos os dias a vista das janelas de uma antiga instituição humana, em que funcionava uma universidade. Um tapete maravilhoso de folhas avermelhadas e alaranjadas cobria o chão de *flamboyants*, que se destacavam diante das demais árvores da longa avenida¹. Muito usados naquela região, mesmo em tempos modernos, os cavalos ainda traziam os homens em charretes belas, que desfilavam sobre o tapete com a sua majestade peculiar, sem desfigurar o intuito de preservação daquele lindo parque, que abrigava a universidade em parte de seus domínios.

¹ Flamboaiã ou Flamboyant (*Poinciana regia*).

O prédio principal, de estilo arquitetônico antigo, mas muito bem conservado, tinha inúmeras alas tal como um grande hotel ou um imenso hospital, lembrando uma cruz deitada de onde quer que se olhasse. A parte de cima, onde ficava o telhado, possuía a forma de um prisma triangular de ângulos bem fechados, à semelhança de casas alemãs de estilo enxaimel, com madeiras e tijolos à mostra. Como saliências do prisma, duas torres se erguiam soberanas, com pináculos adornados com uma abertura traspassada por duas tábuas bem envernizadas.

A pequena tempestade, depois da seca prolongada, acabou carregando o tapete de *flamboyants* e lavando a avenida, estragando o principal enfeite dos diversos prédios durante o outono. Os pináculos de suas torres vazavam na abertura durante as chuvas, o que prejudicava muitas vezes também a morada alternativa de Joca, que tinha de se transferir para a sua morada primeira, a mais antiga e alta árvore do bosque. Joca era uma velha e sábia coruja¹. Na verdade, uma coruja-macho. Bem que ele tentou fazer com que as demais aves o respeitassem nesse sentido, mas todas a tratavam como “a coruja”. Joca já tinha uns quinze anos, mas conservava a plumagem de uma coruja de meia-idade. Embora bastante sereno, não conseguia disfarçar seu olhar fixo, penetrante e ameaçador, como de toda coruja. Mal sabiam os homens que aquele olhar aparentemente agourento escondia uma alma sábia e tranquila.

Todas as quintas-feiras, por volta das 16:00, Joca, apesar dos hábitos noturnos, pousava no parapeito da larga janela com a vidraça suspensa de uma das salas de aula da universidade. Anos a fio, todos os alunos, professores e funcionários da instituição já tinham se acostumado com a presença da velha coruja ali, do início até o fim de uma das aulas. A coruja não atacava ninguém e nunca açava voos perigosos; por este fato, virou uma espécie de símbolo da antiga

¹ Joca era uma suindara ou coruja-das-torres (*Tyto alba tuidara*), da família dos estrigiformes.

escola. As pessoas que ali trabalhavam ou estudavam somente não entendiam uma coisa: por que a coruja escolhia sempre aquele dia e aquele horário, sem falhas, a não ser nas férias? Era até fácil entender que a coruja preferisse os horários com aulas, já que poderia se sentir bem com a presença humana, mas era um mistério o fato de que escolhia apenas aquela janela e aqueles momentos.

A explicação a este mistério, restrita apenas à compreensão de Joca, estava nas aulas de um velho professor que ministrava uma disciplina em seu departamento. De tão catedrático e cativante, permitiram a ele que proferisse aulas com o conteúdo que bem desejasse, já que suas apresentações eram sempre bem frequentadas. As aulas geralmente mesclavam conteúdos de filosofia e literatura, além de alguns tópicos culturais e religiosos.

A monotonia solitária estrigiforme do bosque levou Joca, alguns anos antes, a tentar descobrir algum sentido para a própria vida, que, até então, limitava-se a se alimentar, voar baixo e tentar se reproduzir. “Não existe nada mais além disso?” –perguntava-se. Logo ali, ao lado do bosque, em uma das janelas do segundo pavimento, palestras semanais lhe preenchiam os sentidos sedentos de profundas esperanças e verdades.

O responsável por este transbordar de novas ideias era Rudolph Stanislaw, um alemão de origem polonesa que veio jovem para o Brasil para servir à universidade em grandes projetos de pesquisa científica por volta de meados dos anos 1990. Apaixonou-se pelo país que o acolheu e ali permaneceu, desde então. Não gostava de falar sobre a sua origem, declarando-se brasileiro, mas conservava algumas poucas tradições e recordações polonesas de Cracóvia e alemãs de Ulm, onde, respectivamente, sua família havia residido e ele havia nascido. O professor catedrático, que também atendia por Stan, era um senhor semi-calvo com pouco mais de 65 anos, estatura média e pesando 80 kg, cor dos olhos entre verde e mel, meio sem definição. Ensinava por prazer, já que possuía condições de se aposentar. Muito motivado ainda, parecia um jovem de 30 anos com a

vida inteira pela frente, talvez esta uma das razões para o sucesso de *quorum* de suas aulas.

Mas uma boa parcela de sua alegria ao ministrar a disciplina se devia à presença da velha coruja ali, impassível, ativa, atenta, assídua, contumaz. O professor tinha um imenso carinho por Joca, seu assistente mais ilustre. Se a coruja se atrasasse um pouco, o velho Stan, sem que ninguém notasse, conversava outros assuntos acadêmicos com seus alunos até que seu amigo chegasse e, então, começava o assunto principal. Era um ritual rotineiro, semana após semana, ano após ano. Parecia que ambos travavam uma intensa luta contra a velhice, sem que um desejasse a senilidade do outro.

Naquele outono, o professor decano da instituição estava inaugurando um novo conteúdo para a disciplina. Joca estava muito curioso e ansioso por cada tópico dessa nova matéria misteriosa. Já tendo acompanhado todos os outros conteúdos inúmeras vezes em diversos anos, ouvir novas informações era algo, no mínimo, revigorante e motivante. Naquela quinta-feira inaugural, Stan acordou cedo, reviu todo o conteúdo e se preparou para inúmeras perguntas que poderiam vir. Joca percebeu o movimento mais intenso de alunos naquele dia e tratou de se apressar para não perder nenhuma palavra dos ensinamentos do velho mestre. Pousou no parapeito da janela e ali ficou a esperar que o professor proferisse as primeiras palavras.

– Boa tarde, meus queridos alunos!

– Boa tarde, Stan! – foi o coro geral.

– Hoje começaremos um novo conteúdo para a disciplina. São observações de anos e anos sobre algo que interessa a todos: a vida!

– Sobre a vida, professor? – perguntou Raphael, um dos alunos da primeira fila. – Nós viemos aqui para ouvir sobre a vida? – completou.

– Meu rapaz, você sabe de algo mais importante do que a vida? Muito mais importante do que os conhecimentos rígidos que os princípios da ciência ou os dogmas da religião impõem é falar sobre a vida! Que adianta acumular tantos conhecimentos se não se consegue

lidar com a própria vida e com as pessoas que lhe cercam? Aplicará esses conhecimentos onde? Sobre a vida sim! É sobre a coisa mais importante do mundo que falaremos.

– Está certo, professor, o senhor me convenceu. Mas o que sobre a vida?

– Calma! Teremos muitas aulas ainda até o final do semestre.

Enquanto discutia calmamente com Raphael, Stan tentava descobrir qual a melhor forma de revelar os primeiros conceitos de sua teoria. Bem, resolveu começar do começo.

– Prezados, conhecer um conceito é fundamental para se iniciar o entendimento da teoria: o conceito de evolução, que é o ato de evoluir, de seguir adiante, de se aperfeiçoar, de se desenvolver, de progredir. Todos os seres, sem exceção, buscam a evolução, quer queiram, quer não, em um processo contínuo e incessante que aponta, persistente, para o infinito.

Stan sabia que não poderia dar *pérolas aos porcos*, ou seja, não poderia desvendar toda a teoria em uma dose, pois algumas cabecinhas ali presentes não estavam preparadas para ouvir muitas hipóteses de uma só vez. Os alunos, por sua vez, já estavam perplexos com o universo que se lhes abria naquele momento e a curiosidade só aumentava, diante da facilidade do professor em encantar antes mesmo de expor o conteúdo. Joca, imóvel no parapeito da janela, abria seu coração para informações que nunca tinha ouvido ou, se tinha, não abordados daquela maneira tão lógica e coerente. A essa altura, o velho catedrático se preparava para disparar as primeiras afrontas aos antigos paradigmas da turma que ali se encontrava.

– É cada vez mais difícil admitir que os sentimentos humanos limitem-se a manifestações cerebrais e a liberação de substâncias químicas diante de alguma emoção, partindo de uma estrutura orgânica da linha evolutiva dos primatas.

– Puxa, professor, que princípio forte, mas isso não é religião?
– disse Amanda.

– Cara Amanda, em todas as partes do mundo, há, de alguma

maneira, pelo menos uma filosofia, seita ou religião que afirme que a mente humana é movida por funções “inorgânicas” que extrapolam os limites cientificamente conhecidos. É hora, portanto, de estabelecer, consistentemente, uma hipótese que aponte na direção contrária à da ciência tradicional, que somente leva em conta aspectos biológicos e orgânicos.

– Então, o senhor está dizendo que está mais que na hora da ciência admitir que existe algo além do corpo e da mente biológicos?

– Exatamente! Muitas das religiões dizem isso, muitas ciências pesquisam isto, muitos cientistas acreditam nisto intimamente, mas não se admite no rigor acadêmico e científico.

– Mas como o senhor chamará isso? De alma?

– A princípio, pode-se chamar de organismo anímico¹, que ultrapassa a condição biológica e cerebral do que se analisa convencionalmente. Este organismo mental ou espiritual, embora utilize o cérebro humano para a sua manifestação, tem com ele apenas uma simbiose, uma vez que pode continuar a existir caso o cérebro não mais funcione ou poderia já existir antes dele iniciar o seu funcionamento.

– O senhor acredita realmente nisto, Stan? Não brinca!

– Claro, Amanda. Isto parece incrível ou sobrenatural em um primeiro momento, mas, com o decorrer das próximas aulas, você acabará entendendo onde quero chegar. Toda essa teoria é o resultado de uma longa observação e de repetição de fenômenos que trouxeram muitas evidências de tudo isto!

Stan respirou fundo, procurando não antecipar hipóteses das próximas aulas, olhou para Joca e continuou as explicações.

– Por enquanto, o que posso dizer é que é a mente anímica que administra a acumulação de sentimentos, o conhecimento e a evolução do indivíduo através dos tempos.

¹ Se anímico significa relativo à alma, o organismo anímico seria o organismo extramatéria formado e comandado pela alma ou pelo espírito. Em certo sentido, pode-se lhe atribuir o termo perispírito.

– Professor, a mente anímica é que manda no organismo biológico, é isso? – indagou Hélio, o mais curioso de todos os alunos.

– Isto mesmo! Você entendeu a lógica das coisas que eu acabei de dizer e chegou à primeira conclusão do que eu queria expor, formulando um princípio.

– Eu? Eu formulei?

– Sim! – confirmou o professor às gargalhadas. – Você! E digo mais: você, como qualquer outra pessoa, é essência de vida, é um organismo anímico capaz de produzir sentimentos, de cuidar da própria evolução, de definir, a longo prazo, os próprios passos e o próprio destino. Você é você, mas não um você pequeno que estamos acostumados a enxergar. Você é um você grande, imenso, e crescendo a cada dia com a evolução.

– Professor, isto é comovente! – diz Juliana, com os olhos marejados.

– Sim, Ju, este universo é realmente maravilhoso. Mas você ainda não viu nada. Deixemos a continuação para a próxima aula.

– Ah, não, professor, agora que estava ficando bom!

– Tudo ao seu tempo, Juliana, tudo ao seu tempo. A cada dia basta o seu quinhão.

Ao final da primeira aula, Joca alçou voo com a certeza de que um universo se abria e de que mais novas revelações ainda viriam. Entretanto, ao adentrar-se pelo bosque e pousar em um dos galhos de uma alta árvore, lembrou-se de que voltava agora à rotina solitária da semana. Estava maravilhado com o que tinha ouvido, mas estranhamente mais triste que o de costume, pois retornava à solidão com mais conhecimentos que antes sem ter com quem compartilhá-los. “Que adianta um tesouro em uma ilha deserta?” – pensou.

De cima da árvore, observava atentamente um casal de periquitos e um bando de ararinhas voando despreocupadas e alegres após belo dia de sobrevoos e de alimentação farta. A liberdade não tem preço, porém, custa um bocado quando traz consigo o fardo da solidão. Naquele dia, Joca era um misto de estado de graça com a

melancolia natural da personalidade solitária. Pensou bastante sobre tudo, sorriu internamente, como era de seu hábito, e entendeu que é preciso que o açude encha primeiro para depois transbordar. Ou seja, é preciso que seu coração se encha de amor e conhecimentos para que, depois, possa irradiar.

Volveu os olhos para o firmamento, cerrou as pálpebras por um instante e deu um suspiro em forma de piado antes de partir para a sua caça alimentar noturna.

A semana foi longa! A vontade de ouvir o velho Stan em sua segunda lição era imensa e tomava conta de si. A ansiedade era tanta que, minuto a minuto, trocava de moradia, da velha árvore ao pináculo, do pináculo à velha árvore. Algum sobrevoo pelo telhado do prédio e a alternância árvore-pináculo começava outra vez.

Enfim, chegou quinta-feira. Não chovia e Joca se posicionou como de costume no parapeito da janela desde 15:30 e ficou esperando a turma chegar, pois alguns alunos já chegavam em torno de 15:45. Os minutos se passaram e nada de algum aluno chegar! “Um atraso coletivo” – pensou. Mas Stan nunca se atrasava: sempre às 16:00, estava lá o velho catedrático. Passaram-se cinco minutos da hora combinada e nem aluno nem professor. O que havia acontecido? Foi a primeira quinta-feira letiva em anos que isto ocorria.

Foi quando dois alunos passaram pelo corredor e comentavam que o velho Stan havia falecido três dias antes e não se sabia ainda quem seria o seu substituto. O impacto foi imediato no coração da coruja ansiosa, que não sabia se ali residia tristeza, susto, frustração ou desespero. O professor vendia disposição e saúde aos seus 65 anos de idade, mas um infarto fulminante o carregara deste mundo. Joca, atônito, alçou um voo desajeitado e se projetou para o buraco da antiga árvore para esconder a sua agonia.

CAPÍTULO 2

AEPYORNIS

A chuva voltou a cair mais silenciosamente e restou à profunda tristeza de Joca contar os pingos que caíam na entrada de sua morada primeira. Junto com o professor, pereceram também as oportunidades de conhecer as coisas mais profundas da vida e de ter um motivo para viver. Se é que para as aves existem momentos de depressão, o que a velha coruja sentia era o mais próximo disso possível.

Ficou, então, contemplando o seu buraco, uma esfera imperfeita de cerca de meio metro de diâmetro, capaz de abrigar uma coruja com folga. O carvalho¹ hospedeiro devia ter uns 200 anos e ficava bem próximo à borda do bosque que dava para a universidade. Seu atual morador se apossara dela desde que se entendia por coruja e ali permaneceu por anos, somente deixando o buraco ou toca, a sua morada primeira, por causa de sua rotina diária ou para visitar sua morada segunda no pináculo de uma das torres do prédio principal, além de frequentar as janelas que davam para as salas de aula. Não havia outra companheira que senão a solidão.

Joca se acasalara algumas vezes, mas nunca quisera desenvolver uma sociedade ou família estrigiforme, já que as corujas, em geral, são muito tímidas, discretas e solitárias. Desde novo, a coruja-macho estabelecera uma rotina muito próxima do ritual instintivo, mas guardando dentro de si enorme vontade de conhecer as

¹ Carvalho-brasileiro ou carne-de-vaca (*Roupala brasiliensis*).

coisas da vida e do mundo, o que era, em parte, satisfeita pelas aulas de Stan. O tempo passou, Joca completara quinze anos, já para lá um pouco da meia-idade em termos de idade das corujas, e já não tinha tanta disposição física para se aventurar. Os passeios pelo bosque e pela universidade já lhe bastavam para desenrijecer as asas.

Mas, naquela semana triste, não sentia vontade alguma de chegar próximo à saída de sua primeira morada. Alimentava-se muito desgostosamente de suas provisões que, por sorte, acumulara na semana anterior. O dia mais angustiante foi o da quinta-feira, que era o dia da aula de Stan. Desde cedo, a coruja lembrava muito intensamente de tudo o que as palestras do velho amigo representavam para si, procurando tentar entender o que havia ocorrido e como seria o seu futuro dali por diante. A angústia foi tanta ao se aproximar da hora da antiga aula que Joca adormeceu, com a mente cansada e as asas enferrujadas.

Em um estado entre o sono e a vigília, a coruja percebeu uma intensa luz adentrar pela sua morada, como se fosse um sonho real. Depois de piscar os olhos incessantemente, começou a perceber uma figura que se aproximava lentamente, ocupando quase todo o diâmetro do buraco. Joca ainda só conseguia ver a sua silhueta, mas podia supor que era uma grande e bela ave, com uma envergadura enorme, impedida de se mostrar pelo curto espaço do lugar. A criatura precisou diminuir um pouco a intensidade da luz para que a pequena coruja pudesse observá-la. Depois de algum tempo, a ave com olhos cor de mel pôs-se a falar.

– Minha cara coruja, não há necessidade de ficares com medo. Vim trazer-te boas novas. Acompanho há muito tempo teu bom coração e tua vontade imensa de conhecer as coisas profundas, ultrapassando os desejos das corujas comuns e impedida pelo instinto solitário de sua parentela.

Joca ficou estarrecido. Seu coração disparava e não conseguia dizer uma palavra. Só não gritou ou teve qualquer reação adversa porque estava ainda num estado latente de sono-vigília que o impedia

de sair da sua prostração.

– Venho de uma linhagem antiga que já partiu deste mundo há muito tempo – continuou a grande ave. – Eu era da espécie *Aepyornis maximus*, a maior ave que já pisou neste planeta. Meu aspecto está reduzido para eu caber em sua morada e adquiri asas externas após a passagem, já que as aves da minha espécie são ratitas ou não voadoras. Governo o mundo espiritual das aves e chamam-me *Aepyornis*¹, a Ave Suprema. A razão da minha vinda é trazer boas notícias após tanta dedicação e vontade de tua parte, apesar de todas as dificuldades.

Então, a ave visitante declamou um poema que mais parecia uma canção, numa voz doce, suave e, ao mesmo tempo, forte.

*A vida é mais do que se pensa, mais profundo é o seu valor
O bom coração é o que sustenta o mundo com amor
É como cativar com o perfume da flor
É importante o seu sorriso, como se fosse o paraíso
Irradiando amor*

*Ensinar coisas da vida enriquece o coração
Diga uma frase bem bonita ou cante uma canção
Chame a atenção bem de mansinho, diga não com um carinho
Plante uma semente de luz*

*Os que são emanacionados vieram com a missão
De fazer um mundo mais amado, amolecer o coração*

¹ Vem de Epiórnis (do latim *Aepyornis*): “gênero de aves ratitas, muito grandes, epiornitídeas, que viveram no plioceno, e cujos registros fósseis, encontrados em Madagascar, são ovos com capacidade de cerca de oito litros” (Dicionário Aurélio, 2004).

A coruja se sentiu tão pequena e aconchegada diante daquela ave enorme e sábia que queria ficar para sempre ali, ouvindo-a. A sensação era de que estava em quase plena, primária, simples e pura ingenuidade. Ficou apenas com duas dúvidas em seu meio-sonho: o que seria *emanacionado* e como poderia irradiar e se relacionar com outras aves se era tão sozinho? Mas a grande ave, logo que parou de cantar e depois de uma pequena pausa para respirar, continuou a se pronunciar.

– Como sei que não podes mais se aventurar, dar-te-ei um presente. É uma pequena ave que cuidarás como tua, para que se aventure por ti, contando-te sobre as coisas profundas e sobre os lugares que não pudeste gozar. Ela terá um vigor e uma inteligência suficientes para tirar de cada etapa de sua vida a experiência necessária. No momento certo, saberás quem é a pequena avezinha.

– Quanto a ti, dir-te-ei o seguinte, para que guardes bem e uses quando tiveres condições: “*sob o seio da Natureza, cultivarás a força magnífica que existe em ti e amarás o céu, como as árvores, como os pássaros, como a teus semelhantes, como a Deus e amarás a ti mesmo*”. Tu és uma ave emanacionada, cumpre a tua missão.

– De vez em quando, voltarei para trazer-te algumas lições. Uma leva a outra, por isto não posso dar-te todas de uma vez. Ao coração amadurecido, um fruto a cada estação.

Então, a Ave Suprema foi voando e a pequena coruja acordou chorando. Todas as frases que se lembrava do meio-sonho vieram como um turbilhão na mente de Joca. Tinha sido uma grande honra receber em sua morada tão ilustre criatura. Provavelmente, algum tempo havia passado e a ave disse certamente mais outras coisas de que não se recordava.

Mas como o dia beirava o crepúsculo quando terminou o meio-sonho e as asas incrivelmente já tinham desenrijecido, Joca voou até a ainda não desocupada sala do velho Stan e procurou no dicionário humano, com o bico, a palavra *emanacionado*, que quer dizer: “*emanado por Deus*”. Deste dia em diante, julgou com

veracidade que realmente tinha coisas importantes ainda a realizar na vida e que cuidar da pequena avezinha era a sua honrosa missão.

A vontade de viver tinha voltado. Os olhos recuperaram a agudeza e as penas pareciam mais coloridas e o bico mais pontiagudo. Era a velha coruja de sempre, dentro dos limites de sua idade natural. Ficou contornando o pináculo da torre por diversas vezes antes de retornar à sua morada primeira, revelando uma alegria há muitos dias não sentida.

Ao voltar ao buraco, algumas indagações se interpuseram em meio aos pensamentos de Joca. Se a coruja era emanada por Deus, se Deus era o ser supremo dos homens e se a grande ave tinha citado Deus, por que *Aepyornis* governava todas as aves e era o ser supremo das aves? Ou então, se o ser supremo dos homens era diferente do ser supremo das aves, por que *Aepyornis* citara Deus? Esta dúvida ficou por um bom tempo na mente da curiosa coruja. Com sensações felizes de quem recuperara a razão de sua vida e com cansaço físico após tantos sobrevoos, Joca se recostou na parede de seu ninho, alimentou-se e adormeceu de novo, agora bem mais tranquilamente.

CAPÍTULO 3

A PEQUENA AVEZINHA

No dia seguinte, entre novos sobrevoos ao redor do pináculo, a coruja percebeu uma movimentação estranha na sala de Stan. Interrompeu o voo circular e fez um rasante em frente ao gabinete do velho mestre. Algumas pessoas retiravam dali os pertences do catedrático, peça por peça, livro por livro. Eram as últimas recordações de um tempo maravilhoso. Por cerca de onze anos, acostumara-se a ouvir o amigo, com o resultado de suas proveitosas elucubrações. Teve a sensação de ter pousado pela última vez no parapeito da janela na presença de quem lhe ensinou o suficiente para despertar na alma de uma simples coruja a curiosidade de desvendar um mundo novo. Deu um piado curto e agudo em reverência ao amigo e deu mais algumas voltas ao redor do pináculo antes de entrar em sua morada segunda.

Pousou lentamente em uma das tábuas traspassadas e por ali ficou algumas horas, admirando o bosque em que nasceu e do qual nunca se afastou por muito tempo. Quando o sol subiu o suficiente para abrasar sua fronte, desceu da tábua em direção ao chão da abertura do pináculo, quase quebrando um pequenino ovo que ali se encontrava. “Mas... um ovo? De onde surgiu?” – imaginou. Um lapso de pensamento e se lembrou das palavras da grande ave sobre uma avezinha que viria. Mas jamais imaginou que viesse através de um ovo, pois havia pensado que conheceria uma ave e que ambos seriam amigos.

Foi que o ovo começou a se quebrar lentamente e o primeiro

sinal de um pequeno passarinho começou a surgir para fora da casca. Uma grande expectativa e a mesma voz doce e suave do dia anterior voltou novamente para narrar o acontecimento.

Eis que surge, do meio do nada, do meio de onde nada se espera, um pequeno passarinho, a cantar como se fosse grande, a voar como se já pudesse alcançar grandes alturas. Não que já nascesse voando, mas voava porque descobrira que a força que o fazia voar brotava de dentro, e irradiava como a luz, e anunciava a tempestade como o vento, e abria caminhos serenamente como as aves na mata. Sabia que, se voava, era porque lhe davam forças. Se cantava, era porque fazia por alguém. Como não encontrara alguém de fato para dedicar todas as suas canções, chamou, ingenuamente, esse alguém abstrato de Deus.

No final do poema-canção da grande ave, o pequeno passarinho já tinha se colocado completamente para fora de seu invólucro natal. Um biquinho curto, asas minúsculas, o que daria essa pequenina ave? A diferença de espécie não importou à coruja-macho, que fazia agora o papel de pai. Passou o dia tentando arrumar uma alimentação que cabia a um pássaro filhote e a improvisar um ninho em sua morada primeira. No final do dia, levou o filhote pelo bico até o buraco, que era mais seguro contra o sol forte, a chuva e o vento frio.

A pergunta do dia era: qual espécie seria aquela? Sem a plumagem, era impossível definir. Não conhecia tantos filhotes assim para distinguir uma espécie da outra. O jeito era esperar alguns dias. Joca se lembrou da canção da ave: era o prenúncio de como seria a vida da avezinha. E ficou marcada em sua mente a última frase: *como não encontrara alguém de fato para dedicar todas as suas canções,*

chamou, ingenuamente, esse alguém abstrato de Deus. “Deus de novo?” – pensou a coruja. “Como seria possível Aepyornis ter citado Deus? Que incoerência seria aquela? Ou seria uma incoerência de meus pensamentos?”. A coruja ficou horas ruminando estas indagações.

Entendeu que precisaria de muito tempo para ter essas perguntas respondidas, que não seria assim tão fácil compreender as grandes coisas da vida antes das pequeninas. Como o velho Stan dizia: *os fins são uma velha desculpa da vida para se descobrir os meios. Quem sabe? Joca, então, adormeceu junto com a avezinha e com as ideias revoltas na mente. Em novo estado de sono-vigília, a voz doce e suave surgiu novamente, entoando a primeira prometida lição (Deus).*

*Deus é a vida por excelência. Cada ser tem uma
chama de vida dentro de si. Esta chama cresce com
o movimento da vida, com o bem-viver.
Basta estar vivendo para a chama de vida
irradiar naturalmente.*

Joca dormiu profundamente e muitos bons sonhos se revezavam, mediante a paz profunda que experimentava naqueles dias iluminados. Sonhou com longas estradas, enormes montanhas, nuvens brancas e lindos campos com pomares infundáveis. No meio do sonho, percebeu que aquelas imagens poderiam não ser exatamente suas, pois que não possuía mais forças para iniciar aventuras, mas deliciou-se, assim mesmo, como a oportunidade que tinha de viajar por outros lugares, como tanto sonhara.

Já tinham se passado dez dias após a morte de Stan e Joca ficava cuidando da avezinha como se fosse uma corujinha. Embora fosse minúscula, parecia que a avezinha tinha uma luz própria no olhar ainda sem íris definida. Parecia menos carente dos pais que todas as aves que conhecera. Porém, não dispensava com os olhos a presença de Joca ao seu redor. O pequenino filhote desplumado ainda

não dava a entender à velha coruja se era um tico-tico¹ ou se era um pardal² e isso o incomodava muito. “Como dar nome a essa coisinha praticamente desprovida de raques³ se não se sabe qual a sua espécie?” – pensou. E essa angústia o dominou durante vários dias.

A presença da avezinha foi um perfeito consolo para Joca diante da perda de Stan. Se não conseguia tirar completamente a lembrança, pelo menos a transformava em uma lembrança positiva, pois que impulsionava a uma nova perspectiva, em vez de somente destruir uma antiga. Joca via na ave a esperança de ter as suas perguntas respondidas após a abrupta interrupção das palestras do velho mestre a quem sempre assistia e das questões que ele fez brotar em sua curiosa alma, embora não as tivesse saciado.

Numa manhã seca, mas bela, do meio do outono, a primeira plumagem mais nítida da avezinha surgiu. Parecia um tico-tico! “Sim, é um tico-tico!” – atirou Joca. Baseado em sua convicção, resolveu dar o nome à avezinha de Tico, por ser bem pequenina. Tico já dava seus primeiros piados e tentava bater as asas para alçar seus primeiros voos, mas ainda não tinha ciência de sua existência e muito menos do que sua vida representaria. Apenas procurava se alimentar e conhecer o que agora observava com mais nitidez.

O tempo passou e revelou uma avezinha um pouco maior, mas um tanto desajeitada para piar e para voar. As suas íris estavam mais bem definidas e a plumagem começava a se firmar. Os passeios fora do ninho começavam a ficar um pouco mais frequentes, mas vigiados pelos olhos atentos e sagazes de seu tutor, e já fazia os primeiros amigos entre as ararinhas⁴, os periquitos⁵ e os papagaios⁶. Já possuía, a essa altura, ciência de sua existência e já fazia as primeiras

¹ Tico-tico (*Zonotrichia capensis*).

² Pardal (*Passer domesticus*).

³ Raque: eixo das penas das aves.

⁴ Ararinha ou maracanã (*Propyrrhura maracanã*).

⁵ Periquito (*Tirica chiriri*).

⁶ Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*).

perguntas sobre a região, sobre outros pássaros e sobre o mundo além do telhado do prédio universitário, da morada primeira do bosque e do pináculo da morada segunda, que formavam um triângulo geometricamente imperfeito.

Para Joca, os vértices do triângulo eram algo singular. A morada primeira (a toca do carvalho) significava o lar e, com a chegada de Tico, a família. A morada segunda (o pináculo da torre), o ponto mais alto, à semelhança da torre de uma igreja, era o melhor local para as suas reflexões e representava, portanto, as atividades espirituais. O prédio universitário significava o conhecimento intelectual e, para Stan, também o trabalho. O velho professor, aliás, sempre se referia a esses três pilares da vida: família, trabalho e espiritualidade. Bastou à coruja relacionar o que em sua vida representava cada um dos pilares e como estava, enfim, cuidando deles.

Alguns dias mais e, com o crescimento completo do bico da avezinha e a plumagem toda formada, Joca percebeu o grande erro que havia cometido. Tico não era um tico-tico e, sim, um belo pardal! A coruja ensaiou uma gargalhada singular e pensou em Aepyornis, desculpando-se mentalmente pelo erro, mas, ao mesmo tempo, compartilhando com ele o seu engraçado engano. Aepyornis não se manifestou, mas, provavelmente, teve um sorriso de canto da boca arrancado com o inocente embuste. Com a descoberta, a questão era o nome da ave, que foi associada à sua suposta espécie. Restou à coruja manter o mesmo nome atribuído ao pequeno, mesmo porque ambos já se acostumaram com a alcunha já estabelecida. Pela singeleza da circunstância, o nome Tico, então, imperou, mesmo designando, por ledo engano, um pardal.

CAPÍTULO 4

ANSIEDADE DE PARDAL

Os instintos de cuidado de Joca para com o seu filhote adotivo já estavam bastante aguçados e Tico parecia corresponder a esse laço, digamos, maternal. Seus olhares para a velha coruja guardavam uma afeição tão pura quanto grata. Se alguma outra ave pudesse acompanhar o comportamento do pardalzinho, perceberia claramente seus olhares atentos para Joca com profunda admiração. Ao mesmo tempo, daria para ver uma coruja dedicada a um filhote ávido de saberes e simples de coração.

Para saciar a avidez do pequeno pardal, Joca deixava que ele fizesse passeios esporádicos pelo triângulo, que era o máximo que Joca permitia a Tico ir, deixando a avezinha explorar o local durante o dia, mas sem deixar de mantê-la sob suas asas protetoras de pai coruja postigo. Como a coruja é uma ave de hábitos noturnos e o pardal de hábitos diurnos, fazia tempo que Joca não dormia de forma sossegada, como sofre toda mãe ou pai nestas circunstâncias. Portanto, teve que se desdobrar fisicamente para vigiar o pardalzinho curioso em suas peripécias aladas.

A brincadeira preferida de Tico era voar entre os vértices do triângulo o mais rápido possível, cada vez mais rápido. Era comum vê-lo voando para o pináculo, daí para a entrada do bosque e daí para o beiral mais alto do telhado do prédio universitário, na semelhança de um jogador de beisebol cruzando as bases do campo depois que rebate a bola. Embora o pardal seja uma ave de voos mais rasteiros

instintivamente, acabou assimilando alguns hábitos de um filhote de coruja, que alça voos um pouco mais altos. Porém, com a grande extensão do bosque e a serra enflorestada atrás da universidade, pouco se via do pináculo, embora fosse o ponto de maior altitude do local. Esta aventura foi se tornando, aos poucos, algo bastante corriqueiro, que já pedia naturalmente voos maiores, não necessariamente mais altos, mas mais distantes. Ao mesmo tempo, o espírito da avezinha já pretendia vislumbrar o que existiria além daquele triângulo tão restrito. A pré-adolescência do pardal já batia à porta e a curiosidade explodia de dentro para fora. O dia da indagação chegara.

– Papai!

– Que foi, Tico?

– Você nunca me disse o que há além do triângulo. Eu ouço falar por aí do que existe lá adiante, mas cada um fala uma coisa!

– Se eu não falo, é para que não sinta tanta vontade de voar antes da hora. Seu dia chegará.

– Mas acho que já chegou, papai! Não aguento mais ficar voando ao redor do pináculo. A mãe do filhote de ararinha disse a ele que você não quer me deixar ir porque nunca foi.

– Quem lhe disse isso?

– Já falei, a ararinha!

– A ararinha fala pelas penas. Quem lhe garante que isto é verdade?

– Ela disse que o velho papagaio contou a todos que você nunca saiu daqui nem para comer. E disse que você morre de medo do mundo lá fora!

– Mas aqui tem tudo o que eu preciso, para que eu devo sair daqui?

– Aham! Não disse que era verdade que você nunca saiu?

– Sim, você venceu, é verdade! Mas eu me preocupo com você, Tico. Não quero que você se machuque. Sei que há muitos perigos adiante.

– Mas você devia saber que sou um pardal e os pardais são

mais livres, não gostam de ficar em um mesmo lugar. E como vou saber se os perigos realmente existem se eu não for até lá para ver?

– Eu sei o que é melhor para você, Tico! Como eu disse, seu dia chegará.

– Aff! Eu não sou uma coruja! – e voou resmungando para dentro da morada primeira.

Em um primeiro momento, a coruja ficou impassível. Mas a última frase de Tico atingiu o coração de Joca como se fosse um punhal. “Será que estou criando o pardalzinho como se fosse uma coruja?” – pensou. “Será que os pardais têm outras necessidades? Bem, o tempo me dirá”.

Nesse momento, o sol da tarde ainda andava alto e o teto do pináculo fazia uma boa sombra na abertura da segunda morada. Joca aproveitou o recolhimento do pardal na morada primeira para se abrigar também e descansar um pouco. Era a primeira vez, desde o surgimento da avezinha, que tinha um tempo maior para dormir. O sono foi difícil, mas o suficiente para relaxar a mente estrigiforme. Alguns minutos depois e a coruja já sonhava.

Desta feita, o sonho foi com o velho Stan. Quanta saudade! Era como se realmente visse o catedrático sentado em um banco de madeira, junto a um jardim de margaridas e flores-de-lis e perto de um pequeno lago, filosofando sobre a vida junto com dezenas de crianças num extenso gramado. Joca voara para uma árvore próxima e ali ficou, como nos velhos tempos em que pousava no parapeito da janela, com os ouvidos completamente atentos.

Como sempre, o professor não se referiu à coruja durante a exposição, mas a afeição era perceptível no ar. Ele dizia que a vida não termina com a morte e que está ainda mais vivo do que antes. Que possui mais disposição para ensinar e alunos ainda mais interessados. Disse que *os frutos apodrecem e caem, mas suas sementes fazem renascer árvores ainda mais frondosas, que dão frutos ainda mais saborosos*. A exposição foi longa, mas a coruja não se recorda de tudo. Apenas a frase final foi lembrada: *a vida me exigiu ser como*

uma formiguinha anônima no meio de uma savana com grandes elefantes. Como poderia um elefante alimentar um formigueiro se sua tromba não consegue atravessar a entrada? Para levar as simples, mas significativas provisões, só sendo pequeno como a entrada do formigueiro.

Pluf! O sonho havia acabado. No fim, Joca não dormira praticamente nada, mas nem precisava. A lembrança do velho Stan e a lição de simplicidade descansaram a mente da coruja e tocaram profundamente o seu coração. Para auxiliar os semelhantes, não é preciso grandes feitos nem discursos dignos de fama, mas pequeninas ações anônimas bastam para alegrar e suavizar um coração cansado. E cuidar bem daquela avezinha peralta que um dia se lançará ao mundo é, sim, uma pequena grande ação.

Passaram-se alguns dias e Tico ficava cada vez mais acabrunhado, enquanto a coruja, com o intuito de cuidar bem da ave para o futuro, era cada vez mais resistente aos apelos constantes do pardalzinho ansioso. Os voos até o pináculo ficaram menos frequentes, até que a falta de motivação destruiu a vontade do pardalzinho, que se entocou quase definitivamente na morada primeira. Mais algum tempo e a preocupação começou a tomar conta de Joca, que, até então, julgava que a teimosia do pardal era somente coisa de rebeldia adolescente. Chegou a abrir as asas para voar do pináculo até a morada primeira quando, em pleno crepúsculo, tendo apenas uma luz tênue, mas preponderante ao lusco-fusco próprio da hora, a voz de Aepyornis soou solenemente na segunda lição (*A natureza*).

O caminho espontâneo do ser é natural, tende para o Infinito. A Naturalidade Divina age sobre o ser, serena e constantemente. O que não é natural, não sobrevive ao Infinito, pois é efêmero e artificial, não é vida. O ser, para corresponder ao caminho infinito, deve agir serena, natural e positivamente.

Pronto. Um tiro avassalou o coração da coruja como uma máquina-trator desbarranca o terreno e aplaina um outeiro teimoso. Terminada a lição, Joca nem conseguiu levantar voo para se desculpar com a avezinha, culpando-se profundamente pelos dias de aventura perdidos por Tico. Uma alma lamentável se encontrava ali naquele momento, corroída pelo grave erro cometido. Até que um poema-canção completou a visita suprema.

*Mas foi um segundo apenas na eterna celeste
orquestra
Que gerou no ensaio intervalo tão pequeno
Bastou que o Maestro levantasse Sua destra
E com as asas lhe dirigisse um aceno
Para que voltasse à firme e segura toada mestra
Que operava a ode num som suave, doce e sereno
De quem tornava a viver dentro de si grande festa
Com as trombetas ativas do Pássaro Supremo*

É, havia cometido um erro. Mas, aos olhos celestes, era tão pequeno perto da eternidade que a dissonância nem atrapalhou a bela música que seria a vida de Tico. Os erros, no fim, acabam revigorando, dando estímulos aos recomeços, tornando os seres mais humildes e acalmando a ansiedade e o medo. Mesmo chegando a esta consoladora conclusão, a coruja ficou ali na abertura do pináculo, ainda aquela noite, sem saber o que diria e como contaria ao pardalzinho que havia errado. Saiu apenas para morder alguma coisa e se encafuou no chão da abertura do pináculo para refletir mais um pouco.

Ao raiar do dia seguinte, lá estava Joca, sobrevoando o pináculo por uma última vez antes de ter uma boa conversa com Tico, seu filho querido e que já estava pronto para partir sem que ele soubesse ou imaginasse. Seguiu até a morada primeira, deu duas bicadas na entrada da toca solenemente como se a casa não lhe

pertencesse e, meio sem graça, se dirigiu ao pardalzinho.

– Tico, está aí?

– Não!

– Como não está aí, se estou ouvindo sua voz? – disse a coruja, com voz doce.

– Não quero falar com o senhor! Nem com ninguém!

– Nossa! Nem para receber uma boa notícia?

– Que notícia? Mais um inseto que pousou no telhado do prédio? Não quero!

– Acho que você está meio chateado, não? Vamos conversar.

– Não quero!

– Então, eu vou embora e não lhe darei a surpresa!

– Surpresa?

– Sim, uma surpresa! Mas você não quer e ainda está tratando mal o seu pai. Portanto, não está merecendo a surpresa.

– Desculpe, papai. Podemos conversar, se ainda quiser.

– Ah, assim está melhor.

– Bem, Tico. Achei que cometi um erro com você. Você queria voar para mais longe e eu impus resistência porque pensei como uma coruja. Mas não entendia que um pardal possui outras necessidades, que você já está maiorzinho e que sua hora já havia chegado. Então, você pode ir se quiser.

– Sério?

– Claro que sim! Não é porque sou seu pai que tenho que lhe prender para sempre.

– Mas papai!...

– Que foi agora, Tico? Desistiu de passear?

– Bem, agora que me deixou ir, estou com muito medo!

A coruja deu uma gargalhada amena e colocou as asas em volta do corpo do pardalzinho, entendendo que, apesar de tudo, tinha razão em parte, que Tico não estava tão preparado assim, mas que, por fim, tudo aquilo serviu para estreitar o diálogo proveitoso entre ambos.

Apesar de um pouco rebelde e curioso, Tico tinha realmente receio do que encontraria adiante. Em sua mente jovem, misturavam-se as notícias precavidadas de seu pai e as aventuras maravilhosas narradas por seus amiguinhos psitaciformes falantes – a ararinha, o periquito e o papagaio –, contando histórias de outros passarinhos belíssimos e muitas árvores frutíferas e campos com sementes de gramíneas. Qual deles tinha razão? E se realmente houvesse perigo fora do triângulo? Acreditava, a essa altura, que pudesse ser uma combinação das duas coisas e que seu pai queria somente o seu bem, apenas protegê-lo. Afinal, nunca sentiu medo no triângulo, mas isto não quer dizer que não existam perigos fora dele. Ficou durante algum tempo meditando, talvez as primeiras reflexões adolescentes, tais como as crises de identidade de quem ainda não se viu posicionado em um mundo cuja responsabilidade ainda não lhe coube. Pois é muito fácil estar forte e decidido quando o mundo ainda é construído e mantido pelos pais, mas, decerto, não há a mesma facilidade quando tem que ser construído por si mesmo. E Tico experimentava esta sensação agora. Ficou, por alguns dias, refletindo sobre si mesmo e sobre os rumos que deveria tomar e retomou os passeios ao pináculo para pensar melhor acerca de tudo.

CAPÍTULO 5

A PARTIDA DE TICO

Um sol brilhante e forte contrastou com o céu frio do final de outono naquele dia e o estado de tensão de Tico poderia ser percebido até por uma lesma da qual às vezes se alimentava. O desejo de ir e de não ir estavam se conflitando e a preparação de semanas parecia ter sido em vão. “E se eu não conseguir comida?” – pensou o pardal. “E se eu não encontrar amigos? E se houver perigos?” Toda sorte de pensamentos povoou a mente do pardalzinho naqueles momentos.

Joca acompanhava também aflito a partida de seu filho adotivo para o mundo, deixando que ele se preparasse ao seu gosto, embora sentisse necessidade de dizer algumas palavras. Mas a ansiedade e o medo de Tico se mostraram tamanhos que a coruja precisou intervir e lhe dar uma injeção de ânimo para que pudesse partir mais confiante.

– Tico, contarei a você agora umas coisas que nunca lhe contei, mas acho que agora é necessário. Cada um tem a sua crença, por isso lhe respeitei como pardal que é. Mas cabe a um pai ensinar pelo menos um caminho, para que você possa escolher com mais consciência no futuro. Pois vários caminhos existem, mas todos os bons caminhos levam à vida espiritual e quem somos nós para julgá-los se estão certos ou errados. Foi o meu velho amigo professor quem me disse isso.

– Quando o velho Stan se foi – continuou a coruja – e eu perdi as suas aulas maravilhosas no prédio, fiquei sem chão, sem esperanças

e sem alento. Mas, com o tempo, descobri que as coisas belas não estão restringidas a uma pessoa, a uma coisa ou a um lugar. Existe, sim, alguém maior, que, a bem da verdade, ainda não sei muito bem quem é, mas que se manifesta através de qualquer coisa bela, como uma árvore, uma flor, um lago e até pelas coisas que não se apresentam tão belas, mas que também possuem o seu valor e a sua lição.

– Quando eu estava bastante desalentado com a perda do velho Stan, uma figura, a princípio, estranha me apareceu na entrada da toca com uma luz que quase me cegou, dizendo lindas palavras. A partir daí, comecei a receber lições e ouvir músicas em forma de poemas em cada instante decisivo da minha vida, o que começou um pouco antes de você nascer.

– Quem é essa figura, papai? – falou o pardal, assombrado.

– Disse que se chama Aepyornis e que é o Pássaro Supremo entre as aves, que cuida das aves de todo o planeta e que veio me trazer um alento maior. Não tive razões para duvidar disto, pois se mostrou solícito e ponderado em todos os momentos importantes. Como o velho Stan dizia, baseado em seu mestre humano: “pelo fruto, conhece-se a árvore”¹.

– Nossa, papai! Se foi bom para você, isto também pode ser bom para mim. Posso conhecê-lo?

– Bem, isto eu não sei. Acho que depende muito mais dele do que de mim e de você. O que quero dizer com isto tudo é que você deve ter fé em seu caminho, confiar em Aepyornis, que me disse que você é uma avezinha muito curiosa e que conhecerá muito sobre as coisas profundas da vida e que, aliás, esta seria a missão de sua vida.

– Que coisas profundas são essas?

– Não me aperte, passarinho atrevido. Quem sou eu para saber? – e sorriu despreocupadamente, embora estivesse agonizando

¹ Mateus 12:33.

por dentro diante do momento tão importante.

Tico o acompanhou no sorriso, embora entendesse pouco do que quisera dizer. Acompanhou profundamente as explicações do pai, mas não compreendia a dimensão do que estaria por vir.

– Papai? E por onde devo trilhar? Qual será o meu caminho? E você ficará aqui sozinho?

– Quem determinará o seu caminho é o seu coração. Aepyornis já deve tê-lo preparado. Quanto a mim, não se preocupe. Você vem me visitar de vez em quando e me contar tudo o que aprender. Sou uma velha coruja, que não consegue mais se aventurar por aí.

– Eu venho sim, papai, sempre que puder. Mas, ainda assim, estou com medo do caminho! – disse o pardal, chorando e abraçando o velho pai e sabendo que poucas vezes o veria a partir daquele dia.

As emoções emanavam forte dos corações e um momento sublime e iluminado pairou sobre as suas cabecinhas de ave. Entre suspiros e soluços de pai e filho, a voz doce novamente se manifestou, parecendo sussurrar em seus ouvidos.

*Mas vamos encontrar o caminho, todos nós
Pois somos como um rio em corredeira
Um tanto d'água em direção à foz
Procurando vencer a natureza pelas beiras
Mesmo no início tendo instinto feroz
Mas depois acariciando toda touceira
Brincando com música pra ser como a voz
Que vem do canto sereno da cachoeira*

– Que lindo, papai! Você ouviu isto?

– Foi Aepyornis, meu filho! Esta voz doce e suave é dele. Ele lhe acompanhará durante todo o seu caminho. Bom, já está na hora de você ir. Eu só lhe direi mais uma coisa.

– Pode me dizer, que estou ouvindo.

– Você não deve se preocupar exatamente com o que existe além do triângulo, mas como existem. Não deve pensar nas coisas da vida no que são, mas em como são. Um dia, você entenderá isto melhor. O que posso lhe dizer é que a região além daquela montanha faz parte do Parque das Aves, como já explicou Stan.

As palavras soaram como um refrão na cabeça de Tico: *não no que são, mas em como são*. Recebeu uma bicada de carinho do velho pai na bochecha, acenou com a ternura de quem tem a pureza no coração, bateu asas e voou.

Joca chorou. Pela segunda vez, as amargas lágrimas da vida lhe bateram à face. Desta vez, pelo menos, sabia antecipadamente que vinham por um bom motivo e, então, o sofrimento foi um pouco menor. De qualquer modo, não é fácil para o coração de um pai coruja suportar a partida de um filho, que estava agora vagando sozinho pelo mundo. A velha coruja, mais madura, abrigou-se na morada primeira por quase todo o longo dia, tentando disfarçar para si mesma a sua tristeza que só o tempo iria curar.

CAPÍTULO 6

O VALE DOS BIGUÁS

Tico sobrevoou o pináculo por algumas vezes, como se soubesse que, por um longo tempo, talvez não experimentasse esta sensação. Em seguida, depois de se exhibir um pouco para os amiguinhos de infância, tomou a coragem final e alçou um voo espiralado em direção à colina atrás da universidade, ganhando altitude aos poucos. A colina não era tão grande, mas alta o suficiente para tapar a visão do pináculo por sobre outros locais. Como o dia era bom, não havia sinal de névoas em toda a região.

No início da subida, só enxergava algo parecido com a mata da universidade, só que em posição vertical. Nenhuma novidade até então. Mas, logo, atingiu o cume e... quanta surpresa! Do outro lado, ao invés de pequenos riachinhos como os que existiam no bosque e para os quais Joca por vezes o levava, surgiu um imenso rio, que, depois, Tico chamaria de Rio das Garças, cheio de curvas e pequeninas ilhas, um santuário de garças¹ e de biguás². A vista alcançou longe, vislumbrando o horizonte montanha após montanha, verdadeiros mares de morros ininterruptos, abrigando campos enormes, algumas pequenas florestas e rios majestosos. Tico sobrevoou a região por alguns minutos e logo resolveu pousar. Não deu mais do que cinco pulinhos de pardal na vegetação rasteira,

¹ Garça-branca-grande (*Casmerodius albus egretta*).

² Biguá (*Phalacrocorax b. brasilianus*).

quando foi abordado por um grupo de pássaros mergulhões.

– Quem é você? O que faz aqui? – disse um deles.

– Vim explorar o lugar. Gosto de passear. Moro logo depois daquele morro.

– O que você é, afinal? Não costumamos ver aves da sua espécie aqui.

– Sou um pardal, e vocês, o que são?

– Somos biguás e precisamos de paz para comer. Vá embora! Não queremos mais ninguém aqui.

– Puxa! Eu queria tanto fazer amigos!

– Não queremos concorrência. Só as garças e os meus parentes podem explorar o nosso território. Vá embora!

– Mas eu vim para conhecer o mundo e como as coisas da vida são.

– Vá conhecer outro lugar – disse outro mais impaciente, arrastando o pardal com o bico. – Vá embora enquanto não lhe damos uma bicada mais forte.

Tico voou desconsolado para uma árvore na encosta contrária da mesma colina que admirava na infância, tentando ganhar forças para voar novamente. “Que bichos maus, puxa vida! Não conseguem conviver com aves de espécies diferentes!” – pensou. Preferiu não voar mais aquele dia e ficou pensando que tinha razão quando achava que o mundo era uma mistura do que falavam seus amigos e do que advertia seu pai. Mas dormiu com raiva dos biguás, das garças e de tudo o que era diferente de um pardal, de uma coruja e das espécies com as quais convivia no triângulo ou no bosque.

Na manhã seguinte, acordou meio assustado, pois pensou que estava aconchegado na morada primeira, e quase caiu do galho onde se abrigara. Imediatamente, situou-se e lembrou-se com mágoa dos biguás. Um instante depois e veio à sua mente a frase que seu pai lhe dissera na despedida e que parecia um refrão: *não o que são, mas como são*. Então, pensou, meio confuso: “mas não se conhece a árvore pelo fruto? Então, se os biguás fizeram aquilo, não seriam árvores

más?” O pardal encontrou ali uma contradição entre o que seu pai recomendou e o que ele interpretou do que o velho Stan multiplicara. Alçou vários voos por cima do rio para depois tentar pousar, mas, com medo da reação adversa, retornou. Resolveu, então, ficar ali até resolver esta questão, mesmo porque como se daria com as outras aves?

Pensou em Joca e em seus amigos de infância e sentiu vontade de voltar à sua terra natal, logo ali atrás do morro, onde não havia perigo algum e todos eram solícitos. Mas pensou também no sentimento de fracasso que poderia ter com a volta e afirmou a si mesmo, imperativamente: “não posso voltar! Tenho que honrar minha missão de pardal que meu pai me confiou! Mas também não posso ir assim, sem entender nada.” O pardalzinho medroso ficou ali por semanas, tentando entender as coisas antes de partir. Não voltava, mas também não prosseguia. E isso o estava entediando, tanto quanto o período que ficou entocado na morada primeira esperando a hora de partir.

No momento certo, quando o tédio já superava o medo e o pardal já fazia planos de voar outra vez, ouviu a voz serena da Ave Suprema, a lhe entoar a terceira lição (*A essência*), que a coruja também ouviu, ao mesmo tempo, da abertura do pináculo.

A essência divina não se encontra no mundo, mas na vida. Onde está a vida, senão dentro de cada ser? Na sua essência e não na sua aparência? Bebe da fonte pura da essência divina o ser que enxerga esta essência dentro de si e no outro.

Estas frases entraram como um turbilhão na mente do pardal e ele começou a compreender algumas coisas que ainda não tinha compreendido. As árvores boas dão bons frutos sim, mas mesmo as aves de bom coração criam uma carapaça externa dura quando entram em contato com as diferenças. Provavelmente, os biguás e as garças

viviam em uma sociedade tranquila, em que se amavam mutuamente. Mas o medo do externo fez com que tratassem mal o pardalzinho curioso, pois não lhe conheciam a essência e a recíproca também era verdadeira. Portanto, como diz o velho dito, não se pode julgar apenas pelas aparências. Na verdade, Tico reconhecia para si mesmo que buscou na aparência, a vida inteira, a explicação para todas as coisas e agora precisava operar uma mudança bastante significativa.

Ficou ali pensando no que podia fazer, na prática, para resolver o problema. A única ideia que teve foi: se estavam tão preocupados com a comida e o aparente medo do convívio era a concorrência, porque não lhes levar algum alimento? De pronto, achou um riachinho não tão próximo ao santuário dos biguás e tentou pescar alguns peixes. O máximo que conseguiu pegar com o seu biquinho diminuto foram algumas piabinhas, mas já lhe valeriam como cartão de visitas junto aos anfitriões, pelo menos era o que tentaria. Segurou bem algumas minúsculas piabas no bico, pousou na ilha-santuário e despejou os peixes no chão úmido. Os biguás olharam ressabiados e não atacaram imediatamente como da primeira vez, embora não tivessem deixado de abordar o pardal.

– O que é isso, pardal atrevido? Não falamos para você não voltar mais aqui?

Não era a primeira vez que Tico escutava esta alusão (*pardal atrevido*), pois seu pai já lhe chamara assim, em outra ocasião. Mesmo achando estranho ouvir a mesma coisa de novo, respondeu calmamente.

– São peixes que trouxe para vocês. Não são grandes, mas trago como um símbolo de amizade. Eu não me alimento de peixes, portanto, não sou um empecilho para vocês nesse sentido.

– Que passarinho abusado! Trouxe-nos peixes minúsculos – disse um deles. – E ainda nos desobedeceu – disse outro.

E ficaram debatendo, mesmo não importunando fisicamente o pardal, até que uma garça tranquila se aproximou sorrateiramente e interveio na discussão.

– Biguás, não estão vendo que este é um pobre passarinho perdido e solitário que está apenas com boa vontade de fazer amigos? Que pode ele lhes fazer? Aceitem sua amizade e ele ficará satisfeito.

Os biguás se entreolharam, analisaram tanto a fala do pardal quanto da garça e decidiram, em bando:

– Tudo bem! Você poderá ficar nosso amigo. Mas nem sonhe em chegar perto dos peixes grandes, senão lhe daremos uma bicada da qual não se esquecerá nunca!

– Está bem – sorriu o pardalzinho. E saiu satisfeito, voando pela ilha, sem ser importunado e tentando entender um pouco mais como funcionava a sociedade dos biguás.

Após o lindo pôr-do-sol do grande rio e do recolhimento dos biguás e das garças em grandes árvores de copas dispersas, foi repousar na morada provisória que escolheu no dia anterior. Fez a opção por uma toca bem no meio da árvore, que dava para um assa-peixe robusto, mas de pequena estatura¹. Após descobrir uma toca, ali permaneceu, recolhendo-se, sem inquietações, mas ainda com um pouco de mágoa dos biguás.

Eis que, no primeiro estágio do sono, surgiu a criatura sublime, iluminando todo o espaço majestosamente. A princípio, Tico pensou que pudessem ser as luzes do prédio universitário que, uma vez acesas à noite, o incomodavam de vez em quando na morada primeira. Mas, em uma segunda percepção sonolenta, percebeu que era algo bem diferente. A luz crescia diante de si e só não teve tanto medo porque seu pai já havia lhe preparado o coração para uma possível visita da Ave Suprema. E a magnífica ave se revelou, tal como para a coruja, mas desta feita não em uma situação de desespero.

– Pequeninino passarinho – disse Aepyornis, em voz quase estarrecedora, se não fosse tão doce e suave –, saiba que grandes passos podem ser dados por pequeninas patas e grandes voos por

¹ Assa-peixe (*Vernonia polyanthes*).

pequeninas asas. É o teu caso, pois tua missão é tão doce quanto tua avidez. Os percalços acontecerão, mas só depende de ti mesmo superá-los e entendê-los como boas fontes de conhecimento e de renovação.

– Completando minhas breves palavras, digo para que guardes bem: *meu pequenino pardalzinho, mesmo que voares somente perto das sombras, voa sempre com uma luz ante os olhos.*

Foi se afastando e, com ele, a grande luz que havia se formado dentro da morada de Tico. O sono não lhe deixou pensar em mais nada e dormiu sossegado, como se nada de importante o tivesse afligido naqueles dias.

CAPÍTULO 7

OS DOIS LADOS DA MONTANHA

Joca ficou tristonho durante dias seguidos, permanecendo mais dentro da morada primeira do que fora, mas, ao mesmo tempo, feliz por ter cumprido bem o que lhe fora destinado, ou seja, cuidar de uma avezinha especial que ainda descobriria muitas coisas belas nesta vida. A tristeza foi passando com o tempo, pois nada como a boa resignação, que não chegou a ser como o costume que leva uma ave aprisionada anos a se habituar à gaiola, mas como uma ave sábia que entendeu que a serenidade leva ao amadurecimento constante. Joca tivera duas perdas seguidas em poucas semanas, mas o que conquistou em termos espirituais já lhe compensara o que havia perdido, mesmo porque sabia que, no fundo, não havia tido nem uma nem outra perda de fato. De qualquer maneira, nada apagava a lembrança dos dois maiores amigos que fizera durante a sua vida: Stan e Tico.

Num átimo, a coruja olhou para o belo monte atrás da universidade e levantou um voo ascendente e rápido, em direção ao cume. Parou, se ocupou de pousar seguramente em uma pedra da crista da montanha e ergueu os olhos para as maravilhas do local. Ficou extasiado. O coração bateu muito forte, as asas tremeram e o bico mudou de cor por um instante. “Era disso que tinha medo?” – pensou. “Mas seguro estou aqui em cima.” – e lembrou-se de Tico, que estava descansando logo abaixo, na encosta contrária à

universidade, a menos de quarenta metros de onde estava.

Pensou em todas as viagens que poderia ter feito moço, mas recordou-se dos instintos solitários de sua espécie e das palavras consoladoras de Aepyornis. Reconheceu, então, os seus limites e viu que não poderia dar mais nenhum passo em direção ao mundo, pois, além de suas poucas forças o impedirem agora, descobrira que, no seu caso, realmente não precisaria de outros lugares para aproveitar as oportunidades que a vida lhe trouxer e que a fonte de conhecimentos poderia estar com ele em qualquer lugar, mesmo que somente no triângulo.

Então, soltou a reflexão mais madura de sua vida, meio sem querer e intuída pelo pensamento forte da possível presença de Aepyornis por ali: *depois de tanto voar em vão, desisti. Desisti de buscar fora o que deve existir dentro de mim mesmo. Durante muito tempo, procurei no mundo o que deveria procurar na vida. O voo mundano falhou.* E, depois de se perguntar se era ele mesmo quem tinha pensado aquilo, lembrou-se de uma frase dita há muitos anos pelo velho Stan, que significava quase a mesma coisa:

Temos de tentar ser felizes por nós mesmos. Caso contrário, se dependermos em excesso de outros para sermos felizes, sufocamos o outro ou seremos eternamente infelizes, pois ninguém é tão estável, perfeito ou presente assim. Se formos felizes por nós mesmos, o outro será apenas um feliz acréscimo em nossas vidas.

Em verdade, Joca entendeu que não é que as aves precisem ficar no mesmo lugar para obter o que querem, mesmo porque o coração e os instintos as levam a grandes distâncias, mas os olhares para o mundo devem operar para o lado interior, para a sua essência. Levando em conta as circunstâncias em que a coruja se encontrava, a sua reflexão era mais que verdadeira, tanto nas entrelinhas quanto nas

próprias linhas.

Mas nada impedia a velha coruja de admirar aquela bela região sempre que tivesse vontade. Todos os dias, entre o antigo horário da aula de Stan e o pôr-do-sol, lá estava a coruja, no cume da montanha, que se tornou um bom píncaro¹ de observação e reflexão, ainda melhor que o pináculo da torre. A inspiração do lugar levava sua mente às aulas com o velho Stan e aos passeios sempre proveitosos pelos riachos do bosque. T tamanha calma sentiu que adormeceu ali mesmo, pousado em uma pedra, como nunca havia lhe ocorrido.

Em sonho, seu pensamento viajou pelos vales do Parque das Aves que tinha acabado de conhecer, como se volitando² estivesse, de modo que se aproximasse dos rios e montanhas que seus olhares viam apenas de longe. Alguns rasantes planadores e sentiu como se, em apenas um segundo, tivesse sido transportado para outro ambiente, também calmo e sereno: aquele mesmo gramado com um jardim próximo de margaridas e flores-de-lis e um lago. Lá estava de novo o velho Stan, sentado com as criancinhas, dando-lhes lições como adultos interessados que eram em comparação com os alunos que antes tivera. Da árvore próxima, Joca ouviu uma das mais profundas lições que ouviu alguém dizer.

Insanos são os desejos do mundo. Mediocres são os interesses que movem societariamente os atos de alguns homens. Fico a perceber a razão de vida de alguns seres e, quando vislumbro sua natureza instintiva, é então que conheço o nada. Hoje respiro a esperança de ver minhas funções “inorgânicas” movidas por algo que extrapole este limite que parece inerente ao homem. Se não é para provar o contrário, para que viveria entre os homens? Se não fosse para

¹ Píncaro: cume, pináculo, crista.

² Volitando: esvoaçando, flutuando ao vento.

mergulhar com o amor no oceano da vida, por que então me constituiria uma gota com sensibilidade? Já há tempos solenemente renuncio à vida comum, como a rebeldia ao convencional coercitivo supérfluo. Como, para muitos, confundem-se a necessidade e o desejo, chamam-me de louco quando ignoro o desnecessário. Um dia, entenderão o espetáculo do anonimato espontâneo, como o ocultismo radiante do sol em eclipse, que, ao contrário de lhe subtrair o intenso brilho, o torna ainda mais evidente. Ainda não tenho forças para imaginar a absoluta força da essência divina dentro de mim, mas creio profundamente nela. Se havia trens humanos seguindo para o conhecimento da vida e a prática do amor, já os perdi. Prefiro a serenidade do andarilho despreocupado à ansiedade do passageiro temporal. Tal consciência firme me outorga a faculdade de enxergar vida no meio do nada, como luz no vácuo sem éter, uma vontade abstrata que tem na fé amorosa o seu alicerce. Uma confiança incondicional que acomoda o desejo à simples necessidade real. Eis o advento da espontaneidade, da essencial simplicidade, da sensibilidade, do amor que pulsa, irradia, move...

Ao final, Joca recebeu o primeiro aceno do velho mestre, como se agora já compreendesse de quem se tratava aquela coruja que pousava no parapeito da janela e acompanhava curiosa a sua aula. A coruja percebeu que, tanto Stan quanto os alunos para os quais dava aula tinham crescido em relação aos tempos antigos. Parecia que o velho Stan sabia muito mais do que nas aulas da universidade e as crianças que aparentavam ter oito ou nove anos humanos refletiam muito mais atentamente que muitos dos alunos universitários de

dezoito a vinte anos. Joca deu uma breve e forte piada agradecida e voou por cima da arena quatro vezes, enquanto Stan sorria com a presença alegre e até mesmo jovial da visitante alada.

De repente, aquela mesma sensação de transporte que o levou para o gramado o trouxe de volta para o cume da montanha, ainda em estado de sono-vigília. A partir deste instante, um estranho sonho o acometeu: algo com pepitas de ouro, abutres ou coisa parecida, do que não se lembrava direito no momento. Acordou assustado, tentando entender aquilo que mais parecia um pesadelo e retornou, contemplando o fim da tarde no cume do monte. Deu mais uma olhada na bela paisagem e voltou planando por sobre o pináculo, aproveitando o rasante para dar algumas voltas na torre.

Joca ficou por alguns momentos relembando a aventura e analisando ainda o que seria aquele mundo novo em sua vida, se fosse há alguns anos atrás. De repente, contraiu o seu pensamento, entendendo que a sua individualidade era aquela mesma, que suas forças e os seus instintos eram proporcionais ao seu caminho e que a disposição é dada conforme a missão que se divisa. Deixem que as aves novas e aventureiras sejam felizes com sua capacidade de ganhar o mundo, pois para Joca, a essa altura, já não fazia mais diferença estar perambulando ou não pelas redondezas. A verdadeira juventude estava já impregnada em sua alma curiosa, mesmo que o tempo e o corpo já não a brindassem com a juventude aparente. Veio em sua mente a frase de Stan, que dizia que: *um dia, entenderão o espetáculo do anonimato espontâneo, como o ocultismo radiante do sol em eclipse, que, ao contrário de lhe subtrair o intenso brilho, o torna ainda mais evidente*. Joca ficou com a impressão de que esta frase lhe dizia respeito e pensou que gostaria mesmo de um dia compreendê-la com mais profundidade.

A noite já caía mais forte e a coruja foi caçar seu alimento, tão merecido depois de um passeio ousado. Seu refatório preferido era a parede que dava para os fundos da universidade, cujas aberturas gradeadas do porão davam espaço perfeito para tocas e ninhadas de

ratos-pretos. Os pequenos mamíferos são o prato principal da dieta das corujas e elas os comem com muita satisfação, embora se alimentem também de outros seres vivos. Na mente dos estrigiformes, não passa tal compaixão, como o humano também geralmente não se importa com as refeições que incluem a carne bovina, suína, de aves e de peixes. Joca se condoía pelos galináceos por serem aves, mas, claro, não pelos roedores.

Do outro lado da montanha, Tico já dormia faz tempo, sonhando encantado com a vegetação gramínea além das matas ciliares dos rios, que lhe davam muitas sementes para a sua alimentação. Estava feliz por ter feito amizade com os biguás, embora esta amizade tenha se restringido apenas a não ser expulso do lugar, pois esses pássaros mergulhões não lhe deram muito mais atenção do que isto. As garças são mais amáveis, mas também não se misturam muito. Vivem em bandos, mas geralmente somente entre elas. Dão uma atenção piedosa a Tico, mas nada mais.

O sonho já havia se deslocado para os voos sossegados do triângulo, quando o pardal foi acordado com leves pancadas sequentes e ritmadas. “Que seria isso? Um humano cortando árvores aqui?” – logo pensou. Ficou com medo de sair do lado de fora da toca, mas, ao imaginar que pudesse ficar sem o seu esconderijo, logo botou as asas e o bico de fora. Era um pica-pau sonolento, fazendo buracos à noite para se alimentar de insetos ou larvas com sua língua longa. O pica-pau mal sabia o que estava fazendo, pois a fome e o sono se misturavam, quando foi alertado pelo anfitrião.

– Opa! Aqui não!

– Desculpe-me – disse a ave com voz grasnada, passando para a árvore seguinte.

– Que faz aqui? Não vê que as árvores podem ter dono?

Não obteve resposta, a não ser pancadas mais fortes nas árvores.

– Quem é você? – tornou a perguntar.

– Sou um pica-pau-do-campo¹! Estou caçando para comer. – disse, um pouco mais acordado.

Por um instante, o pardal achou que estivesse se portando como um biguá e se colocou no lugar do pica-pau, faminto por uma larva ou um inseto que porventura estivessem naquelas árvores.

– Desculpe-me, amigo. Achei que alguém queria tomar minha árvore. Qual é o seu nome?

– Meu nome é Chanchã² e o seu?

– Chamo-me Tico e sou um pardal. Fui criado por uma coruja, mas normalmente os pardais vivem perto dos humanos, em todos os lugares. Mas nasci em um local onde não havia outros pardais. Daí, quis conhecer outras partes do mundo e outras espécies de aves.

– Os pica-paus do campo geralmente pousam no chão, em campos ou em pastos. Vim passar uns tempos aqui nestes vales, mas os biguás não me deixaram pousar nas árvores rasteiras. Por isto, estou buscando alimento nas árvores da mata.

– Nossa, eu tive o mesmo problema! Tive que dar uns peixes para os biguás para me deixarem comer algumas sementes de grama. Mas até que eles não são tão maus como eu pensava.

– Nem pensei se são bons ou maus. Não tem alimento lá, aqui deve ter – e continuou batendo o bico forte na árvore escolhida.

– Você quer ser meu amigo, Chanchã?

– Claro, por que não? Será um prazer dividir as larvas com você. Você come larvas?

– Como sim, de vez em quando, embora prefira os insetos.

– Pegue aí! – e lançou uma larva no ar com uma rapidez impressionante, depois de ter aberto um buraco num pequeno toco de árvore.

Os novos amigos cearam juntos, apesar de tal fato não ser comum para ambas as espécies, contaram as suas aventuras e, por fim,

¹ Pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*).

² Nome vulgar do pica-pau do campo.

deram os seus testemunhos do porquê estavam ali, nas encostas daquele vale dominado por aves maiores. O sono finalmente chegou e Tico convidou Chanchã para se acomodar em sua toca até arrumar um esconderijo melhor do que o que encontrara até então. Mas, percebendo que a toca era pequena demais para os seus trinta centímetros, recusou a oferta e pousou dentro do assa-peixe com relativa tranquilidade. Dormiram bastante e acordaram apenas no meio da manhã seguinte, o que era também bastante incomum.

Passaram o dia caçando insetos e larvas juntos e, certa hora, Tico sentiu vontade de mostrar ao pica-pau o lugar onde nasceu de cima da montanha, de onde se podia ver dos dois lados. Chanchã aceitou a oferta e voou com ele até o cume. Observou atentamente tudo o que o amigo mostrava e satisfez com prazer a sua curiosidade acerca do triângulo tão comentado por Tico. Mostrou-lhe o pináculo, a toca onde se recolhia quando estava triste e o telhado da universidade onde encontrava as ararinhas, os papagaios e os periquitos. Já vinha se desenhando o pôr-do-sol no horizonte quando uma sombra passou por cima de suas cabeças e pousou por trás de suas asas.

– Olha quem eu encontrei por aqui!

– Papai! Que saudade! – gritou Tico, voando para debaixo das asas da coruja.

– Eu também, filho. Vejo que arrumou um amigo.

– Papai, este é Chanchã, ele é um pica-pau do campo!

– Dá para se ver, pelo tamanho. Geralmente, os pica-paus das matas são bem menores. Havia alguns no bosque. Muito prazer, Chanchã!

– Muito prazer, senhor Joca. Tico me falou muito do senhor. Ele o admira muito. E vejo agora o porquê.

– O prazer é todo meu, amigo pica-pau! Se for amigo do meu filho, é meu também!

Nisto, percebendo que a conversa já estava se direcionando para um colóquio reservado entre pai e filho, o pica-pau foi se afastando lentamente e jogou seu corpo do cume da montanha para

planar um pouco antes de se recolher para uma boa noite de descanso, já que ele e o novo amigo pouco dormiram na noite anterior. Enquanto isso, o encontro feliz entre pai e filho já tomava um tom mais confidencial.

– Pois é, filho. Que surpresa vê-lo aqui. Eu venho aqui todos os dias ver o pôr-do-sol e imaginar por onde você estaria.

– Pois estou bem aqui, papai! Naquela árvore, abaixo de nós alguns metros.

– E nem vem visitar seu velho pai, heim?

– Eu quase voltei, pai, quando tive uns problemas com os biguás. Mas achei que seria um ato covarde da minha parte e não quis voltar.

– Bobagem! Visitar o seu pai de vez em quando não significa voltar de todo para casa ou sofrer alguma frustração. Mas, se isso simboliza para você um retorno, então o problema já está resolvido. Venho aqui todos os dias. É só você vir aqui me contar as suas novidades.

– Tudo bem, papai! Está combinado.

– Mas, conte-me, o que aconteceu com os biguás?

Tico ficou um bom tempo explicando ao pai o que havia acontecido e como tinha resolvido o problema e a satisfação de pai tomou conta da alma da coruja.

– Muito bem, meu filho. É com amor e sabedoria que resolvemos todas as questões. Veja bem estas palavras: amor e sabedoria.

– Sim, papai. Estou aprendendo muito por aqui. E você, o que tem feito?

– Bem, além de ficar triste com a sua partida e sonhar de vez em quando com o velho Stan, tive um pesadelo um pouco estranho ontem, do qual não me lembro direito. Espera um pouco, de falar estou me lembrando...

O pardal ficou curioso, pois nunca tinha visto o pai vacilar em todo este tempo de convívio. Sabia que a coruja estava diferente e que

um brilho novo refulgia em seus olhos, como se tivesse descoberto um novo universo cheio de luz.

– Bem, acho que me lembrei.

– Então, diga, papai, estou curioso!

– Estava aqui ontem refletindo, quando tive um sonho bastante profundo. Eu tinha, em minha posse, algumas pepitas de ouro, as quais guardava firmemente embaixo da minha asa direita bem recolhida. Minha satisfação era demasiadamente tanta que deixei espalhar aos ouvidos alheios o meu tesouro. Logo me vi cercado de aves em forma deplorável, com sede de abutre, instigando-me a entregar-lhes as minhas pepitas. Resisti fortemente, mas fui perdendo, aos poucos, tudo o que possuía de conquistas na vida. Infernizaram-me até que perdi a liberdade de viver. Como a liberdade é a maior coisa que prezo, cedi, em estado de agonia, e abri a minha asa direita. Quando a estendi, grande surpresa para mim e desilusão para os demais: as pepitas haviam se transformado em farelos de pão e voaram ao primeiro vento que por ali passara. Senti-me aliviado, ao mesmo tempo em que me vi consolando aqueles que, menos deploráveis do que de início e como que murchos, ouviam minhas ideias de que as coisas do Infinito valem mais que as efêmeras. Nossa, estou maravilhado com a mensagem que recebi e da qual me dei conta somente agora.

– Que bonito, papai! Quero ter sonhos como esses que o senhor anda tendo!

– Terá, pardalzinho, Terá! No momento certo. Agora, você não está precisando, pois suas aventuras lhe dão o que precisa!

– Mal posso esperar!

– Tenha calma que um dia tudo virá. Aliás, muito mais para você do que para mim, creio. Mas já está ficando tarde. Mande lembranças minhas para o seu amiguinho.

– Mando sim, papai. Já está ficando tarde mesmo! E estou com um sono danado.

– A gente se encontra amanhã? Estou aqui todos os dias,

chego um pouco antes do pôr-do-sol.

– Está certo! Estou mais feliz agora que revi o senhor. Amanhã, conto-lhe mais novidades.

E voaram felizes as duas aves para as suas tocas, uma próxima à encosta da universidade e outra na encosta do vale. A mesma montanha, mas com histórias muito distintas, com personagens bastante diferentes. Em comum, apenas a vontade de seguir adiante e conhecer as coisas profundas da vida, seja de que jeito for.

CAPÍTULO 8

A ASA DIREITA

Logo de manhã, Tico acordou decidido a mostrar o seu novo amigo aos biguás e às garças. Convenceu o pica-pau de que os biguás mereciam uma nova oportunidade e de que não eram tão carrancudos como de início se mostravam. Chanchã, então, se mostrou motivado a fazer novos amigos e enxergar os biguás com outros olhos.

– Biguás! – chamou Tico. – Este é meu amigo, venham ver.

Os mergulhões entreolharam-se, furiosos, e logo exclamaram:

– Que pardal atrevido! Não dissemos que não queríamos concorrência? E esse pica-pau inconveniente, já não lhe falamos para ficar longe daqui?

– Mas ele não come peixes e também quer fazer amigos. Não se lembra do que a garça disse? – Tico retrucou.

Os biguás olharam bem nos olhos das garças que estavam próximas dali e voltaram os olhos para os dois amigos.

– Passarinho insolente! Se você traz um amigo hoje, outro amanhã e outro depois de manhã, no mês que vem nosso vale já estará tomado de aves bisbilhoteiras e não haverá comida para todos!

– Com isto, concordamos! – disseram as garças, com um olhar sério de reprovação para a presença de Chanchã.

– Mas sejam compreensivos! Não queremos atrapalhar – ainda tentou Tico.

– Sem mais mexericos! Vá embora com o seu amigo e só volte aqui quando estiver sozinho! Se não quiser assim, nunca mais

seremos amigos! – respondeu um dos biguás.

Ao ouvir as palavras pouco doces dos donos do vale, Chanchã voou desesperadamente para onde lhe apontava o bico, entrando na mata da encosta da montanha no primeiro lugar onde podia. O pica-pau não era de discutir. Se não estava bom ali, partia logo para outro lugar. Claro que ficou chateado e, por isso voou tão rapidamente para curtir a sua tristeza, da qual os pica-paus do campo se recuperam facilmente. Como voam mais rápido que os pardais, Chanchã deixou Tico para trás e sumiu no meio da mata.

Tico voou atrás o mais ligeiro que podia, mas não reparou que estava voando tal como aqueles seus voos ansiosos e desprevenidos de tenra infância. Trombou com um galho de árvore e quebrou inesperadamente a asinha direita. O tombo foi inevitável. O pardal caiu em queda espiralada direto para o chão. Doía muito, mas ainda conseguiu levantar um voo tímido e torto, o que lhe permitiu ir até a sua toca, com muito sofrimento. E ali ficou durante algum tempo, bastante amargurado e ainda se sentindo culpado por ter levado o amigo no santuário dos biguás.

Começou, então, a pensar nas consequências do acidente. “Como voar? – eis seu drama. “Como explicar a todos que não podia fazer a coisa mais bela e própria das aves? Era demonstrar fraqueza” – pensou. “Todos iriam sentir pena ou caçar” – imaginou. Resolveu, então, esconder sua fragilidade momentânea. Foi quando chegou o pica-pau, todo ansioso.

– E aí, Tico, vamos caçar larvas?

– Ora, ora! Eu preocupado se você estava arrasado e você está querendo caçar?

– Eu nem liguei muito para aquilo. Já sabia como os biguás eram. Foi somente na hora que fiquei chateado. Agora, já passou. Vamos?

– Ah, não! Estou chateado comigo mesmo! Ficarei aqui para refletir. Por favor, diga a meu pai que hoje estou meditando. Ele sobe ao cume todos os dias no pôr-do-sol.

– Tudo bem, eu aviso. Se você não quiser caçar larvas hoje, vou sozinho. Até mais ver, pardal!

– Até mais, Chanchã!

Tico segurou para não chorar enquanto falava. A dor era muita e a frustração de não poder voar lhe consumia o coração. Sentia-se como se a vida estivesse sendo interrompida ali. Tanta juventude, um vale inteiro para conhecer, muitas amizades para fazer e ele ali, ferido e envergonhado.

No fim do dia, quando o sol já se escondia, o pica-pau subiu ao cume da montanha e deu a notícia à coruja ansiosa.

– Olá, senhor Joca! Tudo bem com o senhor?

– Tudo bem, *senhor* pica-pau! Mas cadê o meu filho?

– Olha! Tivemos uns problemas com os biguás e ele ficou muito chateado, muito mais chateado do que eu, que fui o pivô da briga.

– Briga?

– Sim, mas foi apenas uma discussão, não houve nada de fato. Eles apenas não me queriam lá, apenas o pardal. Acharam que, se viessem mais e mais aves, acabariam com a sua comida. O senhor não precisa se preocupar, foi somente isto que houve. Ele pediu para avisar que está meditando.

– Estranho, acho que isto não seria razão para ele não vir até aqui, se bem conheço meu filho. Mas tudo bem, vou deixá-lo meditar, já que é a sua vontade. Até outro dia, pica-pau!

– Até, senhor Joca!

As aves, então, se recolheram. No outro dia, logo que a manhã surgiu, o pica-pau tornou a bater o bico na entrada da toca do pardal.

– Bom dia, Tico! Vamos caçar larvas?

– Estou meditando, Chanchã.

– Meditando ainda? Até seu pai achou estranho você ficar meditando por causa daquilo.

– Você contou a ele?

– Claro! Fui dar o seu recado e contei, porque fiquei

preocupado.

– Então, está bem, vou lhe confessar. Eu não queria contar, mas fiquei com vergonha. Eu estou com medo de altura depois daquela discussão e, ainda por cima, estou com a sensação de que um bando de gaviões andou rondando minha árvore esta noite.

– Heim? – estranhou o pica-pau.

– É isso mesmo. E não vou repetir. Deixe-me quietinho hoje, Chanchã, acho que amanhã estarei melhor.

Que monte de desculpas havia inventado! À coruja, explicou uma necessidade de meditar. Ao pica-pau, inventou um súbito e passageiro medo de altura e alegou a notícia de um bando de gaviões rondando sua árvore. Tudo isso para esconder uma coisa tão simples, mas de pueril importância para o pequeno pardal. Passavam os dias e Tico cada dia mais triste. O pica-pau nem mais o incomodava, mas consultou a coruja no cume da montanha e esta, sabendo que não havia gaviões ali e que pardal nunca tem medo de altura, o recomendou fazer mais uma visita. O pica-pau mais uma vez bateu o bico na entrada da toca.

– Tem alguém aí?

– Bem, tem um pardal medroso e doente aqui.

– E mentiroso também!

– Mentiroso por quê?

– Ora, porque não há gaviões nesta mata e pardal não tem medo de altura.

Tão triste ficou Tico diante daquelas palavras que, aos poucos, a tristeza foi superando a necessidade de esconder o seu ferimento. Até que não aguentou mais e o choro desabou.

– Está bem, Chanchã. Eu não estou aguentando mais a dor. Quando fui atrás de você na entrada da mata, bati num galho de árvore e quebrei a asa.

– E você arrumou esta confusão toda apenas porque quebrou a asa? Olhe bem para mim, pardal. Está vendo estas penas fora do lugar? – disse o pica-pau, levantando a asa e mostrando a parte de

baixo do membro. – Já machuquei a asa aqui três vezes. E, nem por isso, me enfurei em uma toca até morrer de tristeza. Deixe-me ver isto: nossa, não está bom, ainda mais que você ficou dias com a asa doendo. Por que não me disse antes?

O pardal não respondeu. O pica-pau, então, sabendo que uma das garças havia defendido Tico uma vez, desafiou a ordem dos biguás e voou diretamente para a árvore em que as garças já estavam recolhidas, adiantando o ocorrido.

– O pardal quebrou a asa e está chorando. Se são amigas dele, deem um jeito.

A garça defensora respondeu, ainda meio dormindo.

– Onde está ele?

– Eu a levo até ele, vamos!

Voaram ambos para a entrada da mata e a garça foi até a toca de um canário-do-mato e gritou.

– Furriel¹! Temos serviço!

O canário, sonolento, botou o biquinho para fora de sua toca e perguntou, meio perdido.

– Onde, onde?

– Aqui, perto, sanhaço², vamos logo!

Tico e Chanchã não sabiam, mas a garça defensora era famosa no vale por sua paciência e alguns dotes de medicina das aves. O pica-pau achou aquilo tudo muito contraditório, porque a garça não o queria no campo. A grande ave parece ter adivinhado seu pensamento quando sussurrou baixinho.

– Olhe! Não me leve a mal por causa daquele dia, mas os biguás tinham razão. Se o vale se encher de aves, a comida não vai sustentar toda a sociedade de biguás e garças e estas espécies não se

¹ Canário-do-mato (*Caryothraustes canadensis brasiliensis*), subespécie do furriel (*Caryothraustes canadensis*).

² Sanhaço é utilizado erroneamente para designar o canário-do-mato, pois o sanhaço-de-fogo (*Piranga flava saira*) confunde-se com o canário-do-mato (*Caryothraustes canadensis brasiliensis*).

misturam muito. Não tenho nada contra você, mas tenho que pensar na minha comunidade. Se fosse apenas por mim, você seria muito bem-vindo. Fizemos uma exceção para o pardal porque, além de muito pequeno, estava meio perdido e não tem forças para apanhar nenhum peixe grande.

– Tudo bem, dona garça, não se preocupe comigo. Preocupe-se com o nosso amigo, cuja toca está chegando aí.

– Dona garça, não, por favor! Meu nome é Karkia¹, pode me chamar assim.

– Está certo, *dona* Karkia.

Se não fosse pelo pardal que acabara de ver e que estava ali, encostado num canto da toca, tinha bicado com força o pica-pau pelo *dona*. Mas um dever maior lhe chamava naquele momento.

– O que foi, querido pardal? – indagou a agora tranquila garça.

– Eu quebrei a asa, *dona* garça! Está doendo muito.

– Meu Deus, vocês só me chamam de *dona*? Meu nome é Karkia, ouviu, pardal? E somente Karkia! – disse, lançando um olhar acentuado para o pica-pau.

– Está bem, Karkia – concordou Tico –, mas me ajude, por favor.

– Já vou ver. Levante esta asa, por obséquio.

– Não, está doendo muito.

– Ora, mas tenho que cuidar de você.

A garça, toda cuidadosa, esticou o longo bico, levantou a asinha do doente e viu que a fratura não era assim tão grave como pintou o pica-pau, mas já enfrentava o início de um processo de cicatrização.

– Por que não me chamou antes? – perguntou-lhe Karkia.

Novamente nenhuma foi a resposta do paciente, entendendo, calado, que só adiara a volta às suas peripécias aladas. A garça, com a

¹ Forma pré-romana utilizada para designar a garça.

ajuda do canário construtor de ninhos, foi fazendo um curativo no choroço pardalzinho e colocou uma tala com gravetos de assa-peixe para que a fratura pudesse cicatrizar mais corretamente.

– Pronto! Mais alguns dias de castigo e tudo estará bem. Desta você escapou, pardal. Mas, da próxima vez, veja se me avisa na hora do acidente, ouviu bem? Uma vez, fui avisada por uma perdiz insegura assim como você duas semanas depois do acidente e ela ficou aleijada, sem jamais poder voar alto outra vez. Preste atenção a partir de agora e cuide bem do seu corpo.

– Eu ouvi, Karkia, muito obrigado. Isto nunca mais acontecerá! Muito obrigado também ao moço aí, o canário. Qual o seu nome?

– Furriel, ao seu dispor! Moro bem pertinho de você, umas quinze árvores adiante. O pica-pau sabe onde é a minha casa. Depois, volto para ver como está o curativo e, se quiser, podemos ficar amigos.

– Claro! Será um prazer!

– Venha, pica-pau! – disse a garça. – Vamos deixar este passarinho descuidado pensar um pouco na vida e dormir. Amanhã, você conversa com ele. Vamos também, Furriel?

Tico pensou, com toda a firmeza do mundo, como se dissesse para si mesmo: “nunca mais vou esconder nada! É uma promessa!”.

E a garça completou de lá, como se adivinhasse o pensamento do pardal: “... até que um novo universo de vida lhe encha os olhos inseguros”.

CAPÍTULO 9

ETERNA AMIZADE

Tico dormiu completamente envergonhado do que fizera e Joca profundamente preocupado com o filho. Já sabia, no íntimo, que o pardalzinho passaria por momentos assim, mas mentir nunca fez parte de seu comportamento, embora sempre omitisse muitos sentimentos diante do turbilhão de emoções que sempre acontece em grandes transições. Era uma dificuldade que Tico nutria. Acostumara-se tanto a se entocar na morada primeira nos momentos de dificuldade que até hoje, em qualquer lugar, refugia-se em uma caverna interior todas as vezes que passa por uma dificuldade, tornando-se inacessível a qualquer outro ser. Mas Joca entendia também que a própria vida do pardal se encarregaria de resolver este problema.

No dia seguinte, bem de manhãzinha, enquanto Joca ainda dormia o seu sono matutino, encontraram-se, por acaso, o canário e o pica-pau bem na entrada da toca em que o pardal convalescia.

– Olá, Furriel! Tudo bem contigo?

– Tudo bem, Chanchã! É este o seu nome mesmo, não é?

– Isto, isto mesmo! Você veio ver o nosso amigo pardal, não?

– Sim! A garça me recomendou vir aqui todos os dias, durante uma semana.

– Já que você falou da garça, deixe-me perguntar-lhe uma coisa com que fiquei muito curioso ontem.

– Pode perguntar, pica-pau.

– Como uma garça que vive somente neste vale conhece tanta

coisa sobre a medicina das aves? Não é de se admirar?

– É de se admirar sim! Mas engano seu que aquela garça vive somente aqui. Karkia conhece muitas lagoas, charcos, rios e praias. É a única garça da comunidade que viaja grandes distâncias de vez em quando.

– Está certo! Mas como ela conheceu a medicina?

– A medicina foi coisa da mãe dela, que aprendeu com a avó dela, que aprendeu com os pelicanos do Leste, que não sei mais com quem aprenderam. A família dela é muito viajada e ela preferiu viver aqui, depois que a mãe morreu.

– Puxa! Quem vê assim, não imagina tudo isto. Bem se vê que Karkia é uma garça diferente, mas não pensava que era tanto. Ela é bem simples pelo tanto que sabe.

– Quanto mais sábia uma ave, menos ela tem necessidade de se mostrar, pica-pau! O orgulho é para os ignorantes e fracos e eles são imensa maioria entre as aves.

– Nossa! Vejo que você também ficou sábio de tanto andar com ela, não é mesmo, senhor canário? – e sorriu com sua voz grasnada, arrancando um sorriso tímido do bico de Furriel.

E, nesse momento, uma voz desafiante e rouca veio de algum lugar bem perto.

– Ei, vocês aí, parem de falar alto! Estão atrapalhando meu sono! – era o pardal, que havia acabado de acordar e não estava com cara de bons amigos.

– Meia volta! Volto amanhã! – disse o pica-pau, ameaçando alçar voo.

– Que isto, Chanchã! Vai dar crédito a esse pardal bobo? Vamos entrar! Ele que se vire com o possível incômodo da nossa visita. Viemos ajudá-lo, não é mesmo?

– É verdade! Você tem razão. Até que essa cara negra em cima desse peito amarelo serve para alguma coisa! – caçoou o pica-pau.

– Olhe quem está dizendo! Você é quase igualzinho a mim!

Só que porque tem uma faixinha amarela perto dos olhos? Está parecendo mais um pintassilgo¹! – retrucou o canário.

E os dois amigos recentes se divertiam com boas gargalhadas enquanto entravam na toca do pardal.

– Olhe quem está aí com cara de quem precisava dormir mais uma semana! – brincou o pica-pau.

– Estava precisando era de voar durante pelo menos uma semana sem parar! – reclamou Tico.

– Ora, ora! E não é que o pardal está reclamando dele mesmo? Pois não foi você quem ficou dias aí dentro sem querer falar com ninguém, esperando uma melhora milagrosa? – disparou o canário.

– Ai, desculpem-me, desculpem-me o mau-humor! – murchou o pardal. – Mas é porque não aguento mais ficar aqui. Sei que a culpa é minha mesmo, mas não tem um modo mais rápido disto melhorar?

– O pior é que não tem! – disse Furriel. – Terá que ficar de castigo aí e me aturar durante mais uma semana. São ordens de Karkia e aviso que não é muito bom descumpri-las, está bem?

– Eu sei! – disse o pardal, lembrando-se do caso da perdiz. – Porque, senão, nunca mais voltarei a voar alto. Eu sei!

– Mas veja por um bom lado! Você ganhou mais um amigo. E um amigo sábio, bem se vê, apesar de ter a cara um tanto esquisita! – brincou Chanchã, apontando a ponta da asa para o canário. – E uma boa ave também! – completou a tempo o pica-pau.

– Sim, mais uma vez você tem razão, Chanchã – refletiu Tico. Preciso aprender a ver tudo com outros olhos, sempre pelo lado bom.

– Isto mesmo! – interferiu Furriel, levantando a asinha do pardal. – Teremos que fazer um novo curativo aqui, pois a garça teve que ferir novamente o que já estava cicatrizado e saiu um pouco de sangue. Acho que, depois deste, só mais um durará todo o resto da semana!

Enquanto o canário trabalhava e o pica-pau observava

¹ Pintassilgo ou pintassilgo-do-campo (*Spinus magellanicus ictericus*).

atentamente o amigo em suas intervenções hábeis, Tico lembrou-se de seu pai e o quanto ele devia estar preocupado com tudo. Esconder-se na toca com a coruja por perto era fácil, mas longe dela tudo era mais difícil e o amor era crescente a cada dia, mesmo porque agora reconhecia o valor do pai como nunca antes pensara. Num átimo, levantou o bico e perguntou ao pica-pau.

– Você se lembrou de avisar meu pai, Chanchã?

– Ih, eu me esqueci! Ontem ele iria no cume no pôr-do-sol, não é?

– Todos os dias ele vai ao cume, pica-pau!

– Desculpe-me! Mas também eu não iria se você não me pedisse, pois a última vez você me fez mentir para ele.

– Desculpe-me mais uma vez. Desse jeito, vou pedir desculpas para o resto da minha vida! – disse o pardal, olhando triste para o chão da toca.

– Não precisa mais se desculpar, só não me peça mais para mentir.

– Está bem! E chega desta conversa, não é? Só lhe peço para levar notícias verdadeiras ao meu pai hoje, tudo bem?

– Claro! Para que servem os amigos senão para ajudar nas horas certas? Conte comigo!

E ficaram ali, descontraídos, trocando doces farpas adolescentes, que pareciam denotar uma briga para quem não entendia que estavam ficando tão amigos.

Neste exato momento, Joca acordou, depois de um sono inquieto, e logo se pôs para fora da morada primeira, buscando o alento da bela vista que o pináculo proporcionava. Ali, lembrou-se dos maravilhosos momentos que tinha passado na vida, como os primeiros passeios no bosque, os longos rodopios ao redor da torre e o parapeito tão consolador da janela do velho amigo. Quando se deu por conta, seus olhos estavam turvos e sua mente embaralhada já estava sendo levada para o campo de margaridas e flores-de-lis, que agora já estava se tornando uma paisagem comum. Mais alguns segundos de mente

confusa e lá estava o velho Stan, menos calvo e mais remoçado, batendo papo com suas crianças curiosas.

A coruja começava a entender que estava recebendo uma maravilhosa recompensa pelos seus dias de busca incessante por conhecimento, sempre impedida, a contragosto, pelo seu instinto introspectivo ou pelos contratempos inevitáveis da vida. Começava a perceber a magnitude das ações de seres supremos sobre os indivíduos mais humildes. Deixava-se levar para um mundo de reflexão, em que mergulhava em tudo quanto não fizera em sua vida solitária de coruja. Fez-se pousar na árvore próxima e ouvir o sábio amigo a falar, como se discorresse com adultos.

– Hoje, comentarei sobre a grandiosidade da fé. Prestem atenção!

A fé é muito, muito mais que religião. Aliás, ousa dizer que a fé não é religião, ela transcende e esmaga o conceito simples, dogmático e sectário de religião. Enquanto a religião particulariza e limita a ideia de fé, a verdadeira fé sublima qualquer convenção. Que existam as religiões, pois são úteis e importantes em certo passo, mas que não sejam a essência da fé.

A fé é tão espetacular que consegue ser universal e individual ao mesmo tempo, desde que se vislumbre apenas a sua essência aconventional.

A boa e pura fé não é nem pode ser simplesmente cega ou simplesmente raciocinada. A fé deve ser sublimada. Enquanto a primeira acredita em tudo que lhe contar qualquer dos sentidos, a segunda acredita somente no que toca todos os sentidos. Não existe verdadeira e plena fé nos extremos, somente uma fé parcial.

A fé sublimada não precisa de sentidos para

acontecer, ou seja, nem sensação nem razão. Ela acontece com o sentimento. É uma mistura de certeza com amor, de confiança com resignação.

A verdadeira fé consegue vislumbrar serenamente o futuro. Ela consegue senti-lo não somente como mero fruto da observação repetida, mas como resultado de uma lei divina sem falhas.

Como ao subir de uma montanha e identificar as ruas de uma cidade, a fé sublimada consegue observar, com exatidão, muitos pequenos problemas da vida sem precisar cultivar tantos conceitos racionais.

A fé é poderosa, pois cura as ansiedades da alma. Na verdade, a ansiedade é filha da ausência de fé. À medida que a fé sublimada toma conta do ser, vão desaparecendo as dúvidas e os conflitos e as ansiedades dão lugar a um relativo equilíbrio.

Nossa. Parecia que o velho Stan estava cada vez melhor. Falando com bem mais consciência e certeza do que antes e com uma eloquência invejável. As crianças internalizavam aquelas ideias e pareciam aproveitar cada palavra do que Stanislaw dizia. Sua didática e a sua capacidade de persuasão eram tamanhas que raramente era interrompido. Como aprendera a quase colocar música na voz como Aepyornis, Joca não sabia, mas o tipo mais doce do amigo lhe agradou muito.

Recebeu um aceno amável, mas, desta vez, não teve forças para responder nem para voar em volta da árvore, talvez por causa das fortes inquietações de sua mente na noite anterior. A preocupação com o filho não o deixava viajar tão serenamente como em outras vezes. Voltava agora à abertura do pináculo, de onde não saiu fisicamente, e começou a revolver as lições da mensagem. Precisava meditar muito ainda sobre a fé, que é uma questão relativamente nova para ele. Mas

Joca teve condições de entender que a fé está muito mais atrelada à confiança no futuro e à certeza de um bom caminho do que propriamente a uma seita ou a uma pessoa específica, por melhores que sejam os mensageiros divinos. São bons modelos, sim, mas não são a própria essência divina, embora a carreguem dentro de si. Sem se dar conta, começava a vislumbrar o início de uma resposta às antigas questões tornadas confusas com a chegada de Aepyornis.

A coruja tranquilizou-se um pouco e parte das inquietações se foram. O dia ficou mais velho e a espera ansiosa pelo pôr-do-sol ficou mais suportável. Até que chegou o momento esperado e Joca voou para o cume da montanha, bastante esperançoso. Ficou ali por alguns minutos, maravilhado com as cores maravilhosamente empalidecidas pelo ocaso solar, até que avistou dois pares de asas se dirigindo para o alto. Sumiram da vista da coruja por um instante, enquanto alcançavam o ponto mais alto da encosta, e ali estavam um pica-pau-do-campo e, inesperadamente, um canário-do-mato.

– Olá, senhor Joca! Tudo bem com o senhor? – disse o pica-pau metodicamente, sempre repetindo o discurso.

– Tudo bem, *senhor* pica-pau! Vejo que trouxe um amigo! – rebateu a coruja, também repetindo propositadamente a sua fala.

– Este é Furriel, senhor Joca, um bom canário-do-mato. Ficamos todos amigos, eu, ele e Tico.

– Boa tarde, *senhor* Furriel! Você já chegou com boas recomendações de Chanchã. Deve ser uma boa ave, certamente.

– Boa tarde, senhor Joca, muito obrigado pelo elogio. Mas ficamos preocupados com seu filho.

– Eu também fiquei muito preocupado, mas ocorreu algo mais grave? Ele disse que estava meditando e achei estranho ter me contado uma mentira. Pedi a Chanchã que o visitasse, mas vocês vieram somente hoje.

– Desculpe-me, senhor Joca – respondeu o pica-pau. – Mas não queria ser novamente um portador de mentiras. Preferi que Tico me pedisse novamente para vir falar com o senhor, de modo mais

verdadeiro. Vou lhe contar, então, o que houve.

– Conte-me logo, *senhor pica-pau-do-campo!* Não me mate de ansiedade.

Chanchã contou-lhe com detalhes todo o ocorrido, desde a tentativa de fazer mais uma amizade com os biguás, passando pela trombada de Tico com a árvore até os dias de entocamento e a visita da garça. O pica-pau não é de tecer muitos pormenores, mas, desta vez, para a surpresa do canário, a história foi longa. Ao final da narrativa, finalmente a coruja se pronunciou.

– Bem, fico feliz pelo fato de que parece que meu filho está em boas mãos. Uma garça sábia, um canário cuidadoso e um pica-pau sempre alerta. Meu filho está bem acompanhado, pelo que vejo.

– Também ficamos felizes, *senhor Joca.* – disse Furriel. – estamos ficando muito amigos, pois as redondezas pertencem aos biguás e às garças e, em nosso pequeno *habitat* na mata, havia um pica-pau perdido, um pardal triste e um canário solitário. Foi bom para todos este encontro. Se depender de nós, Tico ficará sempre bem.

– Faça votos para que isto aconteça. Quando é que meu filho poderá me ver?

– A garça disse que dentro de uma semana! – disse Chanchã.
– É o tempo para ele se recuperar, já que demorou a pedir auxílio. Mas, agora, fica até mais fácil, pois Furriel mora há quinze árvores de distância da toca de Tico.

– Mas só não entendi uma coisa! – continuou o pica-pau, olhando para o canário. – Como você virou ajudante de Karkia?

– Ora! Ela costuma vir aqui de vez em quando até o cume do monte para meditar e enxergar o vale e outras montanhas para ver para onde viajará. Numa dessas vezes, pousou na mata e foi assim que nos conhecemos. Ela me contou sobre seus dotes de medicina e eu me propus a ajudar, já que tenho facilidade de construir ninhos. Fazer curativos é moleza perto dos ninhos que já construí.

– A cada dia, descubro mais uma coisa misteriosa neste vale, *senhor Joca* – confessou Chanchã. – É muita história para um pica-pau

só em tão pouco tempo.

– E muito mais para uma coruja que nunca se acostumou a ter contato com ninguém. Olha o que não faz o amor de um pai por um filho. Mas foi muito bom conhecer vocês e as suas histórias e espero que continuemos amigos, assim como peço que continuem sendo companheiros de Tico.

– Claro que seremos – afirmou Furriel, fazendo o gesto vertical com a cabeça. – Boas amizades são para sempre.

– Isto mesmo! Agora vão, pois já está tarde para vocês. O sol já se pôs faz tempo e não quero atrapalhar o seu sono.

– Boa noite, senhor Joca. Até outro dia! – acenou Chanchã.

– Boa noite! – repetiu Furriel.

– Boa noite, amigos! – disse a coruja, voando montanha abaixo até se entregar ao aparente penhasco do seu lado da montanha, planando levemente.

Os dois amigos também se recolheram, cada qual para a sua morada. Até aquele dia, o pica-pau não tinha arrumado uma toca decente. Havia se alojado em uma junção de galhos no centro do assa-peixe e por ali ficou, protegido do vento e da chuva. Embora ele e o canário tivessem uma plumagem de cores parecidas, eram diferentes pelo tamanho do corpo e do bico e pela personalidade.

O pica-pau não se incomodava muito com detalhes e isto se refletia em suas relações com outras aves e em suas palavras, que eram pronunciadas somente se estritamente necessário. A exceção era feita com aqueles com quem convivia mais proximamente, para quem o coração desmanchava aquela aparente introspecção. A sua voz grasnada contribuía muito para a sua pouca sociabilidade, pois, no início da relação, pouco se entendia dos sons que emitia. Por isto mesmo, quando falava alguma coisa, era em tom sempre um pouco mais alto e as palavras saíam mais rápidas do que de costume em outras aves. Era bastante agitado e impaciente como todo pica-pau, mas, quando se dava para amar um semelhante, se entregava. E o bom convívio com o canário e com o pardal estava deixando Chanchã um

pouco mais à vontade para se abrir ainda mais, embora nunca abandonasse as suas peculiaridades.

O canário era bem diferente. Mais doce e calmo, era bastante cuidadoso e detalhista, mas, ao mesmo tempo, muito desligado. Havia momentos em que parecia viver em outra esfera e seu pensamento parecia vagar bem longe. Às vezes, era preciso chamar o “sanhaço” pelo nome para que se sintonizasse dentro da realidade. No entanto, era uma boa ave e era muito dedicado a quem quer que fosse, sempre atendendo aos pedidos da garça para qualquer ave da redondeza, até mesmo os biguás. Nunca falava com eles, apenas acompanhava a garça e fazia-lhes os curativos. Era permitido que Furriel fosse ao santuário apenas nesses momentos e porque a garça garantiu que a avezinha se alimentava apenas de frutos, nunca de peixes. De qualquer modo, sentia falta de um convívio mais próximo com aves de seu porte.

A mata da encosta da montanha (que depois seria chamada pelos amigos simplesmente de Mata da Encosta) era para ser um bom *habitat* para as aves pequenas, mas a proximidade com o Vale dos Biguás espantava aquelas que gostavam de voar pelas redondezas. Somente personalidades mais particulares como as dos três amigos poderiam justificar a sua estadia ali por longo tempo. Um não se importava muito com relacionamentos, outro era muito distraído e afastado e ainda outro se entocava nos momentos de dificuldade. Era assim que os três amigos tinham seus laços atados e construía uma amizade que duraria uma vida inteira.

CAPÍTULO 10

A CORRUÍRA EFÊMERA

O dia seguinte amanheceu chuvoso e um canto diferente e belo foi ouvido longe. Os amigos de Tico estranharam, pois as aves canoras realmente não eram muito comuns ali. Deixaram a curiosidade de lado e, como acordaram um pouco mais tarde porque o dia continuara escuro, chegaram alguns minutos depois na toca do pardal do que de costume. Encontraram a ave chorando, em soluços breves e compassados, como se o mundo tivesse acabado.

– Que foi, pardal? Está triste outra vez? – perguntou o canário.

– Sonhei que meu pai morreu. Estou com medo, muito medo!

– Que isso, Tico! – grasnou o pica-pau. – Que bobagem! Seu pai deve estar lá na toca dele agora. Quer que eu vá lá em cima para ver?

– Quero! – respondeu o pardal, ainda soluçando, enquanto Chanchã bateu asas, deixando o amigo em companhia do canário.

– Todos nós sonhamos com a morte dos pais, pardal – consolou Furriel. – E nem por isso eles morreram após um sonho. Eles morrerão um dia, de fato, mas não por causa do sonho.

– Mas me pareceu tão real! – insistiu o pardal.

– Deixe-me contar-lhe uma coisa que a garça me disse e que faz muito sentido.

– Diga.

– Nunca os sonhos são reais ou fantasiosos totalmente.

– Como? – indagou Tico, curioso.

– Sim, os sonhos são uma mistura de lembranças, de realidade, das nossas preocupações, de fantasias e de premonição.

– Premonição?

– Sim, pardal. É o pressentimento que temos de que algo bom ou ruim acontecerá. Você nunca sentiu?

– Claro! Uma vez, senti que iria bater o bico numa pedra. No outro dia, bati o bico numa árvore.

– Pois então! Os sonhos nunca são exatamente como sonhamos. Muitas vezes, nossa vida está se encaminhando para um novo rumo, a gente sente algo forte e... pronto! Algo acontece, mas quase nunca exatamente como vimos no sonho.

– Você está querendo dizer que meu pai morrerá de um jeito diferente do que eu sonhei? – disse Tico, choramingando.

– Não, claro que não! Não seja bobo! Estou querendo dizer que os sonhos geralmente não manifestam o que vai ocorrer exatamente no dia seguinte ou nos próximos. Pode ainda demorar muito, mas já é um prenúncio para preparar o seu coraçãozinho para que um dia chegue a hora. Seu pai já não é uma coruja velha?

– De meia-idade, ela diz. Mas acho que já está ficando um pouco velha.

– Está vendo? Temos que aprender a nos preparar para tudo, pardal. Até para a morte. Mas isto não quer dizer que acontecerá hoje.

Nesse meio tempo, o pica-pau já vinha voando de volta, trazendo notícias. Pousou na entrada da toca, botou o bico para dentro e grasnou.

– Ele está lá, Tico! Estava voando ao redor da torre, como você me disse que ele faz. E parecia até estar voando feliz, depois que demos a notícia de que você estava bem.

– Muito obrigado, Chanchã – agradeceu o pardal, um pouco menos triste.

– Ouviu, seu bobo? Pode sorrir outra vez. Você está assim porque está preso já faz dias e pensando bobagens. Mas reflita sobre o que lhe falei. Todos estamos sujeitos a perdas, não somente a ganhos

nesta vida – aconselhou o canário.

– Está bem, vocês têm razão mais uma vez – disse Tico, sorrindo timidamente e já brincando com os amigos.

Enquanto conversavam alegremente, eis que surge uma pequena sombra atrás do corpo do pica-pau, suficiente para deixar escura parte da toca onde estavam Tico e Furriel. Chanchã olhou para trás e se assustou. Era uma pequena corruíra, espiando a conversa e querendo se aproximar.

– Quem é você? Você quase me matou de susto!

– Meu nome é Garriça¹ e sou uma corruíra. Faz dias que estou observando vocês e percebi que são muito amigos. Queria fazer parte do seu grupo.

– Mas como você está há dias aqui se ouvimos um canto de pássaro somente hoje cedo? – indagou o pica-pau.

– Eu estava quietinha, esperando o momento certo de chegar até vocês. Mas começou a chover e não resisti a uma cantoria.

– Bem, por mim, tudo bem – disse o sempre doce canário.

– Por mim também – disse o pardal, curioso por conhecer mais uma ave.

– Tudo bem! – resignou-se o pica-pau, depois do susto.

– E aí? Eu vim lá da floresta depois das montanhas e do vale. Acho que resolvi morar aqui. Não têm uns insetos aí para comer?

– Bem, posso procurar para você – disse o pica-pau, solícito.

– Agradeço. Sabem, conheço toda a extensão da floresta que existe atrás daquelas montanhas e vim conhecer esta mata aqui. Gostei! Vocês são legais. Quero ser bastante amiga de todos.

E não parava de falar, enquanto esperava o retorno de Chanchã. Como os pica-paus são notadamente rápidos, eis que já vinha um inseto preso em seu bico, despejado na entrada da toca de Tico. A corruíra veio rapidamente e beliscou de uma só vez o

¹ Garriça é um dos termos utilizados para designar a corruíra (*Troglodytes musculus*).

bichinho, com cara de quem queria mais.

– Só um? Nós, as corruíras, estamos acostumadas a comer 150 insetos por dia, apesar do nosso tamanho.

– Tudo isto? Mas você tem somente seis centímetros de corpo, fora a cauda! Não é muito não? – disse o pica-pau, desfeitoado.

– Que posso fazer? Nasci assim! Tem dia que como até 200 bichos. É o controle da natureza.

– Ora, então vá caçar! – grasnou Chanchã, aborrecido.

– Calma, pica-pau. Ela é apenas uma visitante e nossa convidada – amenizou o canário. – Não pode tratar mal as visitas.

– Isto mesmo! Já pensou se eu lhe tratasse assim lá em minha terra? – vingou-se a corruíra.

– Além disso, ela quer ser nossa amiga. – falou o pardal.

A corruíra olhou para o pardal encostado num canto.

– Você quebrou a asa? Deixe-me ajudar.

– Muito obrigado, mas o canário aqui já me faz uns curativos todos os dias – respondeu Tico.

– Ora, deixe-me ver! – insistiu Garriça. – Ih, isto aqui já está bom! Você já pode voar!

– Alto lá! – gritou o canário, não tão doce como antes. – São ordens da garça o pardal ficar quieto por uma semana.

– Que isto! A garça é perfeccionista ou o pardal é muito fraco! As corruíras só precisam de dois dias para se recuperarem.

Tico ficou sem saber o que fazia, percebendo o canário bravo pela primeira vez e o pica-pau bastante desconfiado. Ao mesmo tempo em que queria conhecer a personalidade de todas as aves, sentiu que aquilo não daria muito certo. A corruíra havia enchido o ambiente com uma energia tão intensa e forte que era muito para os tranquilos amigos.

– Você quer mais insetos? – ofereceu o pica-pau. – Vou lhe mostrar uma árvore que tem muitos.

– Agradecida! – e voou para a árvore para onde o pica-pau apontou, tentando pôr fim ao assunto e tirar a corruíra dali antes que

ele e o canário perdessem a paciência de vez.

– Que passarinho estranho! – exclamou o pardal. – Muito estranho.

– É uma ave agitada como as outras de sua espécie – explicou o canário. – Não têm muita medida. Mas essa está passando das contas.

– Você conhece as corruíras? – disse Chanchã, que já havia voltado.

– Sim, pica-pau. Numa de minhas viagens com a garça. Elas são muito elétricas.

– Mas vamos tentar fazer amizade assim mesmo! – disse Tico. – Vamos dar-lhe uma chance. Afinal, ela não é pior que os biguás.

– Bem, se ela não ofender mais a garça, por mim tudo bem – disse Furriel.

– Se ela não ficar me explorando, para mim também está bom – resmungou Chanchã.

O pica-pau aproveitou para trazer algumas lesmas para Tico, pois já havia chegado o crepúsculo matutino e todos estavam com fome. Chanchã e Furriel foram buscar o que comer para si, enquanto a posição do sol por trás das nuvens cinzentas denunciava que já havia se iniciado a tarde.

Joca foi fazer sua trajetória costumeira, no triângulo que tanto amava. Sobrevoou parte do bosque, observando os riachos que se entremeiam com as árvores, deu uma volta por toda a universidade e encerrou seu passeio na abertura do pináculo, onde ali ficou até o pôr-do-sol. Quando chegou a hora, levantou voo e foi ver o sol se pôr, já que o céu estava bastante encoberto. Chanchã e Furriel subiram ao cume para conversar com a coruja, quando perceberam que Garriça estava voando atrás.

– Nossa! Comi 80 insetos agora! Ainda faltam muitos para completar a cota do dia! No cume, há muitos?

– Não! – responderam os dois amigos ao mesmo tempo, como se tivessem combinado.

– Mas irei com vocês assim mesmo! – diverteu-se a corruíra.

– Boa tarde, senhor Joca! – grasnou Chanchã.

– Boa tarde, *senhores* pica-pau-do-campo e canário-do-mato!

Vejo que trouxeram mais uma amiga.

– Boa tarde, senhor Joca! – cumprimentou o canário. – Esta é Garriça, ela nos seguiu até aqui. Este é o pai de Tico, corruíra.

– Com licença, boa tarde, senhor Joca! Mas o senhor é uma coruja? Desde quando coruja é pai de pardal? – desafiou a corruíra.

– Todos se espantam com isto, pequena avezinha! Mas as circunstâncias da vida fizeram com que um filhote de pardal chegasse até mim para que o criasse. Hoje, é um bom rapazinho.

– Nunca ouvi falar disso. E olha que conheço toda a floresta por detrás daquelas montanhas – repetiu Garriça.

– Tem muita gente que já viajou bastante e nunca viu uma porção de coisas, minha jovem. O mundo é cheio de surpresas.

– Isto é verdade. Eu mesmo nunca tinha visto um passarinho que já está curado de um ferimento ficar preso em sua toca.

– Heim? – estranhou a coruja, olhando para Chanchã e Furriel.

– Isto mesmo! Seu filho, por mais esquisito que seja coruja ser pai de pardal, está curado e vai ficar preso ainda por uns 5 ou 6 dias. Estes dois não o deixam sair.

– Opa! Não é bem assim! – interveio o canário. – A garça é especialista em medicina das aves e aconselhou Tico a ficar entocado uma semana. Somos amigos dele e queremos que se recupere bem.

– E vocês acreditaram nela? – fustigou a corruíra.

– Claro! E estamos preocupados com o passarinho! Não queremos que fique aleijado como a perdiz – atacou o pica-pau.

– Histórias, histórias! – resmungou Garriça.

– Bem, já vou indo, pois o céu hoje está escurecendo mais rápido. – avisou a coruja, interrompendo a ave e querendo dar um fim à longa narrativa que a respiração da corruíra já preparava. – Até mais, meus amigos. Continuem cuidando do meu filhote.

– Até mais, senhor Joca! – disseram as duas aves amigas.

– Até e muito prazer, senhor Joca! Vá qualquer dia à minha terra e será muito bem recebido – despediu-se a corruíra, sem perceber que o canário e o pica-pau já haviam alçado voo.

– Esperem-me, seus mal-educados! – e voou atrás, desvairadamente.

Chanchã foi para o seu assa-peixe, fingindo que iria dormir, enquanto o canário foi avisar o pardal de que tudo estava bem com seu pai. Despediu-se rapidamente e foi repousar, aconselhando Tico a fechar os olhos enquanto descansava. A corruíra acreditou e também foi dormir.

No dia seguinte, com o dia ainda clareando, o belo canto da corruíra encantou a todos, pois sua voz era realmente muito bonita. Cantou durante uma meia hora, quando a aurora já dava lugar ao dia claro, e parou. Todos pensaram que ela estava vindo para a toca de Tico, mas, para a surpresa de todos, não apareceu naquela manhã e em nenhuma das manhãs seguintes. A corruíra tinha ido embora. Apesar de tudo, o pardal se entristeceu, achando que o falso sono tinha causado a ida da ave. Não adiantou o canário ter lhe explicado a natureza intensa e passageira das corruíras, pois o Tico estava firme nessa sensação. Foi quando a voz doce de *Aepyornis* tomou conta de sua toca, com um poema musical tão suave quanto o vento daquele dia.

*Vou dizer-lhe qual é a resposta
Que busca com fé e esperança
Toda força vinda imposta
Não funciona nem padece na lembrança
Porque nada que venha outorgado
Que não alcance o mérito fervor
Pode se manter vivificado
Sem que nato pela própria lei do amor*

Então, percebeu que nem todas as aves compreendem um momento da mesma maneira. A mesma situação pode ser suave, eterna e duradoura para uma e intensa e efêmera para outra. Entendeu que a presença de outras aves pode ser uma passageira e importante lição para todos, sem que isto se torne uma experiência longa. Quando a mente transforma, erroneamente, um momento efêmero em eterno, reside aí a origem da impaciência e da ansiedade, porque há ausência de fé. Pois o amor não é ansioso, muito menos efêmero. Por fim, entendeu que, provavelmente, a corruíra possui outras aves que caminham com ela no sentido infinito e que, possivelmente, estranhariam a amizade de um pica-pau, de um canário e de um pardal, julgando-os efêmeros. Deve-se enxergar a vida com olhos bem maiores, olhar para o horizonte com um amor bem mais sublime do que o amor material e efêmero com que se acostumou a olhar no mundo. A vida se torna maior e mais bela quando prismada por um amor também mais belo e maior. No fim, se é que existe algum fim, todas as aves apontarão seus destinos para o infinito e não haverá mais efemeridade, somente amor e respeito às diferenças.

A grande ave aproveitou o momento de reflexão para proferir o primeiro trecho de sua quarta lição (*A primaridade do amor*), também para a coruja.

Se o amor é primário, a Vida deve ser anterior à vida, como alicerce e guia. Comete erro o ser que busca a convivência da vida sem a Vida, pois aquela deve ser simples e pura manifestação desta. A vida sem a Vida é como tentar voar sem asas, tentar trilhar sem trilhos, tentar amar sem Amor, é como cultivar o nada.

E terminou a visita invisível com mais um poema cantado lindamente.

*Quem não entende essas coisas, não tem como ser
feliz*

*Pois que a vida depende do puro sentimento
A imensa árvore tem grande e profunda raiz
Não há tijolo que se firme sem bom cimento
Nem belo campo que se enfeite sem flor-de-lis
Nem vida que floresça sem renascimento
Pois como é que pode haver alguém feliz
Sem cultivar o amor a todo momento?*

Tico e Joca ficaram sem palavras. Como refletir além de lições tão maravilhosas? Restou-lhes procurar aplicá-las em suas próprias vidas, tentando reformar o que de errado possa haver e entender que a liberdade está condicionada à corrigenda de seus inúmeros defeitos. Como cultivar o amor a todo instante? Era o que passava por suas mentes reflexivas naquele momento.

CAPÍTULO 11

DESEJO DE VOAR

Passou a semana e faltava apenas aquele dia para que Tico pudesse sair de sua toca. Mais uma manhã e uma tarde e poderia visitar seu pai no cume da montanha. Vigiado de perto pelos amigos tão especiais, jamais passou por sua cabeça desobedecer a ordem da garça, mas confessava a si mesmo um louco desejo de voar novamente. Como de praxe, Chanchã e Furriel já surgiam na entrada de sua toca sem pedir licença. Entraram mais alegres do que nunca naquele dia, que estava sendo encarado como o renascimento do pardal, tamanho o sofrimento dos dias em que se entocara compulsoriamente. Sim, pois uma coisa era se enfurnar por conta própria e outra era obrigatoriamente e isto o pardal ainda não tinha superado.

– E aí, Tico, pronto para voar de novo? – lançou o pica-pau.

– Bem, pronto eu não sei. Mas morrendo de vontade estou! – e sorriu, como há muitos dias não sorria.

– Que bom vê-lo assim, pardal. Mal posso esperar para vê-lo voando e feliz. Seu pai está esperando-o hoje, bastante ansioso também – contou o canário, que esteve com a coruja no dia anterior.

– Ah, sim! Espero vê-lo hoje sem falta. Sairei até um pouco mais cedo para ficar com ele mais tempo. Estou com saudades.

– A corruíra não apareceu mais, você percebeu? – perguntou Chanchã.

– E nem vai aparecer – completou o canário, que conhecia a

espécie das corruíras.

– Percebi sim! – respondeu o pardal. – A toca está até mais tranquila.

A observação arrancou gargalhadas dos três amigos.

– Fiquei triste no início – continuou –, mas hoje compreendo que cada ave aproveita ao seu gosto cada momento. Aquele era o momento da corruíra e ela passou aqui como um furacão rápido e intenso. Ninguém consegue ser intenso e duradouro ao mesmo tempo, isto eu já percebi.

– Olhe que nosso amigo já está ficando sábio também, Furriel – comentou o pica-pau. – Parece que estou sobrando aqui – e sorriu com uma gargalhada espontânea.

– Sim, a entocada forçada do nosso amigo serviu para alguma coisa, no final das contas – concordou o canário, também sorrindo. – Depois, vou contar a Karkia que você está quase bom. Hoje, terei que ver um biguá que machucou a ponta da asa ontem. O coitado chorou como criança, mas está bem.

– Diga-lhe que mandei um abraço e a agradeça em meu nome pelos seus dotes e por ter me indicado um enfermeiro tão dedicado – pediu Tico.

– Pode deixar que mando sim. Ela gostará de saber – retrucou o canário.

– O papo está bom, mas vou comer. Quer quantas larvas hoje, pardal? – e saiu voando, sem ouvir a resposta.

– Bem, vou indo também – apressou-se Furriel. – Karkia já deve estar me esperando. Tanto ela como os pacientes biguás são exigentes quanto a horários e, por isso, não posso me atrasar.

– Um bom dia para você, Furriel. Muito obrigado mais uma vez.

– Bom dia!

Parecia que, quanto mais chegava a hora, mais ansioso o pardal ficava. E assim é com todas as aves. A vontade de voar ultrapassava todas as outras vontades, até mesmo de encontrar seu pai. E, assim, Tico passou o dia, entre a espera e a vontade desenfreada.

Joca, em sua maturidade, estava bem mais tranquilo. Depois de uma noite de caçada farta e uma manhã de sono satisfeito, lembrou-se do que as ararinhas, periquitos e papagaios diziam sobre nunca ter saído do triângulo e não conhecer as coisas do mundo. Mas fez uma opção por conhecer as coisas da vida, o que é muito mais interessante. Recordou-se, então, de uma belíssima frase que o velho Stan dizia sempre aos alunos quando estes exageravam em suas investidas pelas noitadas da juventude: “No mundo dos fatos, não há caminho que leve ao mundo dos valores. Mas, no mundo dos valores, há sempre um caminho que conduz ao mundo dos fatos”¹. E havia ainda a filosofia dos dois trens, de que Joca não se lembrava mais.

Como se estivesse ouvindo suas reflexões, a voz de Stan veio em sua mente imediatamente, como em telepatia.

O segundo trem é sempre mais suave, mais tranquilo, menos ansioso e menos orgulhoso do que o primeiro. É o trem natural e espiritual, o trem da vida.

O primeiro trem, ao contrário, é, além de efêmero e imediatista, mais ansioso, forçoso, societário e material. É o trem do mundo. Neste trem material, o primeiro, a escolha é sempre afobada, desastrosa, destoante e adúlterante à lei divina.

O trem espiritual, o segundo, é, antes de tudo, mais humilde, mais sensato e equilibrado, mais certo e menos duvidoso.

Terminava o dia e o coração de Tico já batia forte. Era hora de voar para ver o seu pai. O sol já ameaçava se esconder e o pardal botou o rosto para fora da toca, ainda com a claridade lhe ofuscando

¹ Albert Einstein.

os olhos. Chanchã e Furriel deixaram o Tico à vontade para encontrar seu pai com mais privacidade e o filho da coruja voou quase como estivesse voando pela primeira vez. Sorte que sua toca era um pouco alta em relação ao chão, pois perdera um pouco de altitude num primeiro momento. Armou-se de coragem, consertou o voo tímido e voou rumo ao cume, como se estivesse querendo atingir o infinito.

O pai já estava lá faz tempo, claro, pois também não queria perder nenhum momento deste reencontro. Olhando firme para a coruja, bateu as asas um pouco mais rápido, mostrando agilidade.

– Olhe, papai, já posso voar! Olhe que maravilha! – mostrou Tico, gabando-se da liberdade.

– Ora, não vai dar um abraço em seu pai? – perguntou a coruja, observando o filho rodopiar por cima de sua cabeça.

– Já estou indo, papai – e se entregou aos braços da coruja do mesmo jeito que veio descendo.

– Calma, filho! Não precisa se exaltar. Você já está bom, já pode voar! Mas calma! Como esteve estes dias?

– Ora, papai. Bem triste, bem triste mesmo. Mas aprendi bastante, mesmo dentro da minha toca.

– Está vendo que não é tão imprescindível sair da toca para aprender? São importantes os passeios e as trilhas da vida, mas a Ave Suprema provê oportunidades quando não há condições.

– Mas aprender lá fora é muito melhor.

A coruja sorria da ingenuidade e do temperamento ainda adolescente do filho, mas ouviu com compaixão e ternura tudo o que dizia, confiando que o tempo iria colocar-lhe limites. Mas, depois de uma pausa de abraços longos, continuou a conversa.

– E os seus amigos? Não vieram hoje?

– Não, papai. Estranho, desta vez não vieram.

– Seus amigos são boas aves, Tico. Compreendem que, às vezes, os familiares precisam de momentos sós.

– Sim, acho que tive sorte com os meus amigos. Mostraram-se grandes companheiros nestes últimos dias.

– E a corruíra, que nunca mais apareceu?

– Ih, esta sumiu. Passou o tempo dela aqui. Deve estar em outra mata por aí. Que avezinha esquisita!

– Sim, muito ansiosa aquela ave. O canário me contou que, em geral, as corruíras são assim, mas que aquela era além da conta. Provavelmente, não encontrou o sentido da vida dentro do amor sincero e, por isto mesmo, fica vagando atrás de respostas que nunca encontra. Chegará o dia em que também acalmará o coração. Cada ave é única e cada uma delas possui as suas próprias características, com muitos defeitos e virtudes. Um dia, as virtudes dela suplantarão os defeitos ou haverá uma oportunidade em que se perceba que, em determinada situação diferente daquela, as virtudes se ressaltem.

– Puxa, papai. O senhor está falando quase como Aepyornis.

– São as visitas dele e as lições de Stan, meu filho. Estão cada vez mais frequentes e estou cada dia mais interessado em descobrir mais coisas e aprofundar mais ainda nos conhecimentos da vida.

– Ainda quero ser assim como o senhor, mas ainda não consigo. Preciso de aventura, preciso voar! – e deu mais uns cinco rodopios por cima da coruja.

– Calma, pardalzinho! Você ainda tem a vida inteira para voar! – disse, rindo das atitudes pueris do filho.

Joca deu mais alguns abraços em Tico e preparou-se para se despedir.

– Ah, papai, já vai?

– Sim, meu filho! Estamos no inverno. Os dias ficam escuros mais cedo, ainda mais nesses dias de chuva. Melhor você ir, não quero meu filho sendo comido por gaviões.

– Mas não existem gaviões por aqui!

Foi dizer isto e o pardal percebeu que entrou na maior das contradições de sua vida, por causa das mentiras que andara contando. Joca fez de propósito para sentir a reação do pequenino, mas desistiu de continuar a história e partiu, acenando, deixando o filhote no cume, até que a avezinha deixou-se levar pelo vento ao longo da encosta da

montanha.

Apesar do deslize que cometeu, tanta foi sua euforia em voltar a voar que começou a dar inúmeros rodopios por cima da montanha e pela encosta, dando rasantes longos pelo vale e voltando ao alto. Depois de uns vinte e cinco minutos assim, sentiu, novamente, uma dor profunda na asa. Hum! Era forte a dor, quase como se tivesse quebrado outra vez. Teve sorte de estar no alto nesse momento, pois talvez não conseguisse levantar voo, se precisasse. Ajustou sua planagem à entrada da toca e traçou a trajetória para pousar no chão de sua morada, antes gritando com todas as forças da alma acima da toca do canário.

– Furriel! – e foi só o que conseguiu dizer.

Na mesma hora, o canário bateu as asinhas e se dirigiu rapidamente à toca do pardal, trazendo consigo o pica-pau, que também escutou o grito do assa-peixe.

– Que foi isso, pardal? Quebrou a asa de novo? – perguntou o amigo enfermeiro.

– Não, Furriel! Eu só estava sobrevoando o vale quando senti uma dor forte na asa e tive que parar de voar.

– Ah, e quanto tempo o senhor ficou dando piruetas por aí? – inquiriu o canário.

– Uns dez minutos só!

– Tico! – ameaçou Furriel, com voz brava e certa de que Tico havia mentido mais uma vez.

– Está bem! Fiquei uns vinte ou vinte e cinco minutos sobrevoando o cume e o vale.

– Puxa! Mas você não aprende, heim, pardal? – bronqueou o pica-pau.

– Dá vontade de não lhe ajudar mais! – esbravejou o canário.

– Mas o que fiz de errado desta vez? Tudo o que faço é errado!

– Você tem um impulso incontrolável de agir, gasta energia demais e depois fica enfurnado aí na toca uns dias. Até parece um

beija-flor! Nem as corruíras fazem assim. Isso é que está errado. Falta-lhe controle, limites! Seu pai não lhe deu? – disse Furriel, como nunca tão nervoso se viu.

– Nossa, meu amigo! Não precisa falar assim. Exagerei no voo mesmo.

– Não aconteceu nada, pelo que vejo em sua asa. Mas ficará mais um dia de castigo na toca, sem voar.

– Ah, não, de novo?

– Sim, isso se quiser voar sempre.

Nisto, Chanchã ficou calado, pois nem ele, em seus resmungos, tinha ficado assim como o canário ficou. Deu para se ver que o amigo, além de doce, era enérgico quando necessário.

– E olhe! – continuou o canário. – Você não pode sair de um acidente e dar piruetas por aí. Tem que começar devagar, dar um tempo para suas asas e só, depois, voar como quiser.

– Está bem, Furriel. Você quem sabe! – disse, já choramingando.

– E fique aí quietinho! Chanchã lhe vigiará, porque eu vou dormir! Hoje, deu um trabalho danado atender o biguá! Até mais.

– Boa noite! – disse o pica-pau, já que o pardal não respondeu.

– E não me olhe assim! Não vou lhe consolar! – continuou a ave, dirigindo-se ao paciente. – Ficarei no assa-peixe apenas olhando, pois já está muito tarde. Durma bem!

– Boa noite! – sussurrou o pardal, ainda choroso.

A noite não foi boa. A expectativa que tinha de voltar a voar tinha caído por terra, literalmente. Tico ficou muito pensativo. Lembrou-se do que o canário disse sobre os extremos, tais como os beija-flores, e sobre o que seu pai lhe disse sobre aprender sem precisar voar tanto. Notou que nunca aprendera tanto quanto nos momentos em que ficou recolhido. Não que precisasse ficar recolhido todo o tempo ou que isso ocupasse o maior tempo de sua vida, mas descobriu que os momentos de reclusão e reflexão eram essenciais,

como lhe ensinou tão bem a coruja e o pardal, teimoso, não quis ouvir. Pensava que um longo caminho, retilíneo e constante estava destinado para si desde que ficou sabendo que Aepyornis guiava parte de seus caminhos. Percebeu que estava sendo realmente como a corruíra, que era muito intensa e pouco profunda. A superficialidade é, muitas vezes, atrelada à intensidade e a profundidade é vinculada à serenidade. Eram lições que ficariam para sempre. Se pensava em buscar as coisas profundas da vida, tinha que aprender a ser sereno e calmo, esperando a hora certa para tudo e procurando ficar bem em cada pequeno momento, sem pensar tanto nos grandes momentos.

O outro dia foi de grande reflexão, interrompida apenas pelo pica-pau, que lhe trouxe larvas e foi embora novamente. Tudo foi arranjado para que o pardal pensasse um pouco na vida. Joca foi ao cume no pôr-do-sol e somente encontrou os dois amigos do filho, que lhe contaram o acontecido e partiram. Ficaram Joca e Tico, respectivamente, no cume e na toca, pensando no que tinham errado. Foi que, então, surgiu no cume Aepyornis, tão grandioso e iluminado como nunca se mostrara, já que estava escuro e não tinha que diminuir o seu tamanho para caber na morada primeira da coruja.

– Meu caro amigo Joca! Teu coração é quase maior que o mundo! Mas tens que aprender a ser como o canarinho, que, quando preciso, deu uma bronca paternal em teu filho ontem à noite. Estou aqui para te trazer mais um alento para teu coração. *“O papel dos pais é complicado, é difícil discernir, pois o bem-estar equilibrado depende de como agir. Tem que pôr limite, mesmo que isso seja triste, desde que seja com muito amor”*. Para finalizar a nossa conversa, a segunda parte da quarta lição.

O amor, no exercício da vida, exige carinho, dedicação, respeito, sinceridade, devoção. Mas, na hora certa, também exige firmeza, bom-senso, disciplina, mudança. Comete erro o ser que busca todos estes atributos antes do amor. Se busca o amor,

o amor leva naturalmente a todos eles.

Esta parte da quarta lição foi ouvida tanto por Joca quanto por Tico. À coruja, serviu para aprender que realmente é preferível a doçura à rispidez, mas a energia para colocar os limites e dizer não, desde que tenha o amor como alicerce, é bastante necessária nos momentos corretos. Ser firme e doce não é um desafio fácil, mas é preciso enfrentá-lo. Ao pardal, ajudou a entender que precisa controlar os seus impulsos e tentar atingir um equilíbrio no agir, por mais difícil que seja. Descobriu que, antes de viajar e voar, o mais importante é aprender, aproveitar cada instante como uma grande oportunidade de aprendizado. Joca decidiu dar uma boa reprimenda paternal no pardal e Tico, por sua vez, decidiu o seguinte, em suas primeiras reflexões mais profundas:

Voar é uma das maiores maravilhas que a Ave Suprema me concedeu. Mas voar por voar, voar para satisfazer meu instinto de ambições e interesses vãos, voar para provar que posso alcançar grandes alturas, é voar inutilmente. Nem que atrofie minhas asas: a agir de tal maneira, prefiro privar-me do prazer de voar.

Pela cabecinha de Tico, poderia ter passado, naquele momento, a ideia de que, moralmente, tudo o que seja feito apenas para provar aos outros alguma coisa não precisa ser feito. Que a humildade é a maior prevenção contra os reveses do mundo e que basta que as coisas simples sejam feitas para que a trajetória esteja completa. Mas o pardal estava tão feliz e convicto de suas descobertas que não aprofundou os seus pensamentos. Já bastava o que havia aprendido naquele dia.

Sem mais palavras e reflexões, Joca foi caçar e Tico repousar, desta vez com um sono mais profundo, como há dias precisava ter.

CAPÍTULO 12

VERGONHA DE PERDIZ

Logo de manhãzinha, estavam lá, como em praticamente todos os dias, o canário e o pica-pau, com faces mais alegres que no dia anterior. Tico não sabia que os amigos fingiram estar com raiva para deixá-lo pensar durante um tempo e, por isto, imaginou que não vieram no dia anterior por represália às suas atitudes. Foi uma surpresa, para ele, agirem de forma tão normal.

– Olá, pardal! Vamos comer larvas? – disse o pica-pau.

– E aí, sarou? – disse o canário.

– Olá, meus amigos, estou bem. Pronto para voar, mas, desta vez, com mais cautela.

– Isto mesmo! Não queremos que nos mate de susto outra vez. – disse Chanchã. – Demos uma sumida para que você pudesse pensar um pouco e refletir mais sobre a sua vida.

– Eu realmente refleti bastante! Foi muito bom ficar sozinho. Obrigado, amigos.

– Deixe-me ver esta asa. – pediu Furriel.

– Aqui está. – disse o pardal, levantando a asa.

– Hum, não tem nada! Você pode voar de novo agora. Está sentindo alguma dor?

– Não!

– Então está liberado para voos leves, entendeu?

– Entendi, agora não cometo o mesmo erro outra vez. E aí, o que fizeram ontem?

– Fui comer larvas, para variar, e nada mais – disse Chanchã.
– Passei o dia fazendo uns furos novos, porque os antigos já estavam ficando muito manjados.

– Bem, tive uma experiência interessante com um biguá – contou o canário. – Ele estava doente. Deve ter comido algum peixe doente e enjoava muito. Daí, a garça buscou algumas ervas e me deixou sozinho com ele. O biguá me tratou muito bem, me fez várias perguntas e disse que não concordava muito com o jeito isolado que vivem os seus semelhantes. Por ele, o vale se encheria de outras aves, principalmente as pequenas, que não pescam peixes. Mas ele não se manifesta, com medo dos outros biguás.

– Estão vendo? – disse Tico, num repente. – Nem todas as aves de uma espécie são iguais.

– Isto já sabemos. Pode-se ver pela corruíra. – disse Chanchã, olhando para Furriel e esboçando uma gargalhada sarcástica e sensata ao mesmo tempo. – Nunca vi uma criatura tão estranha como aquela!

– Estranha mesmo. Ela não cabia em si mesma. – confirmou o canário, também sorrindo bastante.

– Mas meu pai disse que falta alguma coisa a ela, preencher o vazio ou algo assim, que também vai achar o caminho e que cada ave é única. Afinal, Tico, Chanchã e Furriel são aves únicas também, não é mesmo? Ímpares! – gabou-se o pardal, abrindo longo sorriso.

As gargalhadas abafavam o som de uma voz remota e triste, que foi ouvida assim que os três pararam para respirar e retomar o fôlego. Eles entreolharam-se e disseram-se em pensamento, quase telepaticamente: “ah, não! A corruíra, de novo, não!”.

Pararam de sorrir. Ficaram ouvindo aquela voz distante, mas concluíram logo que não se tratava da corruíra. A voz parecia mais com um piado triste e irregular. Os três amigos saíram em busca da voz, que, por estar tão baixinha, dificultava descobrir em que árvore estava. Depois de algumas árvores, chegaram à conclusão de que a voz vinha de um local bem próximo à toca de Furriel. Mais um pouco e acharam uma avezinha enrolada em feixes de gravetos moles dentro

de um pequeno buraco no chão, entre as raízes expostas da terceira árvore após a toca do canário. Ao se livrar dos gravetos com o susto das visitas inesperadas, a ave se mostrou inteira, causando espanto nos três amigos. Era uma perdiz, com a asa esquerda torta, como se a tivesse quebrado definitivamente.

– A perdiz¹! A perdiz que Karkia cuidou! Ora, vejam só! – exclamou o canário. Estava aqui todo esse tempo!

– Você não a viu, Furriel? Em que mundo estava? O buraco dela era bem debaixo do seu bico! – caçoou Chanchã.

– Olá, visitantes. Deixe-me explicar, já que me acharam. Moro aqui há alguns anos, não tenho piado faz tempo e só saio à noite para comer.

– E por que piou somente agora? – perguntou o pardal?

– Estou com um graveto mais duro enfiado debaixo da asa esquerda e não consigo levantá-la para que o bico a retire. Está doendo muito! Por isto, piei. Até me esqueci que algum pássaro poderia me ouvir.

– Deixe-me dar uma olhada! – disse o canário.

– Não levante muito a asa, por favor. Só um pouquinho.

– Vixi! O graveto atravessou a asa. Não dá para puxar assim, de qualquer jeito. Precisarei da garça. Ela não vai nem acreditar.

Sem falar mais nada, voou para o vale para buscar a médica do Parque das Aves, deixando os dois amigos ao redor da perdiz, para tentar distraí-la.

– Qual o seu nome? – perguntou Tico.

– Meu nome é Pygia², mas, às vezes, me chamavam de codorna-buraqueira³, porque geralmente vivo em um buraco, mais perto do solo para mim. Mas sou realmente uma perdiz. E vocês?

– Meu nome é Tico, sou um pardal. E este é Chanchã, um

¹ Perdiz (*Rhynchotus rufescens*).

² Parte do nome científico da perdigão “paulista” (*Micropygia schomburgkii chapmani*).

³ Codorna-buraqueira (*Taoniscus nanus*).

pica-pau-do-campo.

– Que fazem aqui nesta mata?

– Bem, moramos aqui. Pelo menos, por enquanto. Na verdade, quem mora mesmo aqui é só o canário-do-mato, que se chama Furriel. Eu e Chanchã estamos aqui há pouco tempo, por falta de outra toca, e acabamos ficando. E você, por que quer se esconder?

– De vergonha. Quebrei a asa uma vez e esperei cicatrizar. Quando percebi que não conseguia voar alto depois da ferida cicatrizada, comecei a piar muito alto e fui ouvida pela garça que vinha aqui meditar. Já era tarde, eu já estava aleijada. Agora sinto vergonha de aparecer na mata somente dando voos baixos e rasteiros.

Chanchã olhou rapidamente para Tico, como adivinhando que o amigo iria se enxergar ali. A situação era muito parecida, embora o caso da perdiz fosse muito mais grave. Com o graveto, talvez até os seus voos baixos estivessem comprometidos. Tico, percebendo isto, devolveu o olhar ainda mais envergonhado, pois o seu problema fora muito menor do que o mal que acometia a perdiz.

– Você está com fome? – perguntou o pica-pau.

– Estou com um pouco de fome, sim. Mas não posso sair para buscar.

– Vou buscar para você, o que come?

– O que me trouxe, obrigada. Mas, se conseguir achar, alimento-me principalmente de grãos, insetos e larvas.

– Achar larvas é a minha especialidade. Não demora nada – disse Chanchã, com a voz rápida e grasnada de sempre e deixando Tico a sós com a nova vizinha.

– Sabe, Pygia – disse o pardal –, eu tive um problema parecido com o seu. Também fiquei muitos dias sem chamar a garça. A minha sorte é que os meus amigos me visitavam todos os dias e perceberam. Mais um pouco e estaria aleijado também.

– Pois é! Foi uma imensa ingenuidade, uma insegurança minha. A garça me deu uma bronca que nunca mais esquecerei. Mas vim chocar aqui na época e me machuquei. Meus ovos não vingaram

e, para completar, ninguém mais vivia por aqui, por causa dos biguás. Comecei a piar bem alto e, quando a garça veio para meditar, felizmente me achou e me tratou. Mas não havia mais jeito. Nunca mais poderia voar. A garça deve ter achado que fui embora ou morri, pois nunca mais saí durante o dia, de vergonha dela e de quem mais aparecesse. Só o canário veio morar aqui, durante todo este tempo. Recentemente, é que comecei a ouvir cantos e vozes diferentes e a minha vergonha aumentou ainda mais.

– Mas e a sua família? Não tem notícias de você? Pelo que sei, as perdizes não são solitárias – inquiriu Tico.

– A minha vergonha foi maior este tempo todo do que qualquer outra coisa – respondeu a perdiz. – Deixei meu marido no campo onde vivíamos e não tenho mais notícias dele. Ele nem imagina que eu esteja por aqui. Viajei muitas léguas para chocar mais intimamente porque estava muito nervosa. Estou com saudades daquela perdigão¹.

– Mas isso que você tem agora continua a ser insegurança. A bronca da garça não lhe adiantou?

– Pode ser. Mas a minha vergonha na época era de pedir ajuda, agora é de me mostrar sem poder voar.

– Mas é uma vergonha somente da sua parte. Ninguém pensará isso. Ainda mais que, além de você, apenas moramos nós três na mata: eu, Chanchã e Furriel, mais ninguém, pelo que sabemos.

– Agora que vocês já me descobriram, mudou tudo. Percebi que vocês não me caçoarão.

– Claro que não. Somos aves pacíficas. Olhe para o nosso tamanho: eu e Furriel somos aves nanicas e não teríamos coragem de enfrentar ninguém. Mas, mesmo se fôssemos grandes, não é de nossa índole. Veja Chanchã, que é bem maior: ele prefere se retirar a brigar com alguém. E creio que muito menos caçoar.

¹ Perdigão: macho da perdiz. Perdigão é um substantivo feminino, apesar de se tratar de um macho.

– Sim, acho que posso confiar em vocês.

– E ainda lhe direi mais uma coisa. Daqui a algum tempo, partirei novamente. E farei de tudo para achar o seu marido para você. É uma promessa.

– Puxa! Não sei como lhe agradecer. Além de tudo, ainda quero ter muitos filhos. Aquela tinha sido minha primeira ninhada e nenhum dos ovos vingou. Espero que meu marido tenha me esperado.

Naquele momento, Chanchã já aparecia na porta do buraco da perdiz com tantas larvas quanto pôde trazer. Imaginou que Pygia estava com fome de muitas horas ou até dias, embora não quisesse demonstrar. Como a dor e a fome apertaram, teve que piar. Mas agora tinha alimentação farta por alguns dias.

– Muito obrigada, senhor pica-pau. Ficarei eternamente agradecida. Aliás, agradecida por todos.

– Não há de quê! Quando precisar, é só piar para o canário, que ele me procura e rapidinho eu apareço. Por falar em canário, lá vem vindo ele com a garça.

– Ai, que vergonha! Vou me encontrar com a garça novamente.

– Calma! A garça também é compreensiva – disse Tico. – Aposto que a bronca que lhe deu na época foi para você acordar, como também fez comigo. Relaxe!

– Está bem, tentarei – resignou-se a perdiz.

Naquele instante, adentrava o canário, pequeno que era, na toca da perdiz, onde já se encontravam Pygia e Tico.

– Temos que arrastar você para fora, perdiz – disse Furriel. – Nem o bico da garça cabe aí dentro.

– Tudo bem! Podem me erguer, mas com muito cuidado, por favor.

Tico e Furriel meio ergueram e meio arrastaram a perdiz, que estava com a asa bem recolhida para que não doesse tanto, e Chanchã fez o resto quando Pygia já alcançava a entrada do buraco.

– Nossa! – exclamou Karkia. – Isto não é bom! Teremos que

operar. É possível que eu tenha que trazer um pelicano aqui, que é mais treinado do que eu em cirurgias.

– Eu terei que sofrer uma cirurgia? Sabia que deveria ter ficado quietinha!

– Mas você não aprendeu nada, heim, perdiz? Não percebe que estou trabalhando para o seu bem?

– Eu sei – acalmou-se Pygia. – Se não for bem curada desta vez, posso até morrer de fome por não ter como buscar alimento.

– Então, sossegue o coração. Isto não é nada demais. Você ficará bem. Apenas não podemos puxar o graveto do jeito que está, sob pena de lhe machucar ainda mais, entendeu?

– Sim, garça, entendi. Pode fazer o que for preciso.

– Isto deve demorar alguns dias, pois os pelicanos moram perto do mar. Além disso, tenho que deixar umas instruções com o canário, por causa de um biguá e de uma garça que se feriram recentemente.

– Mas isso ficará doendo todo esse tempo? – perguntou a perdiz.

– É o remédio, por enquanto – receitou a garça. – Mas deixarei umas ervas com Furriel para banhar a sua asa e não deixar infeccionar. O ferimento não pode fechar por completo agora, mas também não pode ficar totalmente aberto como está. Deixarei meu melhor enfermeiro de plantão aqui com você, o canário, está bem?

– Está bem – tranquilizou-se Pygia.

Furriel olhou para Chanchã e Tico com uma enorme vontade de rir, pois ele era o único e não o melhor enfermeiro da garça. Mas, para deixar a perdiz mais tranquila, consentiu com o pequeno embuste. Os amigos entenderam a artimanha da garça. Como era hora de almoçar, revezaram-se para comer alguma coisa e, como o picapau já não cabia mesmo no buraco, ficou de garçom naquele dia. Após o almoço, o canário teria que sair para ouvir as instruções da garça por algumas horas, como havia combinado com Karkia.

– Não sei como agradecer a disposição e o carinho de vocês.

Jamais conheci aves tão solícitas do que nesta mata – demonstrou a perdiz.

– As circunstâncias do voo fazem as aves, perdiz. Nestas terras de solidão e de pouco convívio entre as espécies, é preciso que as poucas aves mais amistosas se unam para sobreviver. – ponderou o canário.

– De qualquer modo, vocês são almas gentis. E tenho muitas dívidas com vocês. Muito obrigado, mais uma vez.

E o canário partiu depois de comer alguma coisa. Tico e Chanchã ficaram vigiando a ave durante todo o dia, quando chegou a hora do pardal encontrar a coruja no cume da montanha. Apenas Chanchã ficou fazendo companhia a Pygia, com o bico e os olhos dentro do buraco, numa posição um tanto incômoda, até que o canário retornasse outra vez.

Tico voou até o cume bem devagar, com muito medo de que a asa doesse outra vez, mas nada aconteceu. No meio do caminho, Tico entendeu que a prudência era uma grande amiga e que o discernimento entre o intenso e o gradativo era essencial para a vida de qualquer ave.

– Olá, papai! – disse Tico, olhando com o maior carinho possível nos olhos da coruja.

– Olá, filho querido. Fiquei sabendo que a asa doeu outra vez. Já melhorou?

– Já sim, papai! O canário me aconselhou a ficar mais um dia quietinho e aprender a dosar os meus voos.

– Muito bom conselho! Por isto, gosto tanto dos seus amigos. Chanchã e Furriel parecem ser amigos de verdade.

– E realmente são. Estou aprendendo a ter mais prudência em minha vida, pai.

– Sim, Tico, isto é muito importante. Quando acontece uma coisa boa em nossa vida, não podemos nos agarrar nela intensamente em um único momento ou em pouco tempo, esquecendo as nossas virtudes e o nosso equilíbrio. As coisas boas devem ser degustadas aos

poucos, com mais serenidade e menos desejo, em doses que nos façam acreditar que aquilo seja natural e duradouro. O velho Stan, outro dia, me contou sobre a opção pelo segundo trem, que é mais tranquilo e natural, por mais estranho que seja ao mundo renunciar ao primeiro trem. Hoje, entendo o que antes ele dizia sobre a diferença entre a necessidade e o desejo. As pessoas que vivem do desejo acham as que vivem das necessidades um tanto loucas quando ignoram o desnecessário. E as pessoas não podem sentir vergonha só porque elas ou outros não fazem isto ou aquilo, mesmo porque *a dignidade e a integridade não devem nunca carregar consigo a vergonha.*

– Puxa, papai! Está acontecendo mais ou menos isto com uma perdiz de quem estamos cuidando. Ela quebrou a asa e ficou anos escondida por vergonha de não poder voar. Agora que está tentando voltar à vida em sociedade.

– Sim, meu filho. E, para isto, é preciso que alcancemos o discernimento.

– Discernimento? O que é isto? – perguntou o pardal, curioso.

– É a capacidade de separar uma coisa da outra com sensatez, clareza, bom-senso e bom juízo – respondeu o pai.

Joca fez uma pausa como se puxasse da mente algum pensamento em sua memória, respirou profundamente e continuou.

– Meu amigo Stan disse também que, para viver bem neste mundo arredio e saber qual trem pegar, é preciso aprender a discernir trabalho de poder, fome de gula, cortesia de desejo, reconhecimento de vaidade e muitas outras coisas. Sem isto, o sofrimento é muito maior. Além disto, é preciso ter muita fé no segundo trem para abdicar tão firmemente do primeiro.

– Por que é preciso ter fé, papai?

– Porque, em nossa vida, sempre surgem inúmeras tentações que nos levam para o caminho que não está determinado com serenidade para nós. Lembra quando as ararinhas, os periquitos e os papagaios disseram-me que eu não viajava o mundo porque tinha medo? Confesso que, lá no fundo, aquilo me incomodou bastante.

Mas encarei como uma prova que surgiu para que me mantivesse firme no caminho natural e sereno que estava designado para mim. No seu caso, foi diferente, pois o seu caminho é outro e as suas tentações serão outras. Mas ainda tenho que pensar muito sobre a fé, pois estou um pouco confuso com algumas ideias. Depois, vou lhe contar mais sobre isto.

– Papai, estou começando a ter vontade de ir embora novamente, conhecer outros lugares e outras aves. Além disto, prometi à perdiz que iria localizar o marido dela e avisá-lo de que ela está aqui.

– Bem, quem sou eu agora para lhe dar conselhos sobre os momentos de suas partidas, Tico. Você já está um rapazinho e está precisando discernir isto também.

– Eu sei – disse o pardal, pensativo. – E acho que isto não demorará muito. Amo a Mata da Encosta, mas é preciso que eu vá.

– Aepyornis me disse que você teria um longo caminho, passarinho querido. E é preciso que você aprenda a ouvir o seu coração. Quando tiver que ir, vá! E colha todos os bons frutos de vida que encontrar pelo caminho, sempre doando de si para quem estiver ao seu redor.

– É o que farei, quando chegar a hora. Obrigado, papai, pelas palavras.

– Que isto, filho. Eu que tenho aprendido muito com você. Agora, vá, porque a noite já chegou, embora a lua cheia esteja iluminando bastante. Durma bem, Tico.

– Boa noite, papai. Durma bem também.

Tico voltou nostálgico desta vez para a mata, pressentindo mais um tempo de separação, desta vez, talvez, mais longo. Próximo das tocas dos amigos, relaxou quando percebeu que ainda não era exatamente o momento. Ao chegar à toca da perdiz, encontrou o canário já de volta, cheio de ervas e banhando a asa de Pygia com a água que tinha trazido de uma mina em uma casca de castanha. Chanchã já tinha ido dormir, porque trabalhou o dia inteiro buscando

e trazendo comida.

– Ora, já voltou? – perguntou Furriel.

– Já. Quando a noite chega, meu pai vai embora, todo preocupado – respondeu Tico, um pouco inconformado com o pouco contato que tinha com a coruja.

– Ai, quem me dera eu pudesse ter pai. Os gaviões comeram toda a minha família. Vim fugido para cá e, por isto, moro aqui já há algum tempo.

Tico olhou assustado para Furriel e o canário, percebendo o pavor do amigo, o tranquilizou.

– Calma, pardal! Não existem gaviões por aqui. Eu morava um pouco longe daqui, na floresta de que a corruíra falava. Lá, o clima montanhoso e o vale generoso agradam os gaviões. Eu era bem jovem, mas me lembro de algumas coisas, principalmente da grande floresta que existe por lá. Perder a família não é fácil, ainda mais que se foram pais e irmãos. Mas já me acostumei.

– Nossa, Furriel, que triste! Não sabia disso. A cada dia que passa, fico mais envergonhado quando me contam casos bem piores que os meus. Até o final da vida, não reclamarei mais de nada – lamentou Tico.

O canário sorriu, enquanto terminava o banho de ervas na perdiz.

– Nós, as perdizes, estamos acostumadas com a perda dos pais, porque nos separamos deles assim que crescemos e, logo depois, arrumamos um marido. Daí, nem dá para sentir tanta falta. Temos lembranças e saudades, sim, claro, mas nada que não seja natural para todas as de minha espécie.

– Cada um com suas histórias, não é mesmo? – disse o canário. – Tenho curiosidade de saber a história de Chanchã. Ele fala tão pouco sobre isto. Um dia, vou lhe perguntar.

– Bem – continuou o canário, referindo-se ao ferimento da perdiz –, agora acho que já está bom. Amanhã, continuaremos o tratamento paliativo. Está se sentindo melhor?

– Não muito, mas já me aliviei um pouco. Mais uma vez, o meu muito obrigado.

– Não há de quê – agradeceu o canário. – Você tem larvas suficientes aí e, se precisar de alguma coisa, por favor, não hesite em piar, está bem? Lembre-se de que estou aqui bem próximo.

– Pode deixar, vou me lembrar – afirmou Pygia.

– Boa noite, perdiz – despediu-se Tico.

– Boa noite, pardal – repetiu a perdiz.

– Então, uma boa noite aos dois, pois estou um pouco cansado também – disse Furriel.

Nem houve tempo para Tico refletir nem pensar em mais nada. Foi chegar à sua toca e o pardal dormiu profundamente. Furriel fez o mesmo, Chanchã já dormia faz tempo e até Joca, apesar dos hábitos noturnos, chegou a cochilar em sua morada primeira. Foi um dia cheio e feliz para todos, apesar dos contratempos.

CAPÍTULO 13

TRISTE REVELAÇÃO

Joca acordou com bastante disposição naquele dia. O proveitoso encontro com Tico lhe encheu de energias, apesar de ter ficado um pouco angustiado com a notícia de que, em breve, seu filho partiria novamente. A coruja resolveu rever as partes mais longínquas do bosque onde residia, que dava para a encosta de outra montanha, não conhecida por Tico. Revisitou os riachos e as minas onde brincara na infância e perto de onde aprendera a fazer as primeiras caçadas de ratos-do-mato. Esteve novamente nas árvores onde sua família habitava e onde dera os primeiros voos de infante. Parou quando viu uma pequena cachoeira, anterior à corredeira do riachinho que corria para o meio do bosque, passava próximo à morada primeira e por baixo da avenida de *flamboyants* da universidade para continuar o seu caminho longo, já como um rio. A cachoeirinha lhe dava muitas energias, o que repunha, em parte, o esforço do passeio até ali. Foi pousado numa pedra que a coruja sentiu novamente a visão turva.

Como que de imediato, a coruja foi levada a uma praça maravilhosa, que mais parecia um pequeno anfiteatro romano, de onde se podiam ouvir discursos do centro. Ao redor da praça, inúmeras árvores, que abrigavam aves-do-paraíso e faisões e outras aves menos belas, mas de igual brilho cintilante. Inúmeros frutos como nunca tinha visto antes embelezavam ainda mais as árvores, que pareciam ipês brancos. Nos jardins sob o pomar, incontáveis borboletas giravam sobre belíssimas flores, algumas semelhantes a grandes miosótis e

outras a pequenos girassóis. Desta vez, mais crianças e alguns adultos e jovens sentavam-se nos degraus ao redor do seu velho amigo, que parecia iluminado e ainda mais remoçado. Joca foi convidado a pousar no centro do anfiteatro ao lado do amigo, o que parecia ser uma honra. A coruja, ainda meio atordoada com o novo ambiente, voou suavemente até o local, postando-se em uma larga estaca de pedra que compunha a arquitetura do ambiente. Stan cumprimentou a todos e iniciou a sua exposição.

– Amigos, é uma honra para mim estar entre vocês. É uma congratulação muito grande falar aqui com tão pouco tempo de preparo neste mundo. E iniciou a sua palestra.

É maravilhosa a sensação de conhecer coisas novas, ver abrir-se todo um universo novamente, lidar com as coisas do mundo munido de um coração puro e aberto à vida em todas as suas nuances. Que o lirismo da vida abra as portas do paraíso para que os indivíduos, mesmo pecando, possam receber os frutos da boa intenção. Não importa se o mundo não abre os seus braços, mas o importante é que a vida o faça. Se os seres estendem as suas mãos para o céu e pronunciam palavras de amor, há de soprarem os ventos da liberdade. Um pássaro se lançará pelos anos em busca das paisagens perdidas no horizonte. Ouvir-se-á somente uma voz ecoando no seio da natureza profunda e infinita. Um grito sairá do casulo rompante, abrindo as asas da gratuidade espontânea. Um perfume colorirá o cenário da vida, enfeitado pela beleza da rosa cativante. Quantas aves e homens assistirão ao momento final? Quantos o entenderão? Que arte magnífica a da vida! Poucos a enxergarão com a sensibilidade de um sábio. Mas o diamante feliz brilhará e iluminará a fonte do saber e

do perceber. Que cada pequeno pássaro sinta e veja brotar do solo a semente do amor. Que as pequenas flores exalem seu odor sublime tais como jasmims inibindo o degredo mortal. Que a vida seja música e o sorriso belo e sincero cante a canção mais sonante, revelando os segredos de um mundo bonito, mas oculto aos olhos da efemeridade. Que sejam livres os desejos de viver. Que sejam mortos os desejos de fugir à vida. Que o encontro eterno entre a vida e o ser seja uma sinfonia maravilhosa com um coral angelical ao fundo da cantiga mais suavemente viva do amar. Que vença a vida na mais perfeita luta do sentir. Só se é alguém quando se vive. Quando não se vive, não é mais que uma pobre alga buscando em vão a superfície do oceano. O sonho não basta. Somente sonhar a vida não é viver. A realidade é fétida com os olhos do mundo, mas é bela pelos olhos da vida.

– Homenageamos e trazemos à nossa presença uma ave que possui sentimentos tão ou mais avançados que os de seres humanos.

– Neste momento, os olhos da coruja começaram a marejar. A surpresa tinha sido muito grande para um coração tão despreparado para um momento como aquele. O amigo continuou.

– Seus instintos solitários e anti-sociais não prejudicaram a sua busca por conhecimento e, para recompensar a sua luta incessante, foi-lhe enviado ninguém menos do que Aepyornis, a Ave Suprema, que lhe ensinou muitas coisas. Esta coruja, que ora está conosco presente, não se desviou do seu propósito de conhecer as coisas da vida e o seu instrumento de luta foi uma das maiores armas que um indivíduo pode ter: a sua fé.

– É com imenso prazer – continuou. – que o mundo espiritual terá, em pouco tempo, um ser tão brilhante a viver em seus domínios.

Aqui temos uma pequena coruja com o coração de um grande avestruz. Coruja por circunstância, mas avestruz em sabedoria, fé e força de vontade. Será um prazer tê-la entre nós em breve, minha coruja amiga e companheira de tantos bons momentos.

Os sentidos da coruja praticamente estorpeceram. Não esperava aquele momento tão sublime. Entendeu que aquela cerimônia era como uma despedida de um mundo e os cumprimentos iniciais de outro, como se fosse um ritual de passagem. Compreendeu que eram chegados os seus momentos de partir do mundo material e isto não demoraria muito. Mas animou-se com a beleza da recepção, que renovou as suas expectativas acerca do mundo espiritual. Mas não conseguiu falar nenhuma palavra. Deu um forte e curto pio e começou a chorar de sincera emoção.

– Temos que compreender que nossa amiga está em estado de bilocação ou desdobramento¹, ou seja, está observando uma cachoeira no mundo material e, ao mesmo tempo, aqui conosco, ouvindo-nos. Sua capacidade de se expressar fica muito reduzida, o que é uma pena. Ela terá outras oportunidades de conversar conosco e de nos dar a sua impressão do que ocorreu aqui.

– Saudemos, então, a nossa coruja, com uma salva de palmas.

A plateia ovacionou a coruja durante muitos minutos, deixando claro que os feitos de sua vida tinham sido magistrais, como um passo evolutivo considerável e uma vitória praticamente impecável em se tratando de uma ave. No final dos aplausos, a coruja foi levada novamente para a cachoeira e os seus sentidos recobrados.

– Nossa – disse para si mesmo. – Se o que houve foi completamente verdade, não tenho muito mais tempo aqui. Puxa, estou no bosque. Tenho que ir embora.

Joca foi direto para o cume da montanha, pois se aproximava a hora do pôr-do-sol. Quando chegou ao destino, Tico já estava lá e,

¹ Bilocação: estar em dois lugares ao mesmo tempo. Não é como dividir-se, mas como a mente viajar no espaço e no tempo, irradiando-se.

desta vez, sozinho. Chanchã e Furriel ficaram tomando conta da perdiz, já que os três amigos se revezavam.

– Ora, veja, papai! Hoje quem chegou primeiro fui eu.

– Desculpe-me, filho. Eu me atrasei, estava na cachoeira do bosque.

– Cachoeira? Existe cachoeira lá? – perguntou Tico, intrigado.

– Sim, filho. Do outro lado do bosque, existe uma pequenina cachoeira, perto de onde nasci. Nunca havia levado você lá porque aquela região sempre me trouxe tristes lembranças por causa de minha família que já se foi. Mas, nos últimos dias, tive uma grande vontade de estar lá, porque tive muitas saudades, e, desta vez, lembranças alegres. Sinto dizer, meu pardalzinho, mas acho que meus dias estão chegando ao fim.

O coraçãozinho do pardal bateu descompassado por alguns instantes e somente desacelerou depois de um longo abraço do pai. Não acreditava que, tão novo, perderia quem mais amava.

– Eu sonhei, papai! Sonhei que você morreria. O canário não acreditou. Disse-me que os sonhos são somente alertas para o futuro, mas que não seria agora. O pica-pau concordou com ele.

– Decerto, os sonhos são assim mesmo como explicaram – disse a coruja –, mas acho que seus amigos disseram isto para que você não ficasse pensando muito. O sonho tinha razão, devo partir em breve. Mas não será exatamente por estes dias, mas já tenho que me preparar e a você, meu filho.

– O sonho até já me foi de certa valia, papai. Se não fosse ele, receberia a notícia com muito mais tristeza. Eu já adivinhava, até pela sua idade e porque o senhor me disse que os seus encontros com Aepyornis e Stan estavam cada vez mais frequentes. Resta saber se continuarei assim quando o senhor for.

– Eu aguentaria mais tempo ainda no contar do tempo das corujas e estou feliz como vivo – observou a coruja –, mas o dever me chama em outros lugares agora. Já há algum tempo vinha notando isto.

– É uma pena, papai. – disse o pardal, com os olhos marejados. – Sofrerei muito.

– Eu sei, meu pequeno, mas estarei sempre com você em espírito.

– Tenho certeza disto, papai.

Joca deu mais um longo abraço em Tico. O pardalzinho já não era mais aquela criança tão pueril como em outros tempos. Tinha amadurecido um pouco e isto tornava a partida da coruja menos culposa para ela. O filho de Joca tinha avançado emocionalmente nos últimos tempos desde os últimos incidentes com a asa e isso a coruja devia, em parte, aos amigos de Tico.

– Hoje, deixarei você ficar aqui mais um tempo. A lua cheia está iluminando muito as clareiras da mata, o que pode fazer você voltar quase como se fosse de dia – avisou a coruja.

– Está bem, papai. Eu preciso mesmo ficar com o senhor mais um pouco hoje. – concordou Tico, começando a chorar mais copiosamente.

– Pode chorar, filhinho. Sei como é a dor da partida, embora a minha não seja ainda por agora. Mas é um privilégio para você saber antecipadamente. Isto ameniza o sofrimento mais adiante, você vai ver. Tenha fé. A fé é uma poderosa arma contra o sofrimento.

Os dois ficaram abraçados durante muitos minutos, enquanto a coruja pensava nos dias que viriam e em como o filho encararia a vida depois de sua morte. Mas, enquanto não chegava de fato o dia, era difícil antecipar impressões e sentimentos. “Bem, isto será um papel do futuro, não do presente, por mais que o futuro esteja quase chegando” – pensou a coruja.

Nisto, um clarão mais intenso que o do luar iluminou os afagos do pai e do filho, que demoraram a perceber que algo diferente acontecia em torno deles. Era Aepyornis, cuja luz se mostrava pela primeira vez para os dois juntos. Foi emocionante vislumbrar a criatura de forma tão imponente e luzidia. Então, a Ave Suprema proclamou a quinta lição (*A fé com amor*).

Não há fé verdadeira sem o sentimento. O que sublima do coração é amor que consolida e alicerça a fé. Maior que a fé cega e temerosa, e ainda que a fé raciocinada, é a fé sublimada, emanacionada, irradiante, que não discute preceitos, mas apenas cultiva o que simples e naturalmente é.

Como sempre, cantou um poema, lindo como todos os poemas de Aepyornis.

*Mesmo tropeçando em grandes pedras
Não perde jamais a sua imensa fé
Se a vida se revela por dolorosas edras¹
Tenta encará-la como realmente ela é
Se o mar se enfurece ao brilho da noite
Que lhe importa o movimento da maré?
Se tem que sofrer os golpes do açoite
Suporta as esporas do chicote de pé
Não existe mais o dia e a noite
Depois que se descobre a fé com amor
Um carinho se equivale a um golpe de açoite
E o prazer se confunde mesmo com a dor
O fraco, no mundo, na verdade é o forte
E o que perde a batalha é o vencedor
O azar, de fato, pode ser a sorte
De quem já perdeu da vida o sabor*

– Amigos, a fé é o mais importante caminho para todos os momentos pedregosos. A fé é inabalável quando alicerçada pelo coração. Somente o amor é capaz de pavimentar com firmeza o degrau da escada da evolução. Viver a fé com amor é o verdadeiro caminho que aponta para o infinito. Caminhar com simplicidade e

¹ Edras: faces

humildade é viver com fé e amor.

– Não se deixem levar pelos momentos que parecem tristes. Toda vez que o sol da vida renasce, um sonho desabrocha, uma esperança ressurgue e a emoção reaparece como quem estava se escondendo no lado oculto da lua. Deve ser uma felicidade a partida, não uma tristeza. Alegrem-se com a renovação da esperança e da fé de uma alma e com o impulso de amadurecimento de outra. Fiquem em paz.

Aepyornis se foi e, com ele, também o clarão que o acompanhava. A luz do luar continuou forte, mas o pardal achou que já era o momento de dormir. Joca fez o mesmo, depois de mais um abraço. Ambos partiram sem dizer mais nenhuma palavra.

CAPÍTULO 14

A EQUIPE MÉDICA

Passados alguns dias, Tico estava cada vez mais angustiado na volta do cume da montanha. Ficava bem junto ao seu pai, mas retornava triste e a mensagem de Aepyornis sobre a fé fazia cada dia mais sentido. Era preciso realmente ter muita fé no futuro para suportar com tranquilidade a partida da coruja e os outros percalços da vida. Já começava a entender, com a ajuda do pai, que a vida realmente não se encerra com a morte física e, muito pelo contrário, no plano onde estava Aepyornis e as outras aves que já se foram, é que parecia que a vida ganhava contornos mais verdadeiros, sem as artificialidades do mundo social e cuja amplitude de visão se alargava muito quando era possível ou permitido que assim fosse.

O pardal começou a entender que cada ser possui uma crença, mas que esta existe, primariamente, para trazer fé àqueles que ainda possuem o coração preso ao lado material. Em suas reflexões profundas, Tico não fez alusão simplesmente ao sentido em que um indivíduo é apegado aos bens físicos, mas também quando este coloca os conceitos materiais acima dos espirituais e que não vê senão no mundo social a satisfação dos seus anseios. Entendeu que a crença, qualquer das que inspiram o bem, pode dar o impulso para que os seres primarizem o amor em suas vidas – e, conseqüentemente, os conceitos espirituais – e para que enxerguem algo além do que o convencionalismo dissemina na sociedade.

Por fim, o pardal percebeu que, além de incentivar a fé e o

amor, a crença pode trazer ou estimular o conhecimento, que complementa racionalmente o que já havia se sublimado. A coruja havia lhe dito que as crenças no mundo são como uma superfície áspera, em que cada aresta é como uma religião, que contém as suas particularidades sócio-culturais. Quando o sofrimento faz passar uma lixa sobre a superfície áspera e esta se torna lisa, desaparecem as arestas que as diferenciam e, então, sobra a essência que cada uma carrega em si, independentemente da sociedade e da cultura em que se inserem: o amor. Se o indivíduo persegue a fé com amor, descobre que não há porque ficar preso às arestas que afastam uns dos outros. De tanto perseguir a essência, torna-se, aos poucos, a própria essência, o que Aepyornis traz sempre com muita propriedade em seus poemas e lições.

Em uma das belas e frias manhãs de inverno, Tico acordava depois de uma noite cheia de reflexões e sonhos proveitosos. Os momentos finais do último sonho misturavam-se com as primeiras batidas do pica-pau na entrada da toca.

– Acorde, seu pardal dorminhoco! Temos visita agorinha mesmo!

– Quem? – respondeu o pardal, ainda sonolento.

– O canário está vindo aí, trazendo a garça. Avistou Karkia vindo voando de longe e foi lá buscar notícias. Pelo jeito, devem vir logo visitar a perdiz, pois o pelicano e mais outra ave estavam com ela – avisou Chanchã.

– Nossa! Um pelicano! Nunca vi um pelicano em toda a minha vida – confessou Tico.

– Vamos lá avisar a perdiz? Já lhe trouxe umas larvas para não precisar buscar. Vamos lá!

– É para agora! – respondeu o pardal, apressando-se.

Voaram para o buraco algumas árvores após a toca do canário e encontraram a perdiz, um tanto ainda triste, embora mais tranquila do que no dia do acidente.

– Epa! Tudo bem aí, perdiz? – perguntou o pardal.

– Alimentou-se bem? – completou o pica-pau.

– Está tudo bem, meus amigos – disse a perdiz. – Estou mais calma hoje e espero uma boa notícia em breve. Apesar disso, mais uns dias assim e não sei mais o que farei. Antes, ainda conseguia buscar comida sozinha, mas agora dependo de vocês. O dia em que me faltarem, morro de fome.

– Tenha fé, Pygia – ponderou Tico. – E, do que depender de nós, estaremos sempre por aqui. Nunca a deixaremos passar fome. Pode ficar sossegada, não é, Chanchã?

– Claro! Veja pelo lado bom das coisas! – continuou o pica-pau, aventurando-se pelo lado filosófico. – Se não fosse pelo seu problema mais sério, você não teria tido contato com outras aves e não teria feito novos amigos.

– Isto é verdade! Não posso amaldiçoar o sofrimento e nem perder a fé – assegurou-se a perdiz. – Realmente, estou tendo contato com almas sinceras, que ajudam sem querer nada em troca. E isto devo a vocês e ao canário.

– Então, sua fé será recompensada! – disse o pica-pau, que havia botado o bico para fora do buraco por um instante – Já vem vindo aí quem prometeu chegar.

– Que bom! Que bom! Vamos ver se me tiram este graveto tão incômodo da asa. Se me tirarem esta dor, já estará de bom tamanho – comemorou Pygia.

Chanchã saiu da entrada do buraco e permitiu que o canário entrasse, para que ele e Tico retirassem a perdiz para fora e encostassem-na em algumas folhas junto à árvore. Após ajudar a acomodar Pygia no ninho de folhas, o pardal levantou os olhos e assombrou-se com as grandes aves que acompanhavam a garça. Mas não conseguia imaginar qual delas seria o pelicano.

– Bom dia! – soltou solenemente a garça. – Este é Tóti, o pelicano¹, e esta é Cauanã, a cegonha¹. Estamos aqui para tentar

¹ Vem de totipalmados, sinônimo de pelicaniformes, que compõem os pelicanos e os atobás. No caso, Tóti é um pelicano-pequeno (*Pelecanus*

resolver o problema da perdiz. Não temos muito tempo, pois aproveitaremos as visitas tão ilustres para verificarmos os problemas de outras aves, de acordo?

– Claro! – consentiu a perdiz. – De qualquer maneira, quanto mais rápido me olharem, melhor será para mim também.

– Vamos lá, então – concordou a garça.

O pelicano afastou todos de perto da perdiz e começou a olhar o ferimento, por longo tempo. Enquanto isto, os amigos começaram a admirar as grandes aves com enorme interesse. O médico pelicano que ali se apresentava possuía um aspecto muito diferente dos pelicanos desengonçados e engraçados de que já tinham ouvido falar. O grande papo de Tóti e sua voz grasnada, ao contrário do que se imaginava, tornavam-no sério e respeitado, até mesmo por causa de sua imensa dedicação. Por outro lado, a cegonha era tal como haviam pensado: possuía um ar maternal e dócil, além de um longo e pontudo bico, que a ajudava bastante na lida com as intervenções cirúrgicas. Depois de muito observar, todos ficaram ansiosos pelo diagnóstico de Tóti, quando o venerado médico das aves quebrou, enfim, o silêncio.

– O tratamento paliativo foi muito bem feito, senhor canário. O ferimento está bem limpo, apesar do sangue ainda escorrer um pouco. Precisarei de algumas ervas anestésicas. O senhor pode buscar para mim?

– Já estou indo! – falou o canário, enquanto já alçava voo.

– Cauanã – disse Tóti, afastando-se dos demais e sussurrando para a cegonha e para a garça –, não está tão difícil! A paciente me disse que esta asa já havia cicatrizado de forma errada. Já que teremos de abrir e quebrar parte da asa para retirar o graveto, podemos quebrar mais este pequeno tarso, concorda?

occidentalis), embora seja maior que as aves com as quais se encontrou na passagem.

¹ Cauanã vem de um dos termos que designa uma das espécies de cegonha (*Enxenura galeata*).

– Sim, muito bem. Verificarei a asa mais uma vez para ver como será a questão operacional. Enquanto isso, o canário chega com as ervas, pode ser?

– Isto! – respondeu o pelicano. – Faça exatamente assim como disse.

A cegonha olhou detidamente para a asa da perdiz, explicando bem baixinho para os ouvidos atentos e os olhos bem arregalados da garça, que denunciavam a aprendizagem de coisas valiosas. Cauanã nem percebeu quando Furriel depositou as ervas perto de Pygia.

– Já chegou? – espantou-se a cegonha. – Agora, por favor, pegue aquelas folhas macias, molhe-as e passe sobre o ferimento junto com um pouco destas ervas, depois de dar um gole para a perdiz. Passe as folhas por cinco minutos, por obséquio.

O canário fez o que a cegonha lhe pediu, enquanto o pardal e o pica-pau observavam estupefatos, de longe, toda a movimentação médica. Já tinham se acostumado a ver os procedimentos de enfermagem do canário e alguns dos conhecimentos da garça, mas não imaginavam que veriam uma equipe tão valorosa, trabalhando tão objetiva e rapidamente como aquela. Furriel parecia um auxiliar veterano, de tanto ter ajudado a garça, e Karkia mantinha o aspecto sóbrio de uma residente de medicina, atenta a tudo o que ocorria.

– Está bom, senhor canário – disse Tóti. – Deixe Cauanã fazer a sua parte agora.

Furriel se afastou e juntou-se aos seus amigos. Explicou-lhes alguns detalhes que tinha ouvido e continuou alerta a possíveis ordens do pelicano, dirigindo-se para um pouco mais próximo do ninho de folhas. Enquanto isto, a cegonha, após atestar-se de que a anestesia havia alcançado certo efeito, beliscando com seu fino bico a parte carnuda da asa da perdiz, começou a cortar a pele e a carne da ave, abrindo um enorme buraco. A perdiz, já meio dopada, nem dava notícia do que ocorria. Quando a cegonha abriu tudo como se o seu bico fosse um bisturi, o pelicano começou a quebrar os ossos das asas, o que pôde liberar o graveto sujo de sangue. Entregou o graveto ao

canário, deixou a cirurgia por uns instantes nas mãos da cegonha e olhou novamente para o enfermeiro.

– Senhor canário, traga agora ervas cicatrizantes, mais fortes do que aquelas que utilizou quando tratou a asa paliativamente. Seja ainda mais ágil desta vez. Não lhe pedi antes porque estas ervas devem estar bem frescas para atingir o seu máximo efeito.

– Pois não – atendeu Furriel, voando ainda mais rápido.

– Senhor pica-pau! Agora o senhor nos será bastante útil – chamou Tóti.

– Ao seu dispor! – gritou, de longe, Chanchã, chegando mais perto.

– Faça-me uma tala de madeira com o comprimento da medida da asa da perdiz e com a largura um pouco menor que a da asa, compreendeu? – explicou o médico, enquanto o pica-pau já saía para fazer o seu serviço.

Tico já estava se sentindo um verdadeiro inútil, quando o pelicano levantou a voz, apontando o bico para onde estava.

– Senhor pardal, chegou a sua hora de ajudar. Traga-me uns gravetos moles para servirem de amarras para a tala que será feita por seu amigo pica-pau. Traga-me também algo parecido com fiapos de ninho de canário.

– Sim, senhor! – disse Tico, afastando-se imediatamente para cumprir a ordem.

O pelicano estava para quebrar mais alguns ossos, quando se retirou do local mais próximo da cirurgia e virou-se imediatamente para a garça.

– Karkia, deixarei esta parte para você. Vejamos se aprendeu com dedicação. Basta quebrar aqueles ossos sem desfazer totalmente o esqueleto da asa.

– Mas é muita responsabilidade! – exclamou a garça.

– Tenho certeza de que conseguirá – encorajou o pelicano. – Como cuidará de outras aves com semelhantes problemas em nossa ausência? Ademais, eu e Cauanã estaremos na retaguarda.

A garça ruborizou-se, pensou, quase desistiu do procedimento, mas olhou para a perdiz sedada e sangrando muito e, então, tomou coragem. Pôs o bico sob a carne flácida da asa e quebrou alguns ossículos.

– Pronto! Agora quebre aquele tarso. Não tem problema caso se desvincule da asa. Foi ele, principalmente, que cicatrizou erradamente outrora.

Karkia respirou profundamente e percebeu que os três amigos da perdiz olhavam-na com atenção, mas prosseguiu firmemente, já sem tanto medo de errar. Tóti e Cauanã eram professores atenciosos e não tinha o que temer. Cortou o pequeno tarso e segurou todo o esqueleto com o bico, até que a cegonha pudesse auxiliá-la. Em seguida, o pelicano acertou as partes ósseas da asa, recobriu o esqueleto com a carne da ave, costurou a pele com os fiapos de ninho e pediu Furriel para repetir o procedimento de cicatrização com ervas durante mais alguns minutos. Passado este tempo, foi o momento de colocar a tala de madeira que Chanchã construía e amarrá-la com os gravetos que Tico trouxera. Mais alguns minutos silenciosos e o médico retomou a fala.

– Parabéns a todos! Todas as aves trabalharam muito bem. Talvez esta tenha sido a cirurgia mais eclética de que se tem notícia. Participaram dela várias espécies: um pelicano, uma cegonha, uma garça, um canário, um pica-pau e um pardal, além da perdiz, que foi operada. Parabéns a todos mais uma vez. A intervenção cirúrgica foi um sucesso!

Todos aplaudiram as palavras do médico pelicano e até a perdiz abriu um olho com a algazarra, mas tornou logo a fechá-los, já que não ouvia nem via perfeitamente ainda. Foi preciso esperar mais quase uma hora para que a perdiz acordasse.

– Puxa! Já acabou? – surpreendeu-se a perdiz.

– Você diz isto porque ficou sedada por um tempo. Pergunte aos nossos amigos se foi tão pouco tempo assim – brincou o médico pelicano. – Mas tudo correu muito bem. Foi um sucesso e teve a ajuda

de todos, mesmo daqueles que nunca tinham sequer visto uma cirurgia.

– Puxa! Estou lisonjeada pela disponibilidade de todos. Muito obrigada! – agradeceu a perdiz.

– Vou dar-lhe umas instruções, tudo bem? – disse Tóti.

– Pode dizer. Já estou acordada.

– Você ficará com esta tala por um mês e, enquanto isto, o canário lhe fará banhos de ervas todos os dias. A garça lhe visitará durante uma semana, para ver como está no pós-operatório. Não poderá sair do seu buraco durante esta semana, entendeu? Estará de repouso absoluto até a garça dar a liberação. Depois disto, poderá sair de vez em quando do buraco, mas sem voos. Absolutamente sem voos, tudo bem? Depois de tirar a tala, poderá fazer um pequeno voo por dia até que, passado mais um mês, possa alçar voo até a altura desta árvore. Mais que isso, nada poderá fazer.

A perdiz começou a chorar copiosamente e todos pensaram que era por causa do pós-operatório. Mas a perdiz enxugou as lágrimas e pôs-se a explicar.

– Não se preocupem, meus amigos. As lágrimas são de felicidade. Pensei que nunca mais voltaria a voar. Antes do graveto, eu fazia somente pequenos voos, bem rasantes. Agora, poderei voar voos médios, na altura das árvores. Sei que não posso voar sozinha por cima deste vale, mas o que poderei fazer agora é muito mais do que eu sonhava nos meus dias de escuridão e agradeço tudo a vocês.

– Mas o que fizemos foi somente acabar de quebrar a sua asa mal cicatrizada e reconstituir o seu esqueleto, senhora perdiz – explicou Tóti. – A senhora deve agradecer à ciência e não a nós, humildes servos da medicina.

– Agradeço não somente a ciência como a estes seres magníficos que cuidaram de mim. Desde os meus três amiguinhos, que me ouviram na mata e me trataram dia após dia, até a garça, que teve humildade para buscar ajuda, e vocês, médico pelicano e médica cegonha, que vieram de longe para me ajudar. Meu muito obrigado!

A comoção tomou conta de todos naquele dia, em que as aves nem tiveram tempo de almoçar. A garça levou os visitantes ao vale para se abastecerem de peixes, já que os biguás os aceitavam como médicos curadores que eram, e o pica-pau tratou de alimentar os pequenos na Mata da Encosta. No pôr-do-sol, Tico levou a notícia da cirurgia ao seu pai no cume da montanha e arrancou um gostoso sorriso de orgulho da coruja pelo filho.

CAPÍTULO 15

GRANDES LIÇÕES

Os dias de Tico e de seus amigos andavam agitados, pois tinham uma perdiz para cuidar. Os do canário, especialmente, estavam repletos, pois, além da perdiz e de seus pacientes costumeiros, tinha adquirido a assistência de outros biguás, que tomaram coragem de expor suas dores após receberem a visita dos médicos e saber que o canário realizara um bom trabalho na cirurgia. A fama da equipe tinha se espalhado pelo vale e Karkia ficou ainda mais requisitada, dando mais trabalho para o enfermeiro Furriel.

Por outro lado, os dias de Joca estavam sendo um tanto enfadonhos, pois, ao mesmo tempo em que esperava a morte, seus sonhos e visões o tinham abandonado por alguns dias, restando o alento do pôr-do-sol com o filho. Sabia que sua hora não tardava em chegar, mas acostumara-se com as intervenções de Stan e Aepyornis. Percebeu, então, que era hora de meditar consigo mesmo. Existem certos momentos, e eles são muitos, em que é preciso uma coruja parar para refletir.

Joca dirigiu-se para o cume da montanha, mesmo ainda sendo manhã, pois era um lugar que inspirava naturalmente a reflexão. Pousou em uma pedra de frente para o horizonte vislumbrado a partir do Vale dos Biguás e descansou as asas sobre o corpo, enquanto preparava a sua mente para os momentos de meditação. Começou a pensar novamente no tempo em que deixou de conhecer outros lugares, mesmo este assunto já se encontrando encerrado e justificado

pela consciência da ave. Pensou que pudesse ter fugido dos desencontros da vida e dos males que as outras aves poderiam lhe causar. Será que tinha fugido de si mesmo? Será que suas conquistas haviam sido minimizadas pelo medo de caminhar adiante? Decerto, isto ocorre na vida de muitas aves, mas terá sido este um erro seu? Deveria ter trocado a caminhada para dentro de si mesmo pela caminhada pelo mundo? Pensou nos caminhos societários, que tanto o incomodavam sem mesmo tê-los conhecido. Pensou novamente nos males do mundo e o seu pensamento parou, caminhando em círculos. Não conseguia prosseguir, pois a dúvida constante o perseguia, mesmo não mais se culpando.

Enfim, uma pequena luz se fez em seu coração e uma paz serena lhe preencheu a alma repentinamente. Não havia chegado a nenhuma conclusão, mas uma calma antecipada pressentia um reequilíbrio aconchegante. Mais uns instantes e não tinha mais dúvidas: era o prenúncio da visita do amigo Aepyornis. Estava aprendendo a sentir a presença da grande ave, que tinha uma energia própria, que se fazia sentir crescente quando se aproximava.

– Bom dia, meu nobre amigo. Primeiramente, gostaria de me desculpar por não ter presenciado tua cerimônia tão bela. Havia muitos compromissos naquele dia e o dever me chamara. Mas muitos companheiros narraram-me com detalhes tudo o que de mais belo ocorreu. Felicito-te como se lá estivesse e lá realmente estava, em espírito. Ouvi as tuas reflexões e é chegado, então, o momento da sexta lição (*O bem e o mal*). Trouxe outro amigo teu para me ajudar hoje. Não podes vê-lo como me vês, mas podes ouvi-lo como me ouves. Em breve, tê-lo-ás, como tem a mim também.

Joca tinha certeza de que o amigo era Stan. Era uma certeza tão convicta que nem precisou ouvir sua voz para confirmá-la. Mas quem começou a se pronunciar foi a Ave Suprema.

O mal não existe senão dentro do ser. Se assim é, o mal não pode existir vindo, somente indo. Mas o que

pode chegar a outro ser é somente o bem. O mal fica, ruminante e perturbador. Se se ouve o canto de suave de um pássaro ou o grito ameaçador de uma ave de rapina, é Deus se manifestando através dos seres para o bem de todos. Se o ser isto verdadeiramente compreende, tem aí a raiz profunda da verdadeira fé.

A coruja ficou um pouco confusa com as novas informações, pois não conhecia um mundo tão cheio de maldades, embora tivesse ouvido falar muito dele. As aves do bosque voltavam de grandes viagens e povoavam o ambiente com os seus contos maravilhosos, mas sempre carregados de grandes males e frustrações, entremeados com momentos alegres e gratificantes. Foi que a voz de Stan tentou completar a fala de seu antecessor.

– Joca, minha velha amiga coruja, que tanto me presenteou com a sua magnífica presença na antiga sala de aula e, recentemente, em nosso jardim belo e florido. Um valoroso companheiro disse uma vez que *“o que contamina não é o que entra pela boca, mas o que sai. Tudo o que entra pela boca, desce para o ventre e é lançado fora. Mas o que sai da boca procede do coração e isso contamina o homem¹”*. Ele quis dizer que o mal jamais chega ao homem por outras pessoas, mas, na verdade, parte dele para os outros. Isto significa que o que vem de fora é sempre o bem – não importa como venha ou de quem venha – e que o mal somente parte do coração do homem, contaminando a si próprio. Para completar, o companheiro ainda disse que *“é necessário que o escândalo venha, mas ai daquele que provocar o escândalo²”*. Em outras palavras, é necessário que o mal venha, para o bem do que recebe, mas ai daquele que o pratica. Este conceito é tão profundo e controverso que os indivíduos comuns não podem ainda vislumbrá-lo com tamanha exatidão. Confundem os que

¹ Mateus 15:11;17-18.

² Mateus 18:7.

ainda estão aprendendo a se melhorar e que estão sendo usados por Deus como instrumento do bem com o mal que está no próprio coração. Isto faz com que nós, ignorantes, transfiramos a responsabilidade de nossos próprios defeitos e méritos negativos para os outros e culpemos nossos problemas pelos supostos males que os outros nos causam.

– Contar-lhe-ei um caso pessoal – continuou Stan. – Durante muito tempo, fiquei muitíssimo intrigado porque muitas pessoas recebiam ofensas o tempo inteiro e eu nem sempre. Achei que é porque não via ofensas em nada ou não dava chance a ninguém para me ofender ou me fazer mal. Um dia, ambicionei uma coisa e me ofenderam. Desejei outra e me provocaram. Busquei a felicidade fácil e veio a desgraça. Estranhamente, não culpei o mundo nem os seres. Procurei enxergar o que em mim havia provocado tudo aquilo. Assim é que percebi que o mal só residia dentro de mim mesmo. Por incrível que parecesse, o mal não chegava nunca. A ofensa me corrigia, a provocação me alertava, a desgraça fazia-me crescer. Tudo isso era um bem, afinal. Depende de como se enxerga. Por fim, cheguei à incrível conclusão de que o perdão também não tem sentido de existir, pois o perdão só teria sentido se alguém pudesse nos fazer mal. Como não há mal vindo dos outros seres, somente a voz de Deus através do outro para o meu bem, para que o perdão? É claro que, enquanto não enxergarmos e não praticarmos muito bem estes conceitos, é preciso utilizar deste instrumento de tranquilização da consciência e de arrefecimento dos ânimos rancorosos, que se traduz em amor; mas, uma vez que não sentirmos mais ódio em nosso coração quando entendermos que ninguém nunca nos fará mal a não ser nós mesmos e o amor for natural, esta prática do perdão se extinguirá por desnecessidade. Finalmente, descobri que eu tinha que me esforçar para ser também um mensageiro consciente da voz de Deus, agindo espontaneamente para o bem dos seres. A partir destes tempos, minha fé começou a se tornar gigantesca.

Após a explanação de Stan, Aepyornis ainda proferiu algumas

palavras, antes de entoar seu poema costumeiro.

– Coruja amiga, podes perceber que, para alcançar a angelitude, é preciso que possuas um coração de ouro. Sei que estás no caminho, mas a trilha é árdua, estreita, sofrida, penosa. A partir do momento em que se percebe que o mal reside apenas em si mesmo, como disse o nosso companheiro Stan, um mundo interno cheio de defeitos se abre e há uma intensa sensação de que se perdeu um longo tempo tentando justificar nos outros seres os próprios percalços. É preciso que se deixe de olhar a maldade nos outros, pois que refletem como um espelho os próprios defeitos, e passe a olhar a maldade dentro de si mesmo. Conhecer a si mesmo é algo imperioso e urgente. O próximo poema é sobre aquele ser que tem um coração de ouro.

*Não tem medo do que encontra pelo caminho
Pois sabe que tudo o que vem é divino
Até os lobos têm pelugem de linho
E, no fundo, a doçura do instinto canino
Até o pecado se veste de púrpura
Se o coração é tal como de um menino
Que se alimenta de fruta vistosa e súcula
Cujo veneno não abala o ingênuo paladino¹*

– Fique com Deus, nobre coruja. Estamos indo agora.

A luz e a energia de Aepyornis diminuíram gradativamente e a respiração de Stan esvaiu-se como uma brisa que muda de direção de repente. Os dois amigos deixaram a coruja chorando desta vez. A sexta lição foi impressionante para a pobre alma aprendiz da ave que ainda tem muito a percorrer. A única conclusão automática a que pôde chegar em seus momentos ainda de êxtase foi que enxergar o mal apenas dentro de si é um instrumento fabuloso para cultivar a fé com amor.

¹ Paladino: corajoso.

Joca sentiu-se bastante renovado com a presença dos amigos espirituais e isso foi o suficiente para que o enfado deixasse o seu coração. Depois de longos e profundos rasantes por toda a extensão do triângulo, voou para o pináculo e lá dormiu um sono profundo durante toda a tarde, o que o fez até perder o pôr-do-sol no cume da montanha.

Era a vez de Chanchã ficar com a perdiz enquanto o pardal sobrevoava a Mata da Encosta para atingir o cume. Chegaria em cima da hora do pôr-do-sol e imaginou que a coruja já estivesse lá por bom tempo. Quando pousou, uma enorme surpresa o preocupou.

– Meu pai, onde está você? – disse, em voz alta. – O senhor nunca falta! Terá chegado a sua hora? Estou preocupado.

Tico lembrou-se da ocasião em que o pai se atrasara por causa do passeio às cachoeiras do bosque e relaxou. “Afim, ninguém precisa ser pontual todos os dias” – pensou. O crepúsculo se prolongava por alguns minutos e o pôr-do-sol já dava sinais de que não suportaria mais a pressão escura da noite a lhe tomar a cor. Foi que o último filete de luz do sol abandonou o cume da montanha em noite de lua nova e o pardal já estava para alçar um voo rápido, que a coruja veio, sobressaltada e ainda meio tonta, a invadir o escuro recinto de encontros e meditações.

– Papai! Hoje o senhor se atrasou muito!

– Perdoe-me, meu filho. Seu pai dormiu mais que de costume. O dia foi muito proveitoso. Além de voar bastante, recebi aqui, mais cedo, a visita do velho Stan e de Aepyornis, com lições muito importantes. Como você vai, pequenino?

– Estou bem, papai. Ao mesmo tempo em que triste com a sua partida em breve, estou preocupado com a perdiz. Prometi a ela encontrar o seu marido, mesmo se for o último feito de minha vida. Estou bastante dividido entre a Mata da Encosta e a continuidade da minha missão, se o senhor me entende.

– Você está entre o dever e a emoção, meu filho. Difícil é quando eles se contradizem e feliz é o ser que enxerga emoção no dever, já que não se pode atribuir dever à emoção. A emoção é viva e

espontânea e morto se sente quem coloca razão demais no que é emocional, ao mesmo tempo em que zombeirão se sente quem imputa emoção demais no que é racional. Cada coisa tem seu quinhão de uma e de outra e abençoadas são aquelas em que as duas se confundem. A emoção e a razão são como as asas de uma grande ave. Se uma delas lhe falta ou é menor que a outra, a ave fica coxa e uma das asas tem que parar para corrigir a outra. A asa da emoção se faz com amor e a asa da razão se faz com conhecimento. O ser que é racional demais deixa de colocar pingos de amor nos momentos de emoção e o ser que é emocional demais se afoga em sua própria ignorância. É preciso que ocorra um equilíbrio para que a ave voe harmoniosamente.

– Nossa, papai. O senhor está filosófico demais hoje.

– Pois é! E, afinal, como está a sua amiguinha perdiz, já se curou? E os seus outros amigos, como estão?

– A perdiz vai melhorar, papai. Precisa só de um pouco mais de paciência. Chanchã está muito bem, com sua função de arranjar comida para a perdiz e para o canário, que anda muito ocupado. Furriel está empolgado com o trabalho, depois que descobriram que ele era um ótimo enfermeiro.

– Cada qual com sua função, meu filho. Sempre há alguém para executar cada tarefa que é necessária. E o seu propósito de continuar a conhecer as coisas profundas, ainda está vivo?

– Vivo como nunca, papai. Mas penso que não é ainda exatamente a hora de continuar. Tem a perdiz e tem o senhor.

– Não se prenda por mim, meu jovem. Seu velho pai não faz mais do que voar do triângulo ao cume da montanha, nada mais. Ademais, tudo o que você está vivendo faz parte desta descoberta.

– Como é, papai?

– Deixe para lá. Não ouça este velho.

– Mas sei que ainda não é a hora de eu continuar seguindo, meu pai – continuou o pardal. – Afinal, estou aprendendo muito estes dias. O dia em que não aprender mais, é hora de ir embora.

– Tudo bem, meu filho. Você é senhor de si agora. Respeito

todas as suas decisões, que, tenho certeza, serão tomadas com a sabedoria de um rapazinho bem comportado.

– Comportado eu não sei, papai. Mas determinado acho que sim. E acho que até demais.

– Até demais para quê?

– Até demais para voar tão longe de casa, sendo que a Mata da Encosta é tão boa para se viver.

– Não se preocupe com isso, meu filho. Nosso lugar é onde está a nossa necessidade e o nosso coração e não onde está o nosso desejo, o que é bem diferente. Pense nisto!

– Vou pensar!

– Já é noite escura. Vamos nos recolher?

– Vamos, papai, está tarde mesmo.

Depois de mais um longo e afetuoso abraço, as duas aves recolheram-se, tomando cuidado para não cruzarem com algum galho desprevenido pelo caminho. Tomaram um voo mais alto para se distanciarem das árvores e foram para os seus lares. Enquanto Joca, após ter dormido a tarde inteira, saía para caçar, Tico se direcionou direto para a sua toca, aguardando o sono tranquilo que viria logo.

CAPÍTULO 16

A NAMORADA DE CHANCHÃ

Tico acordou mais feliz com tantos acontecimentos nos últimos dias. Mas estranhou muito não ter sido acordado aquela manhã pelas batidas de Chanchã na entrada da toca, pois tinham combinado de voar juntos até o buraco da perdiz. Como já havia passado algum tempo do crepúsculo matutino, resolveu ir sozinho para ver Pygia, pois já devia ser a hora de sua alimentação. No meio do caminho, viu uma cena difícil de imaginar na sossegada Mata da Encosta. Chanchã havia arrumado uma linda pica-pau.

– E aí, Chanchã, tudo bem? – perguntou o pardal, propositadamente.

– Tudo bem, Tico! Deixe-me apresentar-lhe Tauá¹.

– Tudo bem, Tauá? – cumprimentou Tico.

– Tudo bem! É um prazer conhecê-lo. Chanchã falou muito bem de você. Disse que são muito amigos.

– Sim, somos muito amigos – respondeu Tico, curioso. – Mas como veio parar aqui?

¹ Tauá: vem do nome vulgar alternativo do pica-pau amarelo (*Crocormorphus flavus*). Embora Tauá seja uma pica-pau do campo como Chanchã, tinha mais detalhes amarelos que um espécime normal. Embora pica-pau seja um substantivo masculino e o correto poderia ser “o pica-pau fêmea”, Tauá será tratada aqui como “a” pica-pau, como forma de diferenciação e facilitação, já que a expressão será extremamente usada no decorrer da história.

– Chegou a hora de deixar a minha família e construir a própria vida – respondeu a pica-pau. – Resolvi pousar naquele vale, mas umas aves estranhas não me deixaram ficar lá – respondeu a pica-pau.

– Vixi! A mesma história de novo! – comentou baixinho Tico, olhando para Chanchã, que sorriu timidamente.

– Como é? – perguntou Tauá, sem entender muito.

– Bem, de onde você veio? – perguntou o pardal, mudando de assunto.

– Eu vim de um vale que existe atrás das montanhas do bosque – disse, apontando para onde Tico tinha nascido.

– Existem montanhas por lá? – indagou Tico, intrigado.

– Sim, existem. Não são grandes montanhas, apenas pequenos montes, de onde nascem alguns riachinhos. Ou você acha que os riachinhos nascem de baixo para cima? – zombou Tauá.

– Claro que eu sei que eles nascem em cima. Mas é que fui criado naquele bosque e não me lembro de meu pai ter me contado que havia montanhas lá.

– É que eles se misturam com o bosque, como esta mata de encosta aqui. Esta região é cheia de matas de encosta – completou a ave.

Tauá, sem querer, havia criado um problema, pois Tico, Chanchã e Furriel tinham acabado de denominar definitivamente aquela mata sem nome onde viviam de Mata da Encosta. Mas como havia muitas matas de encosta por ali, isto mudava tudo. Tico pensou que, depois, deveria se reunir com seus amigos para ver como procederiam a partir de agora, se bem que achava que, uma vez batizada, ninguém mudaria mais o nome da mata. Chanchã, por sua vez, admirou-se da rapidez com que Tico e Tauá conversavam, como se velhos amigos fossem.

– Se nasceu lá, você deve ser amigo das ararinhas. Algumas delas eram muito minhas amigas – continuou.

– Sim, fui amigo de infância dos filhotes das ararinhas, dos

papagaios e dos periquitos.

– Mas nunca o vi nas montanhas, onde você estava? – estranhou Tauá.

– Bem, os pardais não são exatamente aves de montanha nem de floresta. Além disso, meu pai demorou muito a me deixar ir longe – explicou o pardal.

– Então por que mora aqui se não é de montanha? – perguntou a pica-pau, ainda confusa.

– Ih, isto é uma longa história! Deixemos para depois. Agora, preciso visitar uma amiga doente.

– Uma pardaloca? – sorriu Tauá.

– Não – gargalhou Tico –, é uma perdiz que está se recuperando de uma cirurgia. Preciso ajudar o canário a cuidar dela. Além disso, também é necessário deixar que os casais da mesma espécie se entendam – deu o troco. – Chanchã, hoje a providência do almoço de Pygia é por minha conta.

– Tudo bem, meu amigo. Em breve, estarei lá – concordou o pica-pau.

– Fique à vontade. Eu e Furriel damos conta do recado.

Tico voou por mais algumas árvores e encontrou o canário terminando o banho de ervas na asa da perdiz.

– Bom dia, queridos amigos! Como vão? Está um lindo dia, não? – disse Tico, com um ar de quem tinha novidade das boas para contar.

– Bom dia, pardal! – respondeu a perdiz, sorrindo. – Que é que você está escondendo aí? Pode desembuchar.

– Bom dia, pardal fofoqueiro! – brincou o canário, que já o conhecia muito bem. – Pode falar.

– Vocês não sabem o que eu acabei de ver ali, há umas oito árvores daqui!

– Diga, diga! – disseram os outros dois, em coro.

– Chanchã arrumou uma namorada! – e pôs-se a rir, sem vontade de parar.

– Não é possível! – surpreendeu-se o canário, também sorrindo muito.

– Não é possível por quê? – disse a perdiz, com ar de experiente.

– Chanchã é uma ave solitária! Fez amizade conosco, mas não se importa em ficar sozinho, se precisar – disse Furriel.

– Ah, mas não há solidão que não encontre um par – disse a perdiz, dando a entender que falava de si mesma. – Afinal, Chanchã já é um rapazinho. Ele é mais velho que vocês, não sabem disto?

– É, isto é verdade – concordou o canário, ainda com um semblante alegre.

Neste momento, um silêncio se fez, pois os três amigos começaram a pensar em sua própria vida afetiva. A perdiz estava longe do marido, que não sabia nem onde ela estava mais. O canário não tinha tempo para pensar em namoricos e, além disto, ainda era bem novinho. E o pardal tinha o exemplo de um pai completamente solitário hoje em dia e o fato de que também era ainda novo, com idade parecida com a do canário. Com o término do banho de ervas, Tico novamente levantou a conversa.

– Por falar em par, Pygia, quero reafirmar aqui a minha vontade de encontrar o seu marido, como já havia prometido antes a você. Daqui a algum tempo, terei que ir embora e será a hora de procurar.

– Agradeceria muito se pudesse achar o meu esposo. Mas não gostaria que esta obstinação se transformasse em um fardo para você – disse a perdiz.

– Não será um fardo! Poderei encontrá-lo até naturalmente, se tiver sorte.

– Mas será uma aventura grande a sua. Quem irá com você?

– Bem, pelo jeito, ninguém. Terei que ir sozinho. O canário tem os seus afazeres. O pica-pau já havia demonstrado alguma vontade de ir comigo, mas agora parece que está amando e não vai querer deixar Tauá. Devo realmente ir sozinho.

– Mas já deve estar acostumado – consolou a perdiz. – Você não veio para cá sozinho?

– Sim! Foi isto mesmo.

– Então, não será tão difícil assim. Se fez amigos aqui, acabará fazendo em outro lugar também.

As palavras da perdiz causaram um impacto forte no canário e no pardal. Aquela amizade que parecia eterna estava ameaçada pela futura distância entre as aves da Mata da Encosta. Será que o pardal voltaria algum dia ou iria embora para sempre? Só o tempo poderia dizer. Como Tico não queria chorar ali na frente dos amigos, saiu para buscar o alimento para Pygia, que já devia estar morrendo de fome, deixando a perdiz em companhia do canário.

Enquanto os amigos conversavam no buraco da perdiz, Chanchã galanteava a visitante, que caíra do céu como um presente dos deuses. Não entendia como, mas achava as palavras certas e realizava os gestos certos para os momentos devidos. “Coisa de instinto isso” – pensou. E a meiga pica-pau correspondia ao cortejo do amado, prenunciando o casal que em breve se formaria.

– Como a vida simplesmente me trouxe um anjo caído do céu para alegrar-me os dias? – galanteou o pica-pau.

– E como vim parar aqui nesta mata? Só pode ser destino! Somos tão parecidos! – disparou Tauá.

– Por falar em parecer, você tem a plumagem mais amarela que o normal, não? Isto a deixa ainda mais bonita.

– Impressão sua. Não sou tão amarelinha assim.

– É sim – garantiu Chanchã. – Os pica-paus-do-campo normalmente têm a cabeça e a garganta pretos, mas você tem a garganta amarela. E isto a faz especial. Pelo menos, para mim.

– Assim, você me deixa encabulada. Vamos comer alguma coisa? Depois, falamos mais nisto.

– Vamos sim! – concordou o cortejador, que sabia que teria mais tempo para lançar os seus galanteios. – Tenho que visitar a perdiz daqui a pouco. Quer vir comigo?

– Claro! Depois, tenho que ver uma toca, pois nem morada tenho por aqui.

– Mais tarde, providenciamos isto – recomendou o pica-pau, seguro do interesse de sua amada e da certeza de que ela também ficaria no assa-peixe. – Vamos procurar larvas então.

Todos foram almoçar logo de uma vez, pois a hora do desjejum já havia passado faz tempo. Desta vez, separadamente ou em grupos. Tico e Pygia almoçaram no buraco, Chanchã e Tauá perto do assa-peixe e o canário próximo de sua toca. O crescimento gradativo da população da Mata da Encosta pode ser creditado aos biguás, que, embora tenham afastado muitas aves para longe, acabaram por apresentar a algumas a mata quase solitária, com a qual se adaptavam rapidamente.

À tarde, todos foram se encontrar no buraco da perdiz. O canário já havia cumprido os seus afazeres daquele dia na parte da manhã e estava liberado. A morada de Pygia acabou virando um ponto de encontro de amigos, o que deixava a dona da residência muito feliz. O problema era que dois pica-paus mal caberiam na morada para conversarem com os amigos, que ficavam dentro do buraco. O jeito era espremer as duas cabeças e os dois bicos na entrada, o que muito agradava a Chanchã e, claro, devia agradar a Tauá também.

Foi uma verdadeira festa aquele dia. Os cinco amigos confraternizaram-se como poucas vezes aconteceu. A perdiz nem se lembrou de que ainda sofria com o pós-operatório e o pardal nem se recordou de que o pai estava de breve partida. Os demais estavam se divertindo a valer, já que não tinham queixas da vida naquele momento. “Só faltou o meu pai aqui para a festa ficar completa” – pensou Tico. Foi quando se lembrou do pôr-do-sol, pediu licença e partiu para o cume da montanha, deixando os quatro amigos avançarem o papo pelo começo da noite, já que Chanchã havia trazido comida que daria para uma noite inteira.

Tico voou para o cume até bem cedo e seu pai já estava lá, como se desculpando pelo atraso do dia anterior. Um grande abraço

de saudação e Tico logo perguntou, avidamente.

– Papai, eu não vou namorar?

A coruja levou um susto, mas sabia que se daria com esta pergunta algum dia.

– Meu filho, isto depende de você. Mas esta não será uma tarefa fácil, já que sua missão lhe pede para que conheça vários lugares e aves e os pardais geralmente habitam onde há humanos e poucas outras aves. Você seria, como posso dizer, um *pardal-da-mata* e, como você, existem poucos ou nem existem.

– Eu imaginava que esta seria a resposta, papai. Mas Chanchã arrumou uma namorada e a perdiz disse que toda solidão encontra um dia um par.

– Tudo é possível, meu filho. Mas não se pode generalizar. Seu velho pai, por exemplo, embora tenha se acasalado algumas vezes, não quis fazer um compromisso. E muitos humanos são assim também, como o próprio Stan e outras pessoas das quais ele me contava. Tudo será como tiver que ser, só o tempo dirá.

– Como conheceu as corujas com quem o senhor se acasalou? – perguntou o pardal, tentando puxar alguma informação antiga do pai.

– Ora, Tico! Na época, o bosque e a mata da universidade eram mais povoados e não era difícil encontrar uma coruja fêmea. Difícil era convencê-las de que eu não queria continuar o relacionamento depois do acasalamento. Nem todas as corujas são tão solitárias assim. Seu pai é que, com o tempo, como boa parte das corujas, preferiu os hábitos solitários. Hoje, nem faz mais diferença a solidão e a companhia de outra coruja. Acostumei-me assim e, assim, desejo ficar.

– Por que não conheço outros pardais? – cutucou Tico.

– Ora, porque, se perto da universidade não havia pardais, no bosque é que não estariam. Em suas andanças, acabará encontrando alguns deles, mas o seu *habitat* será muito diferente do deles, o que poderá lhe impedir de prosseguir a amizade. Mas deixemos o futuro

com o futuro, não é mesmo?

– Sim, papai! Não ficarei me preocupando com isto antes da hora.

– Preocupe-se com os seus preparativos para a viagem, pois, em poucos dias, sinto que você prosseguirá a sua jornada, como eu irei de encontro com a minha.

– Ai, papai! – lamentou Tico. – Não diga isso. Será muito, muito triste.

– Mas é preciso que você se prepare. Agora, já não demora muito. Não lhe abandonarei em espírito, meu filho. Mas meu corpo descansará em breve.

– Saber que você não vai morrer de fato e que estará em companhia de amigos é confortante, papai. Que pena que muitos não sabem ou não acreditam nisto. Uma pena!

– Sim, mas, para cada um, existe a hora de aprender cada pedacinho pequenino da verdade. Ela vem em conta-gotas, nunca de uma só vez. Mesmo que as palavras sejam ditas, os indivíduos as absorvem em pequenas doses. É a lei da vida – filosofou Joca.

– É verdade. Veja como aprendi da infância para cá. A cada dia, aprendo mais e mais. Você já me disse tantas coisas, mas somente fui compreender bem depois! – confirmou Tico.

– Sim, você era um pardalzinho pequenino, que eu achava que era um tico-tico, e ficou me fazendo um monte de perguntas que eu não podia responder naquela época. Como você cresceu, meu filho, e quantas alegrias me dá! Partirei feliz sabendo que entreguei ao mundo uma avezinha mais madura do que quando saiu da toca. Fico muito feliz por isto.

E as duas aves se abraçaram longamente, como se uma despedida fosse. Tico sabia que aquela poderia ser uma das últimas oportunidades de ver o velho pai com vida física. E Joca, sentindo o cansaço natural de quem começa a vislumbrar um mundo novo e a entregar suas forças para spendê-las em outro caminho, ficava entre consolar o filho e preparar o seu coraçãozinho. A energia que sentia

quando Aepyornis estava próximo não deixava de acompanhá-lo e Joca percebia que esta proximidade tinha a finalidade de preparar a sua passagem. Passou quase uma hora de longo abraço e Joca sinalizou para que Tico enfrentasse a escuridão de volta para a sua mata e este, obedecendo, se afastou, chorando copiosamente sem olhar para trás. A coruja também chorou após o pardal levantar voo e experimentar a sensação de ter deixado para trás o símbolo de quase uma vida inteira que havia se passado até então. Joca, ao contrário de outros dias, ficou no cume da montanha naquela noite, buscando inspiração para algumas de suas últimas reflexões em vida.

CAPÍTULO 17

A IDA DE JOCA

Na noite que se seguiu e durante toda a madrugada, o sono inquieto e os altos soluços e gemidos de Tico começaram a preocupar o casal de pica-paus no assa-peixe. Assim que o dia começou a clarear, ambos foram para a entrada da toca tentar entender por que aquele pardalzinho tinha voltado a chorar depois de tanto tempo.

– O que houve, pardal? Para que tanto choro? – perguntou Chanchã.

– Vou perder meu pai, Chanchã. Está próximo. Ele me avisou ontem – respondeu Tico.

– Depois daquele sonho ter virado realidade, não duvido de mais nada que venha de você – disse o pica-pau. – Mas sinto muito pelo seu pai. Espero que o tenha aproveitado muito.

– Ah, eu aproveitei, pois sempre foi o meu companheiro até que eu viesse para a Mata da Encosta. Ensinou-me tudo o que sei e me criou como se realmente fosse um filho seu.

– Mas você era! – disse Tauá. – Só não era biologicamente, mas, nos demais sentidos, pelo que me contou Chanchã, você era um verdadeiro filhote dele, não era?

– Sim, desde o ovo, inclusive. Nunca me preocupei em saber quem eram os meus pais, porque meu pai e minha mãe são o meu pai coruja. E isto ninguém nunca me tirará.

– Com certeza, não! – disse o pica-pau, olhando para o céu ainda semiestrelado e

se lembrando dos seus tempos de garoto. – As imagens de seu pai e o respeito que sente por ele ficarão para sempre em seu coração. Mas vamos falar de coisas alegres? Não quero vê-lo aí tão tristonho. Vamos passear para comer larvas? Mostrarei a Tauá os melhores buracos habitados por elas. É o meu convidado hoje. Pode se levantar daí e voar com a gente.

– Está bem! – reanimou-se o pardal, em parte para esquecer um pouco a tristeza e em parte para não fazer desfeita à recém-chegada Tauá. – Vamos sim. O canário cuidará da perdiz hoje de manhã.

Enquanto os amigos conversavam, Joca, que havia passado a noite no cume sem ao menos ter caçado uma presa, começava a sentir mais próxima ainda a presença de *Aepyornis*. Foi quando a figura alada surgiu, clareando ainda mais o ambiente e ofuscando as últimas estrelas que ainda teimavam no firmamento engolido pelo crepúsculo matutino após uma aurora fulgurante. Depois do espetáculo noturno do lindo céu de inverno, a luz da criatura era um coroamento dos momentos ali passados.

– Nobre amigo Joca, hoje é o último dia que terás lições em vida. Teu filho as ouvirá também de onde estiver, pois lhe serão útil em sua caminhada.

Tico estava pousado em um galho observando o bater de bicos do casal de pica-paus em uma velha árvore quando começou a ouvir as vozes da criatura alada, chegando a pedir um pouco de silêncio aos amigos e a voar para duas árvores adiante.

– Hoje, contar-vos-ei a história de algumas aves, que se esforçaram para renovar-se. A renovação deve ser constante, a fim de que o tempo não se perca pelo caminho e a tristeza não acompanhe o ócio do conhecimento. O alicerce do sentimento é essencial para que a incessante transformação do ser aconteça em todos os momentos de sua vida.

– Existia um carcará¹, ansioso por conhecimento assim como vocês, que procurava ajudar a todos em sua chapada, seja o pato

¹ Carcará (*Polyborus plancus brasiliensis*).

mergulhão¹, seja a seriema², seja o falcão³. Apesar de sua aparência de ave de rapina, estava sempre próximo a quem precisasse, deixava um conselho amigo, uma palavra consoladora, um sorriso sereno. Parecia uma fonte inesgotável, que alimentava cálices de luz. Mas especializou-se tanto em ajudar que começou a achar que poderia fazer isso com todas as aves, deixando de lado os importantíssimos pequenos auxílios que prestava. Subiu em uma montanha e lá começou a arquitetar seus planos de ajudar o mundo inteiro e foi se afastando da prática singela e tão necessária. Simplesmente esqueceu-se de se transformar. Quando se deu por conta, sua fonte não servia nem para saciar a sede do mais fétido abutre. Teve que se recolher por tempos e tempos, a fim de se purificar, para que pudesse dar de beber a alguns humildes passarinhos.

E um pequenino poema canção com uma voz magnífica terminou a história do carcará, para o deleite de pai e filho.

*Mas mal sabia que metamorfose o aguardava
insistente
Pois que a lagarta fará o casulo onde der
Mas, depois, o que acontece, de repente
É um novo ser que sabe pousar onde bem quer.*

E a primeira parte da sétima lição (*A transformação*) veio logo em seguida.

*Todo ser deve se transformar, serena e naturalmente.
Irradiar vida, tornar-se fonte de essência pura, para
que os outros seres possam dela beber. Para se
transformar, é preciso coragem e confiança plena na
vida, é necessária a fé com amor.*

¹ Pato mergulhão (*Mergus octosetaceus*).

² Seriema (*Cariama cristata*).

³ Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*).

– Meus amigos – continuou Aepyornis. – vosso caminho, como o de todas as outras aves, é cheio de percalços e obstáculos. Preparai-vos para cada um, a fim de não sucumbir às provas que os sulcos materialistas vos impuserem. Tende forças! E o que vos dará forças será a reforma interior que nutrireis pelas estâncias da vida. Joca, nobre coruja amiga, prepara para a tua maior oportunidade de renovação. Era preciso que ouvisse estas lições antes de partir. Tico, pequenino pardal, ouve isto: *mesmo que voares somente perto das sombras, voa sempre com uma luz ante os olhos.*

Pai e filho nem piscavam enquanto ouviam os ensinamentos e as instruções da Ave Suprema, tamanha era a solenidade com que Aepyornis imprimira às suas palavras naquele dia. Quando pensaram que havia terminado, eis que a ave continuou a falar, entoando a segunda parte da sétima lição.

A atitude real é o movimento da vida, o que impulsiona a vida, o que a torna viva. Sem a atitude, a vida é apenas fantasia, é querer ser sem ser, é ausência de vida, é o metabolismo da morte. Com a atitude, o ser se transforma e, em se transformando, vive e, vivendo, irradia espontaneamente.

– Agora, contar-vos-ei a história de duas aves, em forma de poema-canção (*A andorinha e o João-de-barro*). A primeira parte, a da andorinha¹, é para o pardal e a segunda parte, do João-de-barro², para a coruja.

*Voltar pra o rumo, pois já é a hora
Partir logo para a próxima estância
Fazer um pouco dela o lugar onde mora*

¹ Andorinha-do-campo ou tapera (*Phaeoprogne tapera fusca*).

² João-de-barro (*Furnarius rufus badius*), a mais comum brasileira.

*Sem deixar de sentir aquela boa ânsia
De buscar novas terras, uma nova outrora
Continuar voando sem medir distância
Se é longo demais, o caminho? Ora, ora!
Uma andorinha jamais, jamais se cansa
Pois agora que já fiz a minha estalagem
Já posso partir para outra morada
Se não posso construir em outras paragens
Qual a razão de eu iniciar minha jornada?
Não tem destino a minha incansável viagem
Pois muito há o que construir na empreitada
Se um edifício quero erguer com coragem
Tenho que começar carregando a enxada*

– Tico, está na hora de enfrentares novas estâncias. Vai, assim que o próximo dia amanhecer. Joca, está no momento de partires para a sua nova morada. Vai para o pináculo, onde poderá vislumbrar pela última vez o bosque onde viveu toda a sua vida.

–A Ave Suprema partiu. Com ela, partiram a esperança da continuidade dos laços estreitos em vida física e a ansiedade da espera. Mas ela deixou a certeza de novos rumos e uma confiança inenarrável. Joca foi imediatamente para o pináculo e Tico demorou alguns segundos para despertar de seu transe, do qual se desvencilhou bastante afoito.

– Preciso ir agora para o outro lado da montanha! – disse o pardal aos pica-paus. – Meu pai está indo!

– Vai para onde? Para a sua antiga casa? Espere aí, vamos com você – disse Chanchã, gritando pelo canário que se encontrava ali por perto e olhando para Tauá.

– Furriel! Temos que ir. Temos que ajudar nosso amigo neste momento difícil.

– É pra já! – disse o canário, terminando de verificar as condições da perdiz. – Vamos todos!

A comitiva partiu rapidamente para o outro lado da montanha. Voaram até atingir o cume e logo se lançaram pelo ar, planando até alcançar uma altitude próxima à das torres da universidade para que pudessem bater asas outra vez. Alguma correção de trajetória e lá estavam, próximos à abertura do pináculo.

O coração de Tico batia descompassadamente e os amigos sentiam que realmente o pior estava por vir, em seu entender. A coruja realmente estava lá, como que sentada, já sem o apoio das patas, em posição de vislumbre do horizonte por sobre as árvores do bosque. O corpo ainda quente, as asas ainda rijas, mas o “cordão de prata” que liga o organismo anímico ao organismo biológico já havia sido desligado. Joca já havia sido levado e os poucos sintomas de vida que ainda restavam eram por conta do sangue que ainda circulava após as últimas batidas do coração.

Não fosse pela cuidadosa preparação feita pelo pai, o pardal teria entrado em desespero, mas restou-lhe abraçar o corpo de Joca e entregar-se aos prantos mais intensos de sua vida. Um sentimento agudo lhe tocou fundo a alma e não havia consolo naquele momento que alguém pudesse dar. Os amigos limitaram-se a vigiar as reações do pardal para que não fizesse nada além do normal e ficaram ali por perto até que Tico se restabelecesse do primeiro choque de tristeza. Alguns minutos depois, conseguiu dar os primeiros abraços e receber algum consolo. O filho ficou velando o pai por muitas horas e Chanchã foi com Tauá buscar algum alimento para todos, enquanto Furriel fazia companhia ao amigo. Mais algum tempo e resolveram sepultar a coruja, no cume da montanha e ao horário do pôr-do-sol em que Joca tomava para fazer as suas reflexões. Os pica-paus, como eram maiores do que a coruja, tomaram a iniciativa de levar o corpo e as duas aves menores completavam o cortejo a certa distância. Tico realizou a cerimônia com a certeza de que não enterrava uma vida, apenas um corpo. Do outro lado, a vida continuaria plena, sem nenhuma dúvida. Com algum tempo, ficaria ainda mais radiante do que era no organismo biológico.

Esta certeza contaminava o ambiente e a mensagem exprimida pelo semblante do pardal tomou conta de toda a noite. Furriel, Chanchã e Tauá reuniram-se com Tico em frente ao buraco de Pygia, onde os cinco amigos relembavam os bons momentos de amizade para tentar acalmar o coração do pardal. Mal sabiam que o filho da coruja partiria na manhã seguinte. Para eles, naquele momento, era mais uma passagem difícil de uma amizade que se eternizaria na Mata da Encosta. Furriel, o cantor da turma, entoava canções que não eram tão alegres como outras ocasiões pediam, mas também não tão tristes que aumentassem a melancolia de Tico. Assim, todos renunciaram à noite para fazer companhia ao pardal. Isto até que o sono advindo do cansaço vencesse a agonia e derrubasse as pálpebras do pardal, que foi carregado até a sua toca e vigiado pelos pica-paus. O canário, também tomado de sono, dormiu ali mesmo, na toca de Pygia, sem nem sentir falta de sua morada. Chanchã e Tauá, no assa-peixe, somente dormiram quando perceberam que o órfão já não gemia nem fazia tanto barulho com as asas sonâmbulas inquietas.

À hora da morte, o espírito da coruja havia sido desligado do corpo no momento previsto por Aepyornis. A própria Ave Suprema cortou o cordão que a unia à vida material, em uma cerimônia belíssima que já havia começado desde que havia chegado ao cume da montanha. Além da grande ave, ainda estavam lá o velho Stan, os pais de Joca e outros indivíduos que serão conhecidos mais tarde. Como que em um coma profundo, a coruja nada sentiu e nada percebeu do que ocorria em sua volta.

O pai de Tico foi levado para uma clínica, em que foi devidamente tratado com os melhores primeiros socorros de que tinha direito. Ainda nada mexia, mas mantinha a mesma aparência que possuía quando estava no plano físico. As reações do organismo anímico ainda eram praticamente as mesmas do biológico, como se “vivo” ainda estivesse, pois a transição é lenta e, muitas vezes, dolorosa. A materialidade saíria do espírito de Joca aos poucos, na medida em que o tempo passasse e em que entendesse a sua nova

condição após o choque involuntário provocado pelo desenlace. As primeiras horas de tratamento foram delicadas e, por isto mesmo, acompanhada por vários médicos e enfermeiros, que procuravam garantir uma transição mais tranquila para a coruja.

O pardal acordara no final da madrugada, ainda muito triste, mas decidido a ir embora quando o dia clareasse. Saiu da toca sem ninguém perceber e foi buscar algumas poucas provisões, que levaria pelo bico, no caso de não encontrar comida pelo caminho. Na volta para a toca a fim de preparar um embornal, seu voo chamou a atenção de Chanchã, que acordou assustado, estranhando a movimentação antes do amanhecer.

– O que há, pardal? Madrugando para buscar comida? – perguntou o pica-pau, acordando Tauá.

– Meu amigo, preciso ir embora. Já chegou a minha hora de partir para outros lugares – respondeu Tico.

– Mas já? Você acabou de sofrer uma perda. Não está cedo?

– Não! É a hora! Outras experiências me chamam. Preciso ir de fato! – retrucou o pardal, arrumando a sua pequenina trouxa.

O pica-pau não perdeu tempo. Voou rapidamente até a toca do canário, acordando o amigo e depois trazendo a perdiz pelo bico.

– Este rapazinho é imprevisível! – comentou Pygia. – Espero que não tenha resolvido partir pelo impulso.

– Não, perdiz. Estou partindo conscientemente. Já estava me preparando há dias e me foi confiada uma missão que preciso cumpri-la – explicou o pardal.

– Qual? – perguntou a perdiz.

– Conhecer as coisas profundas da vida. Foi o que meu pai e um amigo nosso me confiaram quando nasci. E estou disposto a seguir até o fim.

– Admiro a sua coragem. E deseje-lhe muito boa sorte!

– Obrigado, Pygia. E, mais uma vez, reafirmo minha promessa. Trarei o seu marido, você vai ver.

– Será o maior favor que alguém poderá me fazer. Serei

eternamente grata! – disse a perdiz.

– Meus amigos sinceros – disse o pardal a todos, em tom solene. – Após a perda do meu pai, é preciso que eu vá, pois tenho algo a cumprir. Nossa amizade será eterna e, por isto, não sinto um peso ao partir. É possível que eu passe por aqui algumas vezes e, quem sabe, possa ficar mais uma temporada. Mas levo vocês em meu coração para sempre, estando juntos ou não. Vou me lembrar de cada momento que passamos aqui, que serão como um tesouro para mim em toda a minha vida. Digo estas palavras não como uma despedida, porque vocês estarão sempre comigo. Mandem lembranças a Karkia e aos biguás por mim, porque não terei tempo de me despedir deles.

Os amigos começaram a chorar imediatamente, pois a emoção tinha ficado muito grande a essa altura. Não era sempre que um verdadeiro amigo partia, talvez para sempre. Acostumaram-se a colecionar amigos e conviverem com uma população sempre crescente. Perder um amigo na Mata da Encosta era uma novidade até então.

A despedida foi curta. Tico trocou algumas poucas palavras, abraçou-se com cada um dos amigos e partiu, sem olhar para trás, como lhe ensinara seu pai. A vida segue em frente, como um rio que corre para o mar e como a luz que atravessa galáxias para fazer brilhar o céu durante uma noite bela. É preciso perder para ganhar. É preciso renovar para crescer.

CAPÍTULO 18

A MISTERIOSA ESCOLTA

Tico sobrevoou o Vale dos Biguás com um encantamento que ainda não havia experimentado. A nostalgia tomou conta da ave e o vale ficou ainda mais belo porque talvez não o visse mais. Enxergou com mais exatidão as curvas dos rios, que formavam belíssimas praias onde descansavam os biguás e as garças e as ilhas-santuários, onde eles dormiam sossegadamente em bandos numerosos. Deu para entender naquele momento porque os biguás protegiam tão fortemente o território deles. Mais adiante, viu uma pequenina colina, que esconde um ribeirão aparentemente desabitado por biguás, que deságua no maior dos rios, o Rio das Garças, e cujo encontro era responsável pela formação do complexo de águas e planícies semialagadas que Tico já tinha visitado.

Depois dos rios, havia novamente imensos campos de gramíneas, cujas sementes faziam parte da tentativa de alimentação de pequenas aves nos momentos em que os biguás não estavam, já que estes não visitavam ali com frequência. Nesta parte, os terrenos já eram um pouco dispostos em aclives, sintoma de que à frente viria outro conjunto de montanhas, obedecendo ao relevo de mares de morros da região. Não é comum os pardais alçarem voos longos e, por isto, a coragem e a força de Tico já haviam ultrapassado os limites de suas asas. Respirou um pouco quando viu uma pequena árvore em uma nova pequena colina, onde descansou por alguns minutos.

Depois de certo tempo, teve um sobressalto quando viu uma

sombra diferente daquela produzida pelo balançar das folhas pequenas da árvore. Era uma enorme ave rondando por ali, com uma envergadura quase tão grande como a de *Aepyornis*. Eram cerca de dois metros da ponta de uma asa até a ponta da outra. A ave era linda, branca e cinza escura no corpo quando se olhava por baixo e negra na cauda. Mas o que tinha de bela tinha de assustadora, principalmente em relação ao pequenino pardal que ali se encontrava. Não pensou duas vezes: continuou a sua marcha aérea em direção às montanhas, que ainda estavam um pouco longe.

O voo não pôde ser tão desesperado para que não fizesse barulho a ponto de chamar a atenção da ave, mas, quando percebeu, a sombra já estava em cima de si alguns metros acima. O frágil passarinho continuou a voar como se nada estivesse acontecendo, mas seu coração batia forte, pois o perigo parecia estar iminente. A qualquer momento, as garras do que pensava ser um gavião poderiam lhe tomar o corpo como se fosse uma pequena espuma voadora. Mas, ao contrário do que pensava, a ave avançou alguns metros à frente, no mesmo sentido em que o pardal voava, acompanhando uma velha estrada humana de terra, que chamou de Trilha Velha. Tico desacelerou um pouco para ficar livre da ameaça, mas a outra também diminuiu o “passo”. Acelerou, mas a ave também o fez. Voou por cerca de dez quilômetros com a maravilhosa criatura a escoltando, até que, misteriosamente, ela se afastou, seguindo o seu caminho, enquanto Tico atingia a parte inicial das montanhas.

Mais que uma escolta pelo Vale dos Biguás até as montanhas, a companhia da misteriosa ave o ajudou na passagem emocional que o levava da Mata da Encosta, onde residia quando perdeu o seu pai, até a nova região das montanhas, em que descobriria ainda muitas coisas. Lembrou-se de *Aepyornis* e reafirmou o pensamento de que não tinha sido abandonado naquele momento tão triste e sozinho. Se a ave o quisesse agarrar, o teria feito desde o primeiro momento. Mas não, ela queria apenas dar ao pardal a honra de sua companhia, como se adivinhasse a sua tristeza anterior. Talvez apenas também quisesse

apenas uma companhia alada e, então, as jornadas poderiam ter se cruzado convenientemente.

De qualquer maneira, a presença daquele “gavião” funcionou como um bálsamo para acalmar o coração despedaçado de Tico. Por mais que soubesse que a perda de seu pai estivesse para acontecer e que ele estaria em boas mãos com Stan e Aepyornis, nenhuma sabedoria é suficiente para fazer com que uma ave deixe de sofrer com a separação de um ente querido, embora as dores sejam imensamente reduzidas e consoladas. O lado emocional do pequeno passarinho estava em frangalhos durante o longo voo, mas a companhia passageira recobrou um pouco de suas forças interiores. À sua mente, veio novamente uma frase ouvida outrora, de forma tão misteriosa quanto a ave que o acompanhou: *“Toda vez que o sol da vida renasce, um sonho desabrocha, uma esperança ressurge e a emoção reaparece como quem estava se escondendo no lado oculto da lua”*. A mesma frase entrou na mente de Joca, que dela se lembraria quando acordasse.

Atrás daquelas montanhas, Tico tinha certeza de que algo novo viria e de que a continuidade de sua jornada não seria em vão. Nascia entre os seus olhos infantis pasmos e esperançosos a certeza de que algo grande surgiria daquele fascinante e prazeroso projeto do que ele chamou de “alguma coisa que ainda não sei o que é”. Embora não estivesse tão tarde, Tico procurou uma toca para dormir mais tarde. Ele queria observar, do outro lado, o mesmo pôr do sol que ele e seu pai tanto observavam do cume da montanha oposta, como uma última homenagem solene a quem tanto fez pelo pequeno pardal.

Pousou em uma pedra na montanha e ficou admirando o Vale dos Biguás por outro ângulo. Foi percebendo que, na verdade, o grande vale era, pode-se dizer, constituído por dois vales, divididos por uma montanha na parte central. Um lado dominado pelos biguás e pelas garças, chamado de Vale dos Biguás, e outro dominado pelos gaviões, que denominou de Vale dos Gaviões. Também batizou a elevação central de Montanha dos Gaviões, da qual já havia passado.

Existia um grande rio em cada vale e, como já tinha batizado um vale e uma montanha com gaviões, preferiu deixar para batizar o rio depois, bem como a montanha em que se encontrava agora. O sol foi abaixando e, da posição que Tico olhava, se pôs bem no cume da montanha onde costumava visitar todas as tardes. Que maravilhoso espetáculo! Era o pôr-do-sol mais bonito que tinha visto. “Ah, se meu pai estivesse aqui! Ficaria maravilhado como fiquei agora” – pensou. A noite ainda não tinha caído e o lusco fusco pairava no ambiente ainda parcialmente iluminado pelos raios do astro solar, que já se escondera. De repente, a noite caiu. “Mas só em uma parte?” – estranhou. Era outra sombra alada. A princípio, pensou em ser a da criatura misteriosa, mas estava ainda mais próxima e a ave agora era um pouco menor e com o corpo mais escuro. Quando nem pôde pensar... zás! A ave já o tinha agarrado e levantado um voo cruel.

Tico sentiu-se engaiolado ou como se ainda estivesse em seu ovo quando nasceu. O ambiente escurecido pelas garras da ave e gélido pelas rajadas cortantes do vento aumentava o desespero. Com as asas, patas e cabeça encolhidas para que as garras doessem menos, nada podia fazer a não ser meditar e pedir ajuda. Antes que começasse a pedir qualquer coisa, uma voz soou dentro de si: *calma! Tua hora ainda não chegou!* “Calma?” – pensou, em pânico. “Como terei calma em um momento desses? De onde viria ajuda a esta altura? Isto, sim, é um gavião¹! E me devorará quando chegar ao seu ninho!”

De fato, o gavião o levou para certo ponto da montanha onde havia aberturas que poderiam abrigar ninhos de aves. Tico se desesperou, porque nada enxergava em sua dor e incômoda posição. Lembrou-se imediatamente de seu pai quando lhe advertiu dos perigos e pediu desculpas em pensamento. Mas o desespero não o deixou continuar. Pior ficou quando sentiu um solavanco tão forte que pensou que o gavião teria pousado com a pata que estava livre. De repente, o pardal foi solto, caiu rolando e, quando percebeu que poderia voar

¹ Gavião-de-uruá ou gavião-caramujeiro (*Rostrhamus sociabilis*).

novamente, bateu asas, ganhando altitude novamente, no que pôde olhar para cima.

Que incrível acontecia há alguns metros acima! A mesma ave que o escoltara pelo vale provocou o solavanco do voo do gavião e agora brigavam numa luta aérea espetacular! A ave misteriosa era maior, mas o gavião era mais esperto. O menor conseguia se esquivar das bicadas da ave maior e ainda dava-lhes algumas bicadas no corpo perto da cauda, que rendiam um bom desequilíbrio em seu voo. Mas o gavião não resistiu muito tempo ao tamanho e à força da outra ave. Com enorme envergadura, protegia-se com as fortes asas, enquanto desferia golpes tanto com as garras, usando a palma verticalizada, quanto com o bico em profundidade. Com um agudo pio de terror, o gavião se afastou para longe e o pardal estava livre por um triz de morrer na primeira situação real de perigo que se lhe apresentou.

A misteriosa ave, então, aproximou-se de onde Tico havia pousado e se apresentou.

– Olá, pequeno passarinho! Meu nome é Uiraçu, sou uma águia harpia¹ ou um gavião-real, como queira me chamar. Quem é você, estrangeiro?

– Chamo-me Tico e sou um pardal.

– O que vem fazer aqui, pequenino? – perguntou a águia. É muito perigosa esta região.

– Vim conhecer estas terras. Estou viajando para o Leste, para conhecer as coisas profundas da vida. Por que me salvou?

– Não achei justo deixar o gavião comer uma ave perdida e desprotegida que apareceu por aqui sem saber o que encontraria. Por isto, o escoltei em seu voo.

– Mas vocês não se alimentam de passarinhos? – perguntou Tico.

– O gavião, sim, eu não. Alimento-me mais de pequenos mamíferos, como as pacas que existem numa mata rasteira perto

¹ Uiraçu: nome vulgar da harpia (*Harpia harpyja*).

daqui, não de pequenas aves como você. De qualquer maneira, seleciono as minhas presas. Nunca apanho uma presa quando não estou com fome, por brincadeira ou por vaidade, e ainda poupo as que não conhecem aqui.

– Isto não lhe causará problemas com ele? – indagou o pardal.

– Reino nestas terras e tomo conta deste lugar. Já avisei Uruá¹ para parar de ameaçar presas estrangeiras. É um insolente. Foi bom ter ocorrido isto, vejamos se ele aprende desta vez.

– De qualquer maneira, me desculpe. E muito obrigado.

– Não há de quê, passarinho. Mas lhe farei uma recomendação e espero que siga.

– Pode dizer! Qualquer coisa que disser, seguirei! – explicou Tico.

A águia deu uma longa e grave gargalhada.

– Não precisa tanto, pequenino! Apenas quero que siga o meu conselho de não ficar aqui nas montanhas. Vou levá-lo até a entrada da grande floresta. Apesar de haver outros perigos por lá, não serão maiores do que enfrentou com o gavião. Vou lhe pegar, mas não vou lhe machucar nem levá-lo para o meu ninho. Pode ficar tranquilo. Apenas lhe deixarei em um local mais seguro.

– Tudo bem, pode me pegar.

Tico não contou, mas estava ainda morrendo de medo. “E se Uiraçu me pegou para se alimentar? Teria ele me escoltado e brigado com o gavião para depois me comer? Mas, se tivesse feito isto, por que não me pegou quando teve chance durante a escolta?” – pensou Tico, ainda meio desesperado. Restou-lhe confiar na águia. Agora podia ver alguma coisa e ficou deslumbrado com a paisagem de montanhas que enxergava: uma inúmera quantidade de nuvens magníficas, como se uma colcha branca de retalhos estivesse esperando que um anjo se deitasse. Os locais possíveis de haver

¹ Vem de gavião-de-uruá, que também designa o gavião-caramujeiro (*Rostrhamus sociabilis*).

ninhos já haviam passado, o que era um ótimo sinal. Pensou em batizar o grande rio do Vale dos Gaviões como Rio Uruá e a montanha em que estava como Montanha das Águias. Com o tempo, todos esses nomes seriam aproveitados pelas aves da região. Vencido o cume da montanha principal, a águia, então, direcionou o seu voo para abaixo das nuvens rasas e um vale maravilhoso se descortinou. Quanta beleza! Embaixo, uma grande floresta e o voo rasante apontava naquela direção. Pouco tempo depois, estavam num local chamado de Entrada da Floresta.

– Agora, deixo-lhe aqui, pequenino! Vá!

– Não tenho como lhe agradecer. Sempre me lembrarei desta ajuda que me deu. Se precisar de mim, estou às suas ordens.

A águia deu outra gargalhada, vendo o tamanho do pardal, mas deixou de lado o comentário.

– Tudo bem, pequeno. Agora vá.

– Ainda tenho uma última pergunta.

– Pode fazer, mas não se demore muito. Está de noite.

– A senhora é a maior ave que existe neste mundo?

A maior gargalhada de todas da vida de Uiraçu foi arrancada por Tico naquele início de noite. Acostumado a imensos perigos ou à melancólica solidão, dificilmente tinha tempo ou disposição para sorrir. Mas a ingenuidade pueril do passarinho tinha conquistado a grande ave.

– Para começar, sou uma harpia-macho – sorriu a águia. – Sou a maior ave do Parque das Aves, sim, pequeno. Mas acredito que não seja de todo o mundo. Tenho notícias de grandes aves que existem por aí, inclusive aves que não voam. Mas lhe direi uma coisa de que não se esquecerá.

– Pode dizer!

– Esta frase me foi dita por uma ave que capturei há muito tempo, implorando para que eu a soltasse, e acabei mesmo soltando depois: *o que importa não é o tamanho de uma ave, mas o tamanho do seu coração*. Veja o gavião, por exemplo. É uma grande ave, mas o

seu coração é frio e pequeno. E veja você, pequeno! É minúsculo perto dele, mas tem um grande coração. É o que vale.

– E o senhor é grande de tamanho e de coração!

– Não me faça sorrir mais, pequeno! – disse a águia, ainda gargalhando. – Não estou acostumado a sorrir, acabarei sentindo falta. Vá agora, ande!

E o pardal entrou na floresta, sem olhar para trás.

CAPÍTULO 19

TRANSIÇÕES DE VIDA

Na Mata da Encosta, os amigos se reuniam todos os dias, a fim de celebrar a sua grande amizade, além de relembrar do amigo que partiu. O espaço preferido era a toca da perdiz, já que, para cuidar de sua saúde, a presença ali era obrigatória pelo menos duas vezes ao dia. Da obrigatoriedade, as visitas passaram para o âmbito da espontaneidade, tamanha era a boa cumplicidade experimentada nos últimos tempos por Chanchã, Furriel, Pygia e Tauá. Passada a euforia inicial dos biguás com a cirurgia feita na perdiz, as atividades do canário tinham voltado relativamente ao normal e isto contribuiu para as festinhas que os amigos tomaram por costume fazer, ainda mais com a chegada da primavera.

Certo dia, reuniram-se do lado de fora do buraco de Pygia, que já podia voltar a andar, mas ainda não a voar, e puseram-se em roda, ouvindo o canário a cantarolar belas e leves canções que volviavam suas mentes aos nostálgicos momentos que a juventude lhes permitia. Findadas as cantigas, Chanchã olhou para Tauá de forma enamorada, o que fez Pygia suspirar.

– Onde será que Tico anda? Será que achará o meu marido? Eram perguntas que os amigos não conseguiam responder, mas que todos se faziam a todo instante.

– Aposto que Tico está nas montanhas, fugindo dos gaviões, ou na floresta, entre as araras – imaginou Furriel.

– Se bem conheço aquele pardal, está enfiado em uma toca,

morrendo de medo – lançou Chanchã.

– Ou está fazendo amigos, ora essa! – disse Tauá. – Não é isso que o pardal mais sabe fazer?

– Acho que todo mundo pode estar certo! – disse Pygia.

– Se ele foi para o Leste, é uma ou mais dessas coisas que ele deve estar passando. Que ele esteja forte o suficiente para sobreviver, realizar a sua missão e achar o meu marido também. – É o que todos torcemos para que aconteça – respirou fundo Furriel. – E que dê notícias um dia. Pelo menos para que saibamos como está e por onde anda. Enquanto isto não acontece, vamos falar de coisas boas. Quando será este casamento? – disse, sorrindo e olhando para o casal de pica-paus.

Neste momento, Tauá ruborizou-se completamente, enquanto Chanchã ficou entre perturbado e agradecido pelas palavras súbitas do canário.

– Bem, se fosse por mim, seria amanhã – grasnou o pica-pau, com presença de espírito. – Mas esta mocinha aqui nem quer me dar a chance de falar nisto.

– Não está muito cedo para isto? – recuou Tauá, comedidamente, como muitas das fêmeas são, mas com uma vontade imensa de dizer o contrário. – A coisa já não está muito avançada com o fato de namorarmos e morarmos juntos no assa-peixe?

– Ora, ora! Você já viu as aves terem que passar por cerimônias como os humanos para estarem juntas? Se o amor é sincero, basta o acasalamento. – disse a experiente perdiz. – O amor não é o que é o mais importante? Vocês ouviram muitos casos do pardal, que traz as histórias que o pai dele ouve dos humanos. Para o amor verdadeiro, não há convenção. Para mim, vocês já estão casados!

– É, pensando assim... – disse timidamente a pica-pau, tentando disfarçar a vontade de ficar com o seu companheiro para o resto da vida.

Para Furriel e Chanchã, a situação rendeu muitos sorrisos,

engolidos em respeito à presença feminina na clareira que havia perto da toca de Pygia. A ousadia do canário serviu para o pica-pau sentir como a sua fêmea reagia com o sentimento que nutriam. Para disfarçar um pouco o embaraço, a perdiz mudou de assunto.

– Furriel, como estão os seus cuidados com os biguás?

– Estão bem! – respondeu o canário. – Imagine que outro dia um filhote de biguá me perguntou como um canarinho tão pequeno como eu conseguia ser um enfermeiro de biguás de 1 metro de altura. No dia seguinte, ele machucou a região das narinas e tive que cuidar dele, como se nada tivesse acontecido. Mas, no final, fiquei com pena do biguazinho ousado.

– É porque você tem um bom coração – disse Tauá. – Quem me dera se eu pudesse ajudar tantas pessoas como você ajuda.

– Ora, basta começar. – disse Furriel. – Ou você acha que passei a ajudar sem ter começado um dia?

– Sim, mas, para isto, é preciso muita disposição e renúncia e isto não tenho. Quero formar uma família, ter filhos e dedicar-me a eles – respondeu a pica-pau.

Neste momento, corou mais ainda do que antes, sem pensar que havia se entregado de bandeja ao namorado. Chanchã nem se importou. Gostava tanto de Tauá que era incapaz de utilizar o deslize para fazer algum tipo de joguinho amoroso. Aliás, não gostava disto de forma alguma. Gostava de ser o que era, sem rodeios. Com a reação do pica-pau, a avezinha ficou bem mais tranquila.

– Mas uma coisa não exclui a outra. Você não precisa deixar sua família para ajudar. Cada um tem o seu limite – replicou o canário.

– E cada um tem a sua hora de começar – treplicou a pica-pau.

– Um dia, chegará a minha. No tempo correto.

– Está certo. Um dia, levarei você para tratar de uns biguás.

– De jeito nenhum! – espantou-se Tauá. – Eles são uns grosseiros! Prefiro a minha amiga perdiz.

Os amigos deram uma gargalhada deliciosa, dando razão ao

espanto da namorada de Chanchã. Realmente, ela não tinha muita disposição para se dar aos trabalhos de ajuda, mas já tinha demonstrado aptidão para ser mãe.

Enquanto conversavam, depois de alguns dias da entrada de Tico na floresta, Joca, em outro plano, acordava de seu sono transitório, perguntando-se onde estava. Inicialmente, ainda em transe, imaginou que somente existia ele mesmo, tal como uma pessoa recém-saída de uma anestesia geral ou despertando sem abrir os olhos. Devagar, foi entendendo que poderiam existir outros indivíduos e coisas, até que conseguiu balbuciar algumas palavras, que podiam ser ouvidas pelos que estavam ao seu redor.

– Você não sabe onde está, nobre coruja? – perguntou quem Joca ainda não tinha reconhecido.

– Não, não sei. A última coisa que me lembro... Na verdade, não me lembro muito bem de nada. Lembro-me de que sou uma coruja, de que moro num bosque.

– Logo você se lembrará de muitas coisas. Ainda é cedo para se lembrar de tudo. Tenha calma. Em breve, tudo estará bem.

– Espere! Lembrei-me que tenho um filho. Tico! Onde está Tico?

– Tico está bem. Não se preocupe com ele. Preocupe-se com você agora.

– Estou deitada numa cama como se fosse um humano. Por quê?

– Você ainda está fraco ainda. Não conseguirá se mexer agora. As aves, normalmente, enrijecem o corpo mais do que muitas outras classes de animais. A sua passagem foi calma, mas você não pôde fugir do enrijecimento normal do corpo. E isto reflete em seu organismo anímico. Tivemos que mantê-lo com alguns sedativos e algumas magnetizações importantes.

– Passagem... organismo anímico... Stan! O velho Stan falava em organismo anímico. Stan, é você?

– Sim, meu amigo, que prazer poder falar com você!

– Mas...

– Sim. É isto mesmo que está pensando. Por isto, me referi à sua passagem. Como você já tem certo conhecimento, foi possível esclarecê-lo assim que pôde entender alguma coisa. Você desencarnou ou faleceu há alguns dias na abertura do pináculo.

– Estou me lembrando. Aepyornis, uma série de mensagens, voei até o pináculo, me deu um sono tão forte!

– Seu desenlace foi o melhor possível. Morrer dormindo é a melhor morte física que existe. Menos dolorosa e com menos consequências espirituais.

– Mas ainda estou tão fraco!

– Para você ver como são as consequências das mortes violentas e por doenças ou daquelas pessoas que nada entendem deste lado da vida ou cometem muitos erros. No caso destas últimas, mesmo que morram dormindo, as consequências mentais são muito sérias. Descanse, meu amigo. Teremos muito tempo para conversar ainda.

Stan saiu da sala onde Joca estava deitado e deixou o amigo sozinho. A coruja olhou à sua volta e a imagem que viu foi como a de uma sala de espera de um hospital. Paredes que pareciam marmoreadas abrigavam um pequeno sofá e um armário com medicamentos, cujos frascos se assemelhavam a tubos de ensaio amarelados e fechados, mas bem mais modernos do que os que se conhece. A inexistência do âmbito comercial tira o aspecto multicor típica dos remédios terrenos, mas a evolução do plano espiritual os compensa pela beleza sublime de suas cores singulares. A iluminação do ambiente também era diferente. Era uma luz mais opaca do que as originadas das lâmpadas incandescentes, mas cuja potência era estranhamente maior, o que fazia com que se tornasse uma luz calma. O armário e o sofá eram de um material que não conseguia ainda identificar. Pareciam de madeira, mas, ao mesmo tempo, também lembravam algo que possuía a consistência do aço e a praticidade do plástico.

A espera foi longa por mais notícias do novo plano, mas a cama era aconchegante e, embora a ansiedade causasse uma agonia aguda, dormiu, durante mais algumas horas, um sono repousante e necessário. Quando acordou, já distinguia rostos com perfeição, embora muitas lembranças do passado ainda estivessem um pouco apagadas ou confusas. Cinco indivíduos olhavam para ele, como se tivessem adivinhado que acordaria naquele momento. Além de Stan, estavam ali dois humanos e duas corujas. Sua reação foi como a de uma criança ingênua diante de uma situação nova e sobre a qual não tem nenhum domínio.

– Joca, meu amigo. Apresento-lhe estas pessoas, que estarão com você nos próximos tempos. Esta é Jussara e este é Sinval. São enfermeiros que lhe prestarão muitos auxílios. E estas corujas valorosas são Tyto e Alba¹.

– Meus pais! Tyto e Alba são meus pais! São vocês? Não estou me lembrando direito das imagens.

– Somos sim, filho – disse Tyto. – Estamos muito felizes por tê-lo conosco. Não tem problema não se lembrar de nós agora. Isto é normal. Com o tempo, você se lembrará perfeitamente.

– Bom dia, minha corujinha! – desejou Alba. – Meu coração está muito contente. Esperamos ansiosos pela sua chegada, embora soubéssemos que você ainda teria muito a cumprir. Enfim, chegou o dia de nos unirmos novamente como uma família.

– Bom dia, meus pais queridos. Agora, reconheci as suas vozes, apesar de não me lembrar ainda das imagens. Perdoem-me a mente confusa, mas tudo ainda está muito novo para mim. Em minha cabeça, não estou no bosque nem aqui. Minha vontade é ainda estar lá, embora saiba da importância da hora de estar aqui. Mas ainda não consegui consolidar esta certeza, se me entendem bem.

– Claro, Joca – disse o pai coruja. – Não se preocupe com isto. Estamos vendo que você amadureceu muito depois que partimos.

¹ Tyto e Alba vêm do nome científico da coruja suindara (*Tyto alba tuidara*).

Você era uma corujinha curiosa, mas ainda não era tão sábia. Pelo menos, enquanto não atingisse a maturidade biológica.

– Vocês também estão mais sábios, pelo que estou vendo.

– Quando chegamos ao plano espiritual, não perdemos nossos defeitos nem adquirimos novas virtudes imediatamente – comentou a mãe. – Mas, quando nos é permitido, a amplitude de nossa visão aumenta bastante, ou seja, enxergamos as coisas bem melhor. Você perceberá isto em breve. Além disto, aprendemos muito com Stan. Ser seu pai nos rendeu muitas amizades.

– Eu ajudei, como também fui ajudado – disse o velho Stan. – Mas cada um alcança os degraus evolutivos por si. Como a evolução é contínua e incessante, não tem como ficarem sábios apenas agora. Já eram sábios antes, não é mesmo? Tiveram estas oportunidades em muitas vidas de coruja.

– Gentileza sua. Você nos ensinou tudo o que sabemos.

– Nem tudo! – discordou o catedrático. – A disposição e a avidez por conhecimentos é toda de vocês. Então, o mérito não pode ser meu. Sou apenas um instrumento de Deus. Bem, deixemos o nosso amigo descansar mais um pouco.

– Agora que o papo estava ficando bom! – disse Joca, parecendo Tico em seus anos de infante. – Falem-me mais.

– Não, meu nobre amigo. Ainda tem muito que melhorar de saúde ainda. Já conversamos demais por hoje. Jussara e Sinval cuidarão de você. Durma bem.

Joca, naquele momento, era um misto de êxtase e cansaço. Apesar de estar extremamente alegre com a oportunidade de rever os seus queridos pais dos quais se afastou há muito tempo, suas limitações eram muitas e suas novas funções orgânicas estavam bastante reduzidas. Refletiam ainda os problemas do recente desenlace, além do processo de adaptação, que não é fácil. É como se um humano ficasse deitado em uma cama durante meses ou anos e tivesse que reaprender a andar. Joca percebeu isto e demonstrou cooperação, embora a ansiedade o pedisse para levantar e voar por

todos os lados. Mas, para o sucesso de seu próprio tratamento, conteve a impaciência e procurou formas de trazer a serenidade para junto de si, já que o clima que foi criado em torno da coruja contribuía bastante, o que Joca muito aproveitou. Ficou imaginando que, se era difícil para ele tendo aprendido muito com Stan, imagine para quem não faz ideia do que acontece depois da morte ou para quem dá mais valor às coisas materiais do que às espirituais. Dormiu bem, como há muito não dormia. Preocupado com Tico, mas despreocupado com o próprio destino.

CAPÍTULO 20

RELATIVA LIBERDADE NA FLORESTA

Depois da escolta de Uiraçu após a Montanha das Águias, Tico entrou na floresta sem saber onde aportar. Uma frestinha de luar por entre imensas árvores o auxiliou a encontrar um local que julgava seguro para passar a noite até achar uma toca. Afastou-se de algumas árvores que pareciam ocupadas por algum animal e arranjou uma pequena toca em uma árvore de porte mediano que não parecia ser muito velha. O tamanho do buraco talvez explicasse porque ninguém o havia ocupado até então, o que foi conveniente para o pequenino pardal. Como em todo lar desconhecido, a noite não foi muito proveitosa e um sono leve e preocupado o perturbou durante toda a madrugada. A situação de fragilidade ainda contribuiu para arrancar-lhe algumas lágrimas por conta da saudade do pai, mas a esperança dos primeiros raios de sol secou o que ainda estava úmido.

Ao sair da toca, deu-se com um galho que começava ali, como uma ponte pênsil abaixada sai da entrada do castelo. Tico deu dois pulinhos de pardal até o meio do galho, levantou a cabeça e ergueu os olhos. Quanta admiração! Uma floresta tropical maravilhosa! Densa e colorida, mas com pequenas vertentes que abrigavam inúmeras samambaias¹ e avencas¹, preciosas dádivas de minas d'água que

¹ Uma das espécies de samambaia (*Gleichenia brasiliiana*).

– Desculpe-me, senhor. É porque me assustei. Estou um pouco perdido aqui e nunca tinha visto um canto tão alto.

– Meu canto é conhecido por quase todos os cantos do mundo, se me permite o trocadilho! Não é possível que não tenha me ouvido cantar.

– Para dizer a verdade, não! Nasci em um bosque muito pequeno e não havia aves como o senhor lá.

– Eu também não me lembro de ter visto uma espécie como a sua. Parecidas e do mesmo tamanho já, mas não como você. Qual a sua espécie?

– Sou um pardal e me chamo Tico.

– Ora, ora, um pardal! Mas os pardais vivem entre os humanos. O que faz um pardal aqui, em plena floresta?

– Estou viajando o mundo procurando entender as coisas da vida. E vim parar aqui, ainda não sei o porquê. E o senhor, o que é?

– Sou um bem-te-vi.

A palavra bem-te-vi entrou nos ouvidos de Tico de forma retumbante, pois percebeu que o *tititi* não era *tititi*, era *bem-te-viii*.

– Ah, um bem-te-vi! – respondeu, como se já tivesse ouvido falar. – E qual o nome do senhor?

– Meu nome é Pituã¹ e não precisa me chamar de senhor, está bem? Você até que é uma avezinha simpática! Pode ficar com esta toca, que está desocupada. Mas terá que se acostumar com a minha presença por aqui, está certo?

– Está certo! Muito obrigado! Já não me assustarei mais!

– Depois, lhe contarei mais sobre esta floresta! Agora, estou com fome, preciso achar comida! Até mais ver! – e saiu a ave, apressada, soltando um *bem-te-viii*.

Tico se despediu, mas continuou observando o comportamento da ave de longe. Pituã tinha um amarelo quase tão intenso como os das ararinhas e uma coroa ou crista branca e preta

¹ Pituã é o nome tupi de bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*).

que dava o charme à espécie. O bem-te-vi voou para a árvore vizinha e se postou diante de uma teia de aranha com inúmeras aranhinhas, que tinham menos de um centímetro de diâmetro. Como a mãe não estava, ficou ali beliscando os filhotes para se alimentar. O pardal acabara de descobrir uma fonte de alimentos que não era comum no bosque onde fora criado. E o ambiente úmido em que se encontrava era bastante propício para muitas espécies de aranhas tecerem as suas teias e postarem os seus ovos. Após o café-da-manhã, ouviu-se mais um *bem-te-viii!* e a ave voou para longe.

Aos poucos, Tico começou a gostar do ambiente da floresta, que parecia muito mais democrático do que o Vale dos Biguás, menos perigoso do que o Vale dos Gaviões e mais agitado do que o Bosque das Corujas. Se todos os habitantes fossem justos como o bem-te-vi que acabara de conhecer, tudo ficaria bem. Pelo menos, esse era o seu desejo. Tico comeu algumas larvas e passou o resto do dia procurando teias de aranha para se alimentar depois.

Enquanto se alimentava, ficou pensando em como seriam os seus passos a partir dali. O principal dilema era se partia logo para dentro da floresta após ouvir as explicações do bem-te-vi ou se esperava as coisas acontecerem ali em sua toca. Estava realmente na dúvida. Até ali, as coisas tinham acontecido mais ou menos por impulsos incontrolláveis ou por motivos fortes. Mas agora tinha amadurecido um pouco e as razões para drásticas mudanças tinham mudado bastante. Iria atrás de sua missão ou esperaria ela chegar? Qual seria o seu destino?

Os mesmos pensamentos percorriam a mente de Joca, em outra condição. Mesmo sabendo que estava cercado de cuidados e bons conselhos dos amigos humanos e de seus pais, quais seriam os seus passos? Poderia traçá-los ou eles já estariam pré-determinados? Lembrou-se do que o velho Stan dizia sobre livre-arbítrio. Mas já ouvira dizer muito mais de coisas pré-determinadas do que arbitradas pela livre vontade dos seres. Que paradoxo seria este? Como isto se dá?

Como sempre, após intensas meditações, uma luz forte surge

do nada para esclarecer as mentes curiosas das aves determinadas e humildes, iluminando tanto em volta da árvore de Tico quanto todo o quarto de Joca. Aepyornis voltava a estar entre eles, depois de algum tempo, desta vez manifestando-se simultaneamente para ambos, contrariando as leis materiais conhecidas.

– Meus amigos, justas são as vossas reflexões e muita coisa há para ser dita hoje para que entendais o que almejam saber. É chegado o momento da oitava lição (*O destino*).

Deus rege tudo, está presente em tudo. Se os seres são capazes de transformar o mundo, Deus é quem controla a vida, incessante e infinitamente. Se um pássaro canta em uma árvore e não em outra, há uma razão divina. Os seres são meros intérpretes da regência perfeita de Deus.

– Como ouvistes, Deus é realmente onipotente, onisciente e onipresente e controla tudo o que se passa. Muitas vezes, em nossa vida, nos deparamos com o momento de escolher caminhos, de traçar rumos, de definir metas. Que nossas atitudes possam influenciar a escolha sublime, mas tudo tem o seu tempo. Não apressemos aquilo que vale a pena esperar.

Dizendo isto, entoou o poema-canção que chamou de *O oráculo, os papiros e a ampulheta*.

*A Vida é o que é.
As coisas da vida são o que são, nem mais nem menos. Quem é o ser para desdizer essas palavras?
Quem é o ser para desafiar o Oráculo Divino?
Verdade é que nada pode fazer para apagar as luzes de suas profecias celestes...
Os haveres da vida são como têm que ser,
nem mais nem menos. Quem é o ser para refutar*

essas providências? Quem é o ser para queimar os Papiros Divinos? Posto é que nada pode fazer para ignorar tais papéis de direito...

Os fatos da vida ocorrem no seu tempo exato, nem mais nem menos. Quem é o ser para resistir a esses dizeres? Quem é o ser para virar a Ampulheta Divina? Certo é que nada pode fazer para quebrar seu vidro e espalhar a areia do tempo...

A vida é o que é.

– A vida é uma sequência de oportunidades de amar quase nunca aproveitadas. O problema é que, muitas vezes, nos atemos mais aos fatos do que às atitudes diante dos fatos. Digo-vos que o livre-arbítrio está muito mais ligado às atitudes do que aos fatos. Contra os fatos, não há o que se fazer. Somos escravos de nossas atitudes do passado, que se revertem em fatos hoje. Construamos melhores atitudes diante dos fatos hoje e obteremos melhores caminhos e fatos amanhã.

– Digo-vos mais, para que vos lembreis. Os destinos das almas estão entrelaçados. Se o destino de um filho, que precisa passar por um caminho, depende estritamente do destino de seu pai, não há como o pai, por livre-arbítrio, tomar outro caminho que prejudique o filho. O livre-arbítrio de um ser não pode interferir no destino de outro sem o consentimento de Deus, pois este seria injusto se assim fosse. Portanto, o pai, mesmo que sozinho, não poderia mudar o fato. Mas pode mudar sua atitude interior, que é independente da atitude do filho, que, espiritualmente, é um ser distinto do pai. O futuro dependerá muito das atitudes presentes, assim como o presente depende muito das atitudes passadas.

– O livre-arbítrio dos fatos é muito menor do que supondes e o livre-arbítrio das atitudes é muito maior do que imaginais.

– O vosso pensamento natural agora seria: “então, é preciso cruzar os braços, não fazer nada e simplesmente mudar as atitudes?”

Se pensásseis assim, ignoraríeis a lição da transformação, que aprova o movimento da vida para a evolução dos seres. Como disse anteriormente, os seres transformam o mundo, mas Deus controla a vida, o que é bem diferente. É preciso ver e ouvir melhor para entender isto.

– Digo-vos: a verdade aos orgulhosos incomoda, aos ingênuos assusta e aos humildes fascina. Canto agora *O concerto divino*.

*Tão sublime é a Sua maestria
Que não permite ao concerto nunca parar
Emite os sons com a mais pura filarmônia
Afina as vozes com divino vagar
Tendo a certeza de que ao fim de cada dia
Vai ver a orquestra toda se aperfeiçoar
Se lhe perguntam o que é a partitura guia
Diz simplesmente que é apenas amar*

– Amor. Este é o segredo de tudo. Tudo tem o seu momento certo. Se nem tudo vem facilmente, o que deve nos empurrar para frente é o puro sentimento. Não precisamos correr agonizantes atrás da felicidade. Quando o destino não traz, o coração acha.

– Como diz um velho companheiro, *Deus não joga dados!*¹

Tanto Joca como Tico perceberam que a luz de Aepyornis ofuscara a presença de Stan e a coruja tinha certeza de que o velho professor tinha assoprado esta última frase ou participado da explanação de Aepyornis. Mas a voz tinha desaparecido e a luz havia enfraquecido até sumir do ambiente onde estavam. Em poucas palavras, tinham aprendido talvez mais sobre livre-arbítrio e destino do que os humanos nas igrejas e nas escolas.

Findado o dia com a presença dos amigos espirituais, Tico foi dormir. Joca, ao contrário, estava sendo acordado por Jussara e Sinval.

¹ Albert Einstein.

CAPÍTULO 21

BOAS NOTÍCIAS NA MATA DA ENCOSTA

Bom dia, Joca! Saiba que é uma grande satisfação cuidar de uma coruja que ganhou a honra de ser tratada como um humano – disse Sinval.

– Bom dia, Sinval! – respondeu a coruja, que já mexia a ponta da asa. – Honra a minha de estar rodeado de pessoas tão boas. Fico pensando como deve ser triste para um ser desconhecer tudo o que se passa aqui e se revoltar.

– Sim! Um dia, você terá a oportunidade de presenciar reações como esta que você disse. Aliás, isto é grande parte do nosso trabalho aqui. Ter uma reação tranquila como a sua e a de Stan é raro. Por isto, estamos tão felizes, não é, Jussara?

– Claro! Faço minhas as suas palavras! Mas cuidemos deste rapazinho aqui, que já anda mexendo a asa que eu vi!

Joca deu uma risada e percebeu um sentimento maternal nas palavras da enfermeira. Como parecendo ciúme, Alba entrou pela janela do quarto voando, trazendo consigo Tyto.

– Filho, filho! Você não está me substituindo já, não é? – disse a mãe da coruja.

– Claro que não, mamãe! Onde já se viu isto? Agora que estou relembando a sua imagem, vou trocá-la por quê? A Jussara é uma boa enfermeira e uma boa amiga, somente isto.

– Hum, vá saber! – disse a anciã, sorrindo bastante.

– Filho, vi umas peninhas balançando enquanto entrava pela janela, é verdade? – disse Tyto.

– Sim, papai! Parece que sim! Demora muito a mexer o resto, Sinval?

– Alguns dias a mais, Joca, tenha paciência.

– Mais? – indagou a coruja, ansiosa.

– Mais! Muito mais! – respondeu Sinval, com um sorriso sério e repreendedor.

– Está bem! Terei paciência! Não adianta brigar com vocês mesmo! – disse Joca, retrucando o sorriso.

Neste momento, entrava Stan no quarto e Joca não deu nem tempo para o velho amigo chegar perto da cama.

– Aham! Eu senti você hoje!

– Sentiu, é?

– Sim, e você nem para se manifestar! Aposto que foi você que assoprou a última frase para Aepyornis.

– Mais ou menos.

– Quanto mistério!

– Você está parecendo o seu filho Tico quando saiu de casa! A mesma coisa!

– Você presenciou estas coisas daqui?

– Eu ainda estava de cama assim como você na época, mas me contaram.

– Quem lhe contou?

– É, Tico teve a quem puxar! Calma, rapaz. Foi Sinval e Jussara que ouviram de seus pais e me contaram, tudo bem assim?

– Você está tentando me enrolar, mas aceitarei.

– Nem parece aquela coruja sábia que viveu no plano físico há alguns dias. Parece uma criança em um parque de diversões.

– E não é quase isto? Isto aqui até agora está bom demais!

– Você ainda não conheceu as tristezas do plano espiritual, nobre coruja. Embora aqui ofereça maior amplitude de visão, o plano

não consegue extirpar os defeitos assim que os seres chegam aqui. Você mesmo ainda apresentará muitos deles. A ansiedade e a curiosidade já apareceram – disse Stan, com uma pequena gargalhada ao mesmo tempo irônica e amiga.

– Engraçadinho! – respondeu a coruja, depois voltando à seriedade. – Sinval e Jussara me falaram que nem tudo é tão bom. Mas é que fui tão bem recebido e rodeado de boas pessoas!

– Isto é porque sempre procurou conhecer a essência da vida e cumpriu bem a sua missão. Logo terá que começar o trabalho e tomará parte tanto das alegrias quanto das tristezas e verá tudo por outros prismas.

– Não vejo a hora de começar a trabalhar.

– Chegará a hora. Tudo no seu tempo, não é isso?

– Sim! Prometo tentar aprender a controlar a minha ansiedade a partir de agora.

– Isto é absolutamente normal. Há sempre uma confusão de sentimentos e sensações: tristeza, saudade, alívio, dor, alegria, entusiasmo, desânimo. Até que se encontre o equilíbrio, vive-se os extremos durante algum tempo, não é mesmo, corujas? – perguntou Stan, num tom educativo.

– Sim, filho! – responderam os pais de Joca a Stan, mas direcionando as palavras à coruja. – Passamos por isto durante algum tempo e somente fomos melhorar recentemente. Demoramos bem mais tempo do que você demorará. Não tínhamos muita noção do que se passava por aqui e do porquê tínhamos que ser realmente bons. Aprendemos muito vendo você e passamos a respeitá-lo muito por seu caráter e dele muito nos orgulhamos. Foi uma honra nos dada por Aepyornis sermos seus pais e termos a oportunidade de melhorarmos com o laço de afinidade que temos.

– Entendi! Mas ainda quero chegar ao entendimento de vocês. Aqui, pareço uma criancinha, como diz Stan.

– É porque você ainda está com um pouco do véu do organismo biológico. Agora que começou a tirar, é questão de tempo

para conversar conosco na mesma linguagem. Não se incomode com isto – disse Stan, comentando com a coruja, mas desviando o olhar para Jussara e Sinval.

– Já terminaram com os medicamentos e massagens?

– Sim! Ele está expelindo um líquido escuro de vez em quando pelo bico, mas já diminuiu bastante. Vamos relatar ao médico – respondeu Sinval.

– Tudo bem! Depois, darei ciência a Aepyornis assim que tiver oportunidade de encontrá-lo. Se bem que ele deve saber mais da coruja do que nós que estamos com ela.

– Opa! Já que falou, que dia poderei conhecê-lo? Ou melhor, conversar com ele? – perguntou a coruja, intrigada.

– Tudo ao seu tempo, coruja teimosa! Tudo ao seu tempo! – respondeu Stan, dando fim à conversa. – Vamos lá, deixemos esta teimosa descansar mais.

– Beijos, meu filho! – disse Alba, seguida de um aceno de Tyto ao filho.

– Beijos a todos! – respondeu Joca, já meio zozzo com um sedativo leve que lhe deram.

Na Mata da Encosta, a manhã seguinte começou com uma batida de bico na toca de Furriel. O canário estranhou, pois Chanchã fazia isto apenas com Tico. Com o enfermeiro de aves, colocava a cabeça dentro da toca e gritava alto, assustando-o como brincadeira. Foi até a entrada da toca, botou o biquinho para fora e quase morreu de susto! Era Pygia, voando ora de um lado para o outro e ora quase parada no ar.

– Olhe! Olhe! Estou voando, estou voando! – disse em êxtase a perdiz.

– Que bom, Pygia! – exclamou o canário. – Mas você não estava de repouso ainda?

– Não, seu tonto! Acaba hoje o meu prazo! Não sabe contar? – disse Pygia, sorrindo tanto que o canário nem se importou com a ofensa.

– Nossa, como estou feliz! – disse sinceramente Furriel. – É como se eu mesmo estivesse voando pela primeira vez depois de muito tempo. Até outro dia, você estava sem esperanças de voar e nos deu um trabalho danado!

– Sim, sim! Nada como a paciência e a companhia dos amigos. Por falar em amigos, vamos dar notícia ao casal de pica-paus?

– Claro! Vamos lá. Mas hoje não posso me demorar muito. Tenho que acompanhar a garça em uma missão depois do Vale dos Biguás. Esta é mais longe.

– Então, vamos logo!

Os dois vizinhos voaram cuidadosamente, pois a perdiz não podia se exercitar tanto e logo alcançaram o assa-peixe, que há muito havia se transformado na morada definitiva de Chanchã e de Tauá. O pica-pau pensou em ampliar a toca de Tico com o bico para morar lá, mas sempre pensou que o amigo pudesse voltar, embora achasse isto muito pouco provável. Quando Furriel e Pygia chegaram, grande alegria estava tomando conta do assa-peixe. Pensaram que tinham avistado a perdiz de longe e se alegraram por ela, mas, depois, perceberam que a presença deles nem tinha sido notada até que se aproximaram.

– Nossa! Que alegria é esta? – perguntou o canário, ainda voando.

Ambos olharam depressa e se espantaram.

– Pygia! Você está voando! – gritou Tauá.

– Puxa! Só boas notícias hoje na Mata da Encosta! – disse Chanchã.

– Sim, estou voando sim! Estou muito feliz – respondeu a perdiz.

– Hum! Houve outra boa notícia, senhores? – disse o canário, quase adivinhando. – Posso saber o que é?

– Claro que pode! – respondeu Chanchã. – Quer contar, Tauá?

– Não, pode contar você! – repassou a pica-pau.

Dois segundos de suspense e o pica-pau disparou.

– Vamos ser papais! – e Chanchã voou desengonçadamente no ar em volta do assa-peixe e saltando para a toca de Tico e voltando de novo ao assa-peixe. – Nascerão filhotinhos, uhuuu!

A alegria do discreto Chanchã contaminou o ambiente da Mata da Encosta, que se tornou imensamente festivo. A comemoração foi transferida para perto do buraco de Pygia, que é o lugar costumeiro das farras, desde o tempo em que a amiga machucou a asa.

– E então? Já escolheram o nome dos bebês? – disparou Furriel.

– Deixe de ser indiscreto, canário! – acusou Pygia. – Eles acabaram de ter a notícia.

– Na verdade, tivemos a notícia ontem à noite – disse Tauá. – E já temos nomes!

– Ora essa! Eu dando bronca no canário e vocês já com nomes. Contem logo, vão! – inquiriu a perdiz.

– Bem, temos seis nomes possíveis, caso nasçam mais machos que fêmeas ou fêmeas que machos. Tico, em homenagem ao nosso amigo que se foi, Dico e Luco¹, para os meninos. Collis, Venis e Finis² para as meninas.

– Que nomes lindos! – disse Pygia. – Quero ser a madrinha!

– Agora você é que está sendo indiscreta, perdiz! – disse o canário, dando o troco. – Deixe que eles escolham.

– Calma, calma, não briguem! – disse Chanchã. – Já temos os padrinhos. Como Tico já foi homenageado com o nome de um deles, vocês dois são os padrinhos escolhidos.

– Oba! – disseram os dois juntos. – Muito obrigado!

– Mas espere! Nidificarão onde? – perguntou Pygia, curiosa.

¹ Dico vem de rididico, nome vulgar do pica-pau-do-mato-virgem (*Tripsurus flavifrons*), mas também é uma homenagem ao cão familiar Dick. Luco é uma homenagem ao cão familiar Lucky.

² Collis vem do nome científico do pica-pau de penacho (*Scapanus rubricollis*). Venis e Finis vêm do nome científico do pica-pau-fura-laranja (*Veniliornis affinis ruficeps*).

– Ora, no assa-peixe mesmo! – respondeu prontamente Tauá.
– Depois, perfuraremos um buraco abaixo da toca de Tico. Acho que ele não se incomodará, já que preservaremos a morada dele. Dá para todos os bebês¹.

– Boa ideia. Se precisarem de ajuda para alimentação, podem contar comigo. – disse a perdiz.

Nisto, o canário deu uma gargalhada e a perdiz olhou para ele, intrigada.

– Você não sabe que Chanchã é o maior especialista em comida de toda a região? – disse Furriel. – Ele acha larvas, lesmas e insetos onde menos se imagina. Você acha que comeu a comida encontrada por quem?

– Eu sei, não me esqueci – afirmou Pygia. – Mas ofereço meus préstimos assim mesmo, se precisarem.

– Não dispensamos – disse Tauá. – Qualquer ajuda será bem-vinda quando os bebês nascerem.

– Bebês! Ora essa! Está aí uma coisa em que não penso – disse o canário.

– Está aí uma coisa que eu ainda não pude ter e talvez não poderei ter nunca – disse a perdiz, com um início de marejamento nos olhos. – Espero que o pardal o encontre. Mas... ai!

– Ai o quê? – perguntou Furriel.

– Agora que me lembrei. Não disse o nome do meu marido para Tico. Na rapidez de sua saída, acabei me esquecendo. Não acredito! Agora ficará ainda mais difícil.

– Puxa! – ressentiu-se Tauá. – Mas que pena! Que o pardal seja abençoado e descubra o seu marido mesmo sem saber o nome dele.

– E qual é o nome dele, afinal? – indagou o canário.

– Chapmani² ou apenas Chap! Este é o nome dele.

¹ Os pica-paus do campo costumam ter ninhada de 2 a 4 ovos.

² Chapmani vem do nome científico da perdigão paulista (*Micropygia schomburgkii chapmani*).

– Bem, o papo está muito bom, mas tenho que ir. Karkia está me esperando para atendermos um paciente. Demorarei, está bem? Nem sei se volto hoje. Foi muito bom Pygia ter voltado a voar, pois me libera um pouco de seus cuidados. Qualquer coisa, o Chanchã está aí, ouviu, perdiz?

– Pode deixar, mas estou bem, não se preocupe. Boa viagem!

– Obrigado! Até mais e parabéns aos três pelas conquistas!

E o canário se foi, voando rente às árvores.

CAPÍTULO 22

VISITA INESPERADA

Após deixar o ambiente festivo, o canário partiu para o Vale dos Biguás para se encontrar com Karkia. Na descida da montanha, já avistou a garça com uma cara não muito amistosa.

– Muito bom, senhor canário! Logo hoje que temos uma longa viagem você se atrasa!

– Desculpe-me, Karkia. Hoje tivemos boas notícias na Mata da Encosta. A perdiz já está voando e os pica-paus terão filhotes. Não poderia deixá-los comemorar sem mim. Afinal, foram somente cinco minutos de atraso.

– Está bem, Furriel. Está perdoado. Mas vamos logo!

– Para onde iremos exatamente?

– Você verá. Se em certo momento, eu lhe carregar, não se assuste, tudo bem?

– Tudo bem!

Os dois fizeram praticamente o mesmo caminho de Tico por sobre o Vale dos Biguás e alcançaram, depois de algum tempo, a fronteira com o Vale dos Gaviões. O canário ficou olhando para baixo o tempo inteiro, maravilhado com a paisagem que não estava acostumado a ver de tão alto. Apenas tirou os olhos do chão quando quase se topou com uma águia enorme que vinha na direção contrária. Era Uiraçu.

– Bom dia, Karkia, tudo bem? – disse a águia.

– Bom dia, Uiraçu, como vai? O paciente está por aí?

– Está nas montanhas! – respondeu o anfitrião. – Vejo que trouxe o seu enfermeiro.

– Sim. Este rapazinho é Furriel, o canário. E, apesar do tamanho e da idade, é um grande enfermeiro.

– Muito bem! Vamos lá então. Vamos subindo e conversando. Sugiro carregar este rapaz, pois ele não está acostumado a grandes alturas e pode sentir a pressão.

– Claro! – concordou a garça.

– Bem, o nosso paciente se machucou em uma briga e precisa de uns cuidados.

– Nossa! Brigou com quem? – perguntou a garça.

– Comigo!

– Mas Uiraçu! Nunca ouvi dizer que você tivesse brigado!

– Quando é necessário, amiga Karkia. Todos me respeitam aqui. Mas, para manter a ordem, por vezes é preciso.

– Mas o que o paciente fez?

– Tentou comer uma pequena ave como o canário há alguns dias atrás. Como estava meio perdida aqui, não deixei que capturasse uma avezinha ingênuas.

Uma luzinha se acendeu na mente do canário, que, embora meio oprimido pelo bico da garça, ainda conseguiu fôlego para perguntar.

– Desculpe-me, senhor águia. Mas como era a avezinhas?

– Era um pardal pequenino, com coragem de uma grande ave.

– Nossa! Por acaso, ele se chamava Tico?

– Exatamente! É seu amigo?

– Sim, sim! Muito meu amigo! Mas a ave chegou a capturá-lo, quer dizer, a comê-lo?

– Não, não! – disse a águia, sorrindo. – Você me fez sorrir como ele. A propósito, dei boas risadas com aquele pardal. Deixei o pequeno na Entrada da Floresta. Não sei onde ele está exatamente, mas está na floresta.

– Tenho que ir lá ter notícias dele! – disse o canário,

desesperado.

– Calma! Primeiro a obrigação – disse Karkia.

– Isto! O gavião está sofrendo um pouco! Precisamos vê-lo rapidamente – exigiu Uiraçu.

– Tudo bem! Está certo. Depois, vejo meu amigo.

Enquanto subiam em direção às montanhas, o canário estava intimamente feliz e curioso com a possibilidade de saber notícias do amigo. Além de matar a saudade, queria levar notícias para a Mata da Encosta. Mas a paisagem era tão maravilhosa que distraiu um pouco o pensamento de Furriel. As montanhas têm um incrível poder de sedução e o seu ar puro, embora fatigante por causa da altura, traz uma enorme sensação de paz e de liberdade. Mas a aparente liberdade tem um alto preço: a convivência com os gaviões. E eram poucos os que se mantinham dispostos a pagar esse preço.

– Muito bem! Chegamos – apontou a águia.

– Ali naquela grande toca? – perguntou Karkia.

– Sim! Avisarei o paciente que estão chegando, pois ele não está para muitos amigos. Já foi muito ter se humilhado para me pedir ajuda.

– Tudo bem.

Uiraçu entrou na grande abertura da escarpa montanhosa e avisou o gavião.

– Uruá! Temos visitas. A médica e o enfermeiro chegaram.

– Você trouxe uma médica? – respondeu o gavião – Vai aumentar ainda mais a minha humilhação?

– Deixe de ser bobo, Uruá! É uma das melhores médicas da região. Ela não faz distinção entre machos e fêmeas ou entre quem bate e quem apanha. É a pessoa que temos no momento. E o enfermeiro é pequeno, mas muito competente.

– Uma fêmea e um pequeno? Agora mais essa!

– Relaxe. Eles atendem muitas aves por dia. Não divulgarão o seu caso, tenho certeza.

– Tudo bem! Pode chamá-los.

– Amigos! Podem entrar! – gritou Uiraçu, para não precisar voltar à beira da escarpa. – Este é Uruá. Ele está com raiva de seu ferimento, mas cooperará.

– Bom dia, Uruá! – desejou Karkia, tentando abrandar os ânimos exaltados do gavião. – O que temos aqui, podemos ver?

– Sim, podem! – disse o gavião secamente.

Neste momento, Furriel mal olhava para o gavião, com um medo indescritível. Acabara de encontrar com as maiores aves que tinha visto em sua vida e não estava muito disposto a criar complicações com elas. Procurou não fitar os olhos de nenhuma das grandes aves e fazer apenas o que lhe indicassem.

– Olhe, Furriel – apontou a garça. – Temos um corte aqui, no dorso de Uruá. Pequeno, mas profundo. Ao contrário deste na asa, que é quase superficial, mas longo. São dois tratamentos diferentes. Apesar disso, ambos serão somente com aplicação de ervas, além de termos que arrancar algumas penas. O senhor tem uma boa notícia, gavião. Não quebrou nada! A dor está por conta do contato da asa com os ferimentos no corpo, que estão lhe causando desconforto, nada mais. Mas terá que ficar sem voar uns três dias, para não machucar a ferida novamente, está bem?

– Está bem! O que se há de fazer?

– Canário! – disse Karkia para Furriel. – Trouxe estas ervas aqui. Vamos precisar de água para infundir as ervas e para arrancar as penas com menos dor.

– Água eu consigo facilmente – observou Uiraçu. – Já busco.

– Ótimo – agradeceu a garça, que ficou tentando convencer Uruá de que não seria nada. As tentativas foram interrompidas pelo gavião, que se dirigiu ao canário.

– Então, pequeno! Você não conversará comigo? Está com medo?

– Para falar a verdade, estou um pouco sim! Não estou acostumado a conviver com grandes aves de rapina.

– Obrigado pelo *grandes aves de rapina*, mas não precisa ficar

com medo. Se me curar direito, não mais capturarei aves do seu tipo.

– Nem pardais? – completou Furriel.

– Também não! Hum! Espere aí! Como sabe que meu acidente foi por causa de um pardal? Uiraçu lhe contou?

– É que meu amigo pardal veio por este caminho aqui – disfarçou o canário, mais assustado, mas sem deixar transparecer. – Fiquei com medo dele ser capturado.

– E ele realmente foi, mas fui obrigado a soltá-lo por causa de uma briga com Uiraçu. Se a águia não fosse o rei destas terras, nunca mais teria falado com ele, mas conheço a sua nobreza e acho que não fez o que fez à toa. Não vejo sentido, mas em algum momento hei de ver.

Uiraçu chegou com a água em um cabaço e Furriel pôs as ervas anestésicas de molho. Esperou alguns minutos e começou a passar no ferimento, de cima para baixo. Mais um pouco e Karkia arrancou a primeira pena. O gavião deu um breve piado e instintivamente virou o bico para o corpo da garça, mas se conteve. Foram arrancadas mais algumas penas que incomodavam o gavião por causa do atrito com o ferimento e outras ervas curativas foram passadas no dorso. Foi preciso dar dois pontos com fiapos de ninhos de canário em um dos ferimentos e limpar os restos de pele do outro ferimento. O gavião mal sentiu. Mais algumas ervas cicatrizantes e... pronto! Estavam realizados os procedimentos, muito mais simples do que o que o gavião pensava. Uruá ficou impressionado com a habilidade do bico do canário, que já sabia suturar muito bem. Para a surpresa da águia, o gavião começou a falar mansamente.

– Olhe, pequeno! Devo lhe agradecer e à doutora também. Prometo não fazer mais mal a nenhuma ave do seu tamanho e do tamanho do seu amigo, está bem? Você é uma boa ave e o seu amigo deve ser também. Agora entendo a posição de Uiraçu e sei quem ele defendeu. Defendeu a integridade das pequenas aves. Tudo isso foi uma grande lição. Não preciso provar a minha força e a minha habilidade de captura pegando aves indefesas. Na verdade, estava

escondendo minha pequenez submetendo os pequenos à força e isto não preciso fazer mais. Mais uma vez, agradeço.

– Não há o que agradecer! – disse a garça, em nome do canário, que estava sem entender nada. – Fique três dias sem voar, entendeu? Senão, o problema voltará.

– Tudo bem, garça! Está entendido.

– Muito obrigado, amiga Karkia – disse Uiraçu. – E ao canário também. Agora devo deixá-los partir, já que o pequeno tentará localizar o amigo.

– Em breve, teremos novas oportunidades de nos encontrarmos. Felicidades! – desejou a garça.

– Com certeza! Felicidades a todos. A você também, pequeno.

– Muito obrigado – agradeceu Furriel. – agora preciso realmente ir.

Deixaram a escarpa e seguiram as instruções de Uiraçu para entrar na floresta.

– Tico! Tico! – gritou o canário, procurando o pardal.

– Bem, assim você não irá localizá-lo – asseriu a garça. – Tem que usar a inteligência.

– Como assim? – perguntou Furriel.

– Ora! O que você faria ao entrar sozinho em uma mata desconhecida?

– Bem, primeiro procuraria uma toca.

– Ah! Melhorou. Uma toca de que maneira?

– Pequena e distante de outros bichos estranhos.

– Isto. Então, basta dar uma olhada geral nesta parte mais próxima da floresta e ver se uma toca atende aos seus propósitos, já que você é mais ou menos do mesmo tamanho do pardal.

Estava até interessante uma enorme garça branca e um pequenino canário-do-mato verde-negro entrarem na floresta juntos. O canário pensou e achou uma árvore ao lado da morada do amigo. Gritou algumas vezes e nada! O pardal estava caçando aranhinhas. Furriel percorreu boa parte do início da Entrada da Floresta e desistiu.

Passou mais uma vez na frente da árvore escolhida e Tico estava chegando em casa.

– Viva! Olhe quem veio me visitar! – disse o pardal, surpreso.

– Viva digo eu! Olhe quem sumiu e quem eu venho achar aqui nesta floresta! – disse o canário. – O que faz aqui, Tico?

– Bem, eu tinha que continuar a minha missão, não é? O destino me trouxe para cá, por meio de um gavião e de uma águia.

– É, ficamos sabendo de sua história pela própria águia, que nos chamou para curar o gavião.

– Boa tarde, Tico! – desejou Karkia. – Você está bem longe para um pardal.

– Boa tarde! – respondeu o pardal. – Sim! Até agora não acredito que cheguei até aqui. Mas aqui estou!

– E o que nos conta de novo? – perguntou Furriel.

– Bem, até eu chegar na floresta, é o que você sabe. Depois, achei uma toca e fiz amizade com um bem-te-vi. Aprendi a comer aranhinhas e percebi que o barulho *tititiiii!* de um pássaro não é *tititiiii!*, é *bem-te-viii!*.

Todos sorriram. O canário estava radiante, pois estava novamente diante da alegria ingênua e pura do amigo sincero.

– E você, canário, o que tem para me contar?

– Bem, sobre o gavião, ele ficará bem. Lá na nossa mata, as notícias boas aconteceram hoje.

– Então, conte-me.

– A Pygia voltou a voar! Voos médios somente, mas já está ótimo para quem já tinha perdido todas as esperanças até de voar baixo.

– Que bom! Isto é muito bom! Já esperávamos, mas é muito saber que deu certo.

– Mas tem outra ótima notícia!

– Conte-me logo, rapaz.

– Aham! Aham! Os pica-paus serão pais! Têm até os nomes.

– Nossa! Que bacana. Nosso Chanchã será papai. Que

felicidade! Quem diria, não?

– Ele é mais velho que nós, se esqueceu? – lembrou Furriel.

– Sim. Está na hora dele, não é mesmo? – disse o pardal.

– E um dos filhotes se chamará Tico em sua homenagem.

– Puxa! Que homenagem bacana! Estou emocionado.

Agradeça aos pica-paus por mim, está bem?

– Está bem.

– Não gostaria de interromper vocês – cutucou a garça. – Mas é preciso que nos apressemos. Vamos aproveitar que o tratamento do gavião foi simples e chegar antes de escurecer, está bem?

– Está bem, Karkia – disse o canário, sério. – Já vamos.

– Até logo, meu amigo – disse Tico. – Vá que a sua hora é esta. Teremos outras oportunidades de nos vermos. Mande um abraço meu a todos!

– Até breve, amigo pardal – respondeu Furriel. – Agora acredito que ainda poderemos nos ver outras vezes.

– Ah! – continuou o canário. – Quase ia me esquecendo. O nome da perdigão é Chapmani ou simplesmente Chap. Não se esqueça disto.

– Pode deixar. Até mais aos dois.

Os amigos foram embora e, com eles, foi a alegria de Tico. Tantas notícias boas da Mata da Encosta e ele não pôde compartilhar. Mas o sentimento da missão a ser cumprida compensava tudo, mesmo que ainda não soubesse exatamente o que é. O canário e a garça atravessaram as montanhas de volta e foram escoltadas por Uiraçu até a entrada do Vale dos Biguás, onde estariam mais seguros.

CAPÍTULO 23

EM DIREÇÃO AO ABISMO

Joca acordou bastante disposto aquele dia, mas mais resignado com a sua situação de repouso e tratamento. Como em todos os dias, lembrou-se de Tico e tentou imaginar o que faria aquele passarinho de que tanto gostava. “Como está sua missão? O que está aprendendo? Onde está agora?” – pensou. “Um dia, poderei saber” – conformou-se. Em tantas lembranças e pensamentos, nem percebeu que algo diferente ocorrera com o seu organismo espiritual. Foi preciso que Jussara lhe chamasse a atenção para o fato.

– Bom dia, Joca!

– Bom dia, Jussara!

– Não está notando nada diferente em você?

– Não! Não mesmo! Parece que está tudo como antes!

– Está lhe faltando coragem para mexer a sua asa. Tente, vamos!

A coruja ficou com receio de voltar a sentir a imensa dor que sentia quando acordou pela primeira vez, mas criou coragem.

– Olhe! Minha asa direita está se mexendo inteira agora! Que alegria!

– Tente a outra agora! – apontou Jussara.

– A esquerda também! Que bom! Quer dizer que logo poderei voar?

– Sim, mas ainda tem algum tempo de repouso. As coisas não

melhoram assim de um dia para o outro, está certo?

– Está certo! Mas estou feliz, pois, até ontem, estava mexendo somente a ponta da asa.

– As coisas vão caminhando devagar e sempre, não é verdade? Logo estará voando por aí.

– Estou ansioso para conhecer Aepyornis. Poderei fazer isso assim que voar?

– Creio que ainda não. Não o vemos sempre. Além do médico, somente Stan aqui tem acesso a ele mais frequentemente, mesmo assim há muito pouco tempo e porque já tinham contato antes.

– Antes do quê?

– Bem, não está na hora ainda de você saber tantas coisas. Tudo em seu tempo.

– Nossa! Já ouvi esta frase diversas vezes: *tudo em seu tempo, tudo em seu tempo!*

– Mas terá que se acostumar – disse Jussara, sorrindo. – Aqui *tudo* é em seu tempo.

– Pelo jeito, terei que me acostumar com muitas coisas.

– Realizar a passagem é quase o mesmo que nascer, Joca. Aprenderá muitas coisas novamente, embora tudo aqui seja muito parecido com o plano físico. Ou melhor, tudo no plano físico é muito parecido com o que tem por aqui.

– Como é?

– Quando voltar a voar, mostraremos a você muitas coisas e entenderá o que estou lhe dizendo.

– Está certo! Como estão os meus pais? E onde estão?

– Estão bem! Fizeram uma viagem com Sinval e Stan. Eles fazem muitas viagens em caravanas para conhecer ou ajudar outras colônias espirituais. Estiveram aqui logo cedo, mas você ainda estava em sono profundo.

– Aqui só se ajuda? Não que eu não ache certo, mas não se faz outra coisa? É quase só o que ouço desde que cheguei.

– É o sentido de nossa existência, Joca – ponderou a

enfermeira. – Ao ajudar o próximo, estamos nos ajudando também, crescendo espiritualmente. Mas as três coisas que mais fazemos aqui é aprender, ajudar e relacionar. Os indivíduos se interrelacionam e dependem uns dos outros, de modo que, fazendo uma coisa, acabam fazendo as demais. O trabalho no plano espiritual é basicamente em favor do próximo, o tempo inteiro. Você vai gostar.

– Tomara! É o que busco, de fato. Não é bom ficar hospitalizado, embora seja por uma boa causa.

– Pode ter certeza de que gostará. Está ainda um pouco inseguro porque veio há pouco tempo e, por isto, está como uma criança espiritual, ainda com comportamento quase infantil para o nosso plano. Mas o seu amadurecimento será breve, uma vez que praticamente não houve problemas em sua vida e, em seu desenlace, não lhe faltaram informações de nosso amigo Stanislaw enquanto estava no plano físico.

– Sim! Preciso agradecer a Aepyornis e a Stan tudo isto.

– Agradeça também a Deus. Ele é quem proporcionou a você estas oportunidades.

– Aepyornis, Deus, nem sei mais como é isso, perdi a noção.

Jussara não respondeu. Sorria levemente, enquanto mexia nas asas da coruja, para fortalecê-las e torná-las mais flexíveis ao mesmo tempo. Sabia que Joca não faria mais perguntas do tipo, já que a resposta se tornara repetitiva. A enfermeira tinha conhecimento de como seria a vida da coruja no plano espiritual, mas também continha a sua ansiedade de vê-la novamente voando. Realizou mais algumas massagens, deu-lhe um líquido para beber e deixou a coruja descansar.

Na manhã seguinte, após o canário e a garça se afastarem da floresta em direção ao Vale dos Biguás e deixarem Tico tristonho a noite inteira, a imagem de seu pai naturalmente lhe veio à mente, como as pessoas queridas vêm ao pensamento sempre que se entristece. Tinha certeza de que a coruja estava sendo bem cuidada, mas a presença paternal ou a simples ideia de que o pai estava vivo

fisicamente fazia muita falta. Não tinha noção de onde ele estaria agora, embora os pensamentos estivessem ligados todo o tempo. O pardal, mais tarde, saiu da toca, deu três pulinhos no galho e eis que ouviu o canto retumbante: *bem-te-viii!* Era o seu novo amigo pousando na ponta do galho, parecendo querer alguma coisa.

– Olá, amigo Pituã – cumprimentou Tico. – Como vai?

– Tudo bem, amigo pardal – respondeu o bem-te-vi. – Preparado para entender com funciona esta floresta? Estou livre agora e posso lhe ensinar, como prometi.

– Claro! Pode começar a falar. Meus ouvidos são todos seus.

– Esta floresta é bem velha e muito habitada, sobretudo de pequenas aves como nós. Não há muitos perigos, praticamente nenhum. Mas, para isto, as aves e os outros animais são unidos, para que nenhum predador venha ameaçar a tranquilidade da floresta, entende?

– Entendo, pode continuar.

– Fizemos um acordo com Uiraçu para que nenhum gavião ou outra ave de rapina penetre aqui na floresta e para que nenhum de nós se aventure no vale, de modo que a águia não perca o controle de quem atravessa o Parque das Aves. É um acordo que nos interessa e, por isto, a águia costuma escoltar as pequenas aves que, por acaso, passam de lá para cá ou de cá para lá.

– Aqui habitam várias espécies – continuou. – De saíras a ararinhas, de corruíras a sanhaços.

– Aqui existem corruíras? – perguntou Tico.

– Por que, conhece uma?

– Sim, conheço. Bem que ela disse que viaja sempre por estas terras.

– Viaja não, mora. As corruíras da região moram todas aqui. Não param quietas em suas tocas, mas moram aqui. Acabará topando com algumas delas por aí.

Tico não disse nada, mas conseguiu disfarçar o seu desejo íntimo de não encontrar Garriça, a corruíra que deu tanto trabalho na

Mata da Encosta. Suspirou e mudou de assunto.

– Se Uiraçu reina no vale, quem reina aqui?

– Bem, não há rei aqui na Entrada da Floresta. Somos relativamente livres, mas Uiraçu é uma espécie de responsável por esta parte da floresta. Mas, pela parte da floresta um pouco mais adiante, geralmente são os tucanos que conversam com Uiraçu. Existem poucos por aqui, mas a relação entre eles e a águia é antiga. Por isto, acabam tomando a frente em quase todos os problemas que ocorrem e em todos os acordos realizados.

– Nunca vi um tucano, embora já tenha ouvido falar deles. Dizem que são muito bonitos. Quem é o líder deles?

– São aves belas sim – confirmou Pituã. – É um tucanuçu (um tucano grande) chamado Toco¹ quem costuma representá-los.

Tico não perdera a mania de batizar os lugares e, para manter o critério, chamou mentalmente o lugar de Floresta dos Tucanos, mesmo sem perguntar se a floresta já tinha um nome. De quebra, ainda batizou o bosque onde viveu os seus primeiros dias de Bosque das Corujas, em homenagem ao seu pai, que partira recentemente, e aos seus avós, que nem conheceu. E, ainda, deu nome à Serra das Ararinhas, que servia de encosta para uma parte do bosque, e à Mata da Universidade, que ficava entre a universidade e o cume da Serra da Universidade, que também dava para a Mata da Encosta.

– Tenho apenas uma recomendação a você – continuou o bem-te-vi.

– Pode dizer.

– Não mexa com as outras aves e com o seu trabalho. Algumas são muito avessas à presença de estranhos aqui. Deixe que se aproximem e, então, explique o seu caso e, se for preciso, diga que conversou comigo.

– Está bem! Seguirei as suas recomendações, já que não conheço nada na floresta. Assim que amanhecer, vou dar umas voltas

¹ Toco vem do nome científico do tucanuçu ou tucano (*Ramphastos toco*).

por aí.

– Tudo bem! Se der, irei com você algumas árvores adiante para lhe mostrar o melhor caminho.

– Está combinado! – disse Tico, bastante satisfeito.

Como não poderia deixar de ser, à mente do pardal veio a lembrança de quando saiu pela primeira vez do Bosque das Corujas até a Mata da Encosta. Já não era aquele choroso pardalzinho da infância, que saiu debaixo das asas do pai para o mundo. Transformou-se em um jovem curioso e alegre, que, embora passe por momentos tristonhos como todas as aves, consegue agora converter a tristeza em impulsos motivantes de novas empreitadas. Passou o dia tentando imaginar como seria a floresta, diante de tudo o que relatou o bem-te-vi e do que esperava encontrar. Nunca perdeu de vista o objetivo de sua jornada, que era aprender as coisas profundas da vida através do comportamento das aves e relacionar-se bem com elas era imprescindível para que tal meta se cumprisse. Mas, independentemente de qualquer finalidade racional, tratar bem as aves já era da natureza de Tico, o que fazia com naturalidade. Porém, nem sempre o estilo de tratamento impulsivo que era dado na infância e em parte da juventude era encarado como natural por todas as aves. As responsabilidades tornam mais pesado o fardo dos relacionamentos, como se o encantamento com a personalidade infantil antes tomada como inconseqüência pueril agora incomodasse outras aves. Respeitar as diferenças era crucial para ser respeitado.

O que incomodava exatamente o pequenino era um certo temor do que encontraria, como se a floresta densa representasse os seus próprios medos e defeitos, as suas ansiedades e dificuldades. O fato de não poder sobrevoar a floresta simbolizava uma espécie de acorrentamento e uma impotência de resolver os seus próprios problemas, já que não podia contar, por um tempo, com a sua principal válvula de escape, que sempre foi voar. Por fim, terminar de atravessar a floresta significava dar mais legitimidade e valor ao voo, que, antes, poderia ser considerado como uma dádiva, mas agora

deveria ser como uma conquista.

No dia seguinte, bem cedo, antes de completar os três pulinhos no galho à frente da toca, já estava lá o bem-te-vi, mais preocupado com o seu desjejum do que propriamente com as ideias do pardal de viajar pela floresta. Tico o abordou, já querendo o auxílio prometido do bem-te-vi.

– Bom dia, bem-te-vi.

– Bom dia, pardal. Já vai passear?

– Vou sim. Você me levará um pouco mais adiante?

– Claro. Assim que acabar de comer estas larvas, tudo bem?

– Tudo bem. Estou esperando.

– Como estamos perto da Entrada da Floresta – disse o bem-te-vi enquanto comia –, não há outro caminho que senão aquele que vou lhe mostrar. Há algumas referências para lhe apontar.

– Está certo. Não sei o que vou encontrar, mas sei que tenho que caminhar adiante.

– Pronto. Acabei de comer. Vamos lá.

Pituã levou Tico para o único caminho possível para fora das montanhas que estavam logo atrás (Oeste) e à direita deles (Sul). À esquerda (Norte), um capoeirão muito fechado impedia o voo e não havia o que ver ali por causa de parte das montanhas, de modo que à frente (Leste) era o caminho natural para quem queria penetrar floresta adentro. Desceram floresta abaixo e, quando chegaram em um ponto onde se enxergava muitas outras árvores distantes, o bem-te-vi parou e apontou para o Nordeste.

– Pardal, está vendo aquela trilha ali? Os humanos a picaram há muito tempo, mas não vêm mais aqui. Ela dá na parte mais baixa da floresta, onde você verá um riacho muito bonito, que desce das montanhas. Neste ponto, as árvores não alcançam grandes alturas e, por isto, não sobrevoe o rio por cima das árvores, porque um gavião espertinho pode estar lhe esperando. Eles não têm permissão de entrar na floresta, mas de sobrevoá-la, sim. Depois do rio, haverá uma clareira na mata, onde algumas araras costumam pousar. Não há

muitos perigos, mas procure voltar antes do escurecer, embora eu ache que você não alcançará o rio antes da noite cair.

– Voltar? Eu não pretendo voltar tão cedo!

– Não? Pensei que viria dormir aqui novamente após o passeio. Você não é muito pequenino para se aventurar à noite dentro da mata?

– Sou pequenino, sim – defendeu-se o pardal –, mas já andei muito para chegar até aqui. De certo modo, já me acostumei a distâncias maiores.

– Tudo bem! Mas, então, procure uma toca assim que chegar próximo do rio ou da clareira, tudo bem?

– Tudo bem! Muito obrigado pelas informações. Daqui já sigo sozinho, não é?

– Sim! As dicas já são o suficiente para você se virar por hoje. Apesar da mata ser tranquila, muito cuidado.

– Pode deixar. Até mais, amigo Pituã.

– Até mais, Tico.

O pardal desceu floresta adentro e abaixo, em uma sensação estranha de estar penetrando em uma caverna escura. Quanto mais se dirigia à trilha, mais escurecido ficava o ambiente. O céu limpo ajudou, mas não lhe agradava explorar uma floresta por baixo, sem enxergar o que viria à frente. Quando podia sobrevoar, era bem mais fácil, pois enxergava quilômetros adiante. Mas, por medo dos gaviões, preferiu seguir à risca as recomendações do bem-te-vi, que pareciam sinceras e acertadas. Apelidou o lugar entre a Entrada da Floresta e o rio que viria em seguida de Mata dos Bem-Te-Vis, por causa de seu amigo Pituã.

Depois de algum tempo, Tico alcançou a trilha, que desenhava um caminho tortuoso voltado para o Noroeste, o que impedia que se enxergasse mais longe. Já quase não fazia diferença andar ou voar baixo, pois a quantidade enorme de árvores que se entrelaçavam por cima da trilha impedia um voo uniforme. Com pouco, o pardal se cansou. Andou mais alguns metros em pulinhos, mas não aguentou

mais. Embora estivesse em plena tarde, era de se esperar que o dia na floresta acabasse mais cedo por falta de luminosidade. Depois de descansar um pouco, Tico sentiu fome e aproveitou o resto de luz para procurar alimento e uma toca decente. Por incrível que pareça, não viu ave alguma, o que poderia implicar que elas não gostavam da trilha escura e preferiam a Entrada da Floresta, as clareiras ou o outro lado, que deveria ser mais claro porque já não haveria mais montanhas e a floresta não seria tão densa. A trilha, portanto, era uma passagem usada de vez em quando pelas aves. Naquele dia, nenhuma delas surgiu no caminho.

CAPÍTULO 24

ADAPTAÇÕES

Depois de atravessar o Vale dos Biguás e de se despedir de Karkia, Furriel voltou à Mata da Encosta cheio de alegria. Ver com vida e bem o amigo que julgava poder estar morto ou capturado era um motivo dos grandes para estar feliz. Embora cansado da viagem e estar já de noite, procurou Pygia, foi com ela até o assa-peixe dar as notícias somente quando todos da turma estivessem reunidos.

– Fale de uma vez, canário. Não nos mate de curiosidade – disse a perdiz, já impaciente desde que Furriel bateu o bico na porta de sua toca.

– Sim, fale logo. Já estávamos meio dormindo! – acusou Chanchã.

– Está bem! Para começar, eu e Karkia tratamos de um gavião!

– Um gavião!? – Exclamaram todos, quase ao mesmo tempo.

– Sim, um gavião. Ele estava meio resistente no início, mas depois deixou que cuidássemos dele e foi até educado.

– Está bem! Mas o que há de novidade nisto a não ser o fato de ser um gavião? – disse Tauá, pouco entendendo porque o canário a havia acordado.

– Porque foi o gavião que capturou Tico.

A frase foi o suficiente para tirar o sono de todos. Os olhos arregalados contrastavam com a serenidade do semblante do canário.

– Tico capturado? E porque está tão contente, canário infeliz?
– revoltou-se a perdiz.

– Porque o gavião soltou Tico quando se machucou.

– Tico bateu no gavião? – perguntou Chanchã. – Conte essa história direito, Furriel, ou nós é que lhe bateremos.

Furriel soltou uma gargalhada e falou.

– Então tenham calma, amigos. Deixem-me contar a história toda.

– Estamos ouvindo, então, caladinhos – resignou-se a pica-pau.

– Bem, Tico foi realmente capturado por um gavião. Mas uma águia chamada Uiraçu, que é o rei das montanhas e do vale que existe depois do Vale dos Biguás, brigou com o gavião por causa de Tico e o machucou. Ele não gosta que os gaviões capturem pequenas aves. Depois, a águia levou Tico até a floresta. Foi lá que o achei e conversei com ele.

– Ah! Ainda bem! – disse Chanchã, aliviado. – E as novidades dele?

– Depois que Tico entrou na floresta – continuou o canário –, arrumou uma toca e parece que fez amizade com um bem-te-vi.

– Com um bem-te-vi? Será que se esqueceu de nós? – disse Pygia, enciumada.

– Não! Ele, visivelmente, está com saudades. Mas, para se virar na floresta, tem que fazer outras amizades. Mandou abraços a todos e se emocionou muito quando contei que a Pygia está voando, que os pica-paus serão papais e que um dos filhotinhos se chamará Tico. Mas disse que tem que continuar a missão que seu pai lhe confiou.

– Se não fosse a missão de Furriel, de Karkia e de outros que já ouvi falar, eu pensaria que Tico estava maluco. Para que deixar os amigos e a Mata da Encosta para encontrar perigos? – disse Tauá, intrigada.

– Ele quer saber mais sobre as coisas da vida – explicou

Furriel. – Sei como é isso porque também penso um pouco assim. A diferença é que a minha missão é mais prática e mais restrita à nossa região. Ainda não entendi muito bem a missão do pardal, mas acredito nele.

– Sim! E quem sabe ele não quer encontrar outros pardais pelo caminho? Pelo que sei, ele não conhece nenhum – disse o pica-pau.

– É verdade! Talvez um pouco seja isto. Um dia, vamos descobrir – disse Tauá. – É tão bom encontrarmos outras aves de nossa espécie! – completou, olhando apaixonada para o amado.

– É mesmo! – disse Chanchã, sorrindo e devolvendo o olhar para a pica-pau. – E quem sabe um dia ele não encontrará uma pardaloca?

– Quem sabe? – disse Furriel, olhando longe para o Leste por alguns segundos, em direção ao Vale dos Biguás.

– Quem sabe? – repetiu Pygia, acompanhando o amigo com o olhar. – Mas agora temos que nos preocupar em ajudar os pica-paus a construir o seu grande ninho, não é, canário?

– Claro! Amanhã já podemos começar. É só Tauá dizer como vai querer, que eu e Pygia procuramos os materiais necessários.

– Esperem aí! – disse Chanchã, meio contrariado. – Nosso ninho será de canário e de perdiz? E o instinto de pica-pau, como fica?

– Não, querido! – interveio a pica-pau. – Eles só ajudarão a construir conforme pedirmos. Não custa nada! Será como um presente de padrinho de casamento. Você também participará.

– Ah bom! Mas quero ajudar a decidir tudinho, está bem?

– Está bem! Eu prometo! E nossos filhotes saberão que os pais escolheram tudo e que os padrinhos providenciaram os materiais, está bem assim?

– Está, agora sim! – sorriu o pica-pau, já com o coração amolecido.

Alguns dias se passaram, enquanto os amigos preparavam o ninho, Tico atravessava a trilha e Joca melhorava. Certo dia, Sinval e Jussara entraram no quarto e encontraram Joca voando por sobre a

cama e tentando afastar a cortina verde-claro da janela com o bico.

– Calma, coruja! Aquiete-se! – esbravejou Sinval. – Mal melhorou e já quer fazer estripulias? Vejamos como estão as asas primeiro.

– Elas estão boas, vejam só! – disse Joca, enquanto rodopiava sob o teto do quarto.

– Venha cá! Vamos ver isto. Não seja teimoso! – disse Jussara, que se sentia responsável pelos ímpetos da coruja.

– Tudo bem, eu vou! – respondeu Joca aos imperativos dos enfermeiros, não querendo prejudicar o seu trabalho e pousando novamente na cama, já em pé.

Os dois amigos observaram as asas, cada um observando uma delas, e Jussara foi a primeira a se manifestar.

– Bem, esta aqui parece que já está boa, meu querido! Talvez ele nem precise do médico agora, por enquanto.

– Não disse? – respondeu a coruja, altiva. – Esperem aí – parou Joca para pensar –, vocês são casados? Jussara chamou Sinval de querido!

Os enfermeiros sorriram e Jussara respondeu.

– Aqui, no plano espiritual, temos que aprender a conviver com todos os nossos antigos pares. Afinal, não deve caber ciúme entre os que aqui vivem. Já tivemos vários pares em muitas vidas. Sinval foi meu par na última. Hoje, trabalhamos e moramos juntos. Mas não há sexo entre os pares, a não ser entre aqueles espíritos que estão ainda muito ligados à matéria. Estes últimos também se alimentam, coisas que já não precisamos fazer.

– E se alimentam do quê? Porque eu ainda recebo algumas frutas e água.

– É porque ainda está em recuperação e ligado um pouco à matéria por causa do seu desenlace recente. Nós, que já estamos há mais tempo e nos desligamos um pouco da matéria depois de muitas idas e vindas, alimentamo-nos de energia, seja das cachoeiras, seja de cristais e pedras ou da própria natureza. Um dia, teremos condições de

buscar energia do sol, o que fazem alguns espíritos com maior evolução.

– Evolução! O velho Stan falava muito de evolução! – lembrou a coruja. – Mas morreu quando estava no meio da discussão sobre este assunto.

– Mas esta discussão continuará! – disse o próprio professor, entrando naquele momento no quarto. – Fico feliz que já esteja melhor, porque, em breve, continuaremos as aulas, está ouvindo?

Os olhos da coruja radiaram. Imaginou que nunca mais teria acesso àquele conteúdo novamente. Quando os enfermeiros explicaram que o plano físico era uma cópia do plano espiritual, não imaginou que aulas do tipo fossem ministradas também no plano onde estava. Percebendo a emoção de Joca, Stan continuou a falar.

– Estávamos somente esperando que você retornasse para que continuássemos. Por enquanto, falávamos sobre outros assuntos, alguns dos quais você participou, lembra-se?

– Estou me lembrando agora. Minha visão ficava turva e eu era retirado para outro lugar. No início, tinha medo. Depois, comecei a me acostumar.

– Não são todos que conseguem fazer isto com tranquilidade, estando acordado. Normalmente, estas visitas são feitas em sonho. As pessoas confundem o fenômeno que você sofreu com algum tipo de mediunidade ou transe hipnótico. Mas não é bem isso. Um dia, você saberá melhor como isto funciona.

– Você não tem saudades dos seus antigos alunos? – perguntou Joca.

– Claro que tenho! – respondeu Stan. – Mas deve-se discernir saudade de apego. Aprendi que os amigos, embora devam estar sempre no coração, revezam-se em nossa vida como em um ciclo evolutivo. Em cada época, os amigos necessários à nossa evolução surgem naquele momento, como uma simbiose para o bem de todos. Depois, vão, com um adeus que não se acaba e uma esperança que nunca morre. Quando entendemos isto de fato e aprendemos que nos

encontraremos outras vezes e também aqui no plano espiritual, fica mais fácil suportar a perda de entes queridos, por exemplo.

– Não é difícil entender, mas é muito difícil sentir.

– Sim, mas as dificuldades e o sofrimento trazem estes novos degraus de evolução. A maioria das pessoas da Terra ainda possui esta concepção restrita ao plano físico. Quando parte um ente querido, agem como se partisse a própria pessoa e há a sensação de que quem parte nunca mais será visto. Realmente, para quem pensa assim, o sofrimento é muito maior. E você tem razão quando diz que não basta entender ou ter conhecimento sobre tal conceito, é preciso senti-lo e isto somente vem com o tempo.

– Isto mesmo! Por mais que ouvisse você falar disto, senti muito a sua falta e das suas aulas quando você partiu. Sabia que nos veríamos de novo, mas não sabia que a história continuaria.

– A história sempre continua, minha nobre coruja, e se repete muitas vezes, por outras circunstâncias. Às vezes, não tão rapidamente como a nossa história. Mas nos sintamos privilegiados e felizes por construirmos juntos um aprendizado mútuo. Com o tempo, você verá que possui muito mais amigos espirituais do que pensa.

– Estou ansioso para tudo isto. Não sei como vocês têm tanta serenidade em relação ao tempo. Aqui não tem tempo? Parece que tudo aqui é no futuro e, ao mesmo tempo, o futuro chega tão rápido. Estou intrigado com isto.

– É porque você sente (mas não conhece) a fase posterior à que vive, Joca. Você tem esta capacidade de percepção aguçada, como também o seu filho possui. Todos os seres têm esta capacidade, mais desenvolvida em uns do que em outros. É a premonição, que faz com que todos façam as perguntas para as respostas que vêm logo em seguida. Na verdade, a pergunta é que é feita com base na resposta premonida e não o contrário, como se imagina. É claro que colhemos o que plantamos. Mas, na vida material, sempre nos esquecemos do que plantamos antes e, ao chegar o momento da colheita, o plantio nos vem à mente como uma premonição. As pessoas confundem isto com

atração mental, ou seja, imaginam que, pensando em algum objetivo, ele acontece, quando, na verdade, na maioria dos casos, ele já estava para acontecer e a premonição somente o prenunciou.

– Quanto ao tempo – continuou o velho professor –, este será o tema da nossa próxima aula e você já está sintonizando com ela, percebeu?

– Mais ou menos. Está meio confuso ainda, mas entenderei melhor depois, com *tudo em seu tempo*.

Todos sorriram alegremente com a observação da coruja, que já estava se adaptando bem melhor ao ambiente espiritual, embora ainda se mostrasse bastante ansiosa e curiosa. Tanto o velho Stan quanto a coruja já possuíam uma evolução razoável, o que lhes permitia realizar as passagens com relativa tranquilidade, o que não era comum. Joca lembrou-se dos pais e, mais que depressa, pôs-se a perguntar a Stan.

– E a viagem, foi boa?

– Sim! Foi muito boa. Acabamos de chegar.

– E não descansaram?

– Descansar? Há muito trabalho por fazer. A partir do momento em que nos adaptamos ao plano espiritual, não há tanta necessidade de descanso como na Terra.

– E meus pais, vieram?

– Vieram sim – afirmou Stan. – Devem estar orientando outras corujinhas que acabaram de chegar como você. É o trabalho que Aepyornis lhes deu.

– Que bacana! Isto é muito bom! – comemorou a coruja. – Também desejo fazer o mesmo.

– Não sabemos o que está reservado a você. Tenha calma que lhe arrumarão um bom trabalho.

– Assim espero. Fiquei anos relativamente sem ter o que fazer na Terra.

– Sim, mas foi preciso. Você aprendeu bastante. Agora é hora de aprender mais um pouco e, depois, aplicar os seus conhecimentos.

– Será um prazer.

– O meu também, você sabe – confessou Stan.

– Fico aqui imaginando como vocês têm tanta paz! – refletiu a coruja. – E eu que achava que era calmo!

– Devemos isto ao plano, a muita oração e a muito trabalho. O ambiente do plano favorece, a oração acalma os ânimos e o trabalho ocupa a mente. Bem, temos que ir, nobre coruja. Fique treinando o voo aí um pouquinho, mas nem pense em sair agora deste quarto. Em breve, venho lhe buscar para uma aula.

– Estou esperando! Estou esperando! – piou a coruja, qual como uma criança para quem prometem um brinquedo.

O professor e os enfermeiros deixaram a feliz coruja sobrevoando o quarto e foram cuidar de outros afazeres. O contraste entre pai e filho era enorme: a coruja voando em direção à luz do conhecimento e Tico, simbolicamente, em direção à sombra. Como é de se esperar, tal diferença se deve muito mais ao que se passa em seus corações no momento do que aos lugares onde estão. Se Joca fosse uma ave com o coração carregado de ódio, a sombra do remorso teria lhe tomado a mente e a consciência lhe gritaria, renunciando tormentos e almejando desesperada melhora. Se Tico não estivesse passando por momentos de transição e necessidade de melhora, a viagem por dentro da floresta seria mais divertida e prazerosa ao invés de ansiosa e receosa.

Em verdade, não há arrependimento que transforme imediatamente um ser cujo mal predomina em seu coração em um indivíduo tomado por bondade, embora muitos textos tragam as coisas assim. A Justiça Divina até valoriza o ato de arrependimento como o início de um esforço de melhora, mas o coração que carrega certos defeitos e virtudes continua carregando-os após o desenlace. Com o tempo, os seres vão se desvencilhando dos defeitos e aprimorando as virtudes, invariavelmente. Portanto, a felicidade está muito mais atrelada ao coração dos seres do que ao plano em que se encontram. A felicidade é proporcional à evolução dos indivíduos. Quanto mais

evoluído e despreendido o ser, mais feliz ele é, independente de onde esteja.

Joca se cansou de voar e deitou em sua cama. O dia foi curto para tantas reflexões acerca das novas descobertas. Não imaginava que o novo plano seria tão parecido com o terreno. As histórias de anjos alados, liras e descanso eterno que alguns dos humanos contam caíram todas por terra com as experiências da coruja naqueles dias. Dormiu mais feliz e esperançoso. Afinal, um novo universo novamente se lhe abriu e Joca sentiu-se pequeno diante de tanta grandiosidade.

CAPÍTULO 25

SERMÃO INESQUECÍVEL

Tico caminhou alguns dias pela longa trilha descendente com o coração apertado. Quanto mais descia, mais agudas tornavam-se suas estranhas sensações de que as pessoas próximas lhe faltavam, que o chão lhe faltava. À medida que caminhava, vinham-lhe à mente os momentos em que tratou mal seu pai e seus amigos, que se aproximaram para ajudá-lo, ignorando, por amor, as suas ofensas. Ainda tinha aqueles, como as ararinhas, os periquitos e os papagaios, que devem ter ouvido muitas coisas que Tico nem se lembra e que devem ter se magoado. Foi percebendo que não era tão bom passarinho assim para merecer uma missão tão maravilhosa. Os caminhos tortuosos, sobretudo, faziam-se necessários para uma melhor compreensão de si mesmo. Foram justamente a impulsividade e o orgulho que surgiram como arestas dolorosas no caminho estreito.

O tempo parecia muito maior do que é e os passos do pardal pareciam uma eternidade, refletindo as angústias e os medos das trilhas exterior e interior que caminhava. Joca, ao contrário, sentia o tempo passando muito mais rápido do que nunca havia sentido. Experiências diferentes, mas da mesma natureza. As incompreensões de pai e de filho pediam respostas e elas, em parte, vieram. A luz de Aepyornis iluminou a trilha de Tico e o quarto de Joca com uma intensidade muito forte. Tico parou, sentiu a sensação típica da visita e pulou para uma pequena pedra junto a uma árvore da margem do caminho. Joca ergueu-se da cama, balançou o pescoço para espantar o

sono e abriu os olhos com força. Era o grande amigo alado, depois de algum tempo, entoando um poema-canção, lindo como nunca.

*Que é o tempo se existe o amor?
Pois que não se pode adiar o sentimento
Quando no campo desabrocha uma flor
A natureza não repete aquele momento
Se, por acaso, acontece alguma dor
É no agora que se enfrenta o tormento
Pois quais folhas poderiam se opor
Ao balanço provocado pelo vento?*

Tico se impressionou com a semelhança daquelas palavras com o que vivia. Como poderia Aepyornis saber tantas coisas com tanta precisão? Era o que sempre se perguntava. A criatura, então, começou a sua explanação.

– Nobres aves, novamente nos encontramos. Acompanhei vossas reflexões sobre o tempo. Muito tenho a considerar, embora muitas outras ainda sejam ministradas por um vosso amigo. Apesar de saberdes que não devemos nos preocupar com o dia de amanhã e que a cada dia basta o seu mal¹, é preciso que aprendais a vislumbrar o futuro a fim de que sirva como meta para vossas vidas e a considerar o passado como o sedimento das boas virtudes e como uma oportunidade de aprendizado por meio dos erros que não devem ser mais cometidos. Afinal, *somos mestres do que já se foi e aprendizes do que ainda virá.*

– Meus amigos, prestai atenção no que agora vos direi. *Todo indivíduo, em qualquer época, é criança, jovem, adulto e velho. É criança porque aprende, é jovem porque experimenta o que aprende, é adulto porque escolhe o que experimenta e velho porque ensina o que escolhe.*

¹ Mateus 6:34.

– Em todos os momentos da vida, estamos realizando aprendizados, experiências, escolhas e ensinamentos. Orai a Deus para que escolhais os melhores caminhos. Esforçai-vos para adequar o vosso comportamento às vossas atitudes e tirai de todo sofrimento o aprendizado necessário. Renovai-vos em todos os momentos de vossas vidas e irradiai a todos com espontaneidade o que aprendeis. Para que alcanceis o estado de júbilo e para que cultiveis os atributos da felicidade, é preciso que evoluais. Nas trilhas da vida, amor e perseverança é necessário que carregueis. Nas trilhas do mundo, fé, esperança e humildade é necessário que mantenhaiis. Amai-vos, é o que vos peço. Pois, em amando-vos verdadeiramente, tereis força e disposição plena para amar os que vos rodeiam. Estruturai vossas mentes e iluminai o vosso espírito, para evitar que os abismos do mundo obscureçam o vosso bom-senso. Aceitai e suportai os reveses do mundo, pois que este é o caminho para a vossa redenção junto à vida. Não protelai a corrigenda dos vossos defeitos, para que não vos torneis servos e viciosos dos próprios infortúnios. Enriqueçai vossas mentes com a fortuna do conhecimento e com a disciplina do trabalho, pois assim estareis realizando a mais eficaz das orações. Povoai vosso coração dos mais belos sentimentos de piedade, compaixão e bondade, pois assim estareis plantando a mais frutífera das árvores.

– Enfim, é chegada a hora da nona lição (*O tempo*).

A vida é viva porque ela é presente. A lembrança do passado vale, o vislumbre do futuro vale, mas quem vale mais é a vida, que se eterniza por ser vida. O tempo é natural para cada ser, cada qual em seu ritmo, sereno e constante. O tempo natural independe de interesses e ambições, pois, sendo de caráter divino, é irradiante.

A luz se apagou. Tico ficou na pequena pedra, imóvel, como se esperasse que algo mais estivesse por acontecer. Seus sentidos

arrefeceram por um instante e sentiu-se leve, flutuante. Num átimo, seu espírito já não estava mais ali e uma imagem fraca de um jardim florido e de um lago passava por sua mente e por sua vista embaçada.

Joca, por sua vez, fora acordado e rapidamente levado para fora do prédio do hospital que o acolhera. Mais parecia uma grande clínica, com paredes brancas e estrutura incrivelmente semelhante ao formato de cruz do prédio da velha universidade. Após atravessar o grande salão e uma enorme porta de vidro, eis que surge o jardim de margaridas e flores-de-lis à beira do pequeno lago em que o velho amigo Stan ministrava suas aulas aos novos alunos. Mais uma olhada e lá estavam os alunos, sentados à relva, esperando o professor, encostado em uma árvore, começar a falar.

– A partir de hoje, teremos dois novos alunos, um que virá de vez em quando e outro que virá muitas vezes. Lembra-se da coruja que vinha, encarnada, nos visitar? Pois é! Está conosco agora e é muito bem-vinda. Ali adiante, o seu filho, nosso novo convidado. Estará conosco algumas vezes, por causa de sua condição. Uma grande salva de palmas de recepção para os dois.

Os alunos estavam entusiasmados. Não somente porque seriam colegas de duas aves, mas porque os olhos do professor brilhavam enquanto falava. Sabiam que era muito importante para ele o convívio com os dois visitantes e a presença deles devia realmente ser bastante relevante para o grupo. Joca olhou com mais atenção para os alunos e percebeu alguém que parecia conhecer. Olhou novamente e, a um instante de soltar um alto pio, Stan o interrompeu.

– É isto mesmo, nobre coruja. Quem está aqui é Hélio, aquele mesmo jovem curioso que participou de nossas aulas outrora. Desencarnou pouco tempo depois que parti e está entre nós, assim como você agora.

Hélio olhou para a coruja, abriu um sorriso aconchegante e dirigiu a palavra ao novo colega.

– Joca, seja bem-vindo. É uma alegria revê-lo. Sente-se aqui do meu lado.

A coruja olhou para Jussara e Sinval – que o haviam trazido –, pedindo permissão para voar. Como o sinal foi afirmativo, voou baixinho até o meio do jardim, entre Hélio e um ramo de margaridas. Tico foi disposto entre o lago e as flores-de-lis, mantido a certa distância por causa da energia dos demais.

– Muito bem! Agora podemos começar – disse o professor. – Hoje, teremos muitas coisas a dizer sobre o tempo e a evolução.

– Um dia, achei que podia e resolvi apressar o tempo que queria que chegasse logo ou retardar aquele que queria ver longe. Não adiantou: a cada minuto, a vida me surpreendia com fatos que eu não tinha planejado. Tristezas ou alegrias, acabava reconhecendo que *Deus é sábio* e que *foi melhor assim*. Indo mais profundo ainda: descobri que as coisas tinham que ser assim! Do contrário, não existiria vida, mas morte. Certamente não existe o *se* ou o *deveria ser*. Apreendi a não fixar o futuro nem a questionar o passado e o presente. Entendi que o Sopro de Deus é poderoso e que nem a união de todos os seres seria capaz de desviá-lo. Não há fôlego que impeça a ação divina. Se Deus não sopra, é porque ainda não há a necessidade do Vento da Vida. Nenhum artifício produz um vento puro e duradouro como tal. Por fim, descobri que o Tempo Natural é coisa séria e de aplicação minuciosa e generalizada. Fiquei muito mais feliz pensando assim.

– Tempo natural? – interrompeu a coruja.

– Sim, Joca! – respondeu o professor. – O tempo aqui não é como na Terra. O tempo que você conhece é uma convenção humana. O tempo aqui é bem diferente. – Como é então, professor? – indagou Hélio.

– Calma! Vamos entender algo sobre a evolução primeiramente. Todos os seres seguem sempre em frente e continuamente, no intuito de adquirir experiências e se melhorar. A evolução é contínua e incessante. Sempre existiu desde o momento em que fomos criados e existirá eternamente.

– Quer dizer que não acabará nunca o processo de evolução? –

disse Felipe, um rapazinho que aparentava ter apenas 10 anos de idade.

– Isto mesmo! Nunca chegaremos ao fim, pois se o universo físico se expande sempre, por que nosso universo espiritual não se expandiria? Chegará um momento em que não teremos mais defeitos, mas sempre teremos como aperfeiçoar nossas qualidades e conhecimentos.

– E podemos voltar atrás? – disse Hélio.

– É o que iria dizer agora. Não há involução, Hélio. Em outras palavras, não há retorno a uma etapa anterior de desenvolvimento e nem a condições interiores idênticas ou piores às estabelecidas em um momento anterior. O indivíduo não piora e, ao contrário do que muitos imaginam, nem estaciona exatamente; quando há esta impressão, é porque está se enxergando apenas parte do processo evolutivo. Até o aparente estacionamento traz benefícios reflexivos para qualquer indivíduo em sua inércia latente. A evolução, na verdade, é sempre infinita e avante, embora a velocidade dos avanços possa ser diferente de uns para os outros.

– Como assim parte do processo evolutivo? – perguntou Joca, intrigado.

– Explicarei melhor. Muitas vezes, percebemos que certa pessoa ou ave parece que piorou em suas atitudes em algum momento, mas esquecemos de relacioná-lo com suas vidas anteriores. Certamente, em outra vida, aquele determinado momento teve passagens ainda piores e aquela aparente piora presente representou uma melhora perante o passado.

– Complicado, não? – disse a coruja.

– Não é não! – respondeu o professor. – Basta você fazer analogia ao aluno humano de uma escola. Suponhamos que ele seja ruim em matemática e bom nas outras disciplinas. À medida que passa de uma série para outra, o nível de conhecimento do aluno aumenta em todas as disciplinas, inclusive em matemática, o que constitui uma melhora em relação aos outros anos. Mas, se

analisarmos somente o presente ano, alguém poderá inferir que ele piorou quando passou pela matemática, o que não é verdade. A mesma coisa é em relação a nós quanto à vida. Cada um de nós tem dificuldade em um campo da vida. Alguns no lado profissional, outros no intelectual, outros no emocional, por exemplo. Enfrentar dificuldades em algum desses campos ou em algum momento da vida acaba por constituir uma melhora, por incrível que pareça, embora seja mais difícil que em outros campos. Entendeu agora?

– Sim, agora sim.

– Uma pergunta, professor! – indagou Hélio. – O que garante que essa evolução continua? Porque, de repente, alguém poderia piorar! Por que não volta? Por que não comete erros piores que antes?

– Por causa de nossos anticorpos espirituais – respondeu Stan.

– Anticorpos espirituais? Existe isso no organismo anímico também? – respondeu Marina, uma das mais quietinhas.

Stan deu uma risada porque sabia que algum dos alunos estranharia o termo.

– Existe sim! – respondeu o professor. – Mas não é como vocês estudaram ou já ouviram falar. Em biologia, os anticorpos são substâncias ou células que protegem o organismo contra corpos estranhos e que os reconhecem após contato com o microorganismo ou com algum tipo de vacina ou antígeno. Em nosso caso, a aplicação é espiritual, embora haja consequências no organismo anímico.

– Nossa! Que bacana, professor! Como isto funciona exatamente? – insistiu Marina.

– Bem, minha jovem. A cada degrau de nossa vida, experimentamos coisas que nos fazem acertar ou errar, de modo a exercitar as nossas virtudes e testar os nossos defeitos. Quando cometemos um erro e a consequência deste erro acontece, ele fica gravado em nossa mente e em nosso organismo anímico, de modo que, quando nos deparamos com situações semelhantes depois, recuemos por medo da dor e não cometamos o mesmo erro novamente ou, mesmo que o cometamos, não com a mesma intensidade. Por meio

deste mecanismo, é que não há involução, não há como voltar atrás.

– Então – continuou Marina, estupefata –, é como se cada erro fosse o próprio antígeno e o próprio anticorpo ao mesmo tempo.

– Sim, exatamente! É isto mesmo! Desta forma, não há involução, somente evolução. Para entendermos essas coisas, temos que estender o conceito, incluindo outras vidas, senão não faz sentido. Entender a sequência de vidas elimina qualquer dúvida quanto à Justiça Divina.

– Gostei – disse a jovem.

– É muito interessante mesmo. Mas evoluir sempre não significa que o caminho será de rosas, porque sabemos que não é. Somos responsáveis por nossos atos e, para cada causa, existe o seu efeito. Para cada bom ou mau ato, existe uma consequência. Para cada plantio, existe a sua colheita específica. Não há como fugir aos encargos do que realizamos e, portanto, não há falhas na Justiça Divina.

– E quanto ao tempo?

– Bem, conversamos demais hoje. Deixemos o tempo para a próxima aula. Será em breve!

– Ah, professor, vamos ficar mais! – lamentou um aluno.

– Não, por hoje está bom. É muita informação para vocês e temos que dar descanso aos nossos convidados. Um bom dia para todos!

Enquanto a turma dispersava e Tico sentiu-se levado de volta, Stanislaw chegou perto da coruja.

– Joca, meu nobre amigo, gostou da experiência?

– Claro! De certo modo, senti-me em casa, pois já havia vindo algumas vezes. Mas fiquei muito emocionado vendo meu filho aqui.

– Foi um presente que lhe demos. Mas ele continuará a vir, esporadicamente.

– Estranho como os encarnados se manifestam, não? Não é a mesma coisa quando um encarnado vê um encarnado ou um desencarnado vê um desencarnado. Não é o mesmo Tico que vi

enquanto estava na Terra.

– Sim! – sorriu Stan. – Realmente é diferente sim. Isto até nos ajuda a diferenciar uns dos outros. Mas isto é só fisicamente. Espiritualmente, é o mesmo pequeno passarinho de sempre. Vamos descansar agora? Pode ir voando, se quiser! Mas direto para a cama, está bem?

– Está bem! Já estou muito satisfeito por hoje. Nem vou incomodar Jussara e Sinval. Prometo!

Os amigos sorriram e os enfermeiros escoltaram a coruja até o seu quarto. O resto do dia foi próspero de bons pensamentos.

CAPÍTULO 26

SOBRE O TEMPO E A EVOLUÇÃO

Tico voltou ainda meio sonolento e mole, como se estivesse voltando de um desmaio ou com a pressão baixa. Depois de alguns minutos, o rosto corou novamente e as imagens voltaram como num sonho. Somente acreditou que era realidade porque seu pai relatava muitas situações semelhantes e, neste momento, sorriu, como há alguns dias não sorria. A estranha viagem deu-lhe um ânimo suplementar, que diminuiu o peso da caminhada rumo ao que passou a chamar de Abismo das Araras, em alusão às explicações do bem-te-vi quanto aos habitantes da clareira após o rio. Não conseguiu voar por uns instantes e a caminhada aos pulinhos foi boa para a reflexão. Vieram à mente os conceitos de Stan sobre a evolução e as lições de Aepyornis sobre o tempo. Lembrou-se levemente de alguns alunos, de seu pai entre eles e só. Depois disto, estava abrindo os olhos novamente.

Mais alguns passos e parou para comer. Se a trilha era escassa de aves, não se podia reclamar quando se tratava do que tinha para se alimentar. Podia escolher entre larvas, aranhinhas, lesmas e outros bichinhos. A alimentação era importante para prosseguir trilha abaixo. Eram muitos metros ainda para um pardal que estava acostumado a voar voos médios apenas caminhar em pulinhos ou voar baixinho, esquivando-se todo o tempo de troncos, galhos e ramos. Embora ainda

estivesse em estado de graça pelas lições e pela visão que teve do pai, impacientou-se novamente, pois a trilha já estava ficando tediosa, além de fatigante. Andava pouco por dia, pois a noite chegava sempre depressa e nem sempre conseguia boas tocas. As tocas rentes ao solo eram, por vezes, habitadas por outros animais, além de serem mais perigosas. E nem todas as árvores tinham o tronco perfurado em alguma parte. Muitas vezes, teve que andar mais metros em penumbra, procurando uma habitação melhor.

Não demorou muito a começar a chorar. A profunda tristeza se fazia pela constância e persistência das dificuldades que enfrentava, como em muitas circunstâncias da vida. Habituar-se ao definitivo é uma subsequência natural, pois as saídas resignatórias são encontradas por força da vida e da necessidade premente. Mas como se acostumar com uma trilha difícil que seria provisória? Somente muita fé e maturidade emocional para suportar tais caminhos. Tico ainda tinha que cultivar a primeira e adquirir a segunda, pois as suas dificuldades, até então, tinham sido somente momentâneas e sempre rodeada por entes queridos. Quando os indivíduos se veem persistentemente sozinhos, é que são testadas muitas de suas faculdades interiores. Por isto, é que ficar sozinho às vezes é tão doloroso, em virtude da dependência emocional, propositadamente cultivada sempre que possível pela maioria dos indivíduos que vivem em grupo.

Joca, em condições agora bem melhores, era sempre convidado a sair do quarto e visitar o exterior do hospital, o que a coruja muito agradecia, pois não estava acostumado a camas e quartos humanos. Com pouco, arranjaram-lhe uma toca em uma árvore próxima ao lago e ao jardim, com a qual foi habituando-se até que terminasse o tratamento mais constante. Após o lago e o jardim, avistou algumas colinas, como avistava do pináculo em certas direções. O ambiente tornava-se cada dia mais familiar, ao passo que o contato com os novos amigos estava cada vez mais próximo.

Stan, procurando a coruja, a encontrou passeando pelo jardim e apreciando a sua nova toca. Acenando para o amigo, o chamou até si

para convidá-lo para a próxima aula, na qual continuariam o assunto interrompido pelo passar das horas. Tico sentiu-se sonolento novamente e, então, estava lá, perto do lago. Os alunos, já previamente avisados, foram chegando e a plateia estava hoje mais cheia, pois estavam também Sinval, Jussara, Tyto e Alba, além de outros companheiros que Joca ainda não conhecia. Todos reunidos, Stan começou a falar.

– Prezados amigos, aqui estamos novamente para continuarmos nossa aula, que foi muito proveitosa outro dia, tanto que foi preciso dividi-la em duas partes. Estamos aqui com novos visitantes, além das aves, e podemos saudá-los, como sempre fazemos.

Os alunos saudaram, por palmas, a presença dos visitantes e Joca os acompanhou balançando as asas, meio desajeitado, já que as aves não conseguem bater palmas como os humanos. Tico, um pouco distante, ficou observando a movimentação, da qual não se lembraria dos detalhes.

– Hoje, voltaremos a tratar do tempo e da evolução, mais do primeiro que do segundo. Bem, sempre dizemos que *tudo tem o seu tempo* (a amiga coruja que o diga), que, com o tempo, tudo acontecerá etc. Sabemos que o tempo divino é absoluto e não há como adiantá-lo ou atrasá-lo, seja como for, pois tudo realmente acontece no tempo certo. O que podemos fazer é tentar reduzir o tempo relativo.

– Tempo relativo? – Já perguntou o curioso Hélio.

– Sim, Hélio. O tempo relativo é quase aquele mesmo tempo relativo da Teoria da Relatividade que a física terrena ensina. Se pegarmos a essência da teoria que o próprio autor¹ descreveu em analogia com os aspectos físicos, diremos que, em momentos difíceis, o tempo se dilata e, em momentos melhores, o tempo se contrai.

– E isto ocorre mesmo? – indagou o aluno.

– Ocorre sim! Isto verdadeiramente ocorre. E como os

¹ Albert Einstein.

espíritos mais adiantados vivem muito mais bons momentos do que os espíritos mais atrasados, então o tempo, para eles, é muito mais contraído do que dilatado. Na verdade, o tempo natural não se modifica, como a lei divina não se altera. O que muda é a impressão de tempo, que o trabalho, o amor, a fé e as orações tendem a diminuí-la.

– Como assim? – perguntou Marina, confusa.

– Explicarei melhor. Quando temos dificuldade com algum campo da vida, sofremos mais e nossa mente, na tentativa de se ver livre antes do tempo, toma caminhos ilusórios em vez de se reformar, de construir novos pilares e de saber esperar. Sendo assim, estas curvas mentais (que chamo de vectos) fazem com que a impressão de tempo seja maior que o tempo natural, como se comparássemos um barbante sinuoso com uma linha reta no chão.

– Caminhos ilusórios? – perguntou Felipe. – Isto não entendi.

– Isto será tema de uma próxima aula, Felipe. Por enquanto, entenda que a impressão de tempo, se tomada com caminhos diferentes daqueles que deveriam ser (*a porta estreita*), fica maior que o tempo natural.

– Tudo bem, professor.

– Bem, vamos lá. No plano físico, como a amplitude da visão é mais curta e não dispomos de todos os mecanismos que apelam para a nossa consciência, há uma tendência de que o tempo fique mais dilatado e passe mais devagar. No plano espiritual, com a visão ampliada para aqueles que têm maiores condições e querem entender as questões espirituais, o tempo é bem mais contraído. Por isto, é que o tempo convencional humano perde um pouco o sentido por aqui.

– E quando isto acaba? Como chega ao fim esta contração? – perguntou Joca.

– Bem, a impressão de tempo fica menor do que o tempo humano, mas nunca do que o tempo natural. Creio que somente Deus está completamente isento de ter que usar a fé para aliviar a impressão de tempo, pois que Ele é o próprio tempo natural, digamos assim.

– Então, quanto mais evoluído for o espírito, menor a impressão de tempo em relação ao tempo natural? – formulou Hélio.

– Isto mesmo, meu jovem. O formulador de princípios, como sempre.

Hélio sorriu, lembrando-se das aulas de que participou na Terra. Já estava com o raciocínio recobrado, depois de algum tempo com a mente um pouco perturbada.

– Para completar as lições sobre o tempo, se um famoso cientista do século XX estivesse aqui, diria que o coeficiente de evolutividade depende inversamente da impressão de tempo em relação ao tempo natural.

– Mas podemos imaginar o grau de evolução sob outro aspecto – continuou o professor, após algum tempo repetindo o conceito anterior. – Como sabemos que o nosso organismo anímico, o nosso perispírito, fica menos denso com a evolução, e conseqüentemente com o tempo, podemos dizer que, quanto menor a densidade, maior o coeficiente de evolutividade.

– Menos denso, professor? – perguntou Gabriela, uma garotinha de 12 anos.

– Sim, menos denso. Na Terra, vocês devem ter aprendido que, quando determinada substância é submetida a uma temperatura cada vez mais alta, as suas moléculas vão se afastando e o estado físico vai se modificando de sólido para líquido e para gasoso. Não é exatamente a mesma coisa, mas, à medida que o espírito é submetido à evolução, não é necessário um corpo espiritual tão denso e, assim, ele pode ser mais *leve*, digamos. Este conceito é semelhante à ideia de átomos da alma, de Demócrito¹.

– Professor, explique melhor, por favor – pediu Marina.

– Sim, minha cara, é um prazer – respondeu o professor. – Quando atingimos degraus de evolução maiores, é porque corrigimos

¹ O grego Demócrito de Abdera (Trácia), que viveu entre cerca de 460 a.C. e 370 a.C.

muitos de nossos defeitos e ficamos mais desapegados dos bens materiais. Então, o espírito fica mais leve e, pode-se dizer, mais iluminado. Então, não há necessidade de um corpo espiritual tão denso, do mesmo modo que, com mais calor, dispensamos um agasalho.

– Então, quando fomos criados, a densidade de nosso perispírito era total? – disse Felipe.

– Sua observação foi ótima, Felipe. Mas não diria que era total, diria que era máxima, ou seja, que tinha a maior densidade possível. Do mesmo modo, se o velho cientista estivesse aqui, diria que a densidade do perispírito é inversamente proporcional ao coeficiente de evolutividade¹, partindo de uma densidade máxima.

– Ufa! Por hoje chega, não, professor? Cansei de tanto pensar. – disse Marina.

– Viram agora que não é possível dar tantas informações de uma só vez? – sorriu o professor. – Já pensou se este assunto fosse abordado aquele dia, junto com outros conteúdos?

– Sim, professor, você tinha razão.

– Um bom dia a todos, vão com Deus.

Todos se levantaram e os visitantes aplaudiram. Sabiam que a aula seria especial e realmente foi. Muitas coisas profundas foram analisadas por outro prisma e causou a reflexão até dos mais sábios. Hélio se levantou e se dirigiu ao novo colega alado.

– Joca, você está gostando?

– Sim! Mas estou pasmo com o avanço de raciocínio de muitas crianças aqui. Estão avançadas para a idade, não?

– Também acho! Sou mais velho “biologicamente” que eles, pois estava na universidade quando desencarnei, mas estas crianças estão bem desenvolvidas. Acho que as coisas aqui são mais rápidas mesmo.

– E vocês ficarão com aspecto de criança ou jovem muito tempo?

¹ Ver Apêndice A.

– Não. Stan me disse que, como interrompemos o processo emocional pelo meio quando do desenlace, e então o completamos aqui, e o corpo espiritual acompanha esse progresso. Com o tempo, poderemos assumir outras fisionomias.

– Ah, quero continuar como estou. As aves não mudam muito, a não ser de filhote para adulto. Estou bem assim!

– Que bom! – sorriu Hélio. – Bem, tenho que ir. Tenho tarefas da universidade agora.

– Você está na universidade?

– Claro! Estou começando a estudar em Canto dos Cristais. Todos têm que estudar em algum momento para crescer espiritualmente ou preparar para retornar à Terra. Estudamos, além de temas variados, muito daquilo que realizaremos na Terra. Isto explica o *dom* com que nascemos.

– Nossa! E vocês podem escolher a profissão a exercer?

– Às vezes. Na maioria dos casos, a escolha está atrelada às vidas passadas e às necessidades que temos de nos corrigir, às missões que recebemos na próxima vida ou às duas coisas juntas.

– Você também está bem espertinho, heim? – ressaltou a coruja.

– É porque adoro ouvir o professor Stan falar. Ouço tudo dele. Ele, por sua vez, ouve de espíritos mais adiantados e nos repassa, interpretando para uma linguagem mais simples, de forma que possamos entender melhor.

– A linguagem é muito importante mesmo! Tem coisas que custo a entender. Ele fala simples e explica quando não entendemos.

– Mesmo assim – redarguiu Hélio –, ainda acho que fala muito complicado. Mas é o jeito dele. Acostumou-se a isso enquanto professor universitário. Agora, tenho que ir mesmo. Fique com Deus.

– Você também – respondeu Joca.

Depois de se despedir dos visitantes, Stan mais uma vez caminhou em direção à coruja.

– Joca! Venha cá.

– Estou aqui! – Joca voou até onde estava o velho amigo.

– Vou lhe dar mais um presente. Você pode voar hoje pelo entorno do lago. A uns dois quilômetros de raio deixa você ir, tudo bem? Somente dois quilômetros, ouviu?

– Ouvi sim! Muito obrigado! – respondeu contentíssima a coruja, que já há muitos dias queria explorar um pouco da região.

– Então, vou indo, pois tenho muito trabalho a fazer. Seus pais tiveram que sair agora, mas, quando você voltar, eles já devem estar lhe esperando. Querem lhe contar como foi a viagem.

– Está bem.

A coruja percebeu que o professor estava muito adiantado em relação a outros que tinham desencarnado até antes que ele. “Devia ter avançado muito em vidas anteriores para chegar onde estava” – pensou a coruja. Saiu voando por cima do jardim para visualizar o entorno do lago antes de fazer seus voos rasantes pelo lugar.

CAPÍTULO 27

O ABISMO DAS ARARAS

Tico recobrou a consciência plena e, depois de alguns minutos, continuou a andar. Não tinha tempo a perder. Tinha que chegar logo ao fundo do abismo. Além de ânimo, as aulas lhe serviram bastante para que notasse que devia ser mais humilde. Em assuntos espirituais, descobriu que nada sabia. Percebia que era o menor dos que estavam no jardim. De fato, quem é pequeno diante do mundo tende a ser grande diante da vida e Tico descobriu, dolorosamente, que humilhar-se perante o mundo não era o pior caminho, embora, por vezes, fosse bastante doloroso. Claro que não se deve procurar a humilhação, mas, uma vez que os fatos surjam, o caminho mais humilde é sempre o mais seguro, embora seja o mais difícil de se iniciar. Apesar de ter compreendido, achar o fim do abismo era, para o pardal, o final da sensação da vida rumo abaixo.

Após algumas horas, a mata começou a ficar mais e mais densa e úmida. Era a vegetação ciliar, que já dava mostras de que o rio chegaria logo. Um barulho de água corrente se aproximava e o caminho se tornava mais pedregoso. Mais um pouco e uma pequenina cachoeira fazia o barulho da água ficar ainda mais forte e musicado e tornava o rio mais estreito. Duas curvas adiante e o caminho pedregoso se tornava um vau. Mas o que importava para Tico era que a mata densa abrisse uma clareira natural, através da qual era, finalmente, possível voar.

Antes de alçar voo, observou uma velha placa de madeira

junto ao vau, em que estava inscrita a palavra Sairai¹, o que indicava a presença anterior de saíras na região. Levou alguns respingos d'água e seguiu confiante pela pequena nova trilha, agora serra acima, mas bastante estreita e bem menos íngreme do que a descida, mantendo quase o nível do rio por alguma distância. O pardal venceu a modesta mata ciliar e avistou a tão falada clareira que era habitada pelas araras.

– “O Abismo das Araras!” – pensou. – “Pelos explicações do bem-te-vi, é aqui mesmo!”.

Tico ficou impressionado com o tamanho da clareira natural da mata, tão grande quanto a área que vai do velho bosque até a universidade. Do outro lado da clareira, avistou inúmeras cores misturadas às folhas das árvores – vermelha, azul, amarela e verde vivíssimas. Mais alguns metros e não tinha mais dúvidas: eram as araras. Que criaturas maravilhosas! Bem mais vistosas que as ararinhas azuis² do Bosque das Corujas e algumas bem maiores. Algumas eram somente amarelas e azuis³, outras verdes⁴, outras amarelas⁵, outras vermelhas⁶ e outras pareciam um arco-íris⁷ e soltavam grasnados esquisitos, como se muitas vozes femininas estivessem conversando, todas ao mesmo tempo.

Ao avistarem o pequeno pardal, um bando de araras voou desesperado e as aves o rodearam, como que indagando o que aquele

¹ Sairai foi inspirado em Tapirai, que é a junção de *tapir* ou *tapira* (tupi): anta e *i* (tupi): rio. Portanto, *tapirai* seria *rio da anta* ou, dependendo do tamanho do fluxo d'água, também poderia ser *córrego da anta* ou *ribeirão da anta*, o que significam a mesma coisa. O nome Tapirai para o rio da floresta é uma homenagem às cidades de Tapirai e Córrego Danta, ambas no Centro-Oeste de Minas Gerais. No caso, a expressão *sairai* designaria *rio das saíras*.

² Arara-azul ou araraúna (*Anodorhynchus hyacinthinus*).

³ Arara-canindé (*Ara ararauna*).

⁴ Maracanã-guaçu (*Ara severa*).

⁵ Ararajuba ou guaruba (*Guaruba guarouba*).

⁶ Arara-vermelha ou arara-macau (*Ara macao*).

⁷ Uma das espécies da maracanã (*Propyrrhura maracanã*).

pequenino estranho viera fazer ali. Tico se sentiu acuado, mas ficou incrivelmente calmo, depois que se lembrou do que o bem-te-vi disse sobre não haver perigos.

– Olá, desconhecido! – cumprimentou a arara-vermelha.

– Olá, senhoritas araras! – respondeu Tico.

Algumas araras soltaram uns gritos parecidos com sorrisos e outros com indignação.

– Que passarinho gentil! – disse uma ararajuba de meia-idade.

– Gentil nada! Que ousadia me tratar como senhorita! Eu sou macho! – reclamou uma maracanã-macho.

– Desculpem-me os machos, mas é o jeito de falar. Como todas vocês são araras, eu acabei generalizando. Cumprimentarei novamente: “olá, senhoritas araras e senhores araras!”.

– Bem, agora melhorou muito mesmo! – disse uma canindé-macho. – Qual o seu nome, forasteiro? O que faz aqui?

– Meu nome é Tico e sou um pardal. Estou conhecendo a floresta.

– Sabemos o que você é. Mas por que quer conhecer a floresta?

– Apenas quero conhecer mais da vida. Mas como sabem o que eu sou? Na região, ninguém conhece pardais! Eu mesmo nunca vi um!

– Quem disse que eles não existem na região? Há vários pardais muito depois da floresta, naquela e naquela direção – disse a arara-vermelha, apontando para o Sul e para o Leste. – Há aldeias humanas, onde os pardais vivem. Mas conhecer da vida aqui? Quem lhe autorizou?

– Bem, Uiraçu me trouxe aqui na Entrada da Floresta e quem me ajudou foi Pituã, o bem-te-vi.

– Uiraçu? Hum! Que estranho ele trazer tão perto uma pequena ave! Mas, ora, se teve recomendação daquele bem-te-vi, tudo bem, pois o conhecemos. Vamos nos apresentar a você. Meu nome é

Macau¹, aquela arara amarela é Juba², a verde é Severa³, a azul e amarela é Arari⁴ e a colorida ali é Canã⁵. Não se importe com nosso jeito, pois somos aves naturalmente falantes. Este lugar é o mais barulhento da floresta.

– Estou vendo! – disse Tico, com uma risadinha marota.

– Olhe, Severa! – disse Macau, com uma gargalhada alta. – Mal lhe demos intimidade e já está abusadinho.

– Sim! – respondeu a maracanã-guaçu. – Muito abusadinho, mas muito engraçadinho também.

– E ainda apelidei o lugar, se permitem – completou Tico. – Este lugar tem nome?

– Não tem – respondeu, energicamente, a maracanã-macho colorida Canã, que vivia contrariada pelo fato de lhe chamarem por alcunhas femininas, como “a arara” ou “a colorida”. – Não temos o costume de dar nomes onde moramos.

– Mas ele pode dar a sua sugestão! – disse Arari, uma canindé-macho, que não se importava muito por lhe tratarem por fêmea, apesar do nome feminino. – Diga, passarinho! Quem sabe não a adotamos?

– O nome é simples. Pensei em Abismo das Araras.

– Puxa! – exclamou a ararajuba, de voz fininha. – Ele colocou o lugar em nosso nome. Que boa homenagem!

– Mas é claro, sua tonta! – disse Canã, sem paciência para o assunto, embora fosse uma ave quase sempre justa e muito sincera. – Só moramos nós por aqui! É claro que, se tivesse que fazer uma homenagem, seria com o nosso nome.

– Deixe de ser grosso, Canã! – respondeu Macau. – A Juba apenas quis ser gentil com o visitante.

¹ Vem do nome vulgar da arara-vermelha ou arara-macau (*Ara macao*).

² Vem do nome vulgar da ararajuba (*Guaruba guarouba*).

³ Vem do nome científico da maracanã-guaçu (*Ara severa*).

⁴ Vem do nome vulgar que também designa a arara-canindé (*Ara ararauna*).

⁵ Vem do nome vulgar de maracanã (*Propyrrhura maracanã*).

A partir desse momento, Tico ouviu novamente aquela chuva de pipilos e gralhadas que incomodaram seus ouvidos quando chegou à clareira. Estavam resolvendo a briga e discutindo se aceitavam ou não a sugestão do pardal. Engana-se quem acha que as araras ficam sentidas com discussões, pois, afinal, esta é a sua principal diversão. Se lhes tirassem as fofocas, perderiam toda a graça de viver. Eram umas cinquenta ou sessenta aves, pelo menos, e havia uma líder para cada espécie. Depois de muito tempo e de deixar o pardal um bocado tonto, chegou o veredicto, através de Macau, que parecia ser a líder geral de todas as espécies.

– Bem, pardal. Nós gostamos do nome que você sugeriu e resolvemos adotá-lo. Houve uma discussão se colocaríamos Abismo das Araras-Machos e das Araras-Fêmeas ou se seria simplesmente Abismo das Araras, mas venceu a segunda opção, por maioria. Parabéns, você apelidou o nosso lugar. Olhe só, um pequenino pardal dando nome ao lugar onde somente vivem araras.

– Agradeço bastante – disse o pardal. – Mas preciso pedir algo realmente importante para mim. Posso ficar aqui alguns dias com vocês? Estou um pouco cansado da minha viagem.

Tico devia ter feito o pedido junto com a sugestão, porque nova reunião foi feita e esta, por se tratar da presença de um forasteiro, demorou horas. A chuva de grasnados durou a tarde inteira e a cabeça do pardalzinho começou a doer. Abandonou temporariamente o ambiente das discussões, já que somente as próprias araras conseguiam se entender em meio a toda aquela confusão, e foi para perto de uma árvore próxima para tentar conseguir algum alimento. Aproveitou para dar uma olhada no local e estranhou muito o fato de haver uma clareira ali, em plena floresta tão densa. Lembrou do que Pituã disse sobre os humanos terem feito a trilha até o rio e, então, pensou que a clareira pudesse ter alguma ligação com a presença humana. Quando já havia quase se esquecido da reunião e estava prestes a improvisar um galho mais baixo de uma das enormes árvores, chegou Macau, com nova resolução.

– Pardal, já resolvemos.

– Podem dizer.

– Bem, decidimos observar você de hoje para amanhã e, caso se comporte, pode ficar o quanto quiser, desde que não atrapalhe o trabalho das araras, está bem assim?

– Claro! Prometo ficar quietinho. Mas, a propósito, qual o trabalho das araras?

– Ora! Avisar os tucanos de tudo o que acontece por aqui. É uma forma de nos protegemos.

– E onde moram os tucanos?

– Você agora está querendo saber demais, rapazinho. Não disse que não atrapalharia o trabalho das araras?

– Era apenas por curiosidade. Eu não faria nada.

– Eu sei, estou só brincando – disse a arara-vermelha, tentando amenizar a situação. – Mas esta foi a resolução das araras. Então, vamos respeitá-la, tudo bem?

– Tudo bem. Não se fala mais em tucanos.

– Bem, como já está um pouco tarde, Juba lhe levará a uma das tocas de ararajuba que não estão sendo usadas no momento. Elas são as menores araras entre nós e você caberá lá com tranquilidade sem achar que está sobrando espaço.

– Muito obrigado pela estadia. Acho que não criarei problemas.

– Então, assim está certo. Durma bem.

As outras aves ficaram à espreita, curiosas, prontas para fofocar novamente. Foi o pardal virar as costas com a ararajuba e o bando de araras começou o festival de grasnados, que ainda duraria até o entardecer. Tico achou as araras um pouco estranhas, mas acabou gostando do jeito delas. Não pareciam ruins, apenas cultivavam as suas culturas e seguiam os seus instintos de uma maneira esquisita. Após se instalar e ter agradecido à anfitriã, começou a rir, já achando a experiência um tanto engraçada. A alegria o fez lembrar-se dos amigos da Mata da Encosta. “Como estariam?” –

pensou. A memória os buscava longe, mas não tinha a menor ideia do que ocorria lá. Mais um pouco e adormeceu, tentando imaginar o que faziam os seus companheiros.

Furriel acordou bem cedo, chamou Pygia e foram direto para o assa-peixe. Sabia que viriam logo boas notícias. Quando lá chegaram, depararam-se com um enorme alvoroço. Chanchã sobrevoava sem parar a árvore de Tico, onde estava o ninho de Tauá, sem saber exatamente o que fazer. A pica-pau, um pouco cansada, percebia que a ansiedade do companheiro só a estava deixando mais nervosa e não adiantaria nada. As notícias eram, de fato, muito boas, mas contrastavam com a delicada necessidade de cuidados da mãe e dos filhotinhos recém-nascidos. O pica-pau, mestre em arranjar comida, estava completamente atordoado. A chegada dos padrinhos tentou botar ordem na situação descontrolada.

– O que foi, amigo Chanchã? – disparou Furriel, que também ficou um pouco perdido.

– Nasceram! Nasceram! E não sei o que fazer. O que comem os filhotinhos de pica-pau? Quanta comida eu busco? Quanta comida eu busco?

– Calma, pica-pau, calma! – tentou argumentar o canário. – Assim você assusta a sua fêmea, rapaz.

– Deixe-me providenciar isto, Chanchã – prestou-se a perdiz.
– Não sei quanto dar para cada um, mas Tauá saberá na hora, pelo instinto materno. Não se preocupe.

– Amigo, pare de voar, por favor – insistiu Furriel. – Sossegue-se aqui um pouco, para que possamos resolver juntos. Afinal, quantos filhotes são?

– São quatro! – respondeu o pica-pau, já pousando no chão. – São quatro, como queríamos. Que felicidade!

O canário olhou discretamente para a perdiz, como quem queria dizer que era comida para cinco (os quatro filhotes e a mãe) e continuou a acalmar o amigo, após o voo de Pygia.

– Que beleza! Quatro filhotes! Meus parabéns! E já

escolheram os nomes? São quantos machos e quantas fêmeas?

– São três machos e uma fêmea. O primeiro a sair foi Tico, depois Dico, Luco e Collis.

– Que bom! Nosso amigo Tico ficará muito feliz. Posso ver Tauá?

– Claro que pode! – disse Chanchã, já um pouco menos ansioso. – Ela está um pouco nervosa, pelo instinto de preservação, mas pode ir lá.

O canário foi entrando e a pica-pau nervosa, mesmo sem saber quem era, já foi soltando gritos um pouco histéricos.

– Alto lá! Quem está aí? É você, Chanchã?

– Calma, nova mamãe. Sou eu, o amigo canário. Já se esqueceu de mim?

– Oh, Furriel, desculpe-me. Pode entrar, é o padrinho dos meus filhotes. Pode entrar. Não repare, pois estou um pouco cansada. Os ovos se quebraram esta noite.

– Não se preocupe. Não vou me demorar. Mas, como padrinho, tenho que parabenizá-la e dar uma olhadinha nos meus afilhados, não?

– Claro, pode vê-los.

A mamãe pica-pau levantou o corpo e mostrou o ninho ainda cheio de pedaços de ovos, mas com os filhotinhos emaranhados uns nos outros, com biquinhos minúsculos sobre o corpo dos demais para se aquecerem e ainda sem penugem alguma. Pelo olhar dos pais e padrinhos, um cor-de-rosa belíssimo, cujo aspecto se tornaria ainda mais belo daí a alguns dias, quando os filhotes alcançassem a segunda infância.

– Que lindos! Parabéns, mais uma vez. Mas não consegui distinguir quem é quem aí.

– A menina é a do canto próximo ao fundo da toca. Os outros são meninos. Chanchã já lhe disse os nomes?

– Sim, disse sim! Já sabíamos antes, não é mesmo? Só faltava nascerem para saber se seriam mais machos ou fêmeas e atribuir-lhes

os nomes, não é isto?

– Isto mesmo. Depois, faremos uma cerimônia de apadrinhamento. A propósito, onde está a madrinha? Gostaria de vê-la.

– A Pygia foi buscar comida. Chanchã está meio nervoso e não sabe o que fazer.

– Ele está meio bobo, isso sim! – disse Tauá, sorrindo e se sentando novamente no ninho. – E me deixou ainda mais nervosa. Que bom que a perdiz foi buscar comida no lugar dele. O bobo deve estar voando em volta da árvore, como sempre faz, quando está nervoso.

– Não, ele já pousou. Estava conversando comigo ali.

– Então, por que não entrou com você?

– Boa pergunta. Vou ver o que houve. Vai ver a perdiz já chegou e ele está conversando com ela.

O canário saiu um instante para o lado de fora e lá estava o amigo, novamente, rodeando a árvore, completamente ansioso.

– Ô pica-pau bobão, não vai ver os seus filhotes? – gritou Furriel, olhando para cima.

– Quero ver como será quando você tiver filhotes! – foi a resposta do pica-pau.

Furriel não disse mais nada. Chanchã tinha razão. Não sabia como procederia num caso desses e, então, não poderia condenar o amigo pica-pau em seu nervosismo. Qualquer um poderia ficar nervoso, inclusive a mãe, o que é muito comum. Refletiu um instante e entrou de novo no buraco.

– Ele está sobrevoando de novo, você acredita?

– Eu sabia! – respondeu a pica-pau. – É toda vez assim. Pode fazer o que quiser com Chanchã, que ele não liga nessas horas. Mas, depois de toda notícia mais forte, a reação é desta forma.

– Deixe-o. É o jeito de ele extravasar. Daqui a pouco, estará o mesmo pica-pau de sempre, aqui, com você.

– Tomara, viu! – respondeu a pica-pau, sorrindo.

Nesse instante, chegava a perdiz, com alimentos variados, mais sólidos ou mais líquidos, para não correr o risco de trazer comida errada e ter que voltar.

– Olá, minha comadre! – cumprimentou Pygia, interrompendo o papo entre o canário e a pica-pau por uma boa causa. – Aqui tem alimentos para toda a família pica-pau!

– Olá, amiga querida! – respondeu Tauá, enquanto o canário saía e deixava as fêmeas conversando pormenores sobre as boas novas. – Venha cá, venha conhecer os seus afilhados.

– Que alegria! – comemorou a perdiz, olhando para o ninho descoberto. – Fiquei muito feliz quando vi que haviam nascido. Como se chamam?

– Chanchã não contou?

– Não. Quando o canário perguntou, voei rápido para buscar a comida e não ouvi a resposta.

– Bem, são aqueles nomes mesmo. Os três dos meninos que você já sabia e escolhemos Collis para a única mocinha que está ali no canto.

– Uma boa escolha. Ela gostará muito de seu nome quando estiver crescidinha. Não vejo a hora de poder ter filhos também. Já não estou tão novinha assim mais.

– Ora, amiga perdiz. Não se entristeça por minha causa. Logo, o pardal vem trazer-lhe notícias do seu marido, você vai ver.

– É, vamos ver. – respondeu Pygia, com uma voz tristonha. – Não fosse o recente encontro de Furriel e Tico, eu já teria perdido as esperanças. Espero que um dia ele ainda o encontre. Mas vamos nos esquecer disto e pensar nas boas coisas. Como você acha que ficarão quando crescerem? Qual será o maior? E o menor?

– Bem, os pica-paus-do-campo não se diferenciam muito na plumagem. Somos meio penagris, de plumagem parda. Pelo que nasceram, a menor é Collis, depois Tico e, em seguida, Dico e Luco. Este é o maiorzinho.

– Ai, que delícia ver os pequeninos! Pena que não dá para

pegá-los pelo bico ainda.

– Estão muito pequenos e delicados. Assim que estiverem maiorzinhos, pedirei para Chanchã lhe avisar e deixo você pegá-los.

– Nem precisa disto! Você não acha que virei aqui todos os dias? Não vou importunar muito, porque sei que as mães não gostam de visitas longas, mas sei que precisará de ajuda e por isso virei sempre. Talvez reveze com Furriel para ajudar vocês.

– Somos muito gratos! Isto que são padrinhos. Por falar em padrinho, aí está o outro padrinho, que laçou finalmente o meu marido.

– Ufa! – suspirou Furriel. – Até que enfim consegui trazer o pica-pau ansioso e teimoso para casa. Vá ver os seus filhotes, bobão!

– Vou agora! – disse o pica-pau, sorrindo com a brincadeira amiga do canário. – Agora, vou vê-los direito. Acreditam que eu os vi nascer e logo comecei a voar?

– O pior é que acreditamos! – soltou o canário para Pygia, bem baixinho.

O buraco feito por Chanchã e Tauá abaixo da toca de Tico era grande o suficiente para caberem todos. Como não havia outros tipos de animais na Mata da Encosta por causa de seu relevo íngreme, não havia perigo quanto às tocas rentes ao chão, ainda mais na seca do inverno. Tauá se levantou com a ajuda de Chanchã e ambos ficaram alguns segundos contemplando juntos os seus filhotes.

– Como são belos os meus filhotes! – disparou o pica-pau. – Puxarão o pai estes aqui, os machinhos. E esta será bela como a mãe, com a garganta amarela e diferente dos outros pica-paus-do-campo.

Os padrinhos ficaram por alguns instantes maravilhados com o momento familiar e foram se afastando, devagar, para deixar os “pombinhos” olhando, felizes, para os filhotes. Já se aproximava a hora do almoço e o canário tinha tarefas a cumprir com a garça na parte da tarde.

CAPÍTULO 28

RELATÓRIOS E SENTINELAS

Tico havia acordado naquele dia depois da noite mais tranquila desde que começou a caminhar em direção ao Abismo das Araras. Abriu os olhos, estranhou onde estava e, ainda meio sonolento, somente se lembrou do lugar quando ouviu, um pouco mais longe, o coro de pipilos das loucas anfitriãs. Como dormiu a noite inteira, imaginou que não teria problema com as araras que o observavam e saiu da toca tranquilamente, quando uma arara-canindé, com cara de sono, o parou. Foi quando percebeu que as aves se revezaram durante a noite para que o pardal não saísse da toca.

– Espere aí. Onde você pensa que vai?

– Ora, vou comer, voar por aí na clareira. Ver as araras. O mesmo que fiz ontem.

– Você foi autorizado?

– Mas ontem eu fiz isso e não precisei de autorização.

– Ontem era durante o dia, as araras estavam acordadas e por perto, observando você. Hoje, elas estão em árvores mais internas, fora da clareira, e sua sentinela sou eu. Você não terá liberdade enquanto as araras não decidirem em reunião o seu destino.

O pardal não acreditava no que ouvia. Havia julgado tão bem as araras, mas estava, na verdade, sendo observado. Não entendia porque o medo de que ele falasse algo aos tucanos seria tão tenebroso para as araras. Procurou se acalmar e voltou a conversar.

– Isto demorará muito?

– Bem, elas têm que voltar e tenho que dar o relatório. Sou a última sentinela, portanto, será logo que voltarem. Assim que der o relatório, elas se reunirão mais uma vez e, depois, decidirão.

– Nossa! Então, será o dia todo! – resmungou o pardal, bem baixinho.

– O que disse?

– Eu? Nada. Como o senhor se chama?

– Araraúna¹.

– Belo nome, senhor arara.

– Muito obrigado. E o seu?

– Tico.

– Você é o quê mesmo?

– Sou um pardal.

– Um pardal? Nunca vi um.

– Nunca viu? – espantou-se Tico. – Mas as outras araras disseram que existem pardais naquela direção.

– Algumas sabem que existem e algumas poucas já viram, porque uma vez ou outra voaram por lá. A maioria nunca saiu da floresta, pardalzinho.

– Então, não têm contato com eles? Puxa, que pena! Queria saber como vivem.

– Sim, é uma pena. Não temos como lhe dar esta informação. Só sabemos que vivem perto dos humanos nas aldeias que existem não tão próximas daqui.

– Onde exatamente?

– Bem, há humanos no Sul e no Leste. Para o Sul, não há montanhas, mas a floresta é muito grande e densa nessa direção e, por incrível que pareça, as aldeias do Leste são mais próximas, por causa da trilha que atravessa as montanhas. Estamos entre dois conjuntos de montanhas e, por isto, aqui parece realmente um abismo. Descendo a montanha para o outro lado, há um grande vale. Depois do vale, as

¹ Vem do nome científico da arara-canindé (*Ara ararauna*).

aldeias humanas, perto do mar.

– Nossa, há um mar por aqui?

– Sim, onde vivem os pelicanos, que são amigos dos tucanos. Bem, já estou lhe dando informações demais. Tenha um bom dia e pode se alimentar à minha vista.

Tico foi comer porque realmente estava com fome, pois agora tinha informações suficientes para sonhar e refletir por vários dias. A sentinela acabou soltando algumas coisas interessantes. O pelicano que curou a perdiz, provavelmente, mora no mar. “Será que a garça passou por dentro da floresta quando foi buscar o pelicano?” – pensou. – “Se o pelicano que veio for um dos chefes de lá e os tucanos são chefes daqui, será que a região toda é tão organizada assim? E como deve ser o mar? Os pardais, então, vivem perto do mar?” – fustigou. Eram tantas coisas para pensar, tantas hipóteses possíveis que as questões tomaram todo o dia do pardal, que nem se importou com a vigilância.

Perto da hora do almoço, as araras chamaram a sentinela para conversar, longe de Tico. Macau se aproximou.

– Araraúna, venha cá.

– Estou indo. E você, pardal, fique aí mesmo, que estou lhe observando.

– Pode deixar.

As araras levaram Araraúna para o outro lado da clareira, deixando uma ararajuba para distraí-lo.

– Última sentinela, qual o seu relatório?

– Bem, o pardal parece ser um passarinho inocente que não sei o que veio fazer aqui. Não me parece perigoso e nem fez nenhum tipo de pergunta astuta. Portanto, não vejo porque barrar a sua convivência entre as araras e nem mesmo impedir sua passagem para o outro lado da floresta.

– Muito bem! Vamos discutir, então, a questão. Diante das suas palavras, pode deixar a ararajuba com ele e venha tratar do problema conosco.

– Tudo bem.

Assim foi. Tico nada entendia, mas não via outra saída que senão esperar. “O bem-te-vi disse que não havia perigos, mas não disse que não era tão complicado viver por aqui. Disse que era para eu não atrapalhar o trabalho das outras aves, mas não estou atrapalhando, que eu saiba” – pensou, já que achou que não devia falar diante de tantas especulações. Passaram a tarde inteira discutindo e o bulício de vozes estava forte como nunca. O dia passou lento e Macau voltou, com semblante muito preocupado.

– Bem, pardal. A discussão foi longa e a votação foi acirrada. Muitos não queriam que você aqui permanecesse, mas a maior parte concordou que você pode ficar entre nós. E, mais, que pode passar para o outro lado da floresta, se quiser, desde que não diga para os tucanos que aqui esteve e não se encontre com eles enquanto estiver sob nossa guarida, entendeu? Esta resolução é um milagre, já que nunca havia acontecido. A opinião da última sentinela foi fundamental, pode agradecer-lhe.

– Muito obrigado a todos antecipadamente. Não farei nada contra ninguém. Só quero fazer amigos, somente isto.

– Assim entendemos e, por isto, resolvemos desta maneira. Pode ficar à vontade na clareira. Só não pode participar de nossas reuniões, está bem?

– Está bem. Eu nem desejo participar delas, apenas ficar alguns dias aqui.

– Será nosso convidado a partir de agora. Pode fazer amigos, se quiser. Boa noite.

Tico respirou aliviado. Não entendia como um simples pedido poderia causar um problema tão grande. Nem sequer havia conversado com a ararajuba-macho que foi encarregada de distraí-lo por algum tempo. Mas, em compensação, foi a primeira arara que procurou para conversar.

– Ei, desculpe-me o mau jeito aquela hora, eu estava nervoso. Como você se chama?

– Aiuru¹. Sou uma ararajuba relativamente jovem, que ainda não participa das reuniões, assim como você não pode. Por isto, me colocaram para distraí-lo.

– Eu sou Tico, um pardal. Mas o que tratam nestas reuniões? Por que tanta cerimônia?

– Para falar a verdade, nem sei muito bem. Só sei que são importantes, pois envolvem as araras, os tucanos, os pelicanos, os carcarás e os gaviões. É só o que sei.

– É o que me disse a sentinela mesmo. Só não tinha falado dos carcarás e dos gaviões. Bem, não importa mais isto, não é? O importante é que me deixaram fazer amizades.

– É isso aí. Sou filho de Juba, minha mãe é uma das líderes das araras e ela não me diz nada. Quando pergunto o porquê, diz que ainda sou muito novo para decidir sobre coisas tão importantes e secretas. Mas não sou tão novo assim.

– Nossa! Secretas? Que mistério. Para mim, isto ainda são coisas de araras falantes.

Aiuru e Tico deram uma risada juntos e saíram voando atrás de alimentos e para que a arara mostrasse ao pardal todas as árvores que davam para o círculo da clareira.

No plano espiritual, Joca, a essa altura, punha-se a explorar a região da clínica e do lago onde agora morava. Não podia ir muito longe, com a advertência de Stan, mas já percebia que o local era lindíssimo. Nunca havia visto tantas flores e frutas em um só local. As águas eram cristalinas e os minerais pareciam pedras preciosas praticamente não exploradas. Nas árvores, havia inúmeros passarinhos do tamanho de Tico, além de muitas aves de porte maior. Na relva que existia entre o lago e as colinas, muitos coelhos, gatos, gansos e pequenos cães conviviam sem problemas.

Havia vários espíritos específicos para cuidar de cada uma das

¹ Vem do nome vulgar aiurujuba, que também designa a ararajuba (*Guaruba guarouba*).

espécies de animais e alguns pareciam ter um carinho especial por certos bichinhos, embora procurassem tratá-los de maneira igual. Buscavam ensiná-los alguma disciplina, para que pudessem, inconscientemente, utilizá-los em seu retorno e diminuir o percentual de instintos em relação à inteligência em suas pequenas reencarnações. Os cuidadores auxiliavam nos seus partos espirituais e os ninhos de passarinhos que chocavam eram colocados em locais onde era mais fácil encontrar alimentos. Joca nunca podia imaginar que existiam partos de animais depois de “mortos”, mas o ímpeto de vida no plano era muito mais que impressionante. Não havia, em boa parte dos espíritos, a prática material que envolvia os instintos biológicos, mas a vida seguia, enfim, e a essência das experiências emocionais não era interrompida.

Na volta do longo passeio, ali estavam Jussara e Sinval, com um semblante de quem iria dar uma bronca. Joca, já pressentindo o puxão de orelha, preparou os ouvidos.

– Pois bem, senhora coruja! – disse Sinval, com cara de poucos amigos. – Por que demorou tanto? Estávamos preocupados. Stan lhe liberou por dois quilômetros, mas não por seis horas.

– Mas não fiz nada. Só voei e vi muitas coisas.

– Sim! – disse Jussara. – Mas você ainda não está tão bem a ponto de voar por tanto tempo. Tenha calma com os seus passeios. Qualquer dia, vamos levá-lo para passear num veículo aqui do plano. Até lá, tenha muita calma.

– Puxa, está bem! Achei que estava livre para passear.

– Está e não está! – disse Sinval, com um semblante bem melhor. – Está e não está! Vamos para dentro do prédio, para ver se você sofreu alguma coisa e se precisa de algum medicamento.

Joca e os enfermeiros se dirigiram para dentro do prédio silenciosamente, mas parecia que algo mais os incomodava. A coruja se antecipou.

– É somente isto mesmo que está perturbando vocês? – perguntou Joca, com um ar menos adolescente espiritual do que de

costume. – Percebo que vocês estão diferentes.

– Desculpe-nos, Joca – disse Jussara. – Recebemos a notícia de que, na semana que vem, faremos uma viagem muito importante e estamos um pouco ansiosos. Felizes, mas ansiosos. Acompanharemos a sub-caravana de Margareth, dentro da grande caravana.

– Vocês vão onde, mal lhes pergunte?

– Vamos a dois planetas. Visitaremos algumas colônias espirituais, assim como o próprio plano físico dos orbes.

– Mas existe vida em outros planetas? Achei que somente existia na Terra.

– Claro que existe! – disse Sinval. – Sou capaz de lhe afirmar que, se não é em todos, é praticamente em todos.

– Mas ora essa! Já se tem notícias de que as sondas foram visitar os planetas do sistema solar e nada encontraram.

– É porque os olhos humanos não são capazes de vê-los. Você se lembra da aula de Stan sobre perispíritos mais densos e menos densos?

– Claro que me lembro! Como poderia me esquecer?

– Pois é. Na medida em que os espíritos evoluem, o perispírito fica menos denso e, quando o indivíduo reencarna, não precisa de corpos tão grosseiros como da etapa anterior, entende? Por isto, em orbes diferentes, a diferença de evolução pode ser muito grande e os menos evoluídos acabam não enxergando os mais evoluídos.

– Hum! – pensou alto a coruja, depois de três segundos de reflexão. – Então, quer dizer que a Terra é o planeta menos evoluído do sistema solar? Porque não enxergamos nada além da nossa própria vida!

– Bastante provavelmente – afirmou Jussara, enquanto fazia uns exames nas asas da coruja. – Se não é o de menor evolução, é um dos menores.

– E em quais planetas irão, mais especificamente?

– Marte e Saturno. Destes dois, Marte é o que mais se aproxima da vida terrena. Aos olhos dos homens, há sinais de vida

antiga lá. Mal sabem que, de fato, há vida. Quanto a Saturno, os espíritos encarnados estão um pouco mais adiantados, o que não permite visualizar quase nenhuma evidência, mas uma de suas luas possui uma vida muito parecida com a terrena.

– E o que farão lá?

– A sub-caravana de Vista Alegre, desta vez, se responsabilizará pela medicina. Estudaremos aparelhos importantes para ajudar na instrumentação terrena. Estes salvarão muitas vidas na Terra no futuro, quando os espíritos da Terra já não precisarão sofrer tanto como sofrem agora. A Margareth é médica e nós a acompanharemos. Outras caravanas de outras colônias verificarão outros tipos de aparelhos.

– Mas como estes aparelhos serão passados para lá? Não são os homens que os descobrem?

– Serão passados por intuição nossa aos que estão encarnados e por meio de ensinamentos anteriores para os que reencarnarão. Eles já reencarnam com um lampejo do que farão e nossas intuições, no momento certo, abrem suas mentes para as luzes que carregam em seu inconsciente. É assim que os grandes cientistas realizam as suas descobertas e que os bons escritores publicam as suas obras.

– Nossa! Então, é mais ou menos como Aepyornis me trouxe as lições?

– Em alguns casos, sim, e, em outros, não – interveio Sinval.

– A maioria das comunicações é feita meramente por intuições simples, sem que se perceba a presença dos espíritos. Por outro lado, algumas poucas ocorrem de forma mais evidente.

– Bem! – interrompeu Jussara. – Sua asa está boa, só está um pouco tensa, o que uma simples massagem resolve. Ficamos muito preocupados com você, porque amanhã temos uma pequena viagem juntos para fazer.

– Ah, é? Uma viagem? Que bom! Vamos onde?

– Aham! – grazinou ironicamente a enfermeira, com bom humor. – Isto você somente saberá amanhã. Prepare-se. E nada de

voos até amanhã, está bem?

– Pode deixar. Só de saber que vou viajar, já estou muito feliz.

– Então, vamos deixá-lo em sua toca para que descanse e vamos embora tomar providências para a viagem. Boa tarde!

– Boa tarde!

Neste momento, os olhos da coruja brilharam. Não tinha a mínima ideia do lugar para onde seria levado e nem qual o propósito de sua viagem. Já descobrira que tudo ali tinha um porquê e um tempo certo. Na Terra, também isto ocorre, mas de forma sutil, sem que os indivíduos o percebam de forma tão escancarada, pelo menos por enquanto. Mas, quanto à viagem, Joca não tinha noção do que aconteceria. De forma obediente, como uma criança que promete ficar quietinha para ganhar uma recompensa em seguida, entrou na toca e adormeceu, já com bem menos sono do que possuía quando ali chegou.

CAPÍTULO 29

O CANTO DOS CRISTAIS

Joca acordou ansioso como nunca. Tinha um relativo domínio sobre as coisas que aconteciam na Terra, mas, no plano espiritual, tudo era mais do que novo. A cada dia, algo diferente o surpreendia. Ainda era noite. Embora o dia e a noite não fossem exatamente como no plano físico, ainda permanecia uma forte e maravilhosa penumbra, como uma noite de lua cheia bastante radiante, mas que não escondia o brilho das estrelas em momento algum. Antes que pensasse algo mais, já estavam batendo à sua toca. Quando saiu, já o esperavam Tyto, Alba, Jussara, Sinval e outros três companheiros, chamados João, Flor e Sinhana. Atrás deles, um veículo que lembrava um micro-ônibus semi-aberto.

– Joca, seja bem-vindo à nossa modesta caravana – disse Sinval. – Não vamos longe e poderíamos ir sem a necessidade de transporte, mas hoje iremos usá-lo, para apreciarmos a viagem.

Joca nem perguntou aonde iriam, pois sabia que a resposta não seria dada. Entendeu que a surpresa, até certo ponto, era um fator importante para que as emoções aflorassem de forma mais nítida, sem bloqueios mentais. Também sabia que estava entre amigos sinceros e, por isto mesmo, não teria o que temer.

– Joca, minha corujinha! – disse Alba, sua mãe, como que adivinhando seus pensamentos. – Que bom que viajará conosco. Não precisa ter medo, todos aqui são espíritos muito bacanas. Os que você

não conhece são Flor-de-Lis, Vovó Sinhana e Pai João, o nosso condutor de hoje. Ele quem nos levará ao nosso destino.

– Um bom dia para todos! – respondeu a coruja. – Muito prazer. Estou um pouco nervoso, mas é a ansiedade com a viagem. Estou muito feliz com a possibilidade de conhecer muitas coisas do plano.

– E vai conhecer mesmo! – disse João ou Pai João, como gostam de chamá-lo, pelo carinho com que normalmente conduz a todos. – Há uma variedade muito grande de lugares por aqui. Vamos conhecer apenas um pedacinho da região, mas o suficiente para lhe povoar a mente de pensamentos, tenha certeza.

O veículo tinha exatamente oito lugares, dispostos de dois em dois. Na frente, João e Sinhana, que, como Sinval e Jussara, pareciam ter tido algo a mais do que uma simples amizade. Eram um casal negro e belo e possuíam grande afinidade. Em seguida, Tyto e Alba, Flor e Joca e, por último, os dois enfermeiros. O veículo, estranhamente silencioso, partiu, levitando e deslizando alguns centímetros acima do chão, como se houvesse trilhos magnéticos embaixo.

– Veículos como este serão utilizados na Terra um dia, Joca – disse Pai João –, quando a ciência humana alcançar a tecnologia do plano. Ainda passarão pelos carros-aviões antes de utilizarem algo deste tipo aqui.

O ônibus subia alguns metros quando necessário e, depois, voltava ao seu “trilho” natural. Depois que Joca se sentiu mais seguro, é que começou a observar o que havia fora do veículo.

– Olhe, Joca! – disse Flor ou Flor-de-Lis, uma belíssima mocinha morena de rosto redondo e de cabelos lisos sobre os ombros, querendo fazer amizade. – Olhe! Uma fileira de hortênsias e tulipas na beira da estrada. Olhe que beleza! Ali na frente, como no lago que você conheceu, algumas flores-de-lis, de onde veio meu nome, e margaridas, de onde veio o nome da Margareth, que não veio hoje.

– Realmente muito bonito mesmo! – respondeu a coruja, meio

sem fôlego. – Estou estupefato! Nunca vi lugares tão bonitos! Nunca imaginei que o plano espiritual pudesse ter tudo o que há no plano físico e muito mais bonito!

– O mais belo ainda está por vir – disse Sinhana ou Vovó Sinhana, como gosta de ser chamada, por ter tratado de muitos netinhos na Terra outrora. – Atrás daquela montanha, tem muita coisa bonita.

E tinha mesmo. Foi o veículo virar mais duas ou três curvas e se descortinou uma paisagem translumbrante. Rios super cristalinos e esplêndidas cachoeiras, funcionando como um prisma magnífico, jamais observado pelos olhos humanos. Não era necessário que o sol batesse diretamente para que as águas ficassem translúcidas. Parecia que a luz emanava da própria natureza, como se o ambiente formasse uma simbiose perfeita entre os elementos do céu, da terra e da água.

– Nossa! – era só o que Joca conseguia dizer, bastante boquiaberto.

– Está gostando, meu filho? – disse Tyto, bastante feliz com a admiração do filho pelo lugar. – Lindo, não é mesmo? Passamos aqui já algumas vezes, por isto não estamos tão surpresos. Mas, de qualquer forma, é uma paisagem de encher os olhos.

– E como! Se tudo aqui for assim, estamos no paraíso!

– Ah! Quem nos dera se tudo aqui pudesse ser assim! – disse Vovó Sinhana. – Existem lugares muito tenebrosos também, embora haja muitos outros maravilhosos. Espíritos terríveis, mas também espíritos magníficos. Aepyornis, por exemplo, irradia quase uma luz assim somente dele! Você ainda irá conhecê-lo pessoalmente.

– Mas eu já o conheço! Ele já apareceu para mim algumas vezes.

– Você pensa que o conhece! – disse Pai João. – Ele é um bastante diferente do que manifestou para você. Mas tenha paciência que um dia o conhecerá.

Pronto! Agora mais um mistério. Já não bastava aquela confusão que fez entre Aepyornis e Deus, agora descobriu que

Aepyornis não era como tinha se manifestado. Quanto mais Joca pensava, menos concluía. Então, preferiu continuar observando a paisagem.

– Olhe, Flor! – disse Joca à mocinha, que já estava ficando sua amiga no decorrer do passeio. – Que montanha bela, tem o formato de um baú de madeira¹ que havia no escritório de Stan!

– Sim, muito bonita sim! – respondeu Flor-de-Lis. – No planalto acima dela, há muitas aves e animais que um dia, quando puder voar mais para longe, você gostará de conhecer.

– Olhe agora! O que é aquilo? Aquilo eu nunca vi!

– Aquilo é o que chamamos de lago cantante. É um lago raso cheio de cristais, cujas pontas aparecem para fora da superfície. Quando o sol bate, é como se o lago dançasse. Quando o vento bate, faz um barulhinho gostoso como se os cristais cantassem. A cor dos cristais varia conforme os raios do sol batem, mas as cores predominantes são cor-de-rosa, verde-claro² e amarelo-claro. Agora, o lago não cantou porque o vento está fraco, quem sabe na volta?

– Seria magnífico. Vou torcer para isto.

– Joca! – disse Vovó Sinhana. – Não demora muito para chegarmos, viu, filho? Mais algum tempo e começará a ver prédios novamente e é onde iremos aportar.

– Está bem. Estou adorando a viagem, mas estou ansioso para chegar também.

– Ali, há uma floresta mista de coníferas, plátanos, pinheiros³ e eucaliptos – continuou Flor. – Ali, vivem koalas, esquilos, saguis e outros bichinhos e aves que vivem em árvores, como você.

¹ Homenagem à Serra da Canastra, cuja montanha principal possui a forma de uma canastra ou baú. Também aos municípios de São Roque de Minas-MG e Vargem Bonita-MG, onde a Serra da Canastra revela uma de suas mais bonitas paisagens.

² Em homenagem ao ex-periquito australiano albino familiar Kiko, cujo branco era aparentemente verde-claro de um lado e cor-de-rosa de outro.

³ Homenagem ao aconchegante município de Santo Antônio do Pinhal-SP.

– Linda a floresta! Muito mais bela do que o bosque onde nasci. Mas acho que chegamos! – apontou Joca. – Olhe os prédios lá.

Os prédios também eram maravilhosos. Todos de vidro, pareciam não ter toda a estrutura de engenharia necessária para um edifício ficar de pé no plano físico, mas, sob o olhar curioso de Joca, sabe-se lá como se mantinham. Bastou para a coruja se ocupar da beleza e da simples suntuosidade do conjunto de prédios e da singeleza das casinhas em volta.

– Nobre coruja (como Stan gosta de chamá-lo) – disse Pai João, estacionando o veículo. – Esta é a colônia Canto dos Cristais, em alusão ao lago cantante que você viu lá atrás. É uma colônia pertencente à cidade-colônia de Vista Alegre. Aqui, os habitantes, em geral, possuem uma evolução média em termos deste planeta. Você gostará do lugar. Não é exatamente para conhecer que viemos, mas o nosso ponto de partida será ali.

– Está certo!

Sinval e Jussara indicaram o lugar exato aonde iriam e a coruja saiu voando na frente, seguida por Flor-de-Lis, Alba e Tyto e, depois, pelos demais companheiros de viagem. Após avançarem por uma rampa de concreto por sobre um lago cheio de peixes coloridos, patos pardos e cisnes brancos, entraram por um majestoso salão, que respirava arquitetura greco-romana nas esculturas e telas renascentistas na parede. A partir dali, seguiram um corredor que dava para outro salão, que abrigava uma enorme biblioteca que devia ter uns 5.000 livros e, finalmente, alcançaram uma modesta sala de reuniões onde já se encontravam alguns espíritos.

– Sejam bem-vindos! – disse uma mulher conhecida por Rosa. – Estávamos à espera de vocês. Vamos apresentar os companheiros ao nosso visitante Joca.

– Joca – continuou a jovem. – É um prazer recebê-lo. Este é o nosso Hamilton, esta é Maria, esta jovem é Zelinha e esta é Margareth, da qual você já deve ter ouvido falar.

Joca olhou para Flor-de-Lis com semblante de espanto porque

pensou que Margareth não estaria ali e a mocinha logo explicou, sussurrando.

– Eu disse que ela não veio hoje, mas não disse que já tinha vindo ontem.

A coruja sorriu e ficou observando os novos companheiros. Hamilton era um senhor moreno claro de meia-idade beirando os 50 anos, mas com os cabelos escuros, parecendo muito calmo e sorridente. Rosa, que, aparentemente, parecia ser companheira de Hamilton, também era morena clara. Zelinha parecia um anjinho adolescente, com cabelos loiros e olhos claros. Margareth ou Margot parecia uma cópia um pouco mais madura de Zelinha, pois era outro anjo, não só na aparência, mas no jeito de falar, que encantava a todos. E Maria, mais calada em seu cotidiano, possuía um jeito meigo e carinhoso de se admirar.

– Hoje – comentou Margareth –, faremos uma pequena caravana à região de Mato Seco, que fica mais abaixo de onde estamos. Lá existem alguns pontos de apoio e é para onde são levados alguns dos espíritos que acabaram de desencarnar ou desencarnaram recentemente para que os auxiliemos. Hoje, além de humanos, temos uma ave que é muito inteligente como Joca, mas está extremamente revoltada e com medo. Por isto, solicitamos a presença de Joca, não somente para aprender, mas para nos ajudar também. Está bem, Joca?

– Claro! – disse a coruja, já começando a entender os motivos da viagem. – Estou aqui para ajudar.

– Então, está bem – continuou a chefe da caravana. – Vamos sem o carro agora. Joca, você pode vir comigo. Hoje, temos também a ilustre companhia de Maria, que veio para nos auxiliar.

Mais alguns comentários e todos se prepararam para partir. A viagem foi curta, mas tomou um rumo abaixo de forma muito estranha, porque poderiam ter topado com chão, mas não houve choque algum. Margareth havia explicado que o pensamento dos espíritos, ao contrário do que se pensa, é muito mais rápido do que a luz e é possível alcançar grandes distâncias apenas direcionando o

pensamento. Ela segurou Joca e a coruja não viu mais nada, a não ser sentindo o ambiente um pouco mais pesado, como se o ar ficasse mais rarefeito e, ao mesmo tempo, oferecesse resistência à passagem em alguns pontos. Era a energia do ambiente, não tão límpida como nas outras colônias acima.

Enfim, chegaram. A vegetação não era mais tão bela como antes e lembrava um cerrado castigado pela seca e pelas queimadas e o chão parecia um lago seco cheio de rachaduras. Falésias sem mar e de um marrom pálido compunham um ambiente sem muita alegria e quase sem luz. Mais à frente, algumas pequenas casas, que eram somente pontos de apoio para que os espíritos pudessem ser tratados e, depois, levados para colônias, hospitais ou outros lugares, conforme o caso.

Espiando entre as falésias e as casas, imagens tristes chegaram aos olhos da coruja e de todos os outros. Espíritos recém-desencarnados que não queriam ajuda se arrastavam pelo chão e pelo exterior das casas, mendigando melhora sem aceitá-la de outras pessoas e muitos sem, ao menos, aceitar a existência de Deus. Suas consciências queimavam e os acusavam dos atos ruins que praticaram em vida, vozes estranhas os incriminavam de vários delitos e imagens horríveis passavam por suas mentes perturbadas, como se um verdadeiro inferno estivesse não no local exatamente, mas dentro de si mesmos. Uma luta necessária para a sua melhora era travada ali, onde o orgulho se debatia com a consciência e a ausência de humildade impedia que novos rumos fossem encontrados.

Havia muito serviço tanto do lado de dentro das casas, onde se encontravam alguns dos que já aceitavam parcialmente serem ajudados e os que haviam acabado de chegar ainda bastante atordoados, quanto do lado de fora, onde os companheiros buscavam, como pastores espirituais, resgatar as ovelhas perdidas e trazê-las ao conforto do fardo mais leve de sua senda. Joca estava aterrorizado com todo aquele cenário triste, embora redentor em muitos casos.

Muitos dos espíritos daquele lugar participavam de

verdadeiras gangues espirituais, que, com espíritos pouco evoluídos como chefes malvados, tentavam perturbar as pessoas e impedir que os recém-desencarnados caíssem na tentação de serem ajudados pelos companheiros “pastores”. Como estavam ainda muito materializados, muitas vezes sofriam ameaças e apanhavam sob o açoite dos superiores pouco esclarecidos.

O trabalho era árduo. Convencer ou doutrinar os espíritos perdidos, os seguidores ou os superiores não era uma tarefa fácil e exigia uma equipe entrosada e concentrada em seus objetivos. Todos tinham o seu tempo de melhora ou de arrependimento e muitos demorariam muito, mas cada semente plantada era uma centelhazinha de luz que ainda brilharia no coração primitivo de muitos. Talvez fossem necessárias dezenas de reencarnações para muitos, mas que importa? A benevolência divina é sempre uma porta aberta para todos, cada qual em seu ritmo, cada qual em sua gradação.

Hamilton levou Joca até dentro de uma das casas e ali encontrou um gavião, muito perturbado. A ave gritava sem parar, insistentemente.

– Não! Não me leve até ele! Eu tenho medo! Não me leve até Haliaetus! Não me leve até Haliaetus!

O companheiro da coruja o explicou que já tentaram conversar com ele, mas tinha sido inútil. Queria sinceramente ajuda, mas uma ave teria mais efeito neste caso. Por isto, Joca estava ali, para falar de igual para igual, à semelhança dos espíritos muito ainda ligados à matéria que precisam ser levados às casas espíritas por meio da mediunidade dos encarnados, cuja energia é mais próxima destes. Haliaetus era um antigo chefe do gavião. A coruja, imediatamente, se prontificou.

– Bom dia, amigo! Qual é o seu nome?

– Meu nome é Uruá. Sou um gavião. Ajude-me, por favor, amiga ave.

– Estou aqui para isto. Podemos conversar um pouco?

– Podemos sim, podemos sim! Você pode me ajudar?

– Vou tentar.
– Por favor, não me leve até Haliaetus.
– Pode deixar, não vou levar, a não ser que você queira.
– Eu não quero! Não quero!
– Então, acalme-se, por favor, vamos conversar.
– Vamos.
– Deixe-me lhe perguntar. O que aconteceu com você?
– Bem, eu era um gavião ruim. Comia as aves pequenas que passavam pelo vale. As aves pequenas é que eram perigosas, dizia meu chefe.

– Perigosas por quê?
– Perigosas! Perigosas! Não quero falar sobre isto.
– Está bem. Então, continue a sua história.
– Um dia, capturei um pardal. Trombei com a águia Uiraçu, brigamos no ar e eu levei a pior. Machuquei-me gravemente e quem me acudiu foi uma garça com uma pequena ave, um canário enfermeiro. Esta pequena ave foi tão eficiente, simples e carinhosa comigo que nunca mais comi ave pequena alguma.

Joca começava a ligar as coisas. Conhecera Furriel, o canário enfermeiro, e Stan havia lhe contado algo sobre seu filho e uma águia no caminho entre o vale e a floresta.

– Então – continuou a ave –, dois gaviões descobriram que eu havia mudado de opinião e passado para o lado de Uiraçu e resolveram me procurar e brigar comigo. Eu ainda estava fraco e levei a pior de novo. O ferimento abriu novamente e, desta vez, foi muito profundo e não resisti. E aqui estou, com muito medo de Haliaetus vir me bater também. Estou com muito medo! Sei que ele está aqui porque um bando de águias acabou matando Haliaetus uma vez. Estou com medo!

– Não precisa ficar com medo, rapaz – disse a coruja, que, neste momento, sem saber, estava recebendo intuições do companheiro Hamilton. – Não levaremos você para Haliaetus. Só depende de você agora se acalmar e ter certeza de que tomou o

caminho certo. Você acredita em Aepyornis?

– Já ouvi falar. Nunca o vi e nem sei como ele é, mas já ouvi falar. Quem falava muito dele era Uiraçu.

– Então, Aepyornis é o senhor de todas aves, que também esteve na Terra e agora está aqui. Sou um seguidor dele. O caminho que sigo é muito mais suave do que aqueles que seguem Haliaetus. Você quer vir comigo?

– Como ir com você? Como vou saber que você não quer me enganar? De repente, você vai me tirar daqui e me levar direto para Haliaetus.

– De jeito nenhum. Você tem que ter fé e confiar. Para comprovar a minha boa vontade, vou lhe contar o nome da ave que causou a sua mudança.

– E qual é?

– Tico, o pequenino pardal.

– É isto mesmo! Como sabe?

– Porque ele é meu filho de criação e o canário Furriel e a garça Karkia eram amigos dele. E foi a águia Uiraçu quem os levou até você, não foi isto?

– Foi sim. Mas como pode um pardal ser filho de uma coruja?

– Foi porque Aepyornis o mandou para realizar uma missão. Como está me mandando aqui também conversar com você.

– Então, mudei porque seu filho foi mandado para isto? Pronto! Agora acho que estou enganado. Morri por causa de seu filho.

– Não, Uruá. Você entendeu mal. A missão dele não era matar você. Ele estava só voando pelo caminho quando você o pegou, lembra-se?

– Sim, é mesmo. É verdade.

– Venha! Venha comigo! Se tiver sorte, poderá até encontrar os seus parentes, como encontrei os meus, aquelas corujas ali adiante.

– Estou começando a acreditar em você. Então, vou, eu vou! Mas tem certeza de que ele não estará pelo caminho para me pegar?

– Não, não estará. Aceita ajuda agora?

– Aceito, sim.

– Então, estes moços – a coruja apontou para Hamilton, que já estava ali, e para Sinval, que já vinha entrando – cuidarão dos seus ferimentos, darão a você um calmante e o levarão para um bom lugar. Não sei se é possível, mas quem sabe não lhe levarão para onde moro? Posso ficar seu amigo.

– Quero, claro que quero. Confiarei em você.

– Pode confiar. Estas pessoas são muito boas. Agora só depende de você. Tenho certeza de que sua vida será melhor a partir de agora.

– Então, eu quero.

Os companheiros ajudaram o gavião e agradeceram muito à coruja. Parecia que havia muito tempo que a coruja doutrinava os espíritos das aves, pela facilidade com que concluiu a sua primeira tarefa. Não é sempre que um espírito é convencido pela primeira vez e a coruja seguiu os passos muito bem. Uruá foi levado para um local mais adaptado aos problemas que possuía e ali ficaria alguns dias, até que pudesse ser levado para um lugar melhor. A coruja se despediu do novo amigo, saiu e encontrou Vovó Sinhana, que também já havia conversado com alguns espíritos em dificuldade.

– E então, Vovó, deu tudo certo hoje?

– Sempre dá, não é mesmo, Joca? Mas alguns aceitam o caminho com mais facilidade, outros com menos. Fiquei muito feliz com um caso que presenciei hoje, em que um espírito até viu a imagem de sua mãe, o que o ajudou a amolecer o coração, mas fiquei muito triste com outro que não quer nem ouvir falar em melhora e quer continuar prejudicando os seus semelhantes. Faz parte do nosso trabalho.

– É muito edificante. Gostei muito de ter participado. Acho que quero continuar neste trabalho por muito tempo.

– É o que esperamos de você, nobre coruja. Você ficou famosa aqui na região, porque é difícil encontrar uma ave tão perspicaz e inteligente como você, já que as aves, em geral, são

inferiores aos humanos. É uma honra tê-la conosco em nossa equipe de apoio, embora ainda tenha muito que aprender sobre as coisas espirituais.

– A honra é toda minha, Vovó Sinhana. Sei dos meus limites e procurarei aprender sempre para ajudar cada vez mais. Está sendo uma viagem maravilhosa.

– Bem, fique por aí, perto do Hamilton, que conversarei agora com outros espíritos, está bem? Para você, está mais do que bom por hoje.

– Está bem, vou ficar por aqui.

Joca, então, pousou em uma cerca e ficou observando o trabalho dos demais. Ficou impressionado com a capacidade da Margareth de entender as questões psíquicas de cada um dos espíritos que conversava e com a humildade e carinho com que Maria tratava a todos, tentando deixar um sorriso ou um pinguinho de luz até para as almas mais endurecidas, sem fazer nenhum alarde e sem humilhar ninguém com a sua pureza de espírito. Era de se emocionar.

Findos os trabalhos, todos se uniram numa prece espontânea e fervorosa e partiram de volta, com uma rapidez ainda maior que na ida, por causa da vibração elevada de seus espíritos após as tarefas edificantes da qual haviam participado. Despediram-se ali mesmo.

– Ficamos muito satisfeitos com o seu trabalho, nobre coruja – agradeceu Rosa, em nome de todos. – Maria e Zelinha desejam lhe dar um ramo de calêndulas como lembrança da sua visita. Com certeza, estas flores durarão muitos dias, porque estão envoltas por uma energia muito pura. Aproveite-a bem.

– Muito obrigado a todos. Muito obrigado mesmo! Espero poder voltar.

– Ainda voltará muitas vezes, pode ter certeza. Vão com Deus.

– Joca! – disse Margareth. – Voltarei com vocês. Agora, você irá no meu colo, tudo bem?

– Claro! Será ótimo.

Todos sorriram com a educação humilde e irradiante da coruja e partiram de volta. Já era noite, o vento batia mais forte do que de costume e Joca ainda se encantou com o canto dos cristais do lago cantante e entendeu com mais profundidade o porquê do nome do lugar. Chegaram felizes e a coruja um pouco exausta, o que é muito normal para quem está há pouco tempo inserido nos trabalhos espirituais. Quando desceram do veículo, a ave fez uma observação que parece própria dos membros da família.

– Me veio à mente uma coisa que nunca pensei em perguntar. Como se chama esta colônia?

– Bem – respondeu Jussara –, aqui não é a colônia propriamente dita, é apenas uma clínica que faz parte da colônia Vista Alegre. Chamamos este lugar de Clínica das Flores, onde apenas trabalhamos. Todos nós que viemos no carro moramos lá na cidade principal da colônia, onde estudamos, trabalhamos e nos relacionamos. De vez em quando, há alguns eventos ou aulas no anfiteatro da clínica, mas é só. Na cidade, é que pululam eventos e locais para estudos. Em breve, levaremos você lá.

– Está combinado. Vou dormir um pouco, estou cansado.

– Boa noite, coruja! – desejaram todos.

Na verdade, Joca pouco dormiu. Foram tantas experiências e emoções que a mente da coruja ficou povoada de pensamentos, embora o coração tenha se enchido de uma serenidade ímpar.

CAPÍTULO 30

A AVOANTE ASSUSTADA

Tico e a pequena ararajuba Aiuru divertiram-se bastante na clareira, com a convivência oficial das araras. Alimentaram-se e ficaram curtindo o cair da tarde. Esta é a hora em que as araras mais conversam. O festival de pipilos estava muito fraco aquele dia, sinal de que não havia nada assim tão importante para ser decidido. Mesmo assim, as aves da clareira tinham as reuniões não somente como trabalho, mas também como diversão. O baixo coro permitiu aos dois jovens escutarem outro pipilar, a princípio, longe e alto. Entraram na mata para espiar e perceberam que não era tão escandaloso como o das araras; era mais baixo, porém, mais próximo.

Os dois recentes amigos aproximaram-se ainda mais e, a exemplo do coro das araras, não dava para entender uma só palavra. Afastaram algumas folhas e o que deu para ver foi um enorme manto cor de laranja em meio à escuridão inicial da noite. Tiveram que arrumar uma maneira de dar a volta para observarem a reunião sem serem percebidos pelas aves. Quando afastaram as folhas novamente, tomaram um susto. Eram os tucanos, pela primeira vez por ali. Que aves magistras, que beleza fantástica! O misto de laranja e preto que tinham visto era justamente as cores do bico e do corpo dos bichos, separadas por uma faixa branca na garganta. Havia mais de duzentos tucanos, cada qual mais bonito que outro.

– Você já viu coisa tão bonita assim na mata? – sussurrou Tico para Aiuru.

– Não. Nunca tinha visto. O máximo que cheguei a ver foi um tucano, de longe. Eles são realmente muito bonitos.

– Olhe! Aquele maior deve ser Toco.

– Como sabe?

– O bem-te-vi me contou.

– Bem, já está tarde – disse a ararajuba. – Sentirão a minha falta.

– Ficarei mais um pouco! Não tenho pais para me vigiar aqui.

– Está bem, mas não demore muito. Você conseguiu permissão para ficar aqui, então tem que agir direito.

– Está combinado! Pode ir, sem preocupação.

– Até mais! – despediu-se a ararajuba, que saiu voando.

O pardal estava maravilhado e não poderia perder aquela cena, pelo menos não até que escurecesse de fato. A tentação de ver os tucanos era muito grande, pois tinha prometido a si mesmo cumprir a sua missão de se relacionar com as aves que surgissem em seu caminho para aprender as coisas profundas da vida por meio do contato com elas. Mas tinha prometido às araras também que não manteria nenhum contato enquanto estivesse hospedado na clareira. Não sabia como proceder. Lembrou-se de seu pai e tentou pensar como a coruja procederia em uma situação como aquela.

Joca, por sua vez, já havia chegado de sua viagem e ficava relembrando todas as passagens da aventura. Depois de passados os momentos de êxtase, o que mais o impressionou foi a questão da consciência, que abalava tanto os espíritos endurecidos ou atordoados do Mato Seco. Por que haviam feito tantas coisas erradas? Será que a busca da felicidade fácil durante a vida material justificava tantos erros se encontrariam infelicidades na vida espiritual? Lembrou-se das lições de Stan sobre a evolução e da ideia de que cada um possui o seu tempo de evoluir. Ele mesmo, Joca, poderia errar também, como já ocorreu muitas vezes. Mas, naquele momento, a coruja já podia adivinhar. Todas as vezes que tinha um conflito, era a hora de mais uma lição da grande ave. A luz costumeira de Aepyornis se acendeu e

a Ave Suprema falou, para pai e filho:

– Queridos e estimados, a consciência é o bem de maior valor que podeis possuir. Se a tendes tranquila, é a semente da própria felicidade, seja onde estiverdes. Se a tendes perturbada, não importa o lugar, sempre estareis infelizes. Tendes ética e consciência reta que a felicidade vem por consequência. Hoje é o dia da décima lição (*A consciência e a ética*). Eis a sua primeira parte.

Se Deus está em tudo e manifesta-se através de tudo, a Consciência Natural é a própria Voz de Deus emanada de dentro do ser. Comete erro o ser que busca o futuro como o juízo. A Consciência Natural aponta, em qualquer momento, o que precisa ser transformado e o caminho a ser seguido. A recompensa é a própria consciência tranquila, no agora e não no futuro. A consciência é o próprio juízo.

– Amigos, é preciso que entendais melhor o que acabei de dizer. Não existe um juízo final e nem, categoricamente, um juízo espiritual que funcione como um tribunal inquisidor que encaminha o indivíduo para o céu ou para o inferno. O juízo não é futuro, é instantâneo. A consciência aponta a possibilidade de erro e o caminho correto. Quem não segue a consciência, tem o juízo já realizado instantaneamente pela consciência e sofrerá as consequências no momento certo. A própria consciência do indivíduo o perseguirá, mais cedo ou mais tarde. Agora, a segunda parte da décima lição.

Não há real felicidade sem ética, nem tampouco real ética sem a felicidade. Tentar ser feliz sem ética é querer ser melhor que os outros seres e tentar ter ética sem ser feliz é imposição de consciência. A ética é natural com a felicidade, ao passo que a felicidade é legítima com a ética.

– Estimados – continuou –, não imponhais a consciência que não possuíis pelo que julgueis de outrem. Cada um possui o seu quinhão de verdade e de justiça e a consciência de um muitas vezes não é a do outro. Portanto, segui o vosso próprio coração e a vossa própria consciência, sem deixardes de atentar aos bons conselhos que vos baterem à porta. Mas se errardes, que a amarga dor de errar se transforme na suprema certeza de aprender. Lembrai-vos de que, em muitos momentos, a vida é como o voo da gaivota: ela dá um rasante no canto do mar que escolheu e, quando parece pousar sobre a água e se afogar, sai de lá com um belo peixe. Por vezes, quando achais que tudo está perdido, está, na verdade, é sendo encontrado.

– O amigo Stan dirá ainda algumas palavras.

– Nobres aves! – disse o velho Stanislaw. – O segredo da grande guerra interior é não se armar contra inevitáveis aparentes inimigos, que, muitas vezes, se traduzem como a vida e a consciência, e não rebelar-se contra eles no primeiro combate. Muito pelo contrário, vencer com dignidade é curvar-se diante deles com humildade já no primeiro “ataque” e render-se com todas as forças, pois é o que leva ao caminho da paz e da retidão. Agindo assim, sem desânimo ou submissão, perde-se inimigos e ganha-se aliados.

– Um velho cientista¹ disse que “*existem três tipos de religião: a religião do temor, a religião da moral social e a religião da consciência cósmica*”. Ele quis dizer que o homem, de acordo com a sua evolução, cultiva bons princípios por meio de concepções distintas, conforme amadurece. Primeiramente, segue o caminho correto (ou aparentemente correto) simplesmente por temor a Deus e dos castigos que possam advir da zanga divina. Quando evolui um pouco, passa a seguir a moral social, ou seja, se importa com que a sociedade impõe ou com o que os outros pensam. Mais à frente, não segue o caminho correto nem por temor nem por causa dos demais, mas pela própria consciência e pelo próprio coração. Quem segue a

¹ Albert Einstein.

Consciência Natural sublima a consciência instintiva e a social e a transforma em consciência sublimada, tal como a fé sublimada (ou a fé com amor) sublima a fé cega e a fé raciocinada.

– Fiquem com Deus.

A luz de Aepyornis se apagou. Enquanto Joca tinha o seu dilema resolvido, Tico se recolheu e venceu a tentação de se encontrar com os tucanos. “Haverá outras oportunidades” – pensou. Percebeu que era melhor cumprir a promessa feita às araras que, no momento, era um exemplo muito maior de dignidade do que a sua própria afoita promessa de conhecer todas as aves, que poderia ser postergada. “Com que vergonha encararia novamente as araras após uma traição destas?” – e voltou para a clareira, sem dizer mais nenhuma palavra.

Na Mata da Encosta, imperava a felicidade no rosto de todos. Para um local que era antes completamente desabitado, a mata já estava com muitos habitantes: a perdiz Pygia, o canário Furriel e os pica-paus Chanchã, Tauá, Luco, Dico, Tico e Collis, além do pardal Tico, que havia ido embora, e das visitas esporádicas, como a da garça Karkia. Os filhotinhos cresciam rapidamente, já davam os primeiros pios mais altos e as penugens já queriam se transformar em penas. Dava para ver que Collis tinha a garganta amarela como a mãe, o que agradava muito a Chanchã, e os demais eram muito parecidos com o pai. A essa altura, Luco, o maiorzinho, já se aventurava em dar os primeiros pulinhos para fora do ninho, o que causava as primeiras reprimendas por parte dos pais.

– Luco! Deixe de ser teimoso! Já disse que você ainda está muito pequeno para sair do ninho. Ande! Volte! – ralhou Tauá, o que fez com que o filhotinho, assustado, voltasse sem reclamar e com que os demais não demonstrassem reação.

– Não adiantará muito – disse Chanchã. – Daqui a pouco, todos estarão pulando por aí.

– O problema, senhor pica-pau – explicou Tauá, com certa severidade de mãe cuidadosa –, é que moramos em um buraco quase rente ao chão e não no alto, como deveria ser. Então, um pulinho para

fora do ninho significa praticamente pular para fora do buraco. E os nossos filhotes são muito pequenos para se defenderem de algum visitante estranho na mata, principalmente à noite, quando estivermos dormindo.

– Está bem! – resmungou o pica-pau. – Você tem razão! Você tem razão!

– Olhe para eles! – amenizou Tauá, mudando de assunto e provocando o marido, com graça. – Não são lindos como a mamãe?

– Só se for na garganta, porque o resto vem do papai! – retrucou Chanchã. – Então, são lindos como nós dois! – desfechou a mãe dos pequeninos.

– Cada um é de um jeito, percebeu? – notou o pica-pau, já mais calmo. – Luco é o mais precoce, Tico o mais esperto, Dico o mais inteligente e Collis a mais graciosa.

– Sim! E a graciosa tinha que ser a mulher, não é mesmo?

– Claro, meu amor! As mulheres são sempre mais graciosas! Agora, deixe-me ir, tenho que buscar mais provisões.

Chanchã foi buscar alimentos, mas, antes, deu uma passadinha perto da toca da perdiz e da toca do canário. Estranhou o fato de os padrinhos não terem ido visitar os compadres aquele dia. Foi direto para a toca de Furriel e não encontrou ninguém.

– Ele não está aí, compadre! – gritou Pygia de sua toca, um pouco mais adiante. – Foi visitar uns biguás doentes com Karkia. Passará o dia todo no Vale dos Biguás.

– Está tudo bem com você, comadre? – gritou de volta o pica-pau, já voltando em direção à amiga. – Parece um pouco triste.

– Pareço?

– Sim, parece.

– Estou um pouco triste sim. Estou pensando no meu marido e se o nosso amigo pardal já o encontrou ou não.

– Bem, se o encontrou não sei, mas, se bem conheço aquele pardal, com certeza encontrará. Ele não é de descumprir as suas promessas, a não ser por uma causa muito grave.

– Pois é. É destas causas graves que tenho medo.

– Como assim, comadre?

– Não sei. Tenho medo de algum acidente ou algo parecido.

Lembra-se da história do gavião? A última notícia que tivemos é que ele tinha sido salvo de um gavião por uma águia. Ele pode ter outros acidentes. Não só perderíamos um amigo como eu perderia a única chance de me reencontrar com o meu marido.

– Não se aflija, comadre Pygia. O que tem que ser, será. Pense que nosso amigo é persistente o suficiente para chegar até o final de sua missão com vida e esperto o bastante para achar o seu marido. Pense positivamente.

– É isto o que farei, obrigado.

– Você me ajuda a buscar comida e levar para os filhinhos?

– Claro! Com prazer! – respondeu a madrinha das pequeninas aves.

Furriel fora com Karkia para o Vale dos Biguás, onde algo muito estranho havia acontecido. Tinham sido chamados para acudir alguns biguás doentes, o que já seria bastante diferente pela quantidade de pacientes de uma só vez, mas o verdadeiro motivo não era este. Aparecera no Vale dos Biguás uma avoante assustada, o que foi suficiente para causar uma algazarra entre as garças e os biguás. A avoante estava ferida e cansada, com um filhote trazido pelo bico. Enquanto a maioria dos biguás e poucas garças queriam matá-la ou mandá-la embora, outro grupo queria tratá-la primeiro antes de tomar qualquer providência, o que quase causou uma verdadeira guerra. Quando o canário chegou, a confusão aumentou, porque havia sido chamado sem o consentimento da outra metade dos habitantes do vale.

– Ela não deveria estar aqui! – disse um biguá, referindo-se à avoante. – Vamos expulsá-la! Se ela não tiver como voar, vamos matá-la então! O filhote fica e, quando tiver condições de voar, vai embora.

– De jeito nenhum! Olhem a face assustada dela. Ela só quer proteger o filhote, mais nada. Não há perigo algum.

– Ela pode ser uma espiã. Trouxe o filhote para disfarçar e quer nos tirar informações. Não a deixem ficar aqui. Já vieram com truques piores.

– Já basta! – disse Karkia. – Vamos interrogá-la, então. Qual o seu nome, querida?

A ave estava realmente assustada e não havia soltado um pio sequer desde que chegou. Uma vez mais calma e percebendo que a garça havia tido alguma compaixão, resolveu responder e soltou o filhote no chão.

– Meu nome é Zenaida e sou uma avoante¹. Meu marido e um dos meus filhotes foram mortos no vale onde ficam os gaviões e consegui fugir com outro filhote.

– Estão vendo? Estão vendo? – disse um biguá esbravejado. – Os gaviões as expulsaram ou mataram. Não devemos confiar nela.

– Calma, biguá! – irritou-se a garça. – Não me interrompa, por favor. Deixe-me conversar com ela.

O clima não estava muito bom. Desde que Furriel passou a ajudar no Vale dos Biguás, nunca tinha visto uma concentração tão grande de aves – garças e biguás – pousadas no chão num mesmo lugar. Algo realmente muito sério havia acontecido, mas o canário não entendia o porquê de tanto furor, já que Tico também estivera ali uma vez e o quórum do interrogatório fora muito menor.

– Meu bem! – continuou Karkia. – Pode se acalmar. Tenho certeza de que ninguém aqui lhe machucará e nem ao seu filhote. Mas precisamos saber exatamente o que aconteceu.

– Dona Garça – respondeu a avoante, um pouco menos assustada –, eu viajava com meu marido para morar com a nossa família em um lugar mais tranquilo do que a floresta onde vivíamos, quando um gavião nos atacou quando sobrevoávamos um vale. Não sei por que isto aconteceu, já que eu achava que fora da mata era mais calmo do que dentro dela. Tentei salvar o meu marido e o outro filhote

¹ Vem do nome científico da avoante (*Zenaida auriculata virgata*).

que estava com ele, mas recebi uma bicada do gavião, o que me fez cair longe, mas sem machucar o meu outro filhote que sobreviveu. Estou ferida e preciso de ajuda, pois ainda sangro bastante. Enquanto discutem o meu destino, a minha ferida somente piora e os meus filhotes estão com fome.

Embora Karkia não tenha gostado do *dona*, ouviu a avoante com atenção, tentando ser justa e acreditando na sinceridade chorosa da ave, entendendo que a razão de tamanha confusão era apenas que Zenaida e o seu filhote tinham vindo da direção do Vale dos Gaviões e que os biguás a confundiram com uma espiã.

– Está bem, querida avoante! – disse a garça, olhando para os biguás, que também acabaram se convencendo de que não haveria tanto perigo como imaginavam. – Eu e Furriel cuidaremos de você e de seu filhote com todo o carinho.

O canário já havia trago algumas ervas e fiapos, o que foi suficiente para curar a ferida da avoante, que não havia sido tão grave assim. O sangue que brotava por debaixo das penas tinha causado a falsa impressão de que a ferida era profunda, mas o acidente estava recente, o que podia ser atestado pelo nervosismo e pelas lágrimas da ave. A maior preocupação era com o filhote recém-nascido, mas Karkia utilizou algumas infusões feitas com as mesmas ervas curativas que Furriel trouxera.

O canário estava preocupado com o lado emocional da ave, que tinha acabado de perder o marido e um filhote, mas reduzir a algazarra dos biguás e curar a avoante eram as prioridades naquele momento. Mesmo com a sensação de iminente perigo aliviada, os biguás não se afastaram. O medo deles de um perigo era, talvez, maior do que o da avoante. Esperaram os cuidados médicos e se manifestaram, por meio de um deles.

– Karkia, aceitamos que a pequena ave não é uma espiã e, por isto, não vamos matá-la, mas não a queremos por aqui. Já é uma vantagem deixá-la partir.

– Está bem assim então, biguás – respondeu a garça, girando o

olhar em direção à avoante. – Você concorda, Zenaida?

– Tudo bem! Mas para onde vou agora? Não conheço esta região.

– Podemos levá-la para a Mata da Encosta! – interveio o canário, olhando para a garça e lhe sussurrando, bem baixinho. – Lá tem espaço de sobra e a perdiz pode fazer companhia a ela, já que suas histórias são semelhantes, além de serem muito parecidas fisicamente também.

– Faça como quiser, pequeno canário! – respondeu Karkia, também em um sussurro, para Furriel e Zenaida. – O que não pode acontecer é a presença dela servir como motivo de algazarra para os biguás e as garças. Podemos ir mesmo para a Mata da Encosta, tudo bem, avoante?

– Por mim, tudo bem. Não tenho para onde ir mesmo. Só quero viver em paz com o meu filhote.

– Então – disse a garça –, levarei você pelo bico. Você tem força para levar o seu filhote?

– Tenho força para levá-lo a qualquer lugar. Nunca abandono os meus filhotes. Revezava com o meu marido, mas, agora tenho que cuidar do que sobrou sozinha.

– Sozinha não! – disse o canário. – Na Mata da Encosta, somos uns pelos outros. Você gostará de viver lá.

A avoante não respondeu, mas o canário percebeu que a esperança estava nos olhos dela. Sua vida havia mudado repentinamente em apenas alguns dias. Seus filhotes nasceram, a família resolveu se mudar, seu marido e um dos filhotes foram assassinados, ela se feriu, foi acusada de espiã, foi curada por uma médica e por um enfermeiro e arranhou outro lugar para viver. Furriel entendia isto e procurou, ao mesmo tempo em que consolar a paciente, deixá-la tranquila quanto à futura morada.

Foram direto para o buraco de Pygia, que cabe muitas pequenas aves, embora a entrada seja bastante estreita. A perdiz botou o bico para fora e olhou, assustada, quatro aves já fazendo sombra

sobre a sua toca. Para ela, o canário tinha ido cuidar dos biguás junto com a garça e, de repente, voltou com outras aves que não conhecia. Percebendo que vinham em sua direção, colocou-se em posição de anfitriã e cumprimentou os visitantes.

– Boa tarde a todos! Sejam todos bem-vindos! Em que posso lhes ajudar?

– Boa tarde, Pygia! – cumprimentou o canário. – Você tem lugar aí esta noite para abrigar uma avoante cansada e o seu filhote?

– Claro que tenho! Sintam-se à vontade! Mas você não é uma juriti? Pelo que conheço, você é uma juriti.

– Bem, ela se diz avoante! – antecipou-se o canário.

– Acho que sou as duas coisas. Sou uma avoante ou juriti-carregadeira. Existem várias espécies de juriti. Eu sou a carregadeira, mas, para desfazer a confusão com outras juritis, prefiro utilizar a designação de avoante. Mas, se não se importam, eu e o meu filhote precisamos dormir logo. Tivemos um dia cheio e triste e estamos enormemente cansados.

– Claro! Vamos entrar! As folhas que me serviram de leito enquanto eu estava doente ainda estão ali, podem usar. Vocês já se alimentaram?

– A garça e o canário já nos alimentaram enquanto fomos tratados, obrigada. Queremos somente dormir.

Nisto, o canário foi saindo do buraco e percebeu que a garça, depois da missão, já havia ido fazia algum tempo. Despediu-se da perdiz com um aceno e deixou que a amiga cuidasse dos visitantes, deixando escapar um pouquinho de ciúme, já que moravam próximos fazia algum tempo. Pygia sorriu e o canário voou satisfeito para poucas árvores adiante, onde era a sua toca. A perdiz se acomodou em um canto e deixou o leito principal para a avoante e o seu filhote. Percebeu algum choro sufocado pela vergonha e, depois, ouviu somente farfalhas de um sono longo e pesado.

CAPÍTULO 31

A GRANDE CARAVANA

Depois das palavras de Aepyornis no meio da mata em frente aos tucanos, Tico havia voltado para a clareira, para onde já tinha ido Aiuru, e se recolheu, entrando direto para a sua toca. Quando acordou no dia seguinte, refletiu que andar pelo Abismo das Araras “oficialmente livre” era melhor do que ser vigiado, mas bem pior do que caminhar realmente livre, em um ambiente que, segundo o bem-te-vi, deveria ser para todos. Neste momento, pensou que Pituã havia lhe contado apenas parte do que ocorria na floresta. Dizendo que a floresta era de todos, quis dizer que era de todos que já viviam lá e, referindo-se ao trabalho das aves, não parecia deixar claro que o trabalho era de vigilância. Durante muitos dias, ficaria em dúvida se o bem-te-vi teria agido com mentira ou com omissão.

Finalmente, saiu da toca. Por ali, já estava Aiuru, vigiado de longe por sua mãe Juba, que não queria deixar o pardal assim tão solto e tão próximo do filho ao mesmo tempo. Depois, observando o tipo de conversa inocente que imperava entre os dois amigos, a ararajuba foi para dentro da floresta fofocar com as amigas. Depois que a arara se afastou, Tico se apressou em entrevistar o amigo.

- Aiuru, preciso lhe perguntar algumas coisas.
- Pode perguntar.
- O que faziam tantos tucanos na mata ontem?
- Ora, reuniões. Eles só fazem isto ultimamente, mas não tão próximos como estavam.

– Mas que tipo de reuniões?

– Bem, não sei. Minha mãe não me fala das reuniões das araras, quanto mais dos tucanos. Só sei que muitas informações das reuniões das araras são repassadas aos tucanos.

– Me diga, os tucanos são os chefes da floresta?

– Sim, são sim. Eles é que dirigem a floresta. E as araras dominam o abismo, que pertence à floresta.

– Então, as araras são subordinadas aos tucanos, é isto?

– Isto mesmo. Macau é a líder das araras, minha mãe Juba é a segunda na ordem, depois Canã. Mas devem respeito aos tucanos, os senhores da floresta. E, entre eles, existe um líder, que se chama Toco. É só o que sei.

O pardal estava achando aquilo tudo muito estranho, pois o bem-te-vi não disse nada sobre haver líderes na floresta, embora tenha mencionado os tucanos. Disse algumas coisas certas, mas outras não conferem. Depois das atitudes das araras sobre a permanência do pardal, as reuniões secretas e a proibição de revelar informações aos tucanos e de aproximar-se deles, teve certeza de que muita coisa estava por trás das simples palavras de Pituã e de outras aves. Mas não se importou com isto demasiadamente, pois sua missão era outra. “Tenho que conhecer as aves e as coisas profundas da vida” – pensou. “O resto são detalhes”. Depois de pensar uns segundos, respondeu ao amigo.

– Entendi, Aiuru. Estava achando estranho, mas, em todos os lugares, existem chefes, não é mesmo? Entre os humanos, por todos os lados, existem muitos deles. Então, é uma coisa normal.

– Sim, isto é normal por aqui mesmo. Desde que nasci, é assim.

Neste momento, o festival de pipilos tinha diminuído um pouco e Tico ouvia o bater de asas de, pelo menos, vinte araras para dentro da clareira. Mais cinco segundos e todas estavam ao seu redor e de Aiuru, parecendo satisfeitas após longa reunião, como de costume.

– Olhem! É o pardal engraçadinho! – disse Severa.

– É mesmo! – concordou Macau. – Comportou-se bem, Tico?

– Sim, me comportei. Aiuru está de prova!

– Foi assim mesmo, Aiuru? – inquiriu a arara-vermelha.

– Foi sim, Macau! Ele nem chegou perto dos tucanos!

– Então, vamos dar-lhe um voto de confiança, não é, Canã?

– Sim, é possível – respondeu a maracanã-macho, com semblante fechado. – É possível.

– O que acha, Arari? – questionou a arara-vermelha, sussurrando aos ouvidos da arara-canindé.

– Acho que devemos acabar logo com esta desconfiança aparente, pois o pardal começará a estranhar as nossas atitudes. Afinal, não parece ser perigoso de forma alguma. Bem se vê que não sabe nada do lugar e está meio perdido. É melhor tomá-lo como nosso do que o expulsarmos daqui.

– Então, senhor pardal! – disse Macau, voltando os olhos novamente para Tico. – Você pode andar livremente pelo Abismo das Araras que você mesmo batizou. Vou pedir a Juba para espalhar isto por aí.

– Muito obrigado! Estou lisonjeado por poder andar livremente pelo abismo.

O pardal achou estranhíssimo, pois ficou com a sensação de ter visto sua liberdade ter sido aprovada pela segunda vez. “Isto já não tinha sido deliberado em outra reunião?” – pensou. “Está certo que as araras adoram se reunir e tagarelar, mas o que eu teria demais para que se reunissem em todos os momentos sobre o mesmo assunto? Era muita desconfiança realmente!” – concluiu Tico, após ter ouvido alguma coisa dos sussurros de Macau a Arari. Depois de alguns segundos de pensamento, lembrou-se de Aiuru e se pôs a voar e brincar novamente com a ararajuba.

– Aiuru! – disse Tico, parando de voar, de repente. – Não conte a ninguém, mas acho que não ficarei muito tempo mais aqui.

– Tudo bem! Não vou contar! Mas quer um conselho? Espere as araras se esquecerem de você e se preocuparem com outra coisa.

Não deve demorar a aparecer outra novidade.

– Está certo. Farei assim como você está dizendo. Muito obrigado pelo conselho.

– Mas por que quer partir?

– Não sei. Algo me disse que devo ir embora logo. Afinal, tenho, enfim, muito que conhecer por aí.

– Entendo. Também tenho essa vontade, mas as araras não me deixariam nunca fazer isto, principalmente minha mãe. Minha terra é aqui, não sei se teria coragem.

– A coragem é a arma natural do destino dos mais medrosos. É o impulso da vida contra a resistência ao que vem pela frente. Se tiver que ir, acabará indo. Se tiver que ficar, achará outro caminho para a sua vontade. Isto quem disse foi um amigo humano de meu pai que morreu.

– Sábio esse amigo do seu pai, heim? Como ele se chamava?

– Stan. Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente. Um dia, ainda irei.

– Como sabe? Você acredita que os humanos e as aves vivem após a morte?

– Claro. Por que não deveriam? – disse Tico, com entusiasmo.

– Tem que haver algum sentido para a vida, pois, caso contrário, para que viveríamos e nos esforçaríamos para sermos bons?

– Ouvindo você falar assim, até eu acredito.

– Pois pode acreditar, Aiuru. Existe mesmo uma vida depois da morte. Existem florestas lá, inclusive.

– Tomara que exista mesmo. Também acharia muito estranho morrer e dormir para sempre.

– Sabendo dessas coisas, é que visito todas as aves que posso para conhecer as coisas profundas da vida. Fui incumbido de uma missão por meu pai e por outra ave amiga dele e eu aceitei, pois eu mesmo já queria ir embora. Nasci com uma vontade irresistível de correr o mundo atrás de respostas, observando outras aves. E, assim, venho fazendo desde então.

- Ai! Quem me dera se eu pudesse ir com você.
- Você pode. Basta querer e voar.
- Não é tão simples assim! – disse a ararajuba-macho, tristonha.
- É sim! Por que não seria?
- Já disse. Tenho minha mãe, minha terra, minha vida aqui.
- Vida? Você nem pode participar das reuniões delas! – provocou o pardal.
- E ainda tem mais uma coisa! – disse Aiuru, sem se importar com a provocação.
- Diga!
- As araras mandariam o mundo atrás de você, achando que me raptou ou me convenceu.
- Ah! Mas para isto, posso bolar até um plano.
- Mas para que um plano, se eu não vou?
- Bem, aí é você quem sabe, mas lhe contarei o plano assim mesmo.
- Conte, então.
- Vou uma semana na frente, marcamos um ponto na floresta e, quando as araras se esquecerem que existo, você vai.
- Ai! Isso não daria certo!
- Por quê?
- Porque todos na floresta sabem que as araras vivem somente no abismo.
- Sabem que as araras vivem, mas aposto que, tirando os tucanos, as outras aves nunca viram uma ararajuba.
- É, acho que não. Talvez somente os mais antigos.
- Por que os mais antigos? – perguntou o pardal, curioso.
- Porque, antigamente, havia trânsito livre na floresta. Hoje em dia, não é mais assim. Todas as aves tendem a ficar onde estão. Não vagueiam sem permissão.
- Nossa! – exclamou o pardal.
- O que foi? – preocupou-se Aiuru.

– Mais uma que o bem-te-vi não me disse ou me disse errado. Não estou entendendo mais nada.

– Nem quero saber como seria se me vissem falando estas coisas para você. Minha mãe me daria uma surra.

– É só não dizer, ora. Eu é que não contarei.

– Está certo.

– Mas olhe! Demorarei alguns dias para ir embora, como você me aconselhou. Até lá, você vai pensando no que eu lhe disse.

– Tudo bem, mas não vejo muita chance disto acontecer.

– De qualquer modo, pense nisto.

– Está bem. Vamos sobrevoar a clareira? – sugeriu a ararajuba.

– Claro. Só se for agora! – aceitou o pardal.

E os dois amigos foram vistos em uma decolagem surpreendente de quem queria alcançar o céu em um só impulso até que lançaram os seus corpos em queda livre e planando, em uma bela rasante pela clareira até subirem novamente. Até nos mais incrédulos e desconfiados, dava gosto de ver duas aves tão diferentes divertindo-se juntas na floresta, até que, exaustas, foram dormir.

Mal amanheceu o dia seguinte e Joca foi chamado rapidamente por Jussara.

– Joca! Joca! Vamos! Você perderá a aula de Stan!

– Aula de Stan? – gritou a coruja, assustada. – Já de manhã?

– Sim! Vamos viajar em breve e ele quer deixar a aula dada.

Seu filho estará lá também, então estique essas asas e voe para o centro do jardim.

A toca era próxima, mas o fato de interromper o sono da coruja tornava o local meio distante, pois a coruja demorou a perceber as muitas vozes que lhe pareciam estar longe. Quando saiu da toca, viu que o quórum naquele dia era recorde. Além dos alunos de sempre, do velho Stan e dos companheiros da clínica, vários outros espíritos estavam ali, num total que beirava duzentos ou duzentos e cinquenta assistentes. O lago estava especialmente bonito naquele dia,

pois os raios do sol bateram na água de forma horizontal, formando um espelho bellissimo, embelezando ainda mais as margaridas e flores-de-lis e deixando os assistentes ainda mais felizes e aconchegados. Joca, como sempre, pousou perto de Hélio, que vinha se tornando um grande amigo.

– Amigos! – começou Stan a falar, já um pouco depois da hora combinada. – Hoje é um dia especial para a colônia Vista Alegre, da qual fazemos parte. Foi decidido que, desta vez, partirá daqui a grande caravana e, por isto, estamos muito felizes. Por isto, convidamos todos os que viajarão para ouvirem esta palestra que, ao mesmo tempo, será a cerimônia de abertura da viagem depois da aula costumeira. Espero que aproveitem bem tudo o que aqui for dito.

Desta vez, até a salva de palmas foi diferente, haja vista o entusiasmo de todos. Joca avistou, de longe, a figura meio translúcida do filho Tico, que fora trazido e deixado aos cuidados de Jussara e Sinval. A coruja viu também os companheiros de Vista Alegre e de Canto dos Cristais: Margareth, Flor de Lis, Vovó Sinhana, Pai João, Zelinha, Rosinha e Hamilton, além de Maria. Enquanto a coruja os observava, a aula começara.

– Bem – iniciou Stan –, já dissemos em outras aulas que existem caminhos ilusórios, o que causou questionamentos em muitos de nossos alunos. Chegou a hora de explicar o que é isto, embora seja algo simples. Sabemos que existe um caminho natural, aquele que está de acordo com a lei divina e do qual não deveríamos nunca desviar. Mas, uma vez que não somos perfeitos e que temos diversos defeitos, nascidos do orgulho e do egoísmo, acabamos por seguir caminhos ilusórios e, claro, assumimos consequências por estes atos, a famosa Lei de Ação e Reação.

– Quer dizer que pagamos por nossos erros? – disse Felipe, o garotinho de 10 anos.

– Tem muita gente que não gosta deste termo, Felipe, mas é isto mesmo. Uma vez que realizamos o que se pode chamar de “decolagem vetorial” quando erramos, numa projeção elíptica que

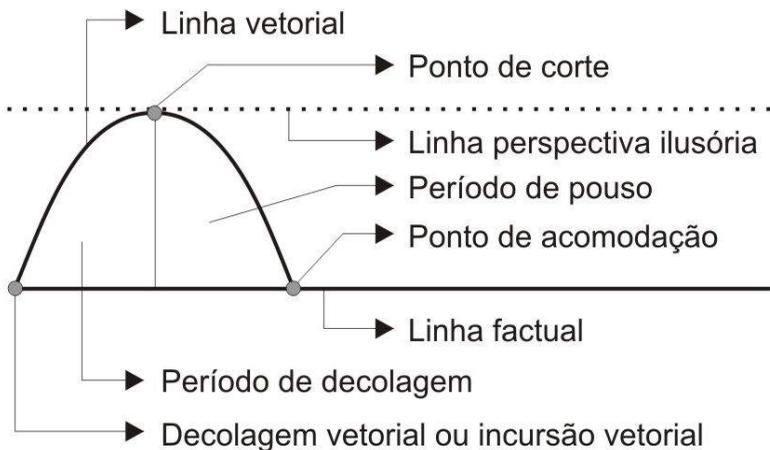
encontra um ápice e depois cai, a própria queda e o ajuste à lei divina é a nossa paga.

– Nossa! – espantou-se Hélio. – Como é isso?

– Explicarei melhor. O caminho natural é o que chamo de “linha factual”, que são os fatos da vida traçados hoje com base em nossas atitudes do passado. Devemos segui-la, com serenidade e paciência. Quando o orgulho e o egoísmo não deixam, tentamos alcançar um degrau a mais, realizando uma decolagem vetorial, como um avião que decola para o alto em sentido diagonal.

– Nossa! Que difícil, professor! – disse Gabriela. – Não entendi.

– Não é nada! Olhe esta figura que construí. A linha horizontal é a linha factual. A meia elipse que é formada acima dela é a linha vetorial, em que o orgulho ou o egoísmo são as forças vetoriais que impulsionam o indivíduo para acima da linha factual – fora da lei divina – e em direção a um ponto mais alto, criando uma linha factual ilusória (ou linha perspectiva ilusória).



– É como um castelo de ilusões, professor? – disse Marina.

– Exatamente. O indivíduo acha que o caminho dele é aquela linha perspectiva ilusória e tenta mantê-la a todo custo, invadindo a liberdade dos outros indivíduos e fugindo da lei divina.

– Mas, então, o que o impede, professor? – indagou Gabriela.

– Ah! Chegamos ao ponto chave. A lei divina puxa o indivíduo para baixo, como uma gravidade factual. Aí, portanto, temos duas forças atuando sobre o indivíduo: a força vetorial que ele mesmo criou, reforçada pelas suas tendências anteriores, puxando para cima; e a gravidade factual, puxando para baixo. Enquanto o orgulho e o egoísmo forem suficientes para manter uma “casa sobre a areia” das ilusões, a força vetorial é maior que a gravidade factual e o avião sobe, diagonalmente. Depois, vai perdendo força, desacelera (mas continua subindo) e chega a um ponto de corte¹.

– Nossa! E como é este ponto de corte? – perguntou Felipe.

– Este ponto é difícil. O orgulho e o egoísmo não deixam o indivíduo admitir que a sua luta está quase perdida e aí começa uma revolta, cuja intensidade depende da evolução de cada um. Se não for suficientemente maduro para se deixar humilhar ou se desapegar, vai brigando consigo mesmo até perder as forças. Por isto, é que se diz que, “*se alguém te forçar a andar um quilômetro, caminha dois com ele*”². Se o indivíduo não criar resistência no ponto de corte, tanto melhor para ele, pois “*quem se humilha, será exaltado e quem se exalta será humilhado*”³, entendeu?

– Entendi. Mas e o período do pouso do avião?

– Pois é. O máximo que o indivíduo mais humilde ou desapegado consegue é aliviar a sua queda, pois ela acontecerá. O arrependimento, embora ajude, não é suficiente para apagar a falta. A queda, também diagonal, fará com que o indivíduo orgulhoso ou egoísta quebre o seu orgulho ou o seu apego e reflita sobre os seus

¹ Veja Apêndice B.

² Mateus 5:41.

³ Mateus 23:12.

atos falhos, de modo que não os cometa mais ou, pelo menos, não com a mesma intensidade. O famoso dito “*vá e não peques mais*”¹ não indica que as faltas deixarão de assistir ou serão imediatamente perdoadas, pois não se transforma um pecador em anjo de uma só vez e o ajuste do indivíduo à lei divina fará com que reveja muitas questões, de uma forma, muitas vezes, bastante amarga.

– Professor, estou cada vez mais curioso. E quando o indivíduo finalmente pausa? – continuou perguntando Felipe.

– Não tem problema estar curioso. Estou aqui para isto. Estou preocupado com os demais alunos. Estão todos entendendo?

Não houve resposta. Stan olhou para todos e percebeu que havia somente dois grupos: aqueles que entenderam perfeitamente e aqueles que praticamente não entenderam nada. Compreendeu que cada um, ao seu tempo, poderá conceber estas abstrações magníficas acerca das consequências dos desvios da lei divina. Observando que Joca nem piscava, prosseguiu com a sua tarefa.

– Bem, voltando, recordemos, então, os tópicos, de forma mais didática, antes de continuar. O indivíduo tinha um caminho correto para seguir e as suas tendências anteriores o fizeram acreditar que seria possível encontrar um caminho ilusório compatível com o seu orgulho ou com o seu egoísmo, muitas vezes inconsciente. Como o caminho é ilusório, em algum momento, ele perde força e começa a despencar, o que provoca uma intensa luta interna no indivíduo e esta resistência começa a ferir a si mesmo e aos que estão em sua volta, até o momento em que a queda torna-se inevitável e a gravidade factual vence a força vetorial. Melhorou?

– Melhorou sim, professor! – disse Gabriela.

Stan sentiu que realmente havia melhorado. Os que haviam entendido compreenderam ainda mais e os que estavam confusos começaram a enxergar alguma coisa. Muitas vezes, palavras difíceis não servem para muita coisa, a não ser para dar nomes científicos aos

¹ João 8:11.

fenômenos.

– Bem, vamos então ao pouso, como pediu Felipe. Uma vez que a força vetorial acaba e a força da gravidade puxa o indivíduo para baixo, um processo de resignação ou abnegação acontece, com intensidades diferentes para cada indivíduo. Pode ser desde uma triste aceitação do sofrimento, entendendo a inutilidade de subir no momento, até uma esperançosa renúncia verdadeira do degrau mais alto, conduzida por momentos reflexivos. Este período de ajuste à lei divina é, em todos os casos, bastante crítico, mesmo se bem traçado.

– Isto é o que todos chamam de provas e expiações? – perguntou Hélio.

– Quase, Hélio. Isto é o que chamamos de expiações, cujo significado é realmente remir a culpa (ou pagar pelo erro). Prova é outra coisa, embora toda expiação também seja uma prova.

– E o que seria a prova, professor?

– Bem, uma vez que o indivíduo pousou e seguiu natural ou forçosamente o caminho correto, é preciso que se consolide o aprendizado. Portanto, no futuro, como um ciclo, as mesmas circunstâncias que deram origem ao erro anterior são reunidas para testar o indivíduo mais algumas vezes. Aquele que ainda não aprendeu passará pelo teste ou prova, talvez errando novamente, mas com menos intensidade, por causa dos anticorpos espirituais que já aprendemos anteriormente. Aquele que aprendeu, passará pela prova da solidificação dos conhecimentos ainda mais inúmeras vezes, *“enquanto reste um único iota e um único ponto”*¹.

– Nossa, professor, que belíssimos conceitos são estes! – disse Marina.

– São sim, Marina. E não são difíceis de serem notados. Basta olhar para si mesma durante a sua vida e verá que são verdadeiros.

– Sem dúvida. Agora já não tenho mais dúvida nenhuma disto. Mas, se tiver, vou procurá-lo.

¹ Mateus 5:18.

– Estou sempre à disposição. Mas não agora, pois já começaremos a cerimônia de abertura da caravana. Queria chamar à frente aqui Pai João, nosso eterno condutor, Margareth, chefe da nossa caravana de Vista Alegre, e Maria, chefe geral da grande caravana.

Neste momento, Tico foi levado de volta à floresta e os olhos de Joca brilhavam. A coruja havia ficado impressionada com a humildade de Maria desde a missão de Mato Seco. “Como uma pessoa tão meiga, carinhosa e humilde pode ser chefe de uma caravana tão importante?” – pensou. Percebendo o pensamento não somente de Joca, mas de alguns outros membros da colônia Vista Alegre, Stan interveio.

– Alguns de vocês devem estar estranhando a presença de Maria como a chefe da grande caravana. Não tem problema, no começo eu também estranhei. Mas saibam que esta meiguice esconde uma enorme sabedoria, pois, quanto mais evoluído é o espírito, mais humilde ele é. Não falo daquela humildade sufocada pela timidez, pelo trauma ou pelo sofrimento, falo daquela humildade natural de quem teria tudo para se orgulhar, mas não o faz. Por isto, não há dúvidas de que, entre todos os que estão presentes, Maria é a mais preparada para chefiar a nossa caravana. Vamos dar a ela a palavra.

Foi possível vislumbrar o ambiente mudando a cada vez que aquela mulher falava. A doçura que emanava de seus lábios por meio da voz tocava os corações de todos os presentes. Joca estava maravilhado.

– Meus queridos amigos, muito obrigado por me confiarem mais esta missão. Não mereço tantos elogios, embora considere que minha experiência seja útil para a empreitada. Não obstante, existem outras pessoas que poderiam também chefiar tranquilamente a grande caravana, como o meu amigo de várias jornadas Stanislaw, a querida Margareth e o valoroso Pai João, entre outros, para apenas citar como exemplo os que estão aqui comigo. Visitaremos dois planetas amigos, cujos habitantes estão ansiosos com a nossa visita. Demoraremos algumas semanas da Terra para retornar, mas traremos imensas

colaborações dos companheiros de Marte e Saturno.

– Primeiramente, visitaremos Marte, pois muitos viajarão pela primeira vez e a jornada até lá é mais curta. Depois, visitaremos Saturno, para depois retornar diretamente ao nosso planeta, após a experiência de viajar pelo espaço. Pai João será o nosso condutor, pois conhece muito bem os percalços do caminho e as diferenças de vibrações nas atmosferas que atravessaremos, inclusive na terrena. Pai João, por favor, detalhe como será a experiência.

– Bem, tanto a atmosfera espiritual terrena como a dos outros planetas serão igualmente difíceis de transpor para a maioria, justamente pela diferença de energia que existem entre elas e dentro delas: a terrena, por conter inúmeras colônias sobrepostas com vibrações bastante diferenciadas, muitas delas formando um campo magnético bastante espesso e escuro; a marciana e a saturniana, por serem muito menos densas que a terrena e, por isso mesmo, serem um pouco incompatíveis com os nossos espíritos. Por isto, todos deverão se banhar na cachoeira de Vista Alegre e visitar o lago cantante de Canto dos Cristais. Faremos isto assim que daqui sairmos. Agora, passo a palavra à nossa chefe da sub-caravana de Vista Alegre. Margareth, por favor.

– Que Deus esteja no coração de todos vocês! Amigos, será um prazer trabalhar com todos – disse Margot, olhando nos olhos de Joca. – Minha nobre coruja, não será possível você ir conosco, pois ainda está se recuperando do desenlace terreno e o seu espírito de ave não suportaria tal viagem na ocasião em que está. Prometo relatar, na volta, todos os acontecimentos, está bem?

Joca respondeu com um abrir e fechar de bico e de asas e aceitou bem, pois Sinval e Jussara haviam lhe contado que viajariam e, caso fosse convidado para uma caravana desta natureza, naturalmente já teriam lhe contado. Percebendo a tranquilidade da coruja, a chefe continuou.

– Falo agora à caravana de Vista Alegre. Chegou a hora de trazermos novos instrumentos de medicina à Terra, haja vista a sua

revolução tecnológica e a finalização das grandes transformações que se sucederam. Marte possui evolução mais acanhada que Saturno e os seus aparelhos são, claro, mais simples, embora bem mais adiantados que os da Terra. Em Marte, portanto, procuraremos muito mais o aperfeiçoamento de aparelhos que já existem na Terra do que instrumentos que não existem. Em Saturno, pela sua maior evolução, o que torna os habitantes livres de muitas doenças terrenas, buscaremos mais inovações do que aperfeiçoamentos. É possível que nos deixem trazer alguns protótipos ou desmaterializá-los, mas é importante trazermos projetos ou observar bem o funcionamento deles, cada qual em sua área específica. Espero ter saciado a curiosidade de muitos. Retorno a palavra ao amigo Stan.

– Bem, meus amigos, consideramos, então, aberta a viagem da grande caravana. Os espíritos relacionados irão agora para a cidade de Vista Alegre, onde se encontrarão com as outras caravanas e partirão para Canto dos Cristais, de onde partirão definitivamente. Sinto-me honrado por, no meio de tantos espíritos dedicados e valorosos, ter sido escolhido para abrir a grande caravana. Espero poder colaborar com Maria e Margareth e retornar com boas notícias aos habitantes da nossa colônia.

Joca estava exultante com a alegria de Stan e dos outros amigos. Mas, pela primeira vez, depois de muito tempo, sentiu a solidão de perder o amparo dos amigos queridos por algumas semanas. Entrou em sua toca e, apesar dos encontros periódicos com Hélio, aproveitou para ocupar-se com reflexões.

CAPÍTULO 32

ADEUS AO ABISMO

Pygia abriu os olhos e mal lembrou-se de que tinha visitantes. Ficou por uns instantes imaginando que somente existia ela e o mundo e, depois de algum tempo, ouviu um fino pio, quase como um choro. Era o filhote da avoante, que reclamava comida da mãe que ainda dormia. A perdiz levantou-se e deu uma pequena bicadinha no dorso da avoante cansada e começou a resmungar.

– Acorde, avoante! Seu filhote quer se alimentar. Você já descansou?

– Estou triste, mas descansada.

– O que seu filhote come? Posso buscar para você.

– Pode deixar que eu mesma pego, obrigada. Você perderá tempo até encontrar.

– Pelo menos, deixe-me mostrar onde se tem mais alimento.

– Está certo! Onde?

– Para aquele lado, naquelas árvores, a quantidade de comida é maior disse Pygia, apontando o local para a avoante, já do lado de fora do buraco.

– Tome conta do meu filhote, por favor.

– Como ele se chama? E você?

– Parari¹ é o meu filhote e Zenaida é o meu nome.

¹ Vem do nome vulgar que também designa a avoante (*Zenaida auriculata virgata*).

– Muito prazer! Eu sou Pygia, a perdiz. Pode deixar que cuidarei dele como se fosse o meu filhote.

– Está bem, confio em você. Já volto.

Pygia ficou olhando para o filhote: Parari era diferente da mãe. Ele era negro, ela parda. Ele era rajado, ela com penas lisas. Ele tinha bico reto, ela um pouco curvo. Ele tímido e ainda sem pescoço, ela altiva e esguia. Mas era questão de tempo para ficar bem parecido com a avoante que o havia deixado aos seus cuidados. A mãe voltou rapidamente, alimentou o filhote e logo agradeceu.

– Muito obrigada por cuidar do meu filhote. Desculpe o mau jeito ontem. Eu estava desesperada e muito cansada.

– Sem problemas, Zenaida. Já passei por algo parecido e sei como é isto. Vamos passear?

– Mas sair do ninho? Uma avoante não abandona nunca o seu filhote no ninho.

– Não vamos abandoná-lo, mas levá-lo conosco. Ele já voou com você mesmo.

– Está certo. Pode ser. Mas aonde iremos?

– Ora, conhecer o restante da população da Mata da Encosta!

– Mas iremos em tantas tocas assim? Meu filhote não tem força para tanto.

– Não! – exclamou Pygia, em gargalhadas. – Fora o canário, que você já conhece, e o pardal, que foi embora, só existe mais uma família na mata. Aliás, uma grande família. Você gostará de conhecê-la.

– Então, vamos logo. Você me deixou curiosa.

Zenaida pegou Parari pelo bico e foi com Pygia até o assa-peixe. Lá, já estavam do lado de fora da toca Chanchã e Tauá, acompanhando os primeiros voos dos pequenos pica-paus. A divertida brincadeira familiar somente foi interrompida pela imagem de duas novas aves na mata. Todos os pica-paus se entreolharam por alguns segundos e, finalmente, Chanchã tomou a liberdade de cumprimentar e perguntar.

– Olá! Sejam bem-vindos à Mata da Encosta! – desejou o pica-pau, ao mesmo tempo em que olhando para a perdiz e sussurrando. – Pygia, quem são esses? Que aves são essas? Nunca vi uma dessa espécie.

– Esta é Zenaida e este rapazinho que nem voa ainda é Parari, seu filhote. São avoantes ou juritis-carregadeiras. Depois, conto-lhe a história deles, mas passarão conosco algum tempo. Esperamos que Parari seja amigo dos seus filhotes.

– Isto será um prazer! – disse a pica-pau. – Meu nome é Tauá, meu marido é Chanchã e estes são Tico, Dico, Luco e Collis. Sinta-se à vontade entre nós. Somos todos amigos aqui na Mata da Encosta. Formamos uma grande família, embora não sejamos tantos assim.

– Espero que sejamos amigos mesmo enquanto estivermos aqui – concordou a avoante. – Tomara que meu filhote aprenda a voar junto com os seus.

– Onde está o canário, que não vi hoje? – perguntou Pygia, preocupada. – Achei que estivesse por aqui.

– Furriel passou por aqui logo cedo e já foi trabalhar. – informou Chanchã. – Foi chamado ao Vale dos Biguás. Somente voltará mais tarde.

– Estranho, pois nem o vi. Tudo bem que hoje dormi em outra cama, mas é comum eu acordar e ver o canário ainda dormindo. Deve ter ido de madrugada.

– Ele esteve aqui de manhã, a caminho do Vale, com a garça Karkia. Se conversaram antes, não sei dizer. Mas passaram por aqui com o dia já claro.

– Bem, mudando de assunto, vamos fazer alguma coisa juntos? – disse Tauá, sentindo-se anfitriã. – Zenaida, deixe Parari no ninho junto com os meus filhotes e vamos conhecer o lugar, pode ser? Depois, almoçamos todos juntos no assa-peixe. Com a nossa mudança para o buraco abaixo da toca de Tico, o assa-peixe ficou com mais espaço.

– Claro! Estou à disposição – disse Zenaida, mais relaxada e

confiante em terceiros cuidando de seu filhote. – Tenho certeza de que o meu filhote adorará a companhia dos seus. Com a bela noite de sono proporcionada pela nova amiga perdiz, descansei bastante.

A turma de adultos voou com a visitante por toda a Mata da Encosta, visitaram o lugar onde Furriel conheceu Karkia e foram até o cume da montanha, de onde avistaram o Bosque das Corujas e o pináculo onde Tico nasceu. Zenaida sentiu a liberdade pulsar dentro de si. A experiência no Vale dos Gaviões tinha sido horrível e a recepção no Vale dos Biguás não havia sido muito boa. Como não tinha mais marido e nem para onde ir, começou a esboçar uma vontade de ficar. Mas ainda era cedo para resolver, pois os acontecimentos estavam muito recentes.

– Gostou, avoante? – perguntou Pygia, percebendo os olhos de Zenaida brilharem.

– Nossa, gostei muito! Parabéns pelo lugar. Mas fiquei com uma dúvida: por que a região é tão pouco habitada?

– Na verdade, não sabemos. Nem o canário, que foi o primeiro, sabe o porquê. É uma grande dúvida que temos. São muitas e muitas árvores com apenas 11 habitantes, se contarmos vocês dois e Tico.

– Eu? Mas nem sei ainda se ficarei.

– De qualquer forma – interveio Chanchã, percebendo que o fato estava consumado, embora não esclarecido na mente da avoante – , construiremos uma toca provisória para vocês.

– Claro! A perdiz é uma boa anfitriã, mas temos que devolver o espaço a ela. Afinal, aceitei a estadia apenas por causa do filhote e do meu desespero.

– O que é isso? – disse Pygia. – Ter vocês lá é um prazer para mim. Mas construiremos um espaço, sim, para vocês. A não ser que você queira voltar com Parari para o Vale dos Gaviões.

– Não, isso nunca! – exclamou a avoante, arrancando sorrisos do restante dos amigos. – Iria para qualquer lugar, menos para lá. Aqui está mais que ótimo, por enquanto.

– Então, vamos começar a toca depois do almoço – disse o Chanchã, com ar de carpinteiro. – Sugiro que seja perto da toca de Pygia, já que ficaram amigas. Talvez entre a árvore da perdiz e a do canário. Será um bom lugar. Pode ser assim?

– Pode sim – disse Zenaida, olhando para a perdiz, pedindo autorização. – Acho que ficou bom assim, não é, querida Pygia? Se você não se importar, é claro.

– Sim, ficou ótimo para mim. Embora tenha a companhia dos pica-paus sempre que quiser, às vezes sinto-me muito sozinha onde moro, pois nem sempre o canário está disponível em determinados momentos. Será ótimo ter você como vizinha.

– Então, está tudo bem. O passeio está ótimo, mas temos que voltar para nos acomodarmos no assa-peixe e almoçar. Chanchã buscará o almoço para nós, não é, marido?

– Nem precisa pedir duas vezes, já fui! – e saiu voando, alegre e rapidamente.

– Queria muito agradecer a hospitalidade – disse a avoante. – Nunca pensei que seria tão bem recebida e encontraria um lugar tão aconchegante como a Mata da Encosta. Aliás, se não havia habitantes aqui, quem deu o nome ao lugar? O canário?

– Não, foi Tico! – disse Pygia. – Ele adora apelidar os locais. Você gostará muito de conhecê-lo. Ele é adorável. Saiu daqui prometendo trazer o meu marido. Que seja abençoado para que cumpra a promessa.

– E, mal lhes pergunte, porque Tico foi embora?

– Bem, ele é meio esquisito com algumas coisas – disse Tauá. – Tem uma missão de conhecer as coisas profundas da vida por meio do contato com outras aves. O pai dele disse que talvez não precisasse fazer isto viajando tanto e nós achamos isto também, mas ele queria tanto, que, embora tenhamos ficado tristes, entendemos as suas razões.

– Não o recrimino – disse a avoante, com certo tom de tristeza. – A vida sempre nos leva por caminhos diferentes e

momentos inusitados. Nunca sabemos o que nos espera.

– Isto é verdade – disse a perdiz, tentando modificar o rumo da conversa e percebendo que o pica-pau já havia feito sombra no assa-peixe. – Mas não há mal que nunca acabe, não é mesmo? Então, brindemos com comida à Mata da Encosta. Viva!

– Viva! – disseram Tauá e Chanchã.

– Viva! – acompanhou Zenaida.

Até os filhotes do pica-pau piaram no ninho, aproveitando o momento para aumentar a algazarra com o novo amiguinho, que ainda nem piava direito. Nascia ali mais uma grande amizade entre as aves, outra daquelas que durariam para a vida inteira. Depois de alimentar os filhotes e almoçar, os amigos ocuparam-se em construir a toca da avoante, justamente em uma árvore entre as tocas do canário e da perdiz. À tardinha, à beira da nova toca, fizeram uma daquelas reuniões festivas, que incluíam desde cantoria até declaração de poemas improvisados, lembrando fatos da infância e adolescência, até o momento em que se encontraram em uma vida adulta e que prometia ser feliz. De repente, uma voz ressonou no ambiente.

– Ah não! Olha o que eu estava perdendo! Como não me avisaram que haveria festa hoje?

Era o canário, que tinha voltado de uma missão maior, bem na hora do pôr-do-sol.

– Furriel! – disse Chanchã. – Chegou no momento certo! Estávamos falando de você.

– Espero que falando bem! – comentou o canário, segurando o sorriso quando percebeu que havia visita. – Pois estou muito cansado para ouvir que estavam falando mal!

– Estávamos falando que você é um péssimo enfermeiro e um péssimo construtor de ninhos – brincou a perdiz, que já havia sido tratada por ele.

– E essa agora! – disse o canário, completando a brincadeira, embora sério, para enganar a avoante recém-chegada. – Voltarei ao Vale dos Gaviões, porque acho que serei mais bem recebido lá.

– Não, por favor, não vá para lá, senhor canário! – disse a avoante, desesperada, que não conhecia o jeito brincalhão de Furriel e nem o seu trânsito livre. – O senhor não me conhece, mas lá não tratam bem as pequenas aves.

Houve gargalhada geral e a avoante percebeu que se tratava de uma brincadeira. A partir daí, relaxou e se sentiu bem melhor entre os amigos.

– Não se preocupe, senhorita! – esclareceu o canário. – Posso até ir lá sem ser incomodado por causa da minha profissão, mas morar lá, nem pensar! E então, melhoraram?

– Melhoramos sim. Aliás, queria muito agradecer a sua ajuda e a da garça. Agradeça-a por mim, por favor.

– Não há o que agradecer, faz parte do nosso ofício.

– E então, qual a razão da festinha? – perguntou Furriel. – Recepcionar os nossos amigos?

– Também! – disse Pygia. – Mas estamos inaugurando a nova casa da família avoante. A toca será pertinho da nossa.

– Que bom! A Mata da Encosta só vai crescendo! E viva!

– Viva!!! – responderam todos.

A noite foi alegre na mata. Embora haja sempre algum novo problema, todos são resolvidos como se todos fizessem parte de uma mesma família e as dores se tornam bem menores. O apoio mútuo leva à consolidação de um grupo cada vez mais unido e feliz.

Era o que Tico, bastante longe da Mata da Encosta, fazia também no Abismo das Araras. Buscava a sua felicidade, do seu jeito. Passava os dias esperando que algo distraísse as araras para que pudesse ir embora. Já tinha aprendido o suficiente com elas. Aconteça o que acontecer, sempre serão daquele jeito, fofoqueiras e tagarelas; umas mais que outras, com personalidades diferentes, mas sempre fofoqueiras e tagarelas. Juntas, então, formavam aquele festival de pipilos diário, que incomodava ao mesmo tempo em que divertia. Enquanto esperava, saciava Aiuru em sua ânsia de novas ideias e em sua vontade de um dia conhecer novas terras. Em certo momento, a

ararajuba o encheu com várias perguntas.

– Pardal!

– Que foi, Aiuru!

– Responda-me uma coisa.

– Pode perguntar.

– Nessas suas andanças, você já viu alguma arara?

– Bem, arara mesmo eu nunca vi. Mas, onde nasci, no Bosque das Corujas, conheci alguns papagaios, periquitos e ararinhas. As ararinhas parecem um pouco com você. O bosque é perto de uma universidade humana e, pelo que já andei, me parece mais tranquilo do que por aqui.

– E o que mais tem nesse bosque?

– Bem, ele é encostado em uma rocha, onde tem cachoeiras e um pequeno riachinho, menor do que o rio que atravessei aqui no Abismo das Araras. A mata de vocês é bem mais fechada que a nossa e lá não tem clareiras como aqui, mesmo porque se pode atravessar a mata com muito mais facilidade. As aves lá são livres, não monitoradas como aqui; e pousam nas construções humanas sem serem incomodadas.

– E há muitos pardais lá?

– Não. Por incrível que pareça, nenhum. Pois os pardais geralmente vivem onde estão os humanos, mas lá não há outros pardais.

Aiuru parou para pensar, soltou um semblante um tanto estranho e voltou a fazer perguntas.

– Mas, então, como você nasceu se não havia mais pardais?

– Bem, isso não sei de fato. Só sei que meu pai é uma coruja.

– Uma coruja? – estranhou ainda mais a ararajuba, inocentemente. – Como isso pode acontecer? Entre os nossos filhotes, ararajuba é filho de ararajuba, canindé é filho de canindé e maracanã é filho de maracanã. Não é meio esquisito pardal ser filho de coruja?

– Bem, não sou filho biológico do meu pai não! – disse Tico, que não tinha mais problemas em tratar desse assunto.

– Heim? Como?

– Quero dizer que não nasci do ovo chocado pelo meu pai e por alguma fêmea dele! – explicou o pardal, percebendo que a ararajuba não entendia muito desse assunto.

– Ah! – disse a ararajuba, antes de dar mais uma pausa para pensar. – Mas, então, como ele se tornou seu pai?

– Fui colocado perto dele para exercer uma missão. Hoje, percebo que meu pai era a ave mais indicada para me ajudar nisto. Não sei onde vou chegar com minha missão, mas, como já havia lido, nasci para conhecer as coisas profundas da vida e, para isto, tenho que conhecer muitas aves.

– E como veio parar aqui?

– Nossa! Isto é uma longa história. Saí do Bosque das Corujas, pousei no Vale dos Biguás, fui expulso de lá e fui parar na Mata da Encosta, onde fiquei mais tempo. Depois, passei pelo Vale dos Gaviões, onde fui atacado por um gavião e salvo por uma águia, que me levou até a Entrada da Floresta. Um bem-te-vi me deu umas dicas e aqui estou, no Abismo das Araras.

– Nossa! Você andou bastante.

– O caminho até não foi muito longo, pois uma águia demoraria muito pouco tempo para sobrevoar, mas, para um pequeno pardal ingênuo, com vários obstáculos e surpresas, a distância parece ter sido enorme.

– Você não tem medo?

– Medo eu tenho, mas o sentido da minha missão é maior. Tenho que chegar ao fim. É o que o meu coração manda.

– E eu irei com você.

– Heim? – espantou-se o pardal, com a assertiva de Aiuru.

– Isto mesmo. Eu já me decidi, vou com você.

– Mas e a sua vida, a sua mãe, a sua terra?

– Ah! Como você disse, eu não participo das reuniões mesmo. Quero conhecer o mundo. Não quero ficar a minha vida inteira aqui nesse abismo. Afinal, já sou uma arara adulta e sou tratado como

filhote até hoje.

– Que bom! – comemorou Tico. – Ganharei um companheiro.

– Mas vamos agir como combinamos. Você vai embora quando as araras se distraírem, marcamos um ponto de encontro e, depois de uma semana, vou eu. Procurarei saber quais os próximos pontos a partir daqui e lhe conto.

– Está bem – planejou o pardal. – Então, vamos agir normalmente. Depois, passarei na mata e você ficará livre para perguntar.

– Combinado. Vamos voar.

Os amigos voaram e esperaram as araras voltarem das suas reuniões para que o seu plano pudesse começar a funcionar. O dia passou e o pardal percebeu na ararajuba a mesma ansiedade que ele sofrera no Bosque das Corujas. A diferença é que Tico não precisou fugir, enquanto Aiuru teve que conquistar a sua liberdade sem o consentimento dos seus semelhantes. O pardal foi percebendo que Aiuru não era tão novo assim como parecia e a sua juventude aparente estava ligada muito mais à inocência causada pela pouca sociabilidade do que pela idade. Sair do Abismo das Araras representava muito mais um grito de liberdade da tirania social que sofria do que exatamente pela vontade de conhecer o mundo. Só não concordava com a forma oculta com que a ararajuba deixaria os seus semelhantes, mas entendia os seus motivos, já que as araras não a deixaram dar um passo sequer para fora do abismo.

As araras voltaram, diferentemente empolgadas. Aiuru se aproximou de sua mãe e resolveu fazer perguntas, enquanto Tico voava para longe dali, mesmo sabendo que não teria uma resposta completa do que havia na região.

– Mãe, o que houve? Por que as araras estão todas ouriçadas?

– Os tucanos vieram nos visitar! – respondeu Juba, surpreendentemente. – Estão preocupados porque souberam que há uma perdigão na Entrada da Floresta, procurando por sua esposa, mas ainda não o encontraram. Vieram nos avisar.

– Avisar por quê?

– Cale-se, “jubinha”! – disse a ararajuba mãe, em tom depreciativo. – Está querendo saber demais! Vá brincar com o seu amiguinho!

– Não sou mais um filhote! Tenho direito de saber das coisas.

– De algumas coisas! O que quer saber?

– O que existe após a floresta? Como se chega ao outro lado?

– Por que quer saber isto?

– Curiosidade! – disfarçou Aiuru. – Quero saber de onde a perdigão viria, se chegasse até aqui.

– Bem, estamos num abismo. Então, daqui para frente é só subida até uma grande serra. Depois, outra imensa floresta descendo serra abaixo, até encontrar um vale e chegar ao mar. É um pouco longe. Nem mesmo Macau passou do pico da montanha. Acho que a perdigão não viria de lá. E pare de perguntar estas coisas, porque as araras nunca mais sairão do abismo. Já achamos o nosso lugar. Vá brincar. Cadê o seu amigo? É seu dever vigiá-lo e nos contar os seus passos.

– Está bem, mamãe, não perguntarei mais nada. O meu amigo foi procurar comida perto da toca dele. Logo, logo, estará de volta.

– Ora, ora! Um filhote ainda se metendo a adulto. Se o seu pai estivesse vivo, já teria lhe cortado as asas para que ficasse de castigo uns tempos.

– Aliás, o que foi feito de meu pai?

– Já disse, jubinha! Pare de perguntar!

E a ararajuba mãe saiu voando para uma nova reunião de fofocas e tagarelices, deixando Aiuru na clareira. Tico saiu de trás de uma árvore e veio rapidamente.

– Ouviu? – disse Aiuru.

– Ouvi sim! – respondeu o pardal. – Sua mãe nos deu informações preciosas. Como as araras já devem estar preocupadas com a perdigão, é hora de eu partir. Acho que conheço a esposa dessa perdigão.

– Conhece? Como?

– Ela está lá na Mata da Encosta, onde a deixei prometendo trazer-lhe seu marido. Tenho que cumprir a promessa. Esta é a hora de partir.

– E como ficamos? – perguntou Aiuru, ansioso.

– Espero você no alto da serra daqui a cinco dias, pode ser?

– Vou tentar. Dê-me até uma semana. Distrair minha mãe e as outras araras para partir sem deixar suspeitas não é fácil. Quando sentirem minha falta, já estarei longe.

– Você acha certo deixar a sua família assim, sem avisá-los?

– Mas, se eu avisá-los, nunca me deixarão sair daqui. Possuem um medo inexplicável de algo que não sei o que é. Não posso ser filho deste medo a vida inteira.

– Entendo. Não lhe condeno por isso, mas foi somente uma reflexão.

– Entendo você também! Aposto que a sua saída foi mais certinha, mas seu pai deve ser mais compreensivo que a minha mãe.

– Com certeza, é – disse o pardal, balançando a cabeça afirmativamente. – Bem, não vamos discutir as razões de cada um. Temos o que combinar antes de eu ir. Pelo que entendi, existe uma trilha desde a Entrada da Floresta até o final dela. Vou segui-la e parar na árvore mais próxima do ponto mais alto da serra em frente à trilha, tudo bem?

– Tudo bem.

– Daí, quando chegar lá, é só gritar e esperar. Reconhecerei a taramelagem de uma arara em qualquer lugar, pois é inconfundível. E já aprendi como você grasna. Não tem erro. Quando você chegar lá, desviamos da trilha para o meio da floresta, caso as araras venham lhe buscar.

– Será uma aventura triste, pois deixarei uma história de vida para trás. Por outro lado, uma ave realmente tem que partir quando chega a sua hora. Já era tempo de eu buscar outros locais para morar e adquirir novas experiências. Não posso mais viver nesta gaiola social

em que vivo. Fico muito triste pela minha mãe, mas será preciso. Um dia, ela entenderá.

– Sim, ela entenderá! – disse Tico, com tom de despedida. – Não posso me demorar, Aiuru! Tenho que aproveitar a reunião das araras, que deve durar até tarde, pelo jeito. Até mais!

– Até mais, amigo! Até daqui a alguns dias!

E Tico voou pela trilha oposta à que chegou à clareira do Abismo das Araras. Cheio de esperanças de encontrar a perdigão, mas também aliviado de ter deixado o abismo que não representou uma gaiola somente para a pequena ararajuba. A sensação agora era a de libertação de si próprio. Deixava de sentir o medo do que julgava ser o pior possível, talvez pior ainda do que ser agarrado por um gavião e arrastado por ele. Até então, realmente era.

CAPÍTULO 33

VISTA ALEGRE

O tempo, como sempre, passou rápido no plano espiritual. A grande caravana já estava de volta, após três semanas de visita. Se há algo mais rápido que a luz, com certeza é a velocidade do pensamento, que faz com que ora se esteja aqui, ora se esteja ali com impressionante rapidez. Uma vez conquistada a força necessária para o deslocamento de grandes distâncias, não é longo o caminho quando o pensamento conduz o espírito. Em pouco tempo, os amigos de Joca haviam concluído a sua missão e estavam de volta a Vista Alegre.

– Nobre coruja!

Aquela voz forte e impetuosa de Stan fez tremer o coração da coruja como se a curasse de uma nova solidão como aquela que sentiu quando o velho amigo havia falecido. Não deu resposta, pois ainda se recuperava, como se buscasse o teto do poço de tristeza em que se encontrava.

– Nobre coruja! – repetiu Stanislaw. – Onde está a nobre coruja que senão descansando triste em sua toca? Já está pronta para a viagem?

– Viagem? – respondeu Joca, ao ouvir a sonora palavra, que finalmente o despertou, fazendo com que a sua crista e os seus olhos profundos surgissem da toca. – Viagem para onde?

– Ora! Teremos uma festa hoje em Vista Alegre, onde comemoraremos o sucesso da grande caravana com uma linda recepção. Não quer vir?

– Claro que quero! Você veio me buscar?

– Sim! Vim buscar você e Hélio. E não fui somente eu quem veio lhe buscar. Olhe ali quem veio também.

– Flor-de-Lis! Que boa surpresa!

A coruja voou para os braços de Flor-de-Lis como um amigo abraça o outro depois de longo tempo. Stan sabia da boa sintonia que havia entre os dois e a trouxe para acompanhar a coruja.

– Pois é, Joca! Hoje tem uma linda festa e você é nosso convidado. Margot não se esqueceu da promessa de lhe contar as novidades da viagem. Muitos habitantes de Vista Alegre e Canto dos Cristais estarão lá. Vamos para o carro? Hélio já está vindo ali. Não podemos nos demorar.

– Vamos, claro! Olá, Hélio!

– Olá, Joca! Está feliz, não é mesmo? Dá para ver em seus olhos!

– Sim! Fiquei triste com a ausência de tantos amigos. Agora sei que vou revê-los e estou mais feliz. A minha vida estava agitada aqui e, de repente, ficou um pouco vazia.

– Isto acabará quando você começar a estudar, como Hélio já faz. – interveio Stan. – Quando puder trabalhar de fato, aí não terá mais motivos para se entristecer. Hoje eu mesmo dirigirei, pois o que aprendi em Marte esses dias faz isso aqui parecer um carrinho de brinquedo. Irei um pouco mais veloz hoje, por causa dos nossos compromissos, está bem?

– Está bem! – disse a coruja, pensando profundamente.

– Não precisa nem perguntar! – disse Stan, captando o pensamento de Joca. – Um dia, você poderá voar sem isto sim! Em certo momento, o seu pensamento o levará onde quiser. Como todos, você aprenderá a voitar e terá certa liberdade de ir e vir. Mas não se afobe, ainda demorará um pouquinho.

Nem deu tempo de apreciarem o caminho como Joca gostaria, pois o transporte estava veloz e Stan realmente havia aprendido direitinho. No meio da curta viagem, a coruja indagou ao velho amigo.

– Stan, posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro, nobre coruja! O carro está praticamente se auto guiando.

– Você tem saudades de sua mãe?

– De qual delas? Você deve estar se referindo à minha última mãe, não é?

– Há diferença? – estranhou a coruja.

– Claro que há. As mães podem ser diferentes e um dia até posso ser pai delas. Somos de uma mesma família. Há grupos espirituais, que convivem juntos há séculos.

– Ah! – suspirou a coruja, em tom de surpresa. – Então, fale-me da última.

– Ela já reencarnou e foi me concedida a honra de visitá-la de vez em quando. É uma pessoa muito serena.

– Olha, vejam só. Então, está explicada a sua calma! – disse a coruja, sorrindo e olhando para Hélio e Flor-de-Lis.

– Cada um é cada um, nobre coruja! – disse Stan, retribuindo o sorriso ao leme-volante. – Mas minha mãe ajudou-me muito em meu temperamento, de fato. Agradeço-a muito por isto. Acho que chegamos.

– Olhem que bela cidade, meninos! – exclamou Flor-de-Lis.

A coruja e o rapaz, que estavam distraídos com a saída de dentro do veículo, nem perceberam a magistral arquitetura que transluzia diante deles. Quando viram, não saíram palavras para responder à exclamação da doce jovem. A cidade era espetacular, ao mesmo tempo em que encantadora e aconchegante. Era quase toda ornada com vidro e possuía figuras poligonais difíceis de serem definidas, mas com uma incrível beleza e simetria, apesar de tantas formas diferentes das terrenas. Cada unidade administrativa ou habitacional parecia irradiar inúmeras luzes fulgurantes e distintas, tal como refletidas em um jogo de espelhos, cuja intensidade da claridade depende da distância da fonte. O prédio principal, surpreendentemente, também era como a universidade onde Stan

trabalhara, formando uma cruz de onde quer que se olhasse. A disposição das ruas e praças era parecida com a acrópole romana, embora guardasse uma arquitetura que também possuía traços gregos e modernos. Enfim, era uma mistura de simples e sofisticado que enchia os olhos de quem via. Joca e Hélio estavam estupefatos.

– Terão tempo de observar melhor a cidade, pois ficaremos mais um dia aqui – disse Stan. – Flor-de-Lis se aprontará para a recepção, enquanto conversaremos com Margareth sobre a viagem. Vamos!

Depois de se despedirem de Flor-de-Lis, a coruja e o jovem adentraram com o professor no prédio principal. Uma das quatro grandes alas abrigava realmente uma universidade, o que deixava Stanislaw muito à vontade: muitas salas de estudos, grandes salões e uma biblioteca bem maior que a de Canto dos Cristais. Demoraram alguns minutos para percorrer o corredor universitário e atingiram a parte central do prédio, que dava acesso a outras alas. Os corredores iam se alargando conforme se aproximavam do centro, com cortes bruscos e sutis ao mesmo tempo, de modo que a parte central unisse todas as alas antes do eixo zenital, aproveitando os espaços para abrigar mais salas. No centro propriamente dito, um enorme salão continha inúmeros mosaicos e mandalas e deixava transparecer um jogo de luzes naturais que explicava a beleza irradiante do prédio vista de fora. O que espantava era a sutileza com que se dava a transição de cada ambiente, como se o jogo de luzes e de decoração conduzisse o visitante naturalmente por aquela ala ou corredor. Com Joca pousado no ombro de Stan, os três amigos desviaram o trajeto para a ala médica, em que se encontrava Margot, que tinha os olhos reluzentes. Ao entrarem em um local que parecia um centro de pesquisas, lá estava a jovem, que os recebeu com muito carinho.

– Olá, meus amigos! Que Deus esteja no coração de todos nós! Que bom que vieram! Sintam-se à vontade em meu gabinete de trabalho. É aqui que guardo os meus livros e alguns dos meus pertences. Divido o meu tempo entre Canto dos Cristais e Vista

Alegre, onde procuro amparar os que precisam de auxílio. Viajaram bem?

– Nem deu tempo de ver nada no caminho! – respondeu a coruja. – Stan foi rápido demais!

– É por causa da recepção. Na volta, poderão aproveitar melhor a viagem. E você, rapazinho, como está?

– Estou bem – disse Hélio. – A cidade é belíssima. Nem tenho muitas palavras a dizer sobre o que vi aqui hoje.

– Em breve, você morará aqui – antecipou-se Stan. – O que tem lido em Canto dos Cristais não é nada comparado com o que existe na universidade de Vista Alegre. Em breve, formaremos uma nova turma aqui, da qual você fará parte, junto com outros jovens que estão hoje na clínica ou na colônia.

– Fico feliz. Quero estudar mais. Você será meu professor? Eu gostaria.

– Claro. Será um prazer.

Nisto, Joca já demonstrava sinais de um pequeno ciúme, quase inofensivo. Afinal, era aluno das aulas de Stan na Terra muito antes do adolescente Hélio começar a estudar. Antes que a coruja externasse a sua aflição, o velho professor a satisfez.

– E seu também, nobre coruja! E seu também! Agora, vamos deixar Margareth falar.

– Pois bem, meus amigos. A caravana foi maravilhosa. Não contarei tudo, pois deixarei Maria assim o fazer. Como a caravana partiu de Vista Alegre desta vez, a cerimônia de encerramento também será aqui. A cidade está cheia. Vocês não viram muitas pessoas porque a maioria está dentro das casas, aprontando-se. Em breve, os salões estarão lotados.

– Vou me ater ao que de mais importante vimos na parte médica. Este é um aparelhinho interessante, que há muito é usado em Marte e que praticamente não tem mais uso em Saturno, que já possui tecnologias mais avançadas, que um dia ainda chegarão por aqui. É um substituto para o ultrassom terreno e para a tomografia e é feito de

coríndon e molibdênio. Chamamos o novo aparelho de videotelésia. Ele enxerga tudo o que se passa dentro do organismo como se uma sonda o perfurasse, ou seja, é como se o aparelho de ultrassom revelasse cores, dimensões e formas perfeitas. Ele não permite ver através de paredes, por exemplo, mas através dos tecidos orgânicos, sim. No plano espiritual, não há necessidade dele, pois os espíritos médicos enxergam com perfeição o que acontece no perispírito, mas os encarnados o utilizarão durante muito tempo.

– Muito interessante – disse Stan. – Muito interessante mesmo. O que temos mais?

– Este é o aparelho de telebiometria. Ele é capaz de revelar as deficiências ou excessos de substâncias no organismo ou defeitos em algumas células sem que seja necessário coletar sangue. Funciona como se fosse um sensor biomagnético. Também praticamente não é usado em Saturno, pois as doenças estão deixando de existir lá, diante do adiantamento moral dos seus habitantes. Em Marte, ainda é utilizado.

– Nossa! – espantou-se Hélio. – A medicina avançará bastante, pelo visto.

– Sim, meu jovem querido. – Daqui a algumas décadas, algum espírito que aprenderá aqui esta tecnologia reencarnará e descobrirá um pouco desses progressos; depois, outros reencarnarão e assim por diante. O que existe no plano físico é cópia do que há no plano espiritual, mas com um pouco de atraso. No momento certo, a ciência sempre avança e pesquisadores nascem com um dom irrefugável e é quando as descobertas acontecem, sob nossa inspiração e mediante os conhecimentos que já trazem das experiências do plano espiritual antes de reencarnar.

– Reparei uma coisa – disse a coruja, intrigada.

– O que é, nobre coruja? – inquiriu Margot. – pode dizer.

– Este prédio em que estamos é quase igualzinho ao da universidade onde eu assistia às aulas de Stan, exceto as formas do centro, que são diferentes das formas quadradas e triangulares do

prédio da Terra. A Clínica das Flores a mesma coisa. Tem alguma coisa a ver?

– Pode ser, nobre coruja! – sorriu Margareth. – Pode ser.

– Pode ser o quê?

– Bem, não era para eu lhe dizer, mas Stan foi um dos responsáveis pela implantação desta cidade, bem como da idealização espiritual da universidade do plano físico enquanto ainda não tinha reencarnado para ser professor de lá. Ele inspirou o formato da universidade como este prédio e o da clínica. É claro que os arquitetos não captaram a inspiração plena, já que muitas formas não são usadas entre os encarnados, mas, como você bem reparou, os prédios são realmente muito parecidos. Ele ainda não se lembra disso completamente, mas, um dia, ainda se recordará, não é Stan?

– A cada dia, espanto-me mais com a minha própria vida pregressa, embora tenha certeza de que falhei muitas vezes. Acredito que muito do que ainda me escondem se deve a alguns episódios em que tive grandes falhas. Grandes responsabilidades podem incorrer em grandes feitos, mas também em grandes tragédias.

Nesta hora, em que uma tristeza repentina abateu sobre Stan, a voz forte de Aepyornis soou somente para ele, em poucos segundos.

– Deus te recompensará por teus feitos, amigo! E levará em conta tua intenção de acertar, mesmo quando tenhas errado. Um coração, para ser puro e transformado, passa por erros de lapidação, do mesmo modo que um pássaro erra os primeiros voos. Não te perturbes com isto. Segue em frente e mira adiante. Um futuro esplendoroso te espera.

Com a mensagem esperançosa, nova luz se fez no rosto do velho professor, que percebeu que os erros e as mágoas do passado podem ser apagados pelas oportunidades de contribuição do presente e pelos ideais do futuro. Retomando o rubor do rosto, concluiu o raciocínio diante dos amigos.

– Mas nada que a boa convivência com os amigos não possa apagar, não é mesmo?

– Claro! – disse a coruja, que gostou da sensação de pousar no ombro de Stan nos corredores e repetiu o processo naquele momento.

– Bem, temos que agradecer a Margareth e irmos, pois ela tem que se aprontar também – disse Stan. – E levarei vocês dois para Flor-de-Lis, para que ela possa enfeitá-los, pois hoje é um dia especial. Vamos lá? Margot, muito obrigado, mais uma vez.

– Não há o que agradecer. Em breve, poderei levá-los para conhecer os pacientes da ala médica ou da ala de assistência fraterna. Gostarão da experiência, principalmente porque já estiveram nessas condições há pouco tempo. Até logo, meninos!

Depois de abraços e acenos, os amigos deixaram a ala médica e saíram do prédio, caminhando em direção às unidades habitacionais, onde Stan os deixaria aos cuidados de Flor-de-Lis. Atravessaram a “acrópole” central de Vista Alegre, que abrigava a cidadela administrativa, e se encantaram com as lindas árvores e flores que se espalhavam pelos canteiros e jardins, que se entremeavam com belos exemplos da arquitetura que, com um segundo olhar, sugeria mesmo a greco-romana, embora com peças muito menos suntuosas. A simplicidade épica do lugar contrastava com a exuberância da natureza, que mesclava lagos, jardins e pequeninos bosques com suavidade ímpar.

Depois de passarem por uma pequena ponte, a coruja sentiu que haviam mudado de ambiente, pois a grande praça se estreitara e ruas começavam a se formar com uma sutileza comparada à dos galhos das árvores, que se salientam dos troncos sem brusquidez. Era já a cidadela residencial. Avistaram inúmeras casinhas, à semelhança de chalés, alguns pequenos casarões e muitas casas de porte médio. Stan explicou que a diferença entre as casas se dava por duas razões: pelo tamanho da família e pelo mérito do trabalho. Saíram da via principal e caminhavam por uma viela secundária, em direção a uma casa média. Era uma casa com aparência simples, mas bem cuidada e relativamente grande se comparada com as casinhas, com combinações de tons de cores azul e creme.

Quando adentraram a casa, lá estava a figura deslumbrante da jovem Flor-de-Lis, preparada para a festa com ares de membro da corte real francesa, mas, ao mesmo tempo, incrivelmente simples. A morena, de rosto redondo e de cabelos lisos, recebeu a todos com muito carinho.

– Meus pequenos amigos, quanta alegria! Que bom recebê-los aqui em minha casa. Sintam-se à vontade. Tudo bem, Stan?

– Tudo bem, Flor. Trouxe estes rapazinhos aqui para serem enfeitados também, já que hoje é um grande dia.

– Claro! Será um enorme prazer. A cada momento, o seu traje. Embora, o que importa para Deus é que nos trajemos interiormente para cada um dos momentos de nossa vida. Os ornamentos são apenas para compor a ocasião especial que hoje pede, embora nunca seja um pré-requisito. Estão entendendo?

– Sim! – respondeu Hélio. – Não se preocupe. Não estou acostumado com este tipo de coisa e Joca não usa roupas. Então, não há com o que se preocupar.

– Mesmo assim, pequeno Hélio, procurarei enfeitá-los com o que temos disponível aqui. Margot chegará daqui a pouco e me ajudará nisto também. Improvisarei uma pequena gravata para Joca e arrumarei um terninho para você.

– Muito obrigado! – agradeceu o jovem, observando a casa.

Stan percebeu a curiosidade de Hélio e de Joca e começou a descrever o local.

– Bem, aqui neste cômodo, fica o meu escritório. Só tem uma cama, uma escrivaninha com uma cadeira, um alaué e um armário com roupas e livros. É o que preciso para viver.

– Você mora aqui? – perguntou Joca, muito espantado.

– Moro sim! – sorriu Stan, olhando para Flor-de-Lis. – Somos parte de uma mesma família espiritual. Trabalho na Clínica das Flores onde você vive, mas resido aqui e, por isto, não fico sempre por lá. Além de mim e de Flor-de-Lis, ainda moram aqui Margareth e minha última mãe, que está encarnada. E, na casinhola ao lado, vivem Pai

João, Vovó Sinhana e Zelinha, que preferiram morar em uma casa à parte.

– Maria não mora aqui?

– Não. Ela já está em um plano mais elevado, embora não demonstre. Aliás, pela sua humildade e bondade é que está tão elevada.

– Mas para que tantos quartos então? – indagou a coruja. – Vejo que, em muitos, há duas camas. Portanto, há espaços vagos.

– É porque há muitos que ainda virão em breve. Este quartinho aqui, por exemplo, está reservado para um jovem muito especial que logo sairá da Clínica das Flores e virá morar aqui.

– E quem é? – perguntou Hélio. – É um dos meus colegas?

– Não, meu rapaz. É você!

– Eu?...

– Sim, pequeno Hélio. Você ainda não tem permissão para se lembrar, mas faz parte da nossa família espiritual há muito tempo. Por isto, temos tanta afinidade.

O rapaz ficou sem palavras e engoliu o ar por um instante. Flor-de-Lis, aproveitando o ensejo, caminhou com eles até o quintal da casa.

– E aquelas árvores, nobre coruja, serão a sua casa dentro de muito pouco tempo, onde poderá também abrigar as aves de sua família.

Foi o suficiente para desatar o choro dos dois amigos, que se abraçaram com muita profundidade, humano e ave, do jeito que peito e penas podiam se encontrar. A emoção durou muitos minutos, o que fez com que todos chorassem, inclusive Margot, que havia chegado instantes antes. Para os dois jovens, parecia que um universo emocional tinha se aberto e a noção de família havia se ampliado muito. A felicidade foi intensa naqueles minutos, interrompida apenas pela necessidade de se arrumarem para a festa.

Após os preparativos, todos se encaminharam para o anfiteatro de Vista Alegre, que fica atrás da ala de assistência fraterna.

Toda a grande caravana, a maioria dos habitantes de Vista Alegre e de Canto dos Cristais e muitos convidados reuniram-se em amplo espaço, cujos mensageiros ficavam no centro e em nível abaixo dos assistentes. Era realmente um dia especial, não somente porque a grande caravana partira dali, mas porque esta tinha sido um grande sucesso. Um dos administradores de Vista Alegre, Sebastião Cernambi, foi quem abriu a cerimônia.

– Amigos de Vista Alegre e de Canto dos Cristais, participantes da grande caravana e convidados. Além de nós, presentes aqui hoje, muitos outros nossos companheiros também estão nos ouvindo por telepatia, pois estão realizando trabalhos em outros lugares. Hoje é um grande dia! Deus nos agraciou com um momento em que nossos corações se unem para louvar esta maravilhosa oportunidade de melhoria para o orbe. Há que se ressaltar os méritos dos membros da caravana, que nos trouxeram grandes avanços de outros planetas. Foi uma honra a abertura da caravana ter sido feita na Clínica das Flores, a partida em Canto dos Cristais e a chegada e encerramento em Vista Alegre. Passarei a palavra agora para Maria, a chefe da grande caravana. Maria, a palavra é sua.

– Muito obrigado, Cernambi. A honra é nossa de uma colônia tão simpática quanto Vista Alegre sediar a grande caravana. A caravana cumpriu bem o seu papel desta vez, pois não tivemos nenhum problema. Aproveitamos bastante a experiência de Pai João, Stanislaw e Margareth, de Vista Alegre, e de Rosa e Hamilton, de Canto dos Cristais, além de outros companheiros desta e de muitas outras colônias. Seja no campo da medicina ou da engenharia de transportes; seja na música ou nas artes plásticas; ou seja em outras áreas, muitos avanços foram obtidos e muitas experiências adquiridas. Muito mais que o contato com companheiros de outros planetas, a maior novidade para muitos que foram pela primeira vez foi a experiência de mudança de vibrações magnéticas em muitos planos diferentes, o que facilitará a transição entre dimensões ou planos dentro das nossas colônias, o que permitirá que ajudemos mais e

melhor os espíritos sob a nossa responsabilidade e sob a misericórdia divina. Passo a palavra para os chefes das subcaravanas. Margareth, por favor.

– Meus amigos, que Deus esteja no coração de todos nós. Nossa caravana de medicina não foi grande, mas composta por membros dedicados a quem devo todo o nosso sucesso. Aos amigos Jussara, Sinval, Sinhana, Rosa e Hamilton, o meu abraço. Dentro do que nos foi permitido, trouxemos importantes aparelhos, principalmente relativos à melhoria do diagnóstico de doenças. Alguns de nossos amigos reencarnarão em breve, levando estas novidades para a Terra, no tempo certo.

Para Joca, todas as palavras proferidas eram como gotinhas de luz que iluminavam, aos poucos, um tempo de relativa escuridão. Por mais que a coruja tivesse o privilégio de conhecer, ainda encarnada, muitas das coisas profundas da vida, descobrir detalhes do novo ambiente em que se encontrava era uma luz ainda mais brilhante. Em seguida, falou o responsável por outra subcaravana, o próprio Cernambi.

– Amigos, torno a falar-lhes, agora a respeito da subcaravana de engenharia de transportes. Meu abraço vai para Pai João, Stanislaw, Plínio e Osvaldo. Em breve, os meios de transporte e estradas terão mais sensores e mecanismos magnéticos que evitarão colisões ou acidentes. Os transportes rodoviários, marítimos e aéreos terão menos problemas para seguir as suas rotas, pois serão repelidos magneticamente quando se aproximarem de um corpo ou quando se desviarem de sua rota ou estrada. Muitos dos nossos também levarão para a Terra as descobertas. Passo a palavra para Antônio.

– Queridos irmãos, a subcaravana de artes trouxe muitas novidades relativas à cultura. Mesmo as artes aproveitam experiências de outros planos para se desenvolverem. Se muitos dos livros, telas e músicas que existem na Terra são produzidos primeiramente no plano espiritual, muitas dessas reproduções têm origem em planos superiores e assim por diante. Claro, são adaptados à linguagem e à

cultura dos receptores, mas muito de sua essência parte da inspiração dos que estão em níveis maiores. Nossos artistas voltarão à terra cheios dessas novidades e as expressarão em seu tempo devido. A ideia é inserir nos meios artísticos produtos que tragam serenidade aos espíritos encarnados.

Outros chefes se manifestaram e falaram das novidades de suas áreas. Cernambi, que serviu de mestre de cerimônia, encerrou a parte dos discursos.

– Bem, vocês ouviram cada um dos chefes das subcaravanas. Maiores detalhes podem ser saciados com os próprios membros em suas respectivas colônias. Agora, teremos o prazer de ouvir companheiros nossos, que se apresentarão artisticamente. Faremos um pequeno sarau.

Os olhos da coruja e do jovem Hélio brilharam com as primeiras notas do piano, tocado por um habitante de Canto dos Cristais, ambiente rico em manifestações artísticas. Junto com ele, uma residente de Vista Alegre cantou uma música lírica maravilhosa, capaz de fazer brotar lágrimas e sorrisos exultantes em todos os presentes. A partir de então, alguns espíritos começaram a declamar poemas singelos, mas com mensagens profundas.

O DISSONETO DA ALMA

*Do tempo mórbido e bem assaz escuro
Em que o vazio dominava o tal ser
Dormia invigilante sono inseguro
Cuja penumbra só disfarçava o vão prazer
De tempos insanos, um momento imaturo
Calou-se, impuro, antes sereno viver
Que trocava jeito de ser tanto duro
Pelo pouco de seu bem proceder*

*Encerra solene tal templo inaudito
Em que enlameava desprazer tão tristonho
Jogou pra vida tal degredo oprimido
Que antes se mascarava, ofício medonho
Ensaio de coro, base e solo erudito
Cantarolava um soneto enfadonho
Como entoando um verso musical tão bonito
Sem brilho e beleza, sem fantasia e sem sonho*

*Que adianta imaginar o fim do concerto
Se a ribalta persiste agredindo a plateia
Fechar cortinas significa fugir com medo
Parar a música é como Vesúvio em Pompeia
E já está quase sendo revelado o segredo
Daquele homem que aprendera sozinho a ter ideias
Acostumado a conviver só com o acerto
Erro então era só prosopopeia
Símbolo passageiro de um acorde no soneto
Que adianta tantas notas se, enfim,
Não conseguira seu intento tão sonhado
Já fugira do tom antes que a música chegasse ao fim
E produzira dissonância no acorde entoado
Tão amarelo foi seu tom vermelho-carmim
Que é o mesmo que julgar por prata o dourado
Que dar por ossos os dentes de marfim
No gigantesco grau em que se viu desafinado*

*Mas foi um segundo apenas na eterna celeste orquestra
Que gerou no ensaio intervalo tão pequeno
Bastou que o Maestro levantasse Sua destra
E com os dedos lhe dirigisse um aceno
Para que voltasse à firme e segura toada mestra
Que operava a ode num som suave, doce e sereno
De quem tornava a viver dentro de si grande festa
Com as trombetas ativas dos anjos do Nazareno*

Tão sublime é a sua Maestria

*Que não permite ao concerto nunca parar
Emite os sons com a mais pura filarmônia
Afina as vozes com divino vagar
Tendo a certeza de que ao fim de cada dia
Vai ver a orquestra toda se aperfeiçoar
Se Lhe perguntam o que é a partitura guia
Diz simplesmente que é apenas amar.*

OS SENTIDOS DO CORAÇÃO

*Cada ser é o que é
As coisas são o que são
Aquele que quer ter grande fé
Trate de seguir o seu coração
Pois quem realmente entende o que é
Separar o ato de pureza da emoção
Sabe perfeitamente o que quer
E pisa com firmeza no chão*

*Pois há quem ache que coração é impulso
E confunde instinto e simplicidade
Será que agir com doce e firme pulso
É padecer da inflexibilidade?
Pensam que a vida naturalmente seguir seu curso
É desobedecer ao dogma da racionalidade
E não conseguem ver a nenhum custo
A linha que separa o conhecimento da verdade*

*Pois se Deus deu aos pequeninos
O dom de enxergar através do coração
Facultou com realeza a qualquer menino
Andar com facilidade na escuridão
Tanto faz se na rosa há muito espinho
Pois a flor já floresceu com perfeição
Mesmo se há muita pedra no caminho*

Já não lhe fazem mal os tropeços pelo chão

*Pois aprendeu pelas trilhas da vida
Que o tempo desfaz qualquer sofrimento
Se alguma chama lhe traz qualquer ferida
É só pra desviar o seu pensamento
Que insistia em alguma coisa perdida
Que não era pra vir naquele momento
Ensinar a trocar uma ambição desmedida
Pela infinitude do valor do sentimento*

*Pois de que valem os atos da convenção
Se se pode gozar das alegrias da liberdade?
Pois há quem troque a pureza do coração
Pelos olhos medíocres da sociedade
Preferindo os rumos incertos da sensação
À segurança da boa serenidade
Crer na chance última de um mero vagão
A confiar no belo trem da eternidade*

*Pois às vezes o limite é um triz
Pequeno erro que muda a trajetória
Claro que todos aqueles erros vis
Também fazem parte do rumo da história
Mas não se pode simplesmente apagar o giz
Do quadro-negro de toda a memória
Se o objetivo mesmo é tornar-se feliz
Conhecendo o obstáculo é que se chega à vitória*

*Pois jamais se poderia dizer
Que o livre-arbítrio mudou o destino
Pois certamente Deus tem o poder
De prever qualquer erro pequenino
Mesmo que a liberdade faça parte do ser
Não há como fugir do limite divino
Pois se o ser desejar cantar o prazer
Deus é que comporá as notas de seu hino*

*Pois é assim que funciona a consciência
É Deus falando através do coração
Sem perceber, lhe impulsiona a essência
Numa leveza que não beira a emoção
É a natureza que requer a paciência
Pra surgir em vagarosa transformação
Pois que não há poderosa ciência
Que meça o amor e a devoção.*

Depois das declamações, alguns concertos formaram fundo musical para a exposição de quadros, que desenhavam belíssimas paisagens. Os assistentes foram deixados à vontade para caminhar pelo anfiteatro e, quando pensaram que a cerimônia teria se encerrado, uma voz forte e doce imperou no ambiente.

– Meus queridos irmãos, o planeta Terra será mais feliz depois de vossa missão. Quando aqui estive pela primeira vez, sempre soube que, embora os espinhos fossem muitos, a rosa do orbe floresceria, por meio das mãos de almas dedicadas e sublimes. O caminho das criaturas terrenas será menos árduo após vosso tamanho esforço. Sempre acompanho o empenho de todos e sou testemunha do trabalho que fazéis. Deixo o meu muito obrigado e rogo pela vossa natural recompensa.

Quem conhecia, percebeu que se tratava da voz de Aepyornis. Joca sentiu aquela mesma sensação das lições que recebia e não tinha dúvidas. Ainda ficava pensando o porquê a Ave Suprema estaria falando para os humanos. E continuou não compreendendo onde Deus entraria nisto, embora cresse profundamente nEle. Pois eram muitas informações desde que se entendeu por ave e ainda nem todas faziam sentido. Tinha certeza de que não era a hora de descobrir a verdade. Foi despertado das reflexões por Stan e Hélio, que o chamaram para ir embora. Após várias despedidas, entraram no carro, levando ainda consigo Sinval e Jussara, que tinham que voltar para a clínica. Stan voltou mais devagar, para que Joca pudesse observar melhor as paisagens do caminho. Foi realmente um grande dia, digno de lembranças por muito tempo.

CAPÍTULO 34

O RESGATE DE CHAPMANI

Tico voou para além do Abismo das Araras, seguindo a mesma trilha com que entrou na clareira. Encontrou um afluente do Rio Sairai, que fazia muitas curvas desde o alto da serra. Mas tinha ainda muita floresta até em cima e muitos quilômetros de trilha para voar, diante da mata fechada. Após três exaustivos dias de viagem, o pardal percebeu que o terreno aplainava relativamente em certo ponto, acima de uma pequena cachoeira do afluente e a partir de uma pequenina represa natural rio acima. Diante do relevo pedregoso, as margens da floresta se distanciavam e a trilha ficava mais larga. A floresta mais rala e a vegetação um pouco mais espaçada tornavam a flora mais rica e a fauna começava a dar sinais de que existia.

Alguns metros depois, chalreios familiares indicavam que os tucanos estariam por perto. Tico já os tinha ouvido no Abismo das Araras, quando estava em companhia de Aiuru na floresta. Sabendo que seria vigiado por eles e temendo ser perseguido como a perdigão, passou a voar baixo e, às vezes, caminhou por trás de árvores junto à trilha, dependendo do volume da atroada que faziam os tucanos quando conversavam. Pelo ruído, devia saber que Chapmani – o marido de Pygia – estava por ali. Mas não sabia onde e não se atrevia a chegar perto dos tucanos. Prosseguiu o caminho e entendeu que precisaria de ajuda ou de alguma outra ideia, já que os senhores da floresta já estavam alertas e não haveria chance de não ser notado caso resolvesse ser um herói desprevenido.

Continuou seguindo as margens da trilha e alcançou uma grande curva à direita, cuja direção afastava a atroada dos tucanos e aproximava um trinado forte, que também parecia familiar, mas que não ouvia faz tempo. Como não sabia o que era, voou discretamente para o meio da floresta, sem perder o rumo da trilha, e começou a observar restos de ninhos e tocas feitas por pássaros. Como já era quase noite, apossou-se de uma toca e por ali ficou, num misto de tensão e reconhecimento da oportunidade de descanso. Dormiu com uma orquestra de trinos e lembrou-se da Mata da Encosta, sem saber bem o porquê.

A mata dos amigos que Tico deixou para trás há muito não experimentava uma paz tão prolongada. Nem mesmo o episódio da avoante atrapalhou a serenidade daquela pequena floresta pouco habitada. Os filhotes de Chanchã e Tauá já estavam ficando grandinhos e os pais já podiam namorar um pouco fora da toca sem se preocupar tanto com o bem-estar das quatro avezinhas. Muitas das vezes, deixavam-nos com Zenaida e Pygia e iam passear. Ficar com os filhotes de pica-pau era uma das coisas que mais distraía a avoante tristonha, que ainda não tinha se conformado com a morte do marido e de um dos filhotes, além da companhia da perdiz ansiosa, que estava cada dia mais apreensiva por falta de notícias de Tico e da busca por seu marido. Como o canário estava quase sempre fora durante o dia, as amigas pediam aos pica-paus que deixassem os filhotes junto com Parari, para que elas pudessem pajeá-los.

Naqueles dias, Furriel teria uma missão um pouco mais longa. Ele e Karkia foram convocados por Uiraçu para cuidar de uma ave capturada na floresta. O canário e a garça atravessaram o Vale dos Biguás e se apresentaram para a águia na entrada do Vale dos Gaviões. O canário estava exausto, pois não estava tão acostumado a voar grandes distâncias de uma só vez. Depois de um rápido descanso, Uiraçu pegou o canário pelo bico e voou por cima do Vale dos Gaviões e da Floresta dos Tucanos, acompanhado da garça. Do alto, viram o Rio Sairá e a clareira do Abismo das Araras. A garça estava

ficando para trás, pois a águia era muito mais veloz, mas Uiraçu começou a sobrevoar a floresta para que pudesse ser alcançado e o canário aproveitou para observar a trilha e o rio, que se destacavam da paisagem única da floresta. Uma vez que as aves estavam juntas novamente, o ritmo de descida diagonal apontava o pequeno planalto rico em vegetação após a bela cachoeira. Mais um pouco e alcançaram o trecho onde a troada dos tucanos invadia a floresta com maior intensidade. Desceram devagar e pousaram em uma pequena clareira natural, que mostrava uma pedra retangular e um pequeno veio d'água.

– Boa tarde! – disse Uiraçu, interrompendo o chalreio coletivo.

Três segundos de silêncio na mata, como quem deseja entender quem seria o terceiro visitante e o líder responde.

– Boa tarde! – gritou Toco, o líder. – Vocês demoraram. De qualquer maneira, sejam bem-vindos. Mas esperava um enfermeiro um pouco maior.

– O juvenzinho aqui – respondeu a águia – é um prodigioso enfermeiro e a sua fama já percorreu os dois grandes vales a oeste da floresta. Trabalha com Karkia, igualmente competente. Estão aqui para ajudar no que for preciso.

– Capturamos uma pequena ave estranha na floresta e estamos desconfiados de que se trata de um espião. O pequeno está muito assustado e inventou uma história de que procura a sua esposa, que atravessou esta floresta. Como uma ave tão frágil pode atravessar a floresta sem ser vista? Por isto, o capturamos. Na perseguição, parece ter se machucado um pouco. Já fazia dias que o procurávamos e ele estava faminto, porque se escondia de nós. Mas o achamos e está aqui conosco, como prisioneiro, até que confesse.

Furriel sentiu uma tremedeira. Pela história, era Chap, o marido de Pygia, ali, bem na sua frente, em poder dos tucanos. Achou-o tão facilmente, mas em circunstâncias tão adversas. Tinha que dar um jeito de resgatá-lo, mas não sabia como. O jeito era

concentrar-se em sua cura, que, no momento, era o mais importante a fazer. Manteve o segredo e se aproximou da perdigão.

– Olá, perdigão! – disfarçou o canário. – É isto o que você é, não? Como está?

– Olá, senhor canário! Sim, sou uma perdigão, uma perdiz-macho. Estou um pouco machucado no pescoço e acima da asa, ao bater em uma árvore e cair na floresta. Acho que não é grave, mas não consegui mais voar. Creio que seja pela dor.

– O que seria, Karkia?

A médica se aproximou e começou a tocá-lo pelo bico.

– Bem, a princípio, também creio que não seja nada. Parece uma pancada. Isto foi quando?

– Foi ontem à noite. Hoje, já está doendo bem menos.

– Então, é só fruto da pancada mesmo! – diagnosticou a garça, levantando a asa da perdigão e dobrando seu pescoço com o bico. – Dói aqui?

– Deste jeito que está levantando, não! Dói somente quando aperta no local.

– Então, não precisa de nada. Apenas de algumas ervas banhadas com água fria, que o canário pode achar na floresta.

– Não seria interessante alguns dias de descanso? – sugeriu o canário, para ganhar tempo.

– Será necessário? – respondeu Karkia.

– Eu acho que sim! – insistiu o canário, olhando fundo nos olhos da garça. – Com o estado de tensão em que se encontra, creio que a recuperação será mais lenta do que o normal.

– Está bem! – disse a médica, entendendo que o canário lhe transmitira alguma mensagem. – Seguirei a sugestão do canário. Com pescoço, não se pode brincar. Têm que deixá-lo descansar e não façam nada que o deixe tenso.

Os tucanos se entreolharam, viraram-se para a águia e, com um sinal de afirmação, tiveram que se resignar ao pedido médico. Os planos de interrogatório teriam que ser adiados. Sentindo que o

ambiente favorecia, mais uma vez o canário interveio.

– Não querem que passemos a noite aqui? Está tarde e não conseguiríamos chegar em casa antes de cair a noite. Então, poderíamos acompanhar a perdigão.

– Mas o médico é a garça ou o canário? – perguntou o tucano líder, curioso.

– Está vendo porque a fama dele correu mundo? – socorreu Uiraçu. – Como eu disse, é um enfermeiro prodigioso.

A garça não estava gostando nada desta história, mas ficou calada, confiando no olhar misterioso de Furriel, que dizia estar acontecendo alguma coisa. “Espero que realmente o gesto seja por uma boa causa, senão eu pego aquele canário!” – pensou consigo mesma. Enquanto tratava o paciente com ervas que tinha colhido próximo dali, o canário também refletiu. “Ai se Tico estivesse aqui. Ele tem boas ideias para estas horas”. O clima de silêncio havia terminado e a atroadada começava a ter o volume aumentado de novo. Arrumaram uma toca para a perdigão e colocaram o canário ao lado dele, enquanto Toco dava detalhes a Uiraçu e Karkia sobre o perigo da presença daquela ave ali.

Enquanto isto, Tico se afastava dos chalreios dos tucanos e se aproximava, por falta de opção, dos trinos que não conseguia distinguir de que aves eram. Não podia seguir a trilha para o Norte para não ser capturado e muito menos entrar na floresta pelo Nordeste. Então, para não ter que voltar para o Abismo das Araras, teve que entrar na floresta pelo Sudeste. Os trinos estavam cada vez mais estridentes. Tico seguia. De repente, a orquestra de trinos foi silenciando e o pardal ouviu apenas uma ave canora. “Eu conheço esta voz!” – pensou Tico. “Conheço sim!”. Mais um pouco e já estava cercado por centenas de corruíras.

– Ora, ora! E não é que é o pardal filho de coruja?

– Garriça! O que faz aqui? Você mora aqui?

– Você se lembra que eu disse que morava na floresta depois das montanhas? Tem memória fraca, heim, senhor Tico?

– E você continua a mesma corruíra de sempre! Atrevida como só.

– Olha quem fala! Você é que é um pardal atrevido.

As corruíras se ouriçaram por alguns segundos e somente pararam ao aceno de Garriça. Foi aí que o Tico percebeu que a ave canora que conheceu na Mata da Encosta era a líder das corruíras.

– Aqui você está no meu território, pardal! Mas nem por isto será mal recebido. Pois, dentre todos daquela sua mata, você foi o que melhor me recebeu.

– Não fiquei magoado com você naquela época, apesar de ter me chamado de filho de coruja com desdém. Somente estranhei o fato de você querer fazer parte do grupo e, no outro dia, partir misteriosamente.

– Esta é uma longa história – disse a corruíra, incrivelmente calma. – Mas estar aqui e ali é da natureza das corruíras. Estamos sempre em bando e, ao mesmo tempo, cada uma em seu canto. Mas eu é que lhe pergunto, pardal! O que faz aqui na floresta, tão longe de casa?

– Bem, também é uma longa história – disse Tico, falando um pouco mais baixo. – Tenho uma missão de conhecer as coisas profundas da vida e, para isto, pretendo conhecer o maior número de aves possível. Já conheci biguás, águias, bem-te-vis, araras e... corruíras! Mas agora estou com um problema urgente para resolver, que não sei se pode me ajudar.

– Venha comigo! – sussurrou Garriça, entendendo que o pardal queria falar-lhe em particular. – Ali, conversaremos melhor. Pronto! Pode dizer.

– Confiarei em você! Prometi a uma perdiz, na Mata da Encosta, que, nas minhas andanças, acharia o seu marido perdigão. Mas ouvi dizer, entre as araras, que o coitado está sendo perseguido pelos tucanos e, talvez, até já aprisionado. O que faço?

– Bem, tem muito tempo que lhe disseram da perseguição?

– Há uns quatro ou cinco dias, talvez.

– Pois lhe digo que, ontem, aconteceu um alvoroço incomum entre os tucanos. Uma atroada como poucas vezes ouvimos daqui.

– Ouvi mesmo alguma coisa ainda hoje. Será, então, que capturaram o marido da minha amiga?

– Certamente! Se as informações coincidem, então, pode ter certeza. Os tucanos não se alvoroçam à toa como as araras.

– Hum! Como pode ser isso? Tucanos capturando perdizes! Que razão há nisto? – lamentou-se Tico.

– Deixe-me dizer-lhe umas coisas, filho de coruja! Os tucanos são os senhores desta floresta. Fizeram-se responsáveis por tudo o que aqui acontece e se preocupam com tudo o que de diferente ocorre. Certa vez, chegaram aos seus ouvidos notícias de que algumas aves estavam se juntando na mata que você chama de Mata da Encosta.

– Heim? – assustou-se o pardal. – Como é isso?

– Sim, os biguás pensaram que fosse alguma conspiração e avisaram os tucanos. – Conspiração? – assustou-se ainda mais o pardal. – Contra quem?

– Escute bem! – disse a corruíra. – Quando os tucanos ficaram sabendo disso, mandaram-me investigar imediatamente. Foi quando você me conheceu.

– Nossa! Bem que achei você um tanto esquisita!

– Sim! Mandaram-me ver o que estava acontecendo por lá. Era a minha missão. Por isso, quis participar da sua turma e conhecer um pouco de vocês. Mas, com pouco tempo de convívio, percebi que não eram nada perigosos e vim embora.

– Por isso, é que você partiu tão de repente aquele dia!

– Exatamente!

– Mas, então, parece-me que estou confiando na pessoa errada para contar sobre o marido da perdiz.

– Não, filho de coruja. Não mesmo! Quando voltei da missão, entendi que os tucanos estão exagerando muito nesta história e que, na verdade, perdi uma grande oportunidade de fazer amigos sinceros, como notei que vocês são. Que os tucanos não saibam, mas revoltei-

me com isto, de modo que não mais os ajudo a perseguir outras aves sob nenhum pretexto.

– Mas disseram-me que as aves da floresta eram livres.

– A luta é para que elas sejam, filho de coruja! Mas estão pesando muito a mão. Um dia, você entenderá toda a história.

– Mas como você poderá me ajudar?

– Bem, tenho que pensar. Talvez possamos causar um novo alvoroço na floresta, para que possamos resgatar o seu amigo.

– Como farão isto?

– Isto são coisas de corruíra. Terá que esperar para saber. Vou me reunir com as corruíras e bolar um plano. Mas você terá que ficar quietinho aqui em alguma toca, junto com algumas das nossas sentinelas que deixarei com você. Nosso alvoroço será causado lá e não aqui, entendeu?

– Mais ou menos. Se for para ajudar o meu amigo, que assim seja. É o meu único recurso.

– Tenha paciência. Mais um ou dois dias e salvaremos o seu amigo.

– Mas ele pode morrer até lá! – desesperou-se o pardal. – Não será tarde demais?

– É o tempo de elaborarmos um plano convincente. De qualquer maneira, os tucanos até podem ser tiranos, mas não assassinos. Se capturaram o seu amigo, mal não lhe farão a não ser o cativo.

– Então, vou agarrar-me a isto e confiar. Muito obrigado por tudo.

– Fique aí que conversarei com as minhas semelhantes – disse Garriça, afastando-se.

Tico orou. Pediu fervorosamente a Deus que desse um bom termo ao difícil caso do marido de Pygia. Entregava nas mãos das corruíras o desfecho do que parecia uma guerra fria sem sentido algum. Em seguida, a conhecida voz firme entoou: *“A fé é a poderosa arma que transforma a improbabilidade em fato, o desespero em*

certeza e a desconfiança em um ato de amor. Sê firme, pequenino, para que seja grande como o coração dos justos e humildes". As palavras tocaram os sentidos mais íntimos do pardal, que precisou passar por mais um entocamento forçado. Desta vez, com a resignação de quem passa a entender definitivamente que tudo na vida tem um propósito. Agora, começou a compreender o que uma vez o pai comentou sobre uma frase que o velho Stan havia dito: *"Quero crer intimamente no acaso, mesmo que não tenha ideia do impreciso"*. Em outras palavras, "não ter ideia do impreciso" é não ter dúvida alguma de que tudo tem um porquê e "crer intimamente no acaso" é entregar a Deus o desenho do desfecho dos reveses da vida. Tico viu o despertar da sabedoria espetar-lhe os sentidos como um doce punhal.

Furriel passara a noite com o marido da perdiz, que mal dizia algumas palavras. O canário deixou-o dormir e descansar, mas, no dia seguinte, o abordou, com semblante sério.

– O seu nome é Chapmani, não é?

– Como o senhor sabe?

– Estamos à sua procura faz algum tempo. Na verdade, um pardal está à sua procura.

– Um pardal? Mas por quê?

– Ele faria uma viagem e prometeu à sua esposa que o traria de volta.

– Minha esposa está viva? – sorriu a perdigão um instante, tendo a esperança renovada em seu rosto.

– Sim, está viva e segura conosco na Mata da Encosta. Mas ninguém aqui deve saber disto, entendeu? E também não devem saber o seu nome, para a sua segurança.

– Está bem. Mas ela teve filhotes?

– Não, os ovos não vingaram, infelizmente. Mas ela pretende ter outros filhotes com você e está com muitas saudades, esperando-o lá, porque não pode mais fazer longas viagens.

– Por que não?

– Ela teve um acidente e quebrou a asa. Já tratamos dela, mas

praticamente só poderá fazer voos baixos, para não cansar a asa ferida, que talvez não tenha mais conserto pleno.

– Ai, minha esposa querida. Que bom ouvir que ela está viva! Serei eternamente agradecido pela acolhida que lhe deram.

– Estou pensando em uma maneira de resgatá-lo, mas está difícil. Pedi para que passasse a noite aqui com você para ganhar tempo, mas não vejo como. Talvez seja necessário que eu volte à Mata da Encosta para pensar em alguma coisa. O pior é que nem posso dizer à garça alguma coisa, pois ela está sempre acompanhada de um tucano no momento.

– O que digo para os tucanos?

– Não sei. Conte uma história diferente, invente outro nome que lhe comprometa menos, finja que perdeu as esperanças e diga que acha que sua esposa está morta. Também finja que está doente ainda, pois tentarei passar mais uma noite aqui. E não conversaremos sobre isto por enquanto, pois os tucanos podem desconfiar, tudo bem?

– Tudo bem. Vamos calar agora.

No exato instante em que os amigos pararam de conversar, dois tucanos apareceram na entrada da toca, com os quatro olhos em posição paralela.

– Venham cá vocês dois! – disseram os tucanos para Furriel e Chap. – Toco quer vê-los.

– O paciente não está bem ainda – disse o canário. – Está sentindo muitas dores ainda e precisa descansar.

– Isto não importa. Se for preciso, o carregaremos pelo bico.

– Está bem! Podem levá-lo, sob minha supervisão.

Um dos tucanos carregou Chapmani como se fosse uma pluma, tamanha era a pressa de atender às ordens de seu chefe. Furriel foi acompanhando, mais para impedir que a perdigão falasse alguma coisa do que propriamente para ver se os tucanos iriam machucá-lo, pois, se o fizessem, não faria diferença a presença ou não do pequeno canário ali. Chegaram à presença do líder e Toco começou a falar, sendo acompanhado por mais seis tucanos, Uiraçu e Karkia, que

estavam observando atentamente tudo o que acontecia.

– Bem, agora que você melhorou um pouco, podemos começar a interrogá-lo.

– O paciente ainda não está bem! – gritou Furriel.

– Mas ele consegue falar, pois ontem ele estava ainda pior e, mesmo assim, falou. Aquiete-se, senhor canário! – disse o tucano, em tom irritado e impaciente. Voltando-se novamente para o prisioneiro, continuou.

– Prossigamos. O que o senhor realmente veio fazer aqui?

– Bem, vim procurar minha esposa, como já havia dito, mas já perdi as esperanças de encontrá-la. A coitada deve estar morta.

– Para onde estava indo?

– Não sei. Não sabia onde encontrá-la e, por isto, entrei nesta floresta, pois pensei que aqui teria maiores chances.

– Qual caminho tomou até aqui?

– Vim dos campos que existem entre o mar e a grande serra após as montanhas.

– Como acha que a sua esposa passou por aqui sem ser notada?

– Não creio que tenha passado. Acho que está morta.

– Temos notícia de uma perdiz que passou para depois dos biguás faz alguns anos. Pode ser a sua esposa?

– Não! – disse Chap, disfarçando a verdade. – Isto faz poucos dias.

– Então, não se trata da mesma ave que pensávamos – disse Toco, olhando para Karkia e Uiraçu, que disseram ter, respectivamente, tratado e atravessado uma perdiz pelo Vale dos Gaviões faz algum tempo. – Mas, se acha que sua esposa não está viva, porque veio até aqui mesmo assim? A distância é grande e as montanhas são altas.

– Eu tinha esperanças até chegar aqui, mas, como fui perseguido e acabei me ferindo, acredito que minha esposa deve ter tido um fim pior.

Chap não deveria ter dito aquilo. As suas palavras feriram o orgulho tirano dos tucanos, ao mesmo tempo em que causaram uma desconfiança ainda maior em relação à perdigão. Furriel assumiu um semblante de lamentação, embora soubesse que Chap tinha agido exatamente como ele pedira, mas com bastante exagero. A águia e a garça entreolharam-se e temeram o pior para a perdigão. O tucano prosseguiu.

– Você está dizendo que somos capazes de matar?

– Não! – disse Chap, tentando consertar o mal feito. – A minha ferida foi em função da perseguição, não de um ataque. Como ela é mais frágil, temo que ela tenha sido perseguida por outras aves e não tenha resistido, pois estava esperando filhotes.

– Se acredita que somos tiranos, acreditamos que você seja um espião! – entregou o tucano.

– Não, de modo algum! Vim apenas procurar minha esposa, embora tenha perdido as esperanças. Peço apenas que me deixe ir embora. Que me coloquem sob a guarda da garça ou do canário, mas deixem-me ir, por favor.

– Até segunda ordem, você fica por aqui, senhor perdigão! Estão acontecendo muitas coisas estranhas ultimamente e o seu caso é uma delas. Enquanto não esclarecermos tudo, não o soltaremos. E não há garça, águia ou canário que nos impeça de mantê-lo sob cativeiro. Sentinelas, levem-no de volta e peçam ao senhor canário e à senhora garça que o acompanhem até a sua melhora completa.

Os tucanos levaram a perdigão de volta pelo bico e Furriel comemorou, ao menos, o fato de que permaneceria mais algum tempo com Chap. Após os tucanos deixarem a ave ferida dentro da toca e permitirem que o canário e a garça permanecessem a sós com ele, Karkia abordou finalmente o canário, não obstante fossem vigiados de longe.

– Furriel! Espero que isto tudo tenha um fim útil, porque senão você é que terá um fim! – ironizou a garça, querendo uma explicação.

– Calma, Karkia! Esta perdigão é Chapmani, o marido de Pygia. Ele veio procurá-la. Pedi que não dissesse a verdade para que os tucanos não procurassem por ela na Mata da Encosta, o que traria muito mais problemas para todos e talvez todos nós passássemos a ser prisioneiros também, inclusive a perdiz. Estou pensando numa forma de voltarmos com ele, mas até agora não consegui nada.

– Você está louco! Voltarmos com ele? Não podemos estragar nossas relações com os tucanos, por mais tiranos que realmente sejam. Você não sabe o que está dizendo e nem os perigos que corre. Até concordo com você quanto a esconder que ele é marido da perdiz, mas voltar com ele já é loucura.

– Tudo bem, mas vamos ficar com ele enquanto podemos.

– Isto sim. Mas juízo, rapazinho, pois tive que engolir o meu orgulho por conta de suas trapalhadas. Perdoo-lhe, porque suas intenções foram boas, mas não me crie mais problemas com os tucanos, está bem?

Furriel entrou na toca da perdigão mais triste, mas levando ervas curativas para o banho vespertino das feridas. Mais uma noite e as esperanças de salvar a perdigão e consolar a amiga perdiz estavam se esvaindo.

Tico acordou no dia seguinte com os trinos das corruíras, que tinham chegado a uma conclusão sobre a história que inventariam. O pardal, em suas múltiplas reflexões, apelidava o lugar de Planalto das Corruíras, quando foi interrompido pelo grito da líder das corruíras.

– Filho de coruja! – gritou Garriça ao pardal.

– Que foi, filha de corruíra? – respondeu Tico, arrancando sorrisos de Garriça e das corruíras em volta.

– Já chegamos a uma conclusão sobre o seu caso. Tentaremos resgatar o seu amigo hoje.

– É mesmo? Nossa! Que bom! Eu estava preocupado.

– Mas continue ficando! Será apenas uma tentativa. Temos de torcer para o nosso plano dar certo. Os tucanos têm que engolir uma mentira que não existirá. O problema é que eles gostam de se

certificar sobre tudo o que acontece. Colocaremos muitas corruíras nesta missão. Se falharmos, ficaremos mal com os tucanos.

– Está bem! Torcerei para que tudo dê certo!

– Então, você fique quieto em sua toca. Porque você não pode aparecer, senão vira alvo, está entendendo?

– Eu, virar alvo?

– Sim, você! Sossegue aí, ouviu?

– Ouvi, pode deixar. Se servir para identificar o meu amigo, seu nome é Chapmani e sua esposa é Pygia.

As corruíras partiram em grande bando para a parte da floresta em que os tucanos estavam reunidos. Foram em silêncio, de modo que muitas delas ficassem em pontos diversos, escondidas. Não havia tucanos espalhados, pois todos estavam distraídos com a história da perdigão. Somente uma comitiva de pouco mais de uma dezena de corruíras partiu para falar com os tucanos. Garriça se adiantou e foi falar com as sentinelas, com o fim de se anunciar. Os tucanos estavam acostumados com a presença das corruíras, que eram usadas para diversas missões e, portanto, não se assustaram. As sentinelas foram até onde Toco estava e voltaram com a resposta.

– Toco disse não ser esta uma boa hora para falar com as corruíras. Os tucanos estão preocupados com a presença de uma pequena ave que foi encontrada por aqui.

– Mas é justamente sobre isso que desejamos falar – disse Garriça. – Acabamos de ficar sabendo que existe outra.

– Outra? – assustou-se uma das sentinelas. – Onde?

– Vindo da Entrada da Floresta, entre a trilha e o nosso planalto.

– Toco precisa saber disto. Vamos lá, você e toda a sua comitiva.

As corruíras voaram baixo até alcançar a pequena clareira onde se reuniam todos os tucanos.

– Chefe! Eis as corruíras com notícias urgentes. Desculpe-me desrespeitar as suas ordens, mas parece que é uma coisa muito séria.

– Espero que seja, sentinela. Pois interromper um assunto sério só pode ser com outro mais sério ainda. Bom dia, corruíras!

– Bom dia! – respondeu Garriça.

– O que trazem de notícias? Será mais grave do que temos aqui?

– Talvez. Enquanto vocês se distraem com um prisioneiro só, outra ave foi vista vindo da clareira das araras, voando tranquilamente pela trilha principal.

– Ah é? – disse o líder tucano, com desdém.

– Sim! Não sei se desviou da trilha! – disse Garriça, aumentando a mentira. – Mas vem nesta direção, cada dia um pouco mais.

– E se trata de que ave?

– De uma arara rebelde. Está desacompanhada das outras, o que indica que pode ter fugido ou sido expulsa.

– Como ficaram sabendo disto?

– Ao contrário dos tucanos agora, temos gente em toda parte. Também nos preocupamos com a segurança da floresta.

– Tucanos! – conclamou Toco, desviando o olhar de Garriça e tentando não responder à ofensa recebida naquele momento. – Quero cinquenta tucanos averiguando esta história. Vasculhem a trilha e as matas em volta. Quero saber se isto tudo é verdade ou se é alguma travessura de corruíra.

– Não viríamos em comitiva até aqui se não fosse verdade. Além disso, ainda tivemos que convencer as sentinelas, o que já foi uma humilhação.

– Está bem. De qualquer maneira, os tucanos averiguarão a ave rebelde e, se for o caso, a aprisionarão.

– Muito bem. E quanto ao prisioneiro, o que houve com ele?

– Trata-se de uma perdigão que veio buscar a esposa perdiz e não a encontrou. Pelo nosso interrogatório, deduzimos que ela tenha morrido. Vamos lhe apresentar, pois você pode saber alguma coisa dele, em suas andanças.

– Vamos lá!

Quando se aproximaram da toca preparada para Chapmani, lá estavam Furriel, Karkia e ainda Uiraçu, que permanecia sempre nos momentos de maior crise. Furriel arregalou os olhos quando percebeu a aproximação das corruíras.

– Bem, amiga corruíra! – disse Toco, anunciando as corruíras aos visitantes como aliadas. – Este é a perdigão de que lhe falei. Não demonstrou sinais aparentes de espião, mas algo me diz que se trata de um deles.

– Pode ser! Mas está com cara de assustado. Pode não ser também.

Um ódio incomum tomou conta do semblante do canário. Ele e Garriça haviam se estranhado na Mata da Encosta e, verificando que as corruíras eram aliadas dos tucanos e que a corruíra que conhecera era a líder delas, suscitou-lhe um sentimento não muito agradável. A corruíra percebeu, mas continuou fingindo, para não despertar suspeitas.

Neste instante, um barulho terrível causado pelos chalreios dos cinquenta tucanos despertou a atenção do restante do grupo. Com certeza, tinham descoberto algo. Todos os tucanos, sem exceção, além de Uiraçu e Karkia, foram para a floresta, confiando a perdigão às corruíras. Mais que depressa, a comitiva de corruíras aproximou-se da toca de Chap e foi impedida de entrar pelo corajoso canário.

– Alto lá! – disse Furriel, com voz autoritária. – Quem disse que podem tocar em meu paciente?

– Viemos resgatá-lo, canário! – respondeu Garriça. – Levaremos o seu paciente conosco. Se quiser, pode vir também.

– De jeito nenhum! Não posso confiar em você. Para ser um prisioneiro, antes ser dos tucanos!

– Quem disse que será prisioneiro? Estou levando o rapaz para o seu amigo pardal.

– Pardal? Você disse pardal? Tico? Será possível?

– Sim, ele está conosco! Por isto, estou chamando você para

vir também.

– E se estiver mentindo?

– Garanto que não! E lhe provo: o rapaz chama-se Chapmani e é marido de Pygia. Foi o que o pardal me confidenciou antes que partíssemos. Basta para você?

– Basta! Estou convencido! – disse Furriel, passando a olhar para a perdigão. – Acho que podemos ir! O pardal deve estar lhe esperando.

– Então, vamos rápido antes que algum tucano retorne!

– Vamos agora! Mas o meu amigo tem que ser carregado, pois não aguentará a viagem.

Um bando de corruíras se aproximou para carregar a perdigão, que era, inclusive, mais pesado que quatro das pequenas aves. Mas umas doze se revezaram durante o trajeto, de modo a garantir uma viagem mais tranquila. As corruíras estranharam muito a facilidade com que se deu o resgate e o modo como os tucanos deixaram o prisioneiro. Para distrair os tucanos a ponto de todos deixarem os seus postos, só se fosse algo muito mais grave. Mas pararam de se preocupar, a partir do momento em que atravessaram a trilha e a missão alcançou o seu sucesso. O canário estava ansioso por reencontrar o amigo, enquanto o pardal pensava sobre como seria o desenrolar da tentativa de resgate.

CAPÍTULO 35

TENSÃO NO PLANALTO DAS CORRUÍRAS

Joca voltou de Vista Alegre muito feliz. Estava assim não somente porque tivera um maravilhoso dia, mas por saber que, em breve, viveria perto dos humanos de que tanto gostava e que o acolheram tão bem e dos membros de sua família, que entendia ser seu pai Tyto e sua mãe Alba, que andaram sumidos durante algum tempo. Começou a imaginar as árvores que seriam sua futura casa, mas gostava muito ainda de sua toca na Clínica das Flores, onde se recolhia sempre que necessário.

O dia seguinte despertou radiante, parecendo refletir o semblante de todos que foram à cerimônia da grande caravana. Joca nem precisou ser chamado. Surgiu logo cedo na entrada da toca, agradecendo o lindo amanhecer do dia na clínica e já se deparou com a movimentação de Stan próxima ao lago, para onde já se direcionavam as crianças e jovens que assistiriam a mais uma aula do querido professor. Ao contrário dos outros dias, em que tinha sido convidado a se sentar, Joca foi o primeiro a voar para o centro do gramado, à semelhança dos tempos em que esperava os alunos no parapeito da janela da universidade. Rapidamente, Hélio sentou-se ao seu lado e os demais alunos se sentaram ali por perto.

Mais uma vez, um convidado especial se abeirava do lago, observando à espreita dos demais. Era Tico, no mesmo instante em

que as corruíras se dirigiam para a floresta para resgatar Chapmani. O professor, como sempre cordial e pontual, iniciou mais uma palestra entre as árvores e o jardim de margaridas e flores-de-lis.

– Prezados amigos, a satisfação é muito grande em estar aqui novamente com todos, entre valorosas pessoas e aves. Hoje, o tema de nossa aula é felicidade.

– Felicidade? – indagou Hélio. – Mas não é o que buscamos a todo momento aqui?

– Sim, Hélio – respondeu o professor. – Mas, muitas vezes, buscamos de forma errada.

– Errada? Eu pensei que aqui tivesse tudo o que precisamos para sermos felizes.

– Em todos os lugares, existe o que precisamos para sermos felizes.

– Em todos? – perguntou Marina.

– Em todos, sem exceção! – reafirmou Stanislaw.

– Mas como é isto, professor? – perguntou Marina, ainda mais intrigada que Hélio. – Seríamos felizes em lugares ruins como Mato Seco, por exemplo?

– Se o seu propósito for ajudar, sim! Se for para sofrer as consequências dos seus atos, talvez não.

– Estou começando a entender! – disse Hélio.

– Vai imaginando aí, que logo você formulará mais um princípio, nobre Hélio – disse o professor, arrancando sorrisos dos demais alunos.

– Pode deixar que já me prepararei! – respondeu o rapaz, correspondendo aos sorrisos.

– Então, continuemos! A felicidade não está vinculada a lugares, meus queridos!

– Ah! Mas, então, está vinculada a pessoas! – disse o pequeno Felipe. – Pois estou sentindo uma falta danada da minha mamãe.

– Nem às pessoas, Felipe! Nem às pessoas.

– Mas por que me sinto mais feliz perto das pessoas que amo?

– Isto é natural agora para você, mas, a partir do momento em que evoluirmos um pouco mais, estaremos cada vez mais próximos a estas pessoas em pensamento e desapegadas de suas presenças físicas.

– Isto é muito triste, não? – disse Gabriela.

– Triste, não. Isto é, sim, muita e muita alegria.

– Por quê? Não vejo alegria nenhuma em ficar longe da família.

– Será ao contrário, Gabriela – tentou explicar o professor. – Pois estará em contato com a sua família no momento em que desejar. Pois, se você vincular a sua felicidade à presença física das pessoas que ama, ficará frustrada a todo momento, pois a vida sempre nos convida a deixar as famílias em função de muitos afazeres. Desapegar fará com que amemos todo o tempo e realizemos nossas tarefas com muito mais dedicação e desempenho.

– Entendi, mas ainda não concordo totalmente – disse a garotinha.

– E os encarnados, não se sentem menos felizes? – perguntou Joca, pensando em Tico.

– De jeito nenhum, nobre coruja! – respondeu o professor. – Sentem-se mais limitados, talvez. Mas mais tristes somente porque estão encarnados, de nenhuma maneira. A sua melancolia decorre da incursão que fizeram com o fim de se aprimorar e que, nem de longe, representa um motivo exclusivo para a tristeza.

– Mas porque muitos espíritos se entristecem quando sentem que vão reencarnar? – insistiu Gabriela.

– Porque ainda estão apegados, mocinha! – disse o mediador. – Estão dependentes de uma luz “externa” que lhes é acesa no plano espiritual, pelo fato de vislumbrarem melhor o caminho e compreenderem melhor os seus erros e acertos. Encarnar para os espíritos em nosso estágio de evolução ainda significa ter uma luz apagada, caminhar na escuridão.

– E a caminhada é mais difícil na escuridão! – completou Hélio.

– Isto mesmo, meu rapaz! Conviver com o escuro não é fácil realmente. Mas a felicidade de fato virá quando os reencarnantes conseguirem, de forma perfeita, encarar a escuridão do mesmo jeito que encaram a luz. Neste dia, de duas uma: não mais precisarão reencarnar ou não fará mais diferença reencarnar ou não.

– Então, a ideia de que o plano espiritual é melhor ou mais feliz é falsa? – disse Hélio.

– Falsa é uma palavra forte, Hélio. Eu diria ilusória. Muitos os que vivem de mal com a vida e esperam encontrar no plano espiritual uma melhora se sentem frustrados quando aqui chegam, pois carregam os mesmos problemas que mantinham quando encarnados.

– Por que, então, professor, o materialista se diz feliz no plano físico? – perguntou Felipe.

– Estes constroem uma luz artificial com o que lhes é disponível na Terra. Voltam-se constantemente para os bens materiais, com a esperança de que a luz da vida esteja ali. Enquanto a vida não os frustra, dizem-se felizes. Mas, logo, os bens materiais cessam de crescer, pois são escassos ou não crescem na velocidade da ansiedade dos homens, e, então, chega a frustração, a revolta, o desespero e a depressão, nesta ordem.

– Eles perdem a luz? – indagou Marina.

– Perdem a luz artificial que construíram, quando, na verdade, precisam reconhecer a luz natural interna que possuem e tentar tatear na escuridão externa que a vida lhes apresenta, esforçando-se para construir grandes pontes para atravessar os seus grandes abismos morais. Todos somos um pouco assim, Marina, com mais ou menos intensidade. As flores perseguem a luz, a procuram, se voltam para ela, necessitam dela. Porém, a flor fechada em uma estufa tem que se contentar, tristemente, com a luz artificial que lhe criaram.

– Hum! Então, precisamos gostar da escuridão! E se não vemos fundamento nela? É possível entrar em desespero com muita facilidade!

– Sim, Marina. Mas a forma de encarar a escuridão é uma

opção. Enquanto alguns preferem enxergá-la como uma hibernação fria, triste e solitária, outros a aproveitam para o aprendizado e a reflexão. Aqui mesmo, no plano espiritual, temos momentos de escuridão e, no plano físico, temos momentos de luz.

– Como assim? – disse a menina.

– A dúvida de todos reside no fato de que ainda têm na mente que o plano físico e o plano espiritual são muito diferentes, quando de fato não são. Enquanto aqui “reencarnamos desencarnados” muitas vezes, lá muitos “desencarnam encarnados” todo o tempo. Temos crises e conflitos aqui, como os encarnados têm momentos de grandes lucidez e alegria lá.

– Quer dizer que a felicidade depende muito mais do nosso interior, não é mesmo? Da luz interna que carregamos dentro de nós – formulou Hélio.

– Isto, meu rapaz. Mas com a ressalva de que a felicidade depende *somente* da luz interna que temos. Uma centelha divina que tende a aumentar com a evolução. Com esta luz interna, irradiamos felicidade para os seres que estão à nossa volta.

– Mas como suportar a escuridão quanto ainda não se enxerga esta luz interna? – perguntou Gabriela, ainda com dúvidas.

– Com uma palavra mágica, que faz com que enxerguemos certa iluminação na escuridão: a fé. É a fé que faz com que caminhemos no escuro, esperando de Deus uma trilha segura à frente. É a mesma sensação que deve sentir um bebê quando dá os primeiros passos, olhando para os pais que estão à frente, ou quando se entrega aos braços deles diante de um pequeno salto em queda livre. É a confiança divina. Esta é a luz que devemos enxergar dentro de nós. E, para enxergá-la, é preciso se desapegar dos bens que estão em meio ao caminho escuro, quando o que interessa são os tesouros espirituais que fazem com que a luz interna sempre aumente.

– Então a felicidade é filha da fé e da esperança? – perguntou Hélio.

– Isto, meu formulador de princípios preferido! Durante muito

tempo da vida dos seres, a felicidade realmente é filha da fé e da esperança. Depois, passa a ser filha também da caridade, quando conseguimos, além de enxergar e manter esta felicidade, também irradiá-la.

– Nossa! Quanta coisa aprendida em poucos minutos! – disse Felipe.

– É assim mesmo, meu rapaz. Aprendemos e ensinamos, sempre. Garanto-lhe que, em breve, estará me ensinando muitas coisas também.

– Eu?

– Você! – disse Stan, olhando também para os outros alunos. – E todos vocês também. É apenas uma questão de tempo. E você, nobre coruja, talvez ensine ainda muitas aves. Não é à toa que, desde a universidade, gosta de assistir às aulas. Terá a sua própria turma um dia.

A aula terminou com gosto de boa reflexão para todos. Não havia quem não tivesse uma luzinha um pouco mais acesa aquele dia. Enquanto Tico voltava ao Planalto das Corruíras e Joca à toca na Clínica das Flores, cada um dos presentes aquele dia seguiu o seu caminho, sozinho e pensativo.

Depois de algum tempo, as corruíras chegaram ao seu território com Furriel e Chapmani. A orquestra de trinos era inconfundível e Tico não sabia diferenciar se isto era um sinal de que a missão tinha dado certo ou se tinha fracassado. Ao surgirem num horizonte cuja visão era dificultada pelas árvores, o pardal enxergou de longe dois pequenos pontos no meio de um bando de corruíras. Podia supor que um deles pudesse ser Chapmani, mas o outro ficava meio difícil de imaginar. Aproximando-se mais, percebeu uma pequena mancha verde oliva, amarela e negra, que lhe causou enorme surpresa.

– Furriel! O que você faz aqui? Como é isto?

– Olá, meu bom amigo. Quanto tempo! Desde aquele dia na Entrada da Floresta que não nos vemos!

– Pois é! Conte-me como você veio parar aqui!
– Então, você é o responsável pela futura desavença entre os tucanos e as corruíras? – sorriu o canário, nem ligando para a pergunta de Tico.

– Futura? Pensei que a briga já havia se consumado!
– Ainda não, mas foi por pouco.
– Por quê?
– Porque resgatamos Chapmani num golpe de sorte!
– Como assim?
– Porque os tucanos se distraíram com algum barulho e se foram.

– Deixem-me explicar! – interveio a corruíra. – Inventamos uma mentira, dizendo que uma ave rebelde tinha surgido na mata, vinda do território das araras. Só não esperávamos que desse tão certo, pois todos os tucanos abandonaram seus postos de sentinelas ou mensageiros e voaram para o meio da trilha. Foi quando resgatamos o nosso amigo aqui.

– Mas até agora não entendi o que tem a ver o canário com isto! – disse Tico.

– Muito a ver, pois acredito que somente pudemos resgatar a perdigão porque os tucanos confiaram no canário.

– Furriel! – inquiriu o pardal, olhando para o canário. – continuo sem saber nada!

– É que fomos, eu e Karkia, socorrer a perdigão, ferido na perseguição com os tucanos. A águia Uiraçu foi conosco também.

– Uiraçu? Conheci muito a águia. É uma ave muito justa, que comprou uma briga por minha causa. E então?

– Na confusão, também voaram a águia e a garça, deixando-me sozinho com a perdigão. Seria impossível que eu o levasse sozinho, pelo meu tamanho, mas eis que apareceram as corruíras e o carregaram, sem problemas. Este é Chapmani, o marido de Pygia.

– Olá, Chap! Sou Tico, o pardal. Esta confusão é meio culpa minha, o senhor me desculpe por tê-lo assustado, mas garanto-lhe que

estará melhor conosco do que com os tucanos.

– Ora, não há por que se desculpar. Sei que estão com boas intenções. Passaria por qualquer coisa para ver a minha esposa novamente.

– Em breve, quem sabe! – disse o pardal, com tom de advertência. – A coisa não anda boa por aqui. De qualquer modo, teremos que seguir o caminho contrário da Mata da Encosta agora, já que estão de olho na trilha das araras por causa da mentira das corruíras. E a garça não poderia levá-la, sob pena de ser acusada de traidora e não poder usar mais os seus dotes de medicina.

Esta frase de Tico foi como uma apunhalada no coração do canário. Ele, sim, estava seriamente ameaçado de não poder ser mais enfermeiro, visto que comprometeria muito o trabalho de Karkia, além de correr o risco de ser capturado a qualquer instante. O semblante acobalhado do canário motivou a intervenção do pardal.

– Que foi, Furriel? Murchou de repente por quê?

– Ora, pensei no que você disse. Talvez possa deixar de ser enfermeiro para sempre.

– É, não tinha pensado nisso. Seu caso não é bom. Mas você continuará sendo o nosso enfermeiro da Mata da Encosta para sempre.

– Isto se existir Mata da Encosta até lá, não é? Pelo que ouvi, os tucanos são aliados dos biguás e, pelo que conheço deles, podem até atacar a nossa mata.

– Puxa vida! – exclamou Tico. – Se soubesse que seria assim, não teria pedido ajuda às corruíras.

– A culpa não é sua! – disse Chapmani. – Eu é que devia ter ficado quieto onde estava. Agora, até a minha esposa está em perigo. E a mata de vocês também.

– Bem, isto não é hora de nos lamentarmos – disse Garriça, que ouviu toda a conversa. – O que está feito, está feito. Temos que buscar soluções. Também estamos correndo risco aqui. Por enquanto, os tucanos não sabem de nada. Mas está por um fio a possibilidade de uma guerra ser declarada nesta floresta e nos vales vizinhos. Temos

que ser muito perspicazes a partir de agora.

– E qual será o próximo passo deles? – perguntou Tico.

– Não sei, filho de coruja! Talvez pensem que viemos embora e que vocês fugiram em seguida. Talvez coloquem a culpa em nós, mas talvez culpem o canário. Está entendendo agora porque sugeri que você ficasse quietinho aqui?

– Entendi sim. Mas, assim que puder, terei que continuar minha caminhada. Vou para o alto da serra.

– Sinto muito, mas terá que esperar a poeira baixar, se ela baixar. Senão, terá o mesmo fim que a perdigão, ou seja, capturado pelos tucanos.

– É, eu sei – resignou-se o pardal. – Pensarei nisto também.

– Neste momento, devem estar distraídas com a ave que ainda não acharam ou com alguma outra coisa que acharam. Mas, depois, pode ser que venham aqui pedir informações sobre o canário e a perdigão.

– E o que vai dizer?

– Não sei ainda, filho de coruja! Não sei ainda! Tenho que ver com as corruíras.

No mesmo instante em que conversavam, um burburinho bem maior que o anterior aconteceu na clareira dos tucanos. Era impressionante o ruído dos chalreios, que, juntos, pareciam estar a poucos metros de distância, embora estivessem a alguns quilômetros. As corruíras se ouriçavam, com medo. Tinham recebido a ordem de ficarem um pouco mais silenciosas, para não chamar a atenção dos tucanos, mas os chalreios deles estavam tão altos que nem precisavam se preocupar. Mesmo assim, estavam nervosas, porque não podiam usar dos trinos como estavam acostumadas, porque precisavam simular que nada estava acontecendo. Fizeram uma reunião de urgência para decidir algumas questões e eis que Garriça voltava, com as decisões.

– Meus amigos! – disse a corruíra para o canário, o pardal e a perdigão. – Achemos que a melhor coisa a fazer no momento é

esconder bem vocês e fingir que nada aconteceu, pois não podemos arriscar o nosso território e a vida das corruíras. Além disso, poderemos ser úteis para vocês em breve. É melhor que pensem que somos seus amigos, por enquanto. Vamos ver o que querem, pois logo estarão aqui.

– Mas acabarão colocando a culpa no canário! – disse Tico.

– Já pensamos nisto também! O que dissermos não durará muito, mas distrairá os tucanos por algum tempo. Arranjaremos um esconderijo seguro para vocês, atrás daquelas árvores, que será camuflado pelas corruíras. Sempre que a coisa apertar, é para lá que vocês irão.

Os chalreios se aproximavam cada vez mais e as corruíras se preparavam para se portar como se nada tivesse acontecido. As corruíras foram dispostas em árvores, como faziam durante aquelas horas do dia e Garriça postou-se estrategicamente em uma árvore bem na frente da entrada de sua clareira. Os tucanos chegaram com Uiraçu e Karkia e um deles se adiantou para os anunciarem.

– Olá, Garriça, líder das corruíras. Toco quer lhe dizer algumas palavras.

– Olá, mensageiro tucano. Diga ao seu chefe que pode entrar em nossa clareira.

– Boa tarde, Garriça! – disse Toco.

– Boa tarde, Toco! O que vem fazer aqui neste final de tarde?

– Primeiramente, venho lhe agradecer em nome de todos os tucanos. Mais uma vez, as corruíras provaram que são grandes aliadas.

As corruíras entreolharam-se, surpresas e sem reação.

– Por quê? – perguntou Garriça.

– Porque encontramos a arara rebelde exatamente no caminho que havia nos dito. Muito obrigado. Na verdade, era uma ararajuba amarela macho. Era um jovem rapaz bastante transtornado porque queria chegar ao seu destino e o capturamos.

Tico, com um semblante assustado, pensou: “*é Aiuru!*”.

– Não há o que agradecer – disse a corruíra, pensando

rapidamente. – Fizemos a nossa obrigação, que é avisar os vizinhos de um possível perigo.

– Mas também viemos perguntar se você ou alguma das corruíras viram o canário e a perdigão. Parece que o primeiro sumiu e o segundo escapou. Vocês sabem de alguma coisa?

– Bem! – relatou Garriça, levantando a cabeça e formulando uma história com todo o cuidado. – Quando viemos embora, o canário disse que estava indo buscar algumas ervas para curar a perdigão, que não estava conseguindo voar sozinho. Não vimos problema e partimos. Não sabemos o que aconteceu depois.

– Por descuido completo, relaxamos a guarda. – disse Toco. – Devíamos ter deixado ao menos um tucano lá. Pode ser que, enquanto o canário buscava as ervas, a perdigão, ave mentirosa, saiu voando depois de fingir que não voava e o canário foi atrás. É o que posso pensar diante do que me disse.

– Sinceramente, não sabemos. Se tivermos notícias, podem contar conosco que avisamos.

– Está bem! Não há motivos para desconfiar de vocês e talvez nem do canário – completou o tucano. – Até mais, Garriça.

– Até mais, Toco.

Os tucanos foram embora bastante desconfiados, mas com todo o cuidado do mundo para não acusarem as corruíras sem provas, pois poderiam perder importantes aliados. Mas tinham certeza de que algo envolvia muito mais aves do que antes imaginavam. Só não sabiam o quê. Quando os chalreios estavam longe, é que se ouviu a primeira voz entre as corruíras, a de Garriça.

– Estranho!

– Estranho o quê? – perguntou uma das corruíras.

– A última frase de Toco foi um pouco diferente das demais: “não há motivos para desconfiar de vocês e talvez nem do canário”. Estou desconfiado de que não engoliram esta história. O tempo dirá.

– Três amigos, onde estão vocês? – chamou a corruíra líder. – Temos novidades!

Os amigos saíram da toca, ainda um pouco apreensivos. Todos já tinham ouvido a história, mas prestaram atenção na versão de Garriça.

– Amigos, de todas as opções que poderiam acontecer, esta foi a melhor possível. Os tucanos não abriram guerra contra as corruíras e não tinham certeza se o canário estava ou não envolvido. É um bom sinal para ganharmos tempo para resolver o destino de vocês. No mínimo, os tucanos continuarão procurando a perdigão e a garça continuará procurando o canário.

– Além disto – continuou a corruíra –, tivemos muita sorte, mas muita mesmo. Não sei o que houve, mas acertamos o palpite na mosca. Realmente havia uma arara na estrada e isto facilitou o resgate da perdigão.

– Mas tem um probleminha aí – disse Tico, preocupado.

– Qual o problema, filho de coruja? Não vá me dizer que se arrependeu.

– De jeito nenhum. Não há do que nos arrependermos, pois o objetivo inicial era justamente resgatar Chapmani.

– Qual o problema então?

– É que a ararajuba-macho que os tucanos capturaram é meu amigo também. Combinamos de nos encontrar no alto da serra, pois Aiuru queria vir comigo em minha missão. Agora, estou escondido aqui e ele preso lá.

– E essa agora, filho de coruja! E essa agora! Resgatamos um amigo seu por causa da captura de outro?

– É... – disse Tico, de cabeça baixa, sem ter o que dizer.

– E o que acha que devemos fazer? Dizer outra mentira e arriscar outro resgate? Pelo jeito que a coisa anda, inventarei que existe um bem-te-vi na trilha para resgatar a ararajuba e, de repente, vem um bem-te-vi seu amigo mesmo.

As corruíras gargalharam durante muitos minutos e não foi difícil arrancar sorrisos tímidos de Tico, Furriel e Chap, que não resistiram à piada de Garriça, em um dos poucos momentos de

descontração que demonstrara.

– E o pior não lhe digo – disse Tico, também com certo humor. – Tenho um amigo bem-te-vi na Entrada da Floresta mesmo.

– Nem me fale nisto! – disse a corruíra, ainda sorrindo. – Mas, falando sério, o que faremos agora? O que me sugere?

– Não sei, filha de corruíra. Não sei – disse Tico, imitando Garriça e arrancando mais risadas das corruíras. – Só sei que tenho um amigo lá que precisa ser resgatado também.

– É, mas agora nosso plano tem que ser outro. Temos que aguardar, não dá para sair inventando mentiras por aí.

– Isto eu concordo também. O que acha, Furriel?

– Eu não acho nada. Vim ajudar a curar uma ave capturada e eu mesmo estou fugitivo dos tucanos, embora não saibam ainda.

– Sinto muito ter causado tudo isso – disse Chap, sentindo-se culpado –, mas me disponho a arriscar minha vida, se preciso, para resgatar o seu amigo, já que arriscaram a sua para me salvar.

– Não é necessário, Chap – retrucou Tico –, pois entregar uma ave para salvar outra não é a solução. Temos que pensar noutra alternativa. Como disse Garriça, temos que ter calma e pensar.

– Colocarei sentinelas daqui até o entorno da clareira dos tucanos para saber o que está acontecendo. Se necessário for, faremos uma corrente de mensagens, transmitida pelo canto de uma corruíra para outra, em pontos estratégicos.

Como já caía a noite, as discussões foram se transformando em sono e a tensão do dia merecia descanso. Os três amigos ocuparam a mesma toca em que se esconderam e nem discutiram a situação, pois dormiram assim que pousaram no fundo da toca, até que amanhecesse o dia seguinte.

CAPÍTULO 36

A BATALHA DA FLORESTA

Aiuru tornou-se prisioneiro dos tucanos e, desta vez, os senhores da floresta preocuparam-se em não machucar o cativo, de modo a não precisar da assistência de médicos e de enfermeiros, já que o canário tornou-se suspeito pela fuga da perdigão. Dispensaram a garça, que voltaria para o Vale dos Biguás, e somente Uiraçu ficou acompanhando os movimentos dos tucanos e o interrogatório da ararajuba.

– Arara rebelde – começou Toco a interrogá-lo –, temos algumas perguntas a lhe fazer.

– Pode perguntar – respondeu Aiuru, com ar de dono de si.

– Para onde você ia quando saiu do território das araras?

– Estava indo encontrar um amigo meu na floresta, não posso?

– Pode ir baixando esse tom, ararinha, aqui você é o prisioneiro.

– Está bem, mas não sou uma ararinha, sou uma ararajuba.

– Por favor, limite-se a responder às perguntas. Você não quer que eu perca a paciência, quer?

– Não. Pode continuar.

– Quem era esse seu amigo?

– Um pardal.

– Pardal? – surpreendeu-se o tucano, olhando para os seus companheiros com cara de assustado. – O que um pardal faz aqui na

floresta? Uma ave tão pequena?

– Ele tem uma missão.

Nesse momento, os tucanos tremeram. O que mais temiam parecia acontecer. Alguma ave ou conjunto de aves conspirando contra a ordem da floresta.

– Missão?

– Bem, a missão dele é meio esquisita, nunca entendi muito, mas acho bonita. Ele quer conhecer as coisas profundas da vida, buscando compreender todas as aves. Por isto, resolvi acompanhá-lo.

– Mas que diabos de missão é esta de que nunca ouvi falar?

– Nem eu, mas acho que é sincera. Ele realmente procura conhecer as aves.

– Isto deve ser uma estratégia, só pode ser!

– Creio que não. Ele não me disse nada sobre isto. Até as araras concluíram que não havia nada com ele.

– As araras sabiam disso e não me avisaram? Não é possível isso. Estamos perdendo o controle. E para onde ele estava indo?

– Naquela direção! – disse Aiuru, apontando para a direção do alto da serra.

– Tucanos! – disse Toco, olhando para os seus semelhantes. – Assumiremos nossos postos em todos os cantos, daqui até a trilha e de lá até o alto da serra. Da trilha para lá, não há necessidade, pois as corruíras, nossas aliadas, vigiam. Temos que achar esse passarinho!

– Esperem aí! – soltou-se o grito familiar, ouvido de dentro da floresta.

Neste momento, chegava, silenciosamente, um enorme bando de araras, centenas delas, invadindo o território dos tucanos. Quando o silêncio foi quebrado, o festival de pipilos das araras e os chalreios dos tucanos permitiram a transmissão dos trinos de uma corruíra para outra, até chegar aos ouvidos de Garriça.

– Não é possível! Esta floresta está descontrolada! – gritou o tucano Toco. – Já não bastam as corruíras, uma perdigão, um pardal e uma ararajuba, agora são as araras que se atrevem a nos invadir. O que

querem, araras?

– Queremos Aiuru de volta! – respondeu Macau, visivelmente transtornada. – Foram vocês que o prenderam, não é? Viemos aqui em busca de notícias da pequena ararajuba e achamos isto! Que absurdo! E nós que passávamos informações aos tucanos. Olhem o que recebemos em troca da confiança!

– Que insolência! Não sabem quem são os senhores da floresta?

– Não nos importam quem são os donos da floresta se esses mesmos senhores resolvem capturar um dos nossos. Nós, as araras, somos senhoras do nosso território agora e exigimos a soltura de Aiuru.

– Quem são vocês para exigirem alguma coisa dos senhores da floresta?

– Nós, as araras! Estamos em menor número, mas somos muitos maiores que vocês.

– Já que é assim, disputemos o senhorio da floresta.

A guerra estava declarada. As araras partiram para cima dos tucanos e muitas bicadas foram trocadas. A proporção era de pouco menos de dois tucanos para cada arara. A luta foi intensa e, infelizmente, sangrenta. Era triste de se ver duas espécies das mais belas se confrontando por puro orgulho. Uiraçu, que não queria se envolver nem tomar partido de nenhuma espécie, sobrevoava a clareira dos tucanos, observando o triste embate. Diante de toda a confusão, a ararajuba escapuliu do cativeiro, voando desesperadamente para a trilha.

A notícia da batalha chegou até Garriça através das corruíras espalhadas na mata, que iam indicando para Aiuru o caminho até o seu território.

– Ararinha! Psiu! Por aqui!

– Quem são vocês?

– Somos corruíras. Seu amigo pardal está conosco.

– Onde?

– No caminho da trilha! A cada dez árvores tem uma corruíra, pode seguir naquele caminho ali. Guie-se pelo som.

– Está bem!

A velocidade das informações de que os tucanos estavam vencendo o combate era a mais ou menos a mesma que Aiuru alcançava a trilha em direção à clareira das corruíras. Foi que Garriça resolveu juntar o seu enorme bando e seguir para onde estava acontecendo a batalha. Era o momento de se livrarem da tirania dos tucanos. Deixaram algumas corruíras com Tico, Chapmani e Furriel e partiram imediatamente após receberem as notícias. Cruzaram com Aiuru sem lhe dar muita importância e, à medida que avançavam, a velocidade das informações ficava cada vez maior, de modo que, ao chegar no centro do combate, sabiam exatamente o que estava acontecendo, inclusive que Uiraçu sobrevoava o local.

As corruíras ficaram horrorizadas com a grande quantidade de corpos que se estendiam no chão, tanto de tucanos quanto de araras. A vantagem, a esta altura, já era grande para os tucanos. As araras estavam cansadas de terem que lutar contra dois tucanos ao mesmo tempo e a maioria tinha as asas já feridas. Mais de quinhentas corruíras passaram a rodear os tucanos, confundindo sua visão, o que permitiu que as araras descansassem um pouco e passassem a dominar os adversários, atordoados pelo ataque inesperado das corruíras. Por fim, renderam-se e os poucos tucanos que sobraram calaram-se e colocaram os seus bicos para baixo.

– Obrigado, corruíras – disse Macau, ferida na asa e acima dos olhos. – Mas vocês não eram aliadas dos tucanos?

– Éramos! – disse Garriça, olhando para Toco de bico para o chão. – Éramos por necessidade e por segurança, apenas por isto. Não gostamos de quem captura, aprisiona, fere e interroga aves pequenas.

– Mas não têm medo do perigo? – perguntou a arara-vermelha.

– Perigo é vivermos sob a tirania dentro da nossa própria floresta. Resolveremos o resto depois.

– Agora, queremos Aiuru de volta! – disse Juba, mãe da ararajuba que foi aprisionada.

– Aiuru está em nossa clareira. Mandamos a ararinha para lá para não se envolver na batalha.

– Agradeço mais uma vez – disse Macau. – Mas como chegamos até lá?

– Designarei estas corruíras para as levarem até a clareira. Podem acompanhá-las.

As corruíras se ocuparam em limpar os restos mortais do combate, providenciar funerais e levar os feridos até o canário para serem tratados. Uiraçu, finalmente, pousou.

– Bom dia, corruíras. Vejo que impediram um massacre maior. Guerrear não é bom, mas evitar mortes é digno de menção honrosa. Creio que devemos torná-las senhoras provisórias das terras dos tucanos, desde que os demais territórios da floresta sejam livres.

– Já estão livres, Uiraçu, pelas aves desta floresta. Pena que não podemos fazer o mesmo com os vales vizinhos.

– Chegará o momento, Garriça. E quero estar vivo para ver isto.

– Estará, Uiraçu.

A orquestra de trinos foi mais empolgada aquele dia, pois a sensação de vitória e liberdade contaminava o ambiente. As corruíras dominaram o território e dividiram a segurança com as araras, vigiando os tucanos. O chefe da segurança era Araraúna, a araracandé-macho sentinela que ficou amiga de Tico no Abismo das Araras e muitas corruíras garantiam a disseminação de informações seguras pela floresta. A ideia é que essa organização permanecesse até que os tucanos se pacificassem e se integrassem à nova ordem.

Macau e Juba chegaram à clareira juntamente com algumas corruíras e reencontraram Aiuru, que conversava com Tico.

– Aiuru, meu filho! – gritou Juba, emocionada. – O que aconteceu com você?

– Resolvi partir, mãe, para conhecer a região, já que não me

permitiram conhecer nada nem participar de reunião alguma. Já sou adulto e mal tenho experiência de vida. Decidi acompanhar os passos do pequeno pardal e, antes de me encontrar com ele, fui capturado.

– Ah! Esse pardal. Sabia que ele tinha algo a ver com isto.

– Não, mamãe. Eu é que resolvi ir com ele. Ele é que é feliz, pois é livre e nada o impede de seguir em frente.

– Somos preocupados com você, Aiuru. Por isso, impedíamos que você saísse do nosso território. Sabemos muito bem dos perigos que existem.

– Então por que não me deixavam participar das reuniões?

– Porque não queríamos que você se envolvesse com os assuntos perigosos que conversávamos.

– E o resultado foi criar um filho ingênuo. Não, mamãe, gosto muito da senhora, mas quero conhecer um pouco o mundo e recuperar o tempo que perdi. O pai do pardal permitiu que ele saísse há muito tempo e ele está vivo até hoje. Pergunte-lhe se houve arrependimento. Garanto que não.

– Filho, desculpe-me. Mas como farei sem você?

– Virei visitá-la sempre, mamãe, e, talvez, volte algum dia. Mas não espere que volte agora, deixe-me ser feliz um pouco.

– Está bem, meu filho – disse Juba, chorando. – Tudo isto foi uma lição para nós. Perdemos muitas companheiras por causa do nosso orgulho. Não prenderemos mais ninguém.

– Obrigado, mamãe! – disse Aiuru, abraçando-se à progenitora. – Quero somente conhecer o mundo e seguir o meu caminho, somente isto. Se eu fosse uma criança ou um adolescente, concordaria com todas as araras. Mas já sou um adulto e quero ser maduro, além de adulto.

– Está certo, meu filho. Está certo! Está livre agora, com o meu consentimento.

Macau foi levada a Furriel, juntamente com outras araras e tucanos feridos. A líder das araras preferiu ficar na fila de atendimento, já que havia aves muito mais machucadas que ela. As

corruíras davam apoio ao enfermeiro, que tratava das aves com suas ervas e fazia curativos. Mais um pouco e ele reclamou.

– Preciso da garça! Por favor, tragam Karkia. Uiraçu pode fazer isso. Vão atrás dela e expliquem a situação. Preciso de uma médica aqui.

A garça, expulsa da clareira dos tucanos, fez a trilha de volta no dia anterior e chegou à noite ao Vale dos Biguás. Tinha passagem livre por ser médica e, mesmo Uiraçu não fazendo a travessia de aves por cima do Vale dos Gaviões no momento, ela podia passar sem problemas. No dia seguinte, foi levar notícias às pequenas aves da Mata da Encosta. Foi direto à toca de Pygia.

– Olá, perdiz. Leve-me à toca do pica-pau e reúna todas as aves.

– Tudo bem! Mas onde está o canário? Aconteceu alguma coisa com ele?

– Ele está vivo, mas tenho algumas notícias para dar.

– Não me assuste, por favor.

– Vamos, Pygia, leve-me até lá.

– Zenaida! Temos visita. Pegue Parari e vamos até a toca de Chanchã e Tauá.

A avoante, que estava dormindo e meio atordoada, pegou o filho e todos trataram de se dirigir para onde estavam os pica-paus. Zenaida foi orientada pela garça a deixar seu filhote com os de Tauá e todos os adultos se reuniram próximo ao assa-peixe. Além da garça, estavam Chanchã, Tauá, Zenaida e Pygia.

– Tenho algumas notícias para vocês. Estão acontecendo alguns problemas na floresta onde os tucanos são os senhores. Parece-me que tudo aconteceu por causa do marido de Pygia.

– Heim? – gritou Pygia, assustada. – Por causa de meu marido? Ele está bem?

– Creio que sim, disse a garça. Mas não tenho certeza.

– Mas como não tem certeza? – perguntou a perdiz, nervosa. – Vem para dar notícias e não tem certeza?

– Calma, Pygia. Vou dar-lhes as notícias que tenho. Mais que isso, não posso fazer.

Os vizinhos trataram de acalmar a perdiz, que estava realmente muito nervosa.

– Bem, continuarei. Seu marido surgiu na floresta lhe procurando. Como a floresta é vigiada pelos tucanos, ele foi capturado. Eu e Furriel fomos chamados lá para junto com a águia Uiraçu para tentar curar uma ave ferida e resolver o problema da prisão.

– Meu marido foi ferido?

– Calma, perdiz, já disse. Deixe-me terminar. Então, chegamos lá e a perdigão estava apenas levemente ferido. O canário percebeu que era Chapmani e tentou fingir que a ferida era mais grave para ganhar tempo, pois queria resgatar o seu marido de alguma maneira. Chegaram algumas corruíras e disseram que existia uma arara na trilha. Alguns tucanos foram verificar e realmente havia. Eles ficaram loucos e todos fomos lá, deixando a perdigão com o canário. Quando voltamos, não havia corruíras nem o canário nem a perdigão lá. Não sei se as corruíras levaram os dois ou se o canário foi por livre e espontânea vontade, já que queria realmente resgatar a perdigão.

– Ai, que alívio! Meu marido está vivo! Que bom! Pelo menos isto.

– Mas não sabemos como ele está. Espero que esteja bem.

– Ele está bem! – disse Garriça, que chegou de surpresa para buscar a garça. – Vim lhe buscar, Karkia. O canário está precisando da sua ajuda para cuidar dos feridos e enterrar os mortos.

– Mortos? Meu marido está morto? – gritou ainda mais alto a esposa da perdigão.

– Não, perdiz – disse a corruíra, sorrindo. – Ele está bem. Você deve ser Pygia, não é? Tico falou muito de você.

– Tico? – comemorou Tauá. – Você esteve com Tico?

– Ele está com a perdigão e o canário. E está muito bem.

O pica-pau, que não tinha gostado muito da corruíra, olhou

bastante desconfiado.

– Não me olhe assim, Chanchã. Aquele dia em que estive aqui estava em uma missão. Os tucanos estavam desconfiados de que era daqui que partiam pequenas aves que entravam na floresta de vez em quando e vim como espiã. Mas rompi com os tucanos e somos agora senhoras das terras deles, apoiadas pelas araras.

– Como? – disse a garça. – Como é isso?

– Houve uma grande batalha, Karkia. Mas aconteceu não exatamente por causa do marido de Pygia, mas por uma série de fatores. Como Tico me disse que a perdigão era seu amigo e que provavelmente havia sido capturado, criamos uma mentira para que pudéssemos resgatá-lo. A mentira, por incrível que pareça, tornou-se uma verdade, pois realmente havia uma arara vindo pela trilha para se encontrar com Tico. Os tucanos, como você disse, saíram e aproveitamos para resgatar a perdigão para levar para o pardal. O canário resistiu, mas acabou vindo conosco depois que contamos sobre o seu amigo. Os tucanos vieram até nós para perguntar, mas escondemos os três e dissemos que nada sabíamos. Então, as araras sentiram falta da ararinha e foram buscá-la. Quando a viram capturada, revoltaram-se, o que causou a batalha. Entre vários feridos e mortos, tornamo-nos senhoras provisórias da região, com vigilância dividida entre nós e as araras. Mas o canário precisa da sua ajuda agora.

– E o meu marido, não vem?

– Não posso garantir – advertiu Garriça. – A situação lá ainda não está muito boa. A notícia chegará logo aos gaviões e biguás por tucanos que fugiram. A passagem livre de Karkia e Uiraçu com outras aves pode ficar ameaçada. O canário, inclusive, pode ser acusado de traição pelos tucanos. Até que a coisa toda melhore, não convém a eles saírem de lá.

– Não esperava que a coisa terminasse assim. Queria que os territórios se pacificassem sem a necessidade de uma guerra – disse a garça.

– Mas foi necessário, para que alcançássemos a liberdade, infelizmente. Agora, precisamos de você o quanto antes, Karkia. Temos que ir antes da sua passagem ser dificultada pelos gaviões.

– Sim, vamos! Trago notícias a vocês assim que der, embora não sei quando poderei voltar.

– Grande abraço, Karkia – disse o pica-pau. – Dê lembranças aos nossos amigos.

– E cuide bem do meu marido! – recomendou a perdiz.

– Podem deixar – disse a garça, afastando-se rapidamente.

– Vamos rezar para que os nossos amigos fiquem bem – orou Tauá.

Esta frase foi o suficiente para gerar um silêncio solene entre os amigos da Mata da Encosta, o que dominou o dia. Cada um tinha os seus motivos para a sua angústia. A família pica-pau pela segurança de Tico e Furriel; Pygia pelos amigos e, principalmente, pelo marido; e Zenaida, porque vivera uma situação semelhante há muito pouco tempo. Enquanto Karkia viajava pelos céus dos vales, montanhas e florestas, os pensamentos dos habitantes da mata viajavam em pensamentos de preocupação com os queridos amigos.

CAPÍTULO 37

O CONSELHO DAS AVES

Joca acordou triste na manhã seguinte ao combate entre as araras e os tucanos, porque lhe contaram o que estava por acontecer. Temeu por Tico, mas sabia que as mortes se restringiriam aos bandos das duas aves. Os pensamentos de desânimo foram interrompidos pela voz de Sinval.

– Ei, levante-se, nobre coruja! Deixe essa tristeza para lá, pois temos trabalho agora. Vamos com a equipe de apoio em Mato Seco recepcionar aqueles tucanos e araras que desencarnaram e precisamos muito da sua ajuda. Vamos já?

– Vamos. Quem vai?

– A mesma equipe. Desta vez, iremos sem o carro.

– Mas como partiremos? Não consigo ainda voar grandes distâncias.

– Não se preocupe com isto.

Ao chegarem do outro lado do lago, em frente à clínica, encontraram Jussara, Stan, Tyto e Alba.

– Papai! Mamãe! Que saudade! Onde estavam?

– Estamos fazendo tratamento, meu filho. Por isto, estamos um pouco sumidos.

– Tratamento para quê?

– Para reencarnar. Em breve, nasceremos novamente na região onde vivemos juntos e, quem sabe, em época de paz.

- Tomara mesmo!
- Bom dia, nobre coruja! – disse Stan. – Preparado?
- Preparado sim.
- Então, pouse aqui em meu ombro que já vamos para Vista Alegre!

Poucos segundos depois, já estavam na sede da colônia, onde os demais os esperavam. Joca sentiu um misto de estranheza com leveza, não sabia como explicar direito. Como tudo durou muito pouco tempo, nem pôde avaliar direito a sensação de “voar” junto com os amigos.

– Vamos, amigos! Temos pouco tempo! – disse Pai João, que já tinha conhecimento do exato momento em que os espíritos das aves estariam em Mato Seco.

Mais algum tempo e avistaram as falésias do local, em que muitos gritos já eram ouvidos, sinal de que as aves já tinham sido levadas para lá. Mais um pouco andando e chegaram perto das aves e de humanos recém-desencarnados. As três corujas da comitiva tinham preferência no atendimento às aves, pela natural identificação com os seus semelhantes e pela maior confiança que os desencarnados pareciam demonstrar.

Havia alguns tucanos e araras menos agitados que outros, o que podia significar, a princípio, que muitas não concordavam com aquela batalha absurda, mas seguiam ordens. Outros, mais perturbados, já possuíam o ideal de poder arraigado no coração. Algumas aves agonizavam, pedindo ajuda, enquanto outras, por pior que estivessem, guardavam a arrogância das que preferiam subjugar a se subjugarem a alguém ou a qualquer coisa. Joca se aproximou de um tucano e o abordou.

- Olá, amigo tucano! Tudo bem com você?
- Não! Não tudo bem! A guerra! A guerra! Um monte de passarinhos! Não estou enxergando nada. Está doendo muito uma bicada de arara, muito mesmo!
- Calma, amigo! Um pouco disto tudo que está sentindo é

apenas da sua mente.

– Como da minha mente? Eu fui bicado! Estou em guerra!

– Não, meu amigo! Não está mais em guerra! Onde estão os passarinhos? Você está conversando aqui comigo, pode se acalmar.

– Você está querendo me enganar, como as corruíras fizeram.

Malditas corruíras!

– O que passou, passou, amigo. A batalha já acabou!

– Acabou? E quem foi vitorioso? Quem foi?

– Isto não importa mais.

– Importa sim, porque *Haliaetus* não gostará se as araras vencerem, não gostará.

A coruja estranhou, porque Uruá, o gavião, havia dito que *Haliaetus* havia desencarnado. E agora o tucano se refere a *Haliaetus* na Terra?

– Não importa mais, amigo – continuou a coruja. – Porque isto não fará diferença alguma onde você está agora.

– Ah é? E onde estou?

– Olhe para os lados. Não está vendo que o ambiente está muito diferente? Não há florestas por aqui nem passarinhos agora. E há muitos humanos, olhe!

– Estou perto do mar? Lá é que existem muitos humanos.

– Não! Não é lá que você está. Você está num posto de socorro de um lugar chamado Mato Seco. Você será atendido se quiser.

– Não, não quero! Você está realmente querendo me enganar.

– Bem, não estou lhe enganando. Olhe para aqueles tucanos que você viu morrendo. Eles não estão ali?

– Sim, eles estão ali. Então, isto quer dizer...

– Isto, meu amigo! Isto quer dizer que você desencarnou também.

– Nossa! – disse o tucano, raciocinando rapidamente, apesar de tudo. – E onde está o chefe daqui? Quero me reportar a ele!

– Não temos chefes. Somos todos iguais.

– Não há chefes? Então, não funciona. O que não tem chefe não funciona.

– Os chefes daqui onde você está agora são muito mais tiranos que os tucanos e você não gostará de ser subordinado a eles. Entre nós, visitantes, os coordenadores o são por mérito e não por força. Por isto, somos todos iguais.

– Então, saia daqui. Não quero saber! Quero o meu chefe!

Embora tenha insistido durante algum tempo, Joca percebeu que é com o tempo que aquele tucano terá lucidez. A primeira investida será apenas uma sementinha plantada no coração daquele espírito recém-chegado. O orgulho e o egoísmo ainda o cegam a ponto de preferir, ainda, as suas dores e as suas mágoas a ser atendido ou a baixar a cabeça. Naquele instante, a coruja olhou para Stan, que, após atender uma arara resignada, realizou uma linda prece em forma de poesia para o tucano ainda revoltado.

*Alegria! Alegria! meu amigo
Que já está passando este inverno
Esse teu amargo conflito interno
Quase já não causa mais perigo*

*Para que brigar contra o teu ser
Se tudo na vida em breve passa
O que parece ser só mal e desgraça
Pode ser o indício de crescer*

*Que choro é esse que carregas no rosto
Por que, irmão querido, sofre tanto?
Pois que está indo esse curto desencanto
Que é tão diferente do teu gosto*

*Dou-te meus braços neste instante agora
Como luz pra te adornar o coração*

*Serves-te pleno do teu Deus em oração
Pra que a sombra vá logo indo embora*

*Tendes força, meu amigo e companheiro
Pois que te trago ânimo e coragem
Pra que possas realizar esta passagem
Estando em paz contigo o tempo inteiro*

*Pois que te vejo agora sofrendo
Sem razão ou motivo circunstante
Para agora de te lamentar a todo instante
E enxuga as lágrimas que estão te condoendo*

*Vive em paz, irmão amigo, eternamente
Porque a vida nos permite estar assim
Quando estiveres aflito, pense em mim
Que te envio o auxílio pertinente*

*Confia em Deus, que o tempo tudo cura
Fica tranquilo e segue o teu caminho
Que o Pai enviará, com carinho,
Tua recompensa toda cheia de ternura.*

“Nossa!” – pensou a coruja. “Um dia ainda farei uma prece bonita e espontânea como esta e iluminarei muitas almas como o velho Stan faz”. Após conversar com algumas aves, Joca olhou para os lados e viu a determinação dos seus colegas, dispostos a ajudar. Infelizmente, não poderiam auxiliar a todos como gostariam, pois nem todos queriam ser ajudados. Como se fosse uma triagem, aquelas aves que queriam melhorar foram levadas para dentro dos postos, para, depois, serem direcionadas para hospitais e clínicas.

O problema das aves é que a ideia de Deus não era disseminada entre elas e isto fazia com que as doutrinações

demorassem muito mais. Aceitar a existência divina era fundamental para que aquelas aves se desarmassem de seu orgulho e de seu ódio. Mas muitas delas tinham um instinto natural de que algo mais existiria do que simplesmente aquele poder terreno que gerava tantos males.

Após uma manhã agitada, a equipe de apoio voltou a Vista Alegre, onde Joca foi levado para visitar o trabalho de Vovó Sinhana. A companheira de Pai João cuidava de crianças novinhas, em uma casa muito especial, em que os pequenos espíritos eram preparados para reencontrar os seus familiares. Tendo desencarnado em idade tenra, ainda não tinham maturidade para entender o que lhes ocorria e, aos poucos, tomavam ciência de sua situação e sentiam gradativa confiança por parentes de que não se lembravam. Muitas das vezes, os próprios pais não estavam preparados para reencontrar os seus filhos.

– Olá, Vovó!

– Olá, meu querido!

– Então é aqui que a senhora trabalha com crianças.

– É sim! Eu e Zelinha. Seja bem-vindo! Este espaço faz parte da ala de assistência fraterna, que você já conhece.

– E estas crianças?

– Cuidamos delas para que se integrem, em breve, ao plano espiritual e aos seus familiares de quem não têm recordação. Ainda não se lembram do seu passado, nem da última vida nem das anteriores. Um fortalecimento emocional é preciso para que a realidade aqui lhes seja mais branda.

– São umas graças!

– São mesmo! Uns amores. Este trabalho é a minha paixão, pois cuidava dos netos na época em que vivia nas senzalas na Terra e sempre gostei muito.

Enquanto Vovó Sinhana explicava, Zelinha adornava o outro canto da grande sala com muitas flores. Vendo a coruja, a jovem tratou de cumprimentá-lo.

– Olá, Joca, tudo bem?

– Olá, Zelinha. Está tudo bem sim.

– Lembra-se daquele ramo de calêndulas que eu e Maria lhe demos? Veio destes aqui, que cultivamos neste canto. É muito bom para criarmos um ambiente feliz. Destas flores, as crianças não guardam alergias nem outros problemas respiratórios.

– E aqueles filhotes de cães e coelhos, naquela área aberta ao lado?

– É um trabalho paralelo que fazemos, tanto para ajudar as crianças quanto para ajudar os próprios espíritos dos cãezinhos e coelhos. Quem cuida é Pai João. São almas que também necessitam de conforto, assim como os humanos. Logo reencarnarão e precisam aprender mansidão e disciplina. Um dia, eles se tornarão espíritos de humanos também.

– É sério? Achei que isto fosse impossível.

– Sério! – disse Vovó Sinhana, sorrindo com a coruja. – Embora muitos na Terra afirmem o contrário, é uma trajetória natural que não se pode impedir. Todos evoluem. Todos os seres recebem as mesmas oportunidades de crescer e não se pode tolher a evolução da inteligência e do amor. Quando há esta evolução, os órgãos também têm que se desenvolver de forma compatível. Como muitos espíritos acabam ultrapassando a evolução biológica de sua própria espécie, é natural que passem a reencarnar em outras espécies, cujos órgãos, mais desenvolvidos, permitem que os seus sentidos se exteriorizem com mais liberdade. Isto acontece até mesmo entre os humanos, que reencarnam em corpos mais leves em outras esferas de evolução. Caso fosse o contrário, não gostaríamos de chamar Deus de injusto para com os espíritos inferiores, não é mesmo?

– Nossa! A senhora é sábia também!

– Ih! Esta velhinha aqui somente aprendeu o que estudou, nada mais.

– Então, quer dizer que posso ser humano um dia?

– Mais que outras aves, você é um candidato em potencial, caro Joca. Veremos o que Deus lhe reserva. Talvez tenha que reencarnar em outras espécies intermediárias ainda. Mas quem sabe

uma nobre coruja como você não alcance novos degraus com os seus próprios méritos?

– É o que espero! – disse Joca, brincando com uma criança.
Vovó cuidava das crianças e, muitas vezes, cantava para elas.

*A vida é mais do que se pensa, mais profundo é o seu valor
O bom coração é o que sustenta o mundo com Amor
É como cativar com o perfume da flor
É importante o seu sorriso, como se fosse o paraíso
Irradiando Amor*

– Você se lembra desta música?
– Claro! Aepyornis cantou. Você a conhece também?
– Sim! Esta música foi feita aqui há muito tempo e você tem participação nela.

– Eu?

– Você e Stan.

– Verdade?

– Verdade! E não é desta vez. É de antes. Quando Stan reencarnou como advogado e poeta uma vez, gostava muito de você e o tratava com muito amor. Por isto, parte do amor que existe na música é por sua causa.

– Então, eu já vivi com Stan antes?

– Claro! Por isto é que vocês têm tamanha afinidade. Mas você era outra ave na época, não uma coruja.

– Qual?

– Ah! Se for permitido, você ainda descobrirá isto.

– Está bem. Não tenho pressa.

– Você já conheceu a ala especial?

– Não.

– Pedirei a Pai João que o leve até lá. João?

– Que foi, Sinhana? – respondeu Pai João, da sala adjacente.

– Quer levar o nosso amiguinho até a ala especial?

– Sim, será um prazer. Um instante só.

O coração de Joca bateu forte. “Se todas as três alas que conheci tinham trabalhos espetaculares, quanto mais aquela que era especial” – pensou.

– Venha cá, nobre coruja! – disse Pai João, terminando o trabalho que fazia. – Vamos lá.

Joca despediu-se das duas trabalhadoras e caminhou ainda alguns metros pela ala de assistência fraterna, observando muitos espíritos que pediam e recebiam ajuda das mais diversas formas, desde simples notícias de parentes até solução para sérios problemas psicológicos e espirituais. Muitos deles precisavam apenas de palavras de conforto, uma conversa amiga, o que não lhes bastava recebê-las na rua, de familiares ou amigos; às vezes, era preciso que uma palavra vinda de um psicólogo ou espírito mais adiantado lhe funcionasse como um placebo espiritual. Era uma questão de confiança, pois as mesmas palavras eram proferidas por quem estava à sua volta, todos os dias. Mas recebida de uma pessoa importante naquele ambiente, tinha outro significado. Pura insegurança de quem apenas iniciava a caminhada.

Passando pela ala de assistência fraterna e pelo centro do prédio, atingiram a ala especial. Apesar do nome, a ala especial não tinha nada demais, a não ser que era ali que os espíritos um pouco mais adiantados trabalhavam as questões administrativas, estudavam os intercâmbios entre Vista Alegre e outras colônias ou dimensões e recebiam importantes visitas. João foi passando pelas salas e explicando cada pormenor. Logo atingiram a sala do fundo, que possuía linda vista para as montanhas, o que explicava o nome Vista Alegre. Dali, enxergavam os caminhos que levavam para Canto dos Cristais, Mato Seco e Clínica das Flores e para as lindas cachoeiras para as quais muitos se dirigiam para buscar mais energia.

Ali, em reunião, encontravam-se Stan, responsável pela Clínica das Flores, Hamilton, responsável por Mato Seco, e

Margareth, responsável por Canto dos Cristais. Junto a eles, estava Maria, a meiga e delicada Maria, que, embora residisse fora, era responsável por Vista Alegre. Joca assustou-se, pois como pessoas tão humildes eram responsáveis por tantas coisas? Seus pensamentos tinham a influência da cultura terrena, que contaminava a todos com a sua sociedade injusta, em que os que se destacam são, geralmente, os mais orgulhosos e poderosos.

– Boa tarde, nobre coruja! – disse Stan. – Que bom que você veio! Pai João é o nosso condutor, de fato, pois, até em pequenas distâncias, ele se dispõe a trazê-lo.

Os demais sorriram e os olhos da coruja brilhavam, não só porque enxergou nos demais o mérito da humildade, mas também porque soube que já era amigo de Stan fazia muito tempo.

– Sente-se aqui, nobre coruja! – disse Margot, já que o tratamento que Stan dava a Joca já tinha, a essa altura, virado um bordão geral. – Fique aqui do meu lado! Já terminamos a nossa reunião. Maria já tem que ir.

– Não sabia que Maria era chefe daqui! – exclamou a coruja, como uma criança.

– Não chefe, querida coruja! – disse Maria. – Aqui ninguém é chefe de ninguém, minha nobre ave. Talvez uma orientadora, designada por Deus.

– Maria tem outros trabalhos também, Joca – disse Stan. – Ela nunca pára. Está aqui e, ao mesmo tempo, está lá. Cuida de várias clínicas. De ex-alcoólatras, com Aquino, de ex-drogados, com Joanna, e de ex-psicóticos, com Alceu, e assim por diante. Vem aqui sempre, mas em curtos períodos de tempo.

– E Aepyornis? Tenho muita vontade de conhecê-lo.

– Ih! Este, além de morar bem longe, visita muito mais lugares que Maria. Você ainda o conhecerá. Tudo ao seu tempo.

– *Tudo ao seu tempo! Tudo ao seu tempo!*... Mas eu espero. Entendi que não dá para apressar o tempo.

– Nobre coruja! – disse Maria, com leve sorriso. – A evolução

é como a cura de uma ferida. Quando temos uma ferida, faz-se uma casca e ela permanece ali, até que a pele de dentro seja refeita e se crie sua nova casca natural, sem a aparência estranha da casca velha. Se arrancássemos a casca velha antes da hora, tal como fariamos separando o joio do trigo, a pele de baixo arderia muito. Temos que suportar os defeitos ainda aparentes, até que tenhamos condições de ressurgir com novas virtudes. Trocamos de cascas o tempo inteiro. Assim também é a evolução. Existem certas coisas que não podemos saber antes da hora, sob a pena da luz cegar os nossos olhos. Com o tempo, acostumamos nossos olhos com luzes cada vez mais fortes e podemos suportar com alegria e virtude os novos caminhos. Tenha paciência e saberá muitas coisas.

– Assim espero! Muito obrigado!

Todos os presentes se levantaram e Maria se foi, como se vai uma pequena folha levada por um vento forte. Os demais atravessaram a ala de volta e, segundos depois, estavam na Clínica das Flores. Stan e a coruja terminaram o dia andando pelo lago e pelo bosque e o professor contou que, em breve, a coruja ganharia a permissão de visitar Tico e as outras aves da Mata da Encosta, que as coisas estão mudando muito no plano físico e que será preciso que Joca apoie Tico cada vez mais em pensamento. Depois, Joca recolheu-se, em sono merecido de coruja.

Karkia partira com Garriça assim que recebeu a notícia de que Furriel precisava da sua ajuda. Não tiveram nenhum problema para chegar, mas temiam pela viagem de volta da garça, principalmente se acompanhada do canário, agora suspeito. No caminho, enxergaram as marcas do conflito na trilha: muitas folhas caídas pelo chão e sangue deixado com a passagem das vítimas feridas da clareira dos tucanos para a das corruíras. Levaram consigo Uiraçu, que estava vigiando toda a floresta, com medo de represálias por parte dos biguás ou dos gaviões.

Ao chegarem, encontraram o canário exausto, tentando ajudar como podia, já que não era médico. Os feridos eram muitos, pois

quase todos que não morreram levaram bicadas graves das aves inimigas. Na enfermaria improvisada no fundo da clareira e debaixo de copas de grandes árvores, conviviam tucanos e araras, num misto de resignação, vergonha e ódio. As araras, porque não viram sentido na briga que causaram, já que Aiuru não voltara e a aliança com os tucanos tinha sido desfeita, embora fosse tirana. Os tucanos, porque perderam a sua supremacia e o seu território para um bando de pequenas corruíras. Como estavam em menor número, devido à grande quantidade de baixas na batalha, tinham que se sujeitar ao domínio de aves que foram suas subordinadas outrora. Além disso, tinham que aceitar a cura por um canário que julgavam “minúsculo”, responsável pelo cuidado com araras e tucanos. Aliás, a chegada da garça representava certo alívio, pelo tamanho da ave significar menos vergonha do que a de Furriel. Finalmente, o orgulho estava ferido, pois as duas aves que haviam capturado, a perdigão e a ararajuba, e a ave que as araras esconderam dos tucanos, o pardal, estavam ali, “livres e em melhores condições políticas”, como diziam alguns.

A garça ficou ali durante dois dias, curando os enfermos junto com o canário e com o auxílio de Tico, Aiuru e Chapmani, que já estava melhor, e de Juba, uma das poucas araras que não se machucara. As corruíras e a águia davam o apoio logístico necessário, mas não atuavam diretamente na enfermaria como os demais. Passados os dois dias, as condições das aves machucadas eram bastante diversas. Algumas já estavam praticamente boas, outras mereciam cuidados superficiais por mais tempo e outras ficaram com sequelas irreversíveis. Era o saldo triste de uma batalha que poderia ter sido evitada não fosse o orgulho exacerbado dos que se aproveitaram da necessidade de controle do Parque das Aves para instaurarem uma política radical de territorialidade, que acabou ficando maior do que a convivência natural e pacífica entre as aves, o que deveria ser predominante.

No final da tarde do terceiro dia, um conselho se formou para discutir a situação da região. A clareira das corruíras foi o palco de

uma reunião que misturou sinais de esperança e desesperança. Reuniram-se a águia Uiraçu, a garça Karkia, Garriça e mais cinco corruíras, o pardal Tico, o canário Furriel, a perdigão Chapmani, as ararajubas Aiuru e Juba, a arara-vermelha Macau, a arara-canindé Araraúna e o tucano Toco. Quem ouvia o ruído de longe, estranhava a soma de vozes tão diferentes, de espécies tão distintas.

– Estamos reunidos para decidir os destinos da floresta e entender o impacto dos últimos acontecimentos no Parque das Aves – disse Uiraçu, abrindo a reunião. – Não é de hoje que a nossa floresta vive sob o domínio do medo. Esta batalha desnecessária é o sinal da contaminação dos nossos brios por um medo da tirania que acaba nos tornando também tiranos. Queremos tornar ao menos a floresta livre e é o que pretendemos fazer em breve. Tudo bem, araras e Toco?

– Para nós, araras, tudo bem – disse Macau –, desde que o nosso território não seja perturbado e as nossas aves não sejam capturadas. Pois nós, araras, raramente deixamos o nosso abismo, pois nos aninhamos nos cânions e pedreiras que existem em nosso relevo acidentado. Não precisamos mais do que isso para viver.

– Para os tucanos, está tudo certo também – disse Toco. – Esta batalha foi realmente uma insensatez e pedimos desculpas públicas às araras. Tivemos muitas baixas e não havia necessidade de perdermos tantos parentes por uma questão tão minúscula. Ainda há alguns tucanos revoltados, mas farei com que mudem o seu ânimo, com o tempo. Pretendo cooperar, para que recuperemos o nosso território. Como as araras, restringiremos nosso território à nossa faixa de floresta ao lado oeste da trilha, cujas árvores se misturam com as vizinhas araras de um lado, e com o alto da serra, de outro. Nada mais, mesmo porque somos poucos agora, embora pretendamos recuperar também a nossa população.

– É um bom sinal – mediou Uiraçu. – Importante é que os tucanos e as araras procurem viver em paz, sem retaliações. Para evitar que novos conflitos aconteçam, as corruíras continuarão senhoras do território dos tucanos até a fronteira com a clareira das

araras. Permanecerão assim até que os ânimos estejam menos exaltados e que a confiança mútua seja restabelecida. Uma vez que o objetivo tenha sido alcançado e os votos de paz sejam renovados em outro conselho, as corruíras voltarão a habitar somente o seu território do outro lado da trilha. De acordo, corruíras?

– De acordo, Uiraçu – disse Garriça. – As corruíras estão aqui para ajudar no que for preciso. Esperamos que os tucanos entendam que interviemos na batalha para que a população de araras não fosse dizimada e para que a região fosse pacificada.

– Está entendido, Garriça – respondeu Toco. – Não há vergonha maior que os mortos e feridos do meu bando para justificar a insensatez de um conflito sem sentido. Estou preocupado é com os tucanos que fugiram. Ainda guardam o ódio influenciado pela liderança negativa que, até então, eu exercia.

– Você teme que esses tucanos alimentem os ódios dos gaviões e biguás? – antecipou Uiraçu.

– Sim, isto mesmo. Acredito que realmente tenham ido para o Oeste. Teremos problemas em breve.

– E quem são os inimigos do outro lado, no Leste? – perguntou a águia.

– Do outro lado da serra, nossos antigos aliados eram os carcarás, que mantêm sob o seu jugo os sabiás¹, os beija-flores² e as seriemas.

– E na Entrada da Floresta até o Rio Sairai?

– Nós é que vigiávamos aquela região e, às vezes, as araras, por nossa ordem. Uma vez que não vigiamos mais, o território é livre. Como cuidávamos mais da trilha do rio, as aves pouco habitavam lá, com medo. Mas a Entrada da Floresta é cheia de aves pequenas, como os bem-te-vis, sairas e perdizes, como você sabe. Agora, a região da trilha até o rio pode ser ocupada.

¹ Sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*).

² Designação comum a várias espécies detalhadas adiante.

– Isso é bom. Tenho que avisar Pituã – comentou Uiraçu.

– Pituã? – perguntou Tico, curioso.

– Sim – explicou a águia. – Pituã é o nosso contato na Entrada da Floresta. É lá que teremos que reforçar a vigilância, para que entrem menos gaviões e biguás, além das clareiras, de onde entram por cima.

– Mas não temos aves grandes como os gaviões e biguás! – comentou o tucano. – as araras e os tucanos são poucos agora.

– Se as notícias da mudança de liderança na floresta chegarem aos ouvidos das garças como as notícias da batalha devem ter chegado aos biguás, poderemos conseguir alguma ajuda entre elas – comentou Karkia. – Posso tentar isto, se conseguir passar para o outro lado.

– Sua passagem será essencial! – disse Uiraçu. – Terei que escoltá-la assim que terminar esta reunião. Teremos ainda que passar pela Entrada da Floresta para avisar o bem-te-vi.

– E quanto aos gaviões? – perguntou a garça.

– Eles não são muitos – respondeu a águia. – Mas não mudam de lado a não ser que sintam que perderão. Desses, não podemos esperar grande coisa, depois que Uruá foi morto.

– Creio que tenhamos que colocar corruíras desde a Entrada da Floresta até o alto da serra para fazer a transmissão de informações – continuou. – Mas, desta vez, a distância entre elas deve ser um pouco maior, pois não temos tantas corruíras assim. As notícias têm que chegar rápido da Entrada da Floresta. Ao mesmo tempo, não podem nunca chegar ao outro lado da serra. Os carcarás têm que achar que está tudo normal, isto é imprescindível.

– Mas irei para lá agora! – advertiu Tico. – Tenho que continuar minha missão.

– Eu também! – disse Aiuru.

– E, por fim, eu também, mas não sei bem para onde! – resignou-se Chapmani. – Pois, por enquanto, não posso nem chegar perto da Entrada da Floresta, porque a notícia deve ter se espalhado.

– Há uma maneira de passar para o Oeste! – descobriu Toco.
– Mas terão que confiar em mim.

– Qual seria? – disse Karkia.

– Eu passaria com vocês, fingindo ainda ser aliado dos gaviões e dos biguás. Uiraçu e Karkia viajariam do meu lado e alguns dos pequenos, nessas condições, podem também passar. O canário pode ir ainda como enfermeiro, já que, voando comigo, ficará claro que não participou de nenhum resgate. Carregando a perdigão pelo bico, ele pode passar por prisioneiro ou ferido. Acho que pode funcionar, pois lá ninguém sabe das consequências da batalha, pois alguns tucanos fugiram antes que ela terminasse.

– Pois bem! Será um ótimo plano! – comentou a águia. – Assim será. Mas os dois pequenos, o pardal e a ararinha, terão que atravessar a serra para o Leste com muito cuidado. Não sabemos como as aves que estão lá se portarão.

– Que informações pode nos dar do outro lado, senhor tucano? – perguntou-lhe Tico.

– O que sabemos é que os carcarás ficam no alto, os beija-flores e os sabiás na descida da serra e as seriemas no vale. Há muitas espécies de sabiás e beija-flores, mas as seriemas e os carcarás são de uma única espécie. Como faz tempo que temos notícia de nenhum problema na descida da serra, a vigilância deve estar relaxada, o que é uma vantagem. O problema é que os carcarás residem bem próximos à trilha, a partir do ponto mais alto, o que faz redobrar a atenção.

Finda a reunião, a maior parte dos membros do conselho se preparava para partir. Uiraçu, Toco, Karkia, Furriel e Chap para atravessar o Vale dos Gaviões; Tico e Aiuru para voar serra acima; e os demais para vigiar a floresta. Cada um com o seu destino, cada um com a sua missão naqueles tempos difíceis. Aves diferentes, com propósitos diferentes, mas todas, cada qual à sua maneira, imbuídas da necessidade de paz.

A garça e o canário aproveitaram a pausa das discussões para contar ao pardal e à perdigão sobre a visita à Mata da Encosta e às lembranças que todos enviaram. Disseram que estavam apreensivos, mas que torciam para que os amigos ficassem bem e que tudo desse certo.

CAPÍTULO 39

SABIÁS E BEIJA-FLORES

Tico e Aiuru partiram logo que o dia seguinte começou a clarear. Era preciso que assim fosse, para que chegassem o mais rápido possível ao alto da serra e entrassem novamente na floresta serra abaixo. Não seria bom deixar para pousar na região mais montanhosa, preferida pelos carcarás.

– Você imaginava que a sua vinda seria tão movimentada? – perguntou Tico a Aiuru.

– Confesso que não. Mas não me arrependo, pois, a cada dia que passa, venço-me mais de que era necessário que minha vida passasse por isto, para compensar os anos de reclusão social forçada que vivi em minha própria comunidade. Sou um adulto-criança e quero amadurecer com esta experiência. Muitas vezes, quando não podemos alcançar a maturidade onde moramos, temos que partir. Outros preferem ou precisam ficar. E tem aqueles que conseguem morar em um lugar e visitar outros, como é o caso da garça e do canário.

– No caso do meu pai, a vida dele sempre foi ficar e ele ficou muito sábio em um pequeno espaço. No meu caso, minha missão era partir. Mas ainda penso em me estabelecer em um local, pois um dia o meu voo tende a terminar. Mas não sei, tenho grandes dúvidas. Se meu pai estivesse aqui, poderia me ajudar.

Tico mal sabia, mas a coruja ganhara permissão para visitar seu filho e Stan o acompanhou até onde o pardal estava. A coruja

estava apreensiva, pois era a primeira vez que via o filho em sua condição natural depois que havia partido.

– Você ainda encontrará o seu lugar – disse Aiuru. – E eu encontrarei o meu. Mas acho que, antes, preciso viajar muito e conhecer muitos lugares.

– É o que estamos fazendo! Agora não tem volta, pois a trilha está cada vez mais vigiada lá atrás. Chapmani já foi resgatado e agora é olhar só para frente.

Tico e Aiuru conversavam enquanto voavam serra acima. A pressão dos pequenos ouvidos aumentava e a necessidade de chegar ao cume era premente. A vegetação mudava a cada quilômetro percorrido e a relativa umidade fazia com que se mesclassem plantas tropicais e xerófitas. O clima tropical de altitude reforçava a semelhança de um possível encontro entre a mata atlântica e o cerrado.

Os dois amigos já começavam a enxergar, de longe, o risco formado pela envergadura das grandes aves quando olhavam para o alto da montanha, o que era sinal de que, em breve, precisariam sair da trilha. Foram informados de que, à tarde, os carcarás desciam das montanhas em busca de alimento e chegar ao cume pouco antes do crepúsculo vespertino era o ideal. E assim aconteceu. Os amigos apressaram o voo, saíram da trilha principal, não acharam nenhuma ave sequer no meio do caminho e, quando chegaram ao cume, encontraram apenas ninhos com filhotes de carcará. Depois de certo tempo, tiveram que voltar à trilha principal por falta de opção, em virtude do terreno acidentado, pois as alternativas eram voar por cima ou pela trilha, já que a floresta se alargava à medida que descia e ainda estavam muito em cima. Como o voo por cima da floresta era perigoso, tinham mesmo que seguir a trilha, descendo, pelo menos, quinhentos metros para encontrar uma toca e dormir. Quando já não enxergavam mais nada e não aguentavam mais voar nem andar, foram procurar repouso.

Quando chegaram à porta da toca, em meio à quase escuridão,

viram dois olhos brilhantes e uma voz ríspida.

– Onde pensam que pousarão, pequenas aves?

Tico e Aiuru não responderam. Simplesmente pararam de voar e pousaram no chão. Era um carcará, imponente e altivo, com as garras afiadas.

– O que vieram fazer aqui em minha mata?

– Viemos em missão – disse Tico.

– Missão? Que missão? – gritou o carcará.

As duas aves hesitaram bastante em responder, pois não queriam se comprometer. Qualquer resposta poderia representar o fim de suas vidas. Joca ficou nervoso e teve o ímpeto de rodear e bicar o carcará, embora isso fosse inútil, mas foi impedida por Stan.

– Calma, nobre coruja! Calma! Tudo tem o seu porquê! Tudo se resolverá. O professor, então, soprou no ouvido do pardal.

– E então? Podem me responder? – insistiu o carcará.

– Fomos enviados pelo tucano Toco e pela arara Macau – disse Tico, subitamente. – Viemos para averiguar o que tem acontecido por aqui. Sou Tico, enviado pelos tucanos, e este é Aiuru, representante das araras.

– Mas o que estão bisbilhotando por aqui? Temos um acordo de não invasão dos territórios, a não ser que algo muito grave aconteça.

– Mas aconteceu! – disse Tico, rapidamente.

– Pequenas aves entraram na floresta dos tucanos. Nada grave aconteceu, mas nos mandaram para verificar se é daqui que vieram.

– Mas vocês também são pequenas aves!

– Por isto mesmo que viemos. Para nos aproximarmos das possíveis pequenas aves e as abordarem.

– No meu território, isto é impossível acontecer! – defendeu-se o carcará. – Só pode ter sido depois do vale, que é território dos pelicanos.

– Que seja! – disse Tico, percebendo que ganhou força. – Estamos aqui para averiguar e solicitamos a sua ajuda para nos deixar

sondar, sorrateiramente.

– Se foram enviados pelo tucano Toco, estão à vontade para percorrer o meu território. De qualquer maneira, deixarei os meus carcarás alerta. Meu nome é Carancho¹. Sejam bem-vindos à minha floresta.

Os amigos surpreenderam-se com a saída triunfal do que parecia ser a sua morte, mas o preço foi o alerta aos carcarás sobre o que tem acontecido do outro lado da serra. Tico ainda tentou emendar a situação, para evitar uma invasão de carcarás na Floresta dos Tucanos.

– Muito obrigado pela hospitalidade. Se quiser, podemos servir de mensageiros em nosso retorno.

– Depois, veremos isto. Vou deixá-los pousar. Para chegar ao outro lado, basta seguir a trilha. Mandarei um aviso para os carcarás deixá-los em paz.

– Agradecemos sinceramente. Assim que tivermos alguma notícia, avisaremos.

Como não se enxergava mais nada, só se ouviu o farfalhar da batida de asas do carcará. Os amigos entraram na toca que estava logo à frente e Aiuru comentou, ainda bastante assustado.

– Como saímos dessa? O que você fez?

– Foi a única saída – lamentou Tico. – Tive que mentir para sairmos vivos. Foi uma pena ter que alertar os carcarás, mas vamos torcer pelos nossos amigos. E vamos dormir logo. Estamos cansados e amanhã temos muito que caminhar.

– Está bem! Amanhã conversamos mais – disse Aiuru, entendendo que o amigo estava exausto, depois que relaxou da possível enrascada com o carcará.

Stan olhou para Joca com cara de quem tinha razão e voltaram ao plano espiritual. A coruja relaxou e entendeu que não há o que

¹ Vem do nome vulgar que também designa o carcará (*Polyborus plancus brasiliensis*).

fazer a não ser orar e apelar para a tentativa de inspiração. Deus rege tudo e todos os indivíduos têm o direito de escolher, mas também estão condicionados às consequências do que fizeram no passado. Não é à toa que Tico e Aiuru estão passando pelo que estão passando, o que foi explicado a Joca por Stan. “É sempre assim!” – afirmou o professor.

O pardal e a ararajuba acordaram bem cedo novamente e se puseram a seguir a trilha com rapidez. A descida do outro lado era mais bela, pois a umidade vinda da brisa do mar deixava a flora bastante diversificada. Dos poucos pontos da floresta em que a trilha alcançava um ponto mais alto que as árvores, era possível vislumbrar uma maravilhosa paisagem, em que era possível enxergar não só o final da montanha enflorestada que Tico chamou de Serra do Carcará, mas também o Vale das Seriemas e, mais à frente, aldeias humanas e um fio de horizonte que julgavam ser o mar. Aiuru estava especialmente curioso, pois que, diferentemente de Tico, nunca tinha visto uma aldeia humana e jamais sua mente podia imaginar o que existiria além dos domínios que conhecera ou que lhe fora noticiado pelas araras. Os amigos ainda arriscaram alguns voos por cima das árvores em pontos em que o relevo não os deixariam expostos e a descida acabou sendo mais suave, divertida e relativamente rápida.

Próxima ao nível do vale, a vegetação apresentava uma transição magnífica entre a mata e o campo. Além das palmeiras imponentes, arbustos rasteiros se destacavam das árvores, dando colorido especial com os seus caules ramificados muito verdes, principalmente quando eram enfeitados com o orvalho do sereno. Ao enxergar de longe esse lugar, dificilmente poderiam imaginar que não fosse habitado por muitas aves. Assim que o alcançaram, ouviram uma cantoria coletiva como poucas vezes tinham ouvido. O gorjeio geral era de uma sincronia tal que parecia que as aves estavam combinando o canto e até era possível que realmente estivessem. Quando os amigos passaram por debaixo das palmeiras, experimentaram um silêncio doído, pois os lindos gorjeios foram

interrompidos subitamente. Mais de setenta sabiás desceram das palmeiras e rodearam Tico e Aiuru. Um deles se adiantou.

– Quem vem de longe perturbar a paz dos sabiás?

– Sou Tico, o pardal, e este é Aiuru, a ararajuba. Não viemos para perturbá-los e, sim, para sermos amigos.

– Um pardal? – disse o sabiá. – Você é um pouquinho diferente dos pardais que conhecemos. Geralmente, eles são mais atrevidos e inquietos.

Um filme passou na mente de Tico naquela hora. Quantas vezes não o chamaram de atrevido? Mas pardais inquietos era uma novidade, pois Tico era realmente mais tranquilo.

– Existem pardais por aqui? Nunca vi um.

– Existem muitos pardais nas aldeias humanas. Você nunca viu? Vieram de onde?

– Viemos de trás da serra. Nossa casa está um pouco longe.

– Vocês atravessaram as montanhas? Pensei que isto fosse coisa de carcará. Aliás, os carcarás sabem que estão aqui?

– Sabem sim e nos deram permissão para atravessar a floresta e o vale à vontade.

– Que esquisito isso! Não acharam que vocês fossem espiões?

– Não! – respondeu o pardal, que já não estranhava mais nenhuma observação desse tipo.

– Então, não estão sondando o território para depois invadi-lo?

– Não. Por que faríamos isto?

– Realmente, vocês não têm cara de espiões. Deixem que eu me apresente. Meu nome é Caraxué¹. Se vocês não nos perturbarem, serão bem-vindos. Querem conhecer a minha palmeira imperial? É a melhor árvore que existe! É onde eu canto, durmo e me reúno com os outros sabiás.

– Claro! – disse Aiuru, mais relaxado. – Nunca tinha visto

¹ Caraxué vem do nome vulgar que designa várias espécies de sabiá.

uma palmeira. Que árvore enorme!

– Em cima, no centro, é possível até realizar reuniões. Aqui, conversamos sobre os nossos planos e destinos. Se bem que, ultimamente, não temos podido fazer muitos planos, pois os carcarás não nos permitem mais do que ficarmos quietos em nosso território, que dividimos com os beija-flores.

– Por que eles não deixam? – perguntou a ararajuba.

– Por medo.

– Medo?

– Sim! Medo de que as águias tomem conta do nosso território e venham a extinguir as aves da nossa floresta.

Tico ficou ouvindo aquilo bem quietinho, mas não fazia sentido. Uiraçu defendia o contrário, ou seja, protegia as pequenas aves. Que história seria aquela? Que medo tão grande fazia com que, desde o Vale dos Biguás até o denominado Recanto dos Sabiás – e possivelmente até o mar – as aves ficassem tão horrorizadas e brigassem entre si? Em certo momento, Tico interveio.

– Mas, senhor! As águias são más? Eu mesmo já fui salvo por uma delas.

– Você foi salvo por uma águia? – respondeu o sabiá. – Fiquei sabendo que os carcarás e tucanos toleram a águia Uiraçu por puro medo!

– Mas não foi o que me pareceu. Nunca vi a águia se enfiar numa briga a não ser para salvar uma pequena ave.

– Então, não sei quem tem razão. Depois, conversarei com os sabiás e com os beija-flores sobre isto.

– Mas, por favor, não me comprometa – advertiu o pardal, preocupado. – Estou aqui com a permissão dos carcarás.

– Pode deixar. Não direi que foi você quem disse. Querem conhecer os beija-flores? São aves muito exóticas.

– Sim, gostaríamos muito! – exultou a ararajuba.

– Então, sigam-me. Os beija-flores são muito estranhos, mas incapazes de fazer mal. Cada qual é de uma maneira. Há momentos

em que não entendemos o que querem dizer, mas são nossos vizinhos e amigos há muitas gerações. Como nós, apegam-se a determinada árvore e sentem-se felizes morando nela.

Enquanto seguiam para dentro da mata, Tico começou a refletir sobre as palavras de Caraxué. Uma árvore definitiva? Nunca havia pensado nisto, mesmo porque já tinha tido tantas tocas em sua vida. Quando nasceu, tinha duas moradas. Mas passou a refletir na troca constante e sem fim que fazia entre árvores. Pensou que um dia pudesse fixar-se em uma só árvore, talvez uma bela e frutífera árvore onde pudesse viver com felicidade.

Começou a se lembrar das árvores preferidas de cada ave que conheceu. Os gaviões lhe indicariam certamente uma jaqueira seca, o pica-pau lhe indicaria um altíssimo eucalipto, a coruja lhe apontaria um grande carvalho e a águia uma árvore montanhosa. Passou, então, a se imaginar habitando em cada uma dessas árvores. Sentiu-se, por um instante, o dono do pé seco de jaca, até que pensou na fome que viria e a pobre árvore não tinha o que lhe dar de comer. Faminto em seus devaneios, decepcionou-se e deixou-a. Foi conhecer mentalmente o eucalipto, tão elogiado pelo pica-pau. Agarrou-se à alta árvore e tentou escalá-la, para ver o que tinha no alto. Grande surpresa: não tinha muitos galhos para pousar. Na hora do sono, onde iria dormir? Desconsolado, foi visitar o carvalho, apontado como a melhor árvore pela sábia coruja, pois tem muitos buracos para se esconder. Imaginou-se dormindo ali por três dias, mas não aguentou a escuridão do lugar, lembrando dos tempos de desconsolo da infância. Quase desesperançoso, buscou a última recomendação e apossou-se de uma velha árvore montanhosa. Foi a pior das árvores, pois sentiu uma imensa e infundável solidão. Tudo isto em pensamentos motivados pelo sabiá e pelo clima diferente que começava a experimentar ali.

À medida que entrava na mata, estranha tristeza foi tomando conta do indeciso pardal. Era como se tivesse que escolher, antecipadamente, o seu destino da maturidade ainda na juventude. Muitas vezes, a vida nos abre uma janela do futuro para que

vislumbremos possíveis dilemas e não nos assustemos tanto depois com eles. A experiência de conhecer os beija-flores representaria esta janela, cuja reflexão inicial era geralmente ilusória e fantasiosa, pois era somente um vislumbre. Tico se enxergou mais maduro à frente e, como o pai, restrito a praticamente um só ambiente por vontade própria, embora isto não represente, necessariamente, um sinal de maturidade.

Quando se aproximaram do centro da mata, os amigos perceberam alguns passarinhos cochichando algo. Eram os beija-flores, incríveis aves que paravam no ar, com coloridos impressionantes, embora suas asas se mostrassem invisíveis pela velocidade com que eles as batiam. Os amigos espantaram-se quando Caraxué lhe disse que aquilo era um conselho de beija-flores e que era muito comum entre eles. Segundo o sabiá, os beija-flores (ou colibris) se reuniam para discutir um monte de coisas sobre as aves e distribuir a quem quisesse o “néctar da verdade”.

– Vou lançar-lhes uma pergunta para que vocês entendam como eles são. Perceberão que cada um tem a sua verdade. O que os aflige agora, por exemplo?

– Bem, gostaria de saber qual seria a melhor árvore para eu morar definitivamente – disse Tico, aproveitando a oportunidade.

O sabiá aproximou-se dos beija-flores e contou o que Tico gostaria de saber. Logo, os beija-flores começaram a cochichar novamente entre si e, depois de algum tempo, todos se dispuseram a dar a sua solução para o caso. Um teatro se formara ali, bem no centro da mata. Na arena, um beija-flor a cada vez vinha, como se estivesse entrando num palco. Primeiramente, veio um beija-flor todo colorido, com quase todas as cores do arco-íris. Chamavam-no Beija-Flor da Aparência¹.

– Caro pardal, escolha a mais bela árvore do mais belo

¹ Era o beija-flor-da-mata-virgem ou a ariramba-da-mata-virgem, que designam várias espécies de beija-flores dos gêneros *Uregalba*, *Galbula* e *Brachygalba*.

bosque, que dê as mais belas flores que já foram vistas. Procure esta árvore e será feliz.

Os olhos do pequeno pardal brilharam! Em seguida, aproximou-se um beija-flor não tão belo, mas com um semblante muito vivo e malandro. Era o Beija-Flor do Interesse¹.

– Pardal querido, não se iluda com a beleza da árvore, pois que as suas cores e o seu perfume nada lhe darão. Procure a árvore que lhe der frutos em abundância, para que nunca lhe falte o que comer. Busque esta árvore e será feliz.

O pardal enxergou sentido naquelas palavras. Veio, então, um terceiro beija-flor, em voo rápido e gracioso, conhecido como o Beija-Flor do Instinto², fazendo o seu teatro com compulsividade.

– Pardal, que lhe adiantaria uma árvore cheia de frutos se ela não lhe dá espaço para voar? Existem árvores que dão poucos frutos, mas durante todo o ano. Ou você prefere privar-se da necessidade premente do voo, a coisa mais preciosa que tem uma ave?

Vieram mais uns vinte beija-flores, cada um aconselhando conforme o seu ponto de vista sobre a verdade, o que deixou o pardal completamente confuso e perdido. Veio, por fim, um último beija-flor, sem característica alguma, a não ser uma enorme serenidade. Cansado de tantos conselhos, o pardal já não ia dando mais atenção, quando ouviu, surpreso, as frases do Beija-Flor da Sabedoria³.

– Amigo pardal, você observou que procurar em outras aves o que deseja é de todo inútil, pois cada uma enxerga por si o mundo. Se vale a pena ouvir, também vale a pena raciocinar, de modo a não escolher pelo outro, mas por si mesmo. Se vale a pena conhecer, também vale a pena sentir, de modo a dar o seu próprio parecer. Ouça o Pardal da Inteligência e sinta o Pardal do Coração. Busque a si mesmo e será feliz.

¹ Era o beija-flor-do-mato ou beija-flor-pardo (*Rhamphodon naevius*).

² Era o bico-de-agulha, beija-flor d'água ou beija-flor-grande (*Galbula rufoviridis*).

³ Era o beija-flor-de-papo-branco ou papo-branco (*Leucochloris albicollis*).

Satisfeito com o que tinha ouvido, mas ainda um pouco confuso, o pardal saiu voando, tentando raciocinar e sentir, tentando descobrir-se. Deixou Aiuru experimentar a verdade dos beija-flores junto com Caraxué e recolheu-se um pouco na mata. Como em todas as vezes que fica muito em dúvida, surge a figura sempre presente de Aepyornis, no momento certo, com a sua voz forte e marcante.

– Nobre pardal, o próprio contato que tiveste com os beija-flores já te serviu de lição. A lição dada pelos semelhantes é, muitas vezes, a melhor possível.

Stan assistia com Joca à cena e ouvia a lição, embora, desta vez, não estivesse vendo Aepyornis, não sabia bem o porquê. A Ave Suprema continuou.

– Não temas os obstáculos do caminho, pois tua missão terminará quando tiver que terminar, nem mais nem menos. Tem fé, que o porvir te será generoso, como a bonança após a tempestade. Segue o teu coração, que guarda consigo a essência divina, com todos os seus preceitos, em cada momento. Eis a décima primeira lição (*A individualidade*).

O ser só o é de fato quando se individualiza e coloca a individualidade acima da personalidade. Quando cria, por si e não pelo outro, princípios puros e os pratica. Se apenas persegue a referência de outrem, não é senão quem imita enquanto lhe é conveniente. A partir do momento em que constrói a sua individualidade com amor, é um ser que pode irradiar vida, pois vive.

– Agora, nobre pardal, Stan te dirá algumas palavras. Felicita-te por saber que teu pai está ao lado dele.

O coração do pequeno pardal bateu forte. Estava explicado porque Aepyornis o chamou de ‘nobre pardal’ naquele dia. Seu pai estava lá, com Stan e Aepyornis. Como se sentia feliz! Era um

privilégio receber lições tão valorosas. O professor começou a falar.

– Nobre pardal! Contarei a você uma variação de uma velha história. Preste bem atenção. Chama-se Cisne entre Patos.

Um belo dia, descobri que era um cisne entre patos. Não que o cisne era melhor que os patos ou vice-versa, longe disso, mas é que a antiga fábula usava estas aves para descrever as diferenças que existem entre os seres. No início, pensei que era um pato e me esforçava para sê-lo, sem sucesso. No meio da caminhada, passei a desconfiar que pudesse ser um cisne, mas ainda queria ser um pato. Fingia ser um cisne, mas, no fundo, eram artimanhas para tentar ser um pato, como todos os outros em minha volta. Sofri mais ainda que na primeira tentativa. Certo dia, após perder totalmente o sentido de ser pato, realmente descobri que era um cisne. Ao contrário do que pensava, a diferença acabou não me torturando, mas me trazendo tranquilidade, já que os caminhos a serem traçados eram outros e os patos já não eram mais parâmetros de comparação. Então, percebi que nenhum ser é igual a outro, mesmo em se tratando de haver somente patos ou somente cisnes, razão pela qual não ninguém deve se comparar com outros indivíduos a não ser com o objetivo de se melhorar, tomando por base um modelo melhor. Toda comparação que não tenha este objetivo traz em si o gérmen do orgulho e do egoísmo, sob a forma mesquinha do ciúme e da cobiça. A individualidade sublimada está acima de qualquer dilema entre ser ou não ser alguma coisa; não carrega em si a dúvida, mas a certeza.

– Seu pai manda-lhe um abraço. Agora, temos que ir. Paz e alegria.

A comunicação terminou no mesmo momento em que Aiuru retornava com Caraxué e os amigos se reencontraram no meio da mata, no caminho de volta para as palmeiras.

– Tico! – disse a ararajuba. – Eu perguntei sobre a família e eles disseram que a minha verdadeira família é muito maior que a família de origem. Uma vez que saí de casa, a família de origem não deixa de ser família, mas novas famílias surgirão, pois que todas as aves são de uma mesma família. Gostei disso. Um deles falou uma frase linda. Deixe-me ver se me lembro: *“As flores perseguem a luz, a procuram, se voltam para ela, necessitam dela. Porém, a flor fechada em uma estufa tem que se contentar, tristemente, com a luz artificial criada pela imaginação. Quem sabe, uma vez regada, a flor não sairá da estufa e receberá a luz natural que lhe tornará o néctar mais doce?”*.

– Muito bom, Aiuru! – disse Tico, ainda pensativo. – Ainda formaremos uma grande família. Só não sei onde, pois nem sei bem ainda onde iremos parar.

– Mas sei onde vamos dormir. Aquela toca grande está mais que boa para nós dois, não? Quer dizer, isto se o senhor sabiá permitir, é claro!

– Está permitido! Durmam bem! – disse Caraxué.

– O senhor também! – recomendou Aiuru.

Aquele dia era Aiuru quem estava cansado. Enfim, uma noite tranquila, sem medo de sobressaltos. Ambos dormiram bem, ao som canoro dos sabiás, e sonharam com o néctar distribuído pelos beija-flores.

CAPÍTULO 39

EM NOME DE URUÁ

Enquanto Tico e Aiuru partiam para o alto da serra dois dias antes, cinco aves partiam em direção à Mata da Encosta e ao Vale dos Biguás: uma águia, uma garça, um canário, uma perdigão e um tucano, que serviria de passarela. Voaram sem problemas por cima da floresta, da qual avistaram os gaviões somente acima do vale vizinho. Desceram em rasante sobre a trilha deserta e alcançaram a Entrada da Floresta. Procuravam por Pituã, que, habitualmente, deveria estar nas primeiras árvores da floresta. Mas a movimentação de corruíras estava deixando o bem-te-vi nervoso, embora entendesse que era preciso. Ficava andando de um lado para o outro da trilha, em busca de notícias. Depois de algum tempo, a águia reconheceu o bem-te-vi voando há alguns metros adiante.

– Pituã! – gritou Uiraçu. – Precisamos de você!

– Pois não, Uiraçu. Está tudo bem? – respondeu o bem-te-vi, com os olhos arregalados ao se deparar com um tucano.

– Comigo tudo bem. Com o Parque das Aves, talvez não.

– As corruíras já me adiantaram alguma coisa. Mas são tão ansiosas que não consegui entender ainda o contexto completo.

– Houve uma batalha entre tucanos e araras por causa de uma ararinha que apareceu na trilha. Os tucanos se renderam e muitos se juntaram à nossa causa, razão pela qual o próprio Toco nos acompanha hoje para facilitar a nossa passagem. Alguns tucanos fugiram sem saber que os demais passaram para o nosso lado.

Provavelmente, estão, neste momento, espalhando o terror entre os biguás e os gaviões. Se todos os gaviões se juntarem e se rebelarem, perco o meu reinado e aí se vai a liberdade de trânsito das pequenas aves para sempre. O mesmo acontecerá com Karkia se os biguás se rebelarem, pois estão em muito maior número que as garças.

– É, vi alguns tucanos passando por aqui mesmo, feridos e furiosos, antes das corruíras chegarem – disse Pituã.

– Há, ainda, outro problema.

– Outro?

– Sim! – disse Uiraçu. – Achamos que talvez alguns tucanos possam ter fugido para o Leste antes que cercássemos todo o lugar, embora isso seja pouco provável porque topariam com as corruíras. Mas, se, de alguma forma, esses tucanos conseguirem avisar aos carcarás e pintarem a situação de outro modo, dificilmente conseguiremos libertar o Parque das Aves algum dia. Por outro lado, a nossa esperança é de que o pequeno pardal alimente o sentimento de liberdade nas diversas colônias de aves, como tem feito desde que saiu da sua região.

– E o que quer que eu faça?

– Queríamos que você fosse até o território dos carcarás para saber se a notícia se espalhou e para ajudar o pardal a disseminar a verdade entre os beija-flores, os sabiás e as seriemas. Se todos se juntarem, poderemos eliminar todas as tiranias de uma só vez. Caso contrário, se o mal prevalecer, adiaremos a esperança de liberdade por muito tempo. É ganhar ou perder agora. Não temos mais tempo.

– Posso levar algumas corruíras? – solicitou Pituã.

– De jeito nenhum! – respondeu Uiraçu. – Se a notícia se espalhou, as corruíras tornaram-se inimigas dos carcarás. Você terá que ir sozinho desta vez.

– E o meu posto aqui?

– Terá que deixá-lo com Garriça.

– Mas Garriça percorre a corrente das corruíras o tempo todo.

– Então, coloque a líder das saíras.

– Está bem, chamarei Tangara¹. As saíras não gostam de se envolver, mas, numa emergência como esta, terão que colaborar. Em seguida, irei para o alto da serra. O caminho até lá está livre?

– É para estar. Lance uma mensagem pela corrente das corruíras que logo você terá a resposta. A corrente é contínua e, por isto, à medida que caminha, chegará até você alguma notícia. Elas estão vigiando por cima também, das copas das árvores.

– Está bem. Farei isto agora.

– Nosso plano é estender a corrente das corruíras a outros locais, até que tudo esteja resolvido. Mas as montanhas de um lado e outro são os nossos limites agora. Cabe a você, Pituã, entender a situação e, se possível, retornar com a mensagem até a primeira corruíra disponível após o alto da montanha, entendido?

– Entendido.

– Agora, temos que ir, pois há necessidade de averiguarmos a situação entre os gaviões e os biguás.

Uiraçu e os seus companheiros seguiram em direção ao Vale dos Gaviões, temendo o pior. Tinham avistado, de longe, uma pequena nuvem de gaviões, que agora estava há alguns metros e, com certeza, já sabiam do acontecido. Como aves grandes que eram três deles, não havia como não serem reparados. Logo, os gaviões os abordaram e um deles se antecipou.

– Que fazem juntos o tucano Toco e os traidores?

– Traidores? – disse Toco, alterado. – Estas aves foram as responsáveis pelo sucesso da guerra.

– A história que chegou até nós não foi esta. Pelo que soubemos, as araras dominaram a luta, com a ajuda das corruíras.

– Isto foi até a águia e a garça tomarem partido em favor de todos. Os tucanos que fugiram contaram a guerra pela metade.

– E o canário que, pelo que nos contaram, impediu que vocês

¹ Tangara vem do nome científico de uma das espécies da saíra-de-sete-cores (*Tangara seledon*).

prendessem essa perdigão?

– O canário fugiu com a perdigão, em um relaxamento da nossa guarda quando soubemos que havia uma ararinha na trilha – continuou Toco. – Estamos levando-os de volta para o lugar de onde vieram. Estamos indo avisar os biguás também. Querem vir conosco?

– Não, obrigado. Preferimos ficar aqui, vigiando o nosso território. Depois que Uruá morreu, estamos de olho em tudo. Então, você está do nosso lado, Uiraçu?

– Não tenho lado, Caburé¹. Estou do lado da liberdade e da defesa das pequenas aves. Este é o meu lado.

– Mas e quanto às outras águias? E quanto a *Haliaeetus*? Sei que as águias estão reunidas nas montanhas do Norte, preparando um novo ataque.

– Vocês estão com esta história ainda? *Haliaeetus* já morreu faz tempo. E as águias que estão nas montanhas do Norte não querem atacá-los. Isto posso lhes garantir.

– Então por que nunca nos disse isto?

– Porque nunca quiseram me ouvir e porque me viam como inimigo. Sei que me toleram por medo das águias. Mas Uruá foi o único que conversou comigo e com uma ave pequena e se convenceu de que elas não são espiãs ou algo parecido. Milvago e Ximango² o mataram apenas por ele ter descoberto a verdade.

– Uruá era o meu melhor amigo. Fiquei muito decepcionado por ele ter passado para o outro lado.

– Não há lados, Caburé. Mais uma vez, tenho que lhe dizer: temos que viver todos unidos e felizes. Quando controlarmos a situação, libertaremos a todos e tornaremos as florestas, os vales e as montanhas livres. Mas, para isto, precisamos da ajuda de vocês.

– É verdade o que Uiraçu disse de Uruá, rapazes? – perguntou Caburé a Milvago e Ximango.

¹ Vem do nome vulgar que também designa o gavião-mateiro ou gavião-caburé (*Micrastur ruficollis*).

² Vêm do nome vulgar que designa o ximango (*Milvago chimango*).

– Infelizmente, é sim, Caburé. Nós sabíamos da verdade e não queríamos perder o nosso território.

– Além de matarem o meu melhor amigo, ainda me esconderam a verdade esse tempo todo? Já nem sei mais em quem confiar.

– Estamos arrependidos, Caburé. Se pudéssemos, traríamos Uruá de volta.

– Mas não podem! – interrompeu Uiraçu. – E o seu arrependimento somente terá valia se ajudarem a fazer o que Uruá queria, ou seja, que todas as pequenas aves não fossem mais incomodadas e que a floresta ficasse livre de uma vez.

Os gaviões reuniram-se e, rapidamente, tomaram a decisão.

– Vamos ajudá-lo, em nome de Uruá e por causa do Tucano Toco – disse Caburé. – Mas vamos adverti-los de que os biguás não têm motivo algum para acreditarem em vocês. Pelo contrário, ficamos sabendo que eles expulsaram várias aves pequenas do seu vale e as mesmas não são bem-vindas. Pensam que o canário e a garça são traidores e, portanto, as garças devem estar com os biguás.

– Se juntarmos as forças, quem sabe não resolveremos o problema?

– É possível, mas pela última notícia que tivemos, estão em guarda, preparando um ataque para possíveis invasores. Os tucanos se refugiarão lá e, possivelmente, liderarão a frente de batalha.

– Então, a situação está pior do que imaginávamos – pesou Uiraçu. – Teremos que esperar os resultados da missão de Tico e Pituá se resolverem. Que acha disso tudo, Karkia?

– Acho bom esperarmos! Não são muitas as garças que concordam comigo quanto à liberdade do Parque das Aves. A maioria se juntará aos biguás. Acho que, por precaução, devíamos estender a corrente de corruíras por este vale. Com o apoio dos gaviões, trazendo a notícia da Montanha dos Gaviões até a antiga Montanha das Águias e até você, as corruíras podem fazer o resto pelo vale. Então, a corrente estará completa, pois nem todas as aves voam alto o tempo

todo. Mas só funcionará se um gavião trazer notícias dos biguás, fingindo ser aliado, e você levar e trazer para Tangara na Entrada da Floresta. Creio que somente os gaviões demonstrando serem aliados não adiantará, pois os biguás acharão que eles estão sob o jugo de Uiraçu e até das águias do Norte.

– Assim será! – concluiu Uiraçu. – Enquanto isto não se der, não será possível fazer mais nada. Teremos que confiar em vocês, gaviões.

– Podem confiar. Também não queremos um vale da morte em nosso território, como aconteceu no território dos tucanos. Se quiser, podem deixar as corruíras conosco. Não os trairemos, agora que sabemos da verdade.

– Não há necessidade, pois não podemos arriscar que as corruíras sejam vistas pelos biguás.

– Você tem razão – respondeu Caburé.

– Há mais uma coisa! – disse Karkia. – Se a liberdade do outro lado da floresta acontecer, posso ser útil junto aos pelicanos, pois sou aprendiz de medicina do mestre Tóti. A saúde das aves é a única coisa que justifica o livre acesso a todas as colônias de aves. Agora, eu e Furriel somos exceções no Oeste, já que fomos considerados traidores e não podemos atravessar a Montanha dos Gaviões, mas, no Leste, creio que ainda não. De qualquer maneira, penso que Chapmani terá que adiar um pouco o encontro com a sua esposa, que está no Oeste.

– Estou tranquilo quanto a isto, não se preocupem. Quem esteve praticamente morto, sabe esperar mais um pouco.

Esperar. Esta era a palavra de ordem. Um verdadeiro esquema foi montado, de modo a garantir que as informações fossem repassadas rapidamente. Além disso, as aves não tinham o que fazer, senão retornar aos seus postos e realmente esperar. Estavam presas entre duas montanhas, escondendo os seus planos para evitar uma guerra. Assim, ficaram durante alguns dias.

No plano espiritual, em determinada manhã, Joca, que havia

acordado um pouco mais tarde, foi chamado às pressas dentro do prédio da Clínica das Flores. Chegando lá, muitos dos seus amigos estavam presentes e Hélio com uma malinha. Estavam lá Stan, Sinval, Jussara, Margot, Flor, João, Sinhana, Zelinha, Tyto e Alba, além de alguns amigos de Hélio, como Gabriela e Felipe.

– Nobre coruja, estávamos só lhe esperando – disse Stan. – Estamos em uma festinha de despedida.

– Hélio irá para Vista Alegre, não é? – perguntou a todos.

– Sim, irá sim – disse Margot. – Trouxe até a sua mala.

– E irá agora?

– Sim, claro, por isto está com a mala. Mas não é somente ele quem irá.

– Não? E quem mais? Gabriela e Felipe?

– Você, nobre coruja! – disse Stan. – Você!

– Eu? Agora?

– Sim! Como você não tem roupas, não precisa de mala.

– Que bom! Terei uma casa e uma família! Gosto muito daqui, mas um quintal de árvores para mim é um sonho.

– Não se preocupe, Joca – disse Jussara. – Entendemos você, pois aqui é uma clínica, não uma cidade. Também não moramos aqui. Só que ainda teremos uma terceira despedida.

– Qual?

– Tyto e Alba entrarão em processo de reencarnação hoje.

– Já? – surpreendeu-se a coruja, olhando para os pais. – Mas não seria quando a região lá estivesse em paz?

– Mas estará em breve – disse Stan. – Apesar disto, não poderão esperar. Há gaviões os esperando para nascerem. Aproveite, pois hoje é o último dia em que estará com eles enquanto desencarnados desta vez.

– Serão gaviões?

– Sim, serão gaviões. É preciso que a paz se restabeleça dentro das comunidades com a encarnação de espíritos serenos como seus pais. A mágoa ainda é grande e a população de gaviões está

diminuindo. É preciso recuperar aquela colônia.

– Bem, não importa o que serão. O importante é que sejam felizes assim.

Joca voou e deu um longo abraço nos pais, sentindo já uma melancolia nostálgica. Quando lhe contaram que reencarnariam, não sabia que era tão cedo. Baterá-lhe uma pontinha de tristeza, mas a grande tristeza só acontece quando o fato chega. E chegou. As lágrimas não pararam de cessar por algum tempo e só estancaram diante da alegria de ir para Vista Alegre. As situações foram combinadas para que as emoções não fossem potencializadas para um lado nem para outro. Uma alegria e uma tristeza, uma chegada e uma partida. Assim, são as emoções em nossas vidas.

– Poderei visitá-los? – perguntou Joca a Stan, depois que os ânimos se acalmaram.

– Sim, claro! – respondeu o professor. – Você será um dos protetores deles, não se preocupe.

– Achei que, no quintal novo, abrigaria a minha família. Mas eles se vão.

– Quem disse que a sua família é somente esta? Tico não ficou no plano físico e um dia virá? E seus pais ficarão lá para sempre? Tenha paciência, meu amigo. Uma alegria de cada vez.

– Está bem, entendo. Tudo ao seu tempo.

– Começemos as despedidas. Hoje, temos um nobre rapazinho, uma nobre coruja e um nobre casal que partirão para novas experiências. Enquanto o casal experimentará a maravilhosa oportunidade de renascer, dois amigos conhecerão a cidade que viverão por um bom tempo e onde terão a chance de estudar, trabalhar e se aperfeiçoar. Residirão com a sua família espiritual e poderão fazer muitos amigos sinceros. O pequeno Hélio, nosso companheiro de outras vidas, poderá continuar a assistir às aulas aqui na clínica, se quiser, mas estudará bastante na universidade de Vista Alegre para, daqui a alguns anos, reencarnar e ajudar muito os semelhantes em uma função muito específica. A nobre coruja ficará em Vista Alegre

por mais tempo e continuará a nos auxiliar na equipe de apoio em visita a Mato Seco. Que Deus os mantenha sempre entre nós, pois o amor que nos une ficará para sempre. Quer se pronunciar, Margareth?

– Que Deus esteja no coração de todos nós. Que não haja tristeza onde deveria ter alegria, pois o momento que aqui vivemos é de intensa alegria, tanto para os que partem quanto para os que chegam. É preciso que entendamos que as missões são passageiras, que as relações com os nossos entes queridos são cíclicas, que as separações são temporárias e que o desapego é necessário. Um beijinho da Margot no coração de todos vocês.

– É com muito carinho que recebemos em nossa casa o pequeno Hélio e a nobre coruja – disse Flor-de-Lis. – Saberemos tratá-los com todo o amor possível, pois somos, sim, de uma mesma família. Acompanharemos o desenvolvimento da vida material de Tyto e Alba, valorosas corujas, que tanto fizeram por nós aqui. Todos estarão em nosso coração para sempre.

– Vovó Sinhana, Pai João e Zelinha os congratulam com muito carinho também. A Tyto e Alba que tanto ajudaram a mim, a Zelinha e a João no trato com as crianças e com os cãezinhos e coelhos, um grande abraço nosso de despedida e desejo de grande realização na nova etapa. O pequeno Hélio será muito bem-vindo entre nós, que estivemos juntos muitas vezes, e aproveito para convidar Joca a assumir o lugar de seus pais, ajudando-nos com os pequeninos.

– Será um prazer! – disse Joca.

– Falo por mim e por Jussara – pronunciou-se Sinal. – Foi com muita alegria que acompanhamos a melhora de Hélio e Joca desde que chegaram aqui na Clínica das Flores e, antes, de Tyto e Alba. Foi um privilégio termos tratado de duas almas tão sinceras, inteligentes e desprovidas de apego material. Foi muito fácil a lida com todos e quem nos dera se todos os espíritos recém-chegados à clínica fossem tranquilos assim como eles. Serão muito bem-vindos aqui sempre que desejarem e tenho certeza de que tanto Joca quanto

Hélio, em suas folgas, e Tyto e Alba, em seus sonhos, estarão aqui conosco muitas vezes.

– Bem, agora temos que ir para Vista Alegre – disse Stan. – Hélio e Joca irão com Margot, Flor-de-Lis, Sinhana e Zelinha para a casa nova, enquanto eu e João levaremos Tyto e Alba para a ala especial, onde receberão procedimentos imediatos de reencarnação. Que Deus os acompanhe e mantenha a sua fé nos momentos de adaptação e reorganização perispiritual.

Os amigos foram todos para a cidade-colônia, com todos os ingredientes de uma esperança renovada. A vida segue e, em breve, novo ciclo de idas e vindas acontecerá. Não por acaso, as vidas daquelas almas estão entrelaçadas e assim permanecerão por longo tempo. Um apoiando as outras e todas com os mesmos objetivos: evoluírem, serem bons espíritos e ajudarem a todos que precisam.

Na Mata da Encosta, ao contrário, a apreensão era grande. Desde que Karkia veio avisar o que aconteceu com Tico, Furriel e Chapmani, a preocupação tornou-se uma constante e atrapalhou o sono dos habitantes da antes tão serena mata. Os mais ansiosos eram Pygia e Chanchã. A perdiz, principalmente por seu marido, e o pica-pau, pelos amigos com os quais aprendeu a conviver. Este último ia, pelo menos, três vezes por dia ao cume da montanha, aquele mesmo em que Joca e Tico costumavam se encontrar, para observar o que acontecia no Vale dos Biguás. Em uma dessas visitas ao cume, a turma abordou a ave.

– E então, Chanchã, viu alguma coisa? – perguntou Tauá.

– Desta vez, eu vi – respondeu Chanchã, com uma pausa ofegante.

– Então conte logo, pica-pau! – insistiu a perdiz.

– Vi somente nuvens, porque é bastante longe. Mas deu para distinguir uma nuvem branca e uma nuvem negra no vale e uma pequena nuvem parda no alto da outra montanha.

– E o que isso significa? – perguntou Zenaida.

– Acredito que a nuvem branca sejam as garças reunidas e a

nuvem negra sejam os biguás. A nuvem parda são os gaviões, que só lá de cima se enxerga. Creio que os gaviões enxerguem os outros, mas o contrário não deve acontecer. Estão armando alguma coisa, pois não é comum reunirem-se assim, tão próximos, todas as espécies de aves ao mesmo tempo. Podem estar se preparando para uma guerra.

– Ai! – suspirou Pygia. – Que os nossos amigos fiquem bem e que a guerra não chegue até aqui.

– Nem pode – disse Tauá –, pois temos filhotes. O que será de nossos filhotes?

– Mas também tenho pena dos biguás e das garças, por exemplo. Eles têm filhotes também. Se uma possível guerra acontecer ali, será uma tragédia.

– Então, que a Mata da Encosta seja preservada e que os filhotes em geral também sejam – resumiu Zenaida.

– Mas também estou preocupada com outra coisa – disse Tauá. – Como nossos filhotes crescerão em clima de guerra? Eu estava feliz com a tranquilidade deste lugar para criar os meus filhotes, mas agora estou angustiada. O que será de nós, Chanchã?

– Bem, se houve uma guerra entre tucanos e araras, que eram vizinhos, é que a coisa não está bem. Seja o que for que aconteça, torçamos pela paz. Se a guerra for infelizmente necessária, que termine em paz.

– E você acha que chegará até aqui? – perguntou Pygia.

– Creio que não. Penso que os biguás acreditam que os seus inimigos estejam para lá das montanhas. Para cá, nada há que possam temer. Se existissem aves grandes por aqui, eles saberiam. Devem saber que estamos fazendo uma pequena colônia, mas que não oferece perigo. Acho que se preocuparão com o Leste.

– Assim espero – disse Zenaida –, pois quero segurança para Parari e para os pequenos pica-paus.

A Mata da Encosta não era mais a mesma depois que Furriel foi e não voltou. As constantes idas e vindas do canário e o seu trânsito livre eram a certeza de que os caminhos estavam seguros e a

garantia de bem-estar e tranquilidade da mata. Uma vez que Furriel não pudera voltar e que Tico e Chapmani também estavam lá em meio aos perigos recentes, a ameaça à serenidade era cada vez maior, além da preocupação com a vida dos amigos. As noites de farra em frente à toca de Pygia já não aconteciam, embora os amigos estivessem sempre juntos. Muitas vezes, dormiam quase todos agrupados, com exceção dos pica-paus adultos, ora aproveitando a toca desocupada de Furriel, ora a de Tico, ora a de Pygia. O coraçãozinho de cada um batia descompassadamente sempre que se lembravam da situação, mas procuravam resguardar os filhotes das preocupações. O sono vinha perturbado, mas acontecia. A noite caía, mas não toda a esperança.

CAPÍTULO 40

LIBERDADE NA SERRA DO CARCARÁ

Pituã subiu a Serra do Carcará o mais rápido que pôde, para alcançar o crepúsculo vespertino quando estivesse no cume, momento em que os carcarás costumavam pousar em árvores mais baixas. Uiraçu não pôde levá-lo, já que a sua presença no trânsito de informações era fundamental para que as notícias fossem passadas da Montanha dos Gaviões até a Encosta Oeste da Serra do Carcará, onde terminava a corrente das corruíras. Enquanto Tico e Aiuru passavam as últimas horas com os sabiás e se preparavam para conhecer as seriemas, Pituã ainda nem tinha atravessado a serra para a Encosta Leste.

Os dois amigos foram acordados com a mais bela sinfonia que tinham ouvido. Apreciar o canto de um bando de sabiás era um privilégio para o pio simples de um pardal e o chalreio grasnado de uma ararajuba. Por eles, ficariam ali por muitos dias, entre sabiás e beija-flores, em um recanto que parecia feliz, não fosse o medo de espiões que Tico e Aiuru ainda não podiam compreender. O carcará não parecia mau, mas, de certa forma, ocupado e preocupado em manter a ordem no local. Qualquer suspeita era motivo de um estresse inexplicável. Mas, naquele momento, era preferível que a situação das duas aves continuasse assim, sem suspeitas. Ambos ficaram ali, na entrada da toca, admirando o gorjeio belíssimo em cima das palmeiras

e próximos a pequenos brejos, que indicavam um terreno levemente alagadiço. Completava a cena o voo acrobático e colorido dos beija-flores, que vinham atrás de alimentos nas flores que circundavam os brejos. Finda a sinfonia, Caraxué aproximou-se da toca em que as aves repousaram e, delicadamente, os cumprimentou.

– Olá, amigos! Bom dia! Vocês acabaram de presenciar o gorjeio da manhã e espero que tenham gostado. Todos os sabiás do nosso recanto reúnem-se em volta da palmeira imperial para saldar o dia e a amizade com os beija-flores.

– Muito bonito mesmo! – disse Aiuru. – Estamos encantados, senhor “Caxarú”.

– É Caraxué! – respondeu o sabiá, imperativamente e, depois, demonstrando docilidade. – Mas não tem problema. Ninguém acerta mesmo!

– Desculpe-me, senhor sabiá. Não foi minha intenção chatear o senhor.

– Não precisa se desculpar, quase todos confundem o meu nome. E então, Tico, gostou do nosso recanto?

– Muito. É uma pena que não poderemos ficar mais.

– Ora! Agora que estávamos fazendo amizade!

– Temos muito a voar ainda – disse Tico, sentindo-se à vontade com o sabiá. – Temos uma missão a realizar.

– Missão? – disse Caraxué, com a curiosidade despertada.

– Sim! Conhecer profundamente as coisas da vida através do contato com as aves. É a minha missão desde que nasci.

– Bela a sua missão! Da minha parte, prefiro ficar no meu recanto com meus amigos e com a minha árvore, mas desejo-lhes sucesso. Se os carcarás perguntarem, prometo dar-lhes boas referências. Vocês parecem ser boas aves.

– Você também, Caraxué – disse Tico. – Teremos boas lembranças. Eu e Aiuru desejamos que este recanto continue em paz para sempre. Nós nos alimentaremos e, depois, partiremos, já com saudades. Quando o Parque das Aves estiver mais pacífico,

prometemos voltar e esperamos a sua visita na Mata da Encosta, após o Vale dos Biguás.

– A região não está pacífica? Apesar do medo dos carcarás, julguei que havia paz.

– Você está julgando pelo seu recanto, mas o Parque das Aves não está em paz. Houve uma batalha entre tucanos e araras, que terminou com muitos mortos e feridos, e há uma iminência de guerra entre estes, que acabaram se aliando novamente, e os biguás. Estamos aqui com a esperança de que um dia, caso voltemos, possamos encontrar um caminho mais tranquilo na volta.

– Não sabia disto. Os carcarás não nos mantêm informados, apenas nos orientam a ficarmos restritos ao recanto. Seguimos a orientação, mesmo porque o que queremos realmente é paz. Mas, agora, você nos preocupou.

– Não queria lhes preocupar, mas é preciso que saibam o que está ocorrendo. Mas acredito que a guerra não chegará ao seu recanto. É muito feliz para que seja contaminado. São aves muito boas as que encontramos por aqui. Mas, realmente, precisamos ir agora.

– Vão em paz!

– Vocês também fiquem em paz!

Os dois amigos seguiram o seu caminho, ainda em ritmo de descida. Apesar do terreno alagadiço, faltava muito para chegar ao nível do mar. Um vale imenso se descortinava e um grande rio, o Rio dos Colibris, era avistado cada vez maior à medida que voavam. Era o Vale das Seriemas, que Tico já estava esperando para batizar. Mas, até agora, nenhuma seriema. A política de restrição ao território, aplicada pelos carcarás, assim como impunham os tucanos na floresta, fazia com que houvesse trechos desabitados e, por isto, não encontravam nenhuma ave entre a Entrada da Floresta e a clareira dos tucanos e, agora, entre o Recanto dos Sabiás e o Vale das Seriemas.

Carancho, o carcará, fazia a sua ronda vespertina, visitando o território sob a sua jurisprudência. Toda tarde, sobrevoava o Recanto dos Sabiás, perscrutando o cotidiano dos sabiás, dos beija-flores e das

seriemas, os habitantes das colônias de aves que estavam sob a sua guarda. Nisto, desceu até a palmeira imperial, onde se encontrava Caraxué, que o indagou assim que o carcará pousou.

– Carancho! Houve uma guerra entre tucanos e araras? E há outra para acontecer entre eles e os biguás?

– Heim? Quem lhe disse isso? Não sei nada disso!

– Fiquei sabendo!

– Ah! Foi o pardal, não é? Sabia que aquele pardal poderia ser um espião. Estava com cara de santo, mas sei que escondia alguma coisa. Irei interrogá-lo agora.

– Não creio que seja um espião, Carancho. O pobre coitado é simples demais para pensar o mal. Creio que sua vontade de conhecer as aves é legítima. O pequeno é cheio de vontade e o seu companheiro tem os olhos brilhando de pura ingenuidade.

– Vontade de conhecer as aves? Mas ele me disse que tinham vindo averiguar o território para os tucanos e as araras.

– Vai ver que tinha duas missões – disse Caraxué.

– Pode ser, mas vou averiguar. Para onde foram?

– Em direção ao vale. Mas não os machuque, está ouvindo?

Rapidamente, o carcará percorreu a trilha por cima das árvores e alcançou as aves aventureiras.

– Olá. Novamente nos encontramos.

– Olá, Carancho – respondeu Tico, já que Aiuru havia ficado com medo do carcará.

– Que história é essa de missão para conhecer as aves? Vocês não estavam a mando das araras e tucanos?

– Sim – disse Tico, pensando rápido. – Também! A nossa missão, faz tempo, é conhecer as coisas profundas da vida pelo contato com as aves. Como vínhamos para cá, fomos aproveitados para este fim.

– Hum! – resmungou o carcará, não convencido. – E esta história de guerra? Como é isto?

– Você não sabe? – disse Tico, antecipando-se,

estrategicamente. – Quando disse que pequenas aves entraram na Floresta dos Tucanos, houve uma batalha entre as araras e os tucanos, que somente foi interrompida com a chegada das corruíras. Uiraçu não interveio, mas mediou a paz. Alguns tucanos fugiram e devem ter avisado os biguás. Pode acontecer uma guerra entre os tucanos e araras e os biguás.

– Uma guerra entre eles? Mas são todos aliados!

– As araras eram aliadas por força maior, mas não concordavam com a tirania tucana. Os tucanos arrependem-se da sua tirania assim que perderam a batalha. Hoje, dividem o território pacificamente, sem subjugar as araras e as corruíras. Então, Uiraçu determinou a liberdade na Floresta dos Tucanos.

– Uma águia determinando a liberdade? – disse Carancho. – Tolerávamos Uiraçu por medo das águias.

– E Uiraçu, pelo que vejo, nunca interveio nas decisões dos senhores dos territórios. Agora está intervindo porque há clima de guerra.

– Você quer dizer que as aves das colônias nos consideram tiranos?

– Creio que sim!

– Você está achando que sou bobo? – disse o carcará, muito irritado. – Vocês são espiões e estão espalhando esta história para enfraquecer as grandes aves, causar guerra entre elas e tirar-lhes o poder.

– Não, não é isto! – disse Tico, tentando defender-se.

– Cale-se, pardal! Você está me irritando! Você perdeu a autorização de voar pelo meu território.

– Não é preciso, Carancho! – disse o bem-te-vi, que surgiu repentinamente de cima de uma árvore, de onde espreitava a conversa.

– Ele está certo.

– Pituã? – assustou-se o carcará, que via no bem-te-vi um antigo aliado. – O que faz aqui, depois de tanto tempo?

– Os tucanos não me deixavam circular, Carancho! Eram

tiranos, como o pardal disse. Vim por Uiraçu para negociar a paz do Parque das Aves com você.

– Você também com esta história?

– Não é um embuste, é real!

Nisto, também chega o sabiá Caraxué, detrás de outra árvore.

– E eu também acredito na sinceridade destas aves, Carancho.

Aqui temos paz, mas à custa do medo. Por que medo dos espiões, se eles nunca apareceram? Quando apareceram pequenas aves, é para negociar a paz. Que medo é este?

– Não é possível! Estão todos contra mim agora?

– Não, Carancho! – disse Pituã. – Ninguém está contra você.

Você é até uma boa ave. Mas não queremos que você se torne tirano como os tucanos, que tiveram triste fim e viram a sua população quase dizimada pelos que não aguentavam mais a sua tirania.

– Queremos continuar a fazer planos para o nosso destino, Carancho – disse Caraxué. – Nossos sonhos de viajar por todo o parque foram interrompidos por um medo que nunca compreendemos e as seriemas não querem nem ouvir falar de se socializarem após o medo ter se espalhado.

– Fazemos isto pelo bem das aves – defendeu-se o carcará. – Por medo das águias do Norte nos invadirem.

– E se eu disser que as águias se exilaram no Norte por medo de morrerem? – argumentou Pituã.

– Medo de nós?

– Sim, medo do ódio de vocês pelas águias.

– Mas não temos ódio pelas águias, somente medo da invasão.

Por isto, toleramos Uiraçu. Se fosse ódio, não o toleraríamos.

– Mas, se não há ódio nem razão para ter medo, não há porquê haver restrição da liberdade de ir e vir – disse Tico. – Deixe as aves se socializarem. Talvez, assim, sintam uma paz legítima no coração e não uma paz restrita a um só território. Percebeu que há espaços desabitados na serra e no vale? O medo é tanto que se mantêm em um território minúsculo para não correrem o risco de se encontrarem com

as demais aves. Veja o tamanho deste vale: nem enxergamos as seriemas ainda! Olhe para trás: nem sinal de sabiás e beija-flores!

– Não precisa de mais nada! – disse o carcará, bastante resignado. – Já me convenci. Vocês todos têm razão! Nunca achei que pequenas aves me convenceriam, mas estão todas certas. Onde está Uiraçu?

– Está trabalhando com os gaviões para tentar resolver o problema com os biguás – respondeu Pituã.

– Os gaviões estão juntos com Uiraçu?

– Sim! Parece que estão todos acordando. Difícil agora é controlar aqueles que viveram sob o jugo e a tirania dos líderes.

– Já entendi – disse Carancho, meio que ironicamente. – Os biguás pelo jugo dos gaviões e as seriemas por meu jugo, é isto mesmo?

– Sim – disse o bem-te-vi, sério e ignorando a ironia.

– E ainda têm as garças e os tucanos fugidos da guerra, que ainda não sabem da rendição – disse Tico.

– As garças não estão com Karkia? Qual a sua posição?

– As garças estão em menor número – explicou o pardal, que ouviu estas histórias no dia do conselho das aves. – Por isto, quase sempre seguiam as determinações dos biguás, que não sofriam a tirania dos gaviões porque já cumpriam naturalmente as diretrizes. Quando as garças souberem dos acontecimentos retorcidos contados pelos tucanos foragidos, tendem a ficar do lado dos biguás, embora Karkia esteja com Uiraçu.

– Pelo que vejo, os líderes realmente acordaram. E Tóti, o pelicano?

– Não sabemos – disse Pituã. – A garça Karkia prometeu ajudar.

– Estou indo naquela direção – disse Tico, apontando para o final do vale. – Espero vê-lo, pois já o conheço.

– E o que posso fazer para ajudar vocês? – perguntou o carcará.

– Ora! – disse Tico. – Comece por estabelecer a liberdade em seu próprio território e deixe que os sabiás procurem as seriemas, pois que já conversam com os beija-flores.

– Os sabiás e os beija-flores? Mas eu havia proibido esta relação.

– Para você ver como necessitamos de contato – disse o sabiá, em tom de rebeldia. – E este contato não fez mal a ninguém. Queremos apenas ser amigos uns dos outros.

– Sim, isto tudo está sendo uma grande lição para mim, Caraxué. Pode dizer à sua espécie e aos beija-flores que estão livres, inclusive para visitarem as seriemas. Só não gostaria que ultrapassassem os limites do território, pois pode ser perigoso no momento, como ouviram.

– Só o lado do final do vale pode ser perigoso – explicou Tico. – A Encosta Oeste da serra está pacificada. Está tomada por uma corrente de corruíras, que transmitem informações até a Montanha dos Gaviões e trazem notícias de algum biguá ou garça de lá. Os sabiás e beija-flores podem atravessar a serra sem problemas, mas, enquanto Pituã não avisar, não é conveniente que você atravesse a serra e pouse na Encosta Oeste.

– Olhe bem o que eu mesmo plantei. Isto não é necessário, pois eu e os carcarás faremos vigília no final do vale. Pituã, diga aos seus companheiros que os carcarás determinaram a liberdade na serra e no vale e que as pequenas aves de lá são bem-vindas aqui e espero que o contrário também aconteça.

– Acontecerá! – disse Pituã. – Farei com que isto ocorra, pode ter certeza.

– Pituã – disse Tico –, deixe-me aproveitar para perguntar algumas coisas que ficaram pendentes.

– À vontade, Tico.

– Por que, quando saí da Entrada da Floresta, você me disse que não havia perigos e que a floresta estava livre? Não foi bem que isso que encontrei.

– Eu disse que a floresta estava relativamente livre e que quase não havia perigo algum. Eu não estava mentindo, mas não sabia qual seria a reação das grandes aves ao encontrarem pequenas aves transitando. Por isto, disse que não era para incomodar as aves em seu trabalho. Apesar disso, Uiraçu sabia que o parque somente mudaria pela mão de pequenas aves. Nossa grande esperança é a sua espontaneidade, pardal. E vejo que está surtindo resultados.

– Está certo. Entendo-o agora. Somente espero corresponder aos seus anseios.

– E me envergonho de perseguir pequenas aves ou de concordar com a tirania dos medrosos – disse Carancho. – Tínhamos nossas razões para ter medo, mas a cegueira ultrapassou o tempo sem que percebêssemos que a paz já havia se instalado.

– Não precisa se envergonhar, amigo carcará – disse o bem-te-vi. – A propósito, você permite que a corrente de corruíras estenda-se pelo vale?

– Sim, claro! Se for para manter a paz, faremos qualquer coisa. Somente serei senhor dessas terras até que seja útil para botar fim a estes conflitos. Assim que terminarem, serei senhor somente dos carcarás, por legítima escolha.

– Está bem – concordou Pituã –, darei o recado para as corruíras de que o território aqui está parcialmente livre e que elas poderão vir para cá. É a comunicação mais rápida e segura que encontramos para esse período.

– Então, como uma das minhas últimas ordens, peço a Caraxué para que convoque alguns sabiás e beija-flores para uma visita às seriemas. Levarei alguns carcarás comigo. Não será bom levarmos todos para não assustarmos as aves. Queremos que você, pardal, com a sua espontaneidade, lidere a visita. As seriemas estão arredias e, por isto, será preciso que um bom coração como o seu intervenha junto aos corações duros que nós, os carcarás, ajudamos a criar nelas.

– Está certo! – disse Tico. – Colaborarei, com muito prazer.

Depois de quinze minutos, a comitiva de cerca de vinte aves, entre carcarás, sabiás e beija-flores, acompanhada de Tico e Aiuru, partiu para o vale. O voo dos carcarás nunca esteve tão devagar, para que todas as aves se postassem atrás do líder da missão, o pardal Tico, que todos aprenderam a respeitar. Atravessaram a primeira metade do vale com tranquilidade e pararam para beber água na confluência do Rio dos Colibris com o Rio Samburá¹. Dali, começaram a enxergar algumas seriemas. As pobres aves se exilaram em um campo depois das matas ciliares do rio para diminuir o contato com os sabiás e beija-flores, que viviam do outro lado. As aves esperaram no rio, enquanto Tico se aproximou para abordá-las.

– Boa tarde, seriemas. Como vão?

– Vão embora daqui! – disse uma delas. – Não queremos contato com as pequenas aves. Foi o que Carancho nos determinou.

– Carancho já retirou a determinação. Podem conversar comigo.

– Não queremos! Estamos felizes aqui sozinhas.

– Mas vocês já estão libertadas. Podem usar todo o vale a oeste do rio, se quiserem.

– Está louco? Se Carancho não nos matar, Uiraçu nos matará.

¹ Homenagem ao rio Samburá, que nasce em Medeiros-MG. A Agência Nacional das Águas (ANA) relatou, em 2002, que o rio São Francisco é afluente do Samburá e não ao contrário, pelo Samburá ter maior bacia hidrográfica, maior calha, maior vazão e maior profundidade que o São Francisco. Para preservar a cultura e a história da região, a antiga nascente do Velho Chico em São Roque de Minas, na Serra da Canastra, foi chamada de “nascente histórica” do São Francisco, enquanto a nova nascente ficou conhecida como “nascente geográfica”. Segundo a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), o rio passou a ter 2.863,3 km, contando os 147,3 km da nascente geográfica até o encontro e descontando os 98 km da nascente histórica até a confluência, o que aponta que o rio possuía cerca de 2.814 km, embora a sua extensão não seja um consenso.

Os carcarás ouviam aquele depoimento como um punhal fere o coração de uma vítima culpada. Não imaginavam que o terror psicológico que estabeleciam, embora fosse menor do que o dos tucanos, causasse tantos problemas ao cotidiano das aves. O senhor dos carcarás não suportou e interveio junto à líder das seriemas.

– Cariama¹, vocês não precisam mais se esconder. Estou aqui para libertar vocês da tirania que impus durante todo esse tempo. Uiraçu também deseja a sua liberdade.

As seriemas se assustaram tanto que todas correram para uma capoeiraçu que se destacava da vegetação predominantemente gramínea. Era difícil controlar a personalidade impulsiva das seriemas. A maioria delas tinha nascido após o controle rígido imposto pelos carcarás e retirar este costume não seria muito fácil.

– Vamos segui-las com várias aves pequenas – sugeriu Carancho. – Talvez as mais velhas se sensibilizem com os sabiás e os beija-flores, antigas espécies amigas. Voem e pousem na mata como quem não quer nada. Alimentem-se lá, finjam que não se importam com a fuga delas.

E assim foi. As pequenas aves ocuparam o mesmo espaço das seriemas, que não tinham para onde fugir. Aceitariam a convivência forçada naquele pequeno lugar ou ficariam expostas aos carcarás. A solução foi permitir que as pequenas aves lá ficassem, por algum tempo, até que, ao perceberem que as seriemas mal se mexiam, saíssem da pequena mata.

– Creio que as seriemas não se importarão com a nossa presença no vale, desde que não as acemos – disse Caraxué ao líder dos carcarás. – Uma boa convivência acontecerá somente com o tempo, quando terão que sair para buscar alimentos em outros lugares. Não adianta forçar agora.

– Talvez seja possível que as corruínas possam vir até o fim do vale – disse Tico. – Também acho que não há perigo.

¹ Vem do nome científico da seriema (*Cariama cristata*).

– Tudo bem! – concordou Carancho. – Temos que admitir que o mal que causamos foi muito maior do que imaginávamos. Vamos dar tempo ao tempo. Não forcemos a vontade das seriemas. Não mais!

– E o que faremos agora? – disse o sabiá líder.

– Com a entrada das corruíras em breve, liberarei vocês para irem para o seu recanto ou fazerem o que quiserem. E quanto ao pardal e à ararinha, vou levá-los até o final do vale, onde querem ir, pois não adiantará nada para o seu propósito ficarem aqui. Gostarão do passeio, eu prometo.

Carancho e outro carcará os carregaram com as garras e Tico lembrou-se imediatamente da aventura com Uruá. A diferença é que agora dava para enxergar o extraordinário vale. A paisagem ainda planáltica era completada com os rios, que faziam muitas curvas, e com os capoeirões que se espalhavam pela vegetação típica de cerrado. Aiuru estava em êxtase, pois nunca havia experimentado um voo tão alto. Como o final do vale era um precipício, um verdadeiro paredão com dezenas de cachoeiras, os carcarás pousaram com os amigos na parte baixa da maior das cachoeiras, onde o ribeirão apresentava pedras e corredeiras e onde se iniciava a próxima trilha de acesso. As águas da grande cachoeira eram revigorantes para quem estava há dias somente com viagens e sono. Tico e Aiuru pousaram em uma árvore diante da cachoeira e o barulho delicioso fez com que dormissem durante toda a noite, sem problemas, enquanto Carancho voltava para o senhorio, agora resignado.

CAPÍTULO 41

VERDADEIRA FAMÍLIA

Joca e Hélio foram levados a Vista Alegre e entraram na cidadela residencial, onde avistaram a casa azul e creme, onde já estava Zelinha, que preparou o ambiente para receber os novos moradores. Stan, Flor e Margot levaram Hélio ao seu quatinho e Joca ao seu quintal. No quarto de Hélio, já havia uma cama e uma pequena cômoda para se instalar inicialmente, pois o próprio jovem se encarregaria de montar o resto de seu quarto como desejasse, conforme o fruto do seu trabalho. Para Joca, foi cuidadosamente esculpida uma toca pelos métodos tradicionais, com formão e martelo, pelas mãos de Stan e Pai João, sem ferir a essência da árvore. Não era como uma toca natural, com a riqueza dos detalhes geométricos aleatórios, mas se aproximava bastante. Joca ficou muito satisfeito, pois era como a sua toca no bosque, semi-voltada para o lado de dentro. Não precisava de mais nada: um mini-bosque entre amigos, com a possibilidade de levar para lá, no futuro, a sua família. Depois da recepção, a turma deixou ambos descansarem em seus novos aposentos e foram cuidar de seus afazeres.

A coruja não se conformou muito tempo com o descanso. Chamou Hélio para passear na cidade. Foram seguindo aquele caminho que já conheciam, percebendo intensa movimentação daqueles que iam ou voltavam de seu trabalho. Na via primária da cidadela residencial, ficaram olhando uma pequena casinhola de cores predominantes laranja e amarela. Era uma casinha pequenina, bastante

simples, daquelas com cortina e vaso de flores na janela. Uma senhora encostou-se ao parapeito e começou a dizer para alguém que estava dentro da casa.

– Olhe, Alfredo! Uma coruja no ombro do rapaz! O que faz uma coruja aqui?

E uma voz bem grossa lá do fundo respondeu.

– Talvez desencarnou com ele e o rapaz teve a permissão de trazê-la.

– Mas ela parece tão humana. E parece que o rapaz está conversando com ela.

– Não duvido. Hoje se vê de tudo!

Os dois amigos sorriram e Joca percebeu que não era comum ali a presença tão próxima de aves com os humanos. Foi nesse momento que a coruja teve o primeiro contato com alguém que não tenha sido apresentado a ela. A vontade era de se apresentar a todos, mas tinha que dar tempo ao tempo. Tempo para se acostumar com a cidade e para que os habitantes se acostumassem com a presença da ave pelas vielas.

Continuaram caminhando e avistaram as lindas esculturas que dividiam a cidadela residencial da administrativa, junto à ponte de pedras. Atravessaram a acrópole central, também coberta de esculturas, e adentraram o prédio principal, percorrendo corredores e a ala médica até o salão do centro, com seus mosaicos, luzes e mandalas. A coruja sobrevoou o alto teto como quem dava o primeiro voo do bosque ao pináculo da torre quando vivia no plano físico. Hélio ficou olhando a coruja voando tal como se fosse uma criança, sorrindo com a alegria do amigo. Joca voava e as luzes apagavam-se e acendiam-se, pois, à medida que passava por um mosaico, tapava um e destapava outro, pelo tamanho semelhante entre o mosaico e a coruja, o que transmitia enorme beleza para quem via de longe. Hélio, jovem mais retraído, não se conteve e gargalhava com doçura pouco comum. Mal sabiam, mas Margareth e Flor-de-Lis observavam com muita emoção a alegria de rapaz e coruja em seu primeiro dia como

moradores da cidade-colônia de Vista Alegre. Como ambos passaram pela ala médica, as duas os seguiram, sorratamente.

Após a brincadeira, continuaram caminhando pelo prédio, seguindo a ala de assistência fraterna. Aquela ala era sempre movimentada, com vários espíritos requisitando ajuda. Eram muito comuns as terapias coletivas, com mestres ou mentores ministrando mensagens maravilhosas, de forma que eduquem e emocionem as almas ali presentes, pois que necessitam de aprimorar tanto o intelecto quanto o emocional e as palavras, quando bem proferidas, possuem esse duplo poder. Joca e Hélio, ao passarem por um dos corredores da ala, presenciaram uma dessas reuniões, cujo “ministro” falava de forma espontânea e emocionada, embora também de maneira firme e coerente. A voz alta passava pela porta semi-aberta e alcançava o corredor, atraindo passantes curiosos. Os dois amigos sentiram-se atraídos e entraram na sala. Havia cadeiras vazias e ambos não se preocuparam em saber se seriam mal recebidos, tratando de se sentarem rapidamente. O mentor, Sebastião Cernambi, continuava a palestra.

– Por isto, lhes digo, meus amigos. Não há melhor forma de tratar os semelhantes do que com o amor natural que fala pelos lábios, pelo semblante e pela atenção dispensada a cada companheiro. Quando o espinho do ódio for maior do que o perfume da convivência fraterna, lembrem-se de que toda rosa possui uma forma especial de pegar, ou seja, devemos achar um jeitinho de alcançar o coração de cada alma com que convivemos. Sempre possuímos algo em comum com outro ser e, explorando essas semelhanças, podemos achar o ponto em que a fraternidade vence uma possível desarmonia. Não podemos perder nenhuma oportunidade de sorrir para aquele semelhante que passa por nós. É dando pequeninas e simples gotinhas de luz que enchamos o nosso coração de grandes felicidades. É preciso que entendamos que uma soma de pequenos e simples gestos vale bem mais que apenas um grande gesto. Um grande gesto e mais nada soa como uma hipocrisia, que, se não engana aos outros, engana

a si mesmo. Incontáveis pequenos gestos são exemplos de uma atividade fraterna consistente, um alicerce de bondade que só permite ao espírito crescer infinitamente. Enquanto o grande gesto pode ser um exercício social de uma manifestação orgulhosa, embora valha como um aprendizado futuro, os pequeninos consolidam a atuação caridosa de quem troca as palmas pela simples satisfação sincera de ver alguém feliz.

Mais uma vez, os olhos da coruja brilharam. Nunca tinha ouvido uma definição tão bela para o amor e a caridade. Lembrou-se, imediatamente, de Tico, que simbolizava exatamente esta soma de pequeninos gestos. Descobriu que tinha muito que aprender com o filho, embora antes imaginasse que fosse o contrário. Era certamente mais sábio que o filho, mas não tão bondoso como ele. Percebeu que todos os seres tendiam para serem bons e sábios e não somente bons ou somente sábios. Em verdade, o ser que tem um dos lados mais extremado sofre da síndrome do anjo que voa torto. Embora não seja nada grave uma asa ser maior que a outra, deve haver um relativo equilíbrio entre a asa intelectual e a asa moral. Quando uma delas se sobressai muito à outra, por vezes a vida promove uma parada em uma delas para que a outra a alcance. Muitas vezes, aqueles extremamente inteligentes são tidos como idiotas em outras oportunidades, para que a importância do lado moral lhes cresça aos olhos, do mesmo jeito que aqueles extremamente bondosos são rotulados como ignorantes, para que a relevância do lado intelectual lhes evidencie na alma. No momento certo, um novo universo moral ou intelectual se lhes descortina, com o fim de romper a inércia e trazer o impulso necessário para vencer o novo e, às vezes, doloroso caminho. Certo é que, em determinado tempo da evolução do espírito, as duas asas ficam finalmente alinhadas e o ser não mais voa torto, mas equilibrado, para frente e para o alto.

Ao final da palestra, os assistentes foram saindo e Cernambi acenou para os dois amigos, que retribuíram o aceno. Deixaram o recinto com a certeza de que ali sempre encontrariam uma palavra de

conforto, quando necessário. Continuaram a seguir a ala de assistência fraterna até que saíram do prédio, dando para um maravilhoso jardim com vista para as montanhas. Hélio e Joca ficaram ali sentados por um bom tempo, tentando aproveitar a ótima oportunidade de vislumbrar no horizonte os momentos de bela nostalgia do passado.

A coruja foi narrando, passo a passo, todos os momentos da infância, quando seus pais, Tyto e Alba, o levavam para conhecer os encantos da cachoeira e da serra do bosque. Depois, os voos até o pináculo e até o parapeito da janela da universidade, onde ouvia, todas as semanas, Stan ministrar as suas aulas espetaculares. Quando o professor partiu e a esperança quase que também partiu, Aepyornis lhe concedeu a honra de um filho para cuidar, um filho missionário, um filho pardal, que ganharia o mundo que o pai não pôde ganhar. Foi a vez, então, da coruja partir e, ao acordar, quanta surpresa! Quantos amigos encontraria ou reencontraria! Além de seus queridos pais, ainda reencontrou Stan e Hélio, de quem se lembrava, e conheceu (ou reconheceu) tantos outros companheiros de jornada.

Era a vez de Hélio. A timidez do jovem fez com que demorasse a começar a falar, mas foi diminuindo à medida que as palavras surgiam. O rapaz lembrou-se dos tempos de infante, em que teve uma família que o encheu de carinho. Teve uma infância normal, embora a sua inteligência acima do normal, talvez por preconceito dos que o julgavam diferente, perturbava as suas relações sociais. Era sempre o primeiro da turma e, desde cedo, esbanjava conhecimentos de geografia, história e matemática. Devorava todos os livros que via e escrevia como ninguém. O amadurecimento precoce e o entendimento da vida em todas as entrelinhas fizeram com que desenvolvesse pouco o lado emocional e com que as relações afetivas fossem deixadas um pouco de lado, embora tivesse muitos amigos. A sexualidade não aflorou na idade apropriada e começou a aflorar somente na juventude, o que fez com que tivesse uma adolescência tardia. A escola era o seu porto seguro e o amadurecimento intelectual encontrava aí a sua recompensa. O velho Stan era o seu ídolo como

pessoa e como professor e a partida do velho mestre, como para a coruja, também foi um impacto forte. Apesar do desencarne de Stan não ter influenciado o do jovem, ambas as partidas permitiram a continuação de uma amizade sincera, de espíritos separados apenas pela idade biológica e por alguns poucos degraus evolutivos. As aulas do professor, agora no plano espiritual, tinham uma importância grandiosa na vida do rapaz, o que fazia com que não perdesse nenhuma delas, embora tivesse que experimentar também outros tipos de aprendizado, como fazia na universidade de Canto dos Cristais e agora na de Vista Alegre. Ficou imaginando como faria para comparecer agora a todas as aulas da Clínica das Flores, mas sabia que dariam um jeito.

Um forte vento os despertou de seus pensamentos longínquos e os fez adentrar novamente no prédio, de volta pela ala de assistência fraterna. Procuraram a ala universitária em busca da biblioteca principal. Ao chegarem ao enorme salão que abrigava o maior acervo de Vista Alegre, encontraram diversas mesas retangulares gigantescas de madeira, com vários estudiosos. Entre eles, não era surpresa alguma encontrar Stan e Margareth, que liam em uma das mesas. Margot se debruçava sobre livros de biologia, fisiologia e fitoterapia¹, enquanto Stan se divertia com livros de física e astronomia. Hélio e Joca ficaram olhando e observando como aquelas figuras sábias estudavam por longas horas. A sede pelo conhecimento nunca estancava e, esta, juntamente com a serenidade e a bondade, era a base dos trabalhos realizados em toda a colônia.

Porém, em certo sentido, a diferença entre os planos era assustadoramente grande. Enquanto no plano físico, as castas se diferenciam pela esperteza, dinheiro, poder ou força, no plano espiritual as coisas funcionam através da humildade, doçura, sabedoria e caridade. Os indivíduos aprendizes reconhecem a sua condição e se postam numa posição humilde em relação àqueles que

¹ Fitoterapia: tratamento de doenças usando plantas.

os ensinam. Estes, por sua vez, ensinam com doçura, enquanto aprendem com os seus superiores. A hierarquia é natural e a autoridade é moral, o que representa um abismo nas relações entre os planos. A essência dos indivíduos não se modifica em nenhum dos planos, mas torna-se mais transparente no plano espiritual.

Joca e Hélio não quiseram interromper o estudo dos novos familiares e escolheram outra mesa para estudar. Enquanto o rapaz buscava livros que remetiam à patriologia¹ e à geopolítica, a coruja preferia estudar sobre os animais. Passaram o dia devorando as leituras, até que Stan e Margot, enxergando-os, chamaram-nos para voltar para casa.

Noutro plano, as notícias do Oeste eram inquietadoras. Os biguás conseguiram convencer a maior parte das garças a lutarem, caso fosse preciso, e a nuvem negra se misturava com a branca no Vale dos Biguás, com alguns pontinhos laranja, que se referiam aos bicos dos tucanos. Ainda não haviam saído do solo porque acreditavam que os gaviões ainda estavam ao seu lado, mas eram necessárias mais notícias e uma comitiva que reunia as três espécies partiu para a Montanha dos Gaviões, onde somente havia alguns deles, liderados por Caburé.

– Amigo gavião! – disse o biguá Croco². – Viemos aqui atrás de novas notícias sobre a guerra.

– Infelizmente, os tucanos foram realmente massacrados e poucos sobraram, mas a ordem da floresta não se alterou. As araras é que comandam agora e continuam nossas aliadas.

– É verdade? – gritou um tucano.

– Sim!

– E onde estão a garça e o canário? São acusados de traidores aqui.

– Não são traidores. Ajudaram a manter a ordem depois da

¹ Patriologia: estudo dos países do mundo.

² Vem do nome científico do biguá (*Phalacrocorax b. brasilianus*).

guerra.

– E a pequena ave que estava com eles?

– Foi interrogada e estava apenas procurando um parente na floresta, nada mais.

– Então por que Karkia e o canário não retornaram? – perguntou uma garça.

– Estão cuidando dos feridos.

– Vocês não estão nos convencendo. A garça e o canário tornaram-se seus amigos?

– Não, apenas não incomodaram nem intervieram na guerra, assim como Uiraçu.

– Aquela águia intrusa! – gritou novamente o tucano. – Gosta de pequenas aves e é parente das águias do Norte! Não vamos acreditar nos gaviões! Eles estão sob a influência das águias! Voltemos ao vale! Mais tarde, voltaremos aqui.

A comitiva se foi e os gaviões não disseram uma palavra. Pousaram no Vale dos Gaviões e transmitiram a mensagem para a primeira corruíra até que chegasse ao sopé da Montanha dos Gaviões, onde Uiraçu a receberia e a retransmitiria para Tangara e assim por diante. Quando a águia voou para a Entrada da Floresta para avisar a saíra, o bem-te-vi já estava lá, acabando de trazer notícias do Leste.

– Pituã, já voltou? – perguntou Uiraçu, ansioso.

– Já. E estou cansado.

– Descanse um pouco. Mas, antes, conte-me o que houve lá.

– A região está parcialmente pacificada. As corruíras podem avançar até o Vale das Seriemas, pois Carancho contribuirá. Está reorganizando a ordem na região e os sabiás e beija-flores estão de acordo. As seriemas fugiram com medo, mas não prejudicarão o nosso trabalho.

– Que bom! E o nosso amigo pardal?

– Está caminhando em direção ao mar, para conversar com os pelicanos. Não sabemos o que acontecerá.

– Se for o caso, utilizaremos a garça. Creio que a notícia não

tenha chegado até lá.

– Acho que não – confirmou Pituã –, pois os carcarás não sabiam de muita coisa. Se for assim, os pelicanos, que estão longe, saberão ainda menos ou nada. E as notícias do Oeste?

– Nosso plano de fingir sermos aliados não funcionou bem. Os biguás, garças e tucanos estão acusando os gaviões de estarem trabalhando para as águias do Norte. Temos que ter paciência e confiar em nosso amigo pardal e em sua habilidade de penetrar nas colônias de aves. Cada vez mais esta investida tem que acontecer urgentemente, embora não possa deixar de ocorrer de forma natural.

– O pardal dará conta! – assegurou o bem-te-vi. – Ele não sabe tudo e isto facilita bastante. A sua espontaneidade nos ajudará a vencer.

– Que assim seja! – disse a águia. – Mesmo assim, enviarei Karkia atrás deles, já que o vale está pacífico. A garça conhece bem os pelicanos.

Tico e Aiuru acordaram com o belo som das cachoeiras, que caíam do paredão após o Vale das Seriemas, e se puseram a seguir a trilha que dava acesso às aldeias humanas e ao mar. Os amigos estavam entusiasmados com o fato de poderem conhecer novas paisagens e terem contato com outros tipos de territórios e habitações. A trilha prosseguia ainda na vegetação ciliar durante algum tempo e, logo, deixava transparecer pontos brancos ou pardos no meio da mata. Eram as casas dos humanos, semi-urbanas, à semelhança de chácaras dentro do perímetro urbano de uma pequena vila. A ararajuba se assustou, a princípio, com o tamanho das construções feitas pelo homem. Até então, só havia presenciado grandes obras desenhadas pela natureza, mas o encontro com as edificações era algo bastante novo, o que não incomodava Tico, acostumado com os grandes prédios da universidade. As casas eram pequenas, mas adornadas com dezenas de árvores em seus quintais, muitas delas frutíferas. O pardal nem havia reparado, mas Aiuru parou para ouvir um coro de piados que julgava serem muito parecidos com os de Tico. Seguiram o ruído

do coro e chegaram, curiosos, a um belo pomar.

– Olhe, Tico! – disse a ararajuba. – Muitas árvores frutíferas! Laranjeiras, pitangueiras, azaroleiras e até tomateiros. Há poucas dessas na floresta, mas aqui há muitas. Vamos aproveitar!

– Vamos! Mas há muitas aves lá em cima e outras sobrevoando a habitação lá longe. Veja!

– Não ligue, vamos comer!

Aiuru beliscou uma laranja e Tico, pequeno que era, buscou um galho de outra árvore para lhe servir de apoio para também beliscar. Ao pousar, deu-se com três pardais no interior da árvore, lambiscando algumas acerolas. O susto foi enorme, à semelhança de um cão que se enxerga em um espelho e começa a latir. Tico achou aquilo muito estranho e a primeira sensação foi recusar o contato, mas seus semelhantes se anteciparam e um deles estabeleceu o primeiro diálogo.

– Olá, estranho! – disse um pardal um pouco mais velho que Tico. – Nunca o vimos por aqui. Você é de onde?

– Olá! Sou do Bosque das Corujas, perto da universidade. Conhecem?

– Não conhecemos. É longe?

– Um pouco longe sim.

– O que faz aqui?

– Vim em uma missão. Conhecer as coisas profundas da vida pelo contato com as aves.

– Interessante! – disse outro pardal, sorrindo. – Mas comer não é bem melhor?

– Ah – respondeu Tico –, mas não é somente de comida que vive um pássaro. Há muitas outras coisas para conhecer e viver.

– Há muitos pardais onde você mora?

– Não, somente eu. Nunca havia visto pardais antes.

– Nunca?

– Nunca! Vocês são os primeiros.

– E uma pardaloca? – disse uma graciosa fêmea de pardal,

saindo detrás das folhas e se exibindo. – Nunca viu?

O coração de Tico bateu descompassadamente. Nunca havia sentido uma atração tão forte, mesmo porque nunca tinha visto uma fêmea de sua espécie. Pela primeira vez, teve dificuldade de se relacionar e de falar alguma coisa com tranquilidade. Lembrou-se da fala dos beija-flores sobre a árvore ideal e ficou imaginando se ali não pudesse ser a sua morada definitiva em um futuro breve.

– Não – respondeu, gaguejando –, nunca tinha visto não.

– Pois aqui, no pomar, há coisas muito mais profundas do que conhecer as coisas da vida. Muito mais!

Tico avermelhou-se. “O que é isto?” – pensou. – “No primeiro contato com os de minha espécie, já recebo uma cantada?” A mente do pardal ficou entre os encantos da pardaloca e a missão que lhe confiaram. Deu uma respirada, lembrou-se de tudo o que vivera até aquele momento e praticamente sussurrou, tímido.

– Mas tenho uma missão a cumprir. Quem sabe na volta conversamos?

Imediatamente, outro pardal pousou no galho com cara amarrada.

– Que história é esta de marcar com a minha namorada? O que faz aqui?

– Olá, desculpe-me! – disse Tico. – Não foi minha intenção. Disse isso para todos aqui que me abordaram.

– É bom mesmo, pois não queremos intrusos aqui, ainda mais que se aproximam da namorada dos outros. Arrume outro pomar para você.

– Não tenho planos de ficar aqui neste pomar. Só vim me alimentar.

– Mais um motivo. Não gostamos de aventureiros. Pode tomar o seu rumo.

Tico levantou voo mais do que depressa. Seu coração era só decepção. Nunca imaginou que pudesse ser tão mal tratado por seus semelhantes. O pardal entendeu que, conversando com outras

espécies, há certo respeito, o que, muitas vezes, falta quando os semelhantes conversam. É o mesmo que acontece dentro das famílias, em que os parentes trocam farpas, enquanto tentam distribuir gentilezas para os não familiares. Dirigiu-se para outro pomar de uma casa vizinha, sendo seguido por Aiuru. Pensou que lá encontraria uma recepção um pouco melhor.

– Olá, forasteiro! Sinta-se à vontade entre nós. Há frutos sobrando aqui.

– Olá! Meu nome é Tico e este é Aiuru.

– Você é bem-vindo, ele não!

– Mas ele é meu amigo. É inofensivo. Não fará mal aos pardais.

– Não importa. Não confiamos nele. Você fica aqui sozinho ou vai embora.

– Então, vou embora.

Tico não titubeou um segundo sequer e saiu voando novamente. Não era do tipo que trocava amigos por outro tipo de relação. Aquele pomar era análogo ao clã que se acostumou a acomodar os semelhantes e a repudiar os diferentes, tidos como inimigos. Pousou em um terceiro pomar e, neste, mal o dirigiram a palavra. Poderiam comer o que quisessem, mas não teriam nunca amigos ali.

O pardal, seguindo os conselhos do Beija-Flor da Sabedoria, consultou o seu coração e, imediatamente, veio à mente a Mata da Encosta e os seus amigos sinceros, que, embora não fossem da sua espécie, eram quem preenchia as suas carências de afeto. Bateu uma vontade imensa de voltar à mata dos amigos e Tico sentiu, sob intensas lágrimas, que aquele era o lugar que gostaria de viver para o resto da sua vida. Aiuru, que estava distraído com uma fruta, veio consolar o amigo assim que percebeu que ele estava desolado. Ficou impressionado com o brilho dos olhos demonstrado pelo pardal quando falava da Mata da Encosta e ficou mexido quando Tico o convidou para morar lá também.

– Tem lugar para todos lá, Aiuru. Você será muito bem-vindo. Não adianta eu querer viver biologicamente os meus instintos se o meu coração não estiver nestes pomares. Na Mata da Encosta, são várias espécies que vivem em harmonia e construiremos uma boa toca para você viver lá.

– Eu aceito, Tico! Eu aceito! Agora pare de chorar. Também não gostei dos seus semelhantes e sei que o seu senso de sociedade ultrapassa o bairrismo dos que vivem aqui.

– Sim – disse Tico – a diferença, muitas vezes, é que realiza o coração. Hoje, entendo o meu pai, que me dizia que o cálice em que bebia independia do lugar, desde que estivesse entre amigos, aprendendo alguma coisa ou realizando uma missão. Se estar entre diferentes é predominante, é porque o aprendizado ou a missão é muito maior do que se imagina. Não sei se estou exatamente aprendendo ou realizando uma missão, talvez os dois, mas gostaria de um dia poder voltar aos meus semelhantes, cujo cálice ultrapassa muito o fato de sermos da mesma espécie. Um dia, ainda gostaria de me relacionar melhor com outros pardais, mas meu coração bate mais forte com os meus amigos da Mata da Encosta.

– Mas temos de realizar uma missão agora, não é mesmo?

– Sim, temos, é o mais importante agora! Temos que seguir viagem, inclusive. Podemos dormir em um desses telhados, já que não nos demos bem nas árvores hoje.

– Pode ser!

Ambos dormiram profundamente, mesclando pensamentos de desgosto com os pomares e de esperança com o retorno à Mata da Encosta. Apesar do sono, Tico mexeu-se muito de madrugada e ficou em vigília durante algum tempo, preocupado com o que aconteceu nos pomares. Percebeu nos olhos dos pardais que muitos deles trocavam o que realmente queriam pelo convívio social imposto pela colônia de pardais. Não era uma imposição tirana como a dos tucanos, mas uma tirania amarga da cultura dos pardais, que guardavam certas regras para viverem juntos sem se importarem muito com o coração dos

colonos. Havia certa hipocrisia nas ações, que contrastavam com a dos corações. Enquanto alguns eram obrigados a subordinar-se e fingiam estar felizes, outros, em troca de subordinados, distribuía gentilezas e sensações de falsa felicidade na colônia. O sono-vigília foi interrompido pela luz intensa e pela voz grave da Ave Suprema de todas as horas.

– Nobre pardal. Não te preocupes com as terras em que não possa semear a tua espontaneidade. Nem todos estão preparados para abdicar da conveniência das relações sociais e das convenções impostas pelas normas da convivência superficial. No entanto, segue o teu caminho e continua com a luz ante os olhos. Hoje terás duas lições. Eis a décima segunda lição (*A transparência*).

A Vida está no que é e não no que parece ser. A artificialidade da intransparência, construída pelo interesse e pela vaidade, não irradia vida, pois não é vida. O reconhecimento e assunção do que se é, do que é verdadeiro e real, conduz ao encontro do ser consigo mesmo, o que constitui a naturalidade da transparência, é vida.

– O convencional nem sempre é o que mais interessa aos corações, embora, muitas vezes, seja necessário para as boas relações. Entretanto, seja por meio das convenções ou não, o que importa é a que a essência do coração transpareça para os lábios. A espontaneidade não precisa ser aparente, mas transparente. As mesmas palavras convencionalizadas podem ser proferidas com interesse, desleixo ou doçura. Eis a diferença entre o superficialista, o indiferente e o essencialista: o primeiro diz com interesse, o segundo com desleixo e o terceiro com doçura. Sê como o essencialista: firme e doce. Agora, eis a décima terceira lição (*O pragmatismo puro*).

O ser ganha em pureza quando perde em

dissimulação, quando age sem qualquer interesse ou desejo oculto. A espontaneidade é pragmática e, por isso mesmo, é simples e pura. A relação do ser com a vida alcança a pureza quando aprende a reconhecer a singeleza dos pequenos atos do pragmatismo natural.

– A espontaneidade plena e o pragmatismo puro são o ápice das relações entre as aves. É claro que a exteriorização desta prática depende da evolução da sociedade, mas, enquanto isto não se dá, é preciso que a essência interior seja como a lagarta que, embora ainda tenha que passar pelo casulo, esconde a formosura latente de uma futura borboleta. O pragmatismo consiste em buscar o caminho certo sendo uma lagarta ou sendo uma borboleta.

– Tuas escolhas no contato com teus semelhantes foram de muita sabedoria, pois enxergaste mais longe do que o imediato mostrou a ti. Mas, acontecendo em meio a uma situação adversa, ainda não tiveste mérito pleno. Um dia, terás força para abdicar a ti mesmo em uma situação aparentemente favorável. Mais uma vez, recomendo-te andar com a luz ante os olhos.

Tico, ainda de madrugada, despertou completamente e Aiuru perguntou, sonolento, se havia surgido um vaga-lume sob as telhas em certa hora. O pardal disse que não e a ararajuba continuou a dormir. Tico ficou pensativo, ainda, durante alguns minutos, tentando imaginar o que poderia ser uma situação aparentemente favorável. Talvez um pomar em que os pardais o recebessem bem e o deixassem na dúvida, o que poderia confundir o coração. Adormeceu sem ter esta certeza.

CAPÍTULO 42

A BATALHA DO VALE

No outro dia, antes de amanhecer, Caburé e mais cinco gaviões chegaram até a Montanha das Águias desesperados, arfando de cansaço.

– Uiraçu! Uiraçu!

– O que foi, Caburé? O que foi?

– Tivemos que debandar rapidamente e abandonar nosso posto.

– Mas vocês não são oito? Por que vieram somente seis?

– Milvago e Ximango foram assassinados.

– Nossa! O que aconteceu?

– Foram os biguás e os seus aliados. Vieram nos abordar em certo instante e, mais tarde, chegaram em bando e de surpresa, enquanto estávamos dormindo. Relaxamos a vigilância um instante e foi fatal. De qualquer forma, não teríamos nenhuma chance de vida a não ser fugindo. Para nos salvar e se redimirem dos atos que cometeram antes, Milvago e Ximango lançaram-se em direção aos biguás e gritaram: “*Em nome de Uruá!!!*”. Foi muito triste. Não pudemos socorrê-los, pois morreríamos também caso ficássemos lá. Fomos salvos por eles.

– Foi uma atitude nobre. Que estejam bem do outro lado. Mas fato é que perdemos uma base.

– Sim, perdemos. E perderemos mais, se não cuidarmos do território. Quando os biguás perceberem que existem corruíras no

vale, ficarão ainda mais raivosos.

– Mais do que nunca, estamos nas mãos dos nossos amigos missionários.

Uiraçu olhou para o horizonte, tentando adivinhar onde o pardal e a ararajuba estariam, pois ali residiam as maiores esperanças do Parque das Aves.

Tico e Aiuru saíram bem cedo em direção ao mar. Sabiam, pela brisa, para onde deveriam ir. O mar não estava longe, pois já haviam lhes dito que algumas das aldeias humanas ficavam praticamente à beira-mar. Sobrevoaram a vila e um pouco mais adiante enxergaram o horizonte. Não havia nada na praia, nem aves nem nada. Observaram que as aldeias formavam um cinturão de casas na orla, mas as habitações encerravam em certo ponto, que se distinguia dos demais por ser mais montanhoso. Não havia casas ali e, portanto, poderia ter aves. Quando, pousados, não sabiam muito bem como proceder e nem para onde ir, uma enorme ave pegou Tico pelo bico e alçou um voo acrobático por cima do mar. A beleza da paisagem vista de cima era impressionante, mas o susto era muito maior. A ararajuba tentou alcançá-los, mas a ave era muito rápida. Tico, embaixo do bico do algoz, não conseguia enxergar quem era. Até que pousaram na praia e Tico foi solto. Quando se virou, não se conteve e gritou.

– Karkia!

– Olá, pequeno pardal. Não imaginou que eu viria, não é mesmo? – disse a garça, olhando depois para a ararajuba.

– Não se preocupe, Aiuru. Sou eu, Karkia, a garça, lembra-se? Uiraçu me mandou para cá.

A ararajuba não se lembrava direito da garça, durante a movimentação do pós-guerra da Batalha da Floresta. Mas tranquilizou-se quando Karkia a chamou pelo nome e quando viu que o pardal estava radiante, embora ainda assustado.

– Não faça isso novamente, *dona* garça, a senhora me mata do coração – disse Tico, bastante ofegante.

– Opa! Não me venha com *dona* novamente!

– Ah! Desculpe-me, Karkia, foi o susto, desculpe-me.

– Está perdoado! Estão com dificuldades de encontrar a terra dos pelicanos?

– Sim, estamos sim! Não temos a mínima ideia de onde seja.

– Então, vamos juntos. Deixe-me pegá-lo novamente.

– Sim, mas deixe-me descansar um pouco. Quais as novidades?

– As novidades são que os biguás estão nervosos. Não sei quanto tempo nosso embuste durará. Em algum momento, precisaremos contar a verdade. Nosso encontro com os pelicanos e com as cegonhas será vital. Podemos ir?

– Podemos.

– Então, vamos lá. Ararinha, pode me seguir!

Aiuru não gostava de ser chamada de *ararinha* do mesmo jeito que Karkia não gostava de ser chamada de *dona*, mas como encarar uma ave daquele tamanho? Aiuru a seguiu, sem dizer uma palavra. As três aves dirigiram-se para uma falésia enorme, que dava quase que diretamente para o mar. O relevo acidentado favorecia a presença de pelicanos e cegonhas, pois que guardava grutas e pedras. Apesar das cegonhas preferirem chaminés das casas humanas para construir os seus ninhos, eram amigas dos pelicanos e dividiam com eles o espaço generoso que a natureza lhes concedeu. Como as falésias eram muito perigosas para a ocupação humana, as aves tornaram-se donas do lugar, que também incluía uma pequena baía com recifes de corais e pequeninos atóis, que Tico apelidou de Baía dos Pelicanos.

Tóti, o líder dos pelicanos, olhou para cima, percebendo aves diferentes, e, reconhecendo a pupila, grassitou bem alto de alegria, como se tivesse acabado de engolir um peixe.

– Olá, Karkia, senhora da mata e do vale! O que a traz aqui?

– Notícias urgentes, Tóti – respondeu a garça, depois de pousar e soltar Tico. – É muito bom lhe ver, mas tenho minhas

dúvidas de que ainda sou a senhora das garças.

– O que houve?

– Temos muito o que conversar – disse a garça, com um olhar agudo.

– E olhem! Vejam só quem está aqui! – observou o pelicano, notando a gravidade da situação e mudando de assunto por um instante. – Não é o que jovem pardalzinho que me ajudou no procedimento cirúrgico veio também! E ainda temos uma ararinha!

– Bom dia, Tóti. Aprendi muita naquela ocasião e espero poder ajudá-lo em outras vezes. Este é Aiuru, a ararajuba.

– Não é uma ararinha? Oh, perdoe-me, Aiuru.

– Não há problema! – resignou-se Aiuru, abaixando a cabeça.

– Todos me confundem com uma ararinha.

– Não acontecerá novamente! – desculpou-se o pelicano mais uma vez, já olhando para Tico. – E será um prazer que me ajude em outras oportunidades, pardal. O que os trazem aqui?

– Precisamos da sua ajuda – disse Karkia, bastante aflita. – Há uma guerra iminente no Oeste, entre os biguás, garças e alguns tucanos contra o restante das aves. O problema é que restam poucas aves grandes entre araras, tucanos, gaviões e carcarás.

– Como? Contem-me isto melhor. Há tucanos dos dois lados? E os biguás estão do lado contrário das araras e dos gaviões? Como é isto?

– Desculpe-me a aflição. Tico está menos aflito e lhe contará com detalhes.

Tico contou-lhe toda a história, desde a entrada de Chapmani e Aiuru na floresta até a reação dos tucanos, gaviões, carcarás e outras aves. Finalizando, disse a que vieram.

– Bem, Tóti. Como fizemos com boa parte do Parque das Aves, esperamos ajudá-lo a pacificar esta baía, mediante as nossas últimas conquistas.

Ouvindo isto, o pelicano caiu em gargalhada. Karkia estranhou, pois, assim como os outros dois amigos, também não

entendeu o que estava acontecendo.

– Pacificar a nossa baía? – disse, ainda gargalhando. – Ora, veja! Quer local mais pacífico que este? Olhem para aqueles pelicanos e cegonhas.

– Mas como? – disse a garça. – Você me disse, muitas vezes, que tinha dificuldades com as cegonhas, mas que procurava manter a ordem .

– Pois é, Karkia – respondeu o pelicano –, mas era um plano para que a tirania dos gaviões e dos tucanos não chegasse até aqui. Cuidei para ninguém mais soubesse, inclusive você, para que não sentissem necessidade de vir até a baía. Nossa maior arma é a certeza de que todos imaginam que aqui é outra tirania, por mais que você soubesse que eu não era um tirano.

– Estou surpresa! – confessou a garça. – Imaginei que nosso pacto funcionasse relativamente, mas você me surpreendeu. Sua colônia funciona bem melhor.

– Funciona melhor por duas razões. A primeira é que estamos separados do restante do Parque das Aves pelas aldeias humanas. E a segunda é que as cegonhas são mais tranquilas que os biguás e os gaviões. Creio que seja somente por isto e acredito que você faria a mesma coisa, se as suas condições também fossem favoráveis.

– E qual é este pacto? – interrompeu Tico, curioso, enquanto Aiuru ouvia tudo, calado e atônito.

– Há muito tempo, quando o terror se instalou no parque, eu, Karkia e Uiraçu tivemos que fazer um pacto para manter certa paz, dentro do possível. Tornei-me senhor destas terras, procurando isolá-las, como já disse. Uiraçu tornou-se senhor da Entrada da Floresta e do Vale dos Gaviões, este último sob o medo de que as águias do Norte pudessem voltar, embora sejam inofensivas. As aves do vale respeitavam Uiraçu, acreditando que seria um interlocutor natural entre eles e as águias do Norte, caso fosse preciso, e, por isso, não o atacavam. Karkia tornou-se senhora do Vale dos Biguás e do que vocês chamam de Mata da Encosta. Procurou manter a mata livre do

ataque de biguás, que a consideram um território inofensivo, pois é habitado por aves pequenas e nunca houve passagem de aves grandes daquela montanha para o vale, com exceção das equipes médicas. Quando surgiam pequenas aves no Vale dos Biguás, estas as expulsavam de lá e, quando não podiam encontrar o caminho sozinhas, Karkia as levava, como fez com o canário, de quem se tornou mãe adotiva.

– Como é? – gritou Tico, espantado. – Karkia é mãe adotiva de Furriel?

– Sim! Você não sabia? É tão amigo do canário!

– Não sabia! – disse o pardal. – Furriel ou Karkia nunca me contaram.

– Na verdade, nem o canário sabe – explicou a garça. – Por isto, você não sabe. A família canário estava perdida no vale, quando foi atacada pelos biguás. Os pais de Furriel foram assassinados e o pequenino filhote ficou sozinho e ferido. Carreguei o pobre até a Mata da Encosta e cuidei dele durante dias, até que pudesse se alimentar sozinho. Antes que começasse a me reconhecer, afastei-me por algum tempo e simulei um encontro natural pouco depois. O canário aprendeu a me ter como tutora, mas sem estabelecer ligação entre mim e a sua vida pregressa. Pouco sabe da sua infância e o poupei para que não soubesse da triste história que culminou com a morte de seus pais.

– Está certo! – consentiu Tico, bastante chocado. – Não contarei a ele esta história, mas creio que um dia, quando estiver um pouco mais velho, tenha o direito de saber.

– Chegará este dia. Quem sabe quando estivermos em paz?

Após alguns segundos de silêncio entre as aves, o pelicano continuou o assunto anterior.

– Mas o que pretendem que eu faça, além de pacificar a minha baía? – perguntou Tóti, ironizando.

– Como os biguás não acreditam nos gaviões por acharem que ainda estão sob influência das águias, pensamos que uma reunião de

líderes possa resolver o problema – disse Karkia. – Contamos com você e com Cauanã.

– Podem contar com os pelicanos e acredito que com as cegonhas também. Cauanã, venha cá, por favor.

A cegonha estava distraída e não percebeu a presença dos já conhecidos amigos que os ajudaram na cirurgia de Pygia. Mas, assim que os viu, veio, gloterando.

– Sejam bem-vindos à nossa baía, Karkia e pequeno Tico. Quem é este, que ainda não conheço?

– Este é Aiuru, a ararajuba. É o meu companheiro desde o Abismo das Araras. Mas estamos precisando da sua ajuda para evitar uma guerra.

– Guerra?

Tico contou novamente toda a história e explicou a necessidade da presença das aves em um super conselho.

– Ah, sim, claro! – disse Cauanã. – Estaremos lá. A causa é muito importante. O que queremos para a nossa baía também queremos para todo o Parque das Aves.

– Será realmente muito importante para nós – disse Karkia. – A paz da nossa região está nas mãos de todos. Embora os tempos de terror não existam mais, também não estamos em paz.

– Um momento! – gritou Tico de repente, assustando a todos, que ficaram parados, olhando. – Ninguém nunca me contou que terror foi este de que tanto falam.

– Bem! – refletiu a garça. – Já era hora de você saber mesmo.

– Saber o quê?

– Vou contar-lhe a história. Certo tempo, o parque era bastante tranquilo e as aves eram plenamente livres, depois que os humanos foram embora¹. Então, uma águia má chamada *Haliaeetus*²,

¹ Os homens deixaram o território quando o parque nacional foi criado.

² *Haliaeetus* vem do nome científico da águia cinzenta (*Harpyhaliaeetus coronatus*), um gavião de porte agigantado, com cerca de 85cm de

com muita sede de poder, começou a convencer os gaviões a seguirem os seus passos, a contragosto das outras águias. Como as águias eram em menor número, os gaviões as dominaram, sob a liderança de *Haliaetus* e o terror se estabeleceu. Muitas aves, pequenas ou grandes, foram mortas, até que se submetessem à tirania. Então, as águias surpreenderam *Haliaetus* e o mataram. Quando chegaram para dar a notícia às aves que o terror havia acabado, os gaviões, com medo de perder o poder, cercaram-nas e as obrigaram a se exilar no Norte.

– E Uiraçu, não foi exilado?

– Uiraçu era uma ave jovem, que não participou do assassinato de *Haliaetus* e foi poupado. Os gaviões arrependeram-se, pois o senhor do Vale dos Gaviões começou a ter contato com as águias do Norte e, com a diminuição progressiva da população de gaviões, a influência sensata de Uiraçu começou a prosperar. Conseguiu amenizar a influência de Uruá, o antigo líder dos gaviões, e conquistou a confiança de muitas pequenas aves. Aumentou a sua liderança com o senhorio da Entrada da Floresta e evitou a morte de muitas pequenas aves com o medo que os gaviões ficaram das águias do Norte.

– E então?

– Então, os gaviões foram costurando alianças com os tucanos, os carcarás e os biguás, todos acreditando que uma nova ordem impediria avanços das águias do Norte. Como Uiraçu valorizava as pequenas aves, os gaviões e os seus aliados tinham as pequenas aves como inimigas e as expulsavam de seus territórios, quando não as prendiam e assassinavam. Subjugavam as aves que possuíam colônias dentro dos territórios conquistados, como as corruíras, as araras, os sabiás e os beija-flores; e toleravam alguns poucos territórios livres, como a Entrada da Floresta, cuja paz relativa

comprimento e uma coloração cinzenta, alimentando-se de outras aves e de pequenos mamíferos (Dicionário Aurélio, 2004).

era mantida por Uiraçu, e a Mata da Encosta. Algumas gerações de pequenas aves se passaram e muitas delas se esqueceram da liberdade anterior e não mais possuíam parâmetros anteriores de comparação. A cultura da tirania passou a fazer parte da vida das aves sem que a questionassem. O pacto estabelecido por nós foi uma tentativa de minimizar os efeitos do terror. Até hoje, algumas das lideranças ainda creem que esta ameaça é uma verdade, quando a tirania deles é que representava o perigo.

– É por isto que alguns deles mudaram de ideia tão facilmente?

– Sim, exatamente. E o mais importante é que, com exceção do tucano Toco, todos mudaram de ideia sem guerra ou imposição. E você é um dos grandes responsáveis por isto, pardal.

– Eu?

– Sim, a sua espontaneidade amoleceu o coração de muitos líderes. Muitos deles perceberam que as pequenas aves não eram tão perigosas assim como pensavam. Bem, agora temos que ir rápido até a Montanha das Águias ver Uiraçu.

– Vamos sim – disse Tóti. – Para chegarmos mais rapidamente, a cegonha levará o pardal e eu levarei a ararajuba, para que Karkia possa descansar do peso.

– Temos que avisar os carcarás e os sabiás no meio do caminho – disse Tico. – Eles também devem ir.

Enquanto isto, os biguás desciam até o Vale dos Gaviões e interrompiam a corrente das corruíras até a Montanha das Águias. Todas as corruíras alçaram voo e, embora nenhuma delas tenha morrido, a enorme nuvem de mais de cem pequenas aves alcançou o cume da montanha, para o susto de Uiraçu, que havia perdido mais um território. Em regime de urgência, um pequeno conselho se estabeleceu na Entrada da Floresta, enquanto alguns gaviões vigiavam o vale atentamente. Reuniram-se, além da águia Uiraçu, a saíra Tangara, o gavião Caburé, o bem-te-vi Pituã, o canário Furriel, a arara Macau, a corruíra Garriça, a perdigão Chapmani e o tucano Toco.

– Amigos – disse Uiraçu, iniciando o conselho. – A situação está grave. Os biguás e aliados conquistaram a Montanha e o Vale dos Gaviões. Precisamos reagir, até que cheguem os demais líderes. Caso contrário, não teremos chance alguma de recuperar a liberdade da floresta e a tirania encontrará justificativa para se manter por muitas gerações.

– Teremos que realizar um movimento inteligente – disse Toco. – Não para matar, mas para atrasar o ataque dos biguás. Creio que as corruíras terão que fazer com os biguás o que fizeram conosco. Será muito útil.

– Não temos número para isto – disse Garriça. – Muitas corruíras estão na Encosta Oeste e no Vale das Seriemas. Além disso, aquele dia havia muitas araras brigando com os tucanos. Confundimos apenas os tucanos que estavam sobrando. Pouco funcionará.

– Mas ajudará – pesou Caburé. – Temos ainda gaviões, araras e tucanos. Poucos, mas temos. É o suficiente para atrasarmos o ataque à próxima base. Se tomarem a Montanha das Águias, não teremos mais chances.

– Vocês vão à frente – recomendou Uiraçu. – Preciso resolver uma coisa antes.

– Mas justo agora? – indagou Pituã.

– Confiem em mim. Terei que voar como nunca voei na minha vida. Vão! As pequenas aves ficam, com exceção das corruíras. As grandes podem ir agora!

Todos voaram para o Leste e Uiraçu sumiu. As peças do embate estavam definidas. De um lado, as garças, os biguás e alguns tucanos. Do outro, os gaviões, algumas araras e tucanos e as corruíras. Os biguás e os aliados estavam pousados no oeste do vale, enquanto a nuvem da resistência descia sobre o lado leste, antes do rio. A própria posição da resistência no vale já era um motivo de atraso para os planos dos rivais, mas não duraria muito. Num instante, garças e tucanos vinham pelo ar e biguás rente ao rio, molhando as patas. Para interromper o brusco ataque, os tucanos foram em direção aos outros

tucanos, os gaviões cercaram as garças e as araras, em muito menor número, tentaram impedir o avanço dos biguás, auxiliadas pelas corruíras.

A Batalha do Vale estava sendo ainda mais terrível que a Batalha da Floresta. Todos os gaviões e garças estavam sendo mortos ou feridos e tucanos matavam tucanos. Os biguás só não devoravam todas as araras porque as corruíras confundiam os mergulhões. As araras procuravam se concentrar em um mesmo local, para que as nuvens de corruíras fossem mais eficientes. Mesmo assim, muitas foram mortas. As baixas entre as corruíras foram poucas, pois escapuliam entre as asas e as patas dos biguás a cada avanço das aves e isto os deixava cada vez mais irritados. Apesar das nuvens de corruíras, os biguás conseguiam abater pelo menos uma arara a cada ataque combinado. Alguns biguás espantavam as corruíras, enquanto outros partiam para cima das araras. O combate entre os exércitos de garças e gaviões estava equilibrado, pois os gaviões eram bem mais fortes, embora estivessem em menor número. O mesmo acontecia com a briga entre os tucanos. Porém, o número de biguás ultrapassava em muito o número de araras. Em questão de poucos minutos, a batalha estaria terminada e restariam apenas corruíras para confundir a visão dos biguás e aliados, sem muito sucesso.

A estratégia acabaria em muito sangue e pouca paz, numa lógica incompreensível para muitos que ali estavam. Porque a liberdade ou a tirania do Parque das Aves teria que ser decidida em um vale de sangue? De que adiantava tantas missões de paz? Foi que Uiraçu, surpreendentemente, chegou com cinco águias do Norte.

– Olhem! – disse Croco, o líder dos biguás. – As águias. Sabia que elas tinham a ver com tudo isto. Não se intimidem. Continuem a brigar. Estamos em maior número.

Paradoxalmente, as enormes aves desempenharam o mesmo papel das corruíras, ou seja, confundir os biguás, mas com muito mais sucesso. Com o apoio das nuvens brancas feitas pelas águias, as nuvens pardas das corruíras ficaram mais eficientes, pois as cores se

misturavam diante da visão das aves. Isto não afetou o resultado da guerra e não causou baixas nos biguás e aliados, pois o objetivo das harpias era somente atrasar o ataque ou apenas se defenderem. A investida das águias prolongou o combate por algumas horas, movidas pela esperança da chegada de representantes das demais espécies.

Pois foi o que houve. Cinco horas depois do início da batalha, chegaram ao vale os demais líderes das colônias de aves, além de todas que haviam participado do conselho, inclusive as pequenas. A guerra congelou. Todos os biguás, garças e tucanos ainda vivos estancaram os seus movimentos e olharam perplexos para a enorme quantidade de espécies diferentes que se descortinava diante deles. Ali estavam a águia Uiraçu, a águia Áquila¹ (líder das águias do Norte), a garça Karkia, o pardal Tico, a ararajuba Aiuru, o canário Furriel, a perdigão Chapmani, a saíra Tangara, o bem-te-vi Pituã, o carcará Carancho, o sabiá Caraxué, a seriema Cariama (convencida por Carancho), o pelicano Tóti, a cegonha Cauanã, além dos líderes que estavam em guerra, que eram a corruíra Garriça, a arara Macau e os gravemente feridos tucano Toco e gavião Caburé. Espiritualmente, estavam ainda Joca e Stan. O pardal, a menor ave de todas que estavam no vale, sentindo-se parcialmente responsável por aquela tragédia, foi quem tomou a palavra.

– Amigos biguás e demais aliados! Tenho por vocês gratidão por terem me deixado usufruir de seu vale durante a nossa curta convivência. Portanto, ouçam-me agora. A ameaça de *Haliaetus* sobre o Parque das Aves sob a influência das águias é um mito. Esta águia foi apenas uma das valorosas águias que passou a cultivar pensamentos malévolos e derramou o seu ódio em cima de muitas aves no passado. Mas isto já é passado e as águias se tornaram inofensivas, tanto que não causaram nenhuma morte entre vocês, apenas defenderam as outras aves. A participação de pequenas aves

¹ Vem do nome científico que designa a águia-dourada ou águila (*Aquila chrysaëtos*).

em um plano de conspiração é outro engodo. Todas as pequenas que estiveram em seus territórios eram pobres aves perdidas, procurando parentes ou algum lugar para morar ou para chocar. Alguns dos líderes que ali estão reconheceram o seu engano e vieram dar o seu testemunho de que a paz já existia e que as sequelas do medo dos tempos antigos é que prolongaram o terror até que transformasse em tirania. Passo a palavra para cada um dos que se arrependeram ou que não concordam com a ordem estabelecida.

– Prezados – disse o tucano Toco, bastante ferido –, a insensatez das nossas colônias foi tão grande que a população de tucanos foi praticamente dizimada em duas batalhas sem sentido. Espero estar vivo para ver novos tucanos nascerem em tempos de paz.

– Senhores – disse o carcará Carancho –, comungo dos mesmos pensamentos do tucano Toco. A tirania que estabelecemos durante anos em nossos territórios não têm preço se analisarmos individualmente cada ave subordinada. O resultado foram aves insatisfeitas e magoadas com os seus líderes. Esta não é a ordem que sonhamos. É um absurdo cercearmos a liberdade das aves, como fizemos com os sabiás, os beija-flores e as seriemas. É preciso que restabeleçamos imediatamente o direito de ir e vir. Os líderes dessas espécies estão aqui para provar que a paz se fez, apesar de tudo.

– Amigos – gritou o ferido gavião Caburé –, não há mais motivos para que desconfiemos das pequenas aves ou de outras aves quaisquer. Em nome de um mito por nós criado, matamos Uruá, o nosso antigo líder, e, disto, nos arrependemos amargamente. É preciso que criemos uma nova e verdadeira ordem, em que nossos filhotes possam viver em paz e com liberdade.

– Também falo aqui em nome da sobrevivência das nossas espécies, sejam araras, biguás, garças ou tucanos – disse a arara Macau. – Por causa de um dos nossos filhotes, esta guerra se desencadeou. Mas, hoje, vejo que tudo tem um propósito. Infelizmente, era necessário que a guerra acontecesse para que a paz viesse novamente. Não gostaria de perder mais nenhum parente e

acredito que vocês também não.

– Garças – disse o pelicano Tóti –, durante muito tempo fomos muito amigos e, inclusive, do meu lado está a sua líder Karkia, que, tenho certeza, ainda respeitam muito. Em meu território, construí, juntamente com a cegonha Cauanã, um ambiente de paz, embora, para vocês, tenha ficado a imagem de uma relação perturbada. Tive que criar uma mentira para que a paz acontecesse. Espero que não precisemos mentir mais novamente.

– Biguás, garças e tucanos – pronunciou-se Uiraçu –, durante muito tempo tentei administrar a paz em alguns territórios, até permitindo que o medo dos gaviões fizesse sentido, para evitar que a batalha de hoje ou pior acontecesse. Isto somente valerá a pena se alcançarmos a paz aqui hoje. Proponho a criação de uma nova ordem, independente de espécies, cuja única preocupação será a de realmente defender a liberdade de todas as aves. O que acham?

Os aliados não sabiam o que responder. Estavam atônitos. Alguns estavam envergonhados, outros feridos, outros ainda revoltados, mas a diferença de sentimentos e opiniões era suficiente para interromper a guerra. Finalmente, o biguá Croco falou, depois de consultar alguns biguás.

– Bem, nós nos rendemos. Mas gostaríamos de negociar a nossa rendição, no sentido de que nenhum de nós seja machucado.

– Não estamos negociando coisa alguma, amigo biguá – disse a águia. – Estamos pedindo a paz, não a rendição. Não há a menor possibilidade de mais algum biguá sair daqui machucado. Não é isto o que queremos. Compreenda a nossa boa vontade.

– Confiaremos em Karkia – disse uma garça arrependida, olhando para as demais. – Ela sempre nos liderou com muita sabedoria e utilizava de uma pequena ave para nos curar. Não temos motivo para desconfiar dela, se ela está do seu lado.

– Não há lados, garças! – disse Karkia. – Estamos propondo a liberdade e a amizade entre todas as aves.

– Então, aceitamos a proposta.

Todas as garças voaram para o outro lado do rio, que passou a simbolizar a divisa entre a paz e a guerra.

– Nós, tucanos, havíamos perdido uma batalha e perdemos esta – disse um tucano ferido. – Somos muito poucos agora. Se pudermos salvar nossa espécie em um ambiente de paz, assim desejamos.

– E vocês, biguás, finalmente, o que nos dizem? – perguntou mais uma vez Uiraçu, que se postou ao lado de Karkia.

– Aceitamos o acordo – disse Croco. – Ainda com ressalvas, mas aceitamos.

– O tempo se encarregará de resolver estas ressalvas. Vocês perceberão que a vida será melhor com a paz e com a liberdade.

– Esperamos que você esteja certo.

– O tempo dirá!

Os ânimos se acalmaram e as demais corruíras que estavam no Vale das Seriemas chegaram e fizeram, junto com as demais que estavam em guerra e com as águias do Norte, uma revoada de mais de quinhentas aves, que enfeitou o céu do vale nos momentos iniciais dos tempos de paz. Uiraçu, então, tomado de emoção, proclamou a expressão tão esperada por todos.

– A paz finalmente se fez!

Neste momento, a coruja, que a tudo assistia, emocionou-se bastante e o velho professor chorou tão copiosamente que Joca até estranhou. Sem que notassem de imediato, uma luz cônica de cima para baixo iluminou o ambiente que somente alguns encarnados perceberam. Era a luz resplandecente de Aepyornis, comemorando o intento alcançado durante alguns segundos, maravilhando Tico, Joca e Stan. Uma equipe médica formada por Tóti, Cauanã, Karkia, Furriel e Tico tratou de cuidar dos feridos, enquanto Uiraçu recuperava as forças para liderar o conselho supremo.

CAPÍTULO 43

O CONSELHO SUPREMO

Na manhã seguinte ao exaustivo dia da batalha, o denominado Conselho Supremo reuniu-se ali mesmo, onde ainda passavam corpos de aves mortas e eram cuidados os feridos. A águia Uiraçu convocou todos os líderes para um conselho definitivo, a fim de redesenhar a geopolítica do parque. Desta vez, quase todas as aves presentes assistiram ao conselho, como uma assembleia.

– Amigos do Parque das Aves, abro este conselho com o fim de estabelecer uma nova ordem de paz e fazer um redesenho político de todos os territórios e colônias existentes, pois, embora deva haver liberdade de ir e vir, não é possível que nossas terras fiquem sem senhores por completo. Estes senhores fiscalizarão o direito à liberdade e à vida e apoiarão todas as aves, sem distinção. Começemos, então, pela Mata da Encosta e pelo Vale dos Biguás. O que acham Croco e Karkia?

– Pensei bastante esta noite e creio que Karkia esteja mais bem preparada para ser senhora de nossos territórios – ponderou Croco. – Os biguás não fizeram uma boa gestão.

– Aceito de bom grado a missão que me confiam – disse Karkia. – Se me for possível continuar com as minhas tarefas médicas, não me oponho a cuidar de ambos os territórios.

– Poderá continuar – disse o biguá. – Nós a ajudaremos a fiscalizar. Agora, aprendemos a lição. Temos terra e comida para todos lá em nosso santuário. Sejam todos bem-vindos quando quiserem.

– Muito bem – agradeceu a águia. – Resolvida a questão do Oeste, agora vamos à região Centro-Oeste, onde ficam a Montanha e o Vale dos Gaviões. Penso que não há dúvidas quanto aos gaviões serem senhores da própria montanha, pois somente eles a habitam. Mas e quanto ao vale?

– Acredito que algumas das seriemas gostariam de habitar no vale – disse Cariama, para a surpresa de todos. – Muitas de nós não conseguirão se adaptar à nova ordem ou têm más lembranças do ambiente circunscrito de antes.

– Mas, agora, terão mais liberdade – disse Carancho.

– Sabemos disto, amigo carcará, mas as seriemas mais antigas não ficaram com boas lembranças daquela época. Não o culpam, mas desejam somente se mudar, se possível. Foi o que me disseram, antes que partisse.

– Entendo perfeitamente. Seja o que quiserem.

– E quanto ao senhor do vale? – insistiu Uiraçu.

– Por nós, o senhorio do vale pode continuar com os gaviões, desde que não atormentem as seriemas – disse Cariama.

– O tormento é coisa do passado – afirmou Caburé. – Quem somos nós agora para atormentar as seriemas? Respeitaremos todas as aves, como queria Uruá.

– Neste caso, acredito que Caburé possa ser o senhor do Vale dos Gaviões, assim como da Montanha dos Gaviões – disse Uiraçu. – Vamos à parte Centro-Leste. Águias, como será a Montanha das Águias?

– Teremos residência dupla, pois gostamos do Norte, embora não queiramos abrir mão da Montanha que sempre foi o nosso lar – comunicou Áquila. Acho que cabe a você ser o senhor da Montanha das Águias, da Entrada da Floresta e da Mata dos Bem-Te-Vis, o ponto central do Parque das Aves, de onde pode vigiá-lo como um todo, em nome de todas as aves. Você, Uiraçu, mais do ninguém, merece esta posição por sua luta constante pela paz.

– Agradeço o seu depoimento e me proponho a vigiar todo o

parque, em nome da paz e da liberdade, se assim todas as aves desejarem – disse Uiraçu, olhando para todos e recebendo o sinal afirmativo unânime. – Mas entrego-lhe o senhorio das montanhas do Norte, que passarão a se chamar Montanhas das Águias do Norte. De acordo?

– De acordo. Ficamos felizes com a possibilidade de viver em duas regiões – disse Águila. – Você também poderá ter residência dupla, se quiser, e será muito bem-vindo.

– Muito obrigado. Continuemos com a parte central. A Entrada da Floresta já guarda uma convivência muito boa entre as pequenas aves e pode ser bem administrada por Pituã e Tangara, que ainda serão vice-senhoras da parte da trilha até o Rio Sairai, que ficou desabitada por longo tempo e que podemos chamar agora de Mata dos Bem-Te-Vis, como batizou o nosso pardal Tico. Talvez o mais difícil para todos seja a Floresta dos Tucanos. Infelizmente, o tucano Toco não resistiu aos ferimentos e faleceu esta noite. Ele se entristeceu por ter sido o símbolo da tirania, mas, ao mesmo tempo, demonstrou alegria pela esperança que se renova. Suas últimas palavras foram um pedido de perdão a todos aqueles que prejudicou. Mas, agora, temos que resolver como redesenhar o parque. O que me dizem, tucanos?

– Bem, somos muito poucos agora – disse Ramphastos¹, o novo líder. – Não precisamos de uma grande área para viver. A nossa clareira e um pouco de floresta até a Encosta Oeste é o suficiente para estabelecermos a nossa nova colônia. Mas não mais queremos ser senhores de região alguma, a não ser do nosso restrito território, que também será de todos.

– Bem, então, agora, temos que ouvir as araras e as corruíras.

– Também não queremos ser as senhoras da floresta – disse Macau. – Já tivemos aborrecimentos demais. Assim como os tucanos, gostaríamos apenas de permanecer senhoras da nossa clareira e da região entre o rio, a trilha e o território dos tucanos. Ainda somos

¹ Vem do nome científico do tucanuçu ou tucano (*Ramphastos toco*).

muitas e de muitas espécies e precisamos de espaço, mas garantimos um território com acesso livre.

– Assim será, se as corruíras, senhoras provisórias, concordarem. O que me diz, Garriça?

– Não nos oporem. A nós, originalmente, caberia o território ao sul da trilha e da Encosta Oeste, até as habitações humanas, pois somos a maior colônia do parque. Para viver junto conosco, estão convidadas todas as pequenas aves, se desejarem.

– Portanto, Ramphastos será o líder da Clareira dos Tucanos, Macau será a senhora do Abismo das Araras e Garriça a senhora do Planalto das Corruíras, sendo que a Floresta dos Tucanos não terá mais um líder geral. Falta agora a região Leste. Gostaria de ouvir os sabiás, os beija-flores, as seriemas e os carcarás.

– Nossa região goza de relativa liberdade – atestou Caraxué. – O que gostaríamos era de visitar outras regiões, o que já nos garantiu Carancho. Para nós, basta o que já temos para morar. Falo também pelos beija-flores, que não vieram, mas que também possuem a sua pequena mata e não precisam mais do que aquilo que têm.

– Temos um vale inteiro e pouco o aproveitamos por medo – disse a seriema Cariama. – Agora, por sermos muitas, ocuparemos todo o vale e refaremos a nossa colônia com as seriemas jovens e com as antigas que não se mudarem. Podemos dividir a região com quem queira lá habitar e prometemos nos esforçar para conviver melhor com os carcarás, os sabiás e os beija-flores, pois a nossa amizade é antiga.

– Nós, carcarás, estamos muito envergonhados com a nossa atitude – admitiu Carancho. – Apesar do depoimento do sabiá, que disse que há relativa liberdade, digo que ele foi cortês, pois estabelecemos proibições de contato e restringimos alguns acessos. Não nos achamos dignos de sermos senhores da serra e do vale.

– Mas peço que reconsidere, Carancho – pediu Uiraçu. – É a sua chance de redenção, principalmente diante das seriemas, que foram as mais prejudicadas. Você ainda é o ideal para ser o senhor da Serra dos Carcarás e do Vale das Seriemas, enquanto Caraxué poderá

ser vice-senhor do Recanto dos Sabiás e da Mata dos Beija-Flores e Cariama a vice-senhora do Vale das Seriemas. Posso contar com a sua ajuda?

– Sim, ajudarei, então – disse Carancho, cabisbaixo, cuja humilhação interior era grande naquele momento, mas poderia ser menor algum tempo depois se fizesse um bom trabalho.

– Resta a Baía dos Pelicanos, que já vive muito bem e que acho que não precisamos alterar o seu desenho. Tudo bem, Tóti e Cauanã?

– Tudo bem – responderam ambas, quase em coro.

– Declaro encerrado o Conselho Supremo, que instaurou a liberdade no Parque das Aves – conclamou Uiraçu. – Queria chamar aqui sete pequenas aves, que auxiliaram sobremaneira na paz da região. Eu sabia que o destino do nosso parque estaria nas asas dos pequeninos e em sua espontaneidade. Só não sabia que seria pelas asas de tão valorosas aves. Gostaria de chamar aqui Chapmani, Aiuru, Pituã, Garriça, Tangara, Furriel e Tico.

As sete aves, surpresas, deram alguns pulinhos à frente, ficando quase no centro do conselho.

– A Chapmani e Aiuru, nossas desculpas pelos transtornos. Por causa de vocês, sem que quisessem, a guerra acabou acontecendo, infelizmente; mas também a liberdade que esperávamos há tanto tempo. Espero que a perseguição que lhe fizemos nunca mais aconteça no Parque das Aves. Um abraço especial a Aiuru, pela sua bravura ao acompanhar Tico em suas aventuras. A Pituã, Furriel e Tangara, uma homenagem aos serviços prestados, que foram de enorme valia. A Garriça, representando todas as corruíras, um pedestal por não ter, em nenhum momento sequer, medido esforços para nos ajudar nas batalhas pela liberdade. A Tico, nosso pequeno pardal, guardamos o nosso maior sincero muito obrigado, pois a você coube o destino de desbravar todo o parque em busca simplesmente de amizade e, atrás de tão simples tarefa, teve fundamental importância no que era tão grandioso para todos nós. Que a espontaneidade possa continuar

sendo a nossa maior arma contra a tirania e o medo. Viva a liberdade!
– Viva! – gritaram todos. – Viva o Parque das Aves!

O conselho terminou e as aves convalescentes ou que não voam foram sendo transportadas para os seus locais de origem. Os líderes e os seus compatriotas também retornaram e trataram de estabelecer logo a nova ordem, onde esta ainda não existia. Muitos dos pequenos, incluindo Pituã, Tangara, Caraxué e as corruíras, foram levados à Entrada da Floresta e os demais foram levados para a Mata da Encosta por Uiraçu e Karkia. Chapmani, Aiuru, Furriel e Tico foram levados pelas garras das duas aves até em casa.

Com a velocidade da águia e da garça, não demorou muito tempo para que a pequena nuvem branca surgisse no céu claro da Mata da Encosta. O que alguns julgaram ser, a princípio, uma invasão, por causa da apreensão das últimas notícias, acabou sendo o motivo de uma enorme alegria. Karkia levava os dois menores, o pardal e o canário, e Uiraçu, os dois maiores, a ararajuba e a perdigão. Foram muitos gritos e vivas, até que as seis aves finalmente pousassem e os abraços apertados tomassem conta de toda a tarde.

A garça e a águia retornaram e Tico subiu sozinho até o cume da montanha, ao pôr-do-sol, para agradecer aqueles momentos de bonança após a tempestade. Exceto em alguns poucos momentos, toda a aventura tinha sido magnífica aos olhos do pardal. Sua pureza de caráter não deixou que o rancor e a mágoa de muitas aves o contaminassem e conseguiu viver todos os seus passos com plenitude. Olhou para o céu e pediu que o resto de sua vida fosse uma missão. Aepyornis, como não poderia deixar de ser, respondeu-lhe.

– Nobre pardal! Uma de tuas missões se encerrou hoje, mas aquela original ainda permanece. A vida segue e cada fim é o impulso de uma nova caminhada. Hoje, também terás duas lições. Eis a décima quarta (*O prazer natural*).

O ser deve buscar o prazer natural de viver, em que a única razão verdadeira de viver é estar vivendo.

Comete erro o ser que se alicerça em formas alternativas e artificiais de prazer. Se busca o prazer natural, tudo lhe parece prazeroso, sente a plenitude da vida.

– Não é errado buscar as boas coisas que dão sentido à felicidade, mas o apego revela o mal que o comodismo traz em si. A essência interior, advinda de Deus, é a fonte do prazer natural, que nunca falta e é o alicerce para todos os momentos. Eis a primeira parte da décima quinta lição (*A irradiação espontânea*).

A Essência que cada ser carrega dentro de si é como um “tesouro do coração”, que reluz como um “farol diamante” e irradia espontaneamente como a luz. O amor é condição única, primária e essencial para a irradiação espontânea através da vida.

– O amor é a palavra-chave de todos os dilemas, de todos os conflitos, de todas as dúvidas, de todas as agonias. Seguir o amor é vislumbrar um farol aceso em todos os horizontes. Quem vê este farol em todos os dias de sua vida é capaz de irradiar espontaneamente em favor dos semelhantes. Eis a segunda parte da décima quinta lição.

Quando o ser procura transformar-se, ajuda a transformar o mundo, beneficiando todos os seres. Quando busca ser melhor a cada dia, torna melhor o mundo à sua volta, é um pequeno exemplo espontâneo de vida, é um pequeno farol diamante irradiando espontaneamente.

– Nobre pardal, tua missão de vida é espalhar amor,

serenidade e alegria por onde passares. Dá a cada semelhante que encontrares uma flor de carinho com alcaçuz¹, para adoçar a vida de quem recebê-la.

Tico compreendeu, mas não sabia como. Antes que expressasse os seus porquês, Aepyornis lhe captou o pensamento.

– Um amigo de teu pai dir-te-á como fazer. O que passar disto, consulta o teu coração.

Stan, então, tomou a palavra e entoou o que Tico chamaria depois de *Canção da Vida e do Ser*.

*Sonhe, mas viva.
Lute, mas faça.
Sorria, mas gracieje.
Fale, mas cative.
Cante, mas encante.
Escreva, mas emocione.
Exista, mas seja.
Sinta, mas ame.*

Quando o coração do pardal se encheu de alegria e esperança e começou a entender o que Aepyornis e Stan diziam, o professor ainda entoou.

*Já descobriu que é com verdadeiro amor
Que cobrirá o mundo com perfume de luz
Vai entregar a cada semelhante uma flor
E dar-lhe um tesouro de carinho com alcaçuz*

Tico desceu do cume da montanha com o coração iluminado e em estado de graça. Foi direto à toca de Pygia, onde fariam uma daquelas festinhas, que há muito não acontecia. A perdiz não

¹ Alcaçuz é uma raiz árabe adocicada que serve para adoçar chás.

desgrudava do marido recém-chegado e ambos já faziam planos de um ou dois filhotes assim que possível. Chapmani estranhou, de início, o jeito abusado dos amigos uns com outros e inclusive com a sua esposa, mas logo percebeu que se tratava de uma família e que a acolhida carinhosa demonstrava a sinceridade de uns para com os outros. Zenaida tratou de ajudar a vizinha a melhorar a toca do novo casal, para que pudesse abrigar três ou quatro moradores em breve. Furriel pediu a Karkia uma licença merecida e passou alguns dias com os amigos, para comemorar tanto o retorno à Mata da Encosta quanto a liberdade da região. O assa-peixe teve que ser modificado, já que os filhotes de pica-pau cresceram e já não mais cabiam no buraco abaixo da toca de Tico. Collis, Dico, Tico e Luco foram acomodados em outro ponto da árvore dos pica-paus, com a ajuda de todos e, principalmente, dos pais Chanchã e Tauá, pela força natural de seus bicos. Aiuru foi quem mais demorou a se adaptar, pois não tinha parentes nem toca lhe esperando. Foi quando Tico percebeu a melancolia do amigo em plena festa e o tranquilizou.

– Sentindo falta da família, Aiuru? E dos cuidados de sua mãe?

– Não, não – respondeu a ararajuba, não convencendo muito.

– Sei que está. Mas já providenciamos isto. Com o crescimento dos pica-paus, eles se mudaram todos para o assa-peixe e sobrou este buraco aqui abaixo da minha toca. Se não se importar de morarmos na mesma árvore...

– Se me importo? Será ótimo! Aliás, muito bacana esta Mata da Encosta de que você tanto falava. Você tinha razão. Gostei muito daqui.

– E possuem ararinhas, periquitos e papagaios no Bosque das Corujas e na Mata da Universidade, depois da montanha. Você gostará, já que são seus parentes. Qualquer dia, vou levá-lo até o bosque. Conheço bem o lugar, pois nasci lá.

– Nossa, Tico. Muito obrigado por tudo. Nem sei como lhe agradecer. Sei que me adaptarei rapidamente, com a ajuda de todos.

– Aqui somos uma família, Aiuru – disse Tauá, que ouvia tudo. – O que falta para um falta para todos. Já passamos muitas dificuldades aqui, como acidentes, perseguições, problemas com os biguás e mortes de parentes. Mas, por outro lado, temos tranquilidade, uma mata inteira para habitar e uma amizade profunda e sincera entre nós, apesar das espécies serem diferentes.

– Eu percebi essa amizade sim. Pelo que Tico representou para mim, sabia que aqui encontraria outros amigos sinceros. Além de tudo, ainda posso visitar os meus parentes sempre que quiser, não é? É meio longe, mas posso pegar carona com Karkia e Furriel sempre que forem para o Leste. Mas quero ter a minha própria família e, quem sabe, não encontrarei uma companheira no bosque onde Tico nasceu?

– É possível! – sorriu Tico, olhando para Tauá com cara de quem planejava alguma travessura. – É possível!

Furriel era só alegria. Tirando o cansaço, que o consumia, a vontade era ficar a noite inteira ali, entre os amigos. Por isto, cantarolava sem parar, acompanhado pela voz grasnada de Chanchã. Os pequenos pica-paus e Parari já começavam a se soltar e cantar as primeiras canções que Pygia e Zenaida ensinavam. A noite foi longa e os quatro viajantes – Tico, Furriel, Aiuru e Chapmani – foram justamente os primeiros hospedeiros do sono da madrugada, seguidos dos filhotes e, finalmente, dos demais adultos. Nem os intensos raios de sol que entravam pelas tocas fizeram com que a turma da Mata da Encosta acordasse cedo na manhã do dia seguinte.

CAPÍTULO 44

A SEGUNDA PARTIDA

Joca, ao contrário dos amigos, fora acordado cedo aquele dia. Começar o dia em uma toca diferente era, no mínimo, muito estimulante. E Stan estava ali, todos os dias, bem pertinho, ao contrário do bosque, em que a coruja encontrava o velho professor somente nas quintas-feiras, nos períodos letivos. O ex-descendente de poloneses pediu a Hélio que chamasse a coruja para ir à Clínica das Flores. A coruja, preocupada, apressou-se em perguntar ao professor.

– Fizemos alguma coisa errada? Você nos levará de volta à clínica?

– Que é isso?! – exclamou Stan, sorrindo. – Você acha que ficará livre de mim assim tão facilmente? Não é nada disso, coruja medrosa. Iremos lá só fazer uma visitinha.

– Ah, bom! – disse a coruja, já sorrindo. – Pensei que você nos expulsaria já no primeiro dia.

– Expulsarei vocês por algumas horas, mas, depois, os trarei de volta. Não se preocupem.

O professor meditou por alguns segundos e, rapidamente, estavam na Clínica das Flores, onde já os esperavam Sinval e Jussara. Estava programada mais uma aula de Stan. Por causa dos últimos acontecimentos no Parque das Aves e com a atenção redobrada de Stan, a última aula fora adiada para aquele dia. O lago estava mais belo do que nunca, com o brilho do sol batendo na superfície. Peixes ornamentais, borboletas e aves-do-paraíso compunham o ambiente que já contava com inúmeras crianças e adolescentes, como sempre,

além do jardim com margaridas e flores-de-lis.

– Nobre coruja e nobre jovem! – cumprimentou Jussara. – Sejam bem-vindos novamente! Aqui será sempre a sua casa.

– Temos certeza disto! – disparou a coruja. – Assim que pudermos voitar como faz Stan, poderemos visitar vocês sempre, sem depender de ninguém.

– Em breve, isto acontecerá – disse Sinval. – Quem sabe você e Hélio não nos ajudarão um dia a receber os espíritos aqui na Clínica das Flores?

– *Tudo ao seu tempo!* – disse a coruja, novamente arrancando sorrisos dos demais com essa expressão.

– Quem sabe já não começamos hoje? Olhem quem sentará com vocês hoje.

Era Uruá, o gavião, aquele mesmo que Joca auxiliara em Mato Seco. O seu semblante estava bem melhor e a coruja o convidou a sentar perto dele e de Hélio. Começava aí o trabalho mais próximo de Joca com as aves.

– Bem, vamos à aula – começou o professor. – Hoje, falaremos de pragmatismo e verdade.

– Pragmatismo? – indagou Gabriela. – Mas pragmatismo não significa ir direto ao ponto? Eu achava que pragmatismo fosse uma coisa ruim, meio seca.

– Sim, Gabi, o pragmatismo é como se fosse uma doutrina voltada para a ação, para a prática. É como se eliminássemos etapas para ir direto ao ponto. Na esfera social, isto significaria deixar de realizar as convenções necessárias à boa convivência. Mas não é exatamente disto que trataremos.

– O que é, então, exatamente, professor? – perguntou Gabriela.

– Calma, minha querida. Chegaremos lá. Já ouviram falar daquela máxima que diz que devemos agir conforme o “sim, sim, não, não; o que passar disto, é de procedência maligna¹”?

¹ Mateus 5:37.

– Sim! – lembrou-se Marina.

– Pois é. Espiritualmente, isto significa que as coisas pertencem ao caminho certo ou ao caminho errado, não existindo uma terceira via. Uma vez que fraquejamos ou hesitamos, é porque não temos conhecimento sobre alguma coisa ou porque não queremos deixar de errar. Neste último caso, acabamos por nos apegar ao vício que nos induz ao erro e ali ficamos enquanto o egoísmo e o orgulho dominarem a vontade humilde e abnegada de seguir em frente. Um importante mestre disse uma vez que *“O mundo está construído pela verdade, porém, os maus pensamentos desnaturam o estado natural das coisas e criam o erro, filho protervo da ilusão. Contudo, todo ser vivente aspira à verdade, porque só a verdade é capaz de curar nossos males e acalmar nossa inquietude”*¹. Muitas vezes, em nossas vidas, sofremos de ansiedade e depressão porque somos apegados a “verdades” que nós mesmos criamos e que não corresponde à verdade divina. Esta ilusão permanece enquanto formos coniventes com os vícios que a sustentam. Esses vícios, quaisquer vícios, dão uma falsa ideia de felicidade que funciona como uma autodefesa de uma dolorosa caminhada futura para corrigir o caminho, ou seja, a crise de abstinência, que não se restringe a vícios materiais, mas também a vícios espirituais, que costumam demorar tempos e tempos para serem corrigidos.

– Nossa, professor – disse Felipe. – Nunca tinha pensado por esse ponto de vista.

– Pois é, Felipe. Temos muito em nós para corrigir. Mas, no plano físico, isto acaba ficando mais complicado ainda.

– Por quê?

– Porque, muitas vezes, há lá uma inversão de valores que confundem os espíritos encarnados ou estimulam-lhe o orgulho e o egoísmo.

¹ Tirado de “O Evangelho de Buda”. Referência: KHARISHNANDA, Yogi. **O evangelho de Buda**. Trad. Cinira Riedel de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 1978. 178 p. Na citação, ‘protervo’ significa brutal.

– Como assim, professor?

– Na sociedade terrena, muitas vezes o que vale para os homens é o poder, é a força, é o dinheiro, é a beleza exterior e outros atributos meramente materiais. Isto causa uma falsa sensação de que a luta do dia-a-dia deve apontar para este caminho e os que possuem esta tendência sentem-se tentados a continuar seguindo. Entre outros motivos, por isso é que dizemos tanto que um dia o indivíduo alcançará uma boa evolução quando conseguir caminhar no escuro e no claro sem sentir diferença alguma, enfrentar um problema como se fosse uma coisa boa ou receber uma ofensa como se um elogio fosse.

– Nossa, isso é difícil, professor! – disse Marina.

– É difícil sim. Mas temos que entender essa questão para tentar diminuir os nossos erros quando formos reencarnar. Pois, com o véu da ignorância que usamos enquanto encarnados, a experiência terrena seria uma ótima oportunidade para seguirmos o nosso coração, mas, muitas vezes, preferimos o palco do orgulho aos bastidores da humildade. Preferimos errar e receber as palmas pelos nossos atos a agir corretamente e não receber nada ou até receber críticas.

– Mas como fazer isto esquecendo tudo o que aprendemos? – perguntou Hélio.

– Esta é a questão, meu rapaz. Se temos isto em nosso coração, a voz da consciência apontará se tal coisa está certa ou errada. Cabe a nós seguirmos a consciência de forma humilde ou cedermos à tentação do orgulho. Este é o chamado pragmatismo puro.

– Então, vamos ver se entendi – refletiu Hélio. – Se seguirmos o nosso coração e a nossa consciência sempre, até poderemos contrariar a sociedade e deixar de receber palmas ilusórias, mas agiremos corretamente conforme a lei de Deus. É isto?

– Exatamente isto, meu rapaz – disse Stan.

– Mas ainda não entendi qual a motivação para isto.

– Antigamente, a motivação era simplesmente *ir para o céu*. Mas como sabemos que isso não existe exatamente como pensávamos, que não é o lugar que faz a felicidade do indivíduo, hoje

o que temos que cultivar é a fé, é a confiança em Deus. É a confiança de que, um dia, a sociedade, tanto no plano físico quanto no espiritual, seja transparente o suficiente para valorizar as coisas certas e dar mérito à humildade e à caridade. No plano espiritual, isto já é feito de forma mais natural, mas, no plano físico, isto ainda não é uma verdade. Como o encarnado, por causa do esquecimento, não sabe exatamente o que encontrará no plano espiritual, não tem, muitas vezes, esta confiança tão arraigada. Agir com humildade e desprendimento enquanto encarnado é a maior prova de fé e confiança em Deus e da predominância dos valores espirituais sobre os valores materiais. É a maior oportunidade para seguir o coração.

– Então, enfrentamos estas situações somente no plano físico?
– perguntou Gabriela.

– Claro que não – disse o professor. – Experimentamos em todos os momentos. No plano físico, é mais gritante, pois a sociedade é menos transparente que no plano espiritual. Mas, aqui, temos as mesmas oportunidades de reafirmar os nossos valores. Embora a amplitude de visão seja maior, não são todos os que enxergam o que vem à frente com clareza. É preciso que a fé seja alicerçada o suficiente no coração para que suportemos os ventos fortes e vencamos os nossos vícios e defeitos. Se fizermos isto com firmeza, não importa em qual sociedade estejamos inseridos, pois conseguiremos falar sim ou não com a mesma segurança.

– E como conseguir esta fé? – perguntou Joca.

– Vivendo, nobre coruja! – disse Stan. – Vivendo, errando, acertando, sofrendo, caminhando.

*Porque um caminho sem pedras nem flores
É o mesmo que seres sem lágrimas nem sorrisos
Ou que um corpo sem prazeres nem dores
Ou uma mente sem pecado nem juízo
Ou uma pessoa sem vícios nem pudores
Ou um texto nem extenso nem conciso*

*Ou um filme sem belezas nem horrores
Ou um coração sem temores nem alívios*

– *A fé é a luz que conquistamos quando os sentidos do coração compensam a cegueira moral.* É quando investimos numa fresta de luz como se fosse um holofote ou quando confiamos na germinação da semente como se já fosse uma grande árvore. É quando olhamos para dentro de nós mesmos e confiamos que aquela pequena essência natural crescerá com a esperança de quem se tornará imensa. É andar em terrenos alagadiços como se fosse uma ponte, entendendo que é preciso molhar os pés agora para pisar em terrenos firmes no futuro. É como se recusar a fazer o que é errado sem nem saber direito o que ainda é o certo. É crer no caminho divino mesmo sem vislumbrá-lo. É sublimar o amor sem que ele seja correspondido. É retribuir pedras com flores.

*Pois não há convenção que substitua
O que do coração verdadeiramente emana
Busque dentro de si a resposta sua
E procure enfrentar o que você mesmo o engana
Se a vida parece trazer mensagens nuas
Leia-as com o amor de quem declama
Porque só o que vem do coração perpetua
E é certo que só vence quem ama.*

– Nossa, professor – disse Marina. – O senhor é um poeta!

– Marina, ser poeta é apenas a capacidade de transformar em palavras o que outras pessoas sentem ou veem. Mas, muitas vezes, ser poeta não é só enamorar-se de seu jardim, mas também é ser amor sem possuí-lo. Ou seja, muitas vezes, não possuo o amor de que tanto falo. Um amigo meu mais elevado disse uma vez: *“muitas vezes, eu não sou eu, é Deus através de mim. Se Deus é através de mim, é porque renunciei-me para que assim fosse. Se não, seria confinado a*

um medíocre e finito eu, em vez de contemplar o sublime e infinito universo divino”.

– Mas o senhor está mais inspirado hoje. Mais do que o normal.

– É, tem dia que estou mais inspirado mesmo. É Deus através de mim, hoje.

Todos sorriram e a aula acabou naturalmente, sem que o professor precisasse encerrá-la formalmente. Como de costume, todos saíram andando, refletindo, como se uma pequena luz tivesse se acendido em suas almas. Joca saiu conversando com Uruá, mostrando a região do lago para o gavião, que parecia muito satisfeito pela acolhida e dizendo que não havia se arrependido de ter aceitado o convite de sair daquele lugar horrível em que se encontrava antes.

A turma da Mata da Encosta acordara tarde naquele dia. Mas os primeiros piados infantis apontaram que era hora de acordar e foram despertando um a um. Uma vontade natural de estarem juntos fez com que se reunissem novamente em frente à toca de Pygia para que os quatro viajantes contassem com detalhes o que passaram em suas aventuras. Depois de duas horas de casos empolgantes, foram surpreendidos com nova e estranha nuvem que os assustou, porque passou acima deles e continuou a voar por cima de outras árvores. Todos olharam para cima e a nuvem sobrevoou o local sem se mostrar. Quando os cinco filhotes do grupo já demonstravam medo, a nuvem pousou, para a alegria dos que viajaram e para o alívio dos demais. Era Tangara, Pituã, Garriça e Caraxué, os quatro pequenos líderes, respectivamente, das saíras, bem-te-vis, corruíras e sabiás.

– Olá, amigos! – disse Pituã. – Viemos visitá-los e agradecer, em nome do Parque das Aves, a liberdade que nos proporcionaram. Disseram-nos que aqui sempre houve felicidade e esta felicidade irradiou para todo o parque. Sentimo-nos honrados em estar aqui, onde nasceu a liberdade.

– Sejam bem-vindos, amigos! – disse Tico. – Aqui serão sempre parte da nossa família. Daqui, partiram ou chegaram apenas

aves ingênuas e curiosas. Vocês é que defenderam com garra os seus territórios e acreditaram que era possível cultivar a liberdade. Quem merece a honra são vocês.

– A honra é nossa, então! – disse o sabiá. – Quem são os seus amigos, apresente-nos.

– Estes são o pica-pau Chanchã, a pica-pau Tauá e os seus filhotes. Estes são as avoantes Zenaida e o seu filhote Parari. Esta é a perdiz Pygia. E estes são Chap, Furriel e Aiuru, que vocês já conhecem. Esta é a nossa família.

– Lembra-se de que eu queria ser amiga de vocês? – disse Garriça. – Eu estava em missão e, naquela época, eu menti. Mas agora falo a verdade, de coração. Se me aceitarem como amiga, será um prazer. Prometo que chamarei Tico de filho de coruja com o maior carinho.

– Já aceitamos – disse Chanchã, que não havia gostado da corruíra na primeira oportunidade. – Tico nos contou que a sua participação na guerra foi fundamental e que você não era como se apresentou de verdade. Queremos ser seus amigos agora.

– Eu também gostaria de ser amiga de vocês e abro o território das saíras para que todos nos visitem também – disse Tangara. – Se todos aqui forem como os quatro que estiveram conosco, está ótimo.

– É muito bom que as pequenas aves sejam amigas – disse o canário. – Estivemos separadas por longos anos e não tivemos oportunidade de nos conhecermos ou de convivemos como gostaríamos. O Parque das Aves era dominado pelas grandes aves e agora ninguém é senhor de mais ninguém, a não ser para defender a liberdade de acesso das pequenas e das grandes aves a qualquer lugar do parque. Que todos possam exercer as suas atividades com prazer e liberdade.

– Se depender de nós, você tratará das aves de nossas florestas, Furriel – disse Pituã. – E cuidará de nossos filhotes quando quebrarem as asas nos primeiros voos. Terá acesso livre em qualquer ponto da floresta, como qualquer um de vocês.

– Então, deixemos de conversa e façamos uma festa – grasnou Chanchã. – São nossos convidados hoje e deixem a comida por minha conta.

A noite foi de festa. As aves visitantes dormiram na Mata da Encosta aquela noite e só retornaram no dia seguinte por força de suas lideranças nas colônias que lideravam. Foi a maior festa que já aconteceu na Mata da Encosta e realmente aqueles dias mereciam uma grande comemoração. A partida de Tangara, Pituã, Garriça e Caraxué coincidiu com a convocação de Karkia para que Furriel fosse à Floresta dos Tucanos, apesar de sua licença. As doenças não podem esperar e o canário e a garça acompanharam a comitiva visitante, junto com Tico e Aiuru, que se candidataram a enfermeiros.

As coisas começavam a voltar ao normal no Parque das Aves. Uiraçu reinou durante anos e a equipe médica da garça, do canário, do pardal e da ararajuba visitava constantemente todas as regiões vizinhas. Além da utilidade do trabalho, era uma oportunidade para Tico rever todos os amigos que fizera em todo o tempo em que se dedicou à sua primeira missão e de Aiuru rever os seus parentes.

Muito tempo passou, Uiraçu já havia falecido e Caburé tomado o seu lugar. Tyto e Alba tornaram-se seus filhotes e ajudaram o pai a cuidar do parque e de sua liberdade. Tico, com o tempo, tornara-se um pardal idoso, junto com a maioria dos habitantes da Mata da Encosta, cuja população já havia aumentado um pouco, com a formação das famílias dos filhotes que se tornaram adultos, inclusive os filhotes de Pygia e Chapmani.

A felicidade imperou na Mata da Encosta por longos anos, até que o destino cobraria mais uma passagem do plano físico para o plano espiritual. Era a vez do pardal integrar-se a outro ambiente, como parte de um ciclo que caracteriza um voo interminável. Os amigos reuniram-se em torno de Tico, que olhou para um por um e começou a falar.

– Amigos, chegou a minha hora. Sei que vim aqui apenas para cumprir uma missão e esta se findou, durando até por mais tempo do

que imaginei. Vocês foram muito importantes em minha vida e hoje sei a importância de uma família, mesmo constituída por indivíduos de espécies diferentes. Vocês preencheram o meu coração com os raios do sol da vida. Tive o prazer de conhecer primeiro Furriel e Chanchã, meus irmãos e companheiros de vida. Depois, Pygia, Tauá e os filhotes, Zenaida e Parari. Finalmente, Chapmani e os seus filhotes, Aiuru e os membros das famílias dos que antes eram filhotes. Todos vocês farão parte da minha vida para toda a existência, onde quer que eu esteja. A vida é um ciclo cheio de etapas e, como estive com meu pai durante uma época e com vocês até agora, é hora de reencontrar meu pai e outros amigos que já partiram, como Karkia e Uiraçu. Espero vocês lá para que, um dia, formemos uma nova Mata da Encosta e será um prazer viver com todos novamente. Parto hoje com a compreensão do que dizia a minha velha coruja com a existência de um Pássaro Supremo que olhava por todas as aves e que ela chamava de Deus.

Não havia quem não chorasse na Mata da Encosta. A importância de Tico para a família e para todo o parque era muito grande. A simplicidade e a espontaneidade existiram desde o momento em que conheceram o pardal até o momento em que ele partia. A lucidez e a esperança que Tico transmitia comoveram a todos e também não havia quem não acreditasse que haveria um futuro próspero e edificante do outro lado. O pardal, em seus últimos instantes, olhou para o céu e orou, de forma espontânea. A linda prece, pouco tempo depois, foi chamada no Parque das Aves de *Oração dos pequenos passarinhos*.

*Deus, pura essência infinita
Eterno farol que nos guia
Irradiação constante de vida
Intensa força de todo dia*

*Faze-nos enxergar o amor
Como primaridade única da
vida
E que a chama do divino calor
Não fique nunca, jamais,
escondida*

*Mostra-nos a perfeita lei
natural
Que incita a enxergar tanta
beleza
Pois se buscamos luz assim tão
especial
Havemos de encontrá-la em
nossa própria natureza*

*Pede aos nossos amigos
serafins
Que nos indiquem, serenos, o
caminho
Que encontremos nele seres tão
afins
Que buscam também ser um
grande passarinho*

*Cede-nos a força sublime da
vida
Que impulsiona cada momento
de ação
Sejamos dóceis no trato com a
lida
E que ajamos somente
conforme o coração*

*Faze-nos portadores de imensa
alegria
Para irradiar para os nossos
semelhantes
Que a mente não fique jamais
tão vazia
Que impeça o brilho do farol
diamante*

*Ensina-nos a ser puros como a
água da fonte
Para dar de beber a muitos
passarinhos
Lutemos na vida para nos
elevarmos ao monte
Que mostra como unir
sabedoria e carinho*

*Abre as singelas janelas de luz
Que nos faz enxergar bem mais
além
Como flores de carinho com
alçaçuz
Torna-nos condutores ativos do
bem*

E o pardal partiu, pela segunda vez.

CAPÍTULO 45

A AVE SUPREMA

Tico recuperou-se no plano espiritual tão rapidamente quanto seu pai, que, atento, o observava sempre que possível na Clínica das Flores até que abrisse os olhos. No dia em que o pardal recobrou a consciência ainda um pouco perturbada, lá estavam Joca, Sinval, Jussara, Stan, Karkia e Uiraçu, estes dois últimos especialmente convidados para receber o pardal no momento em que pôde entender as primeiras palavras do plano.

– Olá, Tico!

– Olá, papai! Que bom vê-lo! – disse o pardal com dificuldade, antes de uma pausa para suspirar – Estou com o corpo dormente e a mente confusa.

– Isto é absolutamente normal, meu pardalzinho – disse Joca. – Estive neste mesmo quarto durante semanas e hoje estou bem. Pode ficar tranquilo.

– Oi, Stan! – disse Tico, virando o pescoço para o lado esquerdo. – Lembrei-me de você no Lago das Flores.

– Meu nobre pardal, bom dia! Quanta satisfação! Alegramonos em recebê-lo! O lago está bem aqui fora, quando puder olhar pela janela. Em breve, teremos novos encontros lá.

Tico virou o pescoço para a janela iluminada, mas nada pôde ver a não ser o céu ensolarado com algumas poucas nuvens. Sem querer, havia batizado, como sempre fazia, o lago de margaridas e flores-de-lis que ficava do lado de fora da clínica. No retorno do olhar,

viu duas aves amigas e um largo sorriso saiu de seu bico.

– Seja bem-vindo, pequenino – disse Uiraçu. – É com enorme alegria que recebemos uma ave tão distinta. Seus feitos são conhecidos tanto no plano físico quanto no plano espiritual.

– Meus?

– Sim – disse Karkia –, você encheu de esperanças muitas aves. É um prazer poder ter a honra de recebê-la. Vamos falar pouco e deixá-la descansar.

Tico não compreendia tamanha recepção. Não tinha ideia plena do que ocorrera no plano físico e o que tudo significava para as aves. Os presentes deixaram Tico com Sinval e Jussara e saíram da clínica. Com pouco tempo, Tico já reagia bem ao tratamento e ao ambiente ainda pouco familiar, mas sentia-se ansioso por conhecer mais “coisas profundas da vida”. Joca o confortava, sempre que possível.

– Meu filho – disse a coruja, com afetividade –, você pode estar estranhando algumas coisas aqui e o nosso contato mais estreito com os humanos, mas é assim que levamos a vida no plano, pois todos os seres são filhos de Deus e chegarão um dia perto dEle.

– Entendo, pai. Mas até quando ficarei por aqui? Ainda estou cansado, mas quero voar.

– Até você se recuperar! – disse Sinval, que estava ali por perto. – Não tenha pressa. Seu pai ficou aqui também e hoje está ótimo. É preciso que você se trate para se adaptar melhor.

– Está bem. Quem viveu tantas aventuras como vivi, pode esperar. Quero descansar.

– Então descanse, pequenino – disse Jussara. – Suas asinhas se mexerão em breve.

Por dias, Joca ficou cuidando da convalescença do pardal junto com Sinval e Jussara e o munindo de informações úteis acerca do novo plano, até que pudesse ter condições de sair do quarto. Em um desses dias, Tico lembrou-se de alguns fatos de sua vida na Terra.

– E Aepyornis, onde está? – perguntou o pardal.

– Pardalzinho, nem eu que estou aqui há mais tempo

conversei com ele ainda, meu filho. Conheço-o tanto quanto você.

– Chegará o dia em que poderão conhecê-los, cada qual em seu tempo – afirmou Stanislaw, que chegara poucos segundos antes.

“*Cada qual em seu tempo*”. A coruja já havia ouvido muitas vezes uma expressão parecida. O pardal, por sua vez, absorveu a informação de forma mais intensa e rápida, entendendo que criar resistências ao inevitável só traz atritos e dificuldades. O que fez foi esperar, sempre que possível com bons pensamentos. Com algum tempo, depois de passear pela Clínica das Flores, observar o lago que batizara e assistir algumas aulas com o velho professor, Tico foi autorizado a se mudar para Vista Alegre e habitar no quintal com aves frondosas e frutíferas da casa de Stan e família.

A recepção foi belíssima. Todos os amigos de Joca foram para o quintal e cada um ofereceu um presente de boas-vindas: uns recitaram poemas e entoaram canções, outros ofereceram flores. Tico ficou maravilhado com as árvores da casa. Eram bem parecidas com as árvores onde conhecera os pardais, mas agora com a presença de amigos. Quando descobriu que nem sempre nasceria pardal, não mais se incomodou com o fato de não ter se dado bem com os seus semelhantes. Agora, havia encontrado a sua família.

Certo dia, todos se vestiram de forma mais sofisticada do que o normal. Zelinha, Flor-de-Lis, Margot, Pai João, Vovó Sinhana, Sinval, Jussara, Hélio e Stan acompanharam Tico e Joca até a ala especial do prédio principal. Era uma sala de tamanho médio, em que ficava apenas uma mesa. Lá estavam Maria, Sebastião Cernambi e algumas poucas pessoas. Ao chegarem lá, apontaram ao pardal e à coruja um canto da sala e para lá ficaram olhando, curiosos.

De repente, uma maravilhosa luz surgiu da parede e a imagem de Aepyornis, desta vez com grandes asas que pareciam de anjo, foi dando lugar a uma figura humana tão bela e fulgurosa quanto a grande ave. Tico e Joca ficaram observando estupefatos a luminosa criatura, que parecia estar envolvida em um material estranho que lembrava o plástico. Andava tão serenamente que parecia estar planando ou

volitando. Alguém o apontou e referiu-se a ele como o protetor das colônias daquela região. Com a mesma voz forte de quando se manifestava sob a forma de uma grande ave, Aepyornis simplesmente disse às duas aves:

– Podem me chamar simplesmente de Francisco.

As aves o olharam e a luz forte quase os cegou. A criatura se afastou para um canto, diminuiu um pouco a intensidade da luz e voltou a caminhar para o centro da sala. Mais alguns minutos de suspense e conversas paralelas e ele, finalmente, falou.

– Tico, um espírito emanacionado! Que bom que cumpriste tuas duas missões.

– Duas? Mas, pelo que me lembro, cumpri só uma.

– Narra-me a tua vida, pequenino, com tuas palavras.

– Bem – disse Tico, de forma inspirada –, percorri muitos trilhos, passei por muitas estações, conheci centenas de aves em busca de algo que ainda não sabia o que era. Tropeços foram comuns, o sofrimento físico, e às vezes moral, era quase inerente ao dia, desilusões se faziam constantes. Mas trilhava, cambaleante, aguardando melhores notícias na próxima estação. Foi que, um dia, voltei para casa, meu trem da vida desencarrilhou-se e fui tombado daquela estrada. Tentei andar com a luz ante os olhos, mas parti com a sensação de que cumpri apenas uma de minhas missões.

– Filho – disse Francisco –, a cada trilho que andaste, a cada estação que paraste, a cada ave que visitaste, mesmo que em épocas sombrias de sofrimento e falta de liberdade, levavas teu desejo de compreensão, tua intenção de acertar, tua busca de boas novas: não há luz maior que aquela que divisa o horizonte infinito. Mas o teu voo é interminável. Aproveitarei para vos dizer a décima sexta e última lição (*A sabedoria*).

Sábio é o ser que descobre Deus dentro de si, que age através dEle, que se deixa irradiar por meio de Sua vontade. É o ser que entende a vida como a pura

manifestação da essência divina, que caminha pela via natural, primarizando sempre o amor e a simplicidade.

– Nobre coruja! – continuou a criatura, olhando para a coruja.
– Hoje é o dia de esclarecermos muitas das tuas dúvidas e anseios. Sei que estavas acostumada com a forma de ave, mas era uma aparência transformada para não chamar tanto a tua atenção. Sempre estive contigo e com o teu filho, acompanhando de perto a vossa jornada. Em nada, me desapontaram e nem ao Mestre Jesus.

Stan percebeu certa confusão na mente de Joca e interveio.

– Sim, nobre coruja! – disse Stan, em tom de explicação. – Lembra aquela história que lhe contei sobre Jesus, governador deste planeta, que veio para dar a Palavra aos homens? Pois é, todos estamos a serviço dEle na Terra. Ele é Senhor tanto das aves quanto dos homens. Não é Deus, pois Deus é o Pai de todos nós, mas é o maior dos enviados dEle para ajudar a Terra, assim como Francisco, que muito tem nos ajudado.

A coruja olhava tudo aquilo com espanto. Nada correspondia ao que havia pensado até então sobre isto. Tudo era uma grande surpresa. Para Tico, não era tão surpreendente, pois o pardal nunca tinha aprofundado nesta questão como o pai o fizera.

– Nobre coruja! – disse Francisco, apontando para Maria. – E esta, que está ao seu lado agora, é a mãe de nosso Senhor.

A coruja nada entendeu. Então, desta vez, quem elucidou a dúvida foi Sebastião Cernambi.

– Joca, quando Jesus esteve na Terra, quem foi sua mãe foi Maria de Nazaré, a nossa doce Maria, que você tanto aprendeu a admirar. Sua humildade a faz estar como um de vocês, embora já não o seja.

Tico ouvia tudo muito intrigado. Saber que presenciavam importantes figuras da vida do planeta e que agora os reverenciavam era, no mínimo, estranho e estimulante, pra não dizer uma honra e um privilégio. Em seu íntimo, não fazia ideia da importância dos seus feitos,

embora considerasse ter colocado alguns tijolinhos na liberdade do Parque das Aves. Mas surpreendeu-se com o poder e a força do coração.

A coruja ficou olhando para Stan e imaginando como ele se sentia, em seu forte conflito entre o social e o espiritual, tão difícil de administrar e, por isto, a sua última aula deve ter sido tão especial. “Ser espiritual na Terra não é fácil” – pensou, entendendo as diferenças que existem entre ser um indivíduo social e, ao mesmo tempo, um espírito, com suas responsabilidades morais em direção à evolução infinita. “Quais são os limites desta relação?” – perguntou-se. No fundo, estava referindo-se a si mesma, em sua luta interna contra a timidez e a típica solidão de sua espécie, recordando-se da jovem coruja que não podia desbravar o universo que se lhe descortinava, mas que, ao mesmo tempo, não lhe permitia acesso.

Stan, como sempre, percebeu os pensamentos de Joca e tentou esclarecer.

– Nobre coruja! Como sempre, divagando e saindo do ar por alguns instantes, não é mesmo? Digo-lhe que os limites que busca entender são os mesmos que busco há décadas e esta é nossa missão até atingirmos grandes alturas. Ser social sem se deixar envolver com o apego que induz ao orgulho e ao egoísmo é o maior desafio. Quem é, de fato, desapegado da vaidade e da ganância, realiza esta passagem naturalmente. Mas isto não é para todos aqui neste planeta. Resta-nos tentar, para lá um dia chegar.

Joca pensou imediatamente em *Haliaetus*, que deixou se levar pelo poder extremo e subjugou várias aves em busca do seu intento.

– Exatamente, meu amigo – continuou Stanislaw. – Este, infelizmente, é um exemplo que não gostaria de dar. Mas Deus é misericordioso e permitiu, que de forma breve, a águia rebelde encontrasse um lar na Mata da Encosta para cultivar os valores morais com uma família dedicada.

Agora, foi a vez de Tico viajar ao Parque das Aves com o pensamento.

– Isto mesmo, nobre pardal! – disse *Aepyornis* (ou Francisco).

– É exatamente onde pensas. *Haliaetus* reencarnou na toca dos teus amigos pica-paus, como o primogênito dos filhotes. Aquele mesmo, o maiorzinho deles, que tentou sair do ninho algumas vezes antes da hora e foi contido pelas ríspidas broncas dos pais. É ali que encontrou a disciplina, no seio da mata cujas aves são mais unidas. Cresceu um rapaz ainda um pouco rebelde e tem sofrido alguns percalços em sua vida, mas está conseguindo entender, agora, a importância dos valores morais que seus pais estão lhe dando. *Não há lugar ou coração em que a luz, o amor, a fé e a esperança não possam entrar um dia.* No fim, será um bom espírito, como todos.

Ouvindo atentamente, Tico entendeu que era sobre Luco, o primogênito de Chanchã e Tauá, que *Aepyornis* falava. Joca, por sua vez, ficou maravilhado com o alcance da misericórdia divina e com a perfeição da multiplicidade de laços que existem em os seres.

– Mas não fique pensando que ficará fora desta rede evolutiva, nobre coruja! – disse o velho professor. – Em breve, você também reencarnará no Parque das Aves, novamente como filho de Tyto e Alba, e terá a oportunidade de conhecer a região, como não teve da outra vez. O Parque das Aves é, na verdade, um parque nacional criado pelo homem e a Baía dos Pelicanos é uma reserva marinha ligada ao parque. Você os conhecerá muito bem e poderá praticar a relação entre o espiritual e o social, assim como deseja. E Tico o acompanhará espiritualmente sempre que possível, como sua ave protetora.

A coruja chorava como nunca havia chorado antes. A emoção foi grande demais e muitas das suas perguntas foram respondidas ali. “*Tudo ao seu tempo!*” Mas, naturalmente, persistia a dúvida se conseguiria adaptar-se à nova vida terrena, pois, como Stan, era mais retraído. Mas os encargos proveitosos da vida se dão justamente nos nós das árvores, aqueles mesmos que tornam descontínua a sutil busca da planta pelo sol, mas que lhes dão novos estímulos para que seus galhos alcancem vários pontos do infinito. Que venham, então, tais desafios, dos quais não se pode nunca fugir, pois que chegam, mais cedo ou mais tarde.

Aepyornis se foi, leve e repentinamente, assim como veio.

Despediu-se com um aceno e uma linda música lírica tomou conta do ambiente, cantada não sabem dizer por quem. Para combinar com o emocionante choro de todos, Stan, enfim, contou aos presentes a história que finda este livro, intitulada *A gota e o mar*.

Era uma gota d'água. Não uma gota d'água apenas, mas uma gota especial, porque conhecia bastante da vida. Não tinha ainda se lançado ao mar, mas sabia tudo o que acontecia lá. Não tinha nem alcançado um grande rio, mas já tinha ideia perfeita do que ocorria em toda a bacia: os perigos, as aventuras, as emoções...

Resolveu, então, ficar junto à foz e, quando as gotas estivessem para se juntar ao mar, daria todas as dicas. Assim foi durante anos! A cada gotinha, uma lição, uma expectativa, uma mensagem...

Mas, com o tempo, como não poderia deixar de ser, a jovem gotinha sentiu um grande vazio dentro de si. O que lhe faltava? Sabia de tudo!... Por que se sentia tão pequena?

Daí a alguns dias, de tão pensativa, chegou à sua merecida resposta: simplesmente faltava lançar-se ao mar, juntar-se ao oceano, viver o seu destino. Assim, poderia dar um exemplo prático às outras gotinhas, dar-lhes coragem para seguir, por mais que se misturasse às inúmeras que lá já estão.

Pois a coragem requer mais sentimento que conhecimento. O único modo de mostrar que a vida vale a pena é vivendo, amando, seguindo, enfrentando, sendo... e não somente... filosofando!

Lançou-se ao mar, como quem mergulha para a vida...

APÊNDICE A – Teoremas e fórmulas acerca do coeficiente de evolutividade

Este apêndice, anterior ao próprio livro, foi colocado aqui para saciar a sede dos amantes da matemática. Nada há que acrescentar à tipologia analítica apresentada no capítulo 26, mas esclarece melhor os que apreciam a lógica racional de forma mais desenvolvida.

A fórmula correspondente aos conceitos de tempo seria $e = t / i$. Em outras palavras, o coeficiente de evolutividade e é igual à razão entre o tempo natural t (invariável, uma constante) e a impressão de tempo i . Quanto menor a impressão de tempo em relação ao tempo natural, maior a evolução do indivíduo.

A fórmula que cabe aos conceitos de densidade seria $d = \mathbf{dm} / (1 + e^2)$. De outro modo, a densidade perispiritual d é igual à razão entre a densidade máxima \mathbf{dm} (uma constante) e a soma da unidade com o quadrado do coeficiente de evolutividade e .

Quando a coeficiente de evolutividade ou a evolução do indivíduo é zero, ou seja, o indivíduo foi “criado” e colocado à luz do processo evolutivo, a sua densidade é máxima. Portanto, se $e = 0$, $d = \mathbf{dm}$. Como e nunca é negativo, d não pode nunca ser menor que \mathbf{dm} , ou seja, a densidade perispiritual do indivíduo parte de uma densidade máxima para uma densidade cada vez menor. Ou seja, o denominador da fórmula tem que ser maior ou igual a 1.

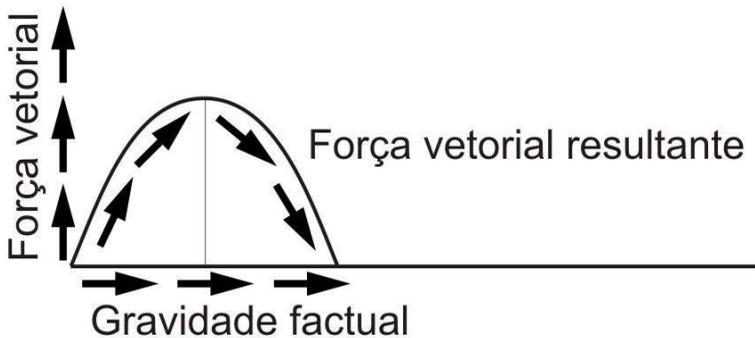
O expoente quadrático (elevado a 2) simboliza que, se o coeficiente de evolutividade e for menor que 1 (o que significa que a impressão de tempo é maior que o tempo convencional humano), a evolução é mais lenta (pois um número menor que 1 elevado ao quadrado é menor que ele próprio) e que, se e for maior que 1 (a impressão de tempo é menor que o tempo humano e menor que o tempo natural), a evolução é mais rápida.

Se o coeficiente de evolutividade e for 1, o denominador da fórmula será 2 e a densidade perispiritual será a metade da densidade máxima, o que simboliza a “metade” do caminho da evolução, que se dá entre o início da primeira fase (período entre a criação e a igualdade da impressão de tempo com o tempo convencional humano e densidade maior) e o início da segunda fase (período entre a igualdade citada e a busca da igualdade da impressão de tempo com o tempo natural). A outra “metade” caberia à etapa que começaria com o início da segunda da fase e o ponto em que o indivíduo se torna relativamente perfeito. Como a evolução é infinita, a densidade perispiritual somente tende a zero, nunca chegando a este número.

Como o coeficiente de evolutividade pode ser examinado por duas formas (tempo e densidade perispiritual), ao substituir uma fórmula na outra, ter-se-ia a fórmula $\mathbf{d} = \mathbf{dm} / \mathbf{i}^2 (\mathbf{1} + \mathbf{t}^2)$, o que simboliza que a densidade perispiritual \mathbf{d} é inversamente proporcional à impressão de tempo (lembrando que o tempo natural é uma constante e que não se altera).

APÊNDICE B – Principais forças causais que atuam sobre os indivíduos

Este apêndice mostra as principais forças causais que atuam sobre os indivíduos, pois existem ainda as forças contínuas, mas que não fazem parte do contexto estabelecido por este livro, por isto não estão aqui contempladas. A força factual, que ocorre no nível da linha factual, empurra sempre o indivíduo para frente, embora de forma serena. A força vetorial, mais imediatista, recorre ao orgulho e ao egoísmo, tendências anteriores, para tentar subir degraus antes da hora. Quando há a força vetorial, a força factual atua como uma gravidade factual, puxando para baixo. A resultante das duas forças dá o vetor resultante, denominado aqui como força vetorial resultante.



APÊNDICE C – Resumo das dezesseis lições de Aepyornis

1 DEUS → Deus é a vida por excelência. Cada ser tem uma chama de vida dentro de si. Esta chama cresce com o movimento da vida, com o bem-viver. Basta estar vivendo para a chama de vida irradiar naturalmente.

2 NATUREZA → O caminho espontâneo do ser é natural, tende para o Infinito. A Naturalidade Divina age sobre o ser, serena e constantemente. O que não é natural, não sobrevive ao Infinito, pois é efêmero e artificial, não é vida. O ser, para corresponder ao caminho Infinito, deve agir serena, natural e positivamente.

3 A ESSÊNCIA → A essência divina não se encontra no mundo, mas na vida. Onde está a vida, senão dentro de cada ser? Na sua essência e não na sua aparência? Bebe da fonte pura da essência divina o ser que enxerga esta essência dentro de si e no outro.

4 A PRIMARIDADE DO AMOR → Se o amor é primário, a Vida deve ser anterior à vida, como alicerce e guia. Comete erro o ser que busca a convivência da vida sem a Vida, pois aquela deve ser simples e pura manifestação desta. A vida sem a Vida é como tentar voar sem asas, tentar trilhar sem trilhos, tentar amar sem Amor, é como cultivar o nada.

O amor, no exercício da vida, exige carinho, dedicação, respeito, sinceridade, devoção... Mas, na hora certa, também exige firmeza, bom-senso, disciplina, mudança... Comete erro o ser que busca todos estes atributos antes do amor. Se busca o amor, o amor leva naturalmente a todos eles.

5 A FÉ COM AMOR → Não há fé verdadeira sem o sentimento. O que sublima do coração é amor que consolida e alicerça a fé. Maior

que a fé cega e temerosa, e ainda que a fé raciocinada, é a fé sublimada, emanacionada, irradiante, que não discute preceitos, mas apenas cultiva o que simples e naturalmente é.

6 O BEM E O MAL → O mal não existe senão dentro do ser. Se assim é, o mal não pode existir vindo, somente indo. Mas o que pode chegar a outro ser é somente o bem. O mal fica, ruminante e perturbador. Se se ouve o canto de suave de um pássaro ou o grito ameaçador de uma ave de rapina, é Deus se manifestando através dos seres para o bem de todos. Se o ser isto verdadeiramente compreende, tem aí a raiz profunda da verdadeira fé.

7 A TRANSFORMAÇÃO → Todo ser deve se transformar, serena e naturalmente. Irradiar vida, tornar-se fonte de essência pura, para que os outros seres possam dela beber. Para se transformar, é preciso coragem e confiança plena na vida, é necessária a fé com amor.

A atitude real é o movimento da vida, o que impulsiona a vida, o que a torna viva. Sem a atitude, a vida é apenas fantasia, é querer ser sem ser, é ausência de vida, é o metabolismo da morte. Com a atitude, o ser se transforma e, em se transformando, vive e, vivendo, irradia espontaneamente.

8 O DESTINO → Deus rege tudo, está presente em tudo. Se os seres são capazes de transformar o mundo, Deus é quem controla a vida, incessante e infinitamente. Se um pássaro canta em uma árvore e não em outra, há uma razão divina. Os seres são meros intérpretes da regência perfeita de Deus.

9 O TEMPO → A vida é viva porque ela é presente. A lembrança do passado vale, o vislumbre do futuro vale, mas quem vale mais é a vida, que se eterniza por ser vida. O tempo é natural para cada ser, cada qual em seu ritmo, sereno e constante. O tempo natural independe de interesses e ambições, pois, sendo de caráter divino, é irradiante.

10 A CONSCIÊNCIA E A ÉTICA → Se Deus está em tudo e manifesta-se através de tudo, a Consciência Natural é a própria Voz de Deus emanada de dentro do ser. Comete erro o ser que busca o futuro como o juízo. A Consciência Natural aponta, em qualquer momento, o que precisa ser transformado e o caminho a ser seguido. A recompensa é a própria consciência tranquila, no agora e não no futuro. A consciência é o próprio juízo.

Não há real felicidade sem ética, nem tampouco real ética sem a felicidade. Tentar ser feliz sem ética é querer ser melhor que os outros seres e tentar ter ética sem ser feliz é imposição de consciência. A ética é natural com a felicidade, ao passo que a felicidade é legítima com a ética.

11 A INDIVIDUALIDADE → O ser só o é de fato quando se individualiza e coloca a individualidade acima da personalidade. Quando cria, por si e não pelo outro, princípios puros e os pratica. Se apenas persegue a referência de outrem, não é senão quem imita enquanto lhe é conveniente. A partir do momento em que constrói a sua individualidade com amor, é um ser que pode irradiar vida, pois vive.

12 A TRANSPARÊNCIA → A Vida está no que é e não no que parece ser. A artificialidade da intransparência, construída pelo interesse e pela vaidade, não irradia vida, pois não é vida. O reconhecimento e assunção do que se é, do que é verdadeiro e real, conduz ao encontro do ser consigo mesmo, o que constitui a naturalidade da transparência, é vida.

13 O PRAGMATISMO PURO → O ser ganha em pureza quando perde em dissimulação, quando age sem qualquer interesse ou desejo oculto. A espontaneidade é pragmática e, por isso mesmo, é simples e pura. A relação do ser com a vida alcança a pureza quando aprende a reconhecer a singeleza dos pequenos atos do pragmatismo natural.

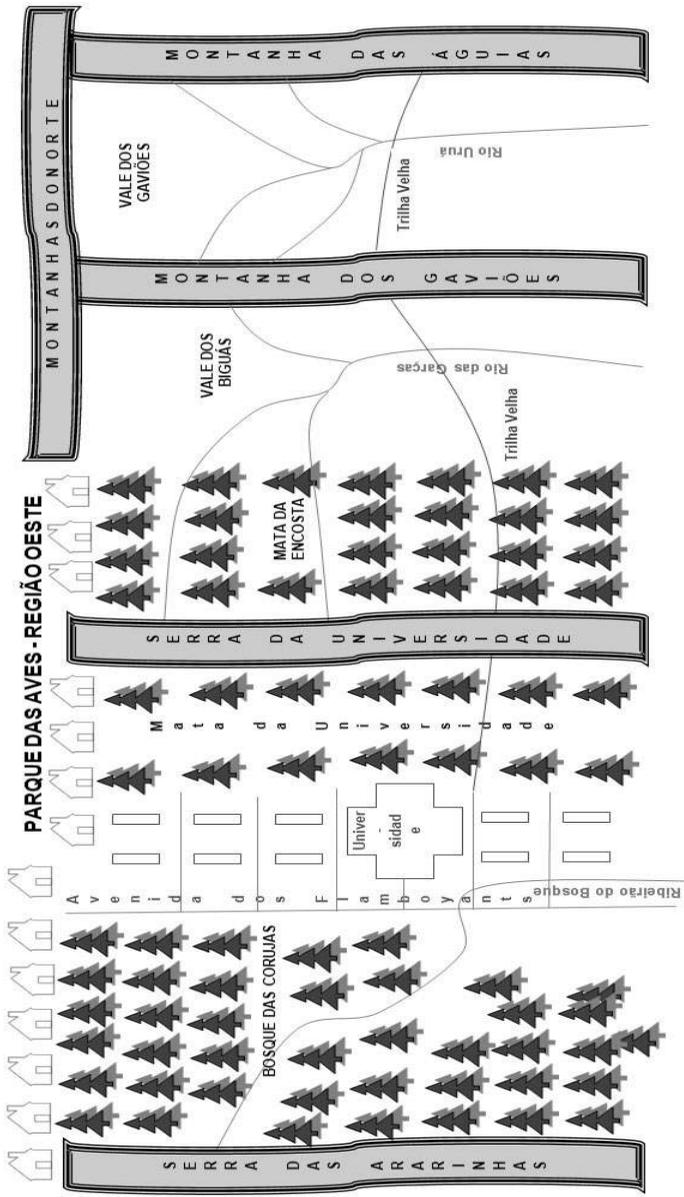
14 O PRAZER NATURAL → O ser deve buscar o prazer natural de viver, em que a única razão verdadeira de viver é estar vivendo. Comete erro o ser que se alicerça em formas alternativas e artificiais de prazer. Se busca o prazer natural, tudo lhe parece prazeroso, sente a plenitude da vida.

15 A IRRADIAÇÃO ESPONTÂNEA → A Essência que cada ser carrega dentro de si é como um “tesouro do coração”, que reluz como um “farol diamante” e irradia espontaneamente como a luz. O amor é condição única, primária e essencial para a irradiação espontânea através da vida.

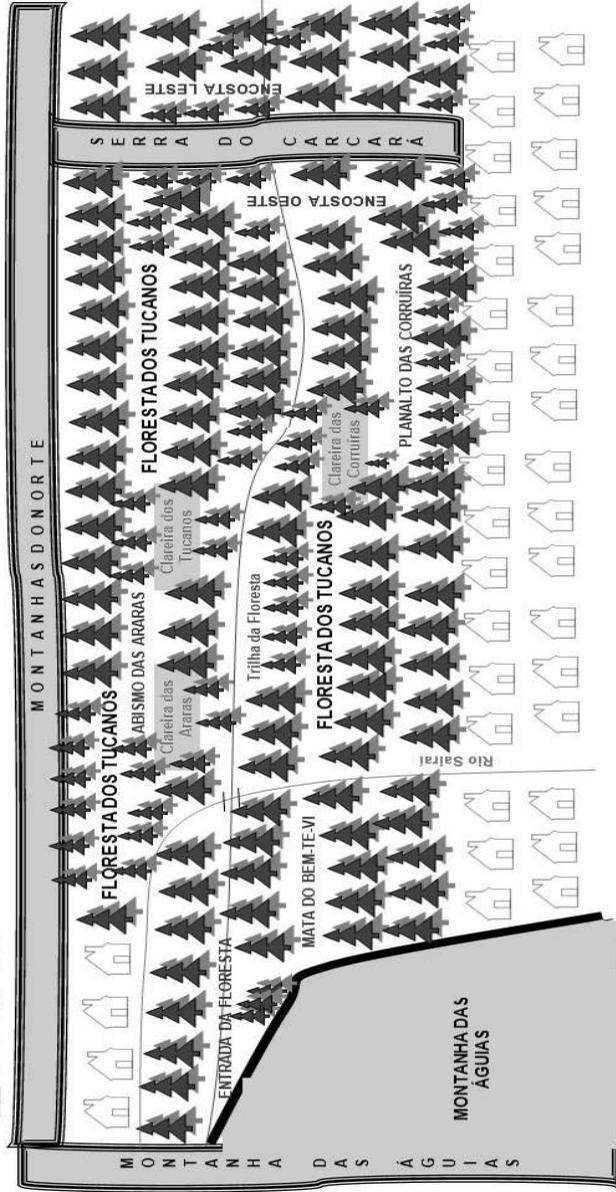
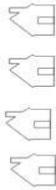
Quando o ser procura transformar-se, ajuda a transformar o mundo, beneficiando todos os seres. Quando busca ser melhor a cada dia, torna melhor o mundo à sua volta, é um pequeno exemplo espontâneo de vida, é um pequeno farol diamante irradiando espontaneamente.

16 A SABEDORIA → Sábio é o ser que descobre Deus dentro de si, que age através dEle, que se deixa irradiar por meio de Sua vontade. É o ser que entende a vida como a pura manifestação da essência divina, que caminha pela via natural, primarizando sempre o amor e a simplicidade.

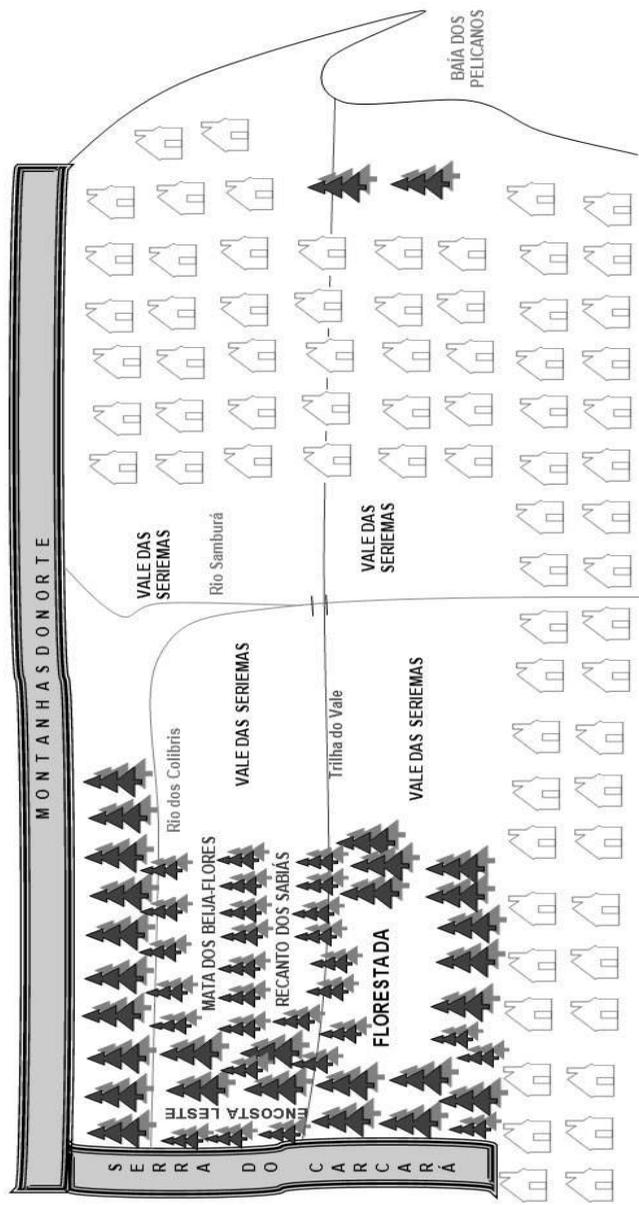
MAPAS



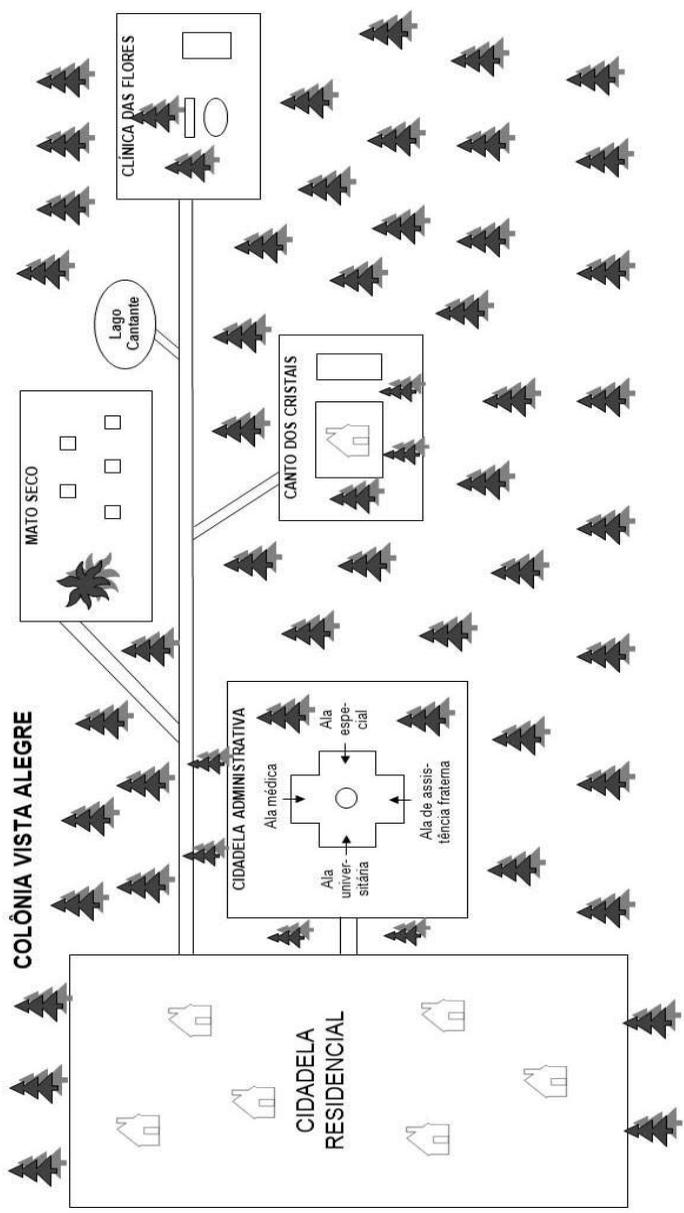
PARQUE DAS AVES - REGIÃO CENTRAL



PARQUE DAS AVES - REGIÃO LESTE



COLÔNIA VISTA ALEGRE





O voo interminável: em busca da evolução infinita levará você a um maravilhoso mundo fantasias e autorreflexão. Com um toque especial de fauna brasileira, esta fábula encanta pela mistura de simplicidade e singeleza com profundidade e amor. A aventura dos personagens parece não acabar nunca e, por isso, o voo é realmente interminável. Se todos nós buscamos a evolução infinita, voe em direção a ela nas asas desta história, junto com os amigos inesquecíveis que encontrará nestas páginas.